

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MICHEL AUGUSTO BARBOSA DA SILVA FERREIRA GOMES

**O DRAMA DA PREGAÇÃO: DO CULTO TERAPÊUTICO À ADORAÇÃO
BASEADA NA EXPOSIÇÃO BÍBLICA TEODRAMÁTICA**

São Leopoldo

2020

MICHEL AUGUSTO BARBOSA DA SILVA FERREIRA GOMES

O DRAMA DA PREGAÇÃO: DO CULTO TERAPÊUTICO À ADORAÇÃO
BASEADA NA EXPOSIÇÃO BÍBLICA TEODRAMÁTICA

Tese de Doutorado
Para obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de concentração: Teologia Prática

Orientador: Júlio César Adam

São Leopoldo

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G633d Gomes, Michel Augusto Barbosa da Silva Ferreira
O drama da pregação: do culto terapêutico à
adoração baseada na exposição bíblica teodramática /
Michel Augusto Barbosa da Silva Ferreira Gomes ;
orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo :
EST/PPG, 2020.
341 p. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,
2020.

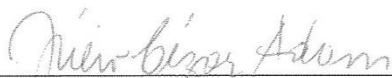
1. Pregação – Ensino bíblico. 2. Pregação –
História. 3. Culto público – Igreja batista. 4. Bíblia – Uso
homilético. I. Adam, Júlio César, orientador. II. Título.

MICHEL AUGUSTO BARBOSA DA SILVA FERREIRA GOMES

**O DRAMA DA PREGAÇÃO: DO CULTO TERAPÊUTICO À ADORAÇÃO
BASEADA NA EXPOSIÇÃO BÍBLICA TEODRAMÁTICA**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 12 de março de 2020



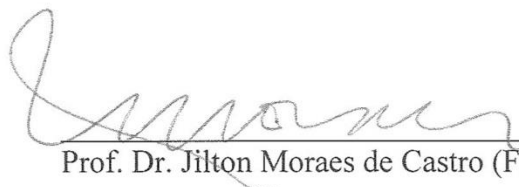
Prof. Dr. Julio César Adam (Presidente)



Prof. Dr. Marcelo Ramos Saldanha (EST)



Prof. Dr. Flávio Schmitt (EST)



Prof. Dr. Jilton Moraes de Castro (FTRB)



Prof. Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa (MACKENZIE)

Esta pesquisa é dedicada ao meu Senhor, à minha família, esposa e filhos. Aos amigos, em especial ao Dr. Jilton Moraes, o qual me incentivou para o ingresso da pesquisa em Homilética.

Ao meu Senhor Jesus Cristo, por sua
graça salvífica e real mantenedora;

À minha esposa, pelo apoio e
compreensão em detrimento da jornada
acadêmica;

Aos meus filhos, pelo imenso carinho
dispensado em dias de distância
geográfica;

À Igreja Batista Reformada de Brasília e
Faculdade Teológica Reformada de
Brasília, pelo apoio e compreensão nos
dias em que me ausentei.

RESUMO

A partir da constatação de que a adoração pública em muitas igrejas batistas no Brasil contemporâneo se transformou no “culto do eu”, tal inquietação nos conduziu ao desenvolvimento da defesa da presente tese em torno da possibilidade e necessidade da pregação expositiva teodramática como norteadora do culto público no ambiente batista brasileiro para a manutenção da identidade cristã. Usaremos a linguagem “culto terapêutico”, adotada por Philip Rieff. Como resposta ao drama da adoração nesse contexto, trataremos da análise da mediação do Filho de Deus, que cumpriu e aperfeiçoou o triplo ofício de profeta, sacerdote e rei, e argumentamos que a exposição bíblica teodramática é a melhor maneira de conectar os ouvintes ao drama da redenção na adoração pública, de modo que, embora se vejam como participantes, possam ser constantemente lembrados dos termos da aliança do protagonismo trinitariano. A exposição bíblica teodramática, como parte da adoração pública, é o meio eficaz de levar o ouvinte à identidade na centralidade de Cristo, para que Deus seja glorificado no culto e na vida. A exposição bíblica teodramática faz jus aos aspectos formadores da identidade cristã na dinâmica litúrgica batista no Brasil, fazendo com que a adoração pública seja firmada na metanarrativa (reabilitando a essencialidade prática da doutrina) e não nas narrativas dos ouvintes. Nessa dinâmica, a exposição bíblica teodramática (e seus princípios adjacentes), pode ser defendida mais do que um método homilético dentro do processo litúrgico, mas como o meio possível e necessário para que as Igrejas Batistas no Brasil (muitas delas) vençam a tensão que há na adoração pública atual: identidade coletiva (metanarrativa redentiva – o mundo como palco da glória de Deus) e identidade individualista (narrativa pós-moderna do culto do “eu”). Defenderemos a necessidade da exposição bíblica teodramática no contexto protestante batista brasileiro pós-moderno, mas de modo dramático, usando os recursos da abordagem canônico-linguística, abordando ao final um diálogo e monólogo da pregação cristã trinitariana na adoração pública, com a delimitação da autoridade canônica. João Calvino contará com Kevin Vanhoozer para nos ajudar a clarear o seu pensamento para a pós-modernidade e para nos mostrar toda a dimensão que envolve a adoração cristã: a comunicação do Deus Trino é interativa; Ele deseja santificar seu povo, mas de modo dramático, desenvolvendo sua fala, ação e interação; o seu povo responde com uma adoração viva diante da vivacidade triuna.

Palavras-chave: Adoração Cristã. Culto Público. Pregação Expositiva Teodramática. Culto Terapêutico.

ABSTRACT

Based on the observation that public worship in many Baptist churches in contemporary Brazil has become the “cult of the self”, this concern has led us to develop the defense of the present thesis around the possibility and the need for theodramatic expository preaching as a guideline for public worship in the Brazilian Baptist environment for the maintenance of Christian identity. We will use the language “therapeutic worship”, adopted by Philip Rieff. In response to the drama of worship in this context, we will deal with the analysis of the mediation of the Son of God, who fulfilled and perfected the triple office of prophet, priest and king, and we argue that the biblical theodramatic exposition is the best way to connect listeners to the drama of redemption in public worship, so that, although they see themselves as participants, they can be constantly reminded of the terms of the Trinitarian protagonist covenant. Theodramatic biblical exposition, as part of public worship, is an effective means of leading the listener to the identity in the centrality of Christ, so that God may be glorified in worship and in life. The biblical theodramatic exhibition lives up to the formative aspects of Christian identity in the Baptist liturgical dynamic in Brazil, making public worship rooted firmly in the metanarrative (rehabilitating the practical essentiality of the doctrine) and not in the narratives of the listeners. In this dynamic, the biblical theodramatic exposition (and its underlying principles), can be defended more than a homiletical method within the liturgical process, but as the possible and necessary way for the Baptist Churches in Brazil (many of them) to overcome the tension that there is in current public worship: collective identity (redemptive metanarrative - the world as the stage of God's glory) and individualistic identity (postmodern narrative of the “I” worship). We will defend the need for the biblical theodramatic exposition in the postmodern Brazilian Baptist Protestant context, but in a dramatic way, using the resources of the canonical-linguistic approach, addressing at the end a dialogue and monologue of Trinitarian Christian preaching in public worship, with the delimitation of canonical authority. John Calvin will have Kevin Vanhoozer to help us clarify his thinking for postmodernity and to show us the whole dimension that involves Christian worship: the communication of the Triune God is interactive; He wants to sanctify his people, but in a dramatic way, developing his speech, action and interaction; his people respond with lively adoration in the face of the triune vivacity.

Keywords: Christian Adoration. Public Worship. Theodramatic Expository Preaching. Therapeutic Worship.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evolução – teologia trinitariana	184
Quadro 2 - Ontologia comunicativa de Calvino e Vanhoozer.....	189
Quadro 3 - Pedras angulares em Vanhoozer	190
Quadro 4 - Adoração Teodramática.....	243

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	ASPECTOS HISTÓRICOS DA EXPOSIÇÃO BÍBLICA NA TRAJETÓRIA DA PREGAÇÃO: DO CONTEXTO BÍBLICO AOS DIAS ATUAIS.....	53
2.1	INTRODUÇÃO	53
2.2	AÇÃO DO DEUS LIBERTADOR: PROGRESSIVIDADE DA ALIANÇA À EXPULSÃO DA SINAGOGA.....	59
2.2.1	<i>Conceito e Contornos da Exposição Bíblica</i>	59
2.3	A IDENTIDADE DO POVO DE DEUS E A EXPOSIÇÃO BÍBLICA: REFERENCIAIS TEÓRICOS NA HISTÓRIA DA BÍBLIA E DA IGREJA	67
2.3.1	<i>De Orígenes às Ordens Homiléticas</i>	84
2.3.2	<i>Dos Séculos XIV e XV até Calvino</i>	89
2.3.3	<i>De William Perkins aos Batistas Reformados (particulares).....</i>	112
2.3.4	<i>Pregadores Batistas Reformados: de Benjamim Keach a Charles Spurgeon</i>	122
2.3.5	<i>Martin Lloyd-Jones</i>	132
2.3.6	<i>A pregação na pós-modernidade: de John Stott e John Piper a Russell Shedd e Herminsten Maia.....</i>	134
2.3.7	<i>Uma pausa para Jilton Moraes: o maior Referencial Teórico em Homilética no Brasil.....</i>	144
3	PRESSUPOSTO TEOLÓGICO: CALVINO E AS CONTRIBUIÇÕES DE KEVIN VANHOOZER	147
3.1	INTRODUÇÃO	147
3.2	CALVINO: VIDA	150
3.3	DOS ATRIBUTOS DAS ESCRITURAS COMO PANO DE FUNDO PARA A PREGAÇÃO EXPOSITIVA AOS PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS DA PREGAÇÃO EM CALVINO.....	154
3.4	TRAJETÓRIA DO EXPOSITOR BÍBLICO DE GENEBRA	159

3.5	INFLUÊNCIA DA PREGAÇÃO DE CALVINO EM TERRAS INGLESAS E AMERICANAS.....	162
3.6	A PRIMEIRA MISSÃO CALVINISTA E A PREGAÇÃO EM TERRAS BRASILEIRAS.....	163
3.7	HERMENÊUTICA DE CALVINO	166
3.8	CONTRIBUIÇÃO DE KEVIN VANHOOZER PARA O PRESSUPOSTO HERMENÊUTICO NA EXPOSIÇÃO BÍBLICA.....	172
3.9	CONTORNOS DA HERMENÊUTICA TRINITARIANA EM VANHOOZER PARA A ABORDAGEM EXPOSITIVA TEODRAMÁTICA.....	181
4	EXPOSIÇÃO BÍBLICA TEODRAMÁTICA COMO NORTEADORA DA ADORAÇÃO PÚBLICA: UM DIÁLOGO E MONÓLOGO TRINITARIANO	191
4.1	USO PRÁTICO DA EXPOSIÇÃO BÍBLICA: PRECONCEPÇÕES E SUBMISSÃO ÀS ESCRITURAS	191
4.2	O CONTEXTO BATISTA NO BRASIL E OS PRECONCEITOS CONTRA O SERMÃO EXPOSITIVO	195
4.3	PROPOSTA DE UMA EXPOSIÇÃO BÍBLICA TEODRAMÁTICA: DA POSSIBILIDADE À NECESSIDADE	200
4.3.1	<i>Possibilidade da Exposição Bíblica.....</i>	210
4.3.2	<i>Necessidade da Exposição Bíblica.....</i>	217
4.3.3	<i>O Problema Pós-Moderno e a História de um Filho de um Pastor....</i>	219
4.4	EXPOSIÇÃO BÍBLICA TEODRAMÁTICA: UMA PROPOSTA PARA A PÓS-MODERNIDADE.....	225
4.4.1	<i>Contornos Iniciais da Proposta de uma Exposição Bíblica Teodramática</i>	225
4.4.2	<i>Achando o Ponto de Equilíbrio</i>	230
4.4.2.1	Exposição Bíblica Teodramática: um diálogo e monólogo da compaixão	234
4.4.2.2	Exposição Bíblica Teodramática: um diálogo e monólogo contado e recontado com a amplitude literária.....	244

4.4.2.3	Exposição Bíblica Teodramática: um diálogo e monólogo com espiritualidade comunitária e razão.....	256
4.4.2.3.1	<i>A questão da Espiritualidade.....</i>	261
4.4.2.3.2	<i>A questão do ouvinte</i>	264
4.4.2.3.3	<i>A questão da música.....</i>	265
4.4.2.4	Exposição bíblica teodramática: um diálogo e monólogo que evita os extremos da modernidade e a pós-modernidade das muitas narrativas..	269
4.4.2.5	Exposição bíblica teodramática: um diálogo e monólogo e a força positiva e negativa do ouvinte	283
4.4.2.5.1	<i>Entre a pregação tradicional e a exposição bíblica teodramática: os desafios da aplicação sermonária.....</i>	288
5	CONCLUSÃO	295
	REFERÊNCIAS	311
	ANEXO I	337
	ANEXO II	339

1 INTRODUÇÃO

Ao percebermos que a adoração pública atual em muitas igrejas batistas no Brasil e o ápice dessa adoração (pregação), tem tornado-se pragmática, verificamos que tal evento não é algo característico somente de igrejas deliberadamente voltadas para o pragmatismo religioso. Identificamos que igrejas históricas atuais têm cedido aos anseios da multiespiritualidade pós-moderna, transformando o culto público em “culto do eu.” Tal constatação gera uma inquietação para o desenvolvimento da defesa da presente tese em torno da possibilidade e necessidade da pregação expositiva¹ teodramática como norteadora do culto público.

Concentraremos-nos no contexto Batista no Brasil, independentemente da respectiva convenção, levando em conta o enfraquecimento da adoração pública nas igrejas batistas através de pregadores e lideranças que sucumbem aos anseios do “culto do eu,” ou seja, uma “rede em volta do supermercado existencial”, conforme lembrado por Theodore Dalrymple.² A pós-modernidade é um ambiente fértil com belas oportunidades e grandes desafios, mas estar atento aos desafios faz

¹ “The expository sermon is the systematic explanation of Scripture done on a week-by-week, or even day-by-day, basis at the regular meeting of the congregation. This practice goes back to the worship of the synagogue long before the time of Jesus, when the Law was read through Sabbath by Sabbath, beginning each time where one had left off the Sabbath before. The idea was that the whole of the Law would be regularly read through in the course of worship. Two passages of the Old Testament illuminate this genre of preaching with particular clarity. First there was the solemn reading of the Law before the covenant assembly at the foot of Mount Sinai. The book of the covenant was read, the people vowed to keep it, they were sprinkled with the blood of the covenant, and then they shared a covenant meal. Reading through the Law was pivotal to this prototype of biblical worship. It was the same way with the worship of reconstituted Israel, which Ezra gathered at the water gate. Over the course of a few days the Law was read to the people in a worship assembly. It was read from beginning to end, and as it was read it was explained passage by passage. According to rabbinical tradition it was Ezra who was supposed to have organized the regular reading of the Scriptures, and apparently what was meant by this was that this marathon reading of the whole Law was simply unfolded at the regular Sabbath assembly of the congregation so that a portion was read each week. We will have considerably more to say about these two accounts of reading Scripture in worship as we begin to unfold our study. With the establishment of the Church, the Law and the prophets were still read in Christian worship just as they had been in Jewish worship. When the apostle Paul exhorted Timothy to see to the public reading of the Scriptures, it is this sort of systematic reading through of the Law that was understood”. HUGHES, Oliphant Old. **The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church**. v. 1: The Biblical Period. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. p. 166-169. (Edição do Kindle).

² DALRYMPLE, Theodore. **Em Defesa do Preconceito**: a necessidade de se ter ideias preconcebidas. São Paulo: É Realizações, 2015. p. 84.

com que tal momento seja usado de modo apropriado. Alvin Plantinga nos lembra que “os pós-modernistas às vezes parecem oscilar entre uma tese importante, mas claramente falsa. [...], mas não apresentam habitualmente argumentos a favor de teses que sejam incompatíveis com a crença cristã.”³ Segundo Zygmunt Bauman, os desafios podem ser vistos com clareza, num ambiente onde

[...] homens e mulheres pós-modernos realmente precisam do alquimista [...] É a era dos especialistas em identificar problemas, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de auto-afirmação: é a era do surto do aconselhamento. É a era de selecionadores que visam não perder uma oportunidade, e para tanto precisam de aconselhamento, ou seja, uma era onde as pessoas estão buscando especialistas na identidade, não carecem de pregadores para lhes dizer a fraqueza do homem e da insuficiência dos recursos humanos. Eles precisam de reafirmação de que podem fazê-lo – e de um resumo a respeito de como fazê-lo. Uma era orientada para o consumidor, com a busca pelo prazer e acúmulo de sensações [...] isso tudo abre uma nova e larga área de incerteza – e gera procuras sempre crescentes dos mestres da experiência, que possam aprofundar ou intensificar as sensações.⁴

A escolha do tema partiu da inquietação da prática eclesial no ambiente da Igreja Batista em solo brasileiro e a adesão na adoração pública do pragmatismo neopentecostal pós-moderno,⁵ onde as muitas narrativas dos ouvintes, sem um encontro teodramático com o Evangelho, maculam a identidade do povo de Deus.

O foco deste texto reside em demonstrar que: diante do pragmatismo da adoração pública em muitas igrejas batistas no Brasil, a exposição bíblica teodramática é possível e necessária para a mudança paulatina do pragmatismo para a finalidade do culto, que é a glória divina, mediada pelo Filho, na ação do Espírito Santo. Usaremos a linguagem “culto terapêutico”, adotada por Philip Rieff, abaixo explicada. Ao final proporemos algumas máximas para uma exposição bíblica teodramática como norteadora para a adoração pública contemporânea.

³ PLANTINGA, Alvin. **Crença Cristã Avalizada**. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 424.

⁴ BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. São Paulo: Zahar, 1998. p. 222.

⁵ Uma proposta de pregação expositiva a partir da perspectiva da teologia que existe para servir, mas a partir da autoridade canônico-linguística em contraposição à virada linguístico-cultural, característica da teologia pós-liberal e outros tipos de teologias pós-modernas que se desenvolveram no ambiente anti-histórico, que deságua na postura de uma teologia prática sem a autoridade da Palavra de Deus. Vanhoozer traz John Webster para a cena, dizendo que “a tarefa da teologia é exatamente esta: exemplificar a igreja enfrentando a resistência do evangelho – o que Deus está fazendo no mundo por meio de Cristo – quanto o drama que continua na igreja na medida em que Deus usa as Escrituras para dirigir-se a seus leitores, edificá-los e confrontá-los.” VANHOOZER, Kevin. **O Drama da Doutrina: Uma Abordagem Canônico-Linguística da Teologia Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2016a. p. 33.

A defesa da possibilidade do uso da pregação expositiva teodramática no culto batista brasileiro será baseada no pressuposto de que a exposição bíblica é mais do que um método. A alegação da impossibilidade do uso expositivo reside na alegação da diversidade confessional (que é fruto do argumento da diversidade e impossibilidade de unidade das tradições do Novo Testamento), que gera um sentimento anti-histórico pós-moderno. A abordagem comunicacional-filosófica (hermenêutica) da multiperspectiva, trará o devido suporte à tese no decorrer da argumentação.

A defesa da necessidade da pregação expositiva teodramática⁶ gravita em torno da percepção de o culto pós-moderno, em muitas igrejas batistas no Brasil, ter perdido a identidade redentiva, com a inserção de uma adoração pública pragmática. O anti-historicismo pós-moderno tem trazido o relativismo⁷ e o subjetivismo⁸, fazendo com que a fé cristã protestante tenha uma identidade mal definida por suas próprias expectativas e narrativas.

⁶ Esse conceito parte do nosso segundo referencial teórico, o qual defende que ao “invés de isolar um princípio que devemos tornar relevante para a nossa situação, precisamos explicar a principal ação teodramática e implicar nela a situação contemporânea. Em suma, a tarefa não é transformar a Bíblia (isto é, em princípios atemporais) para que ela possa entrar em nosso mundo, mas nos transformar (isto é, nossos hábitos de visão) para que possamos entrar no mundo implícito da Bíblia”. VANHOOZER, Kevin. *Drama-of-Redemption Model Always Performing?* In: MEADORS, Gary T. (general editor). **Four Views on Moving Beyond the Bible to Theology**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academic, Edição do Kindle, 2009. p. 154-160.

⁷ Entendemos que o conceito de relativismo, no contexto teológico, foi bem traduzido por Vanhoozer: “So, do sola Scriptura and the priesthood of believers (the Reformation idea that biblical interpretation is the privilege and responsibility of every believer) work against the unity for which Jesus prayed? Did Protestants teach the priesthood of each individual believer (as in every interpreter for him-or herself), or the priesthood of all believers, and what difference does that distinction make? These are important questions, especially in an age where more and more churchgoers are exposed to pluralism but don’t know what to do about it. The temptation is either an authoritative absolutism (my tribe, right or wrong) or a cynical relativism (who can say, anyway?). Neither of these attitudes is conducive to the task of making disciples.” “Então, a Sola Scriptura e o sacerdócio dos crentes (a idéia da Reforma de que a interpretação bíblica é o privilégio e a responsabilidade de todo crente) trabalham contra a unidade pela qual Jesus orou? Os protestantes ensinaram o sacerdócio de cada crente individualmente (como em todo intérprete para si), ou o sacerdócio de todos os crentes, e que diferença essa distinção faz? Essas são questões importantes, especialmente em uma época em que mais e mais frequentadores de igrejas são expostos ao pluralismo, mas não sabem o que fazer. A tentação é um absolutismo autoritário (minha tribo, certa ou errada) ou um relativismo cínico (quem pode dizer, afinal?). Nenhuma dessas atitudes é propícia à tarefa de fazer discípulos.” VANHOOZER, Kevin J. **Hearers and Doers: A Pastors Guide to Making Disciples Through Scripture and Doctrine**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2019. p. 2499. (Edição do Kindle).

⁸ Vanhoozer nos mostra com clareza como entender o conceito de subjetivismo no contexto teológico: “Philip Schaff appreciated the unitive possibility of the Reformation in his 1844 inaugural address to his seminary at Mercersburg, Pennsylvania, when he declared the Reformation to be the “greatest act” of the catholic church. Schaff thought that the greatest threat to “the Protestant Principle” was not the Church of Rome but an exaggerated subjectivism that so focused on an individual’s personal relationship with God that it failed to acknowledge the objectivity of the church.

Para a defesa da possibilidade e da necessidade da exposição bíblica teodramática, buscaremos como referencial inicial os argumentos no pressuposto teológico da pregação de Calvino.⁹ A escolha de Calvino como referencial principal da tese se dá em virtude da robustez do reformador no tocante ao ministério da Palavra. O Reformador dizia que:

[...] se considerarmos como o entendimento humano tende a esquecer-se de Deus, com que facilidade se deixa arrastar pelo erro, como se dispõe com leviandade a sonhar o tempo todo com novas religiosos e imitações, poderemos reconhecer facilmente quão necessário foi que a doutrina celestial fosse fixada por escrito.¹⁰

J.H. Merle D'Aubigné, biógrafo de Calvino, afirma que o Evangelho de Cristo é o que Calvino glorificava “primeiramente em sua vida. O reformador não se dispunha a fazer uma seleção dentre as tradições dos seres humanos e preservar as menos anti-escriturísticas; ele pôs de lado todas elas para estabelecer em seu lugar unicamente a Palavra de Deus.”¹¹ Isso tudo aliado à convicção que Calvino tinha acerca da superioridade das Escrituras, ao defender que a “autoridade das Escrituras não se subordina ao interesse da igreja [...], se constituindo seu fundamento [...], atestada pelo testemunho interno do Espírito Santo.”¹² A chave para compreendermos a pregação de Calvino é “o testemunho de Deus às

Evangelicals are good about asking, what does this passage mean for me and my life? They are not so good at wrestling with the civics question, what does this passage mean for our community and our life together? It's also important to keep in mind that “our community” is a local representation of the universal church. The way forward according to Schaff was the marriage of two minds: “protestant” and “catholic”. “Philip Schaff apreciou a possibilidade unificada da Reforma em seu discurso inaugural em 1844 ao seu seminário em Mercersburg, Pensilvânia, quando declarou que a Reforma era o “maior ato” da Igreja Católica. Schaff achava que a maior ameaça ao “Princípio Protestante” não era a Igreja de Roma, mas um subjetivismo exagerado que se concentrava tanto no relacionamento pessoal de um indivíduo com Deus que falhou em reconhecer a objetividade da igreja. Os evangélicos são bons em perguntar: o que essa passagem significa para mim e minha vida? Eles não são tão bons em lutar com a questão cívica. O que essa passagem significa para nossa comunidade e nossa vida juntos? Também é importante ter em mente que “nossa comunidade” é uma representação local da igreja universal. O caminho a seguir, segundo Schaff, foi o casamento de duas mentes: “protestante” e “católica.” VANHOZZER, 2019, p. 2882-2886. (Edição do Kindle).

⁹ O pressuposto de Calvino quanto à autoridade das Escrituras permeia direta ou indiretamente a tradição batista, desde a confessionalidade dos batistas ingleses até os atuais no Brasil, a defesa da possibilidade da pregação expositiva em tal ambiente denominacional. Ronald Wallace retrata que: “Calvino tratou o tema da autoridade da Escritura de forma bem mais intensa. Sua tese era que somente a Escritura é fonte de conhecimento correto a respeito de Deus.” WALLACE, Ronald. **Calvino, Genebra e a Reforma**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 11.

¹⁰ CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. I.18, p. 70.

¹¹ D'AUBIGNÉ, Jean Henri Merle. **Seja Cristo Engrandecido: O Ensino de Calvino para Hoje**. São Paulo: PES, 2008. p. 39.

¹² CALVINO, 2006, I.18, p. 71-72.

Escrituras na revelação direta, irrefutável e vivificante da majestade de Deus às mentes, cuja majestade se manifesta nas próprias Escrituras.”¹³ Charles Spurgeon, em seu mais notável discurso em 1891, discorre sobre aquilo que Calvino viveu, usando a linguagem “experimental”. O ponto chave nos dois pregadores é que ambos tratam de “uma experiência subjetiva com fatos objetivos descritos na Palavra, com a dinâmica do Espírito Santo.”¹⁴ Quando definimos a relação entre igreja e pregação, chegamos no conceito de pregação como não somente mais um adereço litúrgico, mas o meio pelo qual Deus chama e nutre o seu povo (Rm 10.17).

Calvino é um referencial inicial nessa tese por possuir uma forte defesa da pregação da Palavra de Deus, por possuir um prestígio acadêmico nos últimos quinhentos anos e por deixado uma herança teórica distribuída em cinquenta e nove volumes. Sua defesa pela Palavra é sublinhada em todo o seu acervo. Neste momento, não citaremos todo o acervo em rodapé, mas colocaremos um resumo. No desenvolvimento da tese, será citado os demais volumes. Neste momento, citamos apenas algumas obras de Calvino, como alguns registros sermonários¹⁵, As Institutas da Religião Cristã¹⁶, que tiveram oito edições, assim como os comentários bíblicos¹⁷, obras em geral¹⁸, documentos de ordem eclesiástica e cartas¹⁹, além do vasto referencial teórico de biógrafos e estudiosos no assunto. As obras de Calvino

¹³ PIPER, John. **O Legado da Alegria Soberana: A Graça Triunfante de Deus na Vida de Agostinho, Lutero e Calvino**. São Paulo: Shedd, 2005. p. 132.

¹⁴ SPURGEON, Charles. **Preparado para o Combate da Fé. As Armas do Ministério: a Igreja, a Palavra e o Espírito Santo**. São Paulo: Shedd, 2005. p. 23.

¹⁵ CALVINO, João. **Sermões em Efésios**. Brasília: Monergismo, 2009.

¹⁶ CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 1; CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 2; CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 3; CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 4.

¹⁷ CALVINO, João. **Salmos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. v. 1. (Série Comentários Bíblicos). Edição do Kindle; CALVINO, João. **Salmos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. v. 2. (Série Comentários Bíblicos). Edição do Kindle; CALVINO, João. **Salmos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. v. 3. (Série Comentários Bíblicos). Edição do Kindle; CALVINO, João. **Salmos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. v. 4. (Série Comentários Bíblicos). Edição do Kindle; CALVINO, João. **Romanos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. (Série Comentários Bíblicos); CALVINO, João. **Epístolas Gerais**. São José dos Campos: Fiel, 2015. (Série Comentários Bíblicos); CALVINO, João. **Exposição de Efésios**. São Paulo: Parakletos, 1998; CALVINO, João. **Exposição de 1 Coríntios**. São Paulo: Parakletos, 1996. CALVINO, João. **Exposição de 2 Pedro**. São Paulo: Parakletos, 1999.

¹⁸ CALVINO, João. **A Pura Pregação da Palavra de Deus**. São Paulo: Estandarte de Cristo, 2016; CALVINO, João. **A Verdadeira Vida Cristã**. São Paulo: Novo Século, 2000; CALVINO, João. **A Providência Secreta de Deus**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012; CALVINO, João. **As Cartas de João Calvino**. Celebrando os 500 anos do Nascimento do Reformador de Genebra. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009.

¹⁹ CALVINO, João. **Uma Coletânea de Escritos**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2017.

serão devidamente citadas no capítulo dois (aspectos históricos) em que fazem referência ao período do reformador, no capítulo três (pressupostos teológicos) e no fechamento da tese (capítulo quatro).

Buscaremos contribuições do neo-calvinismo holandês²⁰ no tocante à pregação histórica-redentiva²¹ e também no paradigma do drama da redenção²²

²⁰ Segundo W.S. Reid, “o século XIX em especial viveu uma expansão muito considerável, sob a influência de Abraham Kuyper e Herman Bavinck, na Holanda; Auguste Lecerf, na França; e A. A. Hodge, Charles Hodge e B.B. Warfiel, nos Estados Unidos. A tradição estabelecida por estes homens tem recebido continuidade neste século por John Murray, J. Gresham Machen e Cornelius Van Til, nos Estados Unidos da América do Norte (EUA); Herman Dooyeweerd e D.H. Th. Vollenhoven, nos Países Baixos; e muitos outros em vários países do mundo. REID, W.S. Calvinismo na História. In: ELWELL, Walter A. (Org.). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 228. Henry Blocher destaca que “aos olhos do neocalvinismo, a leitura calvinista da Escritura fornece uma cosmovisão que determina uma filosofia radicalmente cristã relacionada a concepções elaboradas em matéria de ciência, artes, direito e política. Abraham Kuyper, fundador do neocalvinismo e da Universidade livre de Amsterdã, descreve suas principais características fundamentais: ênfase no senhorio divino que torna decisiva, para a realidade criada, a relação com Deus; exclusão imediata de toda neutralidade, inclusive nas ciências (a função da fé, apóstata ou reformada e regenerada, precede e governa todos os procedimentos teóricos e práticos); a preservação do pluralismo através da instituição criacional de esferas que são autônomas; recurso à graça comum para explicar colaborações possíveis mesmo quando há percepções opostas em relação à fé.” BLOCHER, Henri. Neocalvinismo. In: GISEL, Pierre (Org.). **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016. p. 251.

²¹ “When the RH preaching paradigm emerged in the Netherlands, it did so against the backdrop of the modernistic, higher critical approach to the Bible.632 The historicity of the Bible was under fierce attack, and part of the RH (redemptive-historical) response was concerned with emphasizing not only that the primary intention of the Bible was to reveal the redemptive plan of God that would culminate in the person and work of Christ, but also to emphasize the importance of history. Redemption happened in history. If the Bible’s historicity could not be trusted, then the gospel itself was a dubious proposition and had no more authority than other cultural beliefs at any other time in history.” [“Quando o paradigma de pregação do RH surgiu nos Países Baixos, ele o fez contra o pano de fundo da abordagem modernista e crítica da Bíblia. A historicidade da Bíblia estava sob ataque feroz e parte da resposta do RH (histórico-redentor) preocupado em enfatizar não apenas que a principal intenção da Bíblia era revelar o plano redentor de Deus, que culminaria na pessoa e obra de Cristo, mas também enfatizar a importância da história. A redenção aconteceu na história. Se não se podia confiar na historicidade da Bíblia, o próprio evangelho era uma proposição duvidosa e não tinha mais autoridade do que outras crenças culturais em qualquer outro momento da história”]. WATKINS, Eric Brian. **The Drama of Preaching Participating with God in the History of Redemption**. Eugene, EUA: Wipf e Stock Publishers, 2016. p. 25. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

²² “Deus nos deu o maior espetáculo do mundo, um drama cheio de intrigas que não é apenas interessante, mas que nos leva ao palco, escrevendo-nos para o roteiro como atores na produção em andamento. Isso nos dá um papel que contrasta nitidamente com os personagens unidimensionais e as histórias superficiais da era atual. E por ser mais do que uma peça de teatro, “vestir Cristo” envolve muito mais do que experimentar diferentes trajes e máscaras. Vamos examinar as Escrituras, então, para descobrir melhor sua trama e a nossa à luz, mais uma vez seguindo o conselho de um dos dramaturgos favoritos, do século XX, da Inglaterra: vamos, em nome do Céu, arrastar o Drama Divino de baixo para baixo. A terrível acumulação de pensamentos descuidados e sentimentos inúteis se acumulava sobre ele, e o colocava em um palco aberto para assustar o mundo em algum tipo de reação vigorosa. Se os piedosos são os primeiros a ficar chocados, tanto pior quanto os piedosos - outros passarão para o Reino dos Céus diante deles. Se todos os homens estão ofendidos por causa de Cristo, que se ofendam; mas onde está a sensação de serem ofendidos por algo que não é Cristo e não é nada como ele? Certamente não

(que é a ideia sobreposta da teologia “canônico-linguística”²³ que está no coração da hermenêutica da história da redenção), trabalhado por Hans Urs von Balthasar²⁴, e no meio protestante, entre outros, por Kevin Vanhoozer, o qual usaremos como base teórica. Embora nossa tese seja na área de teologia prática, os fundamentos da teologia bíblica trarão a base fundamental para a pregação expositiva teodramática, pois os recursos da teologia bíblica são a demonstração mais visível desse drama. Edmund Clowney, ao tratar da “pregação e teologia bíblica, descreve todo o drama da redenção em várias ocasiões literárias nas Escrituras (Lc 15.11-32; Gn 22.1-19; Gn 28.10-22; Gn 32; Ex 34.1-9; Js 5.13-15; 2 Sm 23.13-17; Lc 4.16-22; Sl 22.1; Sl 96.3).”²⁵ O drama faz parte da estrutura literária das Escrituras. O desafio é transpor tal drama para uma pregação com autoridade canônica e que leve em consideração todas as partes envolvidas, numa dinâmica monologal-dialogal.

Partindo do princípio interpretativo que mostra a Bíblia interpretando a si mesma, a interpretação trinitariana tratada no drama da redenção por Kevin

é tarefa da Igreja adaptar Cristo aos homens, mas adaptar os homens a Cristo. É o dogma que é o drama - nem frases bonitas, nem sentimentos reconfortantes, nem aspirações vagas de benevolência e elevação, nem a promessa de algo agradável após a morte - mas a aterrorizante afirmação de que o mesmo Deus que fez o mundo viveu o mundo e passou pelo túmulo e portão da morte.” HORTON, Michael. **A Better Way: Rediscovering the Drama of God-Centered Worship**. Grand Rapids: Baker, 2002. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

²³ “A virada linguístico-cultural, característica da teologia pós-liberal e outros tipos de teologia pós-moderna, é um lembrete marcante de que a teologia existe para servir a vida da igreja. No entanto, a virada para a prática eclesial parece ter se dado à custa da autoridade bíblica. A abordagem canônico-linguística tem muito em comum com sua prima, a abordagem linguístico-cultural. Ambas concordam que significado e verdade estão fundamentalmente relacionados ao uso da linguagem; no entanto, a abordagem canônico-linguística sustenta que, em última instância, o uso normativo não é o uso da cultura eclesial, mas do cânon bíblico. A abordagem canônico-linguística é recomendada aos teólogos, pois ela se volta para a prática, enfatiza a sabedoria e recupera com criatividade o uso da *sola Scriptura*. Uma das suas teses fundamentais é que o *sola Scriptura* não se refere a um princípio abstrato, mas a uma prática teológica concreta: uma prática de atuação, ou seja, a prática de discursos e atos que correspondem à Palavra de Deus. A norma suprema para prática da igreja são suas próprias Escrituras: não as Escrituras usadas pela igreja, mas as Escrituras usadas por Deus mesmo, ou talvez, quando esse uso se contraponha à igreja. Conforme John Webster, ‘a tarefa da teologia é exatamente esta: exemplificar a igreja enfrentando a resistência do evangelho – o que Deus está fazendo no mundo por meio de Cristo – quanto o drama que continua na igreja na medida em que Deus usa as Escrituras para dirigir-se a seus leitores, edifica-los e confrontá-los’”. VANHOOZER, 2016a, p. 33.

²⁴ Hans Urs von Balthasar trabalhou uma brilhante trilogia no aspecto teológico, que inclui A Glória do Senhor, Theo-Drama e Theo-Logic. Seu epílogo, um único volume, é o fechamento de sua obra-prima, dando detalhes finais e uma visão geral dos volumes anteriores da trilogia. BALTHASAR, Hans Urs von. **Epilogue**. San Francisco: Ignatius Press, 2004. (Edição do Kindle).

²⁵ “Biblical preaching and theology describes the whole drama of redemption on various literary occasions in Scripture (Luke 15: 11-32; Gen. 22: 1-19; Gen. 28: 10-22; Gen. 32; Ex. 34: 1-9; Jos. 5: 13-15; 2 Sam. 23:13. -17; Lc 4.16-22; Ps 22.1; Ps 96.3). CLOWNEY, Edmund. **Preaching Christ in all Scripture**. Wheaton: Crossway Books, 2003. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

Vanhoozer, entra como aliada, acentuando o que a teologia bíblica já faz, mas reforçando tal linguagem para uma pregação adequada do Deus trino, conforme a própria comunicação divina em toda a revelação.

A teologia bíblica mostra o diálogo entre os textos bíblicos para uma melhor compreensão e unidade do discurso trinitariano, e tal discurso, ao ser pregado teodramaticamente, revela uma ação dialogal com ouvinte, nos termos do pacto. A pregação expositiva teodramática reforça a junção entre o diálogo entre textos bíblicos (tratados na teologia bíblica) com o discurso no púlpito, onde o ouvinte, embora não seja o detentor subjetivista do significado do texto, participa como parte dessa comunicação no contexto do monólogo divino.

Primeiro, o ponto de partida da argumentação será o modo como Calvino via o aspecto da união com Cristo na segunda fase, a da santificação. “Calvino desenvolve a doutrina da união com Cristo nos aspectos cristológicos, trinitários, pneumatológico e eclesial.”²⁶ Passaremos por todos os aspectos, mas afunilando nos quesitos eclesial e dialogal da participação do ser humano no processo comunicacional trinitário, com a defesa da exposição bíblica teodramática como fundamento e solução para a fundamentação da adoração pública. Isto é, destacaremos o princípio da autoridade, buscando o diálogo e monólogo trinitário que evita os extremos dos modelos objetivista e subjetivista da comunicação do evangelho. Fugiremos dos extremos comunicacionais da influência filosófica e nos concentraremos numa comunicação de mediação hermenêutica trinitariana. Um dos extremos é visto na forma objetiva nas ideias de René Descartes (1596-1650), Francis Bacon (1561-1626) e Thomas Reid (1710-1796). “Tais recursos são vistos no uso hermenêutico tradicional.”²⁷ Por outro lado, evitaremos o outro extremo sob a influência de “Kant (1724-1804) e sua influência sobre a interpretação da linguagem e da literatura em Schleiermacher (1768), Dilthey (1833-1911) e Husserl (1859-1938).”²⁸ Precisamos pensar numa hermenêutica-homilética que faça jus à forma como Deus se comunicou. Com vistas a uma proposta para a atualidade, João

²⁶ BAKER, Mary P. **Participation in Christ and Eucharistic formation**: John Calvin and the Theodrama of the Lord's Supper. Bletchley: Paternoster, 2015. (Edição do Kindle).

²⁷ PRATT JR., Richard L. **Ele nos deu Histórias**: um Guia Completo para a Interpretação de Histórias do Antigo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 44.

²⁸ PRATT JR., 2004, p. 44.

Calvino e Kevin Vanhoozer nos ajudarão nessa caminhada hermenêutico-homilética de diálogo e monólogo trinitariano.

Segundo, a contribuição da história da redenção (resposta ao modernismo), torna mais seguro o desenvolvimento da pregação para que os enredos pessoais sejam inseridos num enredo maior. Guy Davies fala que essa transição é importante para “vencermos o abismo entre doutrina e prática.”²⁹ Entre os extremos e reducionismos que a doutrina e a prática podem trazer, traremos o drama da redenção para o campo da homilética, especificamente para a pregação expositiva, a qual intitulamos de teodramática, conforme descrito no próximo tópico.

Terceiro, buscaremos aporte também no drama da redenção³⁰ (resposta ao pós-modernismo). Kevin Vanhoozer contribui com o aspecto do drama, não porque ele divirja de João Calvino, e nem pelo fato da teologia de Calvino ter sido insuficiente, pois ambos tocam nos mesmos aspectos, mas por “Vanhoozer nos ajudar a compreender Calvino no aspecto da aliança e comunicação (pneumatologia bíblica), gerando coesão de seus julgamentos e doutrinas (ação comunicativa do Pai, através do Filho e da ação do Espírito).”³¹ A escola hermenêutica usada por Kevin Vanhoozer é intermediária, com influência de Oliver Davies³², Hans Urs von Balthasar³³, Ludwig Wittgenstein³⁴ e Nicholas Lash³⁵, orientador do seu doutorado.

²⁹ DAVIES, Guy A. *Perspectivas Pastorais: O Drama da Pregação*. In: VANHOOZER, Kevin; STRACHAN, Owen. **O Pastor como Teólogo Público: Recuperando uma Visão Perdida**. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 229.

³⁰ Como bem lembrado por Ahmi Lee, “dramatic” view of theology as advocated by Hans Urs von Balthasar, N.T. Wright, Nicholas Lash, and most prominently, Kevin J. Vanhoozer. LEE, Ahmi. **Preaching God's Grand Drama**. Grand Rapids. Baker, 2019. (Edição do Kindle).

³¹ “Vanhoozer help us understand Calvin in the aspect of covenant and communication (biblical pneumatology), generating cohesion of his judgments and doctrines (communicative action of the Father, through the Son and the action of the Spirit).” BAKER, Mary P. **Participation in Christ and Eucharistic formation: John Calvin and the Theodrama of the Lord's Supper**. Bletchley: Paternoster, 2015. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

³² DAVIES, Oliver. **The Creativity of God: World, Eucharist, Reason**. London: Cambridge University Press, 2004 (Edição do Kindle).

³³ BALTHASAR, 2004.

³⁴ “Este livro talvez seja entendido apenas por aqueles que já pensaram os pensamentos nele expressos - ou pensamentos semelhantes. Portanto, não é um livro didático. Seu objetivo seria alcançado se houvesse uma pessoa que o lesse com compreensão e a quem desse prazer. O livro trata dos problemas da filosofia e mostra, como acredito, que o método de formulação desses problemas se apoia no mal-entendido da lógica de nossa linguagem.” This book may be understood only by those who have thought of the thoughts expressed in it - or similar thoughts. Therefore, it is not a textbook. His goal would be achieved if there were a person who would read with understanding and pleasure. The book addresses the problems of philosophy and shows, as I believe, that the method of formulating these problems rests on the misunderstanding of the logic of our language.” WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. London: Chiron Academic Press; Wisehouse, 2016. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

Segundo Mary Patton Baker, o benefício e utilidade da ontologia comunicativa de Vanhoozer se dá:

[...] pela consistência na autoapresentação de Deus nas Escrituras, pois ele apresenta com mais clareza os mesmos aspectos de Calvino quanto à doutrina da união com Cristo (aspectos cristológico, trinitário, pneumatológico e eclesial).³⁶

O que Mary Baker nos mostra é que Vanhoozer apresenta o que Calvino disse, mas de modo a dar mais ênfase nos atos de Deus como comunicativo (escatológicos, mediais, pactuais, dialógicos, sapienciais e eclesiais). Calvino teve o cuidado de sua apresentação doutrinária “cristológica de duas naturezas (participação não é divinização do ser humano). Ambos trabalharam a compreensão comunicativa da participação em Cristo”³⁷, mas Vanhoozer usa essa mesma categoria comunicativa para se referir a Deus de modo dramático:

Deus comunica seu amor e presença enquanto reivindica a particularidade, chamando homens a serem unidos na vida trinitária através de Jesus. Isto é, uma ação comunicativa divino-humana que efetua a santificação.³⁸

A hermenêutica utilizada nesta tese é a trinitariana, uma posição mediadora³⁹, utilizada tanto por Kevin Vanhoozer como por Anthony Thiselton.

³⁵ LASH, Nicholas. **His Presence in the Word: A Study of Eucharistic Worship and Theology**. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2005; LASH, Nicholas. **Believing three ways in one God: a reading of the Apostle's Creed**. Indiana: University of Notre Dame Press, 1993. (Edição do Kindle).

³⁶ “For the consistency of God's self-presentation in Scripture, for he presents more clearly the same aspects of Calvin as the doctrine of union with Christ (Christological, Trinitarian, pneumatological, and ecclesial).” BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

³⁷ “Christological of two natures (participation is not divinization of the human being). Vanhoozer is compatible with Calvin, as both worked the communicative understanding of participation in Christ.” BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

³⁸ “God communicates his love and presence while claiming particularity, calling men to be united in the Trinitarian life through Jesus. That is, a divine-human communicative action that effects sanctification.” BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

³⁹ Osborne destaca com precisão as posições mediadoras. 1. Paul Ricoeur (autor, texto e leitor têm funções), onde a chave é colocar-se em frente ao texto antes que detrás dele, permitindo que o mundo textual controle o processo hermenêutico. 2. Abordagens crítico-canônicas. Bernard Anderson defende uma instância pós-crítica (crítica histórica com o texto canônico como unidade; comunidade histórica com a comunidade local); outros teóricos: Childs; James Sanders e Raymund Brown. 3. Wittgenstein e seus seguidores. Mary Gerhart coloca Paul Ricoeur e Hirsch lado a lado, onde um círculo hermenêutico é formado: chega-se ao conhecimento objetivo por meio da experiência subjetiva e, além disso, provê os dados pelos quais aquela experiência é entendida. Atualmente, dois eruditos têm aplicado essas ideias à hermenêutica bíblica: Kevin Vanhoozer e Anthony Thiselton. Vanhoozer se apoia em Wittgenstein, Austin e Searle que respondem aos mestres pós-modernos da suspeita. Vanhoozer trabalha a hermenêutica da humildade e convicção trinitariana, na qual Deus é agente comunicativo. A aliança do discurso é uma fala ao povo de Deus. A hermenêutica trinitariana envolve autor, texto-leitor com sete considerações chaves: 1. Metafísica; 2. Epistemologia; 3. Ética; 4. Realismo; 5. Racionalidade; 6.

Assim, trabalharemos sob a abordagem canônico-linguística de Vanhoozer e a relação com a cultural-linguística. O autor destaca que:

[...] a abordagem canônica-linguística tem muito em comum com sua prima, a abordagem linguístico-cultural. Ambas concordam que significado e verdade estão fundamentalmente relacionados ao uso da linguagem; no entanto, a abordagem canônica-linguística sustenta que, em última instância, o uso normativo não é o uso da cultura eclesial, mas do cânon bíblico. A abordagem canônica-linguística é recomendada aos teólogos, pois ela se volta para a prática, enfatiza a sabedoria e recupera com criatividade o uso da *sola Scriptura*.⁴⁰

Quarto, além do diálogo de João Calvino com Kevin Vanhoozer, Philip Reiffer entrará em cena, trazendo *insights* sociológicos intitulados de triunfo terapêutico.⁴¹ Rieff aborda a “questão da sexualidade e questões da cultura cristã, especificamente quanto ao culto, rito e identidade.”⁴² Ficaremos com a segunda abordagem, que servirá para a nossa análise da dinâmica da adoração pública nas igrejas batistas no Brasil. Rieff usa a expressão “terapêutica”⁴³ tanto para a questão

Responsabilidade; 7. Locução, ilocução e perlocução; 4. Retorno ao autor (Betti, Hirsch e Juhl). OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 630.

⁴⁰ VANHOOZER, 2016a, p. 33.

⁴¹ Philip Rieff conclama que todos que se virem ofendidos diante da nova religiosidade, que ele chama de “triunfo da terapêutica”, se ergam e busquem em sua tese o suporte necessário para a defesa comunitária e sua metanarrativa. Não propõe um argumento a ser debatido na academia de sociologia, mas traz aportes utilizáveis por todos. Não trata de uma teoria cristã do culto, pois seu alvo não é teológico. Sua análise parte do pressuposto de que a partir de Freud e seus sucessores, a antiga terapêutica vivenciada pelo simbolismo comunal deve se erguer diante do “triunfo terapêutico” mostrando que: 1. A dissolução de um sistema unitário de crença comum, acompanhada por uma desorganização da personalidade, pode ter concluído seu curso; 2. Os espiritualizadores cederam espaço aos psicologizadores; 3. A nova religiosidade de Freud e seus seguidores, como Jung, busca ajudar os homens a evitarem maiores danos para si mesmos; 4. Uso da linguagem religiosa para a auto-adoração, diferente de Moisés que deu um fim à alegria simples e insistiu em civilizar o povo das individualidades ao propósito comunal; 5. Uso da linguagem da nova fé, rumo a uma cidade mais agradável, usando nossa visão secular dos consolos que tornam obsoletas todas as salvasões. 6. Terapêuticas com senso de bem-estar manipulável, como irreligião da época; 7. Transição de terapias de compromisso cúltico para a selvageria de experiências, pois o culto domesticava e coibia essa selvageria, por ser restritivo e com identidade coletiva integrada; 8. A nova religião que tenta dominar a personalidade do homem, além da base do culto a partir do “eu” se contrapõe à cultura cristã histórica, por tornar supérflua a pregação. 9. A cultura que precede à atual tinha em ordem o consenso do “não deverás”, treinados pela ação ritual. 10. O propósito comunal religioso é necessário à sobrevivência diante da articulação de linguagem de fé psicológica do homem que precisa ser agradado. RIEFF, Philip. **O Triunfo da Terapêutica**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 19-39.

⁴² RIEFF, 1990, p. 28-29.

⁴³ “A fase mais intensa das análises científicas de Jung sobre a fé cristã começa com o ano de 1940, ano em que ele publicou (Psicologia e Religião). Nessa época, Jung transfere intencionalmente o foco dos seus estudos sobre o cristianismo na prática (aconselhamento, dimensão terapêutica da experiência religiosa, os exercícios espirituais de Inácio de Loyola) para os ensinamentos e dogmas (missa, Trindade, dogmas marianos). Nas duas últimas décadas de sua vida, os problemas religiosos aparecem com grande frequência e em grande medida também em sua correspondência. Visto, porém, que, após 1940 – aparentemente – não podemos constatar uma

do rito, culto e religião quanto para os desdobramentos de Freud e Jung⁴⁴, o que ele chama de “triunfo da terapêutica.” Mas aqui tomaremos o devido cuidado com o termo “terapêutico”, para não gerar uma má compreensão da tese. Vamos usar a expressão “adoração pública” no sentido teológico. Vanhoozer cita a obra de Christian Smith⁴⁵, como a autora que acunhou o termo “deísmo moralista

mudança significativa e qualitativa em sua abordagem científica ao tema do cristianismo, mas apenas uma intensificação, sistematização ou um deslocamento de ênfase, por exemplo, as análises aprofundadas do catolicismo. MACHON, Henryk. **O Cristianismo em C. G. Jung: Fundamentos Filosóficos, Premissas Psicológicas e Consequências para a Prática Terapêutica.** Petrópolis: Editora Vozes, 2015. p.135.

⁴⁴ “A fase mais decisiva da ocupação de Jung com a religião começa em 1928, quando publicou uma série de estudos em que analisa mais a fundo o tema do cristianismo e o concretiza num primeiro artigo dedicado a ele (Psicanálise e direção espiritual). Essa nova fase no interesse de Jung pela religião está essencialmente vinculada à descoberta dos arquétipos, *i. e.*, aos resultados de estudos sobre diferentes motivos, que ocorrem tanto nas religiões quanto no inconsciente coletivo e aparentemente apresentam uma semelhança notável. Nessa nova fase de Jung, ele aborda e distingue o cristianismo católico e protestante em relação aos conteúdos essenciais como dogmas, sacramentos e rituais. Ele compara suas formas e práticas e as interpreta psicologicamente no contexto do espírito daquela época.” MACHON, 2015, p.137.

⁴⁵ 1. Existe um Deus que criou e ordena o mundo e vigia a vida humana na terra. 2. Deus quer que as pessoas sejam boas, amáveis e justas umas com as outras, conforme ensinado na Bíblia e na maioria das religiões do mundo. 3. O objetivo central da vida é ser feliz e se sentir bem consigo mesmo. 4. Deus não precisa se envolver particularmente na vida de alguém, exceto quando Deus é necessário para resolver um problema. 5. Boas pessoas vão para o céu, quando morrem. Tal credo de fato é particularmente evidente entre os jovens protestantes e católicos principais, mas também é visível entre protestantes negros e conservadores, adolescentes judeus, outros tipos religiosos de adolescentes e até muitos adolescentes não religiosos nos EUA. Observe que nenhum adolescente realmente usaria a terminologia “deísta terapêutico moralista” para se descrever. Esse é o nosso termo resumido. E pouquíssimos adolescentes descreveriam os cinco pontos de seu credo da maneira mais clara e concisa que acabamos de fazer. Mas quando alguém penetra e digere centenas de discussões com adolescentes dos EUA sobre religião, Deus, fé, oração e outras práticas espirituais, o que parece emergir como o ponto de vista religioso dominante de fato acaba sendo uma versão dessa fé. Poderíamos literalmente preencher outro capítulo deste livro com mais citações de entrevistas para adolescentes que ilustram o Deísmo Terapêutico Moralista e exploram suas nuances. Dadas as limitações de espaço, no entanto, basta aqui examinar apenas mais algumas citações representativas que descrevem as principais componentes dessa religião”. 1. There is a God who created and ordains the world and watches over human life on earth. 2. God wants people to be good, kind, and fair to each other, as taught in the Bible and most of the world’s religions. 3. The central purpose of life is to be happy and to feel good about yourself. 4. God does not need to be particularly involved in one’s life except when God is needed to solve a problem. 5. Good people go to heaven when they die. Such a creed is particularly evident among leading Protestant and Catholic youth, but it is also visible among black and conservative Protestants, Jewish teenagers, other religious types of teenagers, and even many non-religious teenagers in the United States. Note that no teenager would really use the term “moralistic therapeutic deist” to describe himself. This is our short term. And very few teenagers would describe the five points of their creed as clearly and concisely as we have just made. But when one penetrates and digests hundreds of discussions with US teens about religion, God, faith, prayer, and other spiritual practices, what seems to emerge as the dominant religious viewpoint actually turns out to be a version of that faith. We could literally fill another chapter of this book with more quotes from teen interviews that illustrate Moralistic Therapeutic Deism and explore its nuances and variations. Given the limitations of space, however, it is sufficient here to examine just a few more representative quotes that describe the major components of this religion.” SMITH, Christian; DENTON, Melinda Lundquist. **Soul searching: The Religious and Spiritual Lives of**

terapêutico”, que traz em pesquisa de campo buscando a compreensão da espiritualidade e religiosidade dos adolescentes protestantes norte-americanos. No entanto, nosso foco será a análise de Philip Rieff no tocante ao subterrâneo religioso de Jung comparado à adoração pública atual observada nas igrejas batistas no Brasil.

Nosso interesse pela contribuição de Philip Rieff se dá em virtude da sua “obra ser direcionada não para os teóricos da sociologia ou psicologia, mas para leitores inquietos, em cujos corações e mentes uma cultura está morrendo.”⁴⁶ Não iremos fazer uma análise sociológica do culto cristão, mesmo porque a revelação divina descrita em toda a Escritura trata do problema da idolatria de modo suficiente para a fé cristã, mostrando que tais problemas são inerentes ao mundo pós-queda visto em todas as épocas. A nossa análise tratará estritamente da pregação e o culto cristão, trazendo a inquietação do que Rieff chama de “morte da cultura cristã em detrimento da cultura e personalidade ocidental sob influências em Freud e seus sucessores.”⁴⁷ Aquilo que Karl Barth já se preocupava “em 1939 acerca de ouvintes negligentes ser a causa da miséria evangélica”⁴⁸, chega na maturidade e inquieta não somente os teólogos e pastores⁴⁹, mas um universo de estruturas que se sentem incomodadas com esse triunfo da terapêutica. “Entre os espiritualizadores e os psicologizadores, estes últimos se propõem a ajudar a pessoa a evitar danos maiores para si próprios diante do pânico.”⁵⁰

Desta feita, “a nova cultura que surge em detrimento da morte da cultura cristã é o ‘eu’ que deve ser realizado e satisfeito - o homem psicológico.”⁵¹ Neste caso específico, a nossa proposta é contra-cultural, embora não seja o único modo de reação cristã. Rieff traz um *insight* para todos que se sentem incomodados, e

American Teenagers. New York: Oxford University Press, 2005. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁴⁶ RIEFF, 1990, p. 19-22.

⁴⁷ RIEFF, 1990, p. 19-22.

⁴⁸ RIEFF, 1990, p. 32.

⁴⁹ Nas denominações batistas no Brasil, não há unanimidade quanto à validade do ministério pastoral feminino. Os Batistas Reformados do Brasil, representados pela Convenção Batista Reformada do Brasil, seguem a tradição reformada e a consequente tradição Batista inglesa acerca da validade do ministério masculino. A Convenção Batista Brasileira chancelou o ministério feminino, mas oportunizou que as estaduais decidam. A Convenção Batista Nacional não oficializou, mas permite que cada igreja tenha pastoras, de fato, em seus quadros eclesiais. Respeitamos as diversas denominações, mas a nossa posição é contrária à ordenação feminina.

⁵⁰ RIEFF, 1990, p. 19-22.

⁵¹ RIEFF, 1990, p. 19-22.

aqui o incômodo se manifesta acerca do culto público das igrejas batistas no Brasil. Rieff fala de cultura e identidade com precisão, dizendo que “enquanto a cultura mantém sua vitalidade, ela sobrevive.”⁵² A metanarrativa redentiva da adoração cristã expressa na revelação divina cuida desse aspecto com maestria. O desafio reside em buscar nas bases bíblicas da adoração os fundamentos para o culto e liturgia (embora esta não tenha um único formato na história da igreja, há um conteúdo expressamente autoritativo). Entre a psicanálise com simbolismo religioso e a adoração genuinamente cristã, há um abismo. Edmund Clowney aponta o conflito:

Os cientistas comportamentais parecem estar freqüentando a igreja de sua escolha hoje em dia, e suas análises estimularam ainda mais uma discussão revigorante entre os próprios pregadores. Um ministro deve dominar a psicologia pastoral para a pregação da situação da vida; se ele não puder proporcionar a psicanálise, deve pelo menos adotar técnicas de aconselhamento para obter empatia no púlpito. Os sociólogos também descobriram o ministro e estão sistematicamente registrando seus conflitos, enquanto ele insiste em permanecer pregador no meio de uma dúzia de outros papéis que lhe são atribuídos. Os estudos em grupo da congregação por esses cientistas podem informar e consternar ainda mais o homem no púlpito, e o novo campo de comunicações espalha sua rede a seus pés. Do movimento ecumênico, ele aprende sobre o cenário eclesiástico da pregação; Por mais desconcertado que esteja com o último livro sobre simbolismo, ele está convencido de que a pregação deve estar relacionada à adoração e aos sacramentos.⁵³ (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

O problema reside no culto, liturgia e pregação, mas tem uma raiz mais profunda, que Nicholas Lash identifica como uma “tendência de movimentos filosóficos e teológicos após a segunda guerra mundial, com teologias rotuladas sem uma identidade na revelação cristã.”⁵⁴ Em muitas igrejas dessa denominação, a

⁵² RIEFF, 1990, p. 19-22.

⁵³ CLOWNEY, Edmund P. **Preaching and Biblical Theology**. New Jersey: P&R Publishing, 2002. p. 9. “The behavioral scientists appear to be attending the church of their choice these days, and their analyses have further stimulated a reviving discussion among the preachers themselves. A minister must master pastoral psychology for life-situation preaching; if he cannot afford psychoanalysis, he must at least adopt counseling techniques to achieve empathy in the pulpit. Sociologists, too, have discovered the minister, and are systematically charting his conflicts as he insists on remaining a preacher in the midst of a dozen other roles thrust on him. Group studies of the congregation by these scientists may further inform and dismay the man in the pulpit, and the new field of communications spreads its network at his feet. From the ecumenical movement he learns of the ecclesiastical setting of preaching; bewildered though he may be by the latest book on symbolism, he is convinced that preaching must be related to worship and the sacraments. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁵⁴ “One of the early effects of that increasingly concrete or existential approach which was sparked off by philosophical developments, and by the biblical and liturgical movements, was the proliferation of theologies of this, that, or the other, which were, methodologically, an uneasy compromise

identidade do povo de Deus tem sido construída sob as bases da proposta de personalidade psicológica de Jung e não pelo Evangelho. De fato, a identidade do povo de Deus só será mantida se a adoração pública for centrada e tiver como ápice a exposição bíblica teodramática. A reação proposta por Rieff tem um paralelo contra-cultural utilizado pelos cristãos na história da igreja. Rieff suspeitava que:

[...] os Filhos de Israel não tenham passado muito tempo elaborando a doutrina o bezerro de ouro; eles dançaram ao redor dele ingenuamente até que Moisés, seu primeiro intelectual, deu um fim à alegria simples e insistiu em civilizá-los, pela submersão de suas individualidades num propósito comunal. Agora, embora haja novamente um pouco de dança, a atividade principal dos intelectuais é ficar pensando estupefatos a respeito do poder e da perversidade de seus instintos, disfarçando sua adoração rancorosa do eu na religião da arte. Confrontados desta maneira, com a galeria de arte como o novo centro de auto-adoração, os homens civilizados devem novamente se voltar contra a arte, na esperança de deslocar a atenção para modalidades de culto totalmente diferentes do culto do eu.⁵⁵

Fazendo um recorte da análise de Rieff, quando ele fala que Moisés “deu um fim à alegria simples e civilizou o povo das individualidades ao propósito comunal”⁵⁶, vimos a necessidade do reforço das trincheiras da metanarrativa cristã trabalhada nos moldes de uma exposição bíblica teodramática que respalde todo o desenvolvimento da adoração pública. O culto teodramático sob a ótica redentiva, entre outros objetivos, busca resguardar a identidade da personalidade do Deus Trino contrapondo à tentativa da influência da “utilização da linguagem de fé numa cultura crescentemente povoada por homens psicológicos”⁵⁷, que buscam ser agradados.

Quanto à influência direta ou indireta do subterrâneo religioso de Jung, (que era um filho de pastor), o culto atual em muitas igrejas batistas nos faz buscar em Calvino e Vanhoozer aportes para a utilização da teologia trinitariana⁵⁸ (senso católico e canônico) no que intitulamos de “exposição bíblica teodramática,” que buscará propostas para que a adoração pública não seja condicionada ao consenso

between the old a-prioristic imposition of a theory, and the new tendency to articulate a christian responde to the facts. So, just after the second word war, we begin to have a theology of work, a theology of play, a theology of railways, a theology of sleep, and so on. In the last few years, this tendency has been carried to the point that much that is labelled theology seems to have little to do wich Christian revelation at all.” LASH, 2005, p. 68. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁵⁵ RIEFF, 1990, p. 25.

⁵⁶ RIEFF, 1990, p. 25.

⁵⁷ RIEFF, 1990, p. 229.

⁵⁸ VANHOOZER, Kevin. **A Trindade, as Escrituras e a função do teólogo**: Contribuições para uma Teologia Evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2016b.

cultural da comunidade, influenciada pela articulação de linguagem de fé psicológica do ser humano que precisa ser agradado, ou seja, uma “tentativa de ligar as doutrinas de psicoterapia às velhas fés está obviamente equivocada.”⁵⁹ Um culto onde a preocupação é o bem-estar, mostra indiretamente a influência da nova ambiência do ser humano psicológico. “A nova religiosidade é condescendente. Ela não representa um simples desafio literário, como na época do Iluminismo. Agora, o homem comum e sua namorada são esclarecidos.”⁶⁰

Em contraposição ao culto com linguagem de fé de múltiplas experiências, não podemos defender algo que não reflète a estrutura que o próprio divino trinitário não usou. O problema se dá quando queremos resguardar a comunidade, mas de maneira que a pregação se torna apenas uma comunicação de princípios. Uma exposição bíblica teodramática com o uso da abordagem linguístico-canônica trinitária, onde a questão linguística pós-moderna é um fator de “oportunidade” para tratarmos a exposição bíblica teodramática que destaca um Deus:

[...] do Evangelho, como uma boa notícia que fala e age, um ser pessoal, em vez de objeto, como agência comunicativa ao invés de causalidade impessoal, que combina as melhores partes da herança evangélica: escolástica (intelecto); pietismo (coração); e ativista (vontade) – a fim de encarnar a sabedoria cristã e demonstrar o que significa conhecer e amar a Deus em expressões pessoais e comunitárias da vida. A boa notícia é que os seres humanos não foram excluídos da divina comédia, mas convidados a participar.⁶¹

A dinâmica da abordagem canônico-linguística usada por Kevin Vanhoozer tem similaridades e desencontros com a abordagem linguístico-cultural trabalhada por George A. Lindbeck.⁶² Mas um dos desencontros mais usados nesta tese é a questão da participação do ser humano no processo comunicativo divino, com um ciclo narrativo de diálogo-monólogo. Diálogo em virtude da natureza dramática das Escrituras; monólogo em detrimento desse diálogo conter termos bem definidos na aliança canônica. O desencontro entre os dois (Lindbeck - uso normativo da cultura eclesial x Vanhoozer - uso normativo do cânon) não será a base da presente tese, embora venhamos tratar de tais desencontros no decorrer do diálogo proposto acima.

⁵⁹ RIEFF, 1990, p. 248.

⁶⁰ RIEFF, 1990, p. 33.

⁶¹ RIEFF, 1990, p. 33.

⁶² LINDBECK, George A. **The Nature of Doctrine: Religion and Theology in a Postliberal Age.** Louisville: Presbyterian Publishing Corporation, 2009. (Edição do Kindle).

Uma importante inquietação sobre a mentalidade grega descrita por Vanhoozer diz respeito à sina dos teólogos evangélicos, que:

[...] vivem na casa que Thomás de Aquino construiu. Carl Henry havia alertado que o ideal é um teísmo bíblico (axioma ontológico do Deus vivo que fala e se revela) ao invés do teísmo clássico, ou do aberto ou do deísmo.⁶³

Assim sendo, qual seria a contribuição de uma exposição bíblica teodramática num culto com ênfase no triunfo da terapêutica? A pregação teodramática, que é diferente de uma pregação encenada teatralmente, tem uma proposta que pode diminuir a tensão pós-moderna (culto do “eu”). A exposição bíblica teodramática parte da robusta compreensão da ação de Deus no modo trinitário:

Deus (Pai) convida os eleitos a entrar na assembleia, onde a comunhão com o Filho é realizada através do Espírito Santo. A união em Cristo é um aspecto eclesial em Calvino e Vanhoozer, onde a igreja é o teatro da participação teodramática com foco na pregação e sacramentos. O *telos* desse drama para Calvino e Vanhoozer: a face da igreja surge e se torna visível aos nossos olhos onde quer que vejamos a Palavra de Deus puramente pregada e ouvida e os sacramentos administrados de acordo com a instituição de Cristo. O Pai deseja que a pregação seja mantida para mostrar a si mesmo o Pai, enquanto ele nos alimenta e fornece tudo que contribui para nossa salvação. Palavra pregada é um ministério instituído por Cristo e preservado. Sacramento é auxílio útil para promover e fortalecer a fé. Ambos são meios do homem se aproximar dele. Palavra pregada fielmente e ouvida. Sacramento administrado e recebido fielmente. Sacramento não é arbitrário, pois tem como prova final a regeneração.⁶⁴ (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

Vanhoozer contribui para a nossa tese no sentido de que o culto batista na pós-modernidade só voltará ao eixo cristocêntrico (ápice para Calvino), se for baseado nos fundamentos da e na exposição bíblica, mas numa exposição teodramática, que mostra que a história da redenção se movimenta (evitando o anti-historicismo atual) e colocando ouvinte como participante do drama, mas de modo que o monólogo divino canônico norteie esse diálogo.

O culto, conforme a terapêutica denunciada por Philip Rieff, reivindica um tipo de participação dialógica com um tipo de espiritualidade construída com narrativas individualistas, maculando a grande narrativa histórica-redentiva, que é a busca de Deus em sua ação trinitariana, com o ápice em Cristo, o qual forma sua

⁶³ VANHOOZER, 2016b, p. 13-38.

⁶⁴ BAKER, 2015, p. 2439-3030.

igreja e a alimenta através de si mesmo (sua Palavra pregada). A base da adoração é expositiva, pois a exposição (e teologia bíblica) é mais atenciosa ao enredo total; o ápice da adoração sendo expositiva influencia todos os atos do culto para a metanarrativa, desviando o foco da igreja em sua tentativa de criar um deus à sua imagem e semelhança. É expositiva teodramática, pois, parte de uma exposição que não apenas busca explicar e aplicar conceitos, mas em mover e gerar participação através da ação viva do Espírito Santo, de modo que o fator canônico não deixa criar uma espiritualidade estranha ao próprio Deus; Uma exposição teodramática é um diálogo-monólogo. O sermão é um diálogo com um monólogo bem definido pelo autor do drama.

Em quinto lugar, partindo de Calvino (participação eclesial e dialogal) e Vanhoozer (teodrama comunicacional), trabalharemos a possibilidade e necessidade da exposição bíblica, mas uma exposição bíblica teodramática. Mas de que maneira abordaremos esse tema? Como fruto da pós-modernidade, o ouvinte tem sido o personagem central de muitos cultos, fazendo com que as narrativas pessoais sejam o alvo do culto, com um uso de linguagem de fé que não diz respeito ao cânone bíblico. Dialogaremos com a pós-modernidade, sem cair nos erros dela, mostrando que, embora o ouvinte não seja a parte central do culto, devemos demonstrar que ele faz parte dessa história. Mas como se dá essa participação? Que tipo de diálogo existe na adoração pública. O monólogo sem o diálogo é algo tirano? Que tipo de teologia prática é ideal? Diante da crise da disciplina de teologia prática, como abordar o tema da exposição bíblica de modo que não caiamos nos extremos da ortodoxia e da ortopraxia? No contexto da adoração pública, demonstraremos o valor da exposição bíblica (como parte da liturgia, e não como a única cena), mas como o ápice do diálogo de Deus com seu povo. O Éden revela o padrão estrutural “da comunicação divina como norte para a adoração em todos os tempos, cultura e povos, tendo como ápice redentivo em Cristo. A chamada para a adoração segue o padrão normativo da Palavra.”⁶⁵

⁶⁵ Adão foi colocado no templo do Jardim do Éden como profeta-sacerdote-rei para trabalhar e mantê-lo. Como profeta, ele deveria falar a palavra de Deus com a palavra de Deus; como sacerdote, ele deveria guardar o santuário divino de Deus e mediar as bênçãos de Deus conforme a palavra de Deus; como rei, ele deveria governar conforme a palavra de Deus. Como filho de Deus - e em seus papéis específicos de profeta, sacerdote e rei - Adão foi chamado para adorar a Deus por meio de sua palavra (Gn 2.16-17). “Adam was placed in the Garden-temple of Eden as God prophet-priest-king to work and keep it. As prophet, he was to speak God’s word to God’s word; as priest, he was to guard God’s divine sanctuary and mediate God’s blessing to God’s word;”

Sendo assim, na mediação do Filho de Deus, que cumpriu e aperfeiçoou o triplo ofício de profeta, sacerdote e rei, em que medida a exposição bíblica teodramática é a melhor maneira de conectar os ouvintes ao drama da redenção na adoração pública, de modo que, embora sejam participantes, possam ser constantemente lembrados dos termos da aliança quem é protagonista? Em que medida a exposição bíblica, como parte da adoração pública, é o meio eficaz de levar o ouvinte à identidade na centralidade de Cristo, para que Deus seja glorificado no culto e na vida⁶⁶? Como a exposição bíblica teodramática pode fazer jus aos aspectos formadores da identidade cristã na dinâmica litúrgica batista no Brasil⁶⁷, fazendo com “que a adoração pública⁶⁸ seja firmada na metanarrativa (reabilitando a

as king, he was to rule God’s word. As God’s son – and in his specific roles of prophet, priest, and king – Adam was called to worship God through his word (Gn 2.16-17).” GIBSON, Jonathan. *Worship on Earth as it in Heaven*. In: GIBSON, Jonathan; EARNGEY, Mark. **Reformation Worship: liturgies from the past for the present**. NC: New Growth Press, 2018. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁶⁶ “The Reformers understood the necessity of the written Word for salvation and the importance of the sweep of the Scriptures for the Christian life.” “Os reformadores entenderam a necessidade da Palavra escrita para a salvação e a importância do envolvimento com as Escrituras para a vida cristã.” EARNGEY, Mark. *Soli Deo Gloria: The reformation of worship*. In: GIBSON, Jonathan; EARNGEY, Mark. **Reformation worship: liturgies from the past for the present**. NC: New Growth Press, 2018. p. 29. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁶⁷ Como a história do culto e liturgia não expressa unanimidade no formato, trataremos da base comum necessária a todos os cultos, não caindo nos extremismos muito bem apontados pelo D.A. Carson, onde, por um lado, o “tradicionalismo é visto com suspeita por razões estéticas e, por outro, quando os tradicionalistas que seguem o princípio regulador do culto que vinculam a simplicidade do culto às formas tradicionais de expressão. Não existe uma única passagem no Novo Testamento que estabeleça um paradigma para a adoração coletiva, mas existe um padrão da transição para a nova aliança que faz com que a tradição não controle a adoração, ou seja, a mais rica conformidade com o padrão da nova aliança não é uma rejeição pura e simples do Antigo Testamento, mas o fruto de uma leitura bíblico-teológica da Escritura, que aprende sobre como as partes da revelação escrita se interligam no caminho da trama bíblica. O resultado é uma compreensão maior daquilo que Deus revelou e, idealmente, uma adoração mais profunda e mais rica do Deus que tão maravilhosamente se revelou. CARSON, D. A. *Adoração por meio da Palavra*. In: CARSON, D. A.; KELLER, Timothy. **Louvor: Análise Teológica e Prática**. São Paulo: Thomas Nelson, 2017. p. 11-55.

⁶⁸ Nesse aspecto, seremos melhor servidos com Jeremiah Burroughs (1599-1646). BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração Evangélica**. São Paulo: Editora Puritanos, 2015. p. 191. Smith diz que “o povo de Deus chamado (*ek-klēsia*) para ser igreja já adorava muito antes de receber a doutrina toda organizada ou mesmo antes de ter articulado os elementos de uma cosmovisão cristã. Além disso, continua Smith, já estava empenhado na criação e no desenvolvimento de práticas de adoração muito antes do que hoje chamamos de nossa *Bíblia* emergir e se consolidar. Quando as Escrituras eram ouvidas e lidas no contexto da adoração, elas se comportavam de outra forma. Em vez de serem tratadas como “depósito de fatos” (Charles Hodge), as Escrituras são lidas e tomadas como local da ação divina, como meio de graça, canal transformador do Espírito, parte da pedagogia do desejo. Pode-se dizer que no contexto da adoração, a Escritura constitui um tipo diferente de ato de fala e, portanto, ela é ouvida/recebida de um modo diferente. Smith defende que assim como a adoração precede a formação do cânone bíblico, a participação na adoração cristã precede a formulação da doutrina e a articulação da cosmovisão. A adoração vivida é a fonte da qual brota uma cosmovisão, e não a expressão ou aplicação de algum conjunto cognitivo

essencialidade prática da doutrina) e não nas narrativas dos ouvintes? Nessa dinâmica, em que medida a exposição bíblica teodramática⁶⁹ (e seus princípios adjacentes), pode ser defendida mais do que um método homilético dentro do processo litúrgico, mas como o meio possível e necessário para que as Igrejas Batistas no Brasil (muitas delas) vençam a tensão que há na adoração pública atual: identidade coletiva (metanarrativa redentiva – o mundo como palco da glória de Deus) e identidade individualista⁷⁰ (narrativa pós-moderna do culto do “eu”)? A exposição, embora não seja o único ato pelo qual Deus se comunica na adoração pública, é o ponto central, e seus princípios norteiam toda a dinâmica do culto, por

de crenças já estabelecidas. SMITH, James K. A. **Desejando o Reino**: culto, cosmovisão e formação cultural. São Paulo: Editora Vida Nova, 2018. p. 137. v. 1.

⁶⁹ A tese não parte de um reducionismo no sentido de a pregação expositiva resolver todos os problemas da adoração na igreja pós-moderna, pois eles são limitados e muitas vezes inseguros. Zack Eswine expressa muito bem que “Deus é o rei dos pregadores.” Quando os pregadores enfrentam desafios e sentem que enfrentam o que nenhum outro pregador enfrentou, às vezes pensamos em Deus como se ele fosse um homem velho fora de contato com “esses jovens hoje.” Esse sentimento é compreensível. Os pregadores encontram realidades culturais anteriormente desconhecidas para eles.” O objetivo é outro. Eswine continua nos ajudando ao dizer que “Tudo muda quando, parado na estrada, um pregador percebe que a Bíblia que ele tem nas mãos são os sermões reunidos de Deus. O fato de Deus falar o diferencia de todas as outras divindades. Ele proclama um discurso trino ao mundo: Deus, o Pai, fala (Gn 1: 3); Deus, o Filho, fala (João 1:18); Deus, o Espírito, fala (Atos 4:25). Como Ramesh Richard disse: “A Bíblia é o que Deus criou; sermões são o que fazemos com o que Deus criou.” Em outras palavras, “a Bíblia é Deus pregando.” Isso significa que o sermão de um pregador é sempre “o segundo sermão, o primeiro e o último são os do Espírito Santo, quem primeiro deu a sua palavra e a vivifica no coração dos ouvintes.” “Pregar biblicamente significa muito mais do que pregar a verdade da Bíblia com precisão. Também significa apresentar essa verdade da maneira que os escritores e oradores bíblicos a apresentaram.” A pregação fiel explica tanto a verdade quanto o estilo do texto bíblico. O que resulta é atenção homilética ao assunto e à maneira de comunicação bíblica.” “God is the king of preachers.” When preachers face challenges and feel they face what no other preacher has faced, we sometimes think of God as if he were an old man out of touch with “these young people today.” This feeling is understandable. Preachers find cultural realities previously unknown to them. “The goal is another. Eswine continues to help us by saying, “Everything changes when, standing on the road, a preacher realizes that the Bible he has in his hands is God’s gathered sermons. The fact that God speaks differentiates you from all other deities. He proclaims a triune discourse to the world: God the Father speaks (Gen. 1: 3); God the Son speaks (John 1:18); God the Spirit speaks (Acts 4:25). As Ramesh Richard said: “The Bible is what God created; sermons are what we do with what God created.” In other words, “the Bible is God preaching.” This means that a preacher’s sermon is always “the second sermon, the first and the last, are those of the Holy Spirit, who first gave his word and quickens it in the hearts of the hearers.” “Preaching biblically means much more than preaching Bible truth accurately. It also means presenting this truth in the way that biblical writers and speakers presented it. “Faithful preaching explains both the truth and the style of the biblical text. What results is homiletical attention to the subject and the way of biblical communication.” ESWINE, Zack. **Preaching to a Post Everything Word**. Grand Rapids, EUA: Baker Publishing Group, 2008. (Edição do Kindle), p. 100-103. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁷⁰ João Calvino, ao tratar do mundo como o palco da glória de Deus, traz o elemento bíblico necessário e fundamental para o que deve nortear a adoração pública em toda igreja que se diz cristã, que acredita no binômio contrastante idolatria-adoração, tratado muito bem pela cosmovisão cristã (criação, queda e redenção). Em muitas igrejas batistas no Brasil, tem sido vista a modelagem do contexto do triunfo da terapêutica, tratado por Philip Rieff. RIEFF, 1990.

ser bíblica e por partir da tríade adoração-idolatria-adoração, mais claramente tratado na cosmovisão cristã (criação, queda, redenção⁷¹):

Em sexto, para responder a indagações levantadas, proporemos ao final uma exposição bíblica teodramática como modelo norteador do culto público⁷² batista pós-moderno. Reunindo Calvino (nos aspectos dialogal, eclesial) e Vanhoozer (dramático), como a exposição bíblica teodramática (dialogal-monóloga) contribuirá para o drama pós-moderno?

Os referenciais hermenêutico-homiléticos⁷³ nos ajudarão a usar a própria história, mas com foco renovado e criativo, partindo da autoridade das Escrituras, passando pela pregação histórico-redentiva (herança holandesa), e no drama da redenção⁷⁴, contado e recontando com um fim prático, mas firmado na questão canônica, especificamente na questão dialogal e monólogo. Trataremos a exposição mais do que um processo de treinamento e informação, e nem como a única parte do culto, mas como o ápice do encontro e reencontro redentivo, onde a exposição do Deus Trino entra em diálogo com ouvinte, mas estabelece as regras. A defesa da exposição bíblica teodramática nessa dinâmica se faz necessária em virtude da

⁷¹ “Ao devolver a Palavra de Deus em toda a largura à liturgia, os reformadores também elevaram a pregação da Palavra. Era essencial não apenas para remover os detritos religiosos e culturais, mas também para elucidar claramente o significado das Escrituras e aplicar esse significado ao coração dos adoradores.” “In returning the Word of God in all breadth to the liturgy, the reformers also elevated the preaching of the Word. It was essential not only for removing religious and cultural detritus, but for clearly elucidating the meaning of the Scriptures, and applying this meaning to the hearts of worshipers.” EARNGEY, 2018, p. 30. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁷² O uso da metáfora do drama da redenção nos lembra que a pregação acontece no espaço do culto, onde todo o drama é vivido em várias cenas. O pregador ao expor uma perícopes, fazendo uso da teologia bíblica, não pode pressupor que esteja fazendo o único ato que acontece no drama, isto é, não podemos reduzir o “Dia do Senhor a uma palestra; E se a adoração é reduzida ao sermão, o sermão é frequentemente reduzido a um exercício de exortação e assentimento doutrinário e moral.” HORTON, 2002. James Smith corrobora com Michael Horton nesse sentido: “a proclamação é o momento mais intenso da articulação dessa história, mas a adoração é seu solo nativo, seu hábitat mais apropriado. Fodor lembra que é na liturgia que o cristão é educado e se exercita na lógica escriturística da fé.” SMITH, 2018, p. 198

⁷³ João Calvino, no quesito “autoridade bíblica”, será o referencial básico da tese, que dialogará com teólogos holandeses (pregação histórico-redentiva) e com Kevin Vanhoozer (drama da redenção).

⁷⁴ O drama da adoração na contemporaneidade é tratado por Vanhoozer como uma declaração teológica que não nasce de uma adoração que não se desenvolve em torno do Evangelho de João 4 (“em espírito e em verdade”). O Pai deseja adoradores que adorem em espírito e verdade. Essa dinâmica independe do que se pensa sobre estilos musicais. A adoração deve ser teológica (centrada em Deus) e não antropológica (centrado no eu). A adoração diz respeito, em primeiro lugar, ao que Deus fez e não a como nos sentimos em relação a isso. Todavia, sem a dimensão afetiva, a teologia se aproxima de um verdadeiro deserto e não da Terra Prometida que mana leite e mel – e água do Espírito. Desse modo, deixemos que a adoração aperfeiçoe a teologia, e que a teologia aperfeiçoe a adoração, pois esse é o maior drama da teologia prática – relação terrível entre a teologia e a adoração. VANHOOZER, Kevin. **Quadros de uma Exposição Teológica**. Brasília: Monergismo, 2018. p. 126.

mesma oferecer (junto com a teologia bíblica) o suporte para que o enredo do Deus que fala não se perca entre as muitas narrativas, especificamente no culto público, que tem sido tratado como simples terapia, mas que também não seja reduzido a assentimento doutrinário, pois a doutrina deve conduzir à doxologia.

Quanto às pesquisas na área, identificamos que algumas que se desenvolvem na área de pregação são baseadas em dois cortes na história da homilética: uma que se refere ao panorama geral e outra que se refere à discussão homilética atual. O primeiro corte trata do movimento da pregação tradicional à pregação dialogal (conversacional) tratado pela nova homilética, com uma discussão entre as duas primeiras, buscando uma terceira via hermenêutico-homilética para uma proposta de equilíbrio. A discussão do primeiro corte está sendo tratada por Ahmi Lee.⁷⁵ O segundo corte é dividido em: 1. Histórico-redentor, representado por Bryan Chapell; 2. Cristístico - abordagem teológica crística (pericopal), representado por Abraham Kuruvilla; 3. Teocêntrico, representado por Kenneth Langley; e Evangelho da lei, representado por Paul Scott Wilson. O segundo corte é discutido na obra organizada pelo Dr. Scott Gibson e Matthew Kim, intitulada *"Homiletics and Hermeneutics. Four Views on Preaching Today"*⁷⁶, que discute os quatro pontos de vista, com debates entre os teóricos. Eric Brian Watkins⁷⁷ também está trabalhando conforme o segundo corte, com um foco geral entre a pregação histórico-redentiva e o drama da redenção para propor um ponto de convergência entre a pregação focada na obra de Cristo revelada na história redentora e a pregação focada na aplicação homilética. Mary Patton Baker⁷⁸ trabalhou em Calvino e Vanhoozer com

⁷⁵ O objetivo de Ahmi Lee é "fornecer um tratamento desconstrutivo muito necessário do homilético conversacional e, ao fazê-lo, destacar a limitação de suas tentativas de abordar os problemas do modelo tradicional em detrimento do que não é apenas central, mas também essencial à pregação: confie na capacidade de Deus de se comunicar através das Escrituras." LEE, 2019, p. 11-19

⁷⁶ GIBSON, Scott M.; KIM, Matthew D. (Eds.). **Homiletics and Hermeneutics**. Four Views on Preaching Today. Grand Rapids, MI, EUA: Baker Academic, 2018. p. 178. (Edição do Kindle).

⁷⁷ O objetivo do professor Eric Brian Watkins é "sugerir as maneiras pelas quais o paradigma do Drama da Redenção pode ajudar a avançar o debate sobre a pregação histórico redentiva, além de alguns dos obstáculos anteriores e caricaturas subsequentes." Em particular, a tese dele é a de que um casamento das idéias de RH e DR pode ajudar a superar o falso dilema entre a pregação focada na obra de Cristo, revelada na história redentora, e a pregação focada na aplicação homilética. Assim, ele propõe a união entre os paradigmas de RH e DR, como algo que potencialmente pode superar esse dilema lamentável e criar uma abordagem fiel, nova e proveitosa para pregar o evangelho em uma era pós-moderna.

⁷⁸ BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle).

foco na eucaristia. Ralph Lewis⁷⁹ e Gregg Lewis trabalharam sobre a pregação indutiva, argumentando o pano de fundo narrativo das Escrituras e o modo indutivo utilizado por Jesus, os profetas e os apóstolos. Lewis não deixa claro acerca de uma possível influência direta de autores teodramáticos na sua homilética, mas o uso indutivo com marcas bem definidas na autoridade⁸⁰ metanarrativa demonstram contribuições bem aproximadas da pregação dramática, partindo da criatividade comunicacional divina no processo da criação e redenção revelada progressivamente. O uso indutivo de Ralph Lewis se difere de Fred Craddock, da nova homilética.⁸¹ Christian Smith⁸² fez uma pesquisa apurada sobre a espiritualidade e religiosidade dos adolescentes norte-americanos, acunhando o termo “deísmo moralista terapêutico”, mas nosso foco será a análise em Calvino, com contribuições de Kevin Vanhoozer e Philip Rieff no tocante à vida religiosa de Jung. Jung tinha um pai que era pastor, que viveu um dilema de miséria. Esse problema levou Jung a elaborar uma nomenclatura subterrânea religiosa que traz aportes para a nossa pesquisa sobre a adoração pública nas igrejas batistas no Brasil. Tal pesquisa se restringe a essa denominação, não significando que tais fenômenos se restrinjam a ela. Guy Davies⁸³ escreveu um capítulo numa das obras de Vanhoozer⁸⁴, destacando alguns aspectos da pregação teodramática.

Quanto à presente tese e às pesquisas citadas, no tocante a Guy Davies, embora estejamos falando do mesmo assunto, e o referido autor tenha trazido uma rica contribuição com um capítulo dentro de uma das obras de Vanhoozer, não explorou tudo o que pretendemos falar aqui. Ao usar a terminologia “exposição bíblica teodramática”, iremos explorar um pouco mais os aspectos da abordagem

⁷⁹ LEWIS, Ralph; LEWIS, Gregg. **Pregação Indutiva**: Como Pregar de Modo que as Pessoas Ouçam. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

⁸⁰ Ralph Lewis diz que “o melhor meio que ele conhece para envolver os ouvintes na parte do processo de comunicação do Evangelho é a indução. O maior questionamento dos expositores tradicionais é no tocante à autoridade bíblica, a qual Lewis responde: a Bíblia que Deus inspirou e consagrou como sua própria Palavra é um registro da experiência humana com ele. Relatos da experiência humana podem e devem fazer em nossos sermões o que eles fazem na Bíblia, isto é, introduzir, ilustrar, preparar as pessoas e conduzi-las até a suprema verdade e autoridade de Deus.” LEWIS; LEWIS, 2003, p. 153.

⁸¹ São usos indutivos diferentes. Timothy Keller argumenta que Craddock “achava que as pessoas não aceitavam a autoridade da Bíblia tampouco a do pregador quando lhes diziam como viver.” Foi então que ele insistiu para que a pregação tivesse histórias com final aberto, que permitissem ao ouvinte tirar suas próprias conclusões. KELLER, Timothy. **Pregação**: Comunicando a Fé na Era do Ceticismo. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 53.

⁸² SMITH; DENTON, 2005.

⁸³ DAVIES, 2016, p. 229-230.

⁸⁴ VANHOOZER; STRACHAN, 2016.

canônico-linguística. Não iremos discutir o primeiro corte tratado por Ahmi Lee, visto que entendemos que a Nova Homilética, embora tenha tido força, não consolidou sua escola e não entra no debate da pesquisa homilética no Brasil (embora reverbere). Não iremos também tratar da tensão entre as quatro visões da homilética e hermenêutica para a pregação atual. Trataremos de aspectos tratados por Erick Watkins, mas faremos um corte específico, ao tratar da adoração cristã na igreja batista brasileira na tensão entre o culto terapêutico e a possibilidade e necessidade da exposição bíblica como norteador da adoração pública para a tensão pós-moderna (que revela desafios e oportunidades).

Colocaremos três gigantes em diálogo: João Calvino, Kevin Vanhoozer e Philip Rieffer. Embora não tenhamos como objetivo tratar da discussão sistemático-filosófica, bem delineada por Mary Patton Baker⁸⁵, que tratou da continuidade entre Calvino e Vanhoozer no aspecto da ontologia comunicativa, no aspecto da *eucaristia*, alguns insights de Baker são importantes para a presente pesquisa, especificamente quando trata da continuidade entre Calvino e Vanhoozer.

O valioso trabalho de Mary Patton⁸⁶ identifica que entre Calvino e Vanhoozer há uma continuidade e contribuição teológica. Quanto à contribuição de Ralph Lewis, embora ele trate da participação do ouvinte no processo indutivo, com a

⁸⁵ A “ontologia comunicativa” de Kevin Vanhoozer como não apenas útil para entender as suposições ontológicas de João Calvino, mas consistente com a auto-apresentação de Deus nas Escrituras [...] Há uma utilidade da ontologia comunicativa divina de Vanhoozer para entender Calvino. O pensamento de Vanhoozer centra-se nas ações comunicativas divinas inerentes ao teodrama da redenção, nas ações comunicativas ordenadas e nas interações da vida interior e exterior de Deus. Além disso, Vanhoozer exegeta o teodrama remitologizando. Estas são as duas pedras angulares do pensamento de Vanhoozer: conceber os atos criativos e sustentadores de Deus na criação e em relação à humanidade como teodramáticos e a interpretação desses atos como remitologizante.” Kevin Vanhoozer’s “communicative ontology” as not only useful for understanding John Calvin’s ontological assumptions, but consistent with God’s self-presentation in Scripture ... There is a utility in Vanhoozer’s divine communicative ontology for understanding Calvin. Vanhoozer’s thinking focuses on the divine communicative actions inherent in the theodrama of redemption, the ordered communicative actions, and the interactions of God’s inner and outer life. In addition, Vanhoozer exegetes the theodrama by remythologizing. These are the two cornerstones of Vanhoozer’s thinking: to conceive of God’s creative and sustaining acts in creation and in relation to humanity as theodramatic and the interpretation of these acts as remythologizing.” BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁸⁶ A interpretação de Vanhoozer sobre o mito bíblico revela que os seres humanos e Deus são dois tipos separados de seres, divino e humano, mas, contra o mal-entendido da Ortodoxia Radical da ontologia da aliança de Calvino, não precisam permanecer separados. Ao convidar os seres humanos para a comunhão do círculo comunicativo trino dialógico do amor, a restauração daquilo que foi separado no Jardim foi restaurada. Vanhoozer também se baseia no trabalho da teologia de Oliver Davies da comunicação e compaixão divinas para ilustrar ainda mais esse conceito. BAKER, 2015, p. 2762.

autoridade bíblica bem definida no processo comunicativo, o autor faz um corte mais abrangente, que se difere da presente tese.

O movimento hermenêutico-homilético deve ter a preocupação de como as propostas serão eficazes aos pregadores e ouvintes semanalmente. Expositores são mais do que portadores de informações, mas tem como missão pregar a “Cristo, aplicando o texto das Escrituras, com o fim transformacional, com criação de disposições para a formação do caráter cristão, tudo para a glória de Deus.”⁸⁷ O movimento hermenêutico influencia toda a teologia inclusive e como consequência final o púlpito, entre a modernidade⁸⁸ e pós-modernidade⁸⁹, tem a dinâmica: intenção

⁸⁷ "Christ, applying the text of Scripture, with the transformational end, with making provisions for the formation of Christian character, all to the glory of God." VANHOOZER, 2009, p. 154-160. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

⁸⁸ "To call a theology "modern" is to situate it in a familiar narrative about the Enlightenment or to point out certain family resemblances (for example, critical, scientific) between the thinking of exegetes and theologians and their secular counterparts. No such consensus exists, however, with regard to the term "postmodern." Yet in the past twenty years or so postmodernity has become a concept that is as indispensable for understanding contemporary Western thought and culture as modernity has been for understanding the past three hundred years. For some, postmodernity marks the end of theology; for others, it is a new beginning. What is undeniable is that a number of theologians have now accepted this adjective as an accurate qualification of their approach to theology. Any genuine grasp of the present situation in theology, therefore, must come to grips with the various ways in which these theologians understand and appropriate "the postmodern." "Chamar uma teologia de "moderna" é situá-la em uma narrativa familiar sobre o Iluminismo ou apontar algumas semelhanças familiares (por exemplo, críticas, científicas) entre o pensamento de exegetas e teólogos e seus colegas seculares. Entretanto, não existe esse consenso com relação ao termo "pós-moderno". No entanto, nos últimos vinte anos, a pós-modernidade tornou-se um conceito tão indispensável para a compreensão do pensamento e da cultura ocidentais contemporâneos quanto à modernidade para a compreensão dos últimos trezentos anos. Para alguns, a pós-modernidade marca o fim da teologia; para outros, é um novo começo. O que é inegável é que vários teólogos agora aceitaram esse adjetivo como uma qualificação precisa de sua abordagem à teologia. Qualquer compreensão genuína da situação atual em teologia, portanto, deve se deparar com as várias maneiras pelas quais esses teólogos entendem e se apropriam "do pós-moderno." VANHOOZER, Kevin. *The Cambridge Companion to Postmodern Theology*. New York, EUA: Cambridge University Press, 2003, p.194. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁸⁹ "Yet postmodernity is as essentially contested a concept as it is an indispensable one – a sure sign of its importance for society and the academy alike. No one discipline has a monopoly on its definition; indeed, "postmodern" turns up in contexts as diverse as art and architecture, on the one hand, and philosophy and cultural studies, on the other. Though its proponents typically resist hegemonic "metanarratives" that purport to offer universal theories which construe reality from a "God's-eye point of view," there is nonetheless something ambitious about the very concept of the postmodern. For to be postmodern is to signal one's dissatisfaction with at least some aspect of modernity. It is to harbor a revolutionary impulse: the impulse to do things differently." "No entanto, a pós-modernidade é um conceito tão essencialmente contestado quanto indispensável - um sinal seguro de sua importância para a sociedade e a academia. Nenhuma disciplina tem monopólio sobre sua definição; de fato, o "pós-moderno" aparece em contextos tão diversos quanto arte e arquitetura, por um lado, e estudos de filosofia e cultura, por outro. Embora seus proponentes tipicamente resistam a "metanarrativas" hegemônicas que pretendam oferecer teorias universais que interpretam a realidade do "ponto de vista de Deus", ainda assim há algo ambicioso no próprio conceito de pós-moderno. Ser pós-moderno é sinal de insatisfação com pelo menos algum aspecto da modernidade. É abrigar um impulso revolucionário: o impulso de fazer as coisas de

autoral – texto - leitor/ouvinte. Nesse contexto, temos cinco modelos de pregação que a contemporaneidade apresenta, envolvendo a amplitude denominacional, são apresentadas por Stephen I. Wright da seguinte forma: “expositiva, reapresentação, narrativa, litúrgica e teológica local.”⁹⁰ Abraham Kuruvilla⁹¹, ao criticar a posição do

maneira diferente.” VANHOOZER, Kevin. *The Cambridge Companion to Postmodern Theology*. New York, EUA: Cambridge University Press, 2003, p.195. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁹⁰ “Local expository, re-presentation, narrative, liturgical and theological WRIGHT, Stephen I. Use of the Bible in Preaching. *In*: VANHOOZER, Kevin. **Dictionary for Theological Interpretation of The Bible**. Grand Rapids: Baker Academic, 2005. p. 620. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁹¹ Abraham Kuruvilla defende a posição hermenêutico-homilética pericopal. O referido docente tem um rico arcabouço de publicações homiléticas e recursos de debates entre linhas de pensamentos no portal *Homiletix*, local onde tece alguns *reviews* de obras publicadas. VANHOOZER, 2009, p. 154-160. Este revisor considera a proposta de Vanhoozer a mais promissora das quatro'. Em sua resposta a Kaiser, Vanhoozer afirma: “Em vez de isolar um princípio que devemos tornar relevante para a nossa situação, precisamos explicar a principal ação teodramática e implicar nela a situação contemporânea. Em suma, a tarefa não é transformar a Bíblia (isto é, em princípios atemporais) para que ela possa entrar em nosso mundo, mas nos transformar (isto é, nossos hábitos de visão) para que possamos entrar no mundo implícito da Bíblia. (62) Em seu artigo, emprestado de Ricoeur, Vanhoozer observa que um autor bíblico projeta um mundo possível e escatológico, um mundo divino. Neste mundo, o discípulo de Cristo é convidado a entrar. “Entender um texto, então, é envolver o mundo ‘na frente dele’, o mundo que está diante dos olhos curiosos do leitor” e ‘habitar’ o mundo que ele projeta” (166). Essa pode ser uma abordagem muito lucrativa para a homilética na mudança da Bíblia para a teologia. Pode-se conceber cada pericope das Escrituras exibindo uma pequena fatia daquele mundo canônico maior - um mundo que Deus abre para a habitação de seu povo, à medida que cumprem suas prioridades, princípios e práticas. Este é um mundo que seria e poderia ser, se o povo de Deus se alinhasse a ele. É bem possível que projetar esse segmento mundial seja o que o autor está fazendo com o que está dizendo: “Compreender um discurso é compreender o que um autor está fazendo com seu discurso” (166). Como alguém determinaria essa visão do mundo pericopal a partir do texto - uma teologia pericopal? Que “ajudaria a igreja de maneira criativa e fiel a continuar o caminho, a verdade e a vida de Jesus Cristo. Infelizmente, nenhuma resposta é fornecida.” This reviewer considers Vanhoozer's proposal the most promising of the four '. In his reply to Kaiser, Vanhoozer states: “Instead of isolating a principle that we must make relevant to our situation, we need to explain the main theodramatic action and imply the contemporary situation in it. In short, the task is not to transform the Bible (that is, timeless principles) so that it can enter our world, but to transform us (that is, our habits of vision) so that we can enter the world implicit in the Bible. (62) In his article, borrowed from Ricoeur, Vanhoozer notes that a biblical author designs a possible and eschatological world, a divine world. In this world, the disciple of Christ is invited in. “To understand a text, then, is to involve the world ‘in front of it’, the world that lies before the reader's prying eyes ‘and’ inhabit ‘the world he projects’ (166). This can be a very lucrative approach to homiletics in the shift from the Bible to theology One can conceive of each pericope of Scripture by displaying a small slice of that larger canonical world - a world that God opens to the habitation of his people as they fulfill their priorities, principles, and practices. This is a world that would and could be, if God's people would align themselves with it. It is quite possible that designing this world segment is what the author is doing with what he is saying: “To understand a discourse is to understand what a author is doing with his speech ”(166). How would one determine this view of the pericopal world from the text - a pericopal theology? That” would help the church creatively and faithfully to continue the way, the truth, and the life of Jesus Christ. Unfortunately, no answer is provided.” KAISER, Walter C. et al. *Four Views on Moving Beyond the Bible to Theology*. **Homiletix**. Disponível em: <<https://homiletix.com/preaching-resources/reviews/four-views-on-moving-beyond-the-bible-to-theology-by-walter-c-kaiser-daniel-m-dorioni-kevin-j-vanhoozer-and-william-j-webb-zondervan-2009/>>. Acesso em: 06 out. 2019. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

drama da redenção, defendido por Kevin Vanhoozer, traz uma preocupação homilética importante, mas Bryan Chapell⁹² o responde com propriedade sobre o papel abrangente da teologia não excluir a análise da perícopa. A preocupação homilética de Kuruvilla é válida, mas passível de ser tratada na presente tese com o uso da teologia bíblica, que não despreza a análise pericopar, fazendo jus às implicações práticas seja do texto, seja da teologia bíblica. Adotaremos o modelo da cosmovisão cristã, entendendo que, embora James Smith, um brilhante teólogo da atualidade, defenda com muita propriedade a ordem “da adoração à cosmovisão” e

⁹² Kuruvilla diz que “devemos focar no que o autor está fazendo com o que está dizendo naquele texto em particular, a fim de obter uma aplicação válida para os leitores. A afirmação posterior no ensaio de Kuruvilla de que, “diferentemente da teologia pericopar, a operação da teologia bíblica tende a ser mais geral, pois desenvolve temas bíblicos amplos em todo o cânone” (58) cria um ou / ou desnecessário. Não conheço nenhum teólogo bíblico credível que considere desnecessário examinar cada perícopa em detalhes. Simplesmente insistimos que é necessário examinar o contexto (imediatos e canônicos) e o texto - para operar de maneira sintética e atomística - a fim de determinar o que o autor está fazendo com o que ele inspira seus autores a dizer. A ideia de que o “mundo na frente do texto” identifica “o convite gracioso de Deus à humanidade para viver em seu mundo ideal, respeitando o impulso dessa perícopa” (56) é um conceito rico e útil. Luto, no entanto, com a conclusão que se segue: “Como somos cativados pela visão do mundo ideal de Deus, os vários aspectos da vida cristã, individual e coletiva, estão gradualmente - uma perícopa de cada vez - sendo alinhados com a vontade de Deus” (56). Sim, isso faz parte da história. Mas a outra parte da história é, como Kuruvilla afirma, que “somente Jesus Cristo obedeceu de maneira abrangente à teologia de toda a perícopa das Escrituras” (59). Assim, pregar a aplicação pericopar de qualquer texto, além da identificação da graça acompanhante, inerente e necessária de Deus, condena automaticamente os ouvintes humanos ao fracasso e julgamento contra o padrão de Jesus. Esta não pode ser a totalidade das boas novas que devemos proclamar. Kuruvilla sabe disso e, como o excelente pregador do evangelho que ele é, aborda a questão em sua lógica homilética, dizendo: “O relacionamento sempre precede a responsabilidade” (64). Ele acrescenta: “[A santificação contínua] é toda graça, mas há responsabilidade cristã” (68). “We should focus on what the author is doing with what he is saying in that particular text in order to get a valid application for readers. The later statement in Kuruvilla's essay that, “unlike pericopar theology, the operation of biblical theology tends to be more general because it develops broad biblical themes throughout the canon” (58) creates one or / or unnecessary. I know no credible biblical theologian who finds it unnecessary to examine each pericopa in detail. We simply insist that it is necessary to examine the context (immediate and canonical) and the text - to operate synthetically and atomistically - in order to determine what the author is doing with what he inspires his authors to say. The idea that the “world in front of the text” identifies “God's gracious invitation to humanity to live in its ideal world, respecting the impulse of this pericopa” (56) is a rich and useful concept. However, I struggle with the following conclusion: “As we are captivated by God's vision of the ideal world, the various aspects of Christian life, individual and collective, are gradually - one pericopa at a time - being aligned with the will of God. God” (56). Yes, that is part of the story. But the other part of the story is, as Kuruvilla states, that “only Jesus Christ has comprehensively obeyed the theology of the whole pericopa of Scripture” (59). Thus, preaching the pericopar application of any text, in addition to identifying God's accompanying inherent, necessary grace, automatically condemns human listeners to failure and judgment against the standard of Jesus. This cannot be the whole of the good news we must proclaim. Kuruvilla knows this and, as the excellent preacher of the gospel he is, addresses the issue in his homiletical logic, saying, “Relationship always precedes responsibility.” He adds: “[Continuous sanctification] is all grace, but there is Christian responsibility” (68). CHAPPELL, Bryan. *Redemptive-Historic View*. In: GIBSON, Scott M.; KIM, Matthew D. **Homiletics and Hermeneutics. Four Views on Preaching Today**. Grand Rapids, MI, EUA: Baker Academic, 2018. p. 71-73. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

não “da cosmovisão à adoração,” entendemos que a primeira fornece elementos para a segunda, que conseqüentemente formaliza os fundamentos históricos da adoração da igreja cristã. Kevin Vanhoozer reforça dizendo que:

[...] a teologia emerge da adoração e nos conduz de volta a ela, devendo ser teológica: deve refletir o entendimento da fé de quem Deus é e do que ele realizou. Essa adoração também é coletiva, pois o que esse Deus realizou formou um povo.⁹³

A pesquisa proposta pelo autor é resultado do desenvolvimento acadêmico na Faculdades EST. Partindo do Mestrado em Teologia Prática, com concentração em Mídia, Espiritualidade e Música (dissertação: “O Evangelho na Mídia de Radiodifusão: Um Estudo sobre o Conteúdo e Forma da Pregação”), no doutorado o autor tem apresentado uma proposta de demonstrar a necessidade do retorno da exposição bíblica teodramática na adoração pública no âmbito batista no Brasil.

Partindo do objeto de pesquisa, foram delineados o objetivo geral e os específicos. O geral é investigar sobre a possibilidade e necessidade do uso da pregação expositiva teodramática no âmbito batista brasileiro, com base no pressuposto acima citados. A possibilidade será defendida baseada no reformador João Calvino em diálogo ao paradigma do drama da redenção tratada por Kevin Vanhoozer, que “é a ideia sobreposta da teologia “canônico-linguística”⁹⁴ (que está

⁹³ VANHOOZER, 2018, p. 126.

⁹⁴ A discussão hermenêutica atual dentro da proposta da tese passa por Kevin Vanhoozer que fomenta uma hermenêutica canônico-linguística. “A virada linguístico-cultural, característica da teologia pós-liberal e outros tipos de teologias pós-modernas é um lembrete marcante de que a teologia existe para servir a vida da igreja. No entanto, a virada para a prática eclesial parece ter se dado à custa da autoridade bíblica. A abordagem canônico-linguística tem muito em comum com sua prima, a abordagem linguístico-cultural. Ambas concordam que significado e verdade estão fundamentalmente relacionados ao uso da linguagem; no entanto, a abordagem canônico-linguística sustenta que, em última instância, o uso normativo não é o uso da cultura eclesial, mas do cânon bíblico.” VANHOOZER, 2016a, p. 33. Stanley Porter cita outras quatro posições, entre elas: “Craig Blomberg traz a visão histórico-crítico / gramatical. Scott Spencer assume a visão “literária / pós-moderna.” É uma abordagem inteligente: texto final (forma final do texto), contexto (coerência com o texto adjacente), intertexto (dualidade), contexto (circunstâncias da redação) e texto aberto (envolvimento do público em todos os lugares). Merold Westphal trata da visão filosófica / teológica. Ele é a favor de uma “dupla hermenêutica”: o que o autor disse ao público original? e o que Deus está dizendo agora para apresentar os leitores? Richard Gaffin representa a visão “Redentor-Histórico”. Como esperado, isso é cristocêntrico e ele faz da história da redenção o ponto principal de suas transações interpretativas: “O assunto da revelação é a redenção.” Robert Wall traz sua visão “canônica.” Ele descreve sua abordagem olhando as Escrituras como um texto humano, sagrado, único, modelado e pertencente à igreja.” “Craig Blomberg brings the historical-critical / grammatical view. Scott Spencer takes the “literary / postmodern” view. It is a smart approach: final text (final text form), context (coherence with adjacent text), intertext (duality), context (drafting circumstances), and open text (public involvement everywhere). Merold Westphal deals with the philosophical / theological view. He is in

no coração da hermenêutica da história da redenção), pois ela procura fazer justiça à unidade factual das Escrituras que culmina na pessoa e no trabalho do Cristo redentor, uma metanarrativa abrangente.”⁹⁵ A contribuição da hermenêutica canônico-linguística faz jus aos contrapontos necessários ao problema cultural-linguístico. Buscar-se-á também fundamentar a tese através da abordagem comunicacional filosófica da multiperspectiva. A possibilidade sinfônica é um caminho honesto, inteligente e dialogal com outras áreas que também são afetadas pelo dilema humano. A tese servirá de aporte à área de teologia prática, onde a aplicaremos quanto à necessidade do uso da pregação expositiva no ambiente batista brasileiro.

Os específicos: Averiguar o processo dos aspectos históricos da pregação expositiva na trajetória homilética; Analisar o pressuposto teológico e trajetória homilética em João Calvino; Descrever a linha histórica dos teóricos da pregação expositiva e outros que contribuíram na história da pregação; tratar do uso devido do método expositivo; Defender a possibilidade da exposição bíblica no contexto protestante batista brasileiro: do aspecto teológico ao comunicacional e filosófico-hermenêutico; Defender a necessidade da exposição bíblica teodramática no contexto protestante batista brasileiro pós-moderno: diálogo e monólogo na comunicação cristã na adoração pública, com a delimitação da autoridade canônica.

O referencial teórico do objeto de pesquisa tem como base principal o reformador João Calvino.⁹⁶ Quanto aos subsídios teóricos dialogais, usaremos os teólogos influenciados pela teologia holandesa que foram responsáveis por resgatarem a teologia bíblica do liberalismo teológico, como recurso tanto para a pregação como para as demais disciplinas teológicas. Kevin Vanhoozer⁹⁷ e Phip

favor of a “double hermeneutic”: what did the author say to the original audience? and what is God saying now to introduce readers? Richard Gaffin represents the “Redeemer-Historical” view. As expected, this is Christocentric and he makes the story of redemption the main point of his interpretative transactions: “The subject of revelation is redemption.” Robert Wall brings his “canonical” view. He describes his approach by looking at Scripture as a human, sacred, unique, modeled, and church-owned text.” PORTER, Stanley E.; STOVELL, Beth M. (Eds.). **Biblical Hermeneutics: Five Views**. InterVarsity, 2012. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁹⁵ WATKINS, 2016, p. 25.

⁹⁶ CALVINO, 2006. v. 4; CALVINO, João. **Sermões em Efésios**. Brasília: Monergismo, 2009; CALVINO, 2006. v. 1; CALVINO, 2006. v. 2; CALVINO, 2015.

⁹⁷ VANHOOZER, 2019, p. 1516-1517. (Edição do Kindle); VANHOOZER, Kevin. **Encenando o Drama da Doutrina. Teologia a Serviço da Igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2016b. p. 176; VANHOOZER, 2016a, p. 187; VANHOOZER, 2018, p. 95; VANHOOZER, Kevin. **Há um significado neste texto? Interpretação Bíblica: os enfoques contemporâneos**. São Paulo: Vida

Rieff acompanharão João Calvino na jornada teórica. Hans Hurs von Balthasar⁹⁸ e Oliver Davies⁹⁹, que influenciaram Kevin Vanhoozer também contribuirão. Quanto ao desenvolvimento da pregação na história da igreja, Orígenes,¹⁰⁰ William Perkins¹⁰¹, John Broadus¹⁰², T.H.L. Parker¹⁰³ Edwin Charles Dargan¹⁰⁴, e O. C. Edwards Jr.¹⁰⁵, Benjamim Forrest,¹⁰⁶ e outros nos darão suporte ao conteúdo da história da pregação propriamente dita. São subsídios suficientes para desenvolver os seis capítulos da monografia. A história dos pregadores batistas ingleses¹⁰⁷ servirá de aporte para a pesquisa da adoração pública na transição batista inglesa aos dias atuais.

Acadêmica, 2005; VANHOOZER; STRACHAN, 2016; VANHOOZER, Kevin. **Teologia Primeira**. São Paulo: Shedd, 2016c. p. 298.

⁹⁸ BALTHASAR, 2004; BALTHASAR, Hans Urs von. **A Verdade é Sinfônica**: aspectos do pluralismo cristão. São Paulo: Paulus, 2018.

⁹⁹ DAVIES, 2004.

¹⁰⁰ ORÍGENES. **Homilias sobre o Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulus, 2016.

¹⁰¹ DARGAN, Edwin Charles. **A History of Preaching**: From the Apostolic Fathers to the Great Reformers, A.D. 70-1572. England: Forgotten Books, 2015.

¹⁰² PERKINS, William. **A Arte de Profetizar**. Brasília: Monergismo, 2018.

¹⁰³ BROADUS, John A. **Sobre a Preparação e a Entrega de Sermões**. São Paulo: Hagnos, 2009.

¹⁰⁴ PARKER, T. H. L. **Os Oráculos de Deus**: uma introdução à Pregação de João Calvino. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

¹⁰⁵ EDWARDS JR., O. C. **A History of Preaching**. Nashville TN, EUA: Abingdon Press. 2004. p. 767. v. 1. (Edição do Kindle).

¹⁰⁶ FORREST, Benjamin K. 1.ed. **A História da Pregação**: Dos Apóstolos aos Revivalistas, v. 1 / Benjamin K. Forrest [et al.]; tradução de Markus Hediger. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020; FORREST, Benjamin K. 1.ed. **A História da Pregação**: Do Iluminismo aos dias atuais, v. 2 / Benjamin K. Forrest [et al.]; tradução de Markus Hediger. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

¹⁰⁷ NETTLES, Tom J. **James Petigru Boyce**: A Southern Baptist Statesman. New Jersey: P&R Publishing, 2009; NETTLES, Tom J. **A Foundation For The Future**. The Southern Baptist Message and Mission. Cape Coral: Founders Press, 1997. NETTLES, Tom J. **By His Grace and for his glory**: A Historical, Theological and Practical Study Of the Doctrines of Grace in Baptist Life. Cape Coral: Founders Press, 2006; NETTLES, Tom J. **Stray Recollection, Short Articles and Public Oration of James Boyce**. Cape Coral: Founders Press, 2009; REISINGER, Ernest C.; ALLEN, Matthew. **Worship**: The Regulative Principle and Biblical Practice of Accommodation. Cape Coral: Founders Press, 2001; ASCOL, Thomas K. **From the Protestant Reformation to the Southern Baptist Convention**. What Hath Geneva To Do With Nashville? Revised edition. Cape Coral: Founders Press, 2013; ASCOL, Thomas K. **Traditional Theology and the SBC**: An Interaction with and Response to the Traditional Statement of God's Plan of Salvation. Cape Coral: Founders Press, 2018. ASCOL, Thomas K. (Ed.). **Reclaiming the Gospel and Reforming Churches**: The Southern Baptist Founders Conference 1982-2002. Cape Coral: Founders Press, 2003; HAYKIN, Michael A. G.; DUKE, Roger D.; FULLER, A. James. **Soldiers of Christ**. Selections from the Writings of Basil Manly., and Basil Manly Jr. Cape Coral: Founders Press, 2009; CARROL, B.H. **An Interpretation of the English Bible**. Edited by J. B. Cranfill. James 1st and 2nd Theassalonians 1st and 2nd Corinthians. Louisiana: Lifeway Christian Book Stores. REISINGER, Ernest C.; ALLEN, Matthew. **Beyond Fivepoints**. Cape Coral: Founders Press, 2002.

No capítulo primeiro, demonstraremos como aconteceu a revelação especial através das Escrituras, e como a exposição da mesma (leitura, explicação e aplicação) é primordial para a salvação e santificação (formação da identidade do povo de Deus). Trataremos neste capítulo acerca dos aspectos históricos da exposição bíblica na trajetória bíblica até os dias atuais.

No capítulo segundo, falaremos sobre o pressuposto teológico em Calvino: vida, obra e missão, com destaque no seu apreço pela revelação bíblica e influência e contornos de sua pregação. No final do capítulo, faremos uma transição da hermêutica de Calvino e Vanhoozer. Nessa transição, deixaremos claro que Vanhoozer é “compatível com Calvino, pois ambos trabalham a compreensão comunicativa da participação em Cristo.”¹⁰⁸

No capítulo terceiro, destacaremos o uso correto da pregação expositiva, e logo após discorreremos sobre os preconceitos contra o uso da pregação expositiva no contexto batista brasileiro, abrindo caminho para a defesa da possibilidade e necessidade da pregação expositiva teodramática. Traçaremos o problema pós-moderno e partir daí, lançaremos os alicerces da proposta a partir do ponto de equilíbrio hermenêutico e homilético e os pontos finais da exposição bíblica teodramática e os aspectos adjacentes do diálogo e monólogo. Defenderemos o diálogo do pressuposto teológico em João Calvino com o paradigma do drama da redenção que é a ideia sobreposta da teologia “canônico-linguística” (que está no coração da hermenêutica da história da redenção). “Mostraremos que Vanhoozer traz clareza ao pensamento de Calvino ao fazer justiça à unidade pactual das Escrituras que culminou na pessoa e no trabalho do Cristo Redentor, uma metanarrativa abrangente.”¹⁰⁹ Vanhoozer demonstrará que essa mesma categoria comunicativa será usada para se referir a Deus de modo dramático. Sendo assim, “Vanhoozer nos ajudará a compreender Calvino no aspecto da aliança e comunicação (pneumatologia bíblica), gerando coesão de seus julgamentos e

¹⁰⁸ “Compatible with Calvin, for both work the communicative understanding of participation in Christ.” BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

¹⁰⁹ “We will show that Vanhoozer brings clarity to Calvin's thinking by doing justice to the covenant unity of Scripture that culminated in the person and work of Christ the Redeemer, a comprehensive metanarrative.” WATKINS, 2016, p. 25. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

doutrinas (ação comunicativa do Pai, através do Filho e da ação do Espírito), intitulada de ontologia remitologizada.”¹¹⁰ Os dois pilares de Vanhoozer são:

1. Conceber os atos criativos e sustentadores de Deus na criação e em relação à humanidade como teodrama; 2. Interpretação desses atos como remitologizantes. Calvino fundamenta a compreensão dos sacramentos com base nas Escrituras. Vanhoozer utiliza essa base como modelo para desenvolver a teologia bíblica e canônica aplicando o valor para a pós-modernidade.¹¹¹ (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

Buscaremos também o diálogo crítico, interdisciplinar e transversal entre o pressuposto teológico acima descrito, com os pressupostos comunicacionais e filosóficos, em detrimento da dinâmica dos movimentos humanos atingirem não somente a teologia, como também outras áreas do saber. O aspecto comunicacional e filosófico partirá da dinâmica trinitariana como chave hermenêutica para a defesa da tese. Vern Poythress contribui nesse diálogo.¹¹²

No final do capítulo quatro, serão delineadas as questões da necessidade da exposição bíblica. Aqui entrarão os desdobramentos da pesquisa em teologia prática. Será defendido que a exposição bíblica teodramática é delineadora da adoração pública, que se faz necessária em virtude da mesma oferecer o suporte para que o enredo do Deus que fala não se perca entre as muitas narrativas do culto do “eu.” Os aspectos do diálogo e monólogo comunicacional evitarão os extremos da pregação no contexto moderno e da atualidade pós-moderna, e tornará mais robusta

¹¹⁰ “Vanhoozer will help us understand Calvin in the aspect of covenant and communication (biblical pneumatology), generating cohesion of his judgments and doctrines (communicative action of the Father, through the Son and the action of the Spirit), called remythologized ontology.” BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

¹¹¹ 1. To conceive of God's creative and sustaining acts in creation and in relation to humanity as theodrama; 2. Interpretation of these acts as remitologizers. Calvin underlies the understanding of the sacraments based on the Scriptures. Vanhoozer uses this foundation as a model for developing biblical and canonical theology by applying value to postmodernity. BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

¹¹² “Não sabemos com absoluta precisão o que um termo como cavalo significa. Nem sabemos o que exatamente significam os termos essencial e accidental. Podemos ampliar o princípio para todas as palavras em linguagem natural. Elas têm de fato algum significado: a palavra cavalo não significa o mesmo que a palavra rato. Podemos nos comunicar significativamente por causa das estabilidades que são próprias às palavras. Mas os termos trazem imprecisões, relações contextuais e relações do uno e do múltiplo incorporadas neles – nenhuma das quais Aristóteles queria reconhecer. O caráter multidimensional de nossas palavras, nossos conceitos e nossa linguagem refletem o mistério do caráter trinitário de Deus. Fazemos um desserviço a nós mesmos se agimos como se pudéssemos dominar os significados com perfeição e dominar a linguagem que usamos. Visto que a linguagem e o pensamento são coerentes, o mesmo vale para o nosso pensamento teológico. É importante entendermos as origens trinitarianas da linguagem nesse processo.” POYTHRESS, Vern S. **Redimindo a Filosofia: Uma Abordagem Teocêntrica às Grandes Questões**. Brasília: Monergismo, 2019. p. 169.

o uso da metanarrativa histórico-redentiva. Tal diálogo e monólogo amplia a defesa da exposição bíblica no púlpito batista brasileiro, pois traz ferramentas apuradas que contrapõe o culto do “eu.” O capítulo é uma proposta de exposição bíblica teodramática, com os seguintes tópicos: Neste capítulo, serão delineadas cinco máximas da exposição bíblica teodramática: 1) um diálogo e monólogo da compaixão; 2) Um diálogo e monólogo contado e recontado com a amplitude literária; 3) Um diálogo e monólogo com espiritualidade comunitária e razão. Neste ponto, traremos considerações sobre a música, o ouvinte e a espiritualidade. 4) Um diálogo e monólogo que evita os extremos da modernidade e pós-modernidade; 5) Um diálogo e monólogo e a força positiva e negativa do ouvinte. Neste tópico, fecharemos com considerações finais sobre o desafio da aplicação sermonária com a contribuição do teodrama exposto.

Desta feita, com a presente tese buscaremos responder à pergunta: Em que medida a exposição bíblica teodramática é possível e necessária para nortear a adoração pública no ambiente Batista no Brasil em detrimento do triunfo da terapêutica observado em muitos cultos na referida denominação?

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA EXPOSIÇÃO BÍBLICA NA TRAJETÓRIA DA PREGAÇÃO: DO CONTEXTO BÍBLICO AOS DIAS ATUAIS

A história da pregação, culto e liturgia, assim como o contexto histórico de outras disciplinas teológicas, tem pontos controversos na doutrina, mas isso não pode nos conduzir à um relativismo, pois, conforme veremos adiante, as pistas que o contexto bíblico e histórico nos deixam, embora não excluam outras formas de comunicação, são suficientes para defendermos a exposição bíblica como o modo desenvolvido no contexto bíblico e histórico mais eficaz da comunicação do Evangelho. A defesa da exposição bíblica passa pelo critério que Calvino defendia veementemente ao afirmar que “se quisermos obter algum fruto ou algum proveito do Espírito de Deus, devemos dedicar-nos diligentemente a ouvir e ler a Escritura.”¹¹³

Ao traçarmos a linha histórica da exposição, passaremos por períodos, referenciais teóricos e pastores e pregadores que desenvolveram a pregação expositiva em seus púlpitos. Alguns referenciais teóricos que usaremos, não defenderão completamente a exposição bíblica como único método de pregar o Evangelho, mas expressarão grande estima pela exposição. Não ignoraremos a contribuição destes, mas nos ateremos mais aos que defenderão com mais empenho a dinâmica expositiva como o modo mais eficaz de cultivarmos a identidade do povo de Deus.

2.1 INTRODUÇÃO

Ao analisarmos o desenvolvimento da história da igreja até os dias atuais, especialmente no contexto do culto e da pregação na progressividade da revelação divina, identificamos que há similitudes no tocante aos problemas da autoridade e da identidade. O que sempre esteve em jogo no processo litúrgico foi a construção do memorial redentivo como roteiro teórico e vivencial para o povo de Deus no caminho da adoração, diante dos muitos caminhos e narrativas individuais construídas a partir

¹¹³ CALVINO, 2006, p. 76, l. 18.

de cosmovisões divergentes do Deus trino e sua comunicação descrita nas Escrituras Sagradas. Essa identidade, verdadeiramente cristã, foi sempre o alvo de Calvino. Ao escrever para o Rei de Navarra, em dezesseis de janeiro de 1561, ele o exortou a “buscar com ardor a restauração do evangelho na França, afirmando que o restabelecimento do reino de Deus é uma meta em prol da qual nada deveríamos poupar.”¹¹⁴

O tema da pregação está correlacionado diretamente com a adoração pública. “De Adão servindo ao Senhor em um Éden pré-queda (Gn 2.15) aos redimidos adoradores de Deus na Nova Jerusalém (Ap 22), a adoração é um tema central da Escritura.”¹¹⁵ A tensão entre idolatria e adoração perpassa a história bíblica e conseqüentemente a história da igreja até os dias atuais. Esse é um dos problemas que levam muitas igrejas a abandonarem a prescrição básica e adotarem cultos com liturgias mais culturais do que adoração pública.

Na teologia do culto comunitário em Hebreus, vemos que o problema da adoração pública vai além das questões culturais ou indefinições conceituais que a história da igreja aponta. Ao comentar o texto de Hebreus, capítulo dez, versículo vinte e cinco¹¹⁶, Calvino sustenta a necessidade de “cultivarmos a unidade da forma a mais séria [...]. Essa unidade se fará concreta, desde que ninguém procure agradar a si próprio mais do que Ihe é de direito.”¹¹⁷ Na tensão da Carta aos Coríntios, Calvino ratifica a mesma ideia dizendo que “o primeiro passo para servirmos a Cristo, é esquecer-nos de nós mesmos.”¹¹⁸ Isso nos mostra que embora venhamos tratar de uma defesa técnica acerca correlação entre exposição bíblica teodramática e adoração pública, o problema maior é essa tensão entre adoração e idolatria.

¹¹⁴ CALVINO, João. **As Cartas de João Calvino**. Celebrando os 500 anos do Nascimento do Reformador de Genebra. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009. p. 165.

¹¹⁵ SMITHER, E. Adoração na Vida da Igreja. In: ELLIS, B.; WARD, M.; PARKS, J. (Orgs.). **Sumário de Teologia Lexham**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2018.

¹¹⁶ “Não abandonemos a tradição de nos reunirmos como igreja, segundo o procedimento de alguns, mas, pelo contrário, motivemo-nos uns aos outros, tanto mais quanto vedes que o Dia está se aproximando.” Hebreus, 10.25 – vesrão: BÍBLIA King James Atualizada (KJA). Trad. e revisão a cargo do Comitê Internacional de tradução da Bíblia King James para a língua portuguesa, sob a direção da Sociedade Bíblica Ibero-americana e Abbas Press no Brasil. São Paulo: Abba Press, 2012.

¹¹⁷ CALVINO, João. **Hebreus**. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012. p. 262. Série Comentários Bíblicos.

¹¹⁸ CALVINO, João. **1 Coríntios**. Trad. Valter Graciano Martins. São Bernardo do Campo: Edições Parakletos, 2003. p. 17. Série Comentários Bíblicos.

A história do culto cristão é caracterizada por indefinições de unidade de formatos litúrgicos. A partir desse viés, Otis Carl Edwards¹¹⁹ trata da história da pregação no culto nesse mesmo sentido. Edwin Charles Dargan fala que a “história da pregação ainda não foi devidamente escrita”¹²⁰, mostrando que o estudo histórico requer humildade. No entanto, a história deixa evidências, e no contexto bíblico, há um rastro suficiente para defendermos a exposição bíblica em toda a história da igreja, inclusive a atual. Nesse sentido, Austin Phelps defende uma evidência mais “clara que a exposição foi desempenhada nas leituras que são feitas nos dois testamentos, não sendo um método ligado apenas a uma tradição pós-apostólica.”¹²¹ Edwin Dargan mostra os aspectos mais relevantes da pregação de

¹¹⁹ “O Novo Testamento sugere que as primeiras congregações cristãs não se entendiam como parte de uma nova religião, mas sim como as sinagogas judaicas diferiam de seus co-religiosos apenas ao afirmar que Jesus era o Messias. Assim, pode-se esperar que sua organização e culto se desenvolvessem de acordo com as linhas já estabelecidas, fazendo, inicialmente, apenas as adaptações exigidas por sua devoção a Cristo, como a iniciação pelo batismo e a celebração da Eucaristia. Como outras sinagogas estavam acostumadas a sermões, era natural que as igrejas também os tivessem. Passagens das Sagradas Escrituras lidas nas assembleias de adoração foram interpretadas e aplicadas à vida das pessoas. Esse conhecimento, no entanto, não contribui tanto para limpar a névoa que paira sobre as origens da homilética cristã quanto se poderia esperar, porque pouco resta do início da sinagoga como instituição ou dos primeiros tipos de pregação feitas em sinagogas. Enquanto muitos estudiosos ainda pensam que a sinagoga se originou durante o exílio na Babilônia (século VI aC), para fornecer ao povo de Deus uma maneira de ‘cantar o cântico do Senhor em uma terra estranha’ (Sal 137: 4 KJV), nenhuma evidência existe para provar que foi assim. De fato, os primeiros vestígios da instituição remontam apenas ao período helenístico.” “The New Testament suggests that the early Christian congregations did not understand each other as part of a new religion, but rather how Jewish synagogues differed from their co-religionists only in claiming that Jesus was the Messiah. Thus, its organization and worship can be expected to develop along the lines already established, initially making only the adaptations required by its devotion to Christ, such as initiation through baptism and the celebration of the Eucharist. Since other synagogues were accustomed to sermons, it was only natural that the churches had them. Passages of the Holy Scriptures read at the assemblies of worship were interpreted and applied to people’s lives. This knowledge, however, does not contribute as much to clearing the fog that hangs over the origins of Christian homiletics as one might expect, because little is left of the beginning of the synagogue as an institution or of the earliest types of preaching done in synagogues. While many scholars still think that the synagogue originated during exile in Babylon (6th century BC) to provide God’s people with a way to ‘sing the Lord’s song in a strange land’ (Ps. 137: 4 KJV), none There is evidence to prove that this is so. In fact, the first vestiges of the institution go back only to the Hellenistic period.” EDWARDS JR., 2004, p. 767. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

¹²⁰ “The Preaching history has not yet been properly written.” DARGAN, 1905, p. 3. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

¹²¹ “Podemos observar, primeiro, a origem judaica do costume. Nasceu inquestionavelmente na antiga reverência judaica pela letra da palavra de Deus. Qual era então a posição do texto na ideia judaica de um discurso religioso? No culto judaico mais antigo, o texto era a parte principal do discurso. Sendo originalmente uma comunicação direta de Deus, absorveu todo o interesse de um ouvinte em si mesmo. Quando revelado pela primeira vez, deve ter ficado sozinho, sem ampliação, sem comentário. Essas mesmas palavras de Deus, e nenhuma outra, foram o primeiro sermão. Grandes porções das Escrituras daqueles tempos foram escolhidas como temas de meditação no templo. A pregação, além da leitura da lei e dos profetas, dificilmente se pode dizer que existia. A aproximação mais próxima era simplesmente a interpretação da passagem que

Cristo como a base do desenvolvimento histórico subsequente, enquadrando a exposição num dos modos do discurso de Jesus:

[...] o caráter de sua pregação era uma maravilhosa união de poder e charme. A nota dominante era a autoridade, a suprema confiança em Deus, em si mesmo, em sua missão e mensagem. Ele variou de inventivo contundente a concurso; empregou argumento, provérbio aforístico, parábola, exposição das Escrituras, com habilidade e afeto maravilhosos; ele se mesclou com todo o anseio pelo bem dos homens e pela honra de Deus, que cumpre o motivo ideal para toda pregação digna.¹²² (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

Embora o professor Dargan aborde o tema da exposição dentro de uma das formas de pregação de Jesus como categoria, a exposição é a base de todo o discurso encontrado no Sermão do Monte, que é o principal e o modelo de explanação e aplicação do Grande expositor. Broadus, ao falar da figura central das Escrituras, Cristo, o Salvador, lembra de todo o plano do seu ensino:

[...] ele ensinou muito que tinha que ser mais desenvolvido pelos apóstolos; já que os homens não conseguiam entender qualquer relato completo de certas doutrinas até que os fatos sobre os quais deveriam repousar tivessem ocorrido - por exemplo, expiação e intercessão. E ele agiu de acordo com o mesmo princípio em seu modo de declarar as coisas. Ele usou provérbios e outros modos atuais de expressão. Ele desenhou ilustrações inteiramente de coisas familiares a seus ouvintes. E o que eles não conseguiram entender, ele afirmou em parábolas, que podem ser

havia sido lida anteriormente. Na ideia judaica, o texto inspirado é o sermão; comentar sobre isso, um apêndice. Mais que isso. Prevaleceu posteriormente no culto posterior da sinagoga. Nosso Salvador e alguns apóstolos fizeram da leitura da lei na sinagoga uma ocasião de extensa exposição e exortação. O fato de eles estarem tão animados não surpreende eles. Ainda assim, a ideia central da pregação era a exposição. O texto inspirado era o centro de interesse." We can first observe the Jewish origin of custom. It was unquestionably born in the ancient Jewish reverence for the letter of God's word. What then was the position of the text in the Jewish idea of a religious discourse? In the earliest Jewish cult, the text was the main part of the discourse. Originally a direct communication from God, it absorbed all the interest of a listener in himself. When first revealed, it must have been alone, without magnification, without comment. These same words of God, and no other, were the first sermon. Large portions of the Scriptures of those times were chosen as themes of meditation in the temple. Preaching, besides reading the law and the prophets, can hardly be said to exist. The closest approach was simply the interpretation of the passage that had been read earlier. In the Jewish idea, the inspired text is the sermon; comment on this, an appendix. More than that. It prevailed later in the later worship of the synagogue. Our Savior and some apostles made reading the law in the synagogue an occasion of extensive exhortation and exhortation. The fact that they are so excited does not surprise them. Still, the central idea of preaching was the exposition. The inspirational text was the center of interest." PHELPS, Austin. **Theory of Preaching. Lectures on Homiletics**. New York. Charles Scribner's Son, 1881. p. 45. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

¹²² [...] the character of his preaching was a marvelous union of power and charm. The dominant note was authority, supreme trust in God, in himself, in his mission and message. It ranged from blunt inventive to tender; he employed argument, aphoristic proverb, parable, exposition of Scripture, with wonderful skill and affection; he mingled with all the longing for the good of men and the honor of God, who fulfills the ideal motive for all worthy preaching." DARGAN, 1905, p. 23. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

lembradas para reflexão futura.¹²³ (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

Dentre os historiadores da pregação, que não tiveram a pretensão de uma compilação definitiva, encontramos em Oliphant Old Hughes uma linha melódica que usaremos como subsídio de defesa da exposição como algo que vai além de um mero método. A nossa proposta é de uma exposição bíblica teodramática como norteadora do culto público no ambiente batista. O termo teodramático será descrito no capítulo quatro e defendido no capítulo cinco como uma proposta descritiva da exposição bíblica para o ambiente pós-moderno.

Partindo da constatação de Austin Phelps e Hughes Oliphant Old, não partiremos do pressuposto de que o gênero de pregação expositiva seja a única forma válida de comunicação na história bíblica e da igreja, mas diante da ênfase constatada por Hughes Oliphant Old, temos uma tranquilidade para seguirmos na nossa defesa. Hughes explora em sua obra exordial de história da pregação cinco gêneros principais: “1. Pregação Expositiva 2. Pregação Evangélica 3. Pregação Catequética 4. Pregação Festal 5. Pregação Profética.”¹²⁴ Dentre os cinco gêneros apontados por Hughes, fica claro que a exposição bíblica estabelece uma linha melódica¹²⁵ bíblica e histórica que aponta para uma prática expositiva que deve

¹²³ [...] He taught much that it had to be further developed by the apostles; since men could not understand any complete account of certain doctrines until the facts upon which they were to rest had occurred — for example, atonement and intercession. And he acted on the same principle in his way of declaring things. He used proverbs and other current modes of expression. He drew illustrations entirely of things familiar to his listeners. And what they could not understand, he stated in parables, which can be remembered for future reflection.” BROADUS, John. **Lectures on the History of Preaching**. New York. A. C. Armstrong and Son, 1889. p. 16-32. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

¹²⁴ “1. Expository Preaching 2. Gospel Preaching 3. Catechetical Preaching 4. Festival Preaching 5. Prophetic Preaching.” HUGHES, 1998, p. 166-169. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

¹²⁵ “Este foi o princípio básico, mas no decorrer do tempo, uma série de outros princípios e variações desenvolvidos. Muito cedo, certamente bem antes da época de Jesus, uma segunda lição veio a ser usada. Esta lição foi escolhida pelo pregador como a chave para interpretar a lição principal. A lição principal foi tirada da Lei, enquanto a lição secundária foi tirada dos profetas. O princípio por trás disso é um dos princípios básicos da pregação expositiva: as Escrituras são melhor compreendidas em termos das Escrituras. Como mostraremos, Jesus era ele mesmo um pregador expositivo, como os Evangelhos deixam claro em vários pontos. Certamente, temos apenas alguns breves vislumbres da pregação de Jesus nos Evangelhos, mas o mostram explicando o texto das Escrituras como os expositores clássicos fizeram antes e depois dele [...] A Reforma colocou ênfase renovada na pregação expositiva.” This was the basic principle, but over time, a number of other principles and variations developed. Very early, certainly well before the time of Jesus, a second lesson came to be used. This lesson was chosen by the preacher as the key to interpreting the main lesson. The main lesson was taken from the Law, while the secondary lesson was taken from the prophets. The principle behind this is one of the basic principles of expository preaching: Scripture is better understood in terms of Scripture. As we will show, Jesus was himself

motivar as comunidades cristãs de todos os lugares, tempos, culturas e raças para a construção de identidade metanarrativa redentiva, em contraposição ao uso do culto com fins antropocêntricos.

A teoria da pregação expositiva fornece um arcabouço seguro para que essa história seja preservada e não ultrajada pelas inúmeras vozes que concorrem com a voz divina. Seguro não no sentido de termos total clareza das Escrituras, pois nunca nos faltará obscuridade diante de textos distantes culturalmente. A clareza argumentada seria o suficiente para o suporte da fé e conduta na linha histórica redentiva descrita nos testamentos.

As raízes da pregação expositiva estão devidamente registradas na história da homilética, passando pelo período sinagoga, neotestamentário, período romano sacramental, iluminismo e conseqüente objetivismo puro até a era da pregação na pós-modernidade. Calvino fornece o argumento para a defesa e enraizamento da exposição bíblica na história da igreja. No seu comentário à Segunda Carta de Paulo aos Coríntios¹²⁶, ele frisa que quando Paulo denomina a sua pregação “ministério do Espírito”, ele quis dizer que o Espírito de “Deus está de tal maneira unido e ligado à verdade, por ele expressa nas Escrituras, que, quando estas são tratadas com reverência que merecem, ele por elas manifesta o seu poder.”¹²⁷ Ele dissera que o “Espírito é gerador de vida, que o coração dos homens exerceu papel de pedras, e sua vontade, o papel de tinta.”¹²⁸ Expor o texto inspirado é o norte inicial para compreendermos a teoria da pregação expositiva, que está intimamente ligada ao papel do Espírito descrito pelo texto paulino.

Os altos e baixos historicamente vividos dizem respeito às inúmeras tentativas do resguardo da identidade do povo de Deus através da loucura da pregação. Nesse processo, a pregação expositiva continuada ou não, não será defendida como único modelo de comunicação da fé, mas como uma forma mais diligente de transmissão da fé.

an expository preacher, as the Gospels make clear on several points. Of course, we have only a few brief glimpses of Jesus' preaching in the Gospels, but they show him by explaining the text of Scripture as the classical expositors did before and after him [...] The Reformation put renewed emphasis on expository preaching.” HUGHES, 1998, p. 166-169. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

¹²⁶ Não será o ministério do Espírito muito mais glorioso? 2Co 3.8 (versão KJV, 2012).

¹²⁷ CALVINO, 2006, p. 77, v. 1.

¹²⁸ CALVINO, João. **2 Coríntios**. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2008. p. 92. Série Comentários Bíblicos.

2.2 AÇÃO DO DEUS LIBERTADOR: PROGRESSIVIDADE DA ALIANÇA À EXPULSÃO DA SINAGOGA

2.2.1 Conceito e Contornos da Exposição Bíblica

A pregação expositiva é mais do que um método dentre as formas comunicativas, mas o modo fundamental que visa deixar o texto falar, com a dinâmica interna do Espírito do Santo, de forma que a autoridade final é sempre Daquele que inspirou essa verdade. Ela tem o interesse primordial de revelar a progressividade da revelação da ira e graça divina, com o ponto alto em Cristo, que por seu mérito salva e cria uma nova comunidade, que terá por missão a imitação e pregação fiel do Redentor, revelado em toda a Escritura, apontando para um novo céu e uma nova terra. McClure fala da “autoridade da Escritura Sagrada no púlpito como o princípio central da exposição bíblica.”¹²⁹ Essa autoridade, segundo Samuel Volbeda, vem de um livro que é “definitivamente pastoral, ou seja, uma revelação do coração pastoral, propósitos e atividades de Deus e / ou em Cristo. É o meio pastoral do pregador, o qual pastoreia o rebanho de Deus.”¹³⁰ O ato de expor a Palavra está implícito no próprio contexto da Palavra. Oliphant Old Hughes afirma:

Muito cedo, certamente bem antes da época de Jesus, uma segunda lição veio a ser usada. Esta lição foi escolhida pelo pregador como a chave para interpretar a lição principal. A lição principal foi tirada da Lei, enquanto a lição secundária foi tirada dos profetas. O princípio por trás disso é um dos princípios básicos da pregação expositiva: as Escrituras são melhor compreendidas em termos das Escrituras.¹³¹ (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

Podemos compreender o que é a exposição bíblica quando nos reportamos ao “Deus que se digna em consagrar a boca e a língua de homens para o seu

¹²⁹ “Holy Scriptural authority in the pulpit as the central principle of biblical exposition.” MCCLURE, John. *Expository Preaching*. In: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995. p. 131.

¹³⁰ “Definitely pastoral, that is, a revelation of the pastoral heart, purposes and activities of God and / or in Christ. It is the pastoral means of the preacher, who shepherds the flock of God. VOLBEDA, Samuel. **The Pastoral Genius of Preaching**. Grand Rapids, Michigan: Zoderman Publishing House, 1960. p. 77. (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

¹³¹ Very early, certainly well before the time of Jesus, a second lesson came to be used. This lesson was chosen by the preacher as the key to interpreting the main lesson. The main lesson was taken from the Law, while the secondary lesson was taken from the prophets. The principle behind this is one of the basic principles of expository preaching: Scripture is better understood in terms of Scripture. HUGHES, 1998, p. 166-169.

serviço, fazendo com que sua própria voz seja ouvida por meio deles.”¹³² Expor as Escrituras parte da tríade da leitura, explicação e aplicação para os dias atuais. A exposição bíblica nesse viés é o meio mais seguro para resguardamos o povo de Deus diante de outras vozes. O compromisso do Senhor não reside em homens falar sobre Ele numa linguagem religiosa universal para agradar todos os públicos, mas no contexto da pregação exposta com zelo e diligência. “Nas palavras de Calvino, a pregação é a viva voz de Deus em sua igreja”¹³³, no entendimento de que o “Espírito está unido com a Palavra, porque, sem a eficácia do Espírito, a pregação do Evangelho de nada adiantará, mas permanecerá estéril.”¹³⁴

Como corolário da teologia de Calvino, a pregação deve focar a glória de Deus e isso não acontecerá caso não houver uma diligente exposição da Palavra inspirada por Ele. Herminster Maia, na obra sobre os quinhentos anos da Reforma, cita as Institutas (1541, IV. 15) nesse aspecto: “Nem sempre a verdade se nutre no meio dos pastores. [...] Uma coisa é cumprir o que se deve, outra coisa é dever fazer o que não se faz.”¹³⁵

Quando tratamos da ligação entre pregação e adoração, John Knox¹³⁶ fornece com maestria o elo devido. Ele trata da complementariedade dos dois

¹³² BEGG, Alister. **Pregando para a Glória de Deus**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2014. p. 32.

¹³³ LAWSON, Steven J. **A Arte Expositiva de João Calvino**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2008. p. 42.

¹³⁴ CALVINO, João. **Sermões em Efésios**. Brasília: Editora Monergismo, 2009. p. 11.

¹³⁵ COSTA, Herminster Maia Pereira. **João Calvino 500 anos: Introdução ao Pensamento e Obra**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009 p. 109.

¹³⁶ “Knox retornou à Escócia em maio de 1559 e, embora fosse proclamado fora da lei, começou a pregar a Reforma. Seu sucesso foi tão grande que, no ano seguinte, o Parlamento adotou formalmente a fé protestante como religião estabelecida. Knox agora entrou em conflito com a rainha, que foi incapaz de vencê-lo pelas lágrimas ou arruiná-lo pelas conspirações. Por um tempo, ele foi impedido de pregar por conta de um sermão em que ofendera Damley. Knox retornou a Edimburgo em 1572, após a derrota e retirada da festa da rainha. Ele foi capaz, no entanto, de pregar apenas dois sermões, um deles no massacre de São Bartolomeu, que acabara de acontecer. Knox morreu em 24 de novembro de 1572. Knox publicou muito poucos de seus discursos ou sermões, e as impressões daqueles que o ouviram, e suas características reveladas em seus outros trabalhos, devem complementar o que pode ser coletado com o pouco que ele publicou.” Knox returned to Scotland in May 1559 and, though proclaimed outlawed, began preaching the Reformation. Its success was so great that the following year Parliament formally adopted the Protestant faith as an established religion. Knox has now clashed with the queen, who was unable to beat him by tears or ruin him by conspiracies. For a while he was prevented from preaching because of a sermon in which he offended Damley. Knox returned to Edinburgh in 1572 after the defeat and withdrawal of the Queen's party. He was able, however, to preach only two sermons, one of them in the massacre of St. Bartholomew that had just taken place. Knox died on November 24, 1572. Knox published very few of his speeches or sermons, and the impressions of those who heard him, and their characteristics revealed in his other works, should complement what can be collected with the little he has published.” KNOX, Jonh. *In: The Great Orators of the*

termos na teologia do culto, trazendo as diferenças necessárias para a compreensão da pregação como adoração:

Os profetas e professores da igreja primitiva eram os líderes de sua adoração, e isso é igualmente verdade na igreja moderna. Além disso, desde o início também um serviço de adoração normalmente fornece a situação em que o pregador falou. Às vezes, com certeza, o serviço de adoração tem sido subordinado ao sermão, o todo à parte, e tem sido considerado apenas um cenário para o discurso do pregador. Hinos, confissões e até orações foram concebidas como meramente um momento preparatório para abrir o caminho ao sermão; e o senso da realidade e importância da adoração comum foi perdido [...] O serviço de adoração e do sermão se interpretam [...] Cada um é mais significativo porque o outro está presente. A menos que concebamos a pregação como sendo um ato de adoração, perdemos o que é mais essencial nela e o que a distingue mais radicalmente de outros tipos de ensino, religioso ou secular. A verdadeira verdade da questão não é que a pregação simplesmente acontece geralmente em um contexto de adoração ou que é mais eficaz quando existe esse tipo de cenário. Pelo contrário, não pode realmente ser pregação, exceto nesse contexto. Se o contexto de adoração ainda não existe, o verdadeiro sermão cria-o. Ou a pregação contribui, fornece um meio de adoração, ou não está pregando.¹³⁷ (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

A comunicação dos propósitos divinos através da pregação eleva o conceito dela para além de mais um momento da liturgia; por outro lado, não diminui a importância dos demais atos litúrgicos, mas nos ensina que é um ato que norteia a adoração pública. James Eglinton, tratando da adoração e pregação em Herman Bavinck, destaca:

O Senhor uniu sua bênção à pregação de sua palavra. É através dessa pregação que a congregação permanece forte e o fez ao longo da história. Através da pregação, em conexão com os sinais e selos da aliança, a congregação é fortalecida e edificada na mais santa fé e incorporada no corpo de Cristo. Através da pregação, a congregação é protegida em sua pureza, incentivada em sua batalha, curada em seus sofrimentos,

Reformation Era. Dallas: GideonHouse Books, 2016. p. 121. (Edição do kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos online).

¹³⁷ “The prophets and teachers of the early church were the leaders of their worship, and this is equally true in the modern church. In addition, from the beginning also a worship service usually provides the situation in which the preacher spoke. At times, of course, the service of worship has been subordinate to the sermon, all apart, and has been considered only a setting for the preacher's speech. Hymns, confessions, and even prayers were conceived as merely a preparatory moment to pave the way for the sermon; and the sense of the reality and importance of common worship has been lost ... The worship service and the sermon are interpreted ... Each is more meaningful because the other is present. Unless we conceive preaching as an act of worship, we lose what is most essential in it and what most radically distinguishes it from other types of teaching, religious or secular. The real truth of the matter is not that preaching simply happens usually in a context of worship or that it is most effective when there is such a scenario. On the contrary, it cannot really be preaching except in this context. If the context of worship does not yet exist, the true sermon creates it. Either preaching contributes, provides a means of worship, or is not preaching.” KNOX, John. **The Integrity of Preaching.** New York: Abingdon Press, 1957. p. 75.

estabelecida em sua confissão. Através da pregação, o rebanho permanece com a igreja, e a igreja com o rebanho em crescente autoridade, respeito e adoração.¹³⁸ (Tradução nossa, com auxílio de recurso *online*).

No contexto do culto público, o pregador e o ouvinte, dependendo das influências externas, estão sujeitos a um tipo de uso de linguagem de fé que usurpa alguns significados, mas que ignora seus elementos fundamentais. Philip Rieff, conforme veremos com mais intensidade nos capítulos quatro, trata do triunfo da terapêutica como “uma tentativa de reconstrução da cultura, de modo que a fé não entre com sua supervisão.”¹³⁹ Em alguns ambientes, a fé cristã precisa efetuar uma supervisão drástica, especificamente no contexto da igreja batista no Brasil, objeto desta tese.

Como poderíamos responder ao triunfo da terapêutica no contexto do culto público? O retorno à pregação da Palavra é a resposta mais óbvia, mas como proposta a ser oferecida no último capítulo, trabalharemos o conceito da exposição bíblica teodramática, como norteadora da adoração pública. Em todas as épocas e na atual pós-modernidade, a revelação divina e sua comunicação, na dinâmica da ação trinitária, sempre trará os resultados que glorificam a Deus. O desafio não é enfeitar o modo de comunicar esses propósitos, mas usar o modo segundo o qual essa revelação foi comunicada. Esse diálogo-monólogo não é insensível à dor e ao sofrimento, mas demonstra que a metanarrativa redentiva é maior do que as narrativas e expectativas humanas. Esse é o maior desafio quanto ao culto e pregação contemporânea no contexto batista no Brasil: diante do antropocentrismo e dos anseios puramente existenciais dos ouvintes, pregadores desavisados, que usam a linguagem de fé de modo terapêutico sem os fundamentos redentivos, precisam ser treinados e despertados quanto à necessidade da exposição bíblica como norteadora do culto público.

¹³⁸ “The Lord united his blessing with the preaching of his word. It is through this preaching that the congregation remains strong and has done so throughout history. Through preaching, in connection with the signs and seals of the covenant, the congregation is strengthened and built in the most holy faith and incorporated into the body of Christ. Through preaching, the congregation is protected in its purity, encouraged in its battle, healed in its sufferings, established in its confession. Through preaching, the flock remains with the church, and the church with the flock in increasing authority, respect, and worship.” EGLINTON, James P. Herman. **Bavinck on Preaching and Preachers**. Peabody, Massachusetts. Hendrickson Publishers, Inc., 2017. p. 1404. (Edição do kindle).

¹³⁹ RIEFF, Philip. **O Triunfo da Terapêutica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Mas tal despertar precisa acontecer de modo teodramático, numa exposição que é mais do que uma história contada de modo cartesiano. Numa era anti-histórica como a nossa, precisamos expor as Escrituras como elas são apresentadas, ou seja, um drama de um Deus vivo e ativo na história que se autorevela usando várias formas ricas de comunicação. Com isso, não queremos demonstrar que a exposição é eficaz somente usando toda a forma que o enredo é apresentado, pois a testemunho interno do Espírito Santo é vital no processo comunicativo.

Não defenderemos a comunicação pela comunicação, pois senão transformaríamos a exposição num método. Outro fator a considerar é a descrição de Phillip Brooks sobre o ato de expor: “um homem que prega com a verdade através da personalidade.”¹⁴⁰ Isso não exclui a tarefa do pregador como estudioso e não insinua que a personalidade de quem fala é determinante no ato de pregar. Charles Fuller desfaz essa confusão que o meio homilético evangélico criou acerca da definição de Phillip Brooks no tocante ao pregar com “verdade através da personalidade.”¹⁴¹

¹⁴⁰ “A man who preaches with the truth through personality.” BROOKS, Phillip. **The Joy of Preaching**. London: H. R. Allenson, 1989. p. 27. (Tradução nossa, com auxílio de recurso *online*).

¹⁴¹ “Phillips Brooks's Beecher lectures on preaching in 1877 became one of the most significant efforts ever made to address this crucial paradox. How can one defend the distinctive nature of truth and the obvious importance of the human messenger? What makes the same message bland and lifeless in some contexts and vibrant and virile in others? How can one preacher engage the members of his congregation, keeping them delighted, while the same words emanating from another may seem tedious and tiring? In response to this line of inquiry, Brooks has proposed a definition of preaching that is as elegant and profound as it is succinct and memorable. Preaching, according to Brooks, is 'true through personality'. His analysis was grounded, recognizing both sides of the preaching equation in the most concise formula imaginable. If Brooks had tagged his sentence and lived to collect royalties, he might have been rich in the early 21st century. Hardly any book on preaching does not cite at least that line. Most lend it heavily in one form or another, and many authors have used it as a convenient delineation between what they believe to be the two broadest categories for analysis.” “Phillips Brooks's 1877 Beecher significant efforts ever to grapple with that crucial paradox. Just how can one uphold the distinctive nature of truth and the obvious importance of the human messenger? What makes the same message dull and lifeless in some contexts and vibrant and virile in others? How can one preacher engage the members of his congregation, holding them spellbound, while the same words emanating from another might seem tedious and tiresome? In answer to this line of inquiry, Brooks proposed a definition of preaching that is elegant and profound as it is succinct and memorable. Preaching, according to Brooks, is “truth through personality.” His analysis took hold, acknowledging both sides of the preaching equation in the most concise formula imaginable. Had Brooks trademarked his phrase and lived to collect royalties, he might have been wealthy by the dawn of the twenty-first century. Hardly any book on preaching does not even quote that line. Most borrow heavily from it in one form or another, and many authors have used it as a convenient delineation between what they believe are the two broadest categories for analysis.” “As palestras Beecher sobre pregação, de Phillips Brooks, em 1877, tornaram-se um dos esforços mais significativos de todos os tempos para lidar com esse paradoxo crucial. Como alguém pode defender a natureza distintiva da verdade e a

O culto¹⁴² faz parte de um espaço litúrgico, onde a pregação e os sacramentos se desenvolvem em ações teatrais com um pano de fundo histórico, mas cheio da vida do Senhorio de Cristo. É uma história contada e recontada, com aspecto vivencial, que não se reduz a uma narrativa histórica, mas algo que conduz ao encontro, ao diálogo e à vivência sapiencial. História e vida caminham juntas nesse grande quadro memorial, onde o Senhorio de Cristo, se oferecendo através da Palavra pregada e da ceia, serve o seu povo, vinculando-o ao “presente através

óbvia importância do mensageiro humano? O que torna a mesma mensagem sem graça e sem vida em alguns contextos e vibrante e viril em outros? Como um pregador pode envolver os membros de sua congregação, mantendo-os encantados, enquanto as mesmas palavras que emanam de outro podem parecer tediosas e cansativas? Em resposta a essa linha de investigação, Brooks propôs uma definição de pregação que é tão elegante e profunda quanto sucinta e memorável. Pregador, de acordo com Brooks, é ‘verdade através da personalidade’. Sua análise se firmou, reconhecendo os dois lados da equação da pregação na fórmula mais concisa que se possa imaginar. Se Brooks tivesse marcado sua frase e vivido para cobrar royalties, ele poderia ter sido rico no início do século XXI. Dificilmente qualquer livro sobre pregação não cita pelo menos essa linha. A maioria empresta-o fortemente de uma forma ou de outra, e muitos autores o usaram como um delineamento conveniente entre o que eles acreditam serem as duas categorias mais amplas para análise.” “Phillips Brooks’s 1877 Beecher Lectures on Preaching became one of the most significant efforts ever to grapple with that crucial paradox. Just how can one uphold the distinctive nature of truth and the obvious importance of the human messenger? What makes the same message dull and lifeless in some contexts and vibrant and virile in others? How can one preacher engage the members of his congregation, holding them spellbound, while the same words emanating from another might seem tedious and tiresome? In answer to this line of inquiry, Brooks proposed a definition of preaching that is as elegant and profound as it is succinct and memorable. Preaching, according to Brooks, is “truth through personality.” His analysis took hold, acknowledging both sides of the preaching equation in the most concise formula imaginable. Had Brooks trademarked his phrase and lived to collect royalties, he might have been wealthy by the dawn of the twenty-first century. Hardly any book on preaching does not at least quote that line. Most borrow heavily from it in one form or another, and many authors have used it as a convenient delineation between what they believe are the two broadest categories for analysis.” FULLER, Charles W. **The Trouble with “Truth through Personality”**: Phillips Brooks, Incarnation, and the Evangelical Boundaries of Preaching. Eugene, Oregon: Wipf & Stock, an Imprint of Wipf and Stock Publishers, 2010. p. 73. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recurso *online*).

¹⁴² “Lutero expressara-se com muita clareza e simplicidade ao definir o culto cristão afirmando que no culto não acontece nada mais que isto: que nosso Amado Senhor fale ele mesmo por meio de Sua santa Palavra e que nós, por sua vez, falemos com ele em oração e com o canto de louvor.” Culto é comunicação, diálogo, Deus conosco, nós com Deus. E esse ato de responder a Deus com nossas palavras, humanas, como diz Lutero, significa ao mesmo tempo reconhecer que ‘Sou Deus e não homem’ (Os 11,9); conseqüentemente, ‘já não diremos: ‘nosso Deus’ às obras de nossas mãos (Os 14,4), mas, como diz o profeta, acolheremos o próprio convite de Deus de “tomar conosco palavras’. (Os 14,2) para retornar a ele. Esse espírito crítico próprio do profetismo de Israel é um elemento que caracteriza a interpretação reformada da liturgia. A fé nasce daquilo que se ouve (Rm 10, 14 ss) e não daquilo que se vê, embora não se deva de nenhum modo contrapor a audição à visão. É esse o sentido do primado da Palavra sobre o rito e sobre o casamento, postulado pela concepção reformada da fé e da liturgia. Na concepção das igrejas reformadas, a liturgia está destinada a permanecer um canteiro aberto, um círculo aberto, em que o novo deve constantemente encontrar espaço no âmbito de uma tradição que se renova.” WERKE, Martin Luthers. Weimar ausgabe, 1883 ss., 49, 588. *In*: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille M (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Loyola, 2010. p. 960.

da pregação e ao futuro através da ceia. Nesse processo, a pregação evita que a adoração se torne algo em si mesma, pois nos corrige no presente.”¹⁴³

Calvino destaca “o valor que Paulo atribuía ao ministério da Palavra (Rm 1.16), o qual declarava que Deus exerce seu poder nela para nossa salvação [...], ou seja, se referindo à pregação por meio da expressão verbal que vem dos lábios.”¹⁴⁴ Todo esse processo devidamente lastreado pela ação o Espírito que age para que a “Palavra não fira em vão os nossos ouvidos e os sacramenteos não sejam apresentados inultimente aos nossos olhos, ele nos revela que é Deus que fala por ela e por eles e amolece a dureza do nosso coração.”¹⁴⁵ A pregação tem como centralidade o mistério revelado à humanidade, Jesus Cristo, “a mensagem central do Novo Testamento, que fez o que o homem não podia fazer, para levar um povo perdido, de volta para Deus.”¹⁴⁶ James Stewart, lembra que “a pregação não existe para a propagação de ideias e opiniões, mas paa a propagação dos poderosos atos de Deus.”¹⁴⁷ Nesse sentido, o culto público tem um enredo claro delineado pela própria exposição bíblica.

O sermão expositivo no culto não pode ser visto somente como uma forma de pregação, onde o pregador fragmenta o texto bíblico em perícopes e explica o respectivo contexto histórico-gramatical para que o público entenda as questões literárias do texto. A exposição traz em si as implicações do texto para a vida do ouvinte, na dinâmica de um Deus que fala a um povo que é lembrado acerca da prática da sua nova identidade e desafiado a responder nos termos da aliança. Trata-se de diálogo, onde o Pai estabelece limites, que num momento ou outro acabam sendo encarados como algo autoritário, diante do encantamento de outras vozes.

A pregação expositiva é imprescindível para a vivência da história redentiva nos desafios atuais. Com o recurso da teologia bíblica¹⁴⁸, se perfaz no alimento

¹⁴³ ALLMEN, Jean-Jacques von. **O Culto Cristão**: Teologia e Prática. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2006. p. 128.

¹⁴⁴ CALVINO, João. **Exposição de Romanos**. São Paulo: Parakletos, 2001. p. 56.

¹⁴⁵ CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 147. v. 3.

¹⁴⁶ GOLSWORTHY, Graeme. **Pregando toda a Bíblia como Escritura Cristã**. São José dos Campos: Fiel, 2013. p. 3.

¹⁴⁷ STOTT, John. **O Perfil do Pregador**. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 3.

¹⁴⁸ “O chamado para a pregação da palavra encontra-se em toda a Bíblia, de diversas formas. Abraão deveria ensinar a família como um profeta, e o profeta Moisés deveria falar, escrever e ler as palavras de Deus para o povo de Deus. Os sacerdotes da antiga aliança tinham o dever de ensinar a Lei dada por Moisés, e os profetas aplicavam a lei à sua própria geração. Homens e

necessário ao povo de Deus, que, embora viva o cumprimento da promessa em Cristo, ainda vive no reino presente recheado de pragmatismo religioso. Trataremos dessa constatação no cenário batista brasileiro, influenciado pelo liberalismo¹⁴⁹ teológico modernista e conseqüentemente pelo pós-modernismo anti-histórico, que tem características semelhantes (anti-historicismo), mas diferentes quanto à abordagem do objetivismo e subjetivismo. As muitas estórias e narrativas fazem com que o culto se torne uma resposta à dor com um fim em si mesmo, e não uma resposta da esperança redentiva. A falta de autoridade e identidade no culto tem acelerado o “desinteresse, e a crença parcial no evangelho.”¹⁵⁰ O princípio da autoridade, da história da redenção em cenas dramáticas envolvem o Senhor da Palavra e o povo numa comunicação histórica, não somente como informação, mas num movimento de transformação vivida, que precisa ser resguardada pela

mulheres sábios ensinavam a outros o caminho da sabedoria. Os discípulos de Cristo pregavam o Reino de Deus; apóstolos, pastores e mestres falavam da verdade a fim de levar pessoas a crerem em Cristo e as conduzir à maturidade em Cristo. A grande necessidade na igreja pós-apostólica é de mestres que possam ensinar a verdade e rebater heresias. Cristãos comuns têm a responsabilidade de ensinar uns aos outros a Palavra de Deus (1 Ts 4.18); à medida que fazem isso, a “palavra de Cristo” habita neles ricamente (Cl 3.16) e a mútua exortação é o remédio de Deus contra o engano do pecado (Hb 3.13). Por isso, não é de surpreender que Paulo instrua Timóteo a pregar a palavra (2 Tm 4.2). Como Edmund Clowney mostra, a teologia bíblica reflete a autoridade, o caráter e o conteúdo da pregação: “Temos em mãos as palavras que Moisés carregou para baixo em tábuas de pedra sob os trovões da montanha [...]. Carregamos todo o testemunho do Pai em relação ao Filho: aquilo que está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos com respeito a ele. Carregamos em nossas mãos o *querigma* e o *didaquê* inspirados das testemunhas de Cristo (Preachin and Biblical Theology (Pregação e Teologia Bíblica, p. 61). Os que recebem a revelação bíblica também recebem o mandamento de se tornarem porta-vozes da palavra de Deus.” ADAM, P. J. H. Teologia Bíblica e Pregação. In: ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. (Eds.). **Novo Dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 148.

¹⁴⁹ “O cristianismo liberal, isto é, a ideologia que proclama abraçar o cristianismo enquanto nega os acontecimentos miraculosos por trás dele, patrocinou essa posição. As boas obras, geralmente na maneira de lutar pela justiça social, são a chave para tornar um indivíduo justo diante de Deus. A teologia da libertação apresenta uma ênfase muito mais séria quanto ao papel das Escrituras que o liberalismo clássico; no entanto, na prática, ela transforma o fato de colocar-se ao lado dos oprimidos como o critério-chave para ser considerado justificado diante de Deus. Uma ênfase perigosa sobre questões políticas e sociais na igreja, sem discernimento teológico, sofre o risco de permitir que o papel principal da igreja, como proclamadora do Evangelho, seja substituído pelo falso evangelho do legalismo. A boa obra justificadora torna-se o tema do dia. Contudo, se mantivermos o evangelho puro em primeiro lugar, descobriremos que ‘tudo o que não provém de fé é pecado’ (Rm 14.23). Em outras palavras, sem estarmos bem com Deus, toda moralidade externa não é realmente boa. Portanto, podemos trabalhar legitimamente com outras pessoas de qualquer fé para promover justiça cívica ou exterior, estando, ao mesmo tempo, conscientes de que nenhum grau de justiça civil alcançado por pessoas decaídas tornará essas pessoas justas diante de Deus.” GERSTNER, Jonathan. Legalismo e antinomianismo: duas rotas mortais fora do caminho estreito. In: KISTLER, Don. **Crer e Observar: O Cristão e a Obediência**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 87-88.

¹⁵⁰ CLARK, 2010, p. 41.

insistência de expositores bíblicos que são levantados pelo Senhor da grande história.

2.3 A IDENTIDADE DO POVO DE DEUS E A EXPOSIÇÃO BÍBLICA: REFERENCIAIS TEÓRICOS NA HISTÓRIA DA BÍBLIA E DA IGREJA

A identidade do povo de Deus na progressividade da aliança no período da “história de Israel e igreja antiga foi mantida através da fala, leitura e exposição”¹⁵¹ nos termos do pacto. A Palavra ecoa desde a criação, primeira ordenança e diante da desobediência, não cessou sua promessa, mas se comunicou usando vários meios e recursos, demonstrando graça e misericórdia. A pregação envolve alguns elementos:

[...] a proclamação da palavra de Deus a um povo reunido. Deus falou a sua palavra (2 Tim 3:16) de tal forma que ela pudesse ser registrada e subsequentemente lida, estudada, aplicada e falada a outros. Assim, os pregadores devem administrar e anunciar a palavra de Deus de tal maneira que as pessoas encontrem Deus por meio de sua palavra (1 Sam 3:21). Portanto, a pregação envolve interpretar, explicar, aplicar e exultar sobre a palavra de Deus, no poder do Espírito, para a glória de Deus.¹⁵²

John Broadus, mais concentrado no discurso e pregação de Jesus, fornece um esboço simples da pregação no Antigo Testamento, “usando a nomenclatura “discurso” e em outros momentos “pregação”, numa descrição breve, sem se ater nos pormenores.”¹⁵³ O. C. Edwards Jr.¹⁵⁴, na sua colaboração na Enciclopédia de

¹⁵¹ WHITE, James F. **Introdução ao Culto Cristão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 104.

¹⁵² KIMBLE, J. Pregação na Vida da Igreja. *In*: ELLIS, B.; WARD, M.; PARKS, J. (Orgs.). **Sumário de Teologia Lexham**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2018. p. 120.

¹⁵³ “Judah's speech before Joseph; after Moses' farewell in the book of Deuteronomy; recalls Jotham's brief speech; describes Solomon in the Dedication of the Temple speaking to the people; describes about the singular book of Ecclesiastes as a religious discourse, a sermon. Great preachers of Old Testament times were the Prophets. The prophets were preachers. Earlier prophets did not leave us a complete record of their inspired teachings. From Samuel we have some brief speeches, wise and heavy; from the great Elijah, several unique phrases uttered on great occasions. In the book of Proverbs, irreligion is constantly stigmatized as madness. We have the example in Samuel's Theological Schools, “the schools of the prophets.” From Jonah, apparently, we have only the burden or refrain of his preaching at Nineveh and we can learn very little in the rhetorical sense, but we catch striking glimpses of his character and feeling. The most eloquent of all the prophets, one from whom one can learn most about preaching, is obviously Isaiah. Isaiah was just the opposite of Amos, the shepherd and gardener, he lived in court for several kingdoms; Hezekiah's had a high influence. Jeremiah, whom the Jews of our Lord's day considered perhaps the greatest of the prophets, has in modern times been very misunderstood, the popular term “Jeremiad” representing him as a sad and weak lamenter, as some of the “weeping preachers” that occasionally, whose primary capacity seems to reside in the lacrimal organs. As for Ezekiel, his elaborate images have little power to develop our imagination (compared to Isaiah), because they are so far removed from

Pregação, se atem à história da pregação na igreja primitiva ao mundo contemporâneo. Quanto à sua obra propriamente dita, também segue o mesmo caminho, “deixando o contexto do Antigo Testamento mais restrito ao culto sinagagal anterior a Cristo.”¹⁵⁵ Edwin Dargan trabalha três elementos na história da pregação: “o antigo oratório, a profecia hebraica e o evangelho cristão”¹⁵⁶; mas não entra especificamente no Antigo Testamento e sua base como linha condutora para a argumentação da exposição bíblica como um elemento fundamental no contexto bíblico. No entanto, Peter Adam¹⁵⁷, embora não tivesse como proposta tratar da história da pregação, sua teologia prática da pregação, corrobora com Hughes Oliphant Old, e em ambos referenciais teremos um norte teórico para puxarmos a linha condutora da exposição bíblica do Antigo Testamento perpassando toda a história da igreja. Hugues descreve:

our ways of thinking and feeling. But as for the preacher's spirit, he offers us uniquely valuable instructions. We cannot stop to talk about Ezra and his great expository speech “from morning until noon”; nor of Malachi, with their keen common sense, and their homemade impulses of questions and answers.” Broadus fala do “discurso de Judá diante de José; depois da despedida de Moisés no livro de Deuteronômio; lembra do breve discurso de Jotham; descreve Salomão, na Dedicção do Templo, falando um discurso ao povo; descreve sobre o livro singular de Eclesiastes como um discurso religioso, um sermão. Grandes pregadores da época do Antigo Testamento eram os Profetas. Os profetas eram pregadores. Os profetas anteriores não nos deixaram um registro completo de seus ensinamentos inspirados. De Samuel, temos alguns breves discursos, sábios e pesados; do grande Elias, várias frases únicas, proferidas em grandes ocasiões. No livro de Provérbios, a irreligião é constantemente estigmatizada como loucura. Temos o exemplo nas Escolas Teológicas iniciadas por Samuel, “as escolas dos profetas”. De Jonas, aparentemente, temos apenas o fardo ou o refrão de sua pregação em Nínive e podemos aprender muito pouco no sentido retórico, mas captamos vislumbres impressionantes de seu caráter e sentimento. O mais eloquente de todos os profetas, aquele de quem mais se pode aprender a respeito da pregação, é obviamente Isaías. Isaías era exatamente o oposto de Amós, o pastor e jardineiro, ele viveu na corte durante vários reinos; o de Ezequias teve alta influência. Jeremias, a quem os judeus do tempo de nosso Senhor consideravam talvez o maior dos profetas, nos tempos modernos tem sido muito mal compreendido, o termo popular “Jeremiad” representando-o como um lamentador triste e fraco, como alguns dos “pregadores chorosos” que ocasionalmente, cuja capacidade principal parece residir nos órgãos lacrimais. Quanto a Ezequiel, suas imagens elaboradas têm pouco poder para desenvolver nossa imaginação (em comparação com Isaías), porque estão muito distantes dos nossos modos de pensar e sentir. Mas, quanto ao espírito do pregador, ele nos oferece instruções singularmente valiosas. Não podemos parar para falar de Esdras e seu grande discurso expositivo “da manhã até o meio-dia”; nem de Malaquias, com seu agudo senso comum, e seus impulsos caseiros de perguntas e respostas.” BROADUS, John. **Lectures on The History of Preaching**. Titus Books, 2015. p. 2-13. (Tradução nossa, com auxílio de recurso *online*).

¹⁵⁴ EDWARDS JR., O. C.; SANDERS, James A. History of Hermeneutics. In: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995. p. 184.

¹⁵⁵ EDWARDS JR., 2004.

¹⁵⁶ “The ancient oratory, the Hebrew prophecy and the Christian góspel.” DARGAN, 2015, p. 20. (Tradução nossa, com auxílio de recurso *online*).

¹⁵⁷ ADAM, Peter. **Speaking God's Word: A Practical Theology of Preaching**. Vancouver, British Columbia, Canada: Regent College Publishing, 1996.

[...] duas passagens do Antigo Testamento iluminam esse gênero de pregação com particular clareza. Primeiro, houve a leitura solene da Lei antes da assembleia da aliança, aos pés do Monte Sinai. O livro do pacto foi lido, o povo prometeu cumpri-lo, aspergido com o sangue do pacto e depois compartilharam uma refeição do pacto. A leitura da Lei foi essencial para esse protótipo de culto bíblico. Foi o mesmo com o culto a Israel reconstituído, que Esdras reuniu no portão de água. Ao longo de alguns dias, a Lei foi lida ao povo em uma assembleia de culto. Foi lido do começo ao fim e, como foi lido, foi explicado passagem por passagem. De acordo com a tradição rabínica, era Esdras quem deveria ter organizado a leitura regular das Escrituras, e aparentemente o que isso significava era que essa leitura da maratona de toda a Lei simplesmente se desdobrava na assembleia sabatina regular da congregação, para que parte foi lida a cada semana. Teremos muito mais a dizer sobre esses dois relatos da leitura das Escrituras em adoração quando começarmos a desdobrar nosso estudo. Com o estabelecimento da Igreja, a Lei e os profetas ainda eram lidos no culto cristão, assim como no culto judaico. Quando o apóstolo Paulo exortou Timóteo a prestar atenção à leitura pública das Escrituras, é esse tipo de leitura sistemática da Lei que foi entendida.¹⁵⁸ (Tradução nossa, com auxílio de recurso *online*).

Dos dois relatos mostrados pelo professor Hughes, vamos nos ater ao de Esdras.¹⁵⁹ “A reconstrução de Jerusalém como cidade escolhida de Deus exige a restauração de seu povo como uma comunidade adoradora em sintonia com a santidade de seu Soberano Restaurador.”¹⁶⁰ Entre a reconstrução e enfrentamento de vários desafios relacionais (Neemias 1.1 a 7.73), “a restauração de Judá como comunidade adoradora aconteceu quando a Palavra de Deus foi firmemente

¹⁵⁸ [...] two Old Testament passages illuminate this kind of preaching with particular clarity. First, there was the solemn reading of the Law before the covenant assembly at the foot of Mount Sinai. The covenant book was read, the people promised to keep it, sprinkled with the blood of the covenant, and then they shared a covenant meal. Reading the Law was essential to this prototype of biblical worship. It was the same with the reconstituted Israel cult that Ezra gathered at the water gate. Over the course of a few days, the Law was read to the people in an assembly of worship. It was read from beginning to end, and as it was read, it was explained passage by passage. According to rabbinic tradition, it was Ezra who should have organized the regular reading of the Scriptures, and apparently what that meant was that this marathon reading of the whole Law simply unfolded in the regular Sabbath assembly of the congregation, for which part was read every week. We will have much more to say about these two accounts of Scripture reading in worship as we begin to unfold our study. With the establishment of the Church, the Law and the prophets were still read in Christian worship as well as in Jewish worship. When the apostle Paul urged Timothy to pay attention to the public reading of the Scriptures, it is this kind of systematic reading of the Law that was understood.” HUGHES, 1998, p. 166-169.

¹⁵⁹ “With this account you come to the first of the two climactic moments in our author’s narrative. Before the repopulation of Jerusalem and the dedication of its walls (chs. 11-12) comes the ceremony of primary significance for him—a time of national renewal of the covenant. It begins with a long celebratory reading of the Law (7:73b-8:12) and includes the great celebratory Feast of Tabernacles (8:13-18). This is followed by a time of community confession (ch. 9) in which the long history of disobedience is recounted (cf. Ps 106), and by the corporate signing of the renewal agreement (Neh 10).” FEE, Gordon. *How to read the Bible book by book: a guided tour*. In: FEE, Gordon; STUART, Douglas. **How to Read the Bible Book by Book**. Grand Rapids, Michigan, EUA: Zondervan Academic, 2009. p. 112. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recurso *online*).

¹⁶⁰ PINTO, C. O. C. **Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 412.

aplicada, pelo fiel líder de Deus, a um povo acomodado e teimoso (8.1-13.31).¹⁶¹ Embora saibamos que toda a narrativa do Antigo Testamento demonstre alternâncias entre a renovação da aliança e a queda do homem, apontando para a misericórdia divina e a promessa do Redentor que cumpriria toda a exigência divina (possibilitando uma renovação para sempre), o que precisamos observar da narrativa de Neemias é o “resultado, uma mudança muito notável que ocorreu na mente e na vida do povo de Israel.”¹⁶²

Na história do povo de Deus no período bíblico ou na história da igreja, a adoração é restaurada a partir da leitura, explicação e aplicação e consequentemente da disposição de obediência dos ouvintes aos termos dessa aliança.¹⁶³ A adoração precisa ser norteadada pela Palavra, pois senão deixa de refletir o seu respectivo fundamento. Nesse sentido, Steven Lawson:

A reconstrução dos muros em tempo recorde levou a um dos mais grandiosos avivamentos da história da redenção (Ne 8). Nesse tempo de renovação interior, no coração, a soberania da graça de Deus foi humildemente reconhecida.¹⁶⁴

Peter Adam discorre sobre os três fundamentos bíblicos da pregação, a saber: “1) O Deus que falou e sua revelação se inicia com um sermão; 2) O que Deus falou está escrito para a preservação das palavras às futuras gerações; 3) O dever de pregar a Palavra”¹⁶⁵ Após Moisés e todo o desenvolvimento das evidências

¹⁶¹ PINTO, 2014, p. 412.

¹⁶² BAVINCK, Herman. O Pecado e a Salvação em Cristo. BOLT, J. (Org.). **Dogmática Reformada**. Trad. Vagner Barbosa. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012. p. 502. v. 3.

¹⁶³ “Esse caráter unilateral tinha de ser expresso com clareza cada vez maior no curso da história. De fato, a aliança de Deus impôs obrigações também sobre aqueles com os quais foi feita - obrigações não como condições para entrar na aliança (pois a aliança foi feita e baseada somente na compaixão de Deus), mas como o caminho que o povo que tinha, pela graça, sido incorporado na aliança, tinha de seguir (Gn 17.1-2; Êx 19.5-6, 8; 24.3, 7; Lv 26.14s.; Dt 5.29; 27.10s.; 28.1s.; 30.1s.; etc.). Mas, embora Israel repetidamente aceitasse a aliança de Deus (Êx 19.8; 24.3, 7; Dt 29.10-13; Js 24.16; 2Rs 23.3; 2Cr 15.12; 23.16; 29.10; 34.31; Ne 8; etc.), não andou no caminho da aliança, mas, consistentemente, a profanou e quebrou. Dessa forma surgiu a questão de se essa aliança da graça era tão instável quanto a aliança das obras tinha sido antes da queda. Respondendo a essa questão, a revelação falou ainda mais vigorosa e ruidosamente quando a apostasia aumentou. Não, essa aliança não vacila. As pessoas podem se tornar infiéis, mas Deus não esquece sua promessa. Essa aliança está ancorada exclusivamente em sua compaixão (Lv 26.40-44; Dt 4.31; 30.1s.; 32.36s.; Jz 2.1; 2Rs 13.23; Sl. 81.8, 11; 89.1-5; 105.8-10; 106.45; 111.5; Is 1.3; 5.13; 54.10; Jr 18.5-10; Ez 33.10-16; Os 6.1-3; 11.7-9; 14.2-9; Jl 2.12-14). Deus não pode e não deve quebrar sua aliança.” BAVINCK, 2012, p. 210-211, v. 3.

¹⁶⁴ LAWSON, Steven J. **Fundamentos da Graça (1400 a.C–100 d.C)**. Trad. O. Olivetti. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012. p. 170. v. 1. (Série Longa Linha de Vultos Piedosos)

¹⁶⁵ “1) The God who spoke and his revelation begins with a sermon; 2) What God has spoken is written for the preservation of words to future generations; 3) The Duty to Preach the Word.” ADAM, 1996, p. 15-55. (Tradução nossa, com auxílio de recurso *online*).

da pregação e os seus efeitos na adoração, temos em Neemias uma descrição fantástica do que aconteceu: dedicação naquilo que foram inteirados da parte de Deus (Ne 8.13-18).

Assim sendo, a adoração pública desenvolvida no contexto de Neemias é “vista na ordem dos serviços religiosos nas sinagogas, conforme descrito em Ne 8.18, devendo comparar-se esta passagem com Lc 4:16–20.”¹⁶⁶ O fundamento para o culto contemporâneo batista no Brasil não são as influências psicológico-religiosas que usam a linguagem de fé para o estabelecimento de uma nova “fé”, mas a descrição que consta na própria teologia prática da pregação desenvolvida nos testamentos. O resguardo da identidade do povo de Deus passa por essa tríade da “fala, escrita e pregação”¹⁶⁷ tratada por Peter Adam. Ao passo que Peter Adam trabalhou com maestria a teologia prática da pregação, Jason Meyer traz uma rica contribuição acerca da teologia bíblica da pregação, destacando os paradigmas da administração¹⁶⁸ da palavra. Quanto à administração de Esdras e Neemias:

¹⁶⁶ “Havia uma instituição intimamente relacionada com os escribas, sendo o seu fim a instrução do povo a respeito da lei e a aplicação desta à vida diária: era a Sinagoga. Assembleias locais para ensino da lei e para o culto, tinham existido desde tempos muito antigos, como por exemplo “as escolas dos profetas” (1 Sm 10.11, e 19.20 a 24, e 2 Rs 4.3); e durante o cativeiro não eram em pequeno número as reuniões dos anciãos de Israel (ver Ez 8.1, e as passagens paralelas). Depois do Exílio, provavelmente desde Esdras, a organização sistemática destas assembleias fez-se rapidamente, sendo construídos em muitos lugares, edifícios próprios para os serviços religiosos. Havia nas sinagogas preciosos rolos das Escrituras, copiados pelos escribas, sendo cuidadosamente guardados numa caixa ou arca, que se achava colocada conspicuamente diante dos bancos do povo. Cultos em ordem se realizavam todos os sábados, e também no segundo e quinto dias da semana. Especial cuidado se dava nestes cultos à leitura da Lei e dos Profetas; mas havia também orações, exortações, explicação de doutrinas, e davam-se esmolas aos pobres. Como o conhecimento da antiga língua hebraica ia pouco a pouco morrendo, a leitura dos textos apropriados das Sagradas Escrituras tinha de ser acompanhada da respectiva tradução em aramaico ou em grego, que parecem ter sido no tempo de Cristo línguas geralmente compreendidas e faladas. As sinagogas não eram somente lugares de culto, eram também escolas, onde as crianças aprendiam a ler, e pequenos tribunais de justiça em que a sentença era pronunciada e executada (Mt 10.17). O governo da sinagoga era exercido pelos “anciãos” (Lc 7.3), sendo os principais denominados príncipes ou chefes (Lc 13.15, e 13.15). Os assentos para os anciãos ou chefes da sinagoga estavam à frente da arca, diante da congregação. Os poderes disciplinares de excomungar e açoitar eram possuídos pelos anciãos e eram estes também, ou os chefes, que na ocasião do culto convidavam pessoas competentes para ler, para orar ou para pregar. Dois ou mais indivíduos levantavam as coletas, e um “ministro” (Lc 4.20) tinha ao seu cuidado os livros sagrados, desempenhando os deveres gerais de guarda do templo.” ANGUS, Joseph. **História, doutrina e interpretação da Bíblia**. São Paulo: Hagnos, 2004. p. 599.

¹⁶⁷ “Speaking, writing and preaching.” ADAM, 1996, p. 15-55. (Tradução nossa, com auxílio de recurso *online*).

¹⁶⁸ Meyer destaca dez paradigmas da administração da Palavra: 1. Administração da aliança da Criação; 2. Promessa; 3. Lei; 4. Josué, Juizes e Samuel; 5. Monarquia; 6. Profetas; 7. Salmistas e escribas; 8. Filho; 9. Apóstolos; 10. Pastor. Cada paradigma de administração tem uma falsificação como parte do conflito dos dois reinos: 1. Adão versus serpente; 2. Abel versus Caim; 3. Isaque versus Ismael; 4. Jacó versus Esaú; 5. Moisés versus Faraó; 6. Samuel versus Eli; 7. Davi versus Saul; 8. Os verdadeiros reis versus os falsos reis; 9. Os profetas versus profetas; 10. Os sábios

O reino de Deus assume o primeiro plano em Esdras e Neemias, como proclamadores piedosos que respondem de modo positivo à obra divina de restauração e voltam à terra de Israel para reconstruir o templo. Esdras lidera um movimento de renovação em que o povo ouve a Palavra de Deus na Lei de Moisés e responde à voz de Deus. Foi um administrador extraordinário da Palavra (Ed 7,9,10), que levou à proclamação, ao ficar em pé em uma plataforma de madeira e leu o Livro da Lei (Ne 8.2,4). Os levitas ajudaram o povo a entender a Lei, enquanto o povo permanecia em seu lugar (Ne 8.7). Como ajudaram? Leram a Lei do Livro, da Lei de Deus, claramente, dando o sentido para que o povo entendesse a leitura (8.8). Esdras foi reverente, com uma liderança conjunta (Ed 9.3-15) e em adoração conjunta (Ne 8.6). Os efeitos são notáveis (Ed 10.1-17). O ministério da leitura da lei e de explicação do sentido levou o povo a se posicionar. Todo o povo respondeu “amém, amém,” levantando as mãos. E curvaram a cabeça e adoraram o Senhor como rosto em terra (Ne 8.6).

A adoração pública sem a administração fiel da Palavra entra em naufrágio.¹⁶⁹ O paradigma visto em Esdras e Neemias é pré-figuração que apontava para uma administração superior e perfeita através de Cristo, que estabeleceria uma grande comissão (Mt 28.18-20), e enviaria seus discípulos para a proclamação dessa Palavra até os confins da terra. Em todos os tempos o paradigma da idolatria pós-queda foi um desafio. Hoje, temos a idolatria no contexto do culto contemporâneo. O relato de Philip Rieff acerca do “ser humano psicológico que nasceu para ser agradado”¹⁷⁰ está corporificado no contexto da adoração cristã batista no Brasil, seja por consequência natural da influência da cultura dos ouvintes no culto, ou pela desídia e culpa dos pregadores atuais, que sucumbem diante dos apelos do povo. Sendo assim, qual seria a resposta dos pastores quanto a esse desafio?

A história da igreja nos mostra que sempre buscamos respostas que vão aos extremos do objetivismo (momentos drásticos da modernidade) ou subjetivismo (pós-modernidade). Assim como outros períodos, a pós-modernidade é um desafio e uma oportunidade; um desafio em virtude da abertura irrestrita às muitas espiritualidades, mas uma oportunidade para a restauração da adoração pública

versus os insensatos; 11. Mordecai versus Hamã; Neemia versus Sambalate e Tobias; 12. Jesus versus fariseus e escribas; 13. Apóstolos versus falsos apóstolos; 14. Mestres versus falsos mestres. Cada administração traz uma nuvem de administradores e proclamadores da palavra. MEYER, Jason. **Teologia Bíblica da Pregação**. São Paulo: Vida Nova, 2019. p. 66, p. 165.

¹⁶⁹ J. Kimble contribui: “A pregação deveria ser vista como parte da adoração da igreja e é crucial para sua vida e saúde. Se a igreja deve se apegar à confissão de sua esperança sem hesitar (Heb 10.23), a palavra de Deus deve receber ampla atenção na vida da igreja. Como tal, isso deveria ser feito quando o povo de Deus se reunir corporativamente e servir como uma razão central para seu ajuntamento. Os pregadores devem buscar ser bons administradores da graça de Deus e falar fielmente “como alguém que fala oráculos de Deus” (1 Pe 4.11). KIMBLE, 2018, p. 120.

¹⁷⁰ RIEFF, Philip. **O Triunfo da Terapêutica**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 19-39.

através de uma exposição bíblica teodramática, que tem o objetivo de renovar a adoração, na ação trinitária. Hoje temos uma abertura maior em virtude da abertura quanto aos fatos subjetivos da fé. Como trabalhar o objetivismo e o subjetivismo nesse período? É claro que o plano soberano divino não dependeria de um momento mais oportuno para que a Palavra voltasse a pulsar nos púlpitos, mas, assim como no período da Reforma, vimos um contexto que favorecia a ação de Lutero, hoje temos um cenário favorável para avançar que o ministério da Palavra avance mais.

O teodrama exposto não seria uma ação teatral ou um movimento puramente homilético ou uma forma pragmática de alcançar uma cultura, mas o uso devido do recurso expositivo que faz juz à forma como Deus resolveu se revelar, uma comunicação de si próprio contado e recontado dramaticamente como a história da redenção se desenvolveu. O drama em si não seria a chave para a restauração do culto, mas a própria Palavra, pregada de modo a preservar a autoridade da revelação divina, mas trazendo o ouvinte para dentro da história, contando com a dinâmica poderosa do Espírito Santo. Não se trata também de uma nova homilética, mas do uso adequado da pregação tradicional através dos recursos divinos descritos na Palavra o norteamento do culto.

A interpretação, como modo em que a fé busca compreensão histórica para uma aplicação vivencial, sempre foi tensa na história da igreja. Agostinho via “o alvo da interpretação bíblica e da prédica o amor a Deus por causa de Deus, que inclui o amor ao próximo, constituindo a vocação suprema do ser humano.”¹⁷¹ A tensão pós-moderna, a ser trabalhada nos capítulos quatro e cinco, tratará justamente do drama do culto e da pregação. Com contribuições de Calvino, dos neo-calvinistas holandeses (pregação histórico-redentiva) e da teologia canônica linguística (tratada por Kevin Vanhoozer), será delineado o objetivo supremo da teologia em “vincular a interpretação das Escrituras à vida da igreja no mundo em busca da sabedoria cristã, baseado na grande história.”¹⁷² O culto no ambiente pós-moderno a ser tratado, traz a oportunidade de expressão da vivência da fé, onde dificilmente haverá quem a contradite, mas nos mostra também um desafio, isto é, o de expressar essa

¹⁷¹ ROSE, Michel. Homilética. *In*: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph. **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p. 146.

¹⁷² VANHOOZER, 2016a, p. 33.

fé com identidade metanarrativa redentiva em virtude de muitas vozes e narrativas que ofuscam o significado do Senhorio de Cristo.

Na tensão histórica da adoração, o elemento da autoridade e identidade redentiva através da Palavra sempre tiveram espaço entre uma época ou outra “porque Deus falou e atua por meio de sua Palavra.”¹⁷³ Recordar a ação do Deus libertador e alimentar a esperança messiânica fez parte de toda a progressividade histórica do povo judeu: a viva voz do Senhor ecoada através da leitura pública e salmodia; o povo de Deus bendizendo e os sermões os fazendo refletir sobre a história da salvação. O compromisso divino com seu povo era preservado através do culto e a pregação era o meio desse memorial de promessa salvífica aprimorando e alimentando a esperança diária do povo de Deus. O passado e o futuro eram lembrados e vivenciados liturgicamente no poder da esperança libertadora.

Além dos relatos em Moisés e a consideração feita no contexto de Esdras e Neemias, o culto sinagoga antes de Cristo demonstra o uso da exposição bíblica como base das ações neotestamentárias. Austin Phelps destaca o termo “pregação” como algo que não existia antes do culto sinagoga, ou seja, que havia “somente aproximações do que entendemos por “pregação.”¹⁷⁴ Oliphant Hughes também cita essa prática tendo sua origem no culto sinagoga, porém colocando a exposição do texto “como um gênero de pregação que tem suas bases nos exemplos de Moisés e Esdras, como protótipos para o uso desse gênero no Novo Testamento e na história da Igreja.”¹⁷⁵ Em Jonathan Griffiths, temos um estudo da exegese da pregação, que

¹⁷³ MICHELÉN, Sugel. **Da Parte de Deus e na Presença de Deus**: um guia para a pregação expositiva. São José dos Campos: Fiel, 2018. p. 40.

¹⁷⁴ Phelps fala que “a pregação, além da leitura da lei e dos profetas, dificilmente se pode dizer que existia. A aproximação que temos era simplesmente a interpretação da passagem que havia sido lida anteriormente. Na ideia judaica, o texto inspirado é o sermão. Prevaleceu posteriormente no culto da sinagoga. Nosso Salvador e alguns apóstolos fizeram da leitura da lei na sinagoga uma ocasião de extensa exposição e exortação. A ideia central da pregação era a exposição. O texto inspirado era o centro de interesse.” “Preaching, besides reading the law and the prophets, can hardly be said to exist. The approach we have was simply the interpretation of the passage that had been read earlier. In the Jewish idea, the inspired text is the sermon. It subsequently prevailed in the worship of the synagogue. Our Savior and some apostles made reading the law in the synagogue an occasion for extensive exhortation and exhortation. The central idea of the preaching was the exposition. The inspired text was the center of interest.” PHELPS, 1881, p. 45. (Tradução nossa, com auxílio de recurso *online*).

¹⁷⁵ “This practice (systematic explanation of Scripture given weekly, or even day by day, at regular congregation meeting) goes back to synagogue worship long before the time of Jesus, when the Law was read through the Sabbath through the Sabbath, beginning each time. Someone had left Saturday before. The idea was for the whole law to be read regularly during the service.” “Essa prática (explicação sistemática das Escrituras feita semanalmente, ou mesmo dia a dia, na reunião regular da congregação) remonta ao culto da sinagoga muito antes do tempo de Jesus, quando a

buscou auxílio em Claire Smith, que demonstra o uso do termo “pregação” e suas variantes¹⁷⁶ para fundamentar um ministério específico e autorizado e a

Lei foi lida através do sábado pelo sábado, começando cada vez que alguém havia deixado o sábado antes. A ideia era a de que toda a lei fosse lida regularmente durante o culto.” HUGHES, 1998, p. 166-169. (Tradução nossa, com auxílio de recurso *online*).

¹⁷⁶ “The three verbs (euangelizomai, katangellō and kēryssō) that are the central focus of our interest. Smith has shown that these three verbs (as in the target literature) are used to denote didactic activity in Pauline communities, and in particular the didactic activity of 'proclaiming' the gospel. Our interest is to probe further and consider the particular and defining characteristics of these verbs and the activities to which they refer throughout the New Testament. How does the 'proclaim' activity fit into the broader array of didactic activities that took place in the early church and how is it distinguishable from other didactic activities? These concerns lead us to ask specific questions about each occurrence of these verbs in the New Testament: First, who is the speaker (or implicit speaker)? Are specific individuals or groups the normal subjects of these verbs? Second, what is the context (or implicit context) of the address? In particular, is it the case that these announcing verbs usually refer to a public address or can be used to refer to private and informal communication? Third, what can we discern about the content of the address? After considering the basic lexical characteristics of each verb, we describe the data related to these three questions in graph form and then summarize our findings for each verb individually. At the end of the chapter, we will gather these findings to come up with some broader lexical conclusions. I'm happy. The verb euangelizomai occurs fifty-four times in the New Testament and means 'to bring good news', 'to proclaim good news' or 'to proclaim the gospel'. Its use in LXX Isaiah 52: 7 and 61: 1 (to refer to the activity of the messenger announcing the universal royalty of the Lord and the restoration of Zion) is a significant textual and theological foundation for its use in the New Testament to refer to the proclamation of the good news in Christ. The related noun euangelion ('good news') may function as a verbal noun referring to proclamation activity, but it usually serves in the New Testament as an abbreviation for the proclaimed message of Christ's death and resurrection. Perhaps it is only natural, then, that the euangelizomai verb should generally have a particular emphasis on the content of the message (the 'good news') that is communicated.” “Os três verbos (euangelizomai, katangellō e kēryssō) que são o foco central de nosso interesse. Smith demonstrou que esses três verbos (como ocorrem na literatura alvo) são usados para denotar atividade didática nas comunidades paulinas e, em particular, a atividade didática de 'proclamar' o evangelho. Nosso interesse é sondar mais e considerar as características particulares e definidoras desses verbos e as atividades a que eles se referem ao longo do Novo Testamento. Como a atividade de 'proclamar' se encaixa na matriz mais ampla de atividades didáticas que ocorreram na igreja primitiva e como é distinguível de outras atividades didáticas? Essas preocupações nos levam a fazer perguntas específicas sobre cada ocorrência desses verbos no Novo Testamento: Primeiro, quem é o falante (ou orador implícito)? Indivíduos ou grupos específicos são os sujeitos normais desses verbos? Segundo, qual é o contexto (ou contexto implícito) do endereço? Em particular, é o caso desses verbos anunciadores normalmente se referirem a um endereço público ou podem ser usados para se referir à comunicação privada e informal? Terceiro, o que podemos discernir sobre o conteúdo do endereço? Depois de considerarmos as características lexicais básicas de cada verbo, descreveremos os dados relacionados a essas três perguntas em forma de gráfico e, em seguida, resumiremos nossas descobertas para cada verbo individualmente. No final do capítulo, reuniremos essas descobertas para propor algumas conclusões lexicais mais amplas. Euangelizomai. O verbo euangelizomai ocorre cinquenta e quatro vezes no Novo Testamento e significa 'trazer boas novas', 'anunciar boas novas' ou 'proclamar o evangelho'. Seu uso na LXX, Isaías 52: 7 e 61: 1 (para referir-se a atividade do mensageiro que anuncia a realeza universal do Senhor e a restauração de Sião) é um fundamento textual e teológico significativo para seu uso no Novo Testamento para se referir à proclamação das boas novas em Cristo. O substantivo relacionado, euangelion ('good news'), pode funcionar como um substantivo verbal referente à atividade de proclamação, mas normalmente serve no Novo Testamento como uma abreviação para a mensagem da morte e ressurreição de Cristo que é proclamada. Talvez seja natural, então, que o verbo euangelizomai geralmente deva comportar uma ênfase particular no conteúdo da mensagem (as 'boas novas') que é comunicada.” GRIFFITHS, Jonathan. **Preaching in the New Testament: An Exegetical and**

diferenciação quanto à comunicação geral do Evangelho feito por variadas classes de pessoas. Griffiths também estabelece a relação precisa entre o termo “pregação” no Antigo e Novo Testamento.¹⁷⁷ Roland de Vaux destaca que:

[...] a origem das Sinagogas (que não pertencem às instituições do Antigo Testamento) tem como opinião predominante o começo na Babilônia durante o exílio, como um substituto do serviço do Templo e que ela foi

Biblical-Theological Study (New Studies in Biblical Theology). Illinois: Apollos Intervarsity Press, 2017. p. 1869. (Edição do Kindle).

¹⁷⁷ “Que o ministério de Timóteo está em uma linha de continuidade com os oradores da palavra de Deus que se estendem pelos apóstolos, o próprio Jesus e os profetas do Antigo Testamento não deve surpreender. Ao longo da história de suas relações com seu povo, Deus falou com seu povo e os conduziu através de sua palavra declarada pelos agentes escolhidos. Dado que a palavra de Deus é poderosa em si mesma, ele poderia ter fornecido pessoas que simplesmente leram sua palavra - ou ele poderia ter providenciado para que os israelitas lessem a lei em particular. Em sua sabedoria, no entanto, ele sempre forneceu aqueles que seriam especialmente comissionados a proclamar sua palavra ao seu povo. Aqueles que são designados como pregadores na igreja hoje, seguindo Timóteo, mantêm-se naquela linha de continuidade que se estende dos profetas do Antigo Testamento, através de Jesus, os apóstolos e seus agentes e até os líderes da igreja no cargo. Contexto apostólico. Contudo, ao afirmarmos que o ministério da pregação designado a Timóteo e aos pregadores cristãos contemporâneos permanece em uma linha de continuidade com a profecia do Antigo Testamento, devemos fazer uma pausa para articular o que não se entender por tal afirmação. Primeiro, isso não implica que a pregação dependa de receber nova revelação. A profecia do Antigo Testamento dependia, pelo menos em parte, de receber nova revelação de Deus. Muitas vezes, os profetas do Antigo Testamento recebiam uma palavra direta de Deus ou tinham uma visão que eles então transmitiam. As coisas mudaram dramaticamente com a vinda de Jesus, como Hebreus 1 deixa claro: 'Há muito tempo, muitas e muitas vezes, Deus falou a nossos pais pelos profetas, mas nesses últimos dias ele nos falou por seu Filho' (Heb. 1: 1-2). A palavra final de Deus na era final da história da salvação ('estes últimos dias') foi dita em Jesus, a Palavra de Deus encarnada, e não esperamos mais nenhuma nova revelação sobre a identidade ou os planos de salvação de Deus. É verdade, é claro, que muitas profecias do Antigo Testamento eram simplesmente uma exposição da lei, aplicada à situação do povo de Deus nos dias do profeta. Muitas profecias do Antigo Testamento eram basicamente uma exposição bíblica, e não um novo oráculo, e, portanto, muitas profecias do Antigo Testamento têm muito em comum com o que os pregadores devem fazer hoje. No entanto, a pregação é distinta da profecia do Antigo Testamento, no sentido de que não traz novas revelações. Segundo, essa afirmação não significa que todas as declarações no Novo Testamento sobre profetas da nova aliança ou o dom de profecia sejam realmente sobre pregação. Já observamos o fato de que os 'profetas' mencionados em Efésios são figuras fundamentais que funcionavam ao lado dos apóstolos na igreja primitiva. A situação em 1 Coríntios 14 é mais complexa. Parte do que é dito sobre profecia parece muito com a pregação (por exemplo, 'quem profetiza fala às pessoas para sua edificação, incentivo e consolo', 1 Cor. 14: 3). Por outro lado, menciona nos versículos 29 e 30 de 'dois ou três' profetas falando e 'outro' recebendo 'uma revelação' e sendo solicitado a falar sons bastante diferentes do sermão central em uma reunião semanal. Os pregadores pós-apostólicos não recebem o título 'profeta' e o Novo Testamento não designa sua 'profecia' de pregação. Somente essas observações indicam para nós que o papel do pregador não é simplesmente o equivalente da nova aliança do profeta no antigo Israel. O fato de que a linguagem de 'profeta' e 'profecia' não é atribuída ao pregador cristão está, sem dúvida, ligada ao fato de que o pregador opera sob uma nova aliança dentro de uma era diferente da história da salvação. Nesta época, Jesus, o grande Profeta, trouxe cumprimento à mensagem profética e ao ofício profético. Hoje, os pregadores são arautos que servem a Jesus, o grande Profeta. Ao servi-lo, no entanto, o Novo Testamento coloca-os juntamente com seu ministério de pregação em uma linha de continuidade com o ofício e ministério profético do Antigo Testamento, que ele cumpre.” GRIFFITHS, Jonathan. **Preaching in the New Testament: an Exegetical and Biblical-Theological Study** (New Studies in Biblical Theology). Illinois: Apollos Intervarsity Press, 2017. p. 1869. (Edição do Kindle).

introduzida na Palestina por Esdras [...] É provável que tenham surgido pouco a pouco, sob a pressão de dois fatores do judaísmo pós-exílico: a lei de unidade de santuário sendo imposta, pareceu não só legítimo mas necessário haver lugares de oração (sem culto sacrificial) fora de Jerusalém; sobretudo talvez, a importância dada à Lei exigia que ela fosse lida e ensinada nas comunidades, e as sinagogas têm sido lugares de ensino e mais que locais de oração. Esses fatores pesaram tanto na Palestina quanto na Diáspora, e foi o caso de descobertas que trouxe à luz no Egito a primeira sinagoga seguramente atestada.¹⁷⁸

Nesse sentido, Larry W. Hurtado concentra suas pesquisas mais no contexto da Diáspora, mostrando que:

[...] não havia nenhum livro de oração padronizado ou liturgia a ser seguida na sinagoga no período do Segundo Templo e não havia orações fixas ou um lecionário padronizado, mas provavelmente, práticas que se tornaram convencionais.¹⁷⁹

Essa falta de prescrição rígida da adoração sinagagal que influenciou a adoração cristã da igreja primitiva não significa uma total liberdade de ação litúrgica para justificar formatos contemporâneos. Havia uma identidade na Palavra que deve ser considerada com muito cuidado. Hurtado descreve sobre o uso do *Shemá*, a “confissão de fé (Dt 6.4-9 e 11.13-21; Nm 15.37-41). Cânticos, recitações de salmos bíblicos, e a atividade central da leitura da Escritura como expressão de identidade religiosa (leitura, explicação e ensino do Pentateuco).”¹⁸⁰ O Novo Testamento relata em Atos dos Apóstolo (13.15) tal prática. Hermisten Maia nos ensina que:

[...] mesmo não encontrando no Novo Testamento nenhuma descrição completa do culto cristão, constatamos que, desde o início da igreja neotestamentária, havia uma forma própria de culto (At 2.42), tendo na Sinagoga e possivelmente em Qumram seu protótipo.¹⁸¹

As características principais dessa herança para o culto devem ser bem delineadas e seguidas em todos os tempos, culturas, povos e tradições que se consideram cristãs: “1) Cristo sendo reverenciado como divino juntamente com Deus e 2) rejeição de adoração de todos os outros deuses.”¹⁸² A exposição bíblica é o

¹⁷⁸ VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 383.

¹⁷⁹ HURTADO, Larry W. **As origens da Adoração Cristã: o caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 47.

¹⁸⁰ HURTADO, 2011, p. 49.

¹⁸¹ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Princípios Bíblicos da Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 55.

¹⁸² HURTADO, 2011, p. 55.

meio mais adequado para resguardar essa identidade cristocêntrica na adoração pública.

Da libertação da escravidão à missão apostólica, a fala de Deus cumpre o papel de mostrar e renovar sua aliança progressivamente num processo de exortação, edificação e consolo, através dos profetas, apóstolos e a própria Palavra encarnada. Por meio de Cristo, o povo de Deus é salvo (Ef 2.8) e Deus é glorificado em todas as esferas da sociedade. Através do mérito da obediência de Cristo, é que o povo de Deus pode se santificar de modo correto confiando no Evangelho e não no esforço meramente humano. Como pregar em toda a Escritura de modo a deixar evidente essa justiça cumprida por Cristo? Somente pela exposição da Palavra da verdade. Nesse caminho, a adoração cristã mantém sua identidade.

O século I, representado por Jesus, o Cristo, seus discípulos e a fundação da igreja, mostra a humildade, compaixão e materialização do plano divino. João Batista pregando no deserto da Judeia, convocando o povo ao arrependimento, diante da proximidade do reino dos céus (Mt 3.1-2). Em Lc 3.2-14 fala de cinco características da pregação de João Batista:

1. Abrangência profética em vários ambientes; 2. Conteúdo: batismo de arrependimento para remissão de pecados, como precursor do Messias, 3. Autoridade da sua mensagem. João pregou de acordo com o Antigo Testamento, de acordo com o profeta Isaías (Is 40.3-5). 4. Forma: não queria agradar, mas pregar. 5. Aplicação: João, diferentemente de muitos pregadores dos dias de hoje, não teve que fazer apelos e apelar. A sua palavra, certamente inspirada pelo Espírito Santo, provocou o desejo nos ouvintes de saber o que deveriam fazer. As multidões, os publicanos e até os soldados perguntaram a João o que deveriam fazer, como deveriam agir. João, de modo claro e prático, indicou a cada grupo quais ações demonstrariam o fruto de seu arrependimento.¹⁸³

A pregação de João Batista no contexto profético, fora do ambiente sacerdotal, não era conforme sua imaginação ou segundo prescrições ou liturgias culturais, mas na centralidade da Palavra de Deus, demonstrando através de Isaías, que profetizou “a vinda do Senhor para Seu povo e as notícias de sua restauração como uma fonte de conforto ao povo de Judá em cativo (Is 40.1-11)”¹⁸⁴, o contexto

¹⁸³ NEVES, I.; MCGEE, J. V. Comentário Bíblico de Lucas. In: FREITAS, W. (Org.). **Através da Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012. p. 52-53.

¹⁸⁴ PINTO, 2014, p. 610.

para sua jornada de pregação no deserto. A cena de adoração¹⁸⁵ vista no profeta Isaías (Is 6.1-13), ao entrar no templo no ano em que o rei Uzias morreu nos ensina a maravilhosa redenção em Cristo. Nessa descrição, Old Hughes destaca em Isaías elementos que perpassam o pano de fundo da adoração:

1) uma adoração com louvor (senso de admiração); 2) leitura e pregação da Palavra de Deus; 3) Ouvimos a Palavra e recebemos sinal da graça de Deus. Para Isaías, esse sinal era o carvão brilhante que tocava seus lábios. Para nós, como cristãos, esse sinal é o compartilhamento da Ceia do Senhor. Esse alimento sagrado é o selo das promessas proclamadas na leitura e pregação das Escrituras; 4) Serviço. Isaías se oferece a esse serviço. “Aqui estou; envia-me” (Is 6.8); 5. É a promessa de que nessa família aparentemente devastada do povo de Deus existe a Semente Santa (Is 6.13). Isso é algo que os cristãos entenderam como uma das promessas messiânicas. É uma promessa que o Cristo, a Semente de Davi, finalmente estabelecerá seu reino e esse reino prevalecerá. A meu ver, o serviço do Dia do Senhor deve terminar com um olho na adoração celestial da Nova Jerusalém, como a encontramos em Apocalipse. Foi quando João estava no Espírito, no Dia do Senhor (Ap 1.10); 6) A bênção está adequadamente entrelaçada com louvor, como a encontramos em Apocalipse 4 e 5. “Santo, santo, santo”, ... “Bênção, e honra, e glória e poder”.¹⁸⁶

Na cena de adoração vista em Isaías, temos o elemento essencial do culto. “Sem a Palavra, o culto não seria um encontro vivo e eficaz entre Deus e seu povo, senão um monólogo ou diálogo entre homens; não seria um milagre, mas um encontro não cristão.”¹⁸⁷ A forma de culto e os elementos vistos em Isaías e trabalhados no culto sinagoga demonstram:

[...] a transmissão de memória de um povo que Deus havia se comprometido; um culto não só do passado, mas de um Deus vivo, o qual

¹⁸⁵ Uma obra que descreve essa narrativa de modo bem apurado é a do professor Old Hughes “Worship, Preaching and the Ministry of Prayer.” HUGHES, Oliphant Old. **Worship, Preaching, & The Ministry of Prayer**. Califórnia, EUA: Worship Leader Magazine, 2012. (Edição do Kindle).

¹⁸⁶ 1) a worship with praise (sense of wonder); 2) reading and preaching God's Word; 3) We hear the Word and receive a sign of God's grace. To Isaiah this sign was the glowing charcoal that touched his lips. For us as Christians, this sign is the sharing of the Lord's Supper. This sacred food is the seal of the promises proclaimed in the reading and preaching of Scripture; 4) Service. Isaiah offers himself to this service. "Here I am; send me" (Isa. 6: 8); 5. It is the promise that in this seemingly devastated family of God's people there is the Holy Seed (Isa. 6:13). This is something that Christians understood as one of the messianic promises. It is a promise that Christ, the Seed of David, will finally establish his kingdom and that kingdom will prevail. In my view, the Sabbath service should end with an eye on the heavenly worship of the New Jerusalem, as we find it in Revelation. That was when John was in the Spirit on the Lord's Day (Rev. 1:10); 6) The blessing is properly interwoven with praise, as we find it in Revelation 4 and 5. “Holy, holy, holy,” “Blessing, and honor, and glory, and power” HUGHES, Oliphant Old. **Worship, Preaching, & The Ministry of Prayer**. Califórnia, EUA: Worship Leader Magazine, 2012. p. 211. (Edição do Kindle).

¹⁸⁷ ALLMEN, 2006, p. 128.

revivencia-se a história da salvação: lendo a Escritura, cantando Salmos, orando e refletindo os sermões.¹⁸⁸

Diante de cultos contemporâneos, com o uso narrativo existencial, que buscam encontros puramente experiencial, com o rompimento paulatino da grande história, a exposição bíblica é o modo definidor da adoração, podendo refletir na pós-modernidade o caráter dramático dessa redenção, de modo canônico, objetivo, experiencial, mas indo além da recitação de histórias que estão no cânone. De modo teodramático (não se referindo à teatralização), comunicando a história maior de modo como essa redenção foi comunicada, isto é, com fatos proposicionais no enredo com várias cenas narrativas, que demonstram a variedade comunicativa divina que a exposição bíblica pode desenvolver. Considerando que, o poder de transformação não advém do uso variado dos formatos literários da Bíblia, pois senão muitos não teriam sido alcançados em contextos onde nem ao menos sabe-se o que significa “formas literárias”, podemos nos apropriar disso na atualidade das muitas narrativas.

O drama da adoração continua em Jesus, o Cristo; o elo e o ápice do encontro dramático da Palavra encarnada com o homem separado do Pai; O Filho refletiu a glória do Pai com a missão de reconciliação, cumprindo toda a justiça exigida e descumprida no Éden. O cenário da adoração chegou ao ponto. Vejamos em Jonathan Gibson:

A estória da história humana, do começo ao fim, é a história da adoração. Isso ocorre porque Deus estruturou sua palavra de maneira que toda pessoa adore através de um dos dois homens - Adão ou Jesus Cristo. Este primeiro homem, Adão, tornou-se *homo litúrgico*, e cada pessoa que carrega sua imagem herdou sua orientação litúrgica decaída em direção à idolatria. Estamos nascendo adorando a criatura, não o criador; vivemos nossas vidas buscando salvação e satisfação nos pseudo-redentores, não no Redentor. Somos uma raça inquieta, vagando pelo “leste”, longe do santuário divino. Mas, através do Segundo Homem Jesus Cristo, temos o convite para retornar e adorar a Deus corretamente em espírito e verdade, em sua presença. Através da encarnação, vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo - o verdadeiro *Homo Liturgicus* - Deus abriu um caminho de volta à sua presença.¹⁸⁹ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

¹⁸⁸ WHITE, 1997, p. 105.

¹⁸⁹ “The story of human history, from beginning to end, is the story of worship. This is because God has so structured his word that every person will worship through one of two men – Adam or Jesus Christ. This first man Adam was made *homo liturgicus*, and every bearing his image has inherited his fallen liturgical orientation toward idolatry. We are born worshipping the creature, not the creator; we live our lives seeking salvation and satisfaction in pseudo-redeemers, not the

Tentado no deserto e iniciando seu ministério na Galileia, com uma pregação misericordiosa e exortativa, com uma chamada ao arrependimento e convocação de futuros pregadores (Mt 4), Jesus não foi insensível às narrativas dos ouvintes, mas sua missão redentiva foi baseada numa narrativa superior.¹⁹⁰ Do Monte Horebe ao Monte das Beatitudes, entra em cena o expositor bíblico por excelência¹⁹¹, “superior a Moisés (veja a promessa em Dt 18.18 e a realidade em Jo 1.17; 5.46; Hb 3.3). [...] aprofundou as exigências dos mandamentos (passando a incluir até mesmo os desejos do coração).”¹⁹² Ao elevar tais exigências, Jesus paradoxalmente expõe sobre a impossibilidade puramente humana de alcançar esse padrão, revelando em si mesmo o cumprimento da promessa da aliança, e o caminho da graça para o alcance desse padrão.

Agostinho, sobre o Sermão da Montanha (Mt 7.24-27), lembra-nos que Jesus pregou “a regra perfeita da vida cristã.”¹⁹³ Rejeitado, mas comprometido com a esperança que se consumaria na sua morte e ressurreição, sua pregação (Lc 4.14-44) era uma promessa carregada de compaixão, que incluía não somente os judeus,

Redeemer. We are a restless race, wandering “east”, away from the divine sanctuary. But, through the Second Man Jesus Christ, we have invitation to return and worship God aright in spirit and truth, in his presence. Through the incarnation, life, death, resurrection, and ascension of Jesus Christ – the true *Homo Liturgicus* – God has opened a way back into his presence.” GIBSON, Jonathan. *The Reformation of Worship*. In: GIBSON, Jonathan; EARNGEY, Mark. **Reformation worship: Liturgies From The Past For The Present**. NC: New Growth Press, 2018. p. 20.

¹⁹⁰ A adoração no contexto da pós-modernidade encontra os desafios das muitas narrativas com formatos de linguagens de fé, mas destituídas de fé bíblica. Itamir Neves relata sobre o Sermão do Monte “sobre a maneira como devemos encarar a Palavra de Deus. Ao invés de encará-la com preconceito, de uma maneira superficial e sem o desejo de praticá-la, devemos considerá-la de modo sério, com disposição de ver o que Deus tem para as nossas vidas. Ela é a genuína Palavra de Deus e é ‘através da Bíblia’ que devemos dirigir a nossa vida.” NEVES, I.; MCGEE, J. V. *Comentário Bíblico de Mateus*: FREITAS, W. (Org.). **Através da Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012, p. 54.

¹⁹¹ “O Monte das Beatitudes tem sido com frequência comparado e contrastado com o Monte Horebe, donde Moisés recebeu a lei de Deus. De um lado, o Monte Horebe: frio, desolado, estéril, quase inacessível, situado no meio de um deserto insuportável com suas serpentes ardentes. De outro, o Monte das Beatitudes com suas paisagens prazenteiras e seus declives verdejantes, como se estendesse as cordiais boas-vindas a todos e distribuísse deleites por meio de seus lírios, margaridas, jacintos e anêmonas. No Horebe: Deus aparece entre trovões e relâmpagos, e o povo, sucumbido pelo terror. Na Galileia: Emanuel, com a graça e a verdade fluindo de seus lábios, assentado no meio de seus discípulos, que ouvem sem medo ou tremor. Contudo, devemos ser cuidadosos, não obstante ser verdade que do Monte Horebe Jeová revelou sua grandeza e sua glória, *a lei foi dada num contexto de amor* (ver Êx 20.2; Dt 5.2,3,6,28,29,32,33; 6.3-5). Além disso, o que fora proclamado no Sinai não é rejeitado por Jesus Cristo, senão que ele lhe emprestou a sua mais profunda interpretação espiritual (cf. Mt 5.17).” HENDRIKSEN, W. **Mateus**. 2. ed. Trad. V. G. Martins. Cambuci; São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 321-322. v. 1.

¹⁹² MANSER, M. G. **Guia Cristão de Leitura da Bíblia**. In: PEREIRA, D. et al. (Orgs.). **Guia Cristão de Leitura da Bíblia**. Trad. L. Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. p. 48.

¹⁹³ AGOSTINHO Santo, Bispo de Hipona. **Sobre o Sermão da Montanha**. São Paulo: Filocalia, 2016. p. 21.

como também os gentios. Misericórdia e compaixão mostram que a preocupação de Jesus passava pelas narrativas¹⁹⁴, mas apontada para a metanarrativa redentiva, onde suas ações no reino presente apontavam para um reino futuro da esperança, onde não haveria mais pecado, dor, fome, sofrimento e nem a mais temível de todas as dores, a da separação por meio da morte. O culto e a pregação atual têm esse desafio: não esquecer as narrativas, mas não deixar que tais sufoquem a metanarrativa; não desprezar o hoje, mas apontá-lo pedagogicamente para o amanhã, ou seja, mostrar o caminho de volta a Deus por intermédio do redentor e Senhor para a formação contínua da identidade da nova comunidade.

Seja no culto sinagoga anterior à encarnação, na pregação de Jesus ou na prática da leitura da lei e dos profetas, feita por Paulo (At 13.15) como mestre itinerário, ou no culto sinagoga dos cristãos convertidos do judaísmo (At 2.46), a “Palavra era o elemento essencial do culto. Sem ela, o culto não seria um encontro vivo e eficaz entre Deus e seu povo, senão um monólogo ou diálogo entre homens.”¹⁹⁵ Fazia parte do bojo de todo o conjunto de elementos litúrgicos, como leitura, salmodia, oração e reflexão (palavra pregada em sermões). Os textos paulinos eram lidos e explicados nas comunidades missionárias.

No Novo Testamento, “Cristo é reconhecido como o divino Filho de Deus e adorado por seus seguidores (Luc 24:52). Após o nascimento da igreja, os crentes reuniram-se regularmente para adoração (At 2:46-47; 13:1-3).”¹⁹⁶ A teologia do culto da igreja primitiva tinha como propósito “glorificar a Deus e edificar a igreja. No culto, os cristãos faziam de Jesus Cristo o centro, tendo a pregação da Palavra de Deus e a celebração bíblica dos sacramentos como partes essenciais.”¹⁹⁷ Tempo de uma igreja saudável, onde os sacramentos não sufocavam a pregação, mantendo a esperança escatológica viva! O desenvolvimento da história da igreja é um drama com um enredo de oscilações sobre o comprometimento da exposição bíblica. A leitura, explicação e aplicação das Escrituras do culto da igreja primitiva é uma

¹⁹⁴ “O mistério mais profundo do amor de Deus, se dando a nós no mais profundo do nosso ser, convidando-nos a manifestá-lo, revestido de nossa carne, ao mundo. É um reflexo da concepção e nascimento de Jesus. Maria, acolhe, reveste de sua carne e entrega ao mundo, verdadeiro Deus e homem, o Verbo Eterno de Deus.” ALLMEN, 2006, p. 128.

¹⁹⁵ ALLMEN, 2006, p. 128.

¹⁹⁶ SMITHER, 2018.

¹⁹⁷ CUNHA, Guilhermino. **O culto que Agrada a Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 15.

marca da sobrevivência da identidade do povo, que foi aos poucos substituída por cultos anêmicos.

O culto da igreja apostólica (até o ano 100 d.C.) “havia oração, testemunho, ensino e cântico de salmos. A *lectio continua*¹⁹⁸ nesse contexto aparece com a leitura e explicação das Escrituras do Antigo Testamento, citações, de memória, dos atos e ensinamentos de Jesus. As cartas apostólicas enviadas eram lidas para todos.”¹⁹⁹ O culto público com a leitura verso a verso – *lectio continua*, que se perfazia na leitura “de uma epístola em série era típico da igreja primitiva, restaurado na Reforma calvinista, diferente da *lectio selecta* (sistemático), encontrado nas tradições ortodoxa, luterana, anglicana e romana.”²⁰⁰

Após a expulsão do povo de Deus do contexto da sinagoga (meados do século 2), houve a fusão dos dois tipos de culto. “O padrão sinagoga agora é enxertado no padrão da eucaristia, com a Palavra falada (lembrança que estamos aqui) com o sinal executado (lembrança de que não somos daqui).”²⁰¹ Estabelecido no Dia do Senhor (o domingo), uma reunião para leitura da Escritura, oração, cântico

¹⁹⁸ “Different church traditions have used various means to complete the emphases of preaching in a local setting. Roman, Orthodox, Lutheran, and especially the United States Catholic churches often use a lectionary linked to the liturgical calendar that leads ministers to cover a variety of preselected texts each year. Reformed churches and others of ‘free church’ traditions often resist lectionary use for several reasons: (1) the principle of sola Scriptura, which some consider to include the idea that only Scripture should dictate what is preached; (2) the practice of lectio continua in opposition to lectio selecta, ie by presenting lessons of texts in consecutive sequence (eg, preaching through a book in a series, also known as “consecutive preaching”) rather than choosing several selections per week by week, as this has led to inadequate human emphases; (3) the tradition of keeping one day above another in reaction to the observances of the holy days of the Roman Catholic Church that were viewed as an integral part of sacramentalism; and (4) the consideration given to the autonomy of the local pulpit, on the assumption that the Holy Spirit will grant a local anointing of the preacher (ie spiritual power) and insight to the task at hand.” “Diferentes tradições da igreja usaram vários meios para completar as ênfases da pregação em um ambiente local. As igrejas católica romana, ortodoxa, luterana e, principalmente, nos EUA costumam usar um lecionário vinculado ao calendário litúrgico que leva os ministros a cobrirem uma variedade de textos pré-selecionados a cada ano. Igrejas reformadas e outras pessoas de tradições de ‘igreja livre’ normalmente resistem ao uso de lecionário por várias razões: (1) o princípio da *Sola Scriptura*, que alguns consideram incluir a ideia de que somente as Escrituras devem ditar o que é pregado; (2) a prática da *lectio continua* em oposição à *lectio selecta*, ou seja, apresentando lições de textos em sequência consecutiva (por exemplo, pregando através de um livro de uma série, também conhecida como “pregação consecutiva”) em vez de escolher diversas seleções por semana a semana, já que isso levou a ênfases humanas inadequadas; (3) a tradição de manter um dia acima de outro em reação às observâncias dos dias santos da Igreja Católica Romana, que eram vistas como parte integrante do sacramentalismo; e (4) a consideração dada à autonomia do púlpito local, na suposição de que o Espírito Santo concederá uma unção local ao pregador (isto é, poder espiritual) e discernimento para a tarefa em questão.” CHAPPELL, Bryan. **Christ-Centered Preaching: Redeeming the Expository Sermon**. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2018. p. 1263-1270. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

¹⁹⁹ NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 33.

²⁰⁰ ALLMEN, 2006, p. 128.

²⁰¹ WHITE, 1997, p. 94.

de salmos e hinos de pregação, encerrando-se tudo com a Ceia do Senhor.²⁰² O que se segue é uma dinâmica da história do culto, com variações de formato e conseqüentemente, em alguns períodos, da má administração do conteúdo sacramental, vindo a sufocar a fala divina ao povo, comprometendo a identidade libertadora e esmagando a esperança.

Uma adoração pública norteadada pela exposição bíblica solidifica o princípio gerador do fundamento da fé. De fato, sendo “expositiva, os detalhes da Escritura clamam para serem abertos, desdobrados, elucidados, esclarecidos, explicados, exibidos e proclamados.”²⁰³ Com o fator teodramático (a ser tratado posteriormente), faz jus àquilo que ela é em toda a Palavra. Deve conter exultação para

[...] que não mintamos sobre o valor de Deus, o evangelho e as Escrituras pela estupidez de nosso comportamento. Em tudo isso o pregador é totalmente dependente do Espírito Santo (Atos 2:14-41; 4:8) e tem como objetivo para fazer muito de Deus (1 Cor 10:31; 1:18-2:5).²⁰⁴

O desenvolvimento progressivo da aliança e a proclamação da Palavra como elemento definidor da adoração definiu a teologia prática da pregação neotestamentária (Rm 10.9-17; Cl 1.28; 1Tm 3.1-7; 2Tm 3.16-4:2; 1Pe 4.11) e conseqüentemente da história da igreja posterior, conforme veremos a seguir.

2.3.1 De Orígenes às Ordens Homiléticas

Passando pelos Pais da Igreja, temos as figuras de Orígenes²⁰⁵, Agostinho e outros que, ao longo dos sete primeiros séculos, pregaram para que essa identidade

²⁰² NICHOLS, 2013, p. 33.

²⁰³ KIMBLE, 2018, p. 120.

²⁰⁴ KIMBLE, 2018, p. 120.

²⁰⁵ “Origen and our first comprehensive picture of Christian preaching. He was the first in a long line of Christian preachers who would bridge the gap between the Christian faith and the prevailing culture of the day. After Origen would come Gregory the Great, Bossuet, Schleiermacher, Adolf von Harnack, and Harry Emerson Fosdick, each one built a bridge between the Christian faith and a very different culture.” Origen and Our First Comprehensive Picture of Christian Preaching. He was the first in a long line of Christian preachers who would make a bridge between the Christian faith and the prevailing culture of the day. After Origen would go to Gregory the Great, Bossuet, Schleiermacher, Adolf von Harnack, and Harry Emerson Fosdick, each of whom in one way or another built a bridge between the Christian faith and a very different culture.” “Orígenes e nossa primeira imagem abrangente da pregação cristã. Ele foi o primeiro de uma longa fila de pregadores cristãos que faria uma ponte entre a fé cristã e a cultura predominante da época. Depois que Orígenes viria Gregório Magno, Bossuet, Schleiermacher, Adolf von Harnack e Harry Emerson Fosdick, cada um de uma maneira ou de outra construiu uma ponte entre a fé cristã e uma cultura muito diferente.” “Origen and Our First Comprehensive Picture of Christian Preaching. He was the first in a long line of Christian preachers who would make a bridge between the

fosse mantida. Orígenes, “fez muitas viagens: a Roma, onde parece ter ouvido uma pregação de Hipólito; a Cesareia da Palestina, onde o Bispo Teoctisto, como Alexandre de Jerusalém, lhe dá o ofício de pregar, apesar de leigo.”²⁰⁶ Em Orígenes (185-251) encontramos o prelúdio da pregação protestante. Embora tivesse uma forte carga de alegoria, trouxe elementos fundantes para o deslinde do que seria chamada exposição bíblica. “As homilias de Orígenes são exegéticas, explicando pacientemente versículo por verso uma lição da Bíblia que acabara de ser lida.”²⁰⁷ Orígenes possuía a tarefa do gramático de explicar um texto.²⁰⁸ Poderíamos resumir a pregação de Orígenes da seguinte forma:

No centro da pregação de Orígenes está a Escritura e a forma como ela deve ser interpretada. Ele considera que o *doctor ecclesiae*, o *didáskalos* tenha herdado a função que na antiga economia e na Igreja primitiva era desempenhada respectivamente pelos Profetas e pelos Apóstolos.²⁰⁹

Em “Orígenes vemos uma influência determinante sobre a homilética em geral, graças sobretudo a seus comentários exegéticos e às centenas de *homilias* sobre a Escritura.”²¹⁰ Ele partia do pressuposto que:

[...] os que dão valor à exposição clara e precisa de todas as Escrituras procurarão provar não só a antiguidade de seus autores, mas também a seriedade de suas afirmações e a coerência entre elas.²¹¹

Christian faith and the prevailing culture of the day. After Origen would come a Gregory the Great, a Bossuet, a Schleiermacher, an Adolf von Harnack, and a Harry Emerson Fosdick, each of whom in one way or another built a bridge between the Christian faith and a very different culture.” HUGHES, 1998, p. 3930. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

²⁰⁶ ORÍGENES, 2016, p. 11.

²⁰⁷ “Origen’s homilies are exegetical, patiently expounding verse by verse a lesson from the Bible that had just been read.” TRIGG, Joseph W. Origen. *In*: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995. p. 355. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

²⁰⁸ “A estrutura das homilias de Orígenes não devia nada a teorias retóricas da disposição; ele se limitou à tarefa do gramático de explicar um texto. O mais próximo que ele chegou de fornecer qualquer estrutura formal era muitas vezes fazer uma introdução e seguir um padrão definido para sua conclusão. A introdução começaria com algo diferente do primeiro verso de sua passagem, a fim de levantar uma questão a ser abordada em sua interpretação. Geralmente esses prólogos eram muito curtos, a menos que ele estivesse introduzindo um ponto de doutrina.” “The structure of Origen’s homilies owed nothing to rhetorical theories of disposition; he confined himself to the grammarian’s task of explicating a text. The nearest he came to providing any formal structure was often to have an introduction and to follow a set pattern for his conclusion. The introduction would begin with something other than the first verse of his passage in order to raise a question to be addressed in his interpretation. Usually these prologues were very short unless he was introducing a point of doctrine.” EDWARDS JR., 2004, p. 1325.

²⁰⁹ CASTAGNO, Adele Monaci. Orígenes. *In*: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Eds.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010. p. 1218.

²¹⁰ VISONÀ, Giuseppe. Homilias Pascais. *In*: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Eds.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010. p. 757.

Veremos posteriormente sobre a questão da clareza, que não significa necessariamente extrair todas as informações de forma milimetricamente precisa. Ao longo da história da igreja, a leitura e explicação textual foi sendo aprimorada, visto que o avanço dos estudos e no caso, por exemplo, da Reforma, tiveram fatores como o da renascença que contribuíram para uma busca aprimorada do conhecimento textual e literário.

A igreja antiga (313-590 d.C) pavimentou uma “variedade de liturgias e formas de oração, tornando mais notável o elemento musical, com coros, cânticos e antífonas. Os cultos se tornaram mais solenes e impressionantes.”²¹² A leitura e explicação das Escrituras começou a ser sufocada “pela ideia do sacramento como sacrifício oferecido pelo sacerdote a favor do povo, eficaz para salvação, além do paganismo pós Constantino.”²¹³ O culto começa a perder a essência e o significado quanto aos elementos da pregação e ceia (ligado ao reino presente e futuro, respectivamente), trazendo um prelúdio da desilusão cristã e domínio da tradição romana sobre a fé apostólica. Hughes informa que:

Certos aspectos da abordagem interpretativa de Orígenes, embora não tenham sido compartilhados pela maioria dos seus colegas, tinha um aspecto central no ministério da Palavra, essencial desde os apóstolos até Constantino.²¹⁴

No tocante à Constantino, John Broadus diz que:

[...] ele adotou o cristianismo como a prancha principal em sua plataforma política. [...] favorecendo os cristãos de todas as formas [...]. Em nenhum aspecto os resultados imediatos foram mais importantes do que em relação à pregação.²¹⁵

Jean-Jacques von Allmen lembra que em “todos os períodos de robustez na vida da igreja teve como caminho o apreço pelo sermão.”²¹⁶ A partir de Constantino,

²¹¹ ORÍGENES. **Patrística**: contra Celso. São Paulo: Paulus, 2004. p. 295.

²¹² NICHOLS, 2013, p. 62.

²¹³ NICHOLS, 2013, p. 62.

²¹⁴ “To be sure, certain aspects of his approach to the interpretation of Scripture and the lengths to which he carried them were not shared by most of his colleagues in that day, but his approach to the ministry of the Word was essentially that which had been used since the time of the apostles all along the way until the time of Constantine.” HUGHES, 1998, p. 4019. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

²¹⁵ “Constantine adopted Christianity as the main plank in his political platform. [...] favoring Christians in every way [...]. Nowhere were the immediate results more important than in preaching.” BROADUS, 2015, p. 54. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

²¹⁶ ALLMEN, 2006, p. 128.

há favorecimentos e facilitação para o trânsito da fé cristã, porém a identidade do culto cristão começou a ser negociada:

[...] uma tendência crescente a ajustar o culto cristão aos protocolos e à pompa da corte imperial e de suas celebrações e, portanto, o culto se tornou cada vez mais elaborado. Além disso, em parte com a finalidade de evitar desordens agora que uma multidão assistia à adoração, a ordem do culto tornou-se muito mais estruturada, o que resultou em uma série de tradições estruturadas, da qual resultou toda uma série de tradições litúrgicas típicas de cada zona geográfica, mesmo que todas elas com muito em comum. Tudo isso também levou a uma diminuição na participação ativa dos leigos na adoração, de modo que chegou o momento em que o povo simplesmente assistia ao culto, enquanto outros cantavam, dirigiam o serviço, e levavam a cabo outros atos rituais.²¹⁷

A adoração tem seus motivos que formam a identidade cristã. O ser e o agir do povo de Deus no culto privado tem como bases formativas os fundamentos e a experiência viva do culto público regido pela centralidade de Cristo em toda a Escritura.

O período patrístico na ala latina pavimentou o caminho para o desenvolvimento da pregação nos demais períodos. Nessa época, João de Constantinopla, “cuja eloquência lhe grangeou o título de Crisóstomo (407 d.C) ou “boca de ouro”²¹⁸, contribuiu para a teoria da prédica foi “em sua obra *De sacerdotio*. Agostinho (354-430 d.C) em sua obra (homilética) principal intitulada *De doctrina christiana*”²¹⁹, também faz parte desse bojo de contribuição. Agostinho²²⁰ e seus tratados ditam normas aos:

²¹⁷ GONZÁLEZ, Justo L. In: MARTINEZ, J. C. (Org.). **Breve Dicionário de Teologia**. Trad. S. P. Brito. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 82.

²¹⁸ NICHOLS, 2013, p. 62.

²¹⁹ ROSE, 1998, p. 146.

²²⁰ “In Augustine we understand that preaching was associated with: healthy instructions that guide people in ethical living informed by the gospel. It was Augustine who formally equated preaching and pedagogy in what is widely considered the first homiletical manual, *De doctrina christiana* (On Christian Doctrine or the Teaching of Christianity). Augustine, drawing on his oratory and applying Cicero's words to preaching, states that the purpose of a sermon is to teach (*docere*), delight (*delectare*), and move (hear) them to do what is good. and avoid what is bad for loving God and your neighbor. Of these three goals, Augustine considers the responsibility of educating listeners as the most basic: “Instruction is a matter of necessity, delighting a matter of charm and moving it a matter of achievement.” “Em Agostinho, entendemos que a pregação estava associada a: instruções salubres que orientam as pessoas no viver ético informado pelo evangelho. Foi Agostinho quem igualou formalmente a pregação e a pedagogia no que é amplamente considerado o primeiro manual homilético, *De doctrina christiana* (Sobre a doutrina cristã ou o ensino do cristianismo), Agostinho, baseando-se em sua oratória e aplicando as palavras de Cícero à pregação, afirma que o objetivo de um sermão é ensinar (*docere*), deliciar (*delectare*) e mover (*movere*) os ouvintes para que eles possam fazer o que é bom e evite o que é ruim para amar a Deus e ao próximo. Dessas três metas, Agostinho considera a responsabilidade de educar os ouvintes como o mais básico: “Instruir é uma questão de necessidade, deliciando uma questão

[...] pregadores Ambrósio de Milão, *De officiis ministrorum*, e Isidoro de Sevilha, *De ecclesiasticis officiis*, bem como Martinho de Braga, *De correctione rusticorum*, e Juliano Pomério, *De vita contemplativa*. Gregório Magno e Cesário, também fornecem normas para os pregadores.²²¹

A pregação era um dos meios que os Pais da Igreja usavam para a defesa da fé cristã, que sofria constantes ataques. A identidade do povo cristão precisava ser firmada passo a passo através dos fundamentos, liturgia, disciplina e a construção dogmática.

No contexto da igreja antiga, tanto na concepção de Orígenes, Agostinho e Crisóstomo, a prédica era “o alimento do cristão, ou seja, a palavra pregada, o ouvir atento, o pão e o vinho eram essenciais.”²²² Os reformadores seguiram a mesma dinâmica. Aqui temos a melhor unidade entre prédica e sacramento, visto que em toda a história da igreja não temos uma relação saudável e estática entre pregação e ceia. A relação de pregação, pão e vinho, mal administrada na idade média, tem correções acentuadas na Reforma, pois o “elemento litúrgico havia sufocado o homilético.”²²³ A fala e o ouvir (Rm 10.17) foi sendo paulatinamente substituída pelo elemento da visão sacramental, gerando assim, insuficiência para a formação da fé.

A igreja, no início da idade média (590-1073 d.C), intensificou a paganização tornando a missa o elemento central do culto. A leitura e explicação das Escrituras estava comprometido e sufocado pela má administração dos sacramentos:

Esse sacramento era considerado o sacrifício continuamente oferecido a Deus pelos pecados do mundo, tornando a crença do povo em medo, lançando fora a simplicidade, espiritualidade e alegria e confiança na religião de Jesus.²²⁴

No apogeu da igreja na idade média (1073-1294 d.C), a pregação passou de vez para “um espaço secundário. Raramente um pároco pregava, pois a maioria do clero era bastante ignorante para pregar.”²²⁵ Paradoxalmente, o século XI demonstra

de charme e movendo-a uma questão de conquista.” LEE, 2019, p. 11. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

²²¹ OLIVAR, Alexandre. Pregação: Na Igreja Antiga. In: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Eds.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010. p. 1392.

²²² WINKLER, Eberhard. Manual do Culto. In: LAUBER, Hans-Chistoph Shmidt; MEYER-BLANK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). **Manual de Ciência Litúrgica**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2011. p. 76-98. v. 2.

²²³ WINKLER, 2011, p. 76-98.

²²⁴ NICHOLS, 2013, p. 87.

²²⁵ NICHOLS, 2013, p. 118.

também um certo ressurgimento da pregação com o trabalho incansável dos franciscanos e dominicanos. Vejamos:

Houve na igreja um interesse renovado na pregação pelo clero e pelos leigos, e grandes pregadores como Bernardo, que atraíam multidões aos seus sermões. O florescimento se aprimora no século XIII, com o estabelecimento das ordens homiléticas.²²⁶

A pavimentação para um retorno da pregação e restauração do culto que glorifica a Deus foi vista também em Roberto Grosseteste (1168-1253), que se tornou bispo de Lincoln, Inglaterra, em 1235. Segundo Michael Reeves, ele “acreditava que o clero deveria pregar a Bíblia em primeiro lugar, não oferecer a missa. Ele mesmo, de forma bastante incomum, pregava em inglês, não em latim, para ser compreendido pelo povo.”²²⁷ A Inglaterra, de forma especial, no decorrer da história da igreja, paralelamente aos demais países da Europa, se torna alvo do renascimento da pregação, citando por exemplo, os irmãos Wesley e os batistas calvinistas, representado por Charles Spurgeon, que será tratado logo mais.

2.3.2 Dos Séculos XIV e XV até Calvino

Houve momentos que sinalizavam uma mudança e prepararam o ambiente para a Reforma em todos os aspectos, inclusive no quesito pregação bíblica, no sentido de uma pregação diligente. As vésperas da Reforma são caracterizadas por “erros doutrinários, moralismo, periferismo, ou seja, apesar de muitas prédicas, pregou-se muito pouco Evangelho e o legalismo prevaleceu.”²²⁸ O crescimento do cristianismo nem sempre trouxe resultados positivos, como é o caso brasileiro, onde verifica-se um número exacerbado de igrejas e mídias religiosas comunicando muitos textos bíblicos e, ao mesmo tempo, pouco evangelho.

O período de decadência, no que se refere à pregação, acontece principalmente nos séculos XIV e XV, onde a perda do interesse pela pregação, propositalmente gerou a “ressonância da pregação reformatória.”²²⁹ Antes da Reforma, o púlpito, em alguns momentos, foi “usado para combater as heresias,

²²⁶ PARKER, 2016, p. 21.

²²⁷ REEVES, Michael. **A Chama Inextinguível: Descobrimo o cerne da Reforma.** Brasília: Monergismo, 2016. p. 288-290. (Edição do Kindle).

²²⁸ WINKLER, 2011, p. 76-98.

²²⁹ WINKLER, 2011, p. 76-98.

esteve à disposição do pregador, onde ao redor dele, as pessoas se reuniam para ouvir uma mensagem, a partir das ordens mendicantes (século XIII).”²³⁰ Assim como na Inglaterra de Wesley, o mundo se tornou a paróquia para que os franciscanos e dominicanos gritassem que havia algo de errado com a fé do povo de Deus. Na verdade, a viva voz de Deus nunca se cala, mesmo diante de períodos nevrálgicos, a história nunca deixa de ser regida pelo Deus comunicador. Quem pode calar sua voz?

Arautos na Inglaterra, como Wycliffe (1328-1384) e os pregadores Lollardistas e Jan Huss (1369-1415) ecoaram a voz divina para preservar a identidade do povo e salvar o que se havia perdido. Tanto Wycliffe quanto posteriormente Lutero foram influenciados por Guilherme de Occam (1280-1349), frade franciscano que afirmou que:

[...] o papa não era infalível e que as Sagradas Escrituras eram a única e infalível autoridade em matéria de fé e prática. Criticou a síntese filosófico-teológica de Tomás de Aquino, afirmando que os homens conhecem a fé cristã não por causa da razão natural.²³¹

Algo muito importante acontece a partir de Duns Escoto, mais ainda em “Occam, a audição da Palavra tornou-se mais importante do que a visão da materialização sacramental da realidade. A ênfase na Palavra antecede a Reforma, vindo à tona no nominalismo.”²³² Tillich explica o porquê a ênfase na palavra veio à tona no nominalismo:

Porque o realismo percebia as essências. O vocábulo “ideia” vem de *idein*, “ver”. *Eidos*, “ideia”, significa imagem, a essência do que se pode ver em cada indivíduo. Trata-se, na verdade, de visão espiritual intuitiva, mas mesmo assim visão, como se tem das grandes obras de arte. As grandes obras de arte mostram a essência das coisas, visíveis ao olho. No nominalismo temos indivíduos. De que maneira eles se comunicam? Por meio de palavras. Portanto, se Deus é o mais individual dos seres o *ens singularissimum* na linguagem de Occam, não o recebemos por meio da intuição, mas por meio da palavra dirigida a nós. Assim, a palavra se torna decisiva em contraste com a função visual. A importância da palavra, em detrimento dos sacramentos, já se nota em Wycliffe. Mas não estamos ainda na teologia da Reforma, porque essa palavra é ainda a da lei; não é a palavra do perdão. Reside aí a diferença entre Reforma e pré-Reforma.²³³

²³⁰ GENRE, Ermano. Púlpito: Na Liturgia dos Reformadores. In: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Eds.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010. p. 1429.

²³¹ HAHN, Carl Joseph. **História do Culto Protestante**. São Paulo: Aste, 2011. p. 80.

²³² TILICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: Aste, 2000. p. 208.

²³³ TILICH, 2000, p. 208.

Wycliffe afirmou que “a pregação é uma atividade sem equivalentes, o serviço mais excelso a que os homens podem aspirar na terra. Por esse motivo Jesus deixou as outras ocupações.”²³⁴ A trajetória de Wycliffe inclui a “tradução da Bíblia para o inglês e organização de grupos de pregadores leigos errantes, os lolardos, que expunham as Escrituras para o povo.”²³⁵ Tillich descreve que, “sendo a base do ataque de Wycliffe, a lei de Cristo dada na Bíblia, ensinou a autoridade das Escrituras contra a tradição e contra a interpretação simbólica dos textos.”²³⁶ O pensamento do pré-reformador Wycliffe quanto à pregação, a “*predicatio verbi*”, é que “ela é mais importante do que todos os sacramentos eclesiásticos. Tillich destaca ainda que a transição da Idade Média, do realismo para o nominalismo fora acompanhada pela transição do predomínio do olho sobre o ouvido.”²³⁷ Embora a arte não possa ser desprezada como elemento cultural que faz parte da graça comum do Criador, assim como o plano natural, se mostrou insuficiente para comunicar com mais precisão a verdade divina. A palavra precisão não diz respeito ao desvendamento de todos os mistérios, mas o mínimo necessário para a construção da fé do povo de Deus. A insuficiência dos atos memoriais descritos na progressividade da revelação, como a fala e a escrita pode ofuscar a imagem de Deus em Cristo, conduzindo o povo a uma religião meritocrática e não de graça.

A partir da influência de Wycliffe, John Colet (1447-1519) foi para a Itália, com o objetivo de:

[...] se capacitar no grego, retornando em 1496 para Oxford, e apesar de leigo começou a dar preleções sobre Romanos, deixando as interpretações alegóricas dos comentadores escolásticos e passou a fazer leituras exclusivamente expositivas.²³⁸

Veremos adiante que outras academias de treinamento de pregadores, como a de Genebra, foram usadas por Deus para que o Verbo Encarnado nunca deixasse de ser a esperança e o motivo da pregação.

Para Jan Huss, “a pregação era a tarefa principal do pastor. Segundo ele, um bom sacerdote era um verdadeiro servo de Cristo e havia, por isso, em seu ofício

²³⁴ FUDGE, Thomas. John Wyclif: Vida e Obra e a Fama de sua Pregação. In: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Ed.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010. p. 1803.

²³⁵ HAHN, 2011, p. 80.

²³⁶ TILICH, 2000, p. 208.

²³⁷ TILICH, 2000, p. 208.

²³⁸ HAHN, 2011, p. 81.

espiritual uma dignidade maior que a do rei secular.”²³⁹ Wycliffe e Jan Huss foram os primeiros proponentes radicais do princípio *sola scriptura*, podendo ser considerados “precursores da Reforma suíça.”²⁴⁰ Neste período nebuloso da idade média quanto à pregação e outros elementos da cristandade, Deus levanta Huss, que tinha uma definição apurada quanto ao ministério da Palavra. Ele chegou a afirmar que o “objetivo principal de sua pregação era afastar os homens do pecado. Lutero, depois de ler os seus sermões na biblioteca do mosteiro de Erfurt, os considerou esplêndidos.”²⁴¹ Huss considerava as Escrituras “como *lex Dei*, contrastando com as *leges humanas* provenientes do Papa. Assim, as Escrituras são tratadas como uma fonte divinamente concedida da lei, superior aos determinados pela igreja.”²⁴²

Antes de Lutero, vários movimentos de protesto, como o dos valdenses²⁴³ no final do século XII, sinalizaram o que iria acontecer:

Pedro Valdo, movido pelo ensino do capítulo 10 do Evangelho de Mateus, começou a repartir o dinheiro com os pobres, e tornou-se um pregador ambulante do evangelho, chegando ao fim da idade média com um grupo organizado.²⁴⁴

Mas a questão do retorno da pregação da Palavra era algo marcante nos valdenses e outros grupos pré-reformistas.

Os valdenses entraram em conflito com Roma sobre sua liberdade para pregar. Em muitos círculos houve um retorno a Agostinho e a Paulo. Thomas Bradwardine (m. 1349), em um escrito chamado *The Case of God against Pelagius (De Causa Dei contra Pelagium)*, emergiu como um corajoso defensor da graça de Deus.²⁴⁵

²³⁹ FUDGE, Thomas A. Jan Huss, o Pregador. In: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Ed.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010, p. 775.

²⁴⁰ MCGRATH, Alistar. **As Origens Intelectuais da Reforma**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 149.

²⁴¹ FUDGE, 2010, p. 776.

²⁴² MCGRATH, 2007, p. 149.

²⁴³ “Conhecidos originalmente como os ‘Pobres de Lyon’. São os seguidores de Pedro Waldo, Valdés ou Valdo († 1217), que se dedicou a uma vida de pobreza, mas as autoridades romanas o proibiram de pregar. Em resposta, o movimento separou-se da igreja. Perseguido, seus membros se escondiam em vales da Suíça e do norte da Itália, onde conseguiam sobreviver. Nos tempos da Reforma, aceitaram a teologia reformada, e com isso tornaram-se a mais antiga de todas as igrejas reformadas — a *Chiesa Evangelica Valdese*.” GONZÁLEZ, 2009, p. 333.

²⁴⁴ NICHOLS, 2013, p. 143.

²⁴⁵ BAVINCK, Herman. Prolegômena. BOLT, J. (Org.). **Dogmática Reformada**. Trad. Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 149. v. 1.

Prescot Stephens²⁴⁶, biógrafo dos Valdenses, apenas relata que entre outras ações pré-reformistas, “houve também condenação freqüente por pregadores itinerantes - bem como pela hierarquia da igreja - de lassidão moral entre o clero.”²⁴⁷

Prescot Stephens fala da pregação no contexto da corrupção da igreja:

Por todas essas razões, havia escassez de alimento espiritual para a massa de leigos. Aqueles que poderiam ter pregado não estavam disponíveis. Intellectos refinados, espíritos sensatos, os solos mais devotos e piedosos, retiraram-se da vida cotidiana para entrar no mosteiro. Nesse santuário fechado, havia poucas oportunidades para as mentes espirituais beneficiarem as massas do lado de fora. Os monges estavam mais preocupados em resgatar seu próprio *solus* do que os outros. Embora os cânones agostinianos pretendessem ter uma missão nas cidades, a pregação nunca foi considerada uma parte essencial dela. Como salienta o historiador dominicano Vicaire, antes da fundação da ordem dominicana, nenhuma sociedade dedicada à pregação conseguiu estabilizar-se na igreja. Os bispos deveriam pregar, mas é claro, como Inocencio III observou, que esse lado de seus deveres era muito negligenciado.²⁴⁸

Não sabemos ao certo se os Valdenses tinham a prática de leitura e explicação que remonta o histórico visto no sistema sinagagal e que foi adotado com veemência pelos reformadores, mas identificamos uma atividade pré-reformadora de púlpito em tal grupo. Steven Lawson, ao citar os Valdenses assim como outros grupos (1350 – 1500), relata que:

[...] houve um ressurgimento da busca pela teologia bíblicamente centrada, ponderada nas linhas do agostinianismo moderado (...) com uma ênfase na doutrina da predestinação divina (...), e restauração da igreja ao seu verdadeiro fundamento, como apresentado nas Escrituras.²⁴⁹

Trata-se de um grupo com pouca relevância numérica no mundo atual. Temos a informação que eles se expandiram rumo ao Uruguai desembarcando por

²⁴⁶ “For all these reasons there was a dearth of spiritual food for the mass of laymen. Those who might have preached were not available. Refined intellects, sensite spirits, the most pious and devout solus, removed themselves from ordinary life to enter the monastery. In this enclosed inward-lookink sanctuary there was little opportunity for spiritual minds to benefit the masses outside. The monks were more concerned to redeem their own solus than the others. Although the Augustinian canons were intended to have a mission to the towns, preaching was never considered an essential part of it. As the Dominican historian Vicaire point out, before the founding of the Domincan order no society devoted to preaching had succeeded in stabilizing itself in the church. Bishops were supposed to preach but it is clear, as Innocent III observed, that this side of their duties was much neglected.” STEPHENS, Prescot. **The Waldeniam Story. A Study in Faith, Intolerance and Survival**. Torino: Claudiana, 2015. p. 6. (Tradução nossa, com auxílio de recurso online).

²⁴⁷ STEPHENS, 2015, p. 6.

²⁴⁸ STEPHENS, 2015, p. 6.

²⁴⁹ LAWSON, S. J. **Pilares da Graça (AD 100–1564)**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: FIEL, 2013. p. 57. v. 2.

lá com “imigrantes em 1856, e logo após começaram a pregar em espanhol e, em 1967, tinham aproximadamente 16.000 membros, ainda que mais tarde tenham decrescido.”²⁵⁰

A imprensa²⁵¹ (1450), juntamente com a renascença da pesquisa e conhecimento, somou para o esforço reformista. O primeiro livro impresso por “Gutenberg e Schoeffer, cerca do ano 1452, tenha sido a magnífica edição in folio da Vulgata do Antigo e Novo Testamentos. Foi o primeiro livro completo impresso em tipos móveis.”²⁵²

[...] o Testamento grego só apareceu impresso quase setenta anos depois da invenção da imprensa que data mais ou menos de 1450. As Escrituras hebraicas foram impressas pelos judeus em 1488 (o Saltério em 1477); a Vulgata latina por Gutenberg e Schoeffer cerca do ano de 1452; mas o Testamento grego foi primeiramente mandado imprimir pelo Cardeal Ximenes na Poliglota Complutensiana em 1514, sendo publicado em 1521, e por Erasmo²⁵³ em 1516.²⁵⁴

A Renascença (séculos XIV e XVII e ápice no XVI), movimento intelectual, cultural e artístico, contribuiu para o desenvolvimento da pregação expositiva, pois “um aspecto central era o compromisso do estudo dos textos originais (*ad fontes*), gerando um estímulo para o estudo do texto ao invés de divagações morais, legalistas ou opinião de homens cultos.”²⁵⁵ Com o ápice no século XVI, “a pregação tornou um exercício de declarar o significado e a aplicação da Escritura.”²⁵⁶ Os esforços anteriores quanto à pregação devem ser considerados de grande estima, pois diante de toda dificuldade acadêmica, homens piedosos comunicaram a verdade do Evangelho com os recursos disponíveis.

Chegamos ao período em que a pregação volta a ser o fator central na transição da missa para o culto. Por que a exposição bíblica deveria ser central na

²⁵⁰ GONZÁLES, Justo L.; ORLANDI, C. C. *In*: MARTINEZ, J. C. (Orgs.). **História do Movimento Missionário**. Trad. S. P. Brito. São Paulo: Hagnos, 2010. p. 398.

²⁵¹ ANGUS, 2004, p. 65.

²⁵² ANGUS, 2004, p. 65.

²⁵³ “Textus Receptus. Do Testamento grego acha-se baseado nos textos de Erasmo e dos editores da Complutensiana, os quais tinham sido novamente editados por R. Stephen em 1550, e publicados pelos Elzevirs em Leyde, nos anos de 1624 e 1633. Esses textos foram impressos depois de uma imperfeitíssima comparação dos MSS, e sendo a maior parte deles modernos; e por isso os posteriores editores precisaram fazer um exame muito mais vasto com respeito aos textos autorizados.” ANGUS, 2004, p. 65.

²⁵⁴ ANGUS, 2004, p. 65.

²⁵⁵ SPROUL, R. C.; NICHOLS, Stephen J. **O Legado de Lutero**. São José dos Campos: Fiel, 2017. p. 429.

²⁵⁶ SPROUL; NICHOLS, 2017, p. 429.

adoração cristã? A cosmovisão cristã passa pela criação, queda e redenção. Diante da queda, “essa obra de redenção, e a forma pela qual é concretizada na vida dos pecadores, é comunicada por outro meio de revelação divina: a revelação especial, sobretudo a Escritura escrita”²⁵⁷, juntamente com a ação do Espírito Santo, pode levar o homem ao convencimento de sua total inabilidade de voltar a Deus (Rm 3.23). Diferentemente da compreensão católico-romana e outras posições evangélicas atuais, o objeto de análise nesta tese acerca da exposição bíblica teodramática ser essencialmente o elemento norteador do culto público se dá pela compreensão tradicional da teologia protestante nos seus primórdios. Assim, os pressupostos bibliológicos de uma exposição bíblica são:

1. Inspiração (2 Tm 3.16; 2 Pe 1.19-21); 2. Inerrância (Jo 17.17, totalmente verdadeira); 3. Autoridade (Rm 6.17 - para crença e obediência); 4. Eficaz (Rm 10.17 – desperta a fé), expõe o pecado (Hb 4.12,13); 5. Suficiente (2 Tm 3.16,17 – contém tudo o que as pessoas precisam saber para se salvar e viver de um modo tal que agrade o Senhor; 6. Necessária (1 Pe 2.1-3 – para compreensão do caminho da salvação e a vontade de Deus para a caminhada); 7. Clara (Dt 29.29 – compreendida por um ser humano comum).²⁵⁸

Da inerrância, autoridade e eficácia, compreendemos a suficiência e necessidade da Palavra na adoração pública para fundamentar e aplicar na ação do Espírito Santo a intercorrência entre idolatria e adoração; Adão e Cristo; homem caído e a redenção; narrativas pessoais e narrativa descrita na progressividade da revelação divina. O retorno da Palavra ao culto era “essencial não apenas para remover os detritos religiosos e culturais, mas também para elucidar claramente o significado das Escrituras e aplicar esse significado ao coração dos adoradores.”²⁵⁹ Duas perguntas são essenciais para entendermos a Reforma²⁶⁰: Como podemos ser salvos (justificação) e como Deus fala conosco (Escritura)? A Escritura é o princípio

²⁵⁷ ALISSON, Gregg R. **Teologia e Prática da Igreja Católica Romana**: uma avaliação evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 35.

²⁵⁸ ALISSON, 2018, p. 35.

²⁵⁹ “In returning the Word of God in all its breadth to the liturgy, the Reformers also elevated the preaching of Word. It was essential not only for removing religious and cultural detritus, but for clearly elucidating the meaning of the Scriptures, and applying this meaning to the hearts of worshipers.” EARNGEY, 2018, p. 30. (Tradução nossa, com auxílio de recurso online).

²⁶⁰ “O princípio material: justificação pela fé (Sola Gratia, Sola Fide, Solus Christus); 2. O princípio formal: “de acordo com as Escrituras” (sola Scriptura); 3. O princípio dinâmico: o Espírito que ministra, ilumina, anima e une; 4. O princípio final: uma cidadania do evangelho.” “1. The material principle: justification by faith (Sola Gratia, Sola Fide, Solus Christus); 2. The formal principle: “according to the Scriptures” (sola Scriptura); 3. The dynamic principle: The Spirit who ministers, illumines, enlivens, and unites; 4. The final principle: a citizenship of the gospel.” VANHOOZER, 2019, p. 1516-1517 (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recurso online).

formal. O embate era em relação à autoridade final em termos de fé e prática. A igreja ou a Escritura tem a palavra final? A justificação é o princípio material, ou seja:

[...] aquilo que fala da justiça nos méritos de Jesus Cristo somente, que é imputada a nós com base na fé em Jesus somente. Trata da aceitação imediata por Deus completamente e finalmente no fundamento de Cristo e sua obra.²⁶¹

Em sua viagem para Leipzig (1519), e seu encontro com Johann Eck, Lutero afirmou a tese de Huss, que somente a Escritura é a regra final de fundamento e vida. Lutero não estava dizendo que “outras coisas não pudessem informar a nossa teologia, mas que a igreja não era dona da interpretação da Escritura Sagrada.”²⁶² Bavinck contribui dizendo que para os reformadores, “a Escritura era auto-autenticadora: a igreja foi fundada sobre a verdade da Escritura. Para Roma, a igreja é temporal e logicamente superior à Escritura, que precisa da aceitação da igreja.”²⁶³ Na tese 53, Lutero diz que “são inimigos de Cristo e do papa aqueles que, por causa da pregação de indulgências fazem calar por inteiro a Palavra de Deus nas demais igrejas.”²⁶⁴ Na tese 62, ele destaca que “o verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo Evangelho da glória e da graça de Deus.”²⁶⁵ O fundamento da pregação para Lutero partia do conceito elevado sobre a fé e prática a partir da Palavra de Deus. A pregação de Lutero (1483-1546) partia do pressuposto da centralidade do Evangelho. Jaroslav Pelikan:

O cerne da teologia da cruz desenvolvida por Lutero e também de seu entendimento da história e experiência humana era o evangelho²⁶⁶ de Jesus Cristo. Uma mensagem que anunciava o perdão de todos os pecados e a herança eterna.²⁶⁷

²⁶¹ ARMSTRONG, John. **O Mistério Católico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. p. 42.

²⁶² REEVES, Michael; CHESTER, Tim. **Por que a Reforma ainda é Importante?** São José dos Campos, 2017. p. 43.

²⁶³ BAVINCK, 2012, p. 355.

²⁶⁴ LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**: Os Primórdios. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, Canoas: Ulbra, 2004. p. 26. v. 1.

²⁶⁵ LUTERO, 2004, p. 27, v. 1.

²⁶⁶ “Esse evangelho de Paulo foi o que Lutero descobriu quando começou a pregar sobre Romanos e Gálatas. Quando o evangelho da graça invadiu a alma de Lutero, o Espírito Santo lhe deu vida, e seu coração foi inundado de paz e alegria. Ele fora perdoado, aceito, reconciliado, convertido, adotado, e justificado – unicamente pela graça por meio da fé. A verdade da Palavra de Deus iluminou sua mente e soltaram-se as cadeias da culpa e do medo que o prendiam.” BUSENITZ, Nathan. **Muito antes de Lutero**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. p. 153. (Edição do Kindle).

²⁶⁷ PELIKAN, Jaroslav. **A Tradição Cristã**: a Reforma da Igreja e o Dogma 1300-1700. São Paulo: Shedd Publicações, 2016. p. 231. v. 4.

A centralidade cristocêntrica na pregação de Lutero, assim como dos pré-reformadores e reformadores de segunda e demais gerações, se dá pela devoção ao Evangelho descrito na Sagrada Escritura:

Lutero descobriu a Sagrada Escritura na biblioteca da Universidade de Erfurt, uma das mais afamadas da Alemanha, 1503, com a idade de 20 anos [...]. Nunca mais deixou de ler a Palavra de Deus com atenção e proveito [...]. Não há coração humano que possa valorizar o bastante esse tesouro, que é a Sagrada Escritura, pois sua palavra é a única luz nas trevas da vida.²⁶⁸

Filipe Melanchthon²⁶⁹ (1497-1560), o redator da Confissão de Augsburg (1530), após a morte de Lutero (1546), tornou-se a principal liderança no luteranismo. Como filósofo e teólogo, deixou marcas na educação alemã. Foi um brilhante teólogo que não foi ordenado, mas que pregou veementemente. Heins Scheible²⁷⁰, o biógrafo premiado acerca de Melanchthon, descreve sobre a pregação do Reformador, relata que “ele colocava a Escritura acima de todas as tradições e que entender a Escritura não seria algo reservado aos teólogos profissionais escolásticos, mas era acessível a todos os cristãos.”²⁷¹ Como pregador não ordenado, temos uma atividade profícua. Vejamos:

Após a Dieta de Worms, Lutero ficou ausente de Wittenberg. Melanchthon e Amsdorf eram informados do paradeiro de Lutero. Em 1521, Melanchthon concluiu sua preleção sobre a Carta aos Romanos, iniciada um ano antes, continuando nas duas Cartas aos Coríntios. [...] Embora tivesse competência acadêmica, como não era ordenado, sua situação ficou indefinida e a ela fora dada atividades fora do culto principal, vindo a conduzir estudos dominicais para estrangeiros que não conseguiam acompanhar a pregação em Alemão. Por isso pregava em latim. Essa atividade deu origem a suas apostilas.²⁷²

Quanto à influência do culto protestante, importante notar que:

²⁶⁸ CÉSAR, Elben M. Lenz. **Conversas com Lutero: História e Pensamento**. Viçosa: Ultimato, 2006. p. 33.

²⁶⁹ Calvino fala de Melanchthon: “*Filipe Melanchthon* nos tem transmitido muita luz em razão de seu excelente caráter, tanto em erudição, em dinâmica, quanto também em sua habilidade, em todos os campos do conhecimento, nos quais ele excede a todos quantos publicaram comentários antes dele. Seu único objetivo, entretanto, pareceu-me ater-se à discussão de pontos que nada possuíam de concreto ou de especial. Ele, pois, se deteve quase que somente nisso, e deliberadamente passa por alto muitas questões que geralmente trazem grande ansiedade àquelas pessoas de cultura mediana.” CALVINO, João. **Romanos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. p. 27. (Série Comentários Bíblicos).

²⁷⁰ Conforme editorial da obra (Sinodal), Heinz Scheible, nascido em 1931, é coordenador do Departamento de Pesquisa sobre Melanchthon da Academia de Ciências de Heidelberg e recebeu o Prêmio Melanchthon, de Bretten, em 1997.

²⁷¹ SCHEIBLE, Heinz. **Melanchthon: Uma Biografia**. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 60.

²⁷² SCHEIBLE, 2013, p. 64.

A partir do rompimento filosófico com Tomás de Aquino, através de Guilherme de Occam (1280-1349), o individual tornou-se importante, pois a fé passou a ser entendida como uma revelação pessoal de Deus ao homem.²⁷³

Berthoud destaca que Occam:

[...] abriu caminho para a atomização do texto da Escritura, doravante dividida em inumeráveis pequenas passagens isoladas (hoje chamadas perícopes) que não têm mais – em sua fragmentação – relação coerente umas com as outras.²⁷⁴

O culto agora é entendido como o encontro do Deus da aliança com seu povo. Para os protestantes, não podia haver “relacionamento com Deus a não ser no encontro pessoal, no âmbito da fé, sem o qual, os sacramentos não são eficazes, diferentemente da posição romana.”²⁷⁵ A esperança do povo de Deus começa a ser renovada a partir do destronamento da clericalização, que se colocava como meio, que naturalmente sufocava a comunicação divina, por intermédios dos méritos do sacrifício de Cristo direta ao sacerdócio universal. A Reforma ensina que nada e ninguém consegue calar a viva voz de Deus. Os reformadores trabalharam para restaurar o culto bíblico:

[...] foram confrontados por muitas das questões que enfrentamos hoje. Existem normas bíblicas para o culto? A variedade de culturas que há no mundo determina a forma pela qual oferecem adoração aceitável a Deus? As instruções de Deus a Israel se aplicam ao culto da nova aliança? O Novo Testamento não contém um livro de Levítico nem um *Manual de Disciplina* como o que havia na comunidade do Mar Morto. A liberdade da nova aliança significa que o culto da igreja não precisa de legitimação escriturística? De fato, nós devemos evitar qualquer coisa que Deus tenha proibido, mas isso significa que tudo o mais é permitido?²⁷⁶

O ministério da igreja foi reformado a partir da pregação. O culto passou a ser definido um encontro “regular” para adoração a Deus, proclamação da Palavra por meio da leitura e pregação da Escritura, celebração do batismo e ceia do Senhor, ações disciplinares e demais ações decorrentes do Evangelho.”²⁷⁷ O que define a igreja verdadeira, segundo os reformadores é a continuidade no evangelho. “O que ela prega se alinha com a Bíblia? As marcas de uma igreja verdadeira são a

²⁷³ HAHN, 2011, p. 81.

²⁷⁴ BERTHOUD, Jean Marc. **O Combate Central da Reforma: A Fé Confessante**. Brasília: Monergismo, 2017. p. 112.

²⁷⁵ TILICH, 2000, p. 208.

²⁷⁶ CLOWNEY, Edmund P. **A Igreja**. Cambuci, São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 115. Série Teologia Cristã.

²⁷⁷ ALISSON, 2018, p. 39.

Palavra e os sacramentos. A igreja não estabelece a autenticidade do evangelho, mas ao contrário.”²⁷⁸ A pregação se torna central diante da necessidade da correta administração dos sacramentos. “O púlpito estava acima do altar, pois Lutero sustentava que a salvação ocorria por meio da Palavra. Sem a Palavra, os elementos eram destituídos de qualquer qualidade sacramental.”²⁷⁹ A restauração “do culto era a partir da pregação da Palavra, caso contrário, ela se tornaria estéril. A esterilidade é vista quando não há o uso correto da missa, ao comparecer perante o Senhor, vazio, desprovido da fé na promessa, ou na Nova Aliança.”²⁸⁰

A reforma da liturgia restaurou a dignidade que o massacre sacramental fez com a pregação. Isso afetou a teologia e conseqüentemente a “prática religiosa cotidiana. O povo agora participa ativamente da ceia, comunga sem confissão prévia e ouve as palavras da instituição no idioma materno e participa nos cânticos.”²⁸¹ O ouvir havia sido maculado e substituído por questões visuais. Nesse sentido, a arte não pode ser estigmatizada e os olhos não podem ser ignorados quanto à contemplação e edificação, mas a fé no contexto comunicacional da pregação na igreja primitiva era apurada através dos ouvidos (Rm 10.17), literalmente.

O culto destronou a missa, voltando a ser o lugar do encontro de Deus com seu povo, onde se “ouve e responde a Palavra, mediada e expressa pela fala humana. A Palavra lida e exposta foi uma intenção dos reformadores para o resgate das memórias escritas da identidade do povo.”²⁸² Na nova liturgia, Palavra e ceia podem coexistir com funções teológicas bem definidas. A pregação vinculando a “igreja ao presente, como elemento provisório, lembrando que o reino já veio e devemos viver suas primícias, e a ceia, como ensino precioso do reino que fazemos parte e se manifesta ao povo, vinculando a igreja ao futuro.”²⁸³ A esperança escatológica é o fruto do triunfo do culto protestante sobre a missa.

Lutero “redescobriu a forma e substância de sua pregação, abandonando a forma escolástica e o latim, pregou na sua paróquia, usando o alemão, comunicou

²⁷⁸ REEVES; CHESTER, 2017, p. 43.

²⁷⁹ BAINTON, Roland H. **Cativo à Palavra: A Vida de Martinho Lutero**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2017. p. 351.

²⁸⁰ LUTERO, Martinho. **As 95 Teses e a Essência da Igreja**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2017. p. 62.

²⁸¹ BAINTON, 2017, p. 208.

²⁸² WHITE, 1997, p. 94.

²⁸³ VON ALMMEN, p. 128.

as Cartas e os Evangelhos do dia como base para sua homilia expositiva.”²⁸⁴ T. H. L. Parker faz uma crítica a Mackinnon, realçando que o trabalho de Lutero foi de “redescoberta e não de inovação na história da pregação.” Na cristologia de Lutero, que se traduz na “pregação do crucificado significando a pregação da nossa culpa e a crucificação de nossos pecados”²⁸⁵, temos uma cristalização do que ele pensava sobre a Palavra. A Palavra Divina (logos) fez-se como um de nós. Lutero, assim como Calvino, quando “falava sobre a Palavra de Deus, geralmente fazia referência à pregação.”²⁸⁶ Neste contexto, a Escritura, “é o único meio adequado para se prevenir contra a corrupção da palavra falada e de torná-la possessão de todos os seres humanos.”²⁸⁷ As questões proposicionais escritas e transmitidas, com a influência da imprensa, despertou uma fé individual e também comunitária.

Quanto à Zuínglio, temos o relato de Merle D’Aubigné, que destaca com maior profundidade o legado do reformador no contexto da Palavra e outros aspectos biográficos:

Sua pregação se tornou mais profunda e mais vivificante. [...] O cristão, disse ele, “libertado da lei, depende inteiramente de Jesus Cristo. Cristo é a razão, seu conselho, sua justiça e toda a sua salvação”. [...] Ele proclamou ao povo de Zurique que o amor ao Redentor era capaz de levar um homem a realizar obras aceitáveis a Deus [...] Assim Zwingli pregava com coragem e entusiasmo. A devoção de Zwingli não foi recompensada. A Palavra de Cristo pregada com tanta energia, estava destinada a dar frutos.²⁸⁸ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

Parker destaca que ele “seguiu Lutero no uso da homilia, dando um passo adiante e pregou os livros de forma continuada, começando em 1519, em Zurique, com o Evangelho de Mateus.”²⁸⁹ No contexto da Reforma em Zurique, temos o movimento Anabatista, que difere dos batistas ingleses, conforme iremos tratar depois. A origem batista é controversa, mas temos na Inglaterra um solo firme para

²⁸⁴ PARKER, 2016, p. 24.

²⁸⁵ TILICH, 2000, p. 247.

²⁸⁶ SPROUL; NICHOLS, 2017, p. 421.

²⁸⁷ BAVINCK, 2012, p. 471, v. 1.

²⁸⁸ “His preaching had become more profound and more vivifying. (...) The Christian, said he, “delivered from the law, depends entirely on Jesus Christ. Christ is the reason, his counsel, his righteousness, and his whole salvation. (...) He proclaimed to the people of Zurich that love to the Redeemer was alone capable of impelling a man to perform works acceptable to God (...) Thus did Zwingli preach with courage and enthusiasm. Zwingli’s devotion was not unrewarded. The Word of Christ preached with so much energy, was destined to bear fruit.” D’ÁUBIGNÉ, Jean Henri Merle. **For God and His People: Ulrich Zwingli and the Swiss Reformation.** Greenville, South Carolina: BJU Press, 2000. p. 59-62.

²⁸⁹ PARKER, 2016, 2016, p. 24.

sustentar os princípios principais da Reforma no meio batista. Voltando aos Anabatistas, não temos um corpo doutrinário sólido que sustente o referido grupo como um movimento que deixou marcas doutrinárias na história da igreja. Peter Dettwiler descreve alguns pontos que ligam o movimento a uma luta que foi além da adoração e pregação. “Os líderes do movimento anabatista pediram uma Reforma radical. Eles não estavam satisfeitos em reviver a pregação da Palavra de Deus e Reforma da ordem da adoração e instrução religiosa.”²⁹⁰ Há controvérsias da participação de Zuínglio na morte de alguns Anabatistas por discordância ou perseguição doutrinária.²⁹¹

Os princípios reformados que caracterizam a igreja como verdadeira passam pela pregação fidedigna e administração correta dos sacramentos. Calvino tratou da questão da disciplina bíblica nesse processo. Quanto aos dois primeiros, os reformadores estão lastreados em fundamentos da Bíblia, sobre os quais não temos como sustentar que:

[...] os sacramentos estejam acima da Palavra como um meio de comunicar aos homens os benefícios da redenção de Cristo. As Escrituras tratam da necessidade e eficiência da Palavra na salvação dos homens do que se declara ou deixa implícito o poder dos sacramentos.²⁹²

Passando por Heinrich Bullinger (1504-1575), discípulo de Zuínglio, é descrito como um pregador que “demonstrou uma energia no púlpito que mal é superada pelo próprio Calvino. Nos primeiros dez anos de ministério ele pregou

²⁹⁰ “The leaders of the Anabaptist movement called for a radical reform. They were not satisfied with reviving the preaching of God’s word and reforming the order worship and religious instruction.” DETTWILER, Peter. *Mennonites and Reformed. A Process of Reconciliation*. In: BAUMANN, Michael (Ed.). **Reformed and Anabaptist Churches in Dialogue**. Zurich: Theologischer Verlag Zurich, 2007. p. 15. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

²⁹¹ Nesse sentido, Steven Lawson: “Zwinglio via as propostas anabatistas como excesso radical. Em resposta às demandas anabatistas para uma revisão imediata da igreja e da sociedade, ele insistia em moderação e paciência na transição de Roma. Aconselhava que os anabatistas suportassem os irmãos mais fracos que estavam aceitando gradualmente o ensino dos Reformadores. Entretanto, esta abordagem só fez aumentar ainda mais o conflito entre Zwinglio e os radicais. A ordem dos magistrados de Zurique para que todas as criancinhas da cidade fossem batizadas provou ser excessivamente explosiva. Os anabatistas responderam marchando pelas ruas de Zurique em brados de protestos. Em vez de batizar suas criancinhas, batizaram uns aos outros por efusão ou imersão em 1525. Rejeitaram também a afirmação de Zwinglio em prol da autoridade do conselho da cidade sobre as atividades eclesiásticas e advogaram a total separação entre a igreja e o estado. Os líderes anabatistas foram presos e acusados de ensino revolucionário. Alguns deles foram entregues à morte por afogamento. Não se sabe se Zwinglio consentia nessas sentenças de morte, porém não lhes fez oposição.” LAWSON, 2013, p. 547, v. 2.

²⁹² HODGE, C. **Teologia Sistemática**. Trad. V. Martins. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 1393.

praticamente a Bíblia inteira.”²⁹³ O conceito de pregação em Bullinger está descrito de forma esplêndida na Segunda Confissão Helvética (1564), formulada por ele:

A pregação da Palavra de Deus é a Palavra de Deus. Portanto, quando esta Palavra de Deus é agora anunciada na Igreja por pregadores legitimamente chamados, cremos que a própria Palavra de Deus é anunciada e recebida pelos fiéis; e que nenhuma outra Palavra de Deus pode ser inventada, ou esperada do céu: e que a própria Palavra anunciada é que deve ser levada em conta e não o ministro que a anuncia, pois, mesmo que este seja mau e pecador, contudo a Palavra de Deus permanece boa e verdadeira.²⁹⁴ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

O que Bullinger descreve no seu conceito de pregação é extraído do próprio conceito interno que a Escritura Sagrada fala de si mesma num entrelaçamento em toda a teologia bíblica.²⁹⁵ Ele era um expositor bíblico que:

²⁹³ PARKER, 2016, p. 24.

²⁹⁴ “The preaching of God's Word is God's Word. Therefore, when this Word of God is now proclaimed in the Church by rightfully called preachers, we believe that God's Word itself is announced and received by the faithful; and that no other Word of God can be invented or expected from heaven: and that the Word itself is to be taken into account and not the minister who announces it, for even though it is evil and sinful, yet the Word of God remains good and true”. MCKEE, Else Anne. Heinrich Bullinger. *In*: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995. p. 49.

²⁹⁴ LAWSON, 2013, p. 610, v. 2.

²⁹⁵ “No capítulo I da Segunda Confissão Helvética, após descrever sobre a defesa canônica, Bullinger descreve: “A Escritura ensina plenamente toda a piedade. Julgamos, portanto, que destas Escrituras devem derivar-se a verdadeira sabedoria e piedade, a Reforma e o governo das igrejas, também a instrução em todos os deveres da piedade; enfim, a confirmação de doutrinas e a refutação de todos os erros, assim como todas as exortações segundo a palavra do apóstolo: ‘Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão’, etc. (II Tim 3.16-17). E ainda: ‘Escrevo-te estas cousas’, diz o apóstolo a Timóteo, ‘para que fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus’, etc. (I Tim 3.14-15). A Escritura é a Palavra de Deus. O mesmo apóstolo diz aos Tessalonissenses: ‘Tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes, não como palavra de homens, e, sim, como, em verdade é, a palavra de Deus’, etc. (I Tes 2.13). E o Senhor disse no Evangelho: ‘Não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós’ (Mat 10.20); portanto, ‘quem vos der ouvidos, ouve-me a mim; e, quem vos rejeitar, a mim me rejeita; quem, porém, me rejeitar, rejeita aquele que me enviou’, (Mt 10.40; Luc 10.16; João 13.20).” “In chapter I of the Second Helvetic Confession, after describing canonical defense, Bullinger describes:” Scripture fully teaches all godliness. We believe, therefore, that from these Scriptures must derive true wisdom and godliness, the Reformation and the government of the churches, as well as instruction in all the duties of godliness; finally, the confirmation of doctrines and the refutation of all errors, as well as all the exhortations according to the apostle's word: ‘All Scripture is inspired of God and useful for teaching, for rebuking,’ etc. (II Tim 3.16-17). And further: ‘I write these things to you,’ says the apostle to Timothy, ‘so that you may become aware of how to proceed in the house of God,’ etc. (I Tim 3.14-15). Scripture is the Word of God. The same apostle says to the Thessalonians: ‘Having received the word which ye have heard from us, which is of God, ye have received, not as the word of men, but, as it is, indeed, the word of God,’ etc. (I Thess. 2:13). And the Lord said in the Gospel, It is not ye that speak, but the Spirit of your Father which speaketh in you (Matt. 10:20); Therefore whoever listens to you hears me; and whoever rejects you rejects me; But whoever rejects me rejects the one who sent me, (Mt 10:40; Luke 10:16; John 13:20).” MCKEE, Else Anne. Heinrich Bullinger. *In*: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995. p. 49. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

[...] nos primeiros anos em Zurique, ele pregava seis ou sete vezes por semana. Pela saúde, diminuiu para duas ou três vezes por semana. Geralmente, como a maioria, seguia o método de leitura contínua (*lectio continua*) da exposição bíblica.²⁹⁶

Um fato notável na Reforma suíça é que, sob sua influência, “o culto protestante substituiu a missa e muitos monges se tornaram ministros protestantes.”²⁹⁷ A Reforma aconteceu em vários ambientes da Europa, num verdadeiro reavivamento da Palavra. Em todos os ambientes, houve pregadores atraindo multidões famintas para ouvir a voz de Deus. A pregação expositiva, na dinâmica do Espírito Santo, foi fundamental para a restauração da adoração na história da igreja. Assim como na transição para a Reforma, a missa e a idolatria foram substituídas pelo culto e adoração devida a Deus, na transição dramática entre a modernidade e a pós-modernidade, o culto público nas igrejas batistas no Brasil podem vivenciar pela Palavra exposta um reavivamento. O conceito de Bullinger resume essa dinâmica: “A pregação da Palavra de Deus é a Palavra de Deus.”²⁹⁸

A Reforma genebrina contou com o Guillaume Farel que, no início da jornada na cidade e impedimentos de pregar nas igrejas, “em 8 de agosto de 1535, convidado pelo povo, subiu ao púlpito e pregou.” Deus sempre levantou pregadores de sua Palavra. O interesse pelo resgate da adoração devida no culto sempre passará pela Palavra. Pela Palavra, “Deus suscitou João Hus e Jerônimo de Praga, na Boêmia, Zwinglio e Oecolampadius, na Suíça, Lutero e Melancton, na Alemanha, Calvino e Farel, na França.”²⁹⁹ “O serviço cristão desempenhado no culto era simples e a pregação era quase a única função desenvolvida pelas igrejas, com sermões em abundância.”³⁰⁰

²⁹⁵ LAWSON, 2013, p. 610, v. 2.

²⁹⁶ “In the early years in Zurich, he preached six or seven times a week. Later, fears for Bullinger’s health led to lightening his load to two or three times a week. Like most Reformed pastors, Bullinger generally followed the continuous reading (*lectio continua*) method of biblical exposition.” MCKEE, Else Anne. Heinrich Bullinger. *In*: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995. p. 49.

²⁹⁷ LAWSON, 2013, p. 610, v. 2.

²⁹⁸ Segunda Confissão Helvética

²⁹⁹ TURRETINI, F. **Compêndio de Teologia Apologética**. *In*: OLIVETTI O.; CERON, D.; ARANTES P. (Orgs.). **Compêndio de Teologia Apologética**. Cambuci; São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010. p. 734. v. 1.

³⁰⁰ BAIRD, Charles. **A Liturgia Reformada**. São Paulo: Socep, 2001. p. 19.

Os reformadores não tinham unanimidade teológica em todos os assuntos, mas a teologia do culto tinha uma preocupação em comum:

[...] praticar um culto legítimo perante Deus. E a regra era o culto em obediência às Escrituras, a celebração da nova aliança. Para Calvino a liturgia Romana imitava o culto mosaico do Antigo Testamento, negando a vinda de Cristo.³⁰¹

A simplicidade do culto era demonstrada pelo entendimento daquilo que a liturgia dispunha. Ceia e batismo como ordenanças geraram futuras disputas doutrinárias. No caso da ceia, inauguram-se algumas controvérsias na geografia reformada, mas, independente de ter sido considerada consubstanciação, graça inerente ou um ato puramente memorial, o importante é que ela fosse corretamente administrada para não sufocar a voz divina na pregação da loucura da cruz.

A situação religiosa na cidade de Genebra era tensa. Farel, dentre outros pregadores, com uma “eloquência francesa em chamas”³⁰², descrito por McNeill como:

[...] o aluno mais agressivo de Lefevre, um estudioso de segunda classe e um evangelista fervoroso, reconheceu tanto a tenacidade da situação religiosa em Genebra quanto suas próprias limitações. Ele tentou convencer Calvino (vinte anos mais novo), a ficar e ajudar.³⁰³

Com o caminho aberto por Farel, em 1536:

Calvino veio à cidade de sua adoção, inaugurou um modo de ofício religioso puro, solene e evangélico que pudesse ser deduzido da doutrina da revelação e do exemplo dos tempos apostólicos e volta aos usos primitivos.³⁰⁴

Em Calvino, temos uma teologia da pregação que iria influenciar o mundo inteiro, não em virtude de uma liderança forte ou simplesmente pela eloquência ou capacidade relacional como pastor ou influenciador. O segredo do avanço e também dos ataques que viriam estavam relacionados à Palavra que ele estava proclamando e o alto conceito de como acontece o senhorio de Cristo sobre sua igreja. Hermisten Maia, um dos maiores pesquisadores em Calvino no Brasil, resume a pregação do reformador: “A sua mensagem se constitui num monumento de exegese, clareza e

³⁰¹ CASIMIRO, Arival Dias. Prefácio. *In*: BAIRD, Charles. **A Liturgia Reformada**. São Paulo: Socep, 2001. p. 5.

³⁰² BROADUS, 2015, p. 124.

³⁰³ EDWARDS, 2004, p. 7171.

³⁰⁴ BAIRD, 2001, p. 20.

fidelidade à Palavra, sabendo aplicá-la com maestria aos seus ouvintes.”³⁰⁵ Iremos tratar sobre a vida, obra e pregação em Calvino logo mais.

Para Calvino (1509-1564), o conhecimento de “Deus é amplamente demonstrado na obra da criação e composição do universo, em todas as suas criaturas, e que, todavia, será exposto com maior clareza por sua Palavra.”³⁰⁶ A teologia da pregação em Calvino partia do entendimento e apreço que ele tinha pela Palavra, a qual considerava como “um espelho no qual a fé deve contemplar Deus.”³⁰⁷ O ministério da pregação da Palavra, na dinâmica do Espírito é que produz a fé (Rm 10.17). Calvino afirmava, com base em Paulo, que quando “Deus quer operar, a pregação se torna o instrumento do seu poder, pois certamente a voz não pode, por sua própria virtude, penetrar a alma.”³⁰⁸ Sua pregação, assim como de outros reformadores, é um reflexo de sua teologia. Ele “renunciou ao Papa, à política clerical, à missa da maneira como era celebrada na época, à equiparação da autoridade da tradição da igreja e das Escrituras [...]”³⁰⁹ Conforme dito anteriormente, não foi o precursor da *lectio continua*, mas exerceu um papel importantíssimo para a consolidação do ensino e pregação continuada das Escrituras. Dado o apreço do reformador, temos como exemplo o seu retorno de Estrasburgo para Genebra, o qual deu continuidade na exposição do texto que havia começado anteriormente.

Num primeiro momento, Genebra estava mais comprometida com os efeitos políticos da Reforma, mas posteriormente, no retorno de Calvino, sua persistência na exposição bíblica gerou crescimento da fé e influenciou outras áreas da vida civil genebrina, mostrando a força da voz de Deus não somente na esfera privada como também na pública. A teologia de Calvino foi desenvolvida para além da igreja, como bem demonstrado por Kuyper, ministro calvinista holandês. Falaremos de Calvino e sua pregação de modo mais contundente no capítulo quatro, onde traçaremos os pressupostos teológicos do reformador.

Se Farel abriu o caminho para Calvino exercer o ofício da exposição bíblica, Pierret Viret (1511-1571) preparou os caminhos para o treinamento em Genebra. Na

³⁰⁵ COSTA, Hermisten Maia Pereira. Prefácio à tradução brasileira. In: SANTOS FILHO, T. J. (Org.). **Romanos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: FIEL, 2013. p. 12.

³⁰⁶ CALVINO, 2006, p. 78, v. 1.

³⁰⁷ CALVINO, 2006, p. 8, v. 1.

³⁰⁸ CALVINO, 1997, p. 385.

³⁰⁹ WALLACE, 2003, p. 11.

Suíça, os reformadores da primeira geração, além de Zwinglio, Farel e Viret. Eles “comprometeram Genebra à Reforma antes de Calvino chegar à cidade à qual seu nome estava tão intimamente associado. Pertenciam àquele período oratório que precedeu o advento de Calvino.”³¹⁰ Sott Manetsch descreve sobre a providência divina no tocante ao entrelaçamento da Reforma em locais distintos e pregadores erguidos por Deus para o retorno da pujança do púlpito do Evangelho e consequente restauração da adoração pública:

Na Província de Peregrinações, os reformadores Jan Hus, Martin Luther e Philipp Melanchthon - todos armados com as Sagradas Escrituras como flechas e lanças - lutam contra jesuítas astutos e bispos católicos depravados. Na província dos santos católicos, os reformadores franceses Pierre Viret e Guillaume Farel - com as Bíblias erguidas acima de suas cabeças - atacam a idolatria e a sedução de Lady Superstition. Ao mesmo tempo, os reformadores suíços Huldrych Zwingli e Heinrich Bullinger atacam a aparentemente impregnável província do escolasticismo, com a Palavra de Deus em chamas como tochas nas mãos. E, finalmente, resta a John Calvin e Theodore Beza combater a cúria papal na província mais próxima do inferno. O papa está sentado entre seus dois capitães nefastos, identificados como Belzebu e Lúcifer. Tal como acontece com os outros comandos protestantes, Calvino e Beza empunham a arma sagrada da Sagrada Escritura enquanto invadem os portões do inferno.³¹¹ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

Descrito por Jean-Marc Berthoud como o gigante esquecido da Reforma que fundou em Lausanne (1537) a primeira Academia Reformada:

[...] onde dedicaria parte importante de seu tempo ao ensino de teologia aos estudantes que afluíam ali de todos os cantos da Europa. A auto demissão

³¹⁰ “They committed Geneva to the Reformation before Calvin reached the city to which his name was so closely associated. They belonged to that oratory period preceding the advent of Calvin.” VIRET, Pierre. **The Great Orators of the Reformation Era**. Dallas: Gideon House Books, 2016. p. 20. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

³¹¹ “In the Province of Pilgrimages, the Reformers Jan Hus, Martin Luther, and Philipp Melanchthon—all armed with Holy Scripture as arrows and spears—battle wily Jesuits and depraved Catholic bishops. In the Province of the Catholic Saints, the French Reformers Pierre Viret and Guillaume Farel—with Bibles raised above their heads—attack the idolatry and seduction of Lady Superstition. At the same time, the Swiss Reformers Huldrych Zwingli and Heinrich Bullinger mount an assault against the seemingly impregnable Province of Scholasticism, with the Word of God flaming like torches in their hands. And finally, it is left to John Calvin and Theodore Beza to battle the papal curia in the province nearest to hell. The pope is seated between his two nefarious captains, identified as Beelzebub and Lucifer. As with the other Protestant commandos, Calvin and Beza wield the sacred weapon of Holy Scripture as they storm the very gates of hell.” MANETSCH, Scott M. *I Have The Word of God. Scripture, Interpretation and Crespin’s History of The Martyrs*. In: MANETSCH, Scott. **The Reformation and The Irrepressible Word of God**. Illinois: IVP Academic, 2019, p. 15.

do corpo de funcionários (1559), constituiu a base inicial docente da Academia de Genebra.³¹²

A Academia de Genebra é considerada a mais perfeita escola depois de Cristo:

O programa acadêmico estabelecido por Calvino comportava duas áreas em que Deus manifesta sua revelação: a criação e a Palavra escrita. Stanford Reid destaca que nessa Academia as artes liberais e a ciência não deveriam ser retiradas, mas assistidas pela revelação especial de Deus.³¹³

Tornou-se uma exportadora de homens preparados bíblica e academicamente para o desenvolvimento não somente de pastores e mestre, como também de pensadores cristãos que teriam a capacidade de dialogar a fé com a vida.

Viret foi um gigante esquecido não somente como fundador da primeira academia reformada, mas também como pregador. Ele tinha as seguintes características de um pregador completo. Vejamos:

[...] cristão doce e amável, movido por um profundo ardor espiritual, foi também um dos maiores pregadores da Reforma. Sobre Calvino, Beza escreveu: “Ninguém ensinou com mais autoridade”. Sobre Farel: “Nenhum outro bradou como ele”. Sobre Viret: “Nenhum outro cativa mais que ele quando fala. Verheiden afirmou: Ele possuía uma palavra tão doce que mantinha o auditório continuamente acordado e atento. Seu estilo detinha tanta força e harmonia tão suave aos ouvidos e à mente, que mesmo os menos religiosos entre os ouvintes, os mais impacientes, ouviam-no com facilidade e complacência. Diríamos, ao vê-los tão atentos, que desejariam um discurso mais longo. Sua forma de pregar, segundo Melchior Adam: Levou milhares à fé em Jesus Cristo em Lyon (França). Pela força da sua eloquência divina, ele parava os que passavam por ali sem o objetivo de ouvi-lo e os compelia a escutá-lo até o fim. Calvino, no prefácio da edição das disputas cristãs de 1544, disse: “[...] Viret mostra a verdade pura e simples, segundo nos foi revelada por Deus em sua Santa Palavra. Ele se coloca na companhia dos profetas bíblicos. André Sayous disse: “[...] ele visa à força e clareza nos seus escritos”. Isso refletia na sua fala”.³¹⁴

Não poderíamos deixar de falar de Martin Bucer (1491-1551). Na classificação de Hughes, entre a narrativa bíblica e a história da igreja, temos o desenvolvimento de gêneros de pregação, que ele divide em:

³¹² BERTHOLD, Jean-Marc. **Viret Pierre**: O Gigante Esquecido da Reforma. Brasília: Monergismo, 2017. p. 3.

³¹³ BERTHOLD, 2017, p. 115.

³¹⁴ BERTHOLD, 2017, p. 39.

[...] pregação expositiva, evangelística, catequética, festal e profética. Martin Bucer, Lutero, Zwinglio, Oecolampadius e Capito usaram o recurso da pregação catequética para crianças nas igrejas.³¹⁵

Dargan diz que o método homilético dos reformadores “variaram [...], no entanto, de uma maneira geral, a exposição das Escrituras naturalmente os levou de volta à antiga homilia como a forma predominante de sermão.”³¹⁶

O púlpito reformado, a partir da influência da leitura e explicação das Escrituras desenvolvida na igreja primitiva e outros contextos pré-reformistas, coloca em voga “o conteúdo da mensagem que se transmite a partir dele. O centro do culto na tradição protestante está no anúncio e na escuta (Rm 10.14-17), deslocando a atenção da comunidade ao orador.”³¹⁷ A partir dessa dinâmica, o culto protestante se torna um local de adoração ao mérito exclusivo da bondade e sacrifício de Cristo e conseqüentemente a reunião do povo que agora canta, ouve e participa do culto ativamente como sacerdócio geral. O culto reformado é uma concentração da pregação da Palavra. “Calvino rejeitou a missa como Zwinglio, e embora o culto houvesse um parentesco com a idade média (voto, culpa pública, canto de salmos, oração livre e prédica), o culto de pregação passa a ter existência própria.”³¹⁸ O que acontece na Reforma, portanto, é o retorno do elemento da prédica, outrora abafado pela celebração sacramental.

Calvino trabalhou com apreço a doutrina de Deus e nesse mesmo sentido a tradição reformada, no tocante à revelação na natureza e na Sagrada Escritura. Não havia uma ignorância acerca da graça comum como agente comunicador, mas uma primazia na revelação especial, que “para entrar plenamente na história da humanidade, assumiu a forma servil de linguagem escrita. Logo, a Escritura também é uma encarnação divina, o produto da encarnação de Deus em Cristo.”³¹⁹ Esse compromisso contínuo com a pregação sequencial:

[...] trabalha o que o texto da Escritura diz conforme uma série de regras hermenêuticas, principalmente que a Escritura interpreta a si mesma e não

³¹⁵ HUGHES, 1988.

³¹⁶ “Varied with individuals among them. Yet in a general way it may be said that their exposition of Scripture naturally led them back toward the ancient homily as the prevailing sermon form.” DARGAN, 2015, p. 380. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

³¹⁷ GENRE, 2010, p. 1430.

³¹⁸ WINKLER, 2011, p. 76-98.

³¹⁹ BAVINCK, 2012, p. 355, v. 1.

pode contradizer-se – era um correlato necessário para o entendimento do que é a Bíblia e para o que serve.³²⁰

Calvino era radical quanto ao que poderia ser considerado fonte de autoridade final para o povo de Deus. Isso gerou uma solidez na sua pregação e fortificou o sistema doutrinário desenvolvido por ele. É claro que a tradição calvinista, embora não estivesse em paridade com a revelação bíblica, tinha um valor secundário nessa relação nos movimentos confessionais pós-Reforma. Mas o importante em Calvino era a base primária que fundamentava suas exposições bíblicas. Sua tradição era de pregadores expositivos, que influenciados pelo método da igreja primitiva, liam e explicavam as Escrituras. Para eles, “não havia conhecimento de Cristo sem a Escritura, nem a comunhão com ele a não ser pela comunhão com a palavra dos apóstolos.”³²¹

Na história da igreja, o questionamento sobre as prescrições do culto público em virtude da transição entre o antigo e o novo sacrifício em Cristo sempre serviu de motivação para o abandono de questões implícitas que estão descritas no Novo Testamento e conseqüentemente conduziu muitas comunidades cristãs ao embaraço do pragmatismo ou adoção de influências filosóficas, sociológicas ou psicológicas e psicanalíticas imiscuídas de linguagens de fé, como é o caso do culto como terapia ao homem que nasceu para ser agradado, como veremos na descrição de Philip Reiff.

O que instiga a muitos é saber sobre os critérios que norteiam uma igreja para ela ser considerada verdadeira. Como consequência da fé bíblica que ressurgiu com a força da Reforma, após vários gritos dados anteriormente, temos: a pregação fidedigna da Palavra; administração correta dos sacramentos e a disciplina bíblica como medida de proteção, distinção e unidade³²² do corpo de Cristo. Outra questão instigante é sobre o norteamo do culto público. Edmund Clowney trabalha a distinção entre a liberdade de culto e a liberdade de culto que agrada a Deus, que deve fazer parte de qualquer tradição que se arroga ser cristã. Nesse sentido:

³²⁰ SPROUL; NICHOLS, 2017, p. 421.

³²¹ BAVINCK, 2012, p. 472, v. 1.

³²² A unidade da igreja não precisa estar localizada nas estruturas organizacionais de um corpo cristão. Enquanto a unidade da igreja não requer uniformidade eclesiástica, as formas externas de culto e administração da igreja - tais como a pregação da palavra, a administração correta dos sacramentos ou das ordenanças, e da disciplina da igreja - podem ser uma evidência visível da unidade da igreja. PRESLEY, S. A Unidade da Igreja. *In*: ELLIS, B.; WARD, M.; PARKS, J. (Orgs.). **Sumário de Teologia Lexham**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2018.

[...] duas questões são consideradas: primeiro, a atividade de culto e a atitude de culto, que é o pano de fundo de nossa vida como pessoas cristãs; segundo, a diferença entre os elementos do culto e as circunstâncias que o acompanham: 1. Pregação (2 Tm 4.1-4); 2. Oração (At 16.3; At 18.7, 11; 19.8-10); 3. Música (Sl 119; Dt 31.19; Rm 15.9; Cl 3.16; Ef 5.18-19; Hb 2.12); 4. Nutrição (ensino, discipulado e disciplina, no poder do Espírito Santo). Nutrição pela Palavra expirada e escrita (Jo 6.63).³²³

O elemento da justificação é um ponto em comum entre luteranos e os reformados. No entanto, há uma distinção no culto reformado no tocante à adoração. “Para os luteranos, o inimigo da fé eram as obras. Para os reformados, a idolatria. No dizer de Carlos Eire, o propósito da Reforma consistia não tanto em encontrar um Deus justo, mas em voltar-se da idolatria para o verdadeiro Deus.”³²⁴ Para tais reformadores e para os puritanos, a adoração evangélica se situa no contexto da santificação do Nome de Deus ouvindo a Palavra. “Os deveres referentes à adoração a Deus são especificamente estes três: ouvir a Palavra, receber os sacramentos, e a oração.”³²⁵ Jeremiah Burroughs (1599-1646) destaca a centralidade dessa audição: “Vem, vamos ouvir um homem pregando. Ah, não! Vamos ouvir Cristo pregar, pois no que diz respeito aos ministros de Deus, eles não pregam a si mesmos, mas Cristo deve pregar neles.”³²⁶ O zelo dos pré-reformadores e reformadores quanto à pregação diligente parte do próprio cuidado e fidelidade na pregação observada em Jesus, que em seus sermões encontramos ensinamentos valiosos do Reino de Deus, visto por exemplo no Sermão do Monte. Seus apóstolos, especificamente Paulo sempre abordava em suas cartas a necessidade da pregação ter em seu bojo o zelo doutrinário. Ele diz: “prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.”³²⁷

João Calvino chamou atenção de pastores e pregadores de outras épocas e tradições em sincronia com ou não com a teologia dele. Calvino³²⁸ se tornou referencial em virtude ao destaque dado da natureza da pregação expositiva sob a autoridade das Escrituras em termos de fé e prática. David Hall cita tal influência em

³²³ CLOWNEY, 2003, p. 115.

³²⁴ JOHNSON, Terry L. **Adoração Reformada**: adoração segundo as Escrituras. Brasília: Monergismo, 2014. p. 35.

³²⁵ BURROUGHS, 2015, p. 191.

³²⁶ BURROUGHS, 2015, p. 191.

³²⁷ BÍBLIA de Estudo de Genebra. 2. ed. Revista e atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. p. 1632.

³²⁸ CALVINO, João. **A Pura Pregação da Palavra de Deus**. São Paulo: Estandarte de Cristo, 2016.

outros solos denominacionais.³²⁹ Como leitor, autor, exegeta e arauto versado nas Escrituras, Calvino demonstrou dependência no Espírito Santo, pregação centrada em Cristo, tendo como alvo a glorificação do Senhor Deus. As gerações posteriores foram impactadas pela teologia da pregação dele:

Charles Spurgeon estava no tricentenário da morte de Calvino em 27 de maio de 1864. Como John Knox, afirmou acerca de Genebra como ‘a mais perfeita escola de Cristo já presente na terra desde os dias dos apóstolos’.³³⁰

A história da adoração na revelação progressiva do Antigo Testamento mostrou a relevância do cumprimento da promessa de Cristo. Após proporcionar a restauração devida à adoração ao Deus de Israel, a continuidade histórica do culto e pregação, mesmo diante de uma nova aliança, sofre alternâncias quanto à adoração devida a Deus. Da problemática litúrgica da idade média aos dias atuais, temos desde “os sacerdotes que recitavam a missa latina para paroquianos que não podiam entendê-la, reunidos para receber o corpo de Cristo, como estilos variados do culto cristão refletem a colcha de retalhos das culturas mundiais.”³³¹ Hoje, vemos um certo cinismo quando líderes alegam a falta de um modelo de culto com base na

³²⁹ David Hall registra a herança de Calvino em outros solos denominacionais: No solo batista, Spurgeon; Os anglicanos são representados por J.I. Packer e J. C. Ryle; Entre os independentes, John MacArthur; George Whitefield, bem lembrado por Martin Lloyd-Jones representa a tradição metodista. Alexandre Ganocz. Os presbiterianos, com frequência, buscam afirmar Calvino como sendo um deles. Contudo, outros, além dos presbiterianos, descobriram que a vida e pensamento do reformador eram dignos de imitação. Abaixo, há alguns tributos feitos por batistas, anglicanos, independentes e metodistas. Claro, não se trata de um catálogo exaustivo que visa meramente ilustrar o fato de ser Calvino estimado por muitos evangélicos de diferentes tradições, tampouco, implica que os admiradores de Calvino não discordem dele em algumas áreas. A passagem do tempo e a ampla aclamação, todavia, é outra confirmação em relação à contribuição de Calvino. Os batistas, com a representação mais forte em Spurgeon. Na década de 1860, Charles Haddon Spurgeon, o grande pregador batista de Londres, teve uma oportunidade de prestar seu tributo a Calvino. Um dos biógrafos de Spurgeon, W. Y. Fullerton, registrou os seguintes detalhes: “Os meses de junho e julho de 1860 foram dedicados a um tour continental; as primeiras férias do Sr. Spurgeon em sete anos. Ele visitou a Bélgica, o menor dos estados alemães, e a Suíça. O principal interesse encontrava-se em sua visita a Genebra, onde pregou duas vezes no púlpito de Calvino. ‘A primeira vez que vi a medalha de João Calvino, eu a beijei’, disse ele. ‘Eu preguei na Catedral de São Pedro. Não me senti muito confortável quando apareci tão canônico, porém, o pedido foi feito a mim de uma forma tão bela que eu poderia até ter usado a tiara papal se tivessem me pedido. Eles disseram: ‘Nosso querido irmão veio até nós de outro país. Ora, quando um embaixador vem de outro país, ele tem o direito de usar seus próprios trajes na corte, contudo, como sinal de grande estima, ele, às vezes, condescende à fraqueza do país ao qual visita e veste o traje de nossa corte!’ ‘Bem’, eu disse, ‘sim, certamente, eu usarei; porém, me sentirei como se estivesse correndo dentro de um saco’. Era a toga de João Calvino, e me contentou muito.” HALL, David W. **A Herança de João Calvino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. p. 1701-2147 (Edição do Kindle).

³³⁰ HALL, 2019, p. 2086.

³³¹ CLOWNEY, 2003, p. 115.

igreja neotestamentária, o que os levam a adotar práticas antropocêntricas que servem para agradar o público, contrapondo à própria essência do culto – adoração. No entanto, embora não possamos exigir um formato único litúrgico, precisamos adotar o preceito maior, isto é, o de que “o coração do culto espiritual é ouvir o que o Senhor nos diz, respondê-lo em oração e louvor, e encorajar uns aos outros em sua comunhão.”³³² Independente da tradição, existe uma ação católica em torno dos preceitos básicos para a adoração devida.

2.3.3 De William Perkins aos Batistas Reformados (particulares)

Tratamos anteriormente da evolução histórica da exposição bíblica desde a narrativa bíblica e histórica da igreja chegando até meados do século XVI. Continuaremos a jornada com a influência da pregação reformada em outros solos denominacionais, concentrando no legado de Calvino³³³ em pregadores batistas ingleses. A análise da teologia bíblica da pregação de Calvino terá como referenciais suas próprias obras³³⁴, bem como teóricos que trabalham os aspectos gerais da teologia e pregação do reformador. No entanto, após a evolução histórica da exposição bíblica, dedicaremos o capítulo dois para falar somente da trajetória de Calvino.

Trataremos também de referenciais da teologia bíblica (em virtude da relevância para a pregação expositiva). Scott Gibson fala dos defensores da teologia bíblica que choram no deserto da pregação expositiva há décadas:

Don Carson, Joel Netherhood, Sinclair Ferguson, John Piper, Steve Brown,
James Montgomery Boice, Skip Ryan, Tony Merida, Jerry Bridges, Ray

³³² CLOWNEY, 2003, p. 115.

³³³ HALL, 2019, p. 1701-2147; COSTA, Hermister Maia Pereira. **João Calvino 500 anos: introdução ao seu pensamento e obra**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009; KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014; MCGRATH, Alister E. **A revolução protestante**. Brasília: Palavra, 2012; MCGRATH, Alister E. **O pensamento da Reforma: ideias que influenciaram o mundo e continuam a moldar a sociedade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014; MCGRATH, 2007; PACKER, J. I. *In*: WILES, J. P. **Um resumo de As Institutas da Religião Cristã de João Calvino**. 2. ed. São Paulo: PES, 2002. p. 10; REID, Stanford. **Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014; WALLACE, 2003.

³³⁴ CALVINO, 2016, v. 4.; CALVINO, 2009; CALVINO, 2006, v. 1.; CALVINO, 2006, v. 2.; CALVINO, 2015.

Ortlund, Joe Novenson, David Calhoun, Danny Akin, Ray Cortese e, principalmente, Timothy Keller.³³⁵

Bryan Chapell fala da tensão e referências da pregação expositiva que lutaram pela teologia bíblica:

[...] os teólogos liberais haviam sequestrado aspectos-chave da teologia bíblica, tornando os evangélicos céticos ou opostos ao seu uso. Então, o trabalho pioneiro de instrutores de pregação como Sidney Greidanus³³⁶, Edmund Clowney³³⁷ e John Sanderson lembrou aos pregadores do final do século XX que a unidade das Escrituras não poderia ser descartada sem prejudicar nossa compreensão de seus detalhes.³³⁸

Destacaremos referenciais da homilética que, embora não tenham dedicado exclusivamente no contexto da exposição bíblica, trataram do assunto com apreço. Quanto à questão homilética, temos referenciais John Broadus.³³⁹ No Brasil, Jilton Moraes³⁴⁰ é a voz proeminente, com publicação de vários livros na área. No tocante à história da pregação, Edwin Charles Dargan, que é considerada a única história completa da pregação fora das enciclopédias³⁴¹, dividida em dois volumes, dará um suporte especial. Dargan indica: “T. Harwood Pattison; John Broadus; John Ker; Artigo Predigt no RGG2.”³⁴² Traremos também O. C. Edwards.³⁴³ Na atualidade, T. H. Parker³⁴⁴ descreve a atuação expositiva de João Calvino de modo salutar. Jason Meyer, embora seja um jovem pastor e pregador contemporâneo, trará ricas contribuições no tocante à teologia bíblica da pregação. Ele descreve sobre a “escassez de teóricos da história da pregação veterotestamentária e

³³⁵ GIBSON, Scott M. *Homiletics and Hermeneutics*. In: GIBSON, Scott M.; KIM, Matthew D. (Eds.). **Homiletics and Hermeneutics**. Four Views on Preaching Today. Grand Rapids, MI, EUA: Baker Academic, 2018. p. 178. (Edição do Kindle).

³³⁶ GREIDANUS, Sidney. **O Pregador Contemporâneo e o Texto Antigo**: interpretando e pregando literatura bíblica. São Paulo: Cultura Cristã, 2006; GREIDANUS, Sidney. **Preaching Christ from Ecclesiastes**: foundations for expository sermons. Cambridge, USA: William B. Eerdmans Publishing Company, 2010; GREIDANUS, Sidney. **Preaching Christ from Daniel**: foundations for expository sermons. Cambridge, USA: William B. Eerdmans Publishing Company, 2012.

³³⁷ CLOWNEY, 2003, p. 118.

³³⁸ CHAPPELL, 2018, p. 178.

³³⁹ BROADUS, John. **Sobre a Preparação e Entrega de Sermões**. São Paulo: Hagnos, 2009.

³⁴⁰ MORAES, Jilton. **Homilética**: do Ouvinte à Prática. São Paulo: Vida, 2013. MORAES, Jilton. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida, 2005; MORAES, Jilton. **Homilética**: do púlpito ao ouvinte. São Paulo: Vida, 2008.

³⁴¹ DARGAN, 2015; DARGAN, Edwin Charles. **A History of Preaching**: From the Close of The Reformation Period To The Nineteenth Century, 1572-1900. New York: Hodder and Stoughton New York George H. Doran Company, 1912. v. 2.

³⁴² DARGAN, Edwin Charles. **A History of Preaching**: From the Apostolic Fathers to the Great Reformers, A.D. 70-1572. England: Forgotten Books, 2015.

³⁴³ EDWARDS JR., 2004, p. 767

³⁴⁴ PARKER, 2016.

neotestamentária, mas cita David Larsen e Hughes Oliphant Old, como os mais proeminentes.”³⁴⁵ Timothy George³⁴⁶ nos oferece um arcabouço panorâmico da história da pregação ao tratar do modo da leitura bíblica dos reformadores. Ademais, foram traduzidos alguns ensaios dentro de obras organizadas.³⁴⁷

Quanto às obras traduzidas na área de pregação, temos uma fatura de teóricos distribuídos em obras e ensaios.³⁴⁸ No entanto, existe uma gama de

³⁴⁵ Na presente tese, destacaremos os referenciais teóricos da pregação no capítulo três, e já os descrevemos em parte no último parágrafo, no entanto, na presente introdução, achamos por oportuno o modo como Jason Meyer trata desses teóricos. Ele destaca uma ordem que inclui história da pregação, manuais de pregação, compêndios de homilética. Daí em diante, ele destaca os três antigos livros mais influentes (William Perkins – *The Art of Propheying*, John Broadus – *History of Preaching and Preparation and Delivery of Sermons* - e Philip Brooks – *The Joy Of Preaching*. Cita Martin Lloyd-Jones (1971) e John Stott (*Between two words*) como os mais importantes da atualidade. Alguns ensaios importantes são atribuídos a D. A. Carson (*Challenges for the twenty-first century pulpit*), Mark Dever (*Nine Marks*) e Graeme Goldsworthy (*Preaching The Whole Bible as a Christian Scripture*) além de Haddon W. Robinson (*Biblical Preaching: The Development and Delivery of Preaching Messages*), Jerry Vines e Jim Shaddix (*Practical Guide to Sermon Preparation e Guide to Affective Sermon Delivery*), John MacArthur (*Rediscovering Expository Preaching*), Sidney Graydanus (*The Modern Preacher and the ancient text*) e Bryan Chapell (*Christ-centered preaching*). Jason Meyer, ao comparar sua tese com os trabalhos já publicados, cita Al Fasol (*Essentials For Biblical Preaching*) e J.I. Packer (*Autorithy in Preaching*) como autores que trataram da natureza da pregação expositiva sem tratar do termo “expositivo.” Especificamente na área de teologia da pregação, Richard Lischer (*A Theology Of Preaching: The Dynamics of The Gospel*), Michael Pasquarelo III (*Christian Preaching*), Donald English (*An Evangelical Theology Of Preaching*), Marjorie Hweitt Suchocki, D. W. Cleverley Ford (*The Ministry of The Word*) e John Piper (*The Supremacy of God in Preaching*). No quesito “teologia bíblica,” traz os teóricos Peter Adam (*Speaking God’s Working*), Edmund Clowney (*Preaching and Biblical Theology*), John Stott (*The Preacher’s Portrait*) e Robert H. Mounce (*The Essential Nature of the New Testament*) MEYER, 2019, p. 310.

³⁴⁶ GEORGE, Timothy. **Lendo as Escrituras com os Reformadores**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

³⁴⁷ QUIKE, Michael. A história da pregação: uma avaliação da pregação atual à luz da história. *In*: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Orgs.). **A arte e o ofício da pregação bíblica**: um manual abrangente para comunicadores da atualidade. São Paulo: Shedd, 2009.

³⁴⁸ CARSON, D. A (Org.). **A verdade**: como comunicar o Evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015; CHAPPELL, Bryan. **Pregação Cristocêntrica**: restaurando o Sermão Expositivo. São Paulo Paulo, 2007; DELNAY, Robert G. **Fogo no seu púlpito**. São Paulo: Batista Regular, 2012; DEVER, Mark. Aprimorando o Evangelho. *In*: PIPER, John et al. (Orgs.). **Proclamando uma Teologia Centrada na Cruz**. Niterói: Editora Tempo de Colheita, 2012; DEVER, Mark et al. **A Pregação da Cruz**: um chamado à pregação expositiva e centrada no evangelho como foco do ministério pastoral. São Paulo: Cultura Cristã, 2010; GOLSWORTHY, 2013; GREIDANUS, Sidney. **O pregador contemporâneo e o texto antigo**: interpretando e pregando literatura bíblica. São Paulo: Cultura Cristã, 2006; HELM, David. **Pregação Expositiva**. São Paulo: Vida Nova, 2016; LAWSON, Steven J. **A Arte Expositiva de João Calvino**. São José dos Campos: Fiel, 2008; LARSEN, David L. **Anatomia da Pregação**: identificando os aspectos relevantes para a pregação de hoje. São Paulo: Vida Acadêmica, 2005; MACARTHUR, John. **A Verdade Permanece**: comemorando quarenta anos de exposição da verdade de Deus. São José dos Campos: Fiel, 2012; BEEKE, Joel. **Pregação Reformada**: proclamando a Palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus. São José dos Campos: Editora Fiel, 2019. p. 9258. (Edição do Kindle); MOHLER, Albert Jr. **Deus não está em silêncio**: pregando em um mundo pós-moderno. São José dos Campos: Editora Fiel, 2011; MOHLER, R. Albert Jr.; BOICE, James. **Apascenta meu Rebanho**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009; PARKER, 2016; PERKINS, 2018; PERRY, Lloyd Merle. **Pregando Sobre os Problemas da Vida**. Rio de Janeiro:

teóricos³⁴⁹ e recursos de área de homilética, exposição bíblica, história da pregação e enciclopédias que não foram traduzidas ainda. No Brasil, temos a tradução de um

Juerg, 1989; PIPER, John; TAYLOR, Justin. **Palavras**: o poder da comunicação na Pregação do Evangelho. São Paulo: Editora Hagnos, 2012; PIPER, John. **A Supremacia da Pregação**: teologia, estratégia e espiritualidade do ministério de púlpito. São Paulo: Shedd Publicações, 2003; ROBINSON, Haddn W. **Pregação Bíblica**: o desenvolvimento da entrega de sermões expositivos. São Paulo: Shedd Publicações, 2002; SPURGEON, Charles. **Lições aos meus alunos**: homilética e teologia Pastoral. São Paulo: Editora PES, 1982. v. 2.; STOTT, John. **Eu Creio na Pregação**. São Paulo: Editora Vida, 2003; SOTT, 2011; SPURGEON, C. H. **Lições aos alunos**: homilética e teologia pastoral. São Paulo: Editora PES, 2002; ZACHARIAS, Ravi. Uma Antiga Mensagem, por meios Modernos, à Mente Pós-Moderna. *In*: CARSON, D. A. (Org.). **A Verdade**: Como Comunicar o Evangelho a um Mundo Pós-Moderno? São Paulo: Editora Vida Nova, 2015. p. 30.

³⁴⁹ GIBSON; KIM, 2018, p. 3; LEE, 2019; WATKINS, 2016; ADAMS, Jay E. **Preaching with Purpose. The Urgent Task of Homiletics**. Grand Rapids, MI, USA: Zoderan, 1982; ANDERSON, Kenton C. **Preaching with Conviction. Connecting with Postmodern Listeners**. Grand Rapids, MI, USA: Kregel Publications, 2001; ADAM, 1996; AWBREY, Bem. **How Effective Sermons Begin**. USA: Mentor Imprint, 2008; AZURDIA III, Arturo G. **Spirit Empowered Preaching**. California, USA: Mentor, 1998; CAPILL, Murray A. **Preaching With Spiritual Vigour. Including Lessons From The Life and Practice of Richard Baxter**. London, UK: Christian Focus Publications Ltd., 2003; CARRICK, John. **The Imperative of Preaching. A Theology of Sacred Rhetoric**. Carlisle, USA: The Banner Of Truth Trust, 2002; CHAPELL, Bryan. **The Hardest Sermons You'll Ever Have to Preach**. Michigan, USA: Zoderan, 2011; CHAPELL, Bryan. **Using Illustrations to Preach with Power**. Wheaton, Illinois, USA: Crossway Books, 2001; CLOWNEY, 2003; CLOWNEY, 2002; DAVIS, Dale Ralph. **The Word Became Frech. How to Preach From Old Testament Narrative Texts**. London, UK: Christian Focus Publications Ltd., 2006; EBY, David. **Power Preaching for Church Growth. The role of Preaching in growing churches**. California, USA: Mentor, 1995; EDWARDS, J. Kent. **Deep Preaching. Creating Sermons That Go Beyond the Superficial**. Nashville, Tennessee, USA: B&H Academic, 2009; ESWINE, Zack. **Preaching to Post-Everything Word. Crafting Biblical Sermons that Connect with our Culture**. Grand Rapids, Michigan, EUA: BakerBooks, 2008; GALLI, Mark; LARSON, Craig Brian. **Preaching that connects. Using Journalistic Techniques to Add Impact**. Grand Rapids, Michigan, USA: 1994; GORDON, David T. **Why Johnny Can't Preach? The Media Have Shaped the Messengers**. New Jersey, USA: P&R Publishing, 2009; KAISER JR., Walter C. **Preaching and Teaching from the Old Testament. A Guide for the Church**. Michigan, USA: Baker Academic, 2004; KAISER JR., Walter C. **What does the Lord Require? A Guide for Preaching and Teaching Biblical Ethics**. Michigan, USA: Baker Academic, 2009; JOHNSON, Dennis E. **Him We Proclaim. Preaching Christ From All The Scriptures**. New Jersey, USA. Publishing, 2007; JOHNSON, Dennis E. **Heralds of the King. Christ-Centered Sermons in the tradition of Edmund P. Clowney**. Wheaton, Illinois, USA: Crossway Books, 2009; JOHNSTON, Graham. **Preaching to a Postmodern Word. A guide to reaching twenty-firt century Listeners**. Grand Rapids, Michigan, USA: Bakerbooks, 2001; HUGHES, Jack. **Expository Preaching with Word Pictures. With illustrations from the sermons of Thomas Watson**. Great Britain: Christian Focus Publications, 2001; LONG, Thomas G. **Preaching and the Literary Forms of the Bible**. Philadelphia, USA: Fortress Press, 1989; MERIDA, Tony. **Faithful Preaching. Declaring Scripture with Responsibility, Passion, and Authenticity**. Nashville, Tennessee, USA: B&H Academic, 2009; MOODY, Josh; WEEKES, Robin. **Burnig Hearts. Preaching to the Affections**. Christian Focus Publications. London UK, 2001; OLYOTT, Stuart. **Ministering like the Master. Three Messages for Today's Preachers**. Carlisle, USA: The Banner Of Truth Trust, 2003; OVERDORF, Daniel. **Applying the Sermon. How to Balance Biblical Integrity and Cultural Relevance**. Wheton, Illinois, USA: Tyndale House Publishers, 2004; OVERDORF, Daniel. **One Year to Better Preaching. 52 Exercices To Your Skills**. Grand Rapids, MI, USA: Kregel Ministry, 2013; RYKEN, Leland; WILSON, Todd. **Preach The Word. Essays on Expository Preaching In Honer of R. Kent Hughes**. Wheaton, Illinois, USA: Crossway Books, 2007; SHEDD, W.G.T. **Homiletics and Pastoral Theology**. Birmingham, Alabama, USA: Solid Ground Christian Books, 2003; STOTT, John. **Between Two Words. The Challenge of Preaching Today**. Michigan, Cambrigde, USA:

Dicionário de Homilética³⁵⁰, embora sendo um ótimo recurso, não teve por finalidade o meio protestante.

Do fim do século XVI até os dias atuais, temos pastores e pregadores que influenciaram gerações com a mensagem do Evangelho. Citaremos de modo geral, destacando alguns que foram expositores de cada período na ala protestante, com ênfase maior nos pregadores batistas particulares ingleses. William Blaikie³⁵¹ desenvolveu um trabalho brilhante sobre os pregadores da Escócia desde o século XVI até o século XIX, do qual não falaremos aqui.

Estamos no final do século XVI e início do século XVII. Nessa transição, a pregação na história da igreja protestante vive numa dinâmica dramática entre sua afirmação e reações. Após os grandes reformadores, e um período natural de perseguição, pós-Lutero, Dargan cita:

Nicholas Hemming (1604); Aegidius Hunnius (1603); Jacob Andreae (1528-1590); Martin Chemnitz (1522-1586); Lucas Osiander (1534-1604); John Arndt (1555-1621). Na ala reformada: Ludwig Lavater (1586), Rodolf Walter (1586) e John Wolf (1571) e Andrew Hyperius (1511-64).³⁵²

A pregação inglesa, descrita de forma mais apurada por John Brown, logo mais citado, contém, segundo Dargan, a participação de: “Richard Hooker (1563-1600); Lancelot Andrewes (1555-1626); Henry Smith (1550-1593) e William Perkins (1602)”³⁵³, para o qual iremos dar um destaque maior.

O primeiro “manual de pregação protestante”³⁵⁴, “A Arte de Profetizar”³⁵⁵, foi publicado em 1592 e traduzido para o inglês em 1606, quatro anos após a morte do

Co., 1992; SUNUKJIAN, Donald R. **Invitation to Biblical Preaching. Proclaiming Truth with Clarity and Relevance**. Grand Rapids, MI, USA: Kregel Academic and Professional, 2007; WAGNER, Roger. **Tongues Aflame. Learning to Preach from the Apostles**. London, UK: Christian Focus Publications, 2004; WILSON, Paul Scott. **The Four Pages of The Sermon. A Guide to Biblical Preaching**. Nashville, USA: Abingdon Press, 1999; BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle).

³⁵⁰ SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Ed.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010.

³⁵¹ BLAIKIE, William G. **The Preachers of Scotland. From the Sixth to the Nineteenth Century**. Carlisle, USA: The Banner of Truth Trust, 1888.

³⁵² DARGAN, 1912, p. 11-17.

³⁵³ DARGAN, 1912, p. 17-20.

³⁵⁴ PERKINS, William. **The Art of Propheying and the Calling of the Ministry**. USA: The Banner of Truth Trust, 1996.

³⁵⁵ Joseph Pipa, citado por Joel Beeke, sugere três razões por que Perkins escreveu seu manual de pregação. Primeira, havia uma “escassez de pregadores capazes na Inglaterra elisabetana.” Apesar dos chamados para treinamento de pregadores já no tempo de William Tyndale, por volta de 1583 somente um sexto do clero inglês era licenciado para pregar; e mesmo em 1603, havia somente a metade de pregadores para o total de paróquias. Segunda, havia lacunas no curriculum universitário, com deficiências específicas em teologia, pregação e direção espiritual. Perkins

seu autor, William Perkins. Nesse manual, vemos o desenvolvimento da profecia na carruagem protestante. Segundo ele, a profecia divide-se em duas partes:

[...] pregar a Palavra e orar em público. Preguar a Palavra é profetizar em nome de Cristo e da parte dele. Por meio da pregação, aqueles que ouvem são chamados ao estado de graça e preservados nele. O que deve ser pregado é a Palavra de Deus sem mais nada.³⁵⁶

A estrada já estava pavimentada e, a partir do culto protestante, a centralidade de Cristo através da pregação da Palavra ganha contornos bem definidos. John Brown, sobre Perkins, diz:

O outro homem, além de Culverwell, influenciado intelectualmente e espiritualmente por Chaderton foi William Perkins, um pregador puritano com mais do que poder espiritual comum. John Cotton, de Boston, ficou sob sua influência e lutou contra ela a princípio, com medo de que, se ele se tornasse um homem piedoso, o estragaria por ser um homem instruído. Mas a verdade de Deus, ministrada por William Perkins, provou ser mais forte do que a obstinação de John Cotton, e, por fim, ele deixou a universidade piedosamente e aprendeu a fazer uma grande obra para Deus em ambos os Bostons, o do Velho País e o do Novo. Por outro lado, John Robinson, da fama do Pai Peregrino, estava entre os estudantes que ouviram as palavras ardentes de William Perkins na Igreja da Universidade. Ele também carregou essa influência com ele durante a vida.³⁵⁷

O formato do sermão descrito no manual de Perkins é visto no desenvolvimento da pregação puritana. O. C. Edwards analisa o método do manual de pregação de Perkins dizendo que:

[...] além dos padrões de pregação da homilia patrística e do sermão temático medieval, os púlpitos da Reforma Inglesa exibiam um terceiro padrão puritano baseado na lógica ramista que recebeu sua declaração clássica em 'A Arte da Profecia'.³⁵⁸

escreveu seu livro-texto para ajudar a preencher a lacuna em teologia prática. Terceira, Perkins almejava promover um estilo "simples" de pregação, ao contrário do estilo elaborado dos anglicanos da igreja alta. BEEKE, 2019, p. 4111.

³⁵⁶ PERKINS, William. **A Arte da Profetizar**. Brasília: Monergismo, 2018. p. 20-21.

³⁵⁷ "The other man besides Culverwell, both intellectually and spiritually influenced by Chaderton was William Perkins, a Puritan preacher of more than ordinary spiritual power. John Cotton of Boston came under his influence and fought hard against it at first, from a fear that if he became a godly man it would spoil him for being a learned man. But God's truth as ministered by William Perkins proved to be stronger than John Cotton's wilfulness, and eventually he left the university both godly and learned to do a great work for God in both Bostons, that of the Old Country and that of the New. Then again, John Robinson, of Pilgrim Father fame, was among the undergraduates who listened to the burning words of William Perkins in the University Church. He, too, carried this influence with him through life." BROWN, John. **Puritan Preaching in England, Annotated**. L. B. Roper, EUA: 2017. p. 45-46. (Edição do Kindle).

³⁵⁸ EDWARDS JR., 2004, p. 8345.

A lógica ramista³⁵⁹, atribuída ao método de William Perkins, resume-se em: “1. Leitura do texto conforme o cânon; 2. Dar sentido e entendimento pelas próprias Escrituras; 3. Pontos de doutrina lucrativos fora do sentido natural; 4. Aplicar o texto e questões de doutrina de modo simples e claro.”³⁶⁰ A utilidade pedagógica da lógica ramista não desqualifica o pano de fundo que envolveu a pregação tratada por Perkins, ou seja, a leitura, explicação e aplicação são pressupostos da exposição bíblica delineada nos demais tópicos acima. “A influência de Perkins continuou por meio de teólogos como William Ames, Richard Sibbes, John Cotton, John Preston e de muitos pregadores treinados em Cambridge mesmo depois de sua morte.”³⁶¹ Trataremos, em seguida, mais da pregação puritana sob a influência de Perkins.

Sobre a pregação na Escócia nesse período, falaremos de John Knox, a ser tratado logo mais. Alguns pregadores que vieram depois dele, na transição do século XVI para o XVII, são: “Andrew Melville (1545-1622); James Lawson (d. 1584); John Craig (d. 1600); Robert Rollock (d. 1598); Robert Bruce (1559-1631).”³⁶² Dada a amplitude teórica, concentraremos-nos em John Knox (1513-1572). Foi na Escócia:

[...] sob a direção de John Knox, que o Calvinismo floresceu. Embora a teologia reformada do palatinado (Heidelberg) tenha se desenvolvido de forma independente do próprio Calvino, é um erro acentuar as diferenças teológicas com a Reforma suíça.³⁶³

Quanto à pregação de Knox, David Read descreve como um pregador de maior influência “sobre a política e o destino da nação, que manteve vigorosamente seus sermões baseados na Palavra de Deus [...] Como Lutero, era um mestre da linguagem de seus dias.”³⁶⁴

³⁵⁹ “A influência da filosofia e metodologia de Peter Ramus (1514–1572) é possível neste ponto. Pierre de la Ramée foi um humanista francês que expôs a causa protestante, e que eventualmente morreu no dia do massacre de São Bartolomeu. Ele elaborou um sistema de uma subdivisão usualmente dicotômica onde qualquer corpo de conhecimento poderia ser reduzido a um formato de diagrama para fácil compreensão. A ênfase de Ramus na utilidade pedagógica foi aliada ao interesse puritano pela piedade, fazendo com que o pacto das obras ganhasse rápida aceitação com ajuda da subdivisão dicotômica, que se tornou uma parte central do método ramista.” LETHAM, R. **A Obra de Cristo**. Trad. V. da S. Santos. Cambuci: Cultura Cristã, 2003. p. 50.

³⁶⁰ EDWARDS JR., 2004, p. 8345.

³⁶¹ BEEKE, 2019, p. 3977.

³⁶² DARGAN, 1912, p. 23-24, v. 3.

³⁶³ BAVINCK, 2012, p. 175, v. 1.

³⁶⁴ “About the politics and destiny of the nation, which vigorously kept its sermons based on God's Word... Like Luther, he was a master of the language of his day.” READ, David H. C. John Knox. *In: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). Concise Encyclopedia of Preaching*. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995. p. 291. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

Assim como João Calvino e Lutero, John Knox deu origem a padrões posteriores de pensamento que dominaram a pregação de homens como Jonathan Edwards, George Whitefield, John Wesley, Charles Spurgeon e Martyn Lloyd-Jones.³⁶⁵

Hughes Oliphant descreve uma dificuldade enfrentado pelos historiadores da pregação, qual seja:

A de encontrar sermões reais dos referenciais da história da pregação, como por exemplo: John Knox (apenas um sermão gravado), Richard Baxter (pouco material real) e Francisco de Assis e os Dominicanos que não escreveram seus sermões no papel.³⁶⁶

Nos ensaios sobre pregação expositiva em homenagem a R. Kent Hughes, Philip Ryken, ao falar sobre a pregação dos reformadores, cita uma questão atual acerca do novo evangelicalismo:

Os ventos da mudança doutrinária estão varrendo a igreja evangélica. Algumas faculdades e seminários estão caminhando na direção do que foi denominado evangelicalismo "pós-conservador". Os novos evangélicos vão além dos limites das confissões históricas, em alguns casos, introduzindo perspectivas pós-modernas no cristianismo.³⁶⁷ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

Embora não tenhamos que adotar as perspectivas atuais, modernismo e a indefinida pós-modernidade nos ensinam que podemos e devemos aprender em ambos os períodos sobre a relação pregação-ouvinte. Esse aprendizado advém do próprio enredo da história da redenção e os desdobramentos dramáticos nela contidos. Em que medida o drama da redenção traz aportes para o desenvolvimento de uma exposição bíblica teodramática?

³⁶⁵ KIMBLE, 2018, p. 120.

³⁶⁶ "One important factor that has guided my selection is the availability of actual sermons. A number of preachers I would have liked to have studied unhappily left behind few actual sermons. We have only a single recorded sermon of John Knox. Richard Baxter, for all the volumes he published, left us very little in the way of actual sermons. Neither Francis of Assisi nor Dominic got their sermons down on paper; we have a few scattered reports of their preaching, but no reliable texts. Some of their disciples, however, left us important collections of sermons, and so we have studied these to get an idea of what the Franciscan and the Dominican schools were like. Much of the preaching of the Middle Ages awaits publication." HUGHES, 1998, p. 108-109. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

³⁶⁷ "The winds of doctrinal change are sweeping through the evangelical church. Some colleges and seminaries are heading in the direction of what has been termed "post-conservative" evangelicalism. The new evangelicals move beyond the boundaries of the historic confessions, in some cases by introducing postmodern perspectives to Christianity." RYKEN, Philip. *Preaching That Reforms*. In: RYKEN, Leland; WILSON, Todd. **Preach the Word**. Essays on Expository Preaching in Honor of R. Kent Hughes, 2007. p. 193.

Do século XVII ao final do século XIX, Dargan é o que melhor contribui para um esboço geral da pregação.³⁶⁸ Do século XX aos dias atuais, usaremos os demais referenciais. O contexto da nação inglesa no século XVII foi marcado pelo impacto da piedade puritana.³⁶⁹ “Foi pelo púlpito que o puritanismo fez sua marca. A pregação diligente foi a recomendação de John Owen.”³⁷⁰ A adoração pública, influenciada por Owen, “foi marcada com a suficiência das Escrituras (*sufficiencia Scripturae*). Ele via as Escrituras como o *principium cognoscendi*, ou o fundamento do conhecimento da verdadeira teologia.”³⁷¹ Martin Lloyd-Jones, em palestras proferidas nas conferências puritana e Westminster (1959-1978), na palestra em 1977, lembra o público que:

Com os puritanos, precisavam lutar pela pregação. Ele destaca que o conceito de pregação era dominado pela teologia. No culto era central, vindo sempre em primeiro lugar, seguida da administração regular das ordenanças exercício da disciplina.³⁷²

John Owen destaca que o resumo de toda verdadeira sabedoria e conhecimento se reduz a: “conhecer a Deus, sua natureza e suas propriedades, o conhecimento de nós mesmos com referência à vontade de Deus e a habilidade para andar em comunhão com Deus.”³⁷³ Para os puritanos, assim como para Calvino, a revelação especial era o meio mais apurado para o homem totalmente caído (diferentemente da teologia católica romana), de conhecer a Deus. Sobre os sermões puritanos, Harry Stout narra que:

³⁶⁸ Edwin Charles Dargan oferece o melhor histórico detalhado da história da pregação em dois volumes, citados anteriormente.

³⁶⁹ “Mesmo que na linguagem corrente a palavra “puritano” tenha conotações de rigorismo moral, em seu sentido estrito, o puritanismo foi um movimento que surgiu na Inglaterra durante a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII. Seu propósito era “purificar” de todas as práticas papistas, particularmente no que se refere ao culto e ao governo da igreja e, desse modo, restaurar o cristianismo “puro” do Novo Testamento — de onde deriva o nome “puritanismo.” O movimento levou à revolução armada, à reorganização da Igreja da Inglaterra sob um governo do tipo presbiteriano, à Assembleia de Westminster e à execução do rei Carlos I, em 1649. Após a restauração da monarquia, o Ato de Uniformidade de 1662 resultou na deposição de aproximadamente dois mil ministros puritanos. Desde muito tempo antes, muitos puritanos haviam fugido do país, e alguns, posteriormente, se estabeleceram na Nova Inglaterra.” GONZALÉZ, 2009, p. 271.

³⁷⁰ RYKEN, Leland. **Santos no Mundo**: os puritanos como realmente eram. São José dos Campos: Fiel, 2013. p. 170-180.

³⁷¹ BEEKE, Joel; JONES, Mark. **Teologia Puritana**: doutrina para a vida. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 936.

³⁷² LLOYD-JONES, Martyn. **Os Puritanos**: suas origens e seus sucessores. São Paulo: PES, 1993. p. 382-383.

³⁷³ OWEN, John. **Comunhão com o Deus Trino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 144.

Eles ensinaram não apenas o caminho para a salvação pessoal em Cristo, de acordo com a teologia calvinista tradicional, mas também o caminho para a prosperidade temporal e nacional como povo escolhido de Deus. Por meio do sermão, particularmente ocasionais sermões rápidos e eleitos, o público da Nova Inglaterra aprendeu a se perceber não como uma colônia de exilados e excêntricos religiosos, mas como um povo especial de Deus que foi plantado no deserto para trazer luz ao mundo.³⁷⁴ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*)

Passando pelo púlpito reformado na França³⁷⁵ (século XVII), chegamos ao período clássico britânico.³⁷⁶ Dentre as tradições que coexistiram nesse período, temos:

Jeremy Taylor (1613-77); Archbishop Leighton (1613-84); Richard Baxter (1615-91); John Owen (1616-83); Flavel (1627-91); John Bunyan (1628-88); John Howe (1630-1705); Barrow e Tillotson Barrow (1630-77); Dr. South (1638-1716); Archbishop Tillotson (1630-94).³⁷⁷

O professor Steven Lawson nos lembra também dos grandes pregadores puritanos de épocas distintas: “Thomas Goodwin, Richard Sibbes, Jeremias Burroughs, Thomas Watson e Matthew Henry.”³⁷⁸ Voltando ao século XVII, dentre os honrosos pregadores puritanos citados por Broadus, temos os Batistas Particulares (calvinistas). Entre outros, temos Benjamim Keach (1670-1704), John Bunyan (1628-88) e John Gill (1697-1771) do final do século XVII e início do XVIII.

³⁷⁴ “They taught not only the way to personal salvation in Christ according to traditional Calvinist theology but so the way to temporal and national prosperity as God’s chosen people. Through the sermon, particularly occasional fast and elect sermons, New England audiences learned to perceive themselves not as a ragtag settlement of religious exiles and eccentrics, but as a special people of God who were planted in the wilderness so that they might bring light to the word.” STOUT, Harry S. *Pregação Puritana*. In: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995. p. 397.

³⁷⁵ “Pierre du Moulin (1568-1658); Michel le Faucher (1585-1658); Jean Mestrezat (1592-1657); Jean Dailé (1594-1670); Moise Amyraut (1615-1668); Raymond Gaches (1615-1668); Jean Claude (1619-1687).” Dentre todos, Dargan cita Pierre Du Bosc (1623-1692) como a figura “mais nobres da época dos horrores, um homem irrepreensível, pastor fiel e orador eloquente.” Ademais, temos os pregadores exiliados: Isaac Beausobre (1659-1738); Jacques Abbadie (1654-1727); Daniel de Superville (1657-1728); Jacques Saurin (1677-1730).” DARGAN, 1912, p. 117-137, v. 2.

³⁷⁶ “Mesmo que a maioria dos puritanos preferisse o sistema presbiteriano de governo, havia entre eles também os congregacionalistas, batistas e independentes, assim como grupos mais radicais no social como os “niveladores”, os místicos “buscadores” (Seekers), que buscavam a inspiração direta do Espírito e os apaixonadamente escatológicos “Homens da quinta monarquia”. GONZALÉZ, 2009, p. 271.

³⁷⁷ BROADUS, 1889, p. 226.

³⁷⁸ LAWSON, 2012, p. 52, v. 1.

2.3.4 Pregadores Batistas Reformados: de Benjamim Keach a Charles Spurgeon

Benjamim Keach, “no início dos batistas particulares, rejeitou a visão somente dos salmos no final do século XVII. Keach era signatário e aderente à Confissão Batista de 1689³⁷⁹ e, portanto, um defensor do princípio regulador.”³⁸⁰ O elo entre os batistas e os motivos centrais da Reforma revela a herança da tradição da pregação diligente do Evangelho. A história dos batistas é lançada em várias direções que usurpam dos acontecimentos do século XVII. Thomas Ascol, presidente do “The Founders Ministries”, responsável por resguardar a história dos batistas particulares, tem uma sólida publicação editorial nesse sentido. Numa das publicações desse ministério, Ernest Reisinger e D. Matthew Allen demonstram o conceito “particular” interligando à questão redentiva que, “conforme a posição calvinista, o assunto não é o mais debatido nos círculos Batistas do Sul; em vez disso, o mais ridicularizado.”³⁸¹ Assim sendo, o esforço em demonstrar a solidez bíblica e histórica das doutrinas da graça, com sua herança reformada seguida pelos batistas ingleses, tem instigado o Dr. Thomas Ascol a trabalhar por muitos anos. Nesse sentido, ele trata da evolução entre Genebra e Nashville:

Alguns até acreditam que as igrejas batistas existem desde o tempo de João “o batista” até o presente. Embora os princípios que os batistas prezam sejam originários da Palavra de Deus e tenham sido encontrados em vários graus de pureza ao longo da história da igreja, nossa origem como um grupo distinto pode ser atribuída ao início do século XVII. O Batista moderno surgiu do ímpeto espiritual da Reforma Protestante do século XVI. Nós somos um povo reformador. Em muitos aspectos, a sede

³⁷⁹ A Confissão de Fé Batista de 1689 prescreve no capítulo vinte e dois sobre a adoração religiosa: A luz da natureza mostra que existe um Deus, que tem senhorio e soberania sobre todos, que é justo, bom, e faz o bem a todos; e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido, de todo o coração, de toda alma, e com todas as forças. Mas a maneira aceitável de se cultuar o Deus verdadeiro é aquela instituída por Ele mesmo, e que está bem delimitada por sua própria vontade revelada, para que Deus não seja adorado de acordo com as imaginações e invenções humanas, nem com as sugestões de Satanás, nem por meio de qualquer representação visível ou qualquer outro modo não descrito nas Sagradas Escrituras, Jr.10.7: Quem te não temeria a ti, ó Rei das nações? Pois isto é a ti devido; porquanto entre todos os sábios das nações, e em todo o seu reino, ninguém há semelhante a ti. Mc.12.33: [...] e que amar a Deus de todo o coração, de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrifícios. Dt 12.32: Tudo o que eu te ordeno, observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás. Êx 20.4-6: Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.

³⁸⁰ REISINGER, Ernest C.; ALLEN, D. Matthew. **Worship**. The Regulative Principle and the Biblical Practice of Accommodation. Cape Coral: Founders Press, 2001. p. 72.

³⁸¹ REISINGER; ALLEN, 2001, p. 105.

da Reforma na Europa foi Genebra, onde João Calvino ajudou a treinar inúmeros pastores, missionários e futuros mártires a pregar o evangelho por toda a palavra.³⁸²

O que sempre preocupou os batistas ao procuraram um resgate nas bases inglesas não foi somente uma busca tradicionalista, mas um retorno à fé bíblica e centrada nos méritos da justiça cumprida na obediência de Cristo. Esses princípios elementares, quando abandonados, influenciam na abertura à meritocracia não somente da salvação, mas a uma teologia prática pela prática em si. A Academia de Genebra, a mais perfeita escola depois de Cristo, ultrapassou a fronteira da Suíça e influenciou gerações de pregadores com a exposição bíblica. Thomas Nettles, ao descrever a história dos Batistas do Sul dos Estados Unidos, mostra a relação missionária entre os Batistas Particulares:

Os Batistas do Sul tem uma odisséia teológica e prática muito grata aos batistas particulares no Reino Unido pela influência de batistas imigrantes como William Screven, Elias Keach, William Staughton e John Clarke.³⁸³

A pregação dos batistas reformados ingleses influenciou gerações de pregadores americanos. A Conferência Batista dos Fundadores do Sul de 1982 a 2002, trabalhou várias temáticas, com um tema geral intitulado “Recuperando o Evangelho e Reformando Igrejas.” Na seção sobre a prática eclesiológica e pastoral, Jim Gables fala sobre “o valor do progresso dos peregrinos na pregação da doutrina da graça.” John Bunyan (1628-88), com sua obra famosa “O Peregrino”³⁸⁴, influenciou gerações com a marca do Evangelho:

Bunyan colocou diante de nós, em forma pictórica, as marcas de um verdadeiro pregador do evangelho, conforme descrito na linguagem bíblica

³⁸² “Some even believe that Baptist churches have existed from the time of John “the Baptist” to the present. While the principles that Baptists hold dear originate in the Word of God and have been found in various degrees of purity throughout church history, our origin as a distinct group can be traced to the early seventeenth century. Modern Baptist arose out of the spiritual impetus of the sixteenth-century Protestant Reformation. We are a Reformational people. In many respects the seat of the Reformation in Europe was Geneva where John Calvin helped train countless pastors, missionaries and future martyrs to preach the gospel throughout the word”. ASCOL, 2013, p. 11.

³⁸³ “Southern Baptist have a theological and practical odyssey greatly indebted to Particular Baptists in the United Kingdom by the influence of immigrating Baptists like William Screven, Elias Keach, William Staughton and John Clarke.” NETTLES, 1997, p. 25.

³⁸⁴ “Da mesma forma que John Bunyan descreveu a vida cristã como o progresso de um peregrino a caminho da Cidade Celestial, o AT fala da vida como um todo e, mais especificamente, da experiência do justo e do perverso em suas caminhadas como deslocamentos desde um ponto de partida até um destino ou objetivo planejado pelo viajante ou alcançado por ele de forma inevitável.” MERRILL, E. H. *In*: VAN GEMEREN, W. A. (Org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 499.

de 1 Timóteo 3.1-7. Isso contrasta com os padrões modernos, pois constitui um ministro do evangelho.³⁸⁵

A história da pregação tem altos e baixos. A estruturação do protestantismo custou várias disputas confessionais e o contexto da prédica se tornou “mais demonstração de homilética do que edificação dos ouvintes, e o efeito foi muito esforço investido e pouca eficácia alcançada, segundo a crítica pietista.”³⁸⁶ No entanto, a crítica pietista tem extremos perigosos para levarmos em consideração todo o conjunto de críticas.

O iluminismo no século XVIII revela um período de extrema crítica à religião, a dinâmica da prédica no culto era a edificação do indivíduo sob a intelectualidade:

[...] ajudando as pessoas entender a verdade antiga de maneira nova e se envolver existencialmente no culto, onde o conteúdo foi mais atingido do que a forma, numa concepção otimista do ser humano tornando-se incompatível com a mensagem da justificação.³⁸⁷

Se o culto da idade média, em alguns períodos, devido à má administração dos sacramentos, sufocou a pregação, no iluminismo, a fé foi mal administrada ao ser confrontada com a ciência. O erro foi duplo: por um lado, houve o ímpeto em se livrar da igreja protestante e sua dogmática; por outro, a incapacidade de alguns em estabelecer um diálogo entre fé e ciência.

Nesse período, entre outros, temos George Whitefield (1714-70) e John Wesley (1703-91) como arautos em seus contextos. Dr. Lloyd-Jones admirava a habilidade de pregação de Whitefield e Calvino: “A maneira como um homem foi capaz de fazer tudo isso e, além de tudo, pregar com tanta regularidade, é estupenda para nós contemplarmos.”³⁸⁸ Os sermões de Whitefield não eram marcados somente pela tonalidade homilética, “mas tinha em vista um único fim: a salvação da alma daqueles que o ouviam. O sermão ‘Arrependimento’³⁸⁹ é um bom

³⁸⁵ “Bunyan has set before us in pictorial form the marks of a true gospel preacher as described in the biblical language of 1 Timothy 3.1-7. This is in marked contrast to modern standards for constitutes a gospel minister.” ASCOL, 2003, p. 549.

³⁸⁶ WINKLER, 2011, p. 76-98.

³⁸⁷ WINKLER, 2011, p. 76-98.

³⁸⁸ HALL, 2019, p. 2086.

³⁸⁹ No sermão Arrependimento, baseado em Lc 13.3, Whitefield trabalhou quatro questões: “I. Natureza do Arrependimento; II. Várias partes e causas do arrependimento; III. Arrependimento e salvação; IV. Exortação para uma busca contante de Arrependimento.” MACARTNEY, 2003, p. 158.

exemplo disso.”³⁹⁰ Jonathan Edwards (1703-1758) relatado por George Marsden, mostra que a “sua fama surgiu da continuação de uma tradição de pregação de avivamento iniciada por seu avô.”³⁹¹ George Whitefield via “Edwards como aliado próximo na missão.”³⁹²

Bryan Chapell³⁹³ (que é da linha de pregação histórico-redentiva), descreve a relação entre Jonathan Edwards³⁹⁴ e os teólogos holandeses:

Depois dos reformadores alemães, os teólogos holandeses revisitaram a Teologia Bíblica e influenciaram os puritanos, que retomaram a discussão através de pensadores-chave como Jonathan Edwards. Sua busca por entender como as "afeições" religiosas foram despertadas pela graça do evangelho levou a uma proposta para escrever uma história de redenção que unificou toda a Bíblia - um projeto que foi interrompido por sua morte prematura.³⁹⁵

A teologia bíblica revisada pelos teólogos holandeses foi fundamental para Jonathan Edwards e os futuros expositores bíblicos na restauração dos púlpitos em várias partes do mundo. Dentre os holandeses, Herman Bavinck trouxe uma rica

³⁹⁰ MACARTNEY, Clarence E. (Ed.). **Grandes Sermões do Mundo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 158.

³⁹¹ MARS DEN, 1995, p. 113.

³⁹² “Quando, em 1737, Edwards publicou Uma Narrativa Fiel da Surpreendente Obra de Deus, escrevendo os eventos notáveis, suas palavras ajudaram a despertar entusiasmo pelos despertares no mundo de língua inglesa. George Whitefield, cuja excursão pelas colônias em 1739-1740 provocou despertares nas colônias americanas via Edwards como um aliado próximo. Como pastor estabelecido, Edwards ficou perto de casa, mas junto com Whitefield, tornou-se associado ao que acabou por ser chamado de Despertar”. “In 1737 Edwards issued A Faithful Narrative of the Surprising Work of God, scribing the remarkable events, his words helped spark excitement about awakenings throughout the English-speaking world. George Whitefield, whose tour of the colonies in 1739-1740 set off awakenings throughout the American colonies viewed Edwards as a close ally. As a settled pastor, Edward stayed close to home, but along with Whitefield, became associate with what eventually came to be called the Awakening.” MARS DEN, 1995, p. 113.

³⁹³ “Bryan Chapell, ex-presidente e chanceler do Seminário Teológico da Aliança e atualmente pastor sênior da Igreja Presbiteriana Grace, Peoria, Illinois, representa a posição histórica redentora. Abraham Kuruvilla, professor sênior de pesquisa de ministérios de pregação e pastoral do Dallas Theological Seminary, apresenta a abordagem teológica crística (pericopal). Terceiro, Kenneth Langley, professor adjunto de pregação na Trinity Evangelical Divinity School e pastor sênior da Christ Community Church em Zion, Illinois, articula o ponto de vista teocêntrico”. Paul Scott Wilson, professor de homilética do Emmanuel College da Universidade de Toronto, detalha a perspectiva do evangelho da lei. GIBSON; KIM, 2018, p. 178.

³⁹⁴ O Dr. Chalmers considerava-o como “o maior dos teólogos”. O Dr. Fairbairn diz: “Ele não é apenas o maior de todos os pensadores que a América produziu, mas também o mais elevado gênio especulativo do século 18”. STRONG, A. H. **Teologia Sistemática**. Trad. A. Victorino. ed. rev. e ampl. São Paulo: Hagnos, 2018. p. 107. v. 1 e 2.

³⁹⁵ “Later Dutch reformers revisited Biblical Theology and influenced the Puritans, who took up the discussion again through key thinkers such as Jonathan Edwards. His quest for understanding how religious “affections” were stirred by the grace of the gospel led to a proposal to write a history of redemption that unified the whole Bible—a project short-circuited by his premature death.” CHAPPELL, 2018, p. 156.

contribuição para a pregação. James Englinton editou uma obra da homilética de Bavinck, mas o nosso foco é mostrar o pano de fundo da pregação de Bavinck. Segundo Englinton, o neocalvinismo é frequentemente associado a:

[...] uma forma específica de conteúdo do sermão. A hermenêutica histórico-redentora exemplificada por Geerhardus Vos gerou pregações que conectaram textos bíblicos ao Evangelho de Cristo e está intimamente ligada à noção de pregação neocalvinista.³⁹⁶

A pregação expositiva deve muito a Geerhardus Vos, que conceitua a teologia bíblica como o “ramo da teologia exegética que lida com o processo da autorrevelação de Deus registrada na Bíblia.”³⁹⁷ O legado de Geerhardus Vos está na atualidade sob os ombros de Willem Van Gemeren, autor da obra recém traduzida pela Shedd Edições intitulada “O Progresso da Redenção” e outras obras citada pelo editorial.³⁹⁸

Peter Adam mostra o valor da teologia bíblica ao dizer que podemos usá-la “para pregar o Cristo completo e o evangelho completo de toda a Bíblia, podendo assim falar como Paulo: ‘Não me envergonho de proclamar a vocês toda a vontade de Deus’ (At 20.27).”³⁹⁹ Ao tirá-la das mãos dos liberais, os holandeses resgataram o que a Bíblia significa não somente para cada indivíduo na sua narrativa. Walter Kaiser Jr. conta uma história de um professor e alunos:

³⁹⁶ “Neo-Calvinism is often associated with a particular form of sermon content. The redemptive-historical hermeneutics exemplified by Geerhardus Vos provides much neo-Calvinist preaching with a particular way of connecting biblical texts to the gospel of Christ, and is closely linked to the notion of “neo-Calvinist preaching.” EGLINTON, 2017, p. 52. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

³⁹⁷ Segundo Vos, “o termo “revelação” é tido como um substantivo que indica ação. A teologia bíblica lida com a revelação como sendo atividade divina, não o produto final dessa atividade. Sua natureza e método de procedimento terão, naturalmente, de manter estreito contato e reproduzir, até onde possível, as características do trabalho divino em si. As principais características do último são: [1] A progressividade histórica do processo de revelação; [2] A real incorporação da revelação na História; [3] A natureza orgânica do processo histórico observável na revelação; [4] O quarto aspecto da revelação determinante do estudo da teologia bíblica consiste em sua adaptabilidade prática”. VOS, Geerhardus. **Teologia Bíblica: Antigo e Novo Testamentos**. Trad. A. A. de Paula. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 16.

³⁹⁸ Conforme o editorial da Shedd Publicações, além da obra citada e recém traduzida, ele é autor de “Interpreting the Prophetic Word [Interpretação da palavra profética] e um comentário sobre Salmos (Expositor’s Bible Commentary), e editor geral do Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento (Editora Cultura Cristã).” SHEDD Publicações. Disponível em: <<https://sheddpublicacoes.com.br/home/534-progresso-da-redencao-o.html>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

³⁹⁹ “To preach the full Christ and the full gospel of the whole Bible, and thus may speak as Paul: ‘I am not ashamed to proclaim to you all the will of God’ (Ac 20:27).” ADAM, 2009, p. 156. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

Estou farto e cansado de ouvir vocês, jovens estudantes neo-ortodoxos dizerem: 'É isso que este ou aquele texto significa para mim'. Eu fui instruído sob a antiga teologia liberal; nós aprendemos o que Paulo disse. Não é por acaso que nós acreditamos no que Paulo disse!⁴⁰⁰

Essa história demonstra a realidade atual de muitos seminários e faculdades teológicas no meio batista e outras denominações, com uma teologia prática divorciada da teologia bíblica, geram deficiência na formação dos ministros do Evangelho e conseqüente enfraquecimento do púlpito. A força do púlpito tem sua origem na formação dos ministros.

Quando tratamos da crise na igreja, nunca podemos desassociá-la dos responsáveis diretos ou indiretos no tocante à formação teológica dos pastores e futuros professores. O contexto em que Jonathan Edwards está inserido passa pelo Seminário de Princeton (1746). Steven Lawson fala da triunfante marcha pelo Evangelho nesse Seminário com seus fundadores sucessivos,

Archibald Alexander, J. Gresham Machen. Entre o primeiro e o último, tiveram gigantes teológicos como Charles Hodge, que, em seguida a Jonathan Edwards, o gigante teólogo da América; J. W. Alexander; J. A. Alexander, A. A. Hodge, e o lúcido Benjamin B. Warfield.⁴⁰¹

Adentrando o século XIX, um período de declínio da teologia reformada⁴⁰² e, ao mesmo tempo, reações em várias partes do mundo, como de costume na história

⁴⁰⁰ KAISER, W. C., Jr. Assim como a corça suspira pelas correntes de água: o uso devocional da Bíblia. In: SANTOS, P. C. N. **Introdução à Hermenêutica Bíblica**: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época. 3. ed. Trad. T. J. F. Carvalho e S. Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. p. 162.

⁴⁰¹ LAWSON, 2012, p. 53-58, v. 1.

⁴⁰² Nesse sentido, Bavinck: "Na forma de supranaturalismo, a teologia na Holanda foi estudada por Van der Palm, Van Voorst, Borger, Clarisse, Kist e Van Hengel, em Leiden; por Abresch, Chevallier, Muntinghe e Ypey, em Groningen; por Heringa, Royaards, Bouman e Vinke, em Utrecht; por muitos pregadores capacitados e proeminentes, como Dermout, Broes, Donker, Curtius, van Senden, Egeling, etc.; por muitos participantes do legado stolpiano (1756), a Sociedade de Teyler (1778) e a Sociedade de Haia (1787). Essa escola supranaturalista pretendia ser racional sem ser racionalista na forma de Wegschneider, Röhr e Paulus. Ela mantinha a revelação, afirmando sua necessidade e validade em uma variedade de fundamentos racionais e históricos. Ela tentava ser bíblica, mas era anticonfessional, antifilosófica e anticalvinista. Produziu uma dogmática que era deísta em sua doutrina de Deus (teologia característica), pelagiana em sua antropologia, moralista em sua cristologia, colegialista em sua eclesiologia e eudemonista em sua escatologia. Por volta de 1835, nas províncias do Norte do país, ela foi substituída pela teologia de Groninger. Seguindo as pegadas da teologia socrática de Van Heusde (m. 1839), esse movimento teológico substituiu a ideia de revelação e doutrina pela de educação, incorporando, assim, um componente ético na relação entre Deus e o homem. Nessa escola de teologia, Deus não era primariamente o Mestre, mas o Nutricionista que – através da natureza e da história, da pessoa e da igreja de Cristo – educava as pessoas como seus filhos para se tornarem cristãos sábios e piedosos, de forma a alcançar a semelhança com Deus. A oposição que ela encontrou do lado dos ortodoxos e, um pouco mais tarde, também do lado dos modernistas, bem como seu

da igreja. Nesse período, temos a fundação do Seminário Teológico Batista do Sul dos Estados Unidos (1859). “Essa mesma marcha pelo Evangelho acompanhou os batistas nos estudos teológicos, com influência de James P. Boyce e John Broadus, que atendiam Princeton, e, mais tarde, Edwin Dargan”.⁴⁰³ Nesse contexto, John Broadus⁴⁰⁴ com contribuições ricas na arte da pregação e como teórico da história da pregação.⁴⁰⁵ Como em Calvino, vimos em Broadus um desejo ardente em treinar pregadores do Evangelho. Hershael W. York narra que Broadus foi “um dos maiores pregadores do século 19, tendo sido o mais completo e reconhecido homilético que os batistas produziram.”⁴⁰⁶ Bill Ascol, descreve sobre a teologia de John Broadus:

[...] tem suas bases no pensamento reformado, sendo completamente batista, sem se envergonhar do pensamento do cristianismo bíblico calvinista. Tinha um alto grau de respeito pela teologia de Calvino, Francis Turretin, Charles Hodge, John L. Dagg e James P. Boyce.⁴⁰⁷

Das lições aprendidas com a vida, obras e pastorado de Broadus, fazia da pregação um ponto central no ministério:

Nunca peça desculpas por tornar a pregação do evangelho central nos seus tempos de adoração. Existe um movimento em andamento através do evangelicalismo que constitui um abandono prático na confiança da pregação. Alguns nos fazem acreditar que nesta geração a pregação se tornou coisa do passado. Não caia nessa armadilha. Pregue a Palavra. Este é o meio ordenado por Deus através do qual os pecadores são salvos.⁴⁰⁸ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

Em toda a história da Igreja, as divergências doutrinárias sempre atingiram a teologia pastoral da pregação. Com isso não estamos afirmando que não devam

próprio desenvolvimento interno em uma corrente evangélica, fez com que, por volta de 1850, ela tivesse de abrir caminho para a teologia modernista”. BAVINCK, 2012, p. 192, v. 1.

⁴⁰³ LAWSON, 2012, p. 53-58, v. 1.

⁴⁰⁴ BROADUS, 2009.

⁴⁰⁵ BROADUS, 2015.

⁴⁰⁶ YORK, Hershael W. John Albert Broadus. Expondo a autoridade das Escrituras. *In*: FORREST, Benjamin K. et al. (Org.). **A História da Pregação: Do Iluminismo aos dias atuais**. 1. ed. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 6694. v. 2.

⁴⁰⁷ ASCOL, Bill. A Biographical Sketch of John A. Broadus. 1989 Southern Baptist Founders Conference. *In*: ASCOL, 2003, p. 536-537. “John Broadus’ theology was in the “mainstream of reformed thought, being thoroughly Baptist and unashamedly Calvinistic in his understanding of biblical Christianity. “Broadus had a high degree of respect for the theology of Calvin, Francis Turretin, Charles Hodge, John L. Dagg and James P. Boyce.”

⁴⁰⁸ “Don’t ever apologize for making the preaching of the gospel central to your times of worship. There is a movement underway across evangelicalism that constitutes a practical abandonment in the confidence of preaching. Some would have us believe that on this generation preaching has become passé. Don’t fall into that trap. Preach the Word. This is God’s ordained means through which sinners are saved”. ASCOL, 2003, p. 549.

existir debates doutrinários e que doutrina é dispensável. Pelo contrário! Há dois séculos, Broadus já estava alertando para o problema visto no meio batista. Hoje, tal alerta revela uma crise enorme. O culto centrado em agradar as pessoas, descrito no quinto capítulo, faz com que a adoração pública seja norteadada por “outro evangelho.” Edmund Clowney usa correlatos:

[...] a nutrição em Cristo não é um programa de auto-ajuda para melhorar a auto-estima. A estima que apreciamos não é a auto-estima, mas a estima de nosso Pai, que é estendida a nós não porque a mereçamos, mas porque em amor ele a concede a nós.⁴⁰⁹ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

A exposição bíblica centrada em Cristo em toda a Escritura matura os princípios que norteiam o culto público, gerando bases saudáveis para a continuidade do culto privado e o pleno desenvolvimento da vida em discipulado na sociedade. As igrejas batistas na atualidade buscam no pragmatismo modelos de crescimento e engajamento prático com o abandono doutrinário bíblico fundamental. Os resultados, que serão estudados no último capítulo, requerem um retorno da igreja batista no Brasil à pregação bíblica e redentiva, buscando referenciais nos batistas inglesas, que estão estreitamente conectadas aos motivos religiosos da Reforma Protestante, na qual nos concentraremos em Calvino, com aportes na hermenêutica em Kevin Vanhoozer.

Um fato marcante na história da pregação é o fervor pela pregação do Evangelho que se acende entre épocas nevrálgicas de esfriamento ou perseguições políticas e sociais. Assim como os movimentos pré-reformista e reformistas, a pós-Reforma sempre vai ocorrendo ao redor do mundo. Se na América, Deus em sua soberania ergueu Jonathan Edwards (1703-1758), na Inglaterra, levantou Charles Spurgeon (1834-1892), o príncipe dos pregadores, com uma farta lista bibliográfica⁴¹⁰ deixada de herança. De herança batista inglesa e puritana, surge no contexto da pregação centrada em Cristo e pujança do protestantismo inglês. Ninguém pregou mais poderosamente do que ele contra a ideia de “aceitar Cristo como Salvador” e, ao mesmo tempo, rejeitar seu senhorio “[...] Poderíamos citar

⁴⁰⁹ “Nutrition in Christ is not a self-help program to improve self-esteem. The esteem we cherish is not self-esteem, but our Father’s esteem, which is extended to us not because we deserve it, but because in love he bestows it on us.” CLOWNEY, 2003, p. 139.

⁴¹⁰ SPURGEON, Charles Haddon. **Lições aos meus Alunos**: Homilética e Teologia Pastoral. Trad.Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 1990; SPURGEON, Charles. **Lições aos meus Alunos**. Homilética e Teologia Pastoral. Vol. 2. São Paulo: PES, 1982; SPURGEON, 2005.

páginas de pregações de Spurgeon que visavam desiludir a doutrina do não-senhorio.”⁴¹¹ Em Londres, Spurgeon publicou vários livros e pregou cerca de dois mil e quinhentos sermões. Sobre o conteúdo do sermão, diz que “deve conter ensino valioso, e sua doutrina deve ser sólida, substancial e abundante, não podendo dar-nos ao luxo de pronunciar belas nulidades.”⁴¹² Sobre a exposição bíblica na pregação de Spurgeon, Hughes Oliphant Old lembra que:

[...] embora ele nunca tenha planejado uma programação de pregação sistemática, contou com a orientação do Espírito Santo para apresentá-lo [...] Apesar dessa falta de sistema, Spurgeon deve ser classificado com os mais destacados pregadores expositivos. Em nossos dias, houve vários grandes pregadores expositivos.⁴¹³ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

No contexto de Spurgeon, dentre outros, temos: Alexander Maclaren, John C. Ryle e Charles Simeon e George Mueller. “Tanto George Whitefield como Charles Simeon – se opuseram ao método de colocar a teologia natural em primeiro lugar.”⁴¹⁴

Paralelamente, a Alemanha (século XIX) vive um retorno à prédica. O culto e a dinâmica do sermão tradicional, outrora levado à racionalidade iluminista, como meio de descobrir a verdade, agora, com Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) passa por uma espécie de “libertação da racionalidade funcional, significando mais uma obra do Espírito Divino do que ensino e instrução moral.”⁴¹⁵ Schleiermacher, “ordenado em 1794, foi pregador auxiliar em Landsberg, entra em contato com o grupo de românticos, como F. Schlegel e E. Hers. Publica a primeira obra, *Sobre a religião* (1799). Em 1801 publica a primeira série de sermões.”⁴¹⁶

Após a Reforma protestante do século XVI, o período do século XVII foi marcado pelo pietismo e racionalismo filosófico e teológico. Do racionalismo temos

⁴¹¹ MACARTHUR, John. **O Evangelho Segundo os Apóstolos**: o papel da fé e das obras na vida cristã. Trad. A. P. Eusébio Pereira. São José dos Campos: Editora Fiel, 2011. p. 317-318.

⁴¹² SPURGEON, 1982, p. 104.

⁴¹³ “Charles Haddon Spurgeon, who never planned out a systematic preaching schedule but relied on the guidance of the Holy Spirit to present him with the right text for each sermon, often a matter of only a few hours before entering the pulpit. In spite of this lack of system, Spurgeon must be ranked with the most outstanding expository preachers. In our own day there have been several great expository preachers.” HUGHES, 1998, p. 166-169.

⁴¹⁴ JENSEN, P. A Revelação de Deus. *In*: MARRA, C. A. B. (Org.). **A Revelação de Deus**. Cambuci: Cultura Cristã, 2006. p. 102.

⁴¹⁵ WINKLER, 2011, p. 76-98.

⁴¹⁶ SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. **Hermenêutica**: arte e Técnica da Interpretação. São Paulo: Vozes, 2015. p. 9.

as bases formadas para o liberalismo no século XIX e XX. Paralelamente ao liberalismo, temos o desenvolvimento kantiano da esfera interior que contrapõe o pensamento de Descartes (mente) e o respectivo crescimento do pensamento de Schleiermacher (sentimento ao invés da razão). Em contraposição a Schleiermacher, temos a teoria de Ritschl, movida por uma rejeição histórica e uma visão religiosa baseada na ética e moral do cristianismo. O ponto alto do contraponto a Schleiermacher é visto em Adolf von Harnach (1851-1930), que propôs um retorno à religião, mas não necessariamente à cristã.

A partir de Schleiermacher, objetividade e subjetividade se misturam. Com a ascensão da dialética em Karl Barth⁴¹⁷ (1886 -1968) e Rudolf Bultmann (1884-1976), temos um começo do surgimento da força do leitor e uma revisão do sermão tradicional. Rudolf Bultmann, influenciado por Martin Heidegger (1889-1976), trouxe alertas da importância do leitor. Tal alerta nasce no contexto do desenvolvimento do criticismo literário, filosófico e científico influenciando um novo ramo da pregação intitulado de nova homilética, nascida no contexto da nova hermenêutica. David James Randolph (1969), com influência de Fuchs e Ebeling, cunhou o termo “nova homilética,” que foi trabalhada e amplamente expandida por Fred Craddock⁴¹⁸, em 1971. Em Eugene Lowry⁴¹⁹, temos um certo aprimoramento.

Nesse sentido, O. C. Edwards que “depois de 2000 anos, parece que a homilética chegou à pregação indutiva.”⁴²⁰ Entre outras colocações de Edwards⁴²¹

⁴¹⁷ Karl Barth e a abordagem "neo-ortodoxa" da teologia, bem como outros que estavam efetivamente despojando a Bíblia de seu caráter histórico e reduzindo-a a encontros religiosos subjetivos, existenciais e religiosos com Deus. Sermões do ponto de vista mais crítico e neo-ortodoxo foram vistos como reescrevendo efetivamente o roteiro confessional da igreja e reduzindo radicalmente (se não sutilmente) o conteúdo da pregação para aplicação subjetiva. WATKINS, 2016, p. 04.

⁴¹⁸ Dentre outras obras, o autor escreveu: CRADDOCK, Fred. *Preaching*. Nashville. Abington Press, 2010.

⁴¹⁹ Vide a principal obra do autor: LOWRY, Eugene L. **The Homiletical Plot. The Sermon as Narrative Art Form**. Atlanta. John Knox Press, 1980.

⁴²⁰ EDWARDS JR., 1995, p. 226.

⁴²¹ O. C. Edwards JR., como historiador, parece defender a posição da hermenêutica feminista aplicada à homilética. Embora respeitemos o autor como teórico da história da pregação, discordamos da postura dele como historiador ao se colocar a favor de movimentos na história da teologia e da igreja. Ele diz: “depois de 2000 anos, parece que a homilética chegou à pregação indutiva, mas a jornada ainda não acabou. A forma do futuro imediato na homilética não é clara. A única coisa em que se pode confiar, no entanto, é que mulheres e homens chamados a proclamar a Palavra de Deus para sua geração encontrarão maneiras eficazes de fazê-lo, assim como todos os médicos e santos que os precederam nesta gloriosa calvalgada”. “After 2000 years, homiletics seems to have arrived at inductive preaching, but the journey is not over. The shape of the immediate future in homiletics is not clear. The one thing that can be relied upon, however, is that women and men who are called to proclaim the Word of God to their generation will find effective

ligadas à homilética feminista, a qual não defendemos por não acharmos fundamentos para tal, o termo “indutivo” utilizado por ele pode gerar desencontros conceituais entre a nova homilética e a pregação indutiva. No entanto, não vemos tal associação como correta, visto que a exposição bíblica pode ser desenvolvida na forma indutiva, sem perder as premissas da autoridade da intenção autoral do texto para o contexto do ouvinte, ao passo que na nova homilética, o ouvinte ganha força a partir da premissa de que as Escrituras têm algo novo a dizer. No capítulo três trataremos melhor da questão da pregação indutiva e o sermão expositivo, trazendo as diferenciações entre a nova homilética e a nossa proposta no tocante à exposição bíblica teodramática.

2.3.5 Martin Lloyd-Jones

Dr. Martin Lloyd-Jones (1889 -1981), além de autor de muitas obras referenciais para pastores, pregadores, estudantes de teologia⁴²², deixou um legado entre o púlpito e o pastorado. Lawson traça o perfil de pregação do Lloyd-Jones e quando trata do declínio da pregação expositiva, o interliga “ao abandono da crença na inspiração divina da Escritura.”⁴²³ Joel Beeke define a pregação de Lloyd-Jones: “seus ouvintes saíam sentindo-se grandemente reduzidos a seus próprios olhos ante a imensa majestade de Deus em Cristo [...] Para ele pregar não é palestrar com versículos da Bíblia anexados. Pregar é sempre expositivo, derivado da Bíblia.”⁴²⁴

Um fato notório na história da igreja é a inversão que ela cria no contexto do culto público não norteado pela exposição da Palavra, gerando uma adoração pública não derivada da imagem que criamos advinda das palavras dos pregadores ou das experiências simples, mas da Escritura. A exposição é a forma mais adequada de não perverter a adoração devida a Deus. Diante das inúmeras narrativas que assombram os ouvintes, o pregador se vê numa encruzilhada e corre o risco de levar a congregação a ser absorvida pela idolatria “nossa de cada dia.” O

ways of doing so, just as all the doctors and saints who have preceded them in this glorious calvalcade have done”. EDWARDS JR., 1995, p. 226.

⁴²² LLOYD-JONES, Martyn. **Estudos no Sermão do Monte**. São Paulo: Fiel, 1982.

⁴²³ LAWSON, Steven. **A Pregação Apaixonada de Martin Lloyd-Jones**. São José dos Campos: Fiel, 2016. p. 56.

⁴²⁴ BEEKE, 2019, p. 9021.

Evangelho exposto em toda a Escritura visa glorificar a Deus e suas implicações práticas vividas trarão o vigor no culto público e privado:

Por todo o Antigo Testamento, vemos Deus expressar um profundo desgosto com algumas reuniões vazias e com a adoração mecânica oferecida a ele. Em Amós (5.21-24), Ele diz ao povo que odeia suas festas religiosas e não ouvirá a oferta.⁴²⁵

O ambiente pós-moderno com toda a carga de influências filosóficas da linguagem ou o uso da linguagem de fé combinado com terapia religiosa, desafia-nos a tomarmos uma postura séria e contundente em prol da adoração cristã no contexto batista brasileiro.

Antes de adentrarmos na pregação na pós-modernidade, convém passar por Karl Barth (1886-1968)⁴²⁶, o teólogo mais influente do século XX. “Depois de uma brilhante carreira como seminarista, Barth foi assistente do antigo púlpito de Calvino, na Basileia; então, foi chamado para a monótona aldeia suíça de Safenwil.”⁴²⁷ Da paróquia ao desenvolvimento acadêmico mais intenso, o biógrafo de Barth descreve que:

[...] convidado para lecionar em Münster em 1925, possibilitou a Barth desenvolver sua teologia, uma teologia que nasceu durante seu período como pastor, mas que exigiu uma completa repensação durante seus primeiros anos como acadêmico em tempo integral. Na paróquia, Barth precisava de algo para pregar; agora Barth precisava apoiar suas afirmações com referência à teologia anterior. Ele começou uma leitura intensa e sistemática da teologia dogmática clássica, especialmente a teologia da Reforma, que lhe deu uma estrutura e um ponto de vista para repensar e sair dos destroços do liberalismo teológico.⁴²⁸ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁴²⁵ CHANDLER, Matt; PATTERSON, Josh; GEIGER, Eric. **Criados pela Palavra: A Igreja Centrada em Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 65.

⁴²⁶ Vide obra do autor: BARTH, Karl. **Homilectis**. EUA: Ergodebooks, 1991. Trata-se de uma obra num estilo manual, que inclui questões sobre a preparação de sermões, e questões hermenêuticas. Trata-se de materiais de palestras de seminários em Bonn de 1932 a 1933.

⁴²⁷ WILLIMON, William H. Karl Barth. Pregando Cristo. In: FORREST, Benjamin K.; KING, Kevin L.; CURTIS, Bill.; MILIONI, Dwayne. **A História da Pregação: A Vida, Teologia e Método dos Maiores Pregadores da História**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Thomas Nelson Brasil. 2020. p. 9789. v. 2. Do Iluminismo aos Dias Atuais. Edição do Kindle.

⁴²⁸ By 1925 Barth had been invited to teach at Münster. The move from the parish to the academy enabled Barth to further develop his theology, a theology that was born during his period as a pastor but which required a complete rethinking during his first years as a full-time academic. In the parish Barth had needed something to preach; now Barth needed to back up his assertions by reference to the theology that had gone before. He began an intense, systematic reading of classical dogmatic theology, especially the theology of the Reformation, which gave him a structure and a standpoint from which to rethink and to move out of the wreckage of theological liberalism.

Uma grande contribuição do Barth para a história da pregação, é que ele “demonstrou ao mundo cristão que a suposição liberal otimista de progresso inevitável era inconsistente com as realidades da natureza humana.”⁴²⁹ Na clássica obra “Romanos”⁴³⁰, “encontramos pela primeira vez vários temas que reaparecem ao longo dos trabalhos posteriores de Barth; *insights* que nutriram pregadores ao longo dos anos.”⁴³¹ No próximo tópico trataremos da transição para o indefinido período “pós”-moderno, onde trataremos das contribuições de referenciais estrangeiros e brasileiros.

2.3.6 A pregação na pós-modernidade: de John Stott e John Piper a Russell Shedd e Herminsten Maia

De Johannes Gutenberg (1400-1468) a Mark Zuckerberg (1984), a comunicação do Evangelho ganhou dimensões vantajosas e perigosas. A impressão especializada instrumentalizou o avanço do Evangelho e instrumentalizou os ideais reformatórios. Com Zuckerberg, o fenômeno do *facebook* e de todas as mídias auxiliares possibilitaram o avanço da proclamação e abertura popular para temas teológicos, outrora restrito à academia teológica.

A partir da revolução industrial (transição do século XVII e XVIII), “começou uma interpenetração da ciência na técnica (conhecimentos básicos de princípios físicos, químicos e biológicos).”⁴³² Segundo McLuhan, “o rádio propiciou a primeira experiência maciça de implosão eletrônica, a reversão da direção e do sentido da civilização ocidental letrada.”⁴³³ Ao longo da história da humanidade, “a comunicação midiaticizou-se. As imagens e a escrita foram os primeiros instrumentos dessa midiaticização.”⁴³⁴ Giardeli aponta para uma *cyber*-humanidade:

WILLIMON, William H. **Conversations with Barth on Preaching**. Nashville, TN: Abingdon Press. 2020. p. 9862. (Edição do Kindle).

⁴²⁹ Generally recognized as the most influential theologian of the twentieth century, Karl Barth (1886-1968) demonstrated to the Christian world that the optimistic liberal assumption of inevitable progress was inconsistent with the realities of human nature. EDWARDS JR., 2004, p. 15183, v. 1.

⁴³⁰ BARTH, Karl. **A Carta aos Romanos**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015.

⁴³¹ WILLIMON, 2020, p. 9862.

⁴³² LEMOS, 2007, p. 46.

⁴³³ MACLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensão do Homem**. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 334-345.

⁴³⁴ MEUNIER, Jean-Pierre; PERAYA, Daniel. **Introdução às Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 224.

A inovação da máquina a vapor fomentou o capitalismo. Um pouco depois disso, entre 1896 e 1930, surgiram 1800 fabricantes de carros, que deram início à era automobilística. As mudanças continuaram. Tantos os inventivos do vapor como os fundadores da indústria automobilística tinham sonho de mudar o mundo. Agora, no apogeu da democracia das redes sociais, da inteligência universal e do livre mercado, fundamos a “cyber-humanidade”, a “humanidade 5.0.”⁴³⁵

Até chegarmos às redes sociais, houve uma evolução midiática. Vejamos:

Passamos pela “humanidade 1.0”, que era agrícola, pela “humanidade 2.0”, de caráter industrial, pela “humanidade 3.0, que era tecnológica, e pela “humanidade 4.0”, a cyber-espiritual”. Hoje vivemos o mix de todas elas, a chamada “humanidade 5.0”, que é composta pela democracia das redes sociais.⁴³⁶

Estamos no contexto do manuseamento dos “*smartphones*”, estamos vivenciando um desafio que poderíamos intitular de *ciber-crença* e também de *ciberteologia*, onde o conteúdo de pregações e debates teológicos são objetos de crítica pública. As redes apresentam também uma espécie de *ciber-catequese*, onde muitos tem sido “discipulados por pregadores e teólogos midiáticos. Isso nos mostra que a pregação e “o cristianismo deve ser pensado nos tempos da rede”⁴³⁷, numa relação tensa de “estar na mídia sem ser da mídia”⁴³⁸, pois há elementos da fé cristã que precisam ser considerados e trabalhados de forma distinta. Um púlpito *on line* com definições bíblicas e cristocêntricas pode ajudar na formação do cristão, pois pode conter elementos gerais da proclamação que conscientizam o processo da *catequese* (ensino), *martiria* (testemunho) e *diaconia* (serviço), mas carece do elemento *litúrgico* (celebração).

Estar na mídia sem ser da mídia nos ajudará a entender que a identidade do povo de Deus é construída na dinâmica da pregação, que aponta para o reino presente, e a ceia, que aponta para o futuro. Isso não quer dizer que devemos ignorar a presença divina no espaço público, mas que o culto público é o espaço primário onde Deus serve ao povo com a Palavra e o povo serve a Deus com o ide.

A pregação na mídia tem desafios além de tecnológicos: a comunidade se torna o velho e novo desafio para a atividade proclamadora. Concomitante à deficiência da fé comunitária, a mídia, que, ao mesmo tempo, pode acelerar a

⁴³⁵ GIARDELI, Gil. **Você é o que você Compartilha**. São Paulo: Gente, 2012. p. 26.

⁴³⁶ GIARDELI, 2012, p. 26.

⁴³⁷ SPADARO, Antonio. **Ciberteologia: Pensar o Cristianismo nos Tempos da Rede**. São Paulo: Paulinas, 2012.

⁴³⁸ CARRANZA, Brenda. **Catolicismo Midiático**. São Paulo: Ideias e Letras, 2011. p. 247.

evangelização, pode também aumentar o sentimento pós-moderno do relativismo interpretativo. A interpretação não é de propriedade da igreja, como também não pode ser feita de forma arbitrária, desconsiderando o auxílio da tradição. Ou seja, a humildade da leitura, explicação e aplicação deve acontecer no contexto comunitário.

A comunicação a partir de uma cosmovisão cristã tem como pressuposto a existência de algo divino a ser comunicado, com termos próprios estabelecidos pelo Deus trino. A ideia de uma comunicação com questões pré-definidas, ao mesmo tempo que é aceita, é repugnada paradoxalmente. Tudo é válido e conseqüentemente, tudo se torna relativo. A influência do criticismo literário exigiu um diálogo onde o que menos importa é a intenção de quem comunica. Hoje, a figura do autor e sua pretensão através de um texto é recebido com muita suspeita e uma forte dose de subjetivismo. Alvin Plantinga nos lembra que “os pós-modernistas às vezes parecerem oscilar entre uma tese importante, mas claramente falsa.”⁴³⁹ Saímos do racionalismo puro e entramos na era do irracionalismo, onde poucas coisas tem valor objetivo.

A pregação é comunicação da viva voz divina que deve falar para a realidade do ouvinte, mas não o coloca como protagonista do processo comunicativo do Evangelho. Não é fácil decodificar o ambiente atual. Plantinga complementa: “os pós-modernos não apresentam habitualmente argumentos a favor de teses que sejam incompatíveis com a crença cristã.”⁴⁴⁰

O anseio do ouvinte pós-moderno em querer participar do processo comunicacional cristão, mas em seus próprios termos, é um desafio para a pregadores atuais. Não podemos desprezar as contribuições pós-modernas, tal como o retorno da validade das pressuposições, mas o desafio reside em ter que conviver com a validade de todas elas e saber comunicar o evangelho como fator distintivo. Carl Henry já alertou o cristianismo evangélico sobre:

[...] o desafio de empregar a mídia na programação da verdade e da Palavra de Deus, de maneira que as primícias implícitas do mundo moderno dos negócios e da revolta antipalavra fossem derrotadas.⁴⁴¹

⁴³⁹ PLANTINGA, 2018, p. 424.

⁴⁴⁰ PLANTINGA, 2018, p. 424.

⁴⁴¹ HENRY, Carl. **Deus, Revelação e Autoridade**: o Deus que Fala e Age. São Paulo: Hagnos, 2016. p. 33.

Diante dessa oportunidade ímpar, pensar a cristandade em tempos de mediação *cibernética* requer que reflitamos sobre algumas questões primordiais. Ziel Machado, citando John Stott diz:

É verdade que uma boa pregação cristã sempre é dialogal, já que envolve a mente dos ouvintes e fala a eles com relevância. Porém, não é verdade que todo monólogo é soberbo. O Evangelista que proclama o evangelho não está declarando “saber tudo”, mas apenas ter sido encarregado do evangelho. Devemos entrar em diálogo, porém, sem cultivar uma abertura total, pois isso compromete a nossa integridade como cristãos.⁴⁴²

John Stott (1921-2011) é contemporâneo da grande crise do diálogo proposto por pregadores despreparados ou doutrinados nesse sentido. No entanto, a culpa não é somente dos pregadores, mas perpassa pelos ouvintes desatentos, que diante da massacrante nuvem de vozes, sucumbem e acabam por repugnar o monólogo divino.

Novamente, parece que estamos retornando ao sufocamento da pregação. Sufocada na idade média pela má administração dos sacramentos; elevada a uma análise objetivista pura no iluminismo e agora sendo pregada e ouvida por critérios puramente subjetivos. São poucos arautos na atualidade que levam a sério o ministério da pregação do Evangelho e que estão atentos às armadilhas comunicacionais. A obra da criação e ação comum de Deus comunica, mas para uma proclamação distintivamente evangélica e a conseqüente formação da identidade do povo de Deus, essa comunicação passa por critérios proposicionais, sob pena de uma má formação cristã.

A mídia não pode ser ignorada pela igreja atual, mas ela nunca pode ignorar que o memorial da libertação do povo de Deus deve ser lido e explicado publicamente. A pregação diligente apontando para o reino presente e a ceia declarando visivelmente a esperança futura. O encontro litúrgico faz parte da manutenção da história da redenção. Esses elementos certamente não poderão constar numa prática de fé puramente midiática.

Stott⁴⁴³ vê a pregação como

[...] indispensável para o cristianismo. Sem a pregação, ele perde algo necessário que lhe confere autoridade, por ser uma religião da Palavra de Deus. O sucesso é não deixar despercebida ou negar a verdade de que o

⁴⁴² NEWBIGIN, Lesslie. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**. Viçosa: Ultimato, 2016. p. 10.

⁴⁴³ Entre outras obras, cito: STOTT, 2003.

Deus vivo tomou a iniciativa de se revelar de modo salvífico à humanidade caída.⁴⁴⁴

Recentemente falecido, Haddon Robinson⁴⁴⁵ (1931-2017) se tornou referencial teórico para muitos pregadores, deixando um legado na pregação no mundo inteiro. Sua explicação do valor da exposição bíblica é fundamental:

Uma ideia a ser explicada. Isso acontece quando você deseja que sua congregação entenda uma doutrina da Bíblia. Uma verdade corretamente compreendida pode ter sua própria aplicação. Por exemplo, se o seu carro parar por causa da explosão de um pneu, você deve trocar o pneu. Se você não sabe como alterá-lo, sua maior necessidade é uma explicação clara. Ao lado da estrada, ciente do pneu furado, você ouvirá ativamente as instruções sobre como consertá-lo. Tendo entendido a explicação, você provavelmente estará motivado a pegar as ferramentas, ligar o carro e começar a negociar o apartamento pelo sobressalente. Tudo isso é para dizer que oferecer ao público uma explicação clara de uma passagem bíblica pode ser a contribuição mais importante que você pode dar através do seu sermão.

Na ala presbiteriana, Bryan Chapell (1954)⁴⁴⁶, com uma rica contribuição para a pregação histórico-redentiva, tem influenciado pregadores em todo o mundo para o tema da exposição bíblica, com vários livros escritos área. John MacArthur (1939), com os longos cinquenta anos de pastorado e convicção expositiva. Iain Murray escreveu uma biografia do mestre vivo intitulada “Servo da Palavra e do Rebanho.” Murray descreve que a grande preocupação de MacArthur é com a autoridade da Palavra, pois em “virtude da crise atual em que pregadores pensam que não devem colocar as Escrituras em lugar principal em sua mensagem para que os seus ouvintes não a recusem.”⁴⁴⁷

Na atualidade, além dos referenciais que lutaram pela teologia bíblica, na atualidade temos Steven Lawson, Timothy Keller, David Helm⁴⁴⁸, fundador do

⁴⁴⁴ STOTT, 2003, p. 15.

⁴⁴⁵ ROBINSON, Haddon W. **Pregação Bíblica: O Desenvolvimento e a Entrega de Sermões Expositivos**. São Paulo: Shedd, 2002.

⁴⁴⁶ CHAPPELL, Bryan. **O Sermão Cristocêntrico: Modelos para a Pregação Redentiva**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017; CHAPPELL, Bryan. **Pregação Cristocêntrica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007; CHAPPELL, Bryan. **Christ Centered Preaching: redeeming the expository sermon**. Second Edition. USA: Baker Academic, 1994; CHAPPELL, Bryan. **The Hardest Sermons You'll Ever Have to Preach**. Michigan, USA: Zondervan, 2011; CHAPPELL, Bryan. **Using Illustrations to Preach with Power**. Wheaton, Illinois, USA: Crossway Books, 2001; CHAPPELL, Bryan. **Graça ilimitada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

⁴⁴⁷ MURRAY, Iain. **John MacArthur: servo da palavra e do rebanho**. São Paulo: PES, 2012. p. 83.

⁴⁴⁸ LAWSON, 2008; KELLER, 2017; HELM, David. **Pregação Expositiva: Proclamando a Palavra de Deus hoje**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

instituto de treinamento expositivo “The Charles Simeon Trust”⁴⁴⁹, com um excelente trabalho atual desenvolvido no mundo inteiro. Além de ser um referencial na área de teologia bíblica, Graeme Golsworthy⁴⁵⁰ tem se destacado como referencial teórico que faz pontes nessas duas áreas. Mark Dever não poderia deixar de ser citado. Com um robusto trabalho de treinamento mundial intitulado de “nove marcas de uma igreja saudável,” tornou-se um referencial na área teológica e homilética. Além de obras na área de pregação⁴⁵¹ propriamente dita, há dois manuais do autor sobre o Antigo e Novo Testamento intitulado de “Exposição Teológica e Homilética”⁴⁵², que tem contribuído para o avanço da pregação expositiva no mundo. Joel Beeke⁴⁵³ também publicou uma obra que retrata a pregação reformada e suas nuances no puritanismo, com *insights* importantes para a atualidade que trazem recursos para o enfrentamento pós-moderno no tocante às questões objetivas e subjetivas da fé.

Chegamos em John Piper (1946), um pastor e expositor contemporâneo. Pastor jubilado, serviu por trinta e três anos como pastor principal da Bethlehem Baptist Church em Minneapolis, Minnesota (Estados Unidos da América). John Piper é chanceler no Bethlehem College & Seminary. Concluiu seu doutorado em Teologia pela Universidade de Munique. Piper fundou o prolífero ministério (desiringGod.org) que tem dado suporte ministerial a milhares de pastores e igrejas no mundo. Como escritor, está deixando um legado de diversos livros publicados, muitos deles na área da pregação.⁴⁵⁴ Recentemente, João Paulo Thomaz de Aquino escreveu uma obra interessante sobre a pregação de John Piper, com uma análise criteriosa das características da exposição exultativa e aportes da homilética. Em “Pregue para a Glória de Deus”⁴⁵⁵, Aquino analisa as pregações de Piper no Evangelho de João.

⁴⁴⁹ No site da instituição, a história expositiva de Charles Simeon foi alavancada por treinamento em formato de workshops. SIMEON TRUST. **A história expositiva de Charles Simeon: workshops**. Disponível em: <<https://simeontrust.org>>. 20 jul. 2018. (vários acessos).

⁴⁵⁰ GOLSWORTHY, Graeme. **Pregando toda a Bíblia como Escritura Cristã**. São José dos Campos: Fiel, 2013.

⁴⁵¹ DEVER, Mark; GILBERT, Greg. **Pregue: Quando a Teologia se Encontra com a Prática**. São José dos Campos: Fiel, 2015.

⁴⁵² DEVER, Mark. **A Mensagem do Novo Testamento**. Rio de Janeiro, CPAD, 2011.

⁴⁵³ BEEKE, 2019.

⁴⁵⁴ Dentre outras obras publicadas em outros idiomas e editoras, citaremos as que seguem. O autor possui uma vasta produção que não se reduz ao que citaremos. PIPER; TAYLOR, 2012; PIPER, 2005, p. 132; PIPER, 2003; PIPER, John; TAYLOR, Justin. **O Sofrimento e a Soberania de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 168-170; PIPER, John. **Exultação Expositiva: a pregação cristã como adoração**. São José dos Campos: Fiel, 2019.

⁴⁵⁵ AQUINO, João Paulo Thomaz. **Pregue para a Glória de Deus**. Eusébio: Peregrino, 2019.

Recentemente, Jason Meyer⁴⁵⁶, substituto de John Piper na jornada pastoral da respectiva igreja local, lançou uma obra significativa sobre a teologia bíblica da pregação.

O memorável Dr. Russell Shedd (1929-2016)⁴⁵⁷, pastor e escritor⁴⁵⁸, foi um teólogo que influenciou muitos seminários e púlpitos brasileiros. Conhecido por ser um exímio exegeta, era muito conhecido pela piedade. Conforme nota editorial de uma das editoras⁴⁵⁹ fundadas por ele, temos as informações a seguir acrescidas de dados não descritos pela editora, mas que fizeram parte de sua vida. Com Ph.D. em Novo Testamento pela Universidade de Edimburgo, Escócia, deixou um legado editorial, tendo fundado a Edições Vida Nova⁴⁶⁰ e Shedd Publicações. Como pastor,

⁴⁵⁶ MEYER, Jason C. **A Biblical Theological of Preaching**. Crossway, Wheaton, Illinois, EUA, 2013. (Edição do Kindle).

⁴⁵⁷ SHEDD, Russell. **Palavra Viva**: extraindo e expondo a mensagem. São Paulo: Vida Nova, 2000.

⁴⁵⁸ Entre outras obras, cito: SHEDD, 2000; SHEDD, Russell Philip. **Bíblia Shedd**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida Nova. 1938.

⁴⁵⁹ Enxertos biográficos extraídos do editorial Vida Nova. SHEDD PUBLICAÇÕES. **Russell Shedd**. Disponível em: <https://sheddpublicacoes.com.br/4_russell-shedd>. Acesso em: 07 dez. 2019.

⁴⁶⁰ Um breve relato da vida e da obra de Russell Shedd publicado pela Editora Vida Nova na ocasião de sua morte: “Russell Phillip Shedd nasceu em Aiquile, pequena cidade boliviana, no ano de 1929. Aos dez anos de idade, já falava espanhol, inglês e aprendera também o dialeto local. A semente de seu amor à Palavra germinou já na mais tenra infância, quando o menino acompanhava os pais, Leslie e Della Shedd, ambos missionários, em percursos evangelísticos pelas aldeias da Bolívia. No início da adolescência, volta com os pais e irmãos para os Estados Unidos e cursa o segundo grau em duas instituições: Westervelt Home e Wheaton College Academy. Depois disso, a profunda sede pelo conhecimento da Palavra leva o jovem Shedd a uma intensa jornada de cursos. Primeiro, estuda Teologia no Wheaton College, onde recebe o grau de bacharel com especialização em Bíblia e Grego. Depois, decide fazer um mestrado em estudos do Novo Testamento na Wheaton College Graduate School. Muda-se então para o estado da Filadélfia e matricula-se no Faith Seminary, onde adquire o título de mestre em Teologia, em 1953. Dois anos depois, aos 25 anos de idade, conquista o grau de doutor em Filosofia (PhD) na renomada Universidade de Edimburgo, na Escócia. Em 1955, volta para os Estados Unidos e aceita o cargo de professor no Southeastern Bible College, em Birmingham, no estado do Alabama, onde conhece uma aluna, Patricia Dunn, com quem viria a se casar em 22 de junho de 1957. Tendo os olhos e o coração voltados para a obra missionária, em 1959 o jovem casal é enviado pela Conservative Baptist Foreign Mission Society (CBFMS) para Portugal. Ali, Russell Shedd recebe com grata satisfação o encargo de acompanhar um ministério de literatura em formação. Denominado “Edições Vida Nova”, esse ministério fora fundado com o propósito de fornecer textos teológicos básicos e obras de referência bíblica para estudantes, professores e pastores. Passados três anos, Russell Shedd e os demais missionários notaram que o programa de publicações sofria duas sérias limitações: os altos custos de impressão e a baixa e lenta demanda dos livros na minúscula comunidade evangélica portuguesa. Após muitas orações e deliberações, os olhos dos missionários volta-se para um país do outro lado do Atlântico, com uma comunidade evangélica maior e em franco crescimento, contando ainda com a possibilidade de baixos custos na produção editorial. O plano inicial era que Russell Shedd ficasse dois anos no Brasil com o objetivo de implantar uma ação editorial em São Paulo e depois voltasse para Portugal. Em agosto de 1962, o casal Shedd chega ao Brasil, onde permanece, sem retornar a Portugal, e onde Russell Shedd passa a ensinar e a inspirar amor à Palavra de Deus, dando continuidade ao ministério de Edições Vida Nova. Ele sempre se dedicou de corpo e alma ao estudo e ao ensino das Escrituras, seja na área do ensino teológico, seja na área de publicação de livros evangélicos que facilitassem a compreensão e o conhecimento das Escrituras, sendo mais

fez parte da Missão Batista Conservadora no Sul do Brasil, tendo trabalhado por várias décadas no Brasil e lecionado em várias Seminários e Faculdades Teológicas. Russell Shedd deixou a marca do Evangelho em Brasília, ao participar da história da fundação da Faculdade Teológica Reformada de Brasília em 2012 juntamente com o autor desta tese. Russel Shedd foi um apaixonado pela pregação expositiva, deixando um legado de várias obras e alunos espalhados pelo mundo.

Hermisten Maia⁴⁶¹, um dos gigantes vivos da pesquisa da ala reformada, é pastor presbiteriano, teólogo calvinista e escritor. Faz parte da equipe de Pastores da Primeira Igreja Presbiteriana em São Bernardo do Campo, SP. Dr. Hermisten possui vasta experiência na área de Teologia Sistemática, lecionando há mais de 30 anos, e de História da Reforma Protestante, atuando principalmente nos seguintes temas: João Calvino e Teologia Reformada. Na área editorial, contribui em diversos Conselhos Editoriais de Revistas de Teologia e de Ciências da Religião. Com mais de 800 artigos publicados em diversos periódicos e sites. Tem 34 livros publicados⁴⁶², alguns reeditados ou reimpressos, 14 capítulos de livros, vários

de 25 deles de sua autoria. Por muito tempo estive à frente do ministério de Edições Vida Nova e, embora há vários anos tivesse passado a presidente emérito, jamais deixou de amar e participar dessa obra. Também atuou como consultor da Shedd Publicações. Sua influência perdura até hoje mesmo depois de aposentado, sendo um ativo influenciador de líderes e membros da igreja brasileira. Na Faculdade Teológica Batista de São Paulo foi professor de Novo Testamento e diretor do Departamento de Novo Testamento e Exegese. Lecionou também em outras renomadas instituições ao redor do mundo. Somos profundamente gratos a Deus pela forma maravilhosa em que usou o Dr. Shedd para influenciar e impactar a todos a quem ele teve a oportunidade de discipular, usando-o também por meio de aulas e palestras e dos muitos livros escritos ou editados por ele. Com certeza, seu exemplo e ensino serão seguidos por muitos anos". VIDA NOVA. **Russell Shedd**. Disponível em: <<https://vidanova.com.br/editora/comunicado-oficial/russell-phillip-shedd-uma-vida-de-amor-a-palavra-de-deus/>>. Acesso em: 07 dez. 2019.

⁴⁶¹ Dados biográficos extraídos do site pessoal do teórico. Disponível em: <<https://www.hermisten.com.br>>. Acesso em: 07 dez. 2019.

⁴⁶² COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **O homem no teatro de Deus**: providência, tempo, história e circunstância. Fortaleza: Peregrino, 2019. 640 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A fé como boa obra e a boa obra da fé**. Goiânia: Cruz, 2019. 160 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **O Espírito Santo e a Igreja**: segurança, desafio e esperança. Goiânia: Cruz, 2018, v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da; SEULE, K. **Educação Cristã e Ensino Religioso**. Maringá: Unicesumar, 2018. 359 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Raízes da Teologia Contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. 496 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Teologia e Cosmovisão Reformada**. Maringá: Unicesumar, 2018. 488 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Teologia e Cosmovisão Reformada**. Maringá: Unicesumar, 2018. 488 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da; COELHO, Lázara D.; FERREIRA, Reginaldo C. **Teologia Liberal**: origens, pressupostos e método. 2. ed. Goiânia: Cruz, 2018. v. 1. 136p.; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A Reforma e a Escritura**: Calvino como leitor, intérprete e pregador da Palavra. Goiânia: Cruz, 2017. 152 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A Reforma e a Escritura**: Calvino como leitor, intérprete e pregador da Palavra (E-book). Goiânia: Cruz, 2017. 152 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Teologia Sistemática II**. Maringá: UNICESUMAR, 2017. 619 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Introdução à Cosmovisão Reformada**: um desafio a se viver responsabilmente a fé professada.

Prefácios e endossos de livros, diversos textos e apostilas e slides que circulam especialmente nos seus cursos e conferências.

Paulo Anglada (1954-2019)⁴⁶³, recém-falecido, deixou contribuições significativas para o campo hermenêutico e pregação expositiva no Brasil. Entre outras obras, temos a “Introdução à Pregação Reformada,” o mais prolífero manual

Goiânia: Cruz, 2017. 592 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Introdução à Cosmovisão Reformada**: um desafio a se viver responsavelmente a fé professada. Goiânia, GO: Cruz, 2017. 592 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Fundamentos da Teologia Reformada**. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão; Box95, 2017. 224 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A Tua Palavra é a Verdade**. 2. ed. Brasília: Monergismo, 2016. 250 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A Soberania de Deus e a Responsabilidade Humana**. Goiânia: Cruz, 2016. 304 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Vivendo com integridade**: um estudo do Salmo 15. São José dos Campos: Fiel, 2016. 167 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **O Deus que fala**: um estudo do Salmo 19. Goiânia: Vila Nova, 2016. 80 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da; LUIZ, Roney de C. **Teologia Sistemática I**. Maringá: Centro Universitário de Maringá - Núcleo de Educação à Distância, 2016. 375 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da; LUIZ, Roney de C. **Teologia Sistemática I**. Vol. 1. Maringá: Centro Universitário de Maringá - Núcleo de Educação à Distância, 2016. 375 p.; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Introdução à Metodologia das Ciências Teológicas**. 2. ed. Goiânia, GO: Cruz, 2016. 424 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A felicidade segundo Deus**: teologia para a vida na perspectiva das bem-aventuranças. Goiânia: Cruz, 2016. 184 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Fé em Jesus Cristo**: verdadeiro Deus & verdadeiro Homem. Goiânia: Cruz, 2015. 144 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Introdução à Metodologia das Ciências Teológicas**. Goiânia: Cruz, 2015. 424 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Eu Creio**: no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Vol. 1. 2. ed. São José dos Campos: Fiel, 2014. 608 p.; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Introdução à Educação Cristã**. Vol. 1. Brasília: Monergismo, 2013. 424 p.; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Breve Teologia da Evangelização**. 2. ed. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2012. 104 p.; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Efésios - O Deus Bendito**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 176 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Temas Atuais em Teologia**. Maringá: Cesumar, 2011, v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A Tua Palavra é a Verdade**. Brasília: Monergismo, 2010. 250 p.; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Temas Atuais em Teologia**. Maringá: Cesumar, 2010. 98 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **João Calvino 500 Anos**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2009. 399 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Princípios Bíblicos de Adoração**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2009, 344 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A Inspiração e Inerrância das Escrituras**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. 160 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da; MATOS, Alderi Souza de. **Cristo e a Cruz**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. 112 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Fundamentos da Teologia Reformada**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. 224 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Calvino de A a Z**. São Paulo: Vida, 2006, 343, p. v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Curso Introdutório de Homilética**. Maringá: Pensador Cristão, 2003. 106 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A Construção do Pensamento Moderno e a Renovação da Mente Cristã**. Maringá: Pensador Cristão, 2002. 185 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Antropologia Teológica - uma visão bíblica do homem**. Maringá: Pensador Cristão, 2002. 80 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **O Pai Nosso**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. 319 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Simonton, um homem dirigido por Deus**. São Paulo: Mackenzie, 1999. 65 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A Inspiração e Inerrância das Escrituras**: uma perspectiva reformada. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1998. 177 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Breve Teologia da Evangelização**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1996. 88 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A Literatura Apocalíptico-Judaica**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. 82 p., v. 1; COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Teologia do Culto**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1987. 67 p.

⁴⁶³ ANGLADA, Paulo. **Introdução à Pregação Reformada**: uma investigação histórica sobre o modelo bíblico-reformado de pregação. Ananindeua, PA: Knox, 2005.

sobre exposição bíblica já publicado no Brasil. Ademais, temos vários autores, distribuídos entre pesquisadores de fato⁴⁶⁴ e pastores que resolvem escrever sobre o tema.

A pregação expositiva com aportes na hermenêutica trinitária e abordagem canônico-linguística tem sido intitulada de dramática. Aqui intitularemos de “teodramática.” Temos percebido que as pesquisas no mundo estão começando a efervescer, com algumas obras em solo americano, fruto de pesquisas com influência direta ou indireta de Vanhoozer. No Brasil temos textos sobre o drama da pregação publicados em obras traduzidas como é o caso de Guy Davies e Bill Kynes.⁴⁶⁵ Outros livros e textos tratam de pregação “dramática,” mas usando o termo com outra conotação, mais voltado para teatralização e formas comunicativas. O teodrama na exposição bíblica, embora trate da “criatividade comunicativa,” vai além do sentido de “teatralizar”, pois vamos nos referir à própria essência do que significa comunicar o Evangelho. “Haddon Robinson, como editor da obra ‘A Arte e Ofício da Pregação Bíblica,’ trouxe um pequeno aporte sobre a ‘Pregação Expositiva em Forma de Drama’⁴⁶⁶, destacando a criatividade que a própria Bíblia traz nos efeitos dramáticos das narrativas.” Robinson nos incita a usar esses recursos. A diversidade literária faz parte do drama, mas a exposição teodramática, além trabalhará esse tópico citado, mas não pode ser resumida nisso. A obra “Exultação Expositiva”⁴⁶⁷ de John Piper, embora não seja declaradamente da abordagem canônico-linguística, possui definições de pregação como adoração cristã que tocam num dos aspectos que a pregação trinitariana aborda, a qual iremos tratar no último capítulo. Por fim, vimos que a pesquisa na área de pregação dramática está sendo explorada passo a passo. A nossa proposta da “exposição bíblica teodramática” tem como objetivo iniciar um alargamento do viés canônico-linguístico na pregação em solo brasileiro.

⁴⁶⁴ LACHLER, Karl. **Prega a Palavra**: passos para a exposição bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1990; ANGLADA, 2005; LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2010; MARINHO, Robson M. **A arte de pregar**: como alcançar o ouvinte pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2008; MORAES, 2013; MORAES, 2005; MORAES, 2008; SHEDD, Russell. **Palavra Viva**: extraindo e expondo a mensagem. São Paulo: Vida Nova, 2000.

⁴⁶⁵ WATKINS, 2016, p. 25; LEE, 2019; DAVIES, 2016; KYNES, Bill. Pregando a Doutrina do Evangelho como Verdade, Bondade e Beleza. *In*: VANHOOZER, Kevin; STRACHAN, Owen. **O pastor como teólogo público**: recuperando uma visão perdida. São Paulo: Vida Nova, 2016.

⁴⁶⁶ ROBINSON, Haddon. Pregação expositiva em forma de drama. *In*: ROBINSON, Haddon (Org.). **A Arte e Ofício da Pregação Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 500.

⁴⁶⁷ PIPER, John. **Exultação Expositiva**: a pregação cristã como adoração. São José dos Campos: Fiel, 2019.

Na ala luterana, além do próprio Lutero, Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer, no Brasil não poderíamos deixar de citar Nelson Kirst (1941).⁴⁶⁸ Convém salientar também o trabalho homilético e litúrgico desenvolvido pelo Dr. Julio César Adam (1972).⁴⁶⁹ Dr. Adam tem doutorado em Teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha (2004) e atua como professor de liturgia, homilética, ministério, edificação de comunidade e espiritualidade. Dr. Adam possui uma vasta produção que enriquece o campo da pregação⁴⁷⁰ como um todo.

2.3.7 Uma pausa para Jilton Moraes: o maior Referencial Teórico em Homilética no Brasil

No Brasil contemporâneo, temos Jilton Moraes. Nascido em uma família muito simples, porém de pais muito consagrados, ficou fora da igreja na sua adolescência e juventude, porém reconhecendo os princípios cristãos aprendidos na infância, voltou para a igreja e logo se integrou, tornando-se líder de adolescentes e jovens.

Nesse contexto, sentiu-se chamado para o ministério pastoral, mas não se imaginava um pastor e nem tampouco almejava isso para sua vida. O motivo principal: não sabia pregar e nem falar em público. Esse era o seu argumento. Finalmente, resolveu aceitar o desafio e foi estudar no seminário. Ali conheceu aquela que seria sua esposa. Casaram-se e tiveram 4 filhos. E hoje é um dedicado avô de sete netos. Para quem não queria saber de pregação, a ironia é que apaixonou-se justamente por homilética a qual passa a ser a sua paixão no campo teológico. Jilton Moraes vive e respira homilética. E assim foi durante o tempo que pastoreou. Iniciou em uma pequena igreja em Fortaleza; depois foi pra Belém onde

⁴⁶⁸ KIRST, Nelson. **Rudimentos de Homilética**. 6. ed. revisada. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

⁴⁶⁹ Dados acadêmicos extraídos do currículo Lattes. CNPQ. **Júlio César Adam**: dados acadêmicos extraídos do currículo Lattes. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4776642U6>>. Acesso em: 07 dez. 2019.

⁴⁷⁰ Dr. Adam publicou livros e artigos na área, tais como: ADAM, Júlio César; ILLENSEER, L. M.; SALDANHA, M. R. **A Palavra na Liturgia**: Ano C. 1. ed. São Leopoldo: Faculdades EST, 2018. v. 1. 112p.; ADAM, Júlio César; ILLENSEER, L. M. (Orgs.); SALDANHA, M. R. (Org.). **A Palavra na liturgia**: recursos litúrgicos musicais a partir dos textos bíblicos do lecionário ecumênico. 1. ed. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. v. 1. 136p., ADAM, Júlio César. **Liturgia com os pés**: Estudo sobre a função social do culto cristão. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012. v. 1. 300p.; ADAM, Júlio César. **Proclamar libertação**: auxílios para o anúncio do evangelho. 37. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012. v. 1. 375p.; e vários artigos.

pastoreou uma grande igreja durante quase anos. Enquanto pastoreava, começou a ensinar Homilética no Seminário Teológico Batista Equatorial e deu sua contribuição teológica ali durante todo esse tempo.

Em seguida, foi para Teresina onde pastoreou outra grande igreja e depois de um curto período ali, foi para Recife onde pastoreou uma só igreja por dezesseis anos. Enquanto pastor, em igrejas pequenas ou grandes, sempre se preparava muito bem para pregar a cada domingo e em cada ocasião. Em Recife, enquanto pastoreava, ensinava no STBNB, e sua disciplina principal sempre foi homilética.

Nos últimos dezenove anos, tem residido em Brasília, onde dirigiu a Faculdade Teológica de Brasília por cinco anos. Nos últimos 14 anos, tem se dedicado ao ensino e a pesquisa teológica e a escrever livros. Tem escrito principalmente na área da homilética, mas também tem escrito em outros estilos literários: devocional, romance, contos. Dos dezessete livros já publicados, nove são na área de homilética, um dos quais está traduzido para o Espanhol.

Sua paixão por escrever deixa-o feliz e ativo o tempo todo. A cabeça não para! O tempo todo está idealizando novos livros com novas abordagens.

Dada a importância da sua produção bibliográfica para o ensino teológico, recebeu o título de Notório Saber pela Faculdades EST, após defesa de tese em banca de doutorado, tornando-se o único teólogo protestante brasileiro a receber esse título em solo brasileiro. Aquele que relutou em ser pastor porque não sabia pregar, tornou-se pregador, professor e doutor nessa área, dando assim uma grande contribuição à área teológica.

Quanto às obras⁴⁷¹ do autor, foi publicada uma trilogia homilética: Homilética da Pesquisa ao Púlpito; Homilética do Púlpito ao Ouvinte; Homilética do ouvinte à prática. E outras obras na área, como: Aventuras de um Pregador Iniciante; Restaurados por Jesus; Excelência no Púlpito: o clamor da igreja; Pregue Mais em Menos Tempo; Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões; Púlpito, Pregação e Música; Homilética da Pesquisa ao Púlpito traduzido para o Espanhol, Homilética de la Investigacion al púlpito. Além da homilética, o autor escreveu outras obras como: A Riqueza maior; Há um menino na Rua; Viver com Deus é uma Bênção (parceria com Ester Moraes); Casamento é uma Bênção (parceria com Ester Moraes); Ana &

⁴⁷¹ As principais obras do autor são: MORAES, Jilton. **Homilética**: Da Pesquisa ao Púlpito. São Paulo: Vida, 2005. MORAES, Jilton. **Homilética**: do Ouvinte à Prática. São Paulo: Vida, 2013. MORAES, Jilton; **Homilética**: do Púlpito ao Ouvinte. São Paulo: Vida, 2008.

Lia (parceria com Ester Moraes); Aventuras de um Cristão iniciante (parceria com David Moraes); Além da Caminhada e Além das Riquezas.

Conforme demonstrado, do contexto bíblico à história da igreja na atualidade, há um movimento de convergência em prol da pregação do Evangelho. A história da pregação é marcada por períodos tensos onde o Evangelho é colocado na prateleira do mercado de consumo ou desprezo eclesiástico, mas conforme verificamos, o interesse divino por Sua missão alavanca o púlpito ao usar pastores e mestres, teóricos e igrejas e seminários em prol da pregação. No próximo capítulo, trataremos do referencial teológico e no terceiro e último capítulo faremos o fechamento com a proposta de uma exposição bíblica teodramática como norteadora do culto público.

3 PRESSUPOSTO TEOLÓGICO: CALVINO E AS CONTRIBUIÇÕES DE KEVIN VANHOOZER

3.1 INTRODUÇÃO

Ao percebermos o contexto da pregação do Evangelho nos últimos séculos antecedentes à Reforma Protestante e o mundo contemporâneo, verificaremos semelhanças que nos levam a estabelecer uma ponte entre os dois períodos. Tais semelhanças são suficientes para que seja traçada uma proposta de pregação para a atualidade com aporte em Calvino. O reformador dizia que “se a doutrina dos profetas e apóstolos é o fundamento da igreja, primeiro importa que haja firme certeza dessa doutrina para que, somente então, a igreja comece a existir.”⁴⁷² A partir do fundamento existencial da igreja, o reformador reafirmou essa base de modo contundente, marcando compasso de quase quinhentos anos de influência e firme referencial teórico para a teologia como um todo e teologia bíblica da adoração e pregação. Calvino possuía uma catequese firmada na Palavra de Deus, que para ele “é o objeto e o alvo da fé rumo ao qual alguém deve correr; e a base sobre a qual firmá-la e sustentá-la; sem essa base, não se pode nem mesmo ficar de pé.”⁴⁷³ Nesse sentido, buscaremos caminhar na nossa argumentação até chegarmos em Kevin Vanhoozer.

Não partiremos do pressuposto de que o problema do púlpito e da igreja na contemporaneidade será totalmente resolvido com a proposta nos moldes da pregação expositiva. Existem outros aspectos que envolvem a realidade da igreja que devem ecoar do púlpito em ações pastorais e comunitárias. Embora seja o nosso referencial neste trabalho, não trataremos Calvino como o único ponto de convergência de qualidade na história da pregação, mesmo porque no primeiro capítulo traçamos um itinerário da pregação até os dias atuais. Falamos de “Orígenes, que transformou o sermão numa exposição das Escrituras, assim como John Wycliff e sua treinada equipe de pregadores Lollardistas, que gerou ideias

⁴⁷² CALVINO, 2006, p. 72, v. I.

⁴⁷³ CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2018. p. 1315. (Edição do Kindle).

evangélicas da pregação encontrada em Lutero e Huss.⁴⁷⁴ Citamos Zuínglio de Zurique, que aperfeiçoou a pregação de Lutero, que era desenvolvida conforme o calendário litúrgico, para um modelo de pregação continuada, que influenciou, através de Bullinger, o modelo aplicado por Calvino.

De fato, a pregação, e mais especificamente, a adoração pública, sempre enfrentaram momentos de tensão, seja em momentos mais nevrálgicos antecedentes à Reforma, depois e atualmente. A abordagem de Calvino quanto ao “valor da Palavra e respectiva pregação diligente da mesma”⁴⁷⁵ nos leva a pensar na comunicação do evangelho a um mundo pós-moderno⁴⁷⁶, contando com esse gigante que, sem dúvidas, “influenciou gerações na arte da exposição bíblica, como a viva voz de Deus em sua igreja.”⁴⁷⁷

Na tradição protestante, “o pastor tem sido identificado como pregador da Palavra de Deus, já que o sermão é posto em um lugar de importância no culto”⁴⁷⁸ e isso precisa ser resgatado para os dias atuais. A crise perpassa os seminários e faculdades teológicas, que deveriam ser casas de formação de arautos do Evangelho, mas, em muitas localidades do Brasil, se tornaram centros de formação inter-religiosa ou terapêutas de ordem geral.

T. H. Parker, um dos biógrafos da pregação de Calvino, diz que “a pregação é a Palavra de Deus porque é a exposição das Escrituras, através das quais apenas Deus se comunica com o homem.”⁴⁷⁹ As contribuições da pregação de Calvino para a igreja contemporânea são inevitáveis. Timothy George descreve como os reformadores liam as Escrituras e tal fato é marcante para a pregação:

Deus escolheu a pregação, e Deus revigora a pregação dos ministros pelo poder do Espírito de Deus, de modo que Cristo verdadeiramente vem na Palavra falada para residir com seu povo.⁴⁸⁰

A exposição bíblica é como uma luva para a inquietação atual quanto ao culto terapêutico, que tem como um dos frutos principais a abertura dada por muitos pastores à utilização da abordagem psicanalítica com linguagem de fé, advinda de

⁴⁷⁴ PARKER, 2016, p. 18-23.

⁴⁷⁵ CALVINO, 2009, p. 11; CALVINO, 2006, v. 1.; CALVINO, 2006, v. 2.

⁴⁷⁶ Nesse sentido: CARSON, 2015.

⁴⁷⁷ LAWSON, 2008.

⁴⁷⁸ BRIDEL, Claude; GABNEBIN, Laurent. Pregação no Protestantismo. *In*: GISEL, Pierre. **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016. p. 1419.

⁴⁷⁹ PARKER, 2016, p. 51.

⁴⁸⁰ GEORGE, 2015, p. 200.

Jung, tratada por Philip Reiff no triunfo da terapêutica, delineada no último capítulo. A leitura, explicação minuciosa e aplicação à vida contemporânea, na atuação do Espírito Santo, são elementos norteadores do culto público, que formam a identidade do povo de Deus em todos os aspectos, pois a Palavra que criou e redimiu, é o fundamento maior de regra de fé e conduta e o instrumento suficiente para a pregação.

O pressuposto teológico nos remete ao tratamento da cosmovisão cristã ou metanarrativa. Calvino e a questão histórico-redentiva e as Institutas gravitou em torno do conhecimento de Deus e de nós mesmos. Quando falamos em metanarrativa, preservada historicamente nas *cinco solas* da Reforma⁴⁸¹, conforme Herman Dooyeweerd, estamos nos referindo:

[...] ao tema básico das Sagradas Escrituras, ou seja, aquele da criação, queda no pecado e redenção por Jesus Cristo na comunhão do Espírito Santo. Como tal, ele constitui, antes, o ponto de partida suprateológico de todo o pensamento cristão realmente bíblico, a chave do conhecimento de Deus e de nós mesmo.⁴⁸²

Dos batistas ingleses aos americanos e outros ao redor do mundo, conforme tratado no primeiro capítulo, temos um relato histórico da influência não somente das doutrinas da graça, mas da força do púlpito genebrino, através da pregação de Calvino. De Benjamin Keach a Albert Mohler⁴⁸³, entre altos e baixos do vigor da pregação e culto público, a Palavra, disputada entre outras narrativas, sempre venceu.

⁴⁸¹ A metanarrativa é preservada historicamente através das *solas*. Nesse sentido: “O evangelho da nossa salvação através da fé em Cristo somente por meio da graça com fundamento único nas Escrituras. É depois o acréscimo do Soli Deo Gloria. As *solas* não são doutrinas isoladas. São *insights* que formam a ontologia, epistemologia e teologia do Evangelho. Não substituem o credo, mas serve de memória catequética e tem como função preservar a integridade da revelação e redenção. Pressupõe a doutrina da trindade. 1. Somente as Escrituras (teologia pastoral centrada na criação, queda e redenção), suficiente para firmar o Cristão; 2. Somente Cristo. Não há nenhuma coparticipação do homem no processo da salvação. A vida sem pecado de Cristo é suficiente para a nossa justificação. 3. Somente a graça. Evita a meritocracia romana e semipelagiana do evangelicalismo atual. 4. Somente a fé. Somos aceitos por Deus pela obra de Cristo. 5. Somente glória a Deus. Finalidade da criação e redenção é a glória de Deus”. VANHOZER, 2017, p. 149-194.

⁴⁸² DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da Cultura Ocidental**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 199.

⁴⁸³ Thomas Nettles tratou da questão histórica, teológica e prática em: “Benjamin Keach; John Bunyan; John Gill, Andrew Fuller, Issa Backus; John Leland; Adoniram Judson; Francis Wayland; David Benedict; John L. Dagg; P. H. Mell; Basil Manly, Sr.; James P. Boyce; Basil Manly, Jr.; John Broadus; J. B. Gambrell; B.H. Carroll; Alvah Hovey; A.H. Strong; E.Y. Mullins; L.R. Scarborough; Dale Moody; Ernest C. Reisinger; Albert Mohler.” NETTLES, 2006.

Tal influência não aconteceu simplesmente por um método desenvolvido por ele, pois a exposição bíblica vai além de um método, mas o meio principal e norteador da adoração pública, através da leitura pública, explicação e aplicação da identidade redentiva do povo de Deus em toda a Escritura.

O que veremos em Calvino é o desdobramento maior de um teólogo que deu continuidade à reivindicação da maior guerra da humanidade: o conflito de autoridade. Com quem está a autoridade final? Jaroslav Pelikan fala do ensino reformado, o reverenciando como:

[...] uma programação com ênfase maior em conduzir a Reforma em harmonia com a Palavra de Deus até suas consequências necessárias, com uma consistência e um rigor além de Lutero. A certeza e a clareza ou poder da Palavra de Deus foi o título do primeiro livro de Zuínglio.⁴⁸⁴

A Reforma sempre será um perfil recorrente na história da igreja, pois Deus se revelou de modo especial pela Palavra, governa sua igreja pela Palavra e ordena adoração com critérios definidos nela. De Lutero a Calvino, a teologia reformada prescreve o fundamento da religião cristã “pela Palavra escrita, as Escrituras de Deus, os registros indubitáveis do Espírito Santo (Snds. *Serm.* 1.9 [PS 41.12]), ou seja, toda a substância da religião cristã⁴⁸⁵” (Calv. *Nec. ref.* [CR 34:502]. É na crença bíblica de (Rm 10.17) que os reformadores apoiaram sua paixão pela pregação dessa Palavra, que leva o homem à fé, pela ação do Espírito direcionada para a glória divina.

3.2 CALVINO: VIDA

É um grande desafio tratar de questões históricas diante da natural controvérsia entre biógrafos e documentos. Falar de fatos históricos geram oportunidades de entendimento do pano de fundo de fatos, atos e textos, com desmistificação de acusações ou de híper-imagens construídas. Nada mais honesto do que se envolver na biografia de alguém para que os preconceitos sejam desfeitos e a aproximação ou reaproximação intelectual aconteça. Temos um acervo de biógrafos que fizeram parte da vida dele, como é o caso de Beza, que se tornou o

⁴⁸⁴ PELIKAN, 2016, p. 251.

⁴⁸⁵ PELIKAN, 2016, p. 251.

sucessor genebrino e Jean Henri H. Merle D'Aubigné⁴⁸⁶, como o biógrafo autorizado, dentre outros que serão citados ao longo do texto. Emil Doumergue, o gigante da história de Calvino, citado por T. H. L. Parker⁴⁸⁷, que também demonstra uma certa frustração quanto aos referenciais teóricos sobre a pregação de Calvino. “Ele cita a obra de Mülhaupt, que embora tenha debilidades, a considera como relevante.” Quanto à história da pregação, além de Dargan⁴⁸⁸, com duas obras robustas, as quais já destacamos no primeiro capítulo, Hugues Oliphant⁴⁸⁹ traz uma riquíssima contribuição acerca da história da exposição bíblica, passando em Calvino como um marco. Outros referenciais como O. C. Edwards⁴⁹⁰ e o batista John Broadus⁴⁹¹ trazem ricas contribuições. William H. Willimon e Richard Lischer⁴⁹², como editores da “Concise Encyclopedia of Preaching” trazem um rico trabalho a ser explorado aqui. No Brasil, Walter Graciano⁴⁹³, tradutor das obras de Calvino no Brasil, lançou recentemente uma biografia do reformador com um toque especial da missão em terra brasileira. No Brasil, Hermisten Maia, tratado num dos tópicos do primeiro capítulo, possui um acervo de obras publicadas, é um teórico com uma bagagem profunda de conhecimento no reformador de Genebra.

O reformador de segunda geração tem marcado cinco séculos com a sua brilhante sistematização das Escrituras Sagradas, e influenciado milhares de pastores e expositores da Bíblia em virtude do enobrecimento e ênfase que ele aplicou no tocante à natureza das Escrituras. Em todos os ambientes onde há uma expressão do cristianismo, identifica-se alguma influência de Calvino, mas não somente em virtude da famosa discussão soteriológica. Falar em Calvino é relatar sobre a vida de um pastor, teólogo, professor e estadista. Em detrimento dessas qualificações, o reformador deixou marcas teológicas que proporcionam discussões

⁴⁸⁶ D'AUBIGNÉ, 2008; D'ÁUBIGNÉ, 2000.

⁴⁸⁷ PARKER, 2016, p.18-23.

⁴⁸⁸ DARGAN, Edwin Charles. **A History of Preaching: From the Close of The Reformation Period To The Nineteenth Century, 1572-1900.** New York: Hodder and Stoughton New York George H. Doran Company, 1912. v. 2; DARGAN, Edwin Charles. **A History of Preaching: From the Apostolic Fathers to the Great Reformers, A.D. 70-1572.** England: Forgotten Books, 2015.

⁴⁸⁹ HUGHES, 1998, p. 166-169; HUGHES, 2012.

⁴⁹⁰ EDWARDS JR., 1995; EDWARDS JR., 2004.

⁴⁹¹ BROADUS, 2015.

⁴⁹² WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching.** Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995.

⁴⁹³ MARTINS, Valter Graciano. **João Calvino no Brasil ou Caminhos da Providência.** Brasília: Monergismo, 2019.

e debates que envolvem um sistema de vida e sua influência na sociedade, cultura e política. Sua influência vai de:

[...] batistas como Spurgeon, John Piper, passando pelos anglicanos, como J.I. Packer, J. C. Ryle, aos independentes como John MacArthur; aos metodistas, como George Whitefield e John Wesley e católicos-romanos, como Alexandre Ganozy.⁴⁹⁴

Calvino nasceu em 10 de julho de 1509, “na Picardia, ano em que Henrique VIII subiu ao trono britânico e no ano em que Lutero começou a pregar em Wittenberg.”⁴⁹⁵ Filho de Gerald Calvin e Jeanne le Franc, Halsema descreve que “durante quatorze anos o menino João morou em Noyon, na província francesa de Picardy. Noyon estava sobrecarregada de padres, monges, cônegos, capelães, e de toda espécie de empregados eclesiásticos.”⁴⁹⁶ “As gerações anteriores de sua família eram de Pont-l’Evêque, uma vila próxima a Noyon. Seu avô era um fazedor de barris e seu pai era tabelião e promotor civil da Catedral de Noyon.”⁴⁹⁷ Calvino foi, durante sua infância, “profundamente devotado à Igreja Romana à qual, mais tarde, ele renunciaria”⁴⁹⁸, algo recorrente no período da Reforma protestante.

Quanto à trajetória acadêmica de Calvino, temos a felicidade de ele ter pincelado alguns tópicos em uma breve autobiografia, na introdução ao comentário de Salmos. Lá, ele destaca que:

[...] foi destinado ao estudo da teologia, mas seu pai o induziu à advocacia ‘por questão financeira’. Retirado da Filosofia, foi estudar Direito, mas após sua conversão, embora não tenha abandonado os outros estudos, se dedicou com mais ardor no tocante à sua vocação.⁴⁹⁹

Em 1523, o futuro reformador de Genebra foi enviado para estudar em Paris. Como a história de modo geral possui incógnitas, tal dado é baseado “num pequeno artigo, publicado pela primeira vez em 1621, pelo historiador local, Jacques

⁴⁹⁴ HALL, 2019, p. 1701-2146.

⁴⁹⁵ “Calvin was born in Picardy in 1509 - the year that Henry VIII ascended the British throne, and the year that Luther began to preach at Wittenberg”. LORD, John. **A Brief Biography of John Calvin**. A. J. Cornell Publications, 2011. p. 17-18. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁴⁹⁶ HALSEMA, Thea B. Van. **João Calvino era assim**: a vibrante história de um dos grandes líderes da Reforma. São Paulo: Os Puritanos, 2009. p. 9.

⁴⁹⁷ THOMAS, Derek W. H. Quem era João Calvino. *In*: PARSONS, Burk. **João Calvino**: amor à devoção, doutrina e glória de Deus. São José dos Campos: Fiel: 2010. p. 43.

⁴⁹⁸ WALLACE, 2003, p. 9.

⁴⁹⁹ WALLACE, 2003, p. 10.

Desmay.”⁵⁰⁰ A vocação em Lutero e Calvino e outros reformadores foi um fator avassalador nesse período. Em sua soberania, o Deus trino luta pela Palavra para sua própria glória, erguendo homens e agindo na história.

O contexto do surgimento de Calvino no cenário da Reforma Protestante está relacionado com o fenômeno que acontece em todo grande movimento. Com “Zwinglio falecido, Erasmo morrendo e a aquiescência de Lutero, a igreja romana ressurgiu, a reforma radical fragmenta e Calvino emerge como líder de um novo movimento e nova teologia.”⁵⁰¹ Esse movimento de altos e baixos é a história do povo de Deus, que progressivamente foi marcado pela promessa dada mediante a Palavra (Gn 3.15), reafirmada (Gn 12) e cumprida no Redentor. Nessa jornada, o conflito sempre foi em torno da seguinte questão: Com quem está a autoridade?

Como os demais reformadores, Calvino passou por uma conversão radical. Tal mudança, “retratada no prefácio de seu Comentário sobre os Salmos (1557), a qual refere-se como “súbita conversão”, vai além de uma mudança interna. A conversão é também institucional.”⁵⁰² O salto conversionista de Calvino é demonstrado na forma como ele desenvolveu sua teologia, que refletiu na teologia de sua pregação. Hermisten Maia Pereira da Costa, interpreta o reformador a partir de sua teologia:

[...] comprometida com o conhecimento de Deus e com a promoção deste conhecimento por meio de sua Palavra, mediante a iluminação do Espírito. É o Espírito Quem nos conduz à Palavra e Ele mesmo nos dá a conhecer a Cristo nas Escrituras.⁵⁰³

Douglas Wilson explica a relação de Calvino com a Escritura e o que essa relação fez pelo mundo ocidental: como fruto de sua “vocação com base totalmente alicerçada na Palavra e dedicação de sua exposição, faz com que a cultura ocidental seja devedora ao mestre de Genebra.”⁵⁰⁴ Conforme havíamos argumentado no capítulo anterior, a herança genebrina do púlpito expositivo que alcançou várias gerações e precisamente os batistas ingleses e sua continuidade nas Américas (nosso foco aqui), alcança também a concepção de todas as esferas de ação divina.

⁵⁰⁰ MCGRATH, Alister E. **A Vida de João Calvino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 38.

⁵⁰¹ GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 166.

⁵⁰² MCGRATH, 2004, p. 88.

⁵⁰³ COSTA, 2019, p. 21.

⁵⁰⁴ WILSON, Douglas. *O Roteiro Sagrado no Teatro de Deus: Calvino, a Bíblia e o Mundo Ocidental*. In: PIPER, John; MATIAS, David. **Com Calvino no Teatro de Deus: a glória de Cristo e a vida diária**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 67-68.

O impacto da exposição da Palavra, além de ter como alvo a salvação e edificação dos salvos, conduz para a glória de Deus revelada no mundo, na vida, sociedade e cultura.

No primeiro capítulo, trabalhamos sobre a pregação de Calvino na evolução histórica da igreja. No próximo tópico, dedicaremos com mais afinco no conceito, desdobramentos da pregação do reformador e efeitos na adoração pública genebrina e seus ambientes sociais, educacionais e políticos. Nos desdobramentos finais do terceiro capítulo, reforçaremos sobre essa influência nos batistas ingleses, americanos e oferecer algumas máximas para atual conjuntura do culto público nos batistas do Brasil, buscando as contribuições reflexivas de Philip Rieff, com aportes de Kevin Vanhoozer.

3.3 DOS ATRIBUTOS DAS ESCRITURAS COMO PANO DE FUNDO PARA A PREGAÇÃO EXPOSITIVA AOS PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS DA PREGAÇÃO EM CALVINO

Como conhecer a Deus? O rompimento filosófico com Tomás de Aquino, através de Guilherme de Occam (1280-1349), “levou a fé a ser entendida como uma revelação pessoal e especial de Deus ao homem.”⁵⁰⁵ Calvino trabalhou a doutrina do conhecimento de Deus e, a partir desse ponto de partida, destaca que “o homem é atraído a amar e cultuar a Deus e isso só é possível quando esse Deus se apresenta em amor, gerando assim, sujeição do homem.”⁵⁰⁶ A ideia de culto está entranhada no contexto da adoração. David Peterson nos instiga:

[...] para irmos mais a fundo do que o mero conceito americano de adoração como um ato de atribuir valor (*worship*). A teologia bíblica da adoração traz as dimensões de uma orientação de vida ou de todo um relacionamento com o Deus vivo e verdadeiro.⁵⁰⁷

A adoração cristã está envolta na cosmovisão do cristão que se resume em criação, queda e redenção. Devido à queda, o conhecimento do Criador não pode ser alcançado pela revelação geral, somente. Calvino destaca que:

⁵⁰⁵ HAHN, 2011, p. 81.

⁵⁰⁶ CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2007. p. 53. v. 1. (Edição do Kindle).

⁵⁰⁷ PETERSON, David. **Teologia Bíblica da Adoração**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2009. p. 240. (Edição do Kindle)

[...] embora aquela claridade que se apresenta aos olhos dos homens, no céu e na terra, seja suficiente para extinguir a ingratidão dos homens – tal como Deus, para que o gênero humano seja envolvido por uma única acusação, propõe a todos que sua deidade seja manifestada nas criaturas – é necessário alcançar um outro e melhor apoio que nos dirija de modo probo para o próprio Criador do mundo.⁵⁰⁸

O rompimento da Reforma com a Renascença não gerou um pensamento desunido entre natureza e graça. A autonomia crescente da teologia natural deixando o pano de fundo da revelação especial em segundo plano, não gerou uma resposta reformada polarizada. Francis Schaeffer, em “A morte da razão”, descreve que a “Bíblia oferece a chave para dois tipos de conhecimento: o conhecimento de Deus e o conhecimento do homem e da natureza.”⁵⁰⁹

A teoria da pregação expositiva, parte de protótipos visto na leitura da lei no pacto no “Sinai; depois, com a restituição do culto de Israel na leitura e explicação descrita em Neemias (cap. 8) com a designação de Esdras para tal prática regular. A sinagoga definiu o modelo para a exposição bíblica no culto cristão.”⁵¹⁰ Sinclair Ferguson, assim como Oliphant Hugues, defende “o ensino de Jesus, na maior parte das vezes, “como uma forma de exposição ou aplicação e elucidação das Escrituras.”⁵¹¹ A pregação apostólica tinha a pregação de Cristo como central no culto, partindo sempre da leitura dos escritos disponíveis, explicação e aplicação aos ouvintes da época. Calvino parte do conceito do culto da igreja primitiva no sentido de que a leitura e explicação das Escrituras são necessárias, a partir da ação do Espírito Santo, para que o ser humano tivesse o conhecimento real do Criador:

A Escritura, recolhendo em nossa mente um conhecimento de Deus de outro modo confuso, desfazendo a fumaça, apresenta-nos claramente o verdadeiro Deus. E este é certamente um dom singular: para conhecer o Templo, Deus não usa somente mestres mudos, mas também torna acessível sua boca sacrossanta, e não só promulga que devemos cultuar algum deus, mas pronuncia que Ele é o Deus que deve ser cultuado; nem ensina que os eleitos olhem unicamente para Ele, mas também se apresenta para que o vejam. Junto de sua Igreja, Ele conservou desde o início essa ordem, para que usasse, além daqueles documentos, a Palavra, que é a marca mais certa e mais segura para o discernirmos.⁵¹²

⁵⁰⁸ CALVINO, 2007, p. 66, v. 1.

⁵⁰⁹ SCHAEFFER, Francis. **A Morte da Razão**. São Paulo: ABU; Viçosa: Ultimato, 2014. p. 27.

⁵¹⁰ HUGHES, 1998, p. 151-152.

⁵¹¹ FERGUNSON, Sinclair. **O Sermão do Monte**. São Paulo: Trinitas, 2019. p. 505. (Edição do Kindle)

⁵¹² CALVINO, 2007, p. 67, v. 1.

A tradição oral fez parte da história do povo de Deus, mas os escritos tiveram o papel importante para a transmissão da narrativa da redenção em Cristo. A exposição das Escrituras não é uma marca registrada da tradição reformada, mas elevou o sentido do conhecimento trinitário no contexto da revelação especial. Na tradição reformada, a exposição da revelação escrita de Deus tem uma função de ordenar corretamente o culto e a adoração. Roger Wagner, ao falar sobre a pregação apostólica e sua relevância para a crise atual, enfatiza que “o Espírito do Senhor - que é o Espírito da pregação – nos mostra que a pregação de Cristo é a única resposta para a cultura que está cega espiritualmente em nossos dias.”⁵¹³ Pierre Marcel, um pastor reformado da França, escreveu o tópico “A Relevância da Pregação” na ocasião do Sínodo das igrejas reformadas da França (1951-1952), que se tornou um livro com o mesmo título:

Os crentes e pregadores devem saber que o objetivo da pregação é dar-lhes uma compreensão completa das Escrituras Sagradas. A pregação os integra no corpo da Igreja, os torna participantes em sua vida e na vida do Espírito Santo.⁵¹⁴

Para os reformados, sob a égide da cosmovisão cristã (criação, queda e redenção), a idolatria era um grande problema. Para nós, continua sendo, pois em toda a história a guerra de palavras contra a Palavra sempre tentou solapar a autoridade divina. A adoração cristã não pode agradar a Deus se não tiver na sua essência a Palavra lida, explicada e aplicada. Sobre isso, Calvino diz:

[...] mas será exposto somente como convém aprender da Escritura que o Deus que é criador do mundo se diferencia por marcas certas de toda a multidão de deuses inventados. Depois, a própria ordem da exposição nos levará oportunamente a tratar da redenção. Embora usemos muitos testemunhos do Novo Testamento, outros ainda da Lei e dos profetas, nos quais se menciona expressamente a Cristo, todos tendem, no entanto, para este fim: a consciência de que é na Escritura que o Deus criador torna-se patente para nós e de que é ela a expor o que devemos sentir a seu respeito, a fim de que não busquemos por circunlóquios alguma deidade incerta.⁵¹⁵

⁵¹³ “The Spirit of the Lord – who is the Spirit of preaching – has convinced you afresh that preaching Christ is the only answer for the spiritually blinded and dying culture of our day.” WAGNER, 2004, p. 340.

⁵¹⁴ “Believers and preachers must know that the aim of preaching is to give them a complete understanding of the Holy Scriptures. Preaching integrates them into the body of the Church, makes them participants in her life and in the life of the Holy Spirit.” MARCEL, Pierre Ch. **The Relevance of Preaching**. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1963. p. 63.

⁵¹⁵ CALVINO, 2007, p. 67, v. 1.

Para entendermos a pregação de Calvino e como a escola genebrina atravessou séculos até os dias atuais, precisamos partir da premissa da autoridade. Como quem reside essa autoridade? Essa luta na história da redenção atravessou os períodos bíblicos progredindo até Cristo dar um basta (Mt 4). Perpetuou na igreja neotestamentária, com ação do Espírito Santo pela pregação dos apóstolos. Até chegar em Calvino, o caminho dramático da adoração pública, entre períodos áureos e sombrios, foi sendo norteadado pelo conflito de autoridade e pela vitória da Palavra. Assim sendo, passamos a entender sobre a influência da pregação de Calvino, que se deu pela missão do Deus da Palavra em chamá-lo para o caminho da autoridade da revelação especial. Neste contexto, entendemos Calvino e o apreço que ele tinha em relação às Escrituras que refletiu em sua pregação:

A pregação e o ensino explicam as Escrituras e aplicam suas verdades às nossas vidas. É por meio da pregação da Palavra que Deus, normalmente chama as pessoas a crerem em Jesus (Rm 10.14).⁵¹⁶

A história pela luta pela autoridade da Palavra continua com Calvino, na ação do Espírito, influenciado todas as esferas para a glorificação divina. Dargan trata dos efeitos do púlpito na história até chegar em Calvino e Jonathan Edwards:

A teologia e a ética são fundamentais no trabalho do púlpito, e suas relações com a filosofia são necessariamente próximas. Nomes de pregadores que foram eminentes no trabalho filosófico e influência são numerosos; Alguns dos mais importantes são Justino Mártir, Orígenes, Gregório de Nissa, Agostinho, entre os antigos; Anselmo, Aquino e outros dos grandes escolásticos da meia-idade; Eckhart entre os místicos; Calvino entre os teólogos da Reforma; Edwards entre puritanismo americano.⁵¹⁷ (tradução nossa com auxílio de recursos *online*)

O contexto do surgimento de Calvino está relacionado com o fenômeno que acontece em todo grande movimento. “Com Zwínglio falecido e Erasmo morrendo, com Lutero aquiescente, a igreja romana ressurgindo, a Reforma radical fragmentada, Calvino emergia como líder de um novo movimento e nova teologia.”⁵¹⁸ A missão pela exaltação da autoridade da Palavra chega no contexto do jovem

⁵¹⁶ FRAME, John. **Em Espírito e em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 129.

⁵¹⁷ “Theology and ethics are fundamental in pulpit work, and their relations to philosophy are necessarily close. Names of preachers who have been eminent in philosophical work and influence are numerous; a few of the important are Justin Martyr, Origen, Gregory of Nyssa, Augustine, among the ancients; Anselm, Aquinas, and others of the great schoolmen of the middle age; Eckhart among the mystics; Calvin among the theologian of the reformation; Edwards among American Puritans”. DARGAN, 1905, p. 10.

⁵¹⁸ GEORGE, 1994, p. 166.

Calvino. Como os demais reformadores, Calvino passou por uma conversão radical. Tal mudança, “retratada no prefácio de seu Comentário sobre os Salmos (1557), referida como ‘súbita conversão,’ vai além de uma mudança interna. A conversão é também institucional.”⁵¹⁹ O salto conversionista de Calvino é demonstrado na forma como ele desenvolveu a sua teologia da pregação e os efeitos disso em todos os ambientes eclesiásticos e fora dele.

O pressuposto de Calvino era que o conhecimento de “Deus é amplamente demonstrado na obra da criação e composição do universo, em todas as suas criaturas, e que, todavia, será exposto com maior clareza por sua Palavra.”⁵²⁰ A teologia da pregação em Calvino parte do entendimento e apreço que ele tinha com a Palavra, a qual é considerada como “um espelho no qual a fé deve contemplar Deus.”⁵²¹ Sua pregação, assim como de outros reformadores é um reflexo de sua teologia. Ele “renunciou ao Papa, à política clerical, à missa da maneira como era celebrada na época, à equiparação da autoridade da tradição da igreja e das Escrituras.”⁵²² Poderíamos resumir o seu pensamento acerca das Escrituras, da seguinte forma:

Somente as Sagradas Escrituras tinham dado a ele a capacidade para ouvir a voz divina dirigindo-se a ele pessoalmente, e tinham, assim, apresentando-o ao verdadeiro Deus que se apresenta a si mesmo em sua graça para ser conhecido e compreendido pelo humilde e por aquele que crê.⁵²³

A história da exposição bíblica e de expositores na jornada da igreja sempre gravitou em torno da revelação escrita de Deus e sua autoridade para o governo da igreja e como camada superior de governo de todas as esferas da sociedade. As Escrituras, segundo os reformadores, não são tábuas escritas somente para o governo da igreja, mas são uma revelação do governo Trino sobre a vida. Nesse sentido, a partir da exposição bíblica, o culto tem seus parâmetros definidos, devendo reverberar as fronteiras do corpo reunido, e atingir todas as camadas da sociedade através dos discípulos de Cristo no mundo.

⁵¹⁹ MCGRATH, 2004, p. 88.

⁵²⁰ CALVINO, 2007, p. 78, v. 1.

⁵²¹ CALVINO, 2006, p. 8, v. 2.

⁵²² WALLACE, 2003, p. 11.

⁵²³ WALLACE, 2003, p. 17.

Calvino adotou o conceito petrino quanto à superioridade da Palavra de Deus descrito na segunda epístola (2Pe 1.16-21), especificamente o descrito no versículo (21), quanto à fonte da profecia, o Espírito Santo, fazendo delas a autoridade final em termos de fé e prática. Ao comentar o texto, o reformador destaca: “Não fizeram isso de si mesmo, ou segundo sua vontade, enunciando totalmente suas próprias invenções [...]. Entendo profecia da Escritura aquilo que está contido nas Sagradas Escrituras.”⁵²⁴ “Calvino tratou o tema da autoridade da Escritura de forma intensa. Sua tese era que somente a Escritura é fonte de conhecimento correto a respeito de Deus.”⁵²⁵ Sua pregação foi influenciada pela tradição agostiniana medieval: Distinta da escola franciscana, que tinha uma ênfase nas determinações eclesiais e dos tomistas, que davam paridade entre Escrituras e tradição, a escola de Agostinho afirmava, conforme descreve Alister McGrath, que a “base da Teologia cristã era *scriptura sola*, com uma propensão correspondente a minimizar outros elementos da Teologia, como as *determinationes ecclesiae* ou conceitos metafísicos.”⁵²⁶ Calvino era radical quanto ao que poderia ser considerado fonte de autoridade final para o povo de Deus. Isso gerou uma solidez na sua pregação e fortificou o sistema doutrinário desenvolvido por ele. Mas, como Lutero, não descartava a tradição como fonte secundária:

O grande feito de Calvino foi tomar os conceitos clássicos da Reforma (*sola gratia, sola fide, sola scriptura*) e dar-lhes uma exposição clara e sistemática, que nem Lutero e Zuínglio jamais fizeram.⁵²⁷

A tradição calvinista, embora não estivesse em paridade com a revelação bíblica, tinha um valor secundário nessa relação nos movimentos confessionais pós-Reforma. Mas o importante em Calvino era a base primária que fundamentava suas exposições bíblicas.

3.4 TRAJETÓRIA DO EXPOSITOR BÍBLICO DE GENEBRA

Entre Genebra e Estrasburgo, temos a história da inexperiência de Calvino, juntamente com as expectativas políticas do povo genebrino, renderam a Calvino

⁵²⁴ CALVINO, 2015, p. 315.

⁵²⁵ WACHHOLZ, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 115.

⁵²⁶ MCGRATH, 2012, p. 146-147.

⁵²⁷ GEORGE, 2015, p. 166.

uma estada traumática em Genebra. “Calvino foi um pregador mestre numa época em o púlpito era o principal meio de comunicação para uma cultura inteira.”⁵²⁸ O reformador precisava passar por Estrasburgo. Foi um período de descanso emocional e preparação para retornar a Genebra, mais experiente e capacitado para o processo reformado religioso da igreja e cidade. “A Igreja Reformada na Alemanha teve início em Estrasburgo. Mathew Zell, em 1521, e, depois, Capito, deram início à grande tarefa de pregação bíblica, mas Bucer foi o líder, em 1524.”⁵²⁹

A agitação em torno da pregação de Zell pavimentou o caminho para a aceitação da Reforma em Estrasburgo, embora a adoção dos modos protestantes tenha sido gradual e a missa católica tenha sido celebrada até 1529.⁵³⁰

A história de Calvino é caracterizada por uma falta de intencionalidade quanto às ações que se envolveu, tanto em Genebra quanto em Estrasburgo. Segundo Timothy George:

Calvino passou três dos mais felizes anos de sua vida em Estrasburgo, depois de sua expulsão de Genebra em 1538. Enquanto esteve lá, Calvino pregou a uma congregação de compatriotas franceses refugiados, publicou seu primeiro comentário bíblico (sobre Romanos, em 1540), lecionou na recém formada academia e participou com Bucer e outros de conversas teológicas com líderes católicos. Ele também se casou com Idelete de Bure, viúva de um ex-anabatista convertido em sua congregação.⁵³¹

Estrasburgo foi uma escola necessária para Calvino. Sua inexperiência jamais poderia proporcionar um trabalho mais sólido em Genebra. “Em 13 de setembro de 1541, Calvino entrou novamente em Genebra. O jovem inexperiente agora era um talentoso e experiente estrategista eclesiástico.”⁵³² A ação eclesiástica de Calvino passava pelos pressupostos da “doutrina, educação, disciplina e bem-estar social.”⁵³³ Sua eclesiologia tinha uma relação estrita com a teologia da pregação, que passava pelo entendimento de que “ninguém poderia jamais obter ou reter o título pastoral sem ter uma comunidade própria para pregar regularmente.”⁵³⁴

⁵²⁸ GEORGE, 2015, p. 187.

⁵²⁹ DAVIS, Clair D. A Igreja Reformada da Alemanha: Calvinistas, uma influente minoria. *In*: REID, Stanford. **Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. p. 124.

⁵³⁰ GEORGE, 2015, p. 165.

⁵³¹ GEORGE, 2015, p. 172.

⁵³² MCGRATH, 2012, p.125.

⁵³³ PARKER, 2016, p. 25-29.

⁵³⁴ WALLACE, 2003, p. 22.

Falar em Calvino e pregação, aparentemente, parece que estamos lidando com um pregador que não tinha preocupação com o ouvinte. Essa imagem distorcida de Calvino é transmitida por alguns pregadores calvinistas que talvez não tenham tido contato com o processo homilético do reformador. Peter Adam registra a prática homilética de Calvino:

[...] usava perícopes menores com quarenta minutos de pregação O sermão era o produto final de uma labuta que o levava ao púlpito com clareza na transmissão da mensagem. Usava imagens e diálogos vivos e realistas, envolvendo os ouvintes com perguntas e aplicações.⁵³⁵

Isso nos ensina que a exposição bíblica é mais que um recurso mecânico, mas uma comunicação que envolve o Deus trino que serve o seu povo com sua voz, envolvendo-os numa narrativa que é mais que um texto antigo ou uma história que precisa ser decorada ou aprendida; é o processo onde o Espírito Santo tem o poder de transformar tinta em sangue, levando os ouvintes a mergulharem vividamente nas páginas das Escrituras como um mergulho num oceano com diversas imagens e cores que apontam para a beleza e glória do Criador.

O retorno de Calvino a Genebra nos revela o porquê do legado do reformador e a pregação:

Ele recomeçou de onde tinha parado três anos antes, no mesmo capítulo e versículo do livro da Bíblia. Dessa forma demonstrou que ele pretendia que sua vida e teologia não fossem um recurso de sua própria criação, mas um testemunho responsável da Palavra de Deus.⁵³⁶

A glória de Deus como alvo final da pregação da Palavra, ensina-nos Calvino, acerca de sua contribuição sobre a adoração cristã. Para Calvino, o culto comunitário era o “lugar de encontro fundamental entre Deus e seu povo, tendo colocado a adoração como prioridade prática e em seus ensaios.”⁵³⁷

⁵³⁵ ADAM, 1996.

⁵³⁶ GEORGE, 2015, p. 185.

⁵³⁷ KIM, Julius J. Trabalhando e Adorando no Teatro de Deus: Calvino, o homem, e por que eu me importo. In: PIPER, John; MATIAS, David. **Com Calvino no Teatro de Deus. A Glória de Cristo e a Vida Diária**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011. p. 40-41.

3.5 INFLUÊNCIA DA PREGAÇÃO DE CALVINO EM TERRAS INGLESAS E AMERICANAS

A “pregação é uma causa imediata óbvia de importantes mudanças de atitudes e atmosferas em períodos críticos na luta como um todo – como por exemplo, nos sermões de Lutero em Wittenberg, em 1532.”⁵³⁸ Timothy George destaca que:

[...] os reformadores desafiaram o padrão “medieval de pregação em dois importantes aspectos: Primeiro, fizeram do sermão a peça central do culto regular da igreja. Antes da Reforma, o sermão era, na maioria das vezes, um evento temporário reservado para ocasiões de Natal e Páscoa.⁵³⁹

Quando se fala em pregação reformada, entende-se preconceituosamente que os que pregam expositivamente buscam um tipo de modelo que evitará erros interpretativos. Kuypers traz à memória que “nenhum padrão Reformado, nem mesmo o mais puro, é infalível como era a palavra de Paulo.”⁵⁴⁰ “[...] Calvino, em sua experiência inicial, era cercado por aqueles que tinham sede por ensino relevante.”⁵⁴¹ A pregação reformada tem suas bases nos primeiros teólogos reformados, que:

[...] empregaram o princípio da *sola scriptura* de modo mais radical do que jamais se havia imaginado. A decisão do debate de Zurique – a ordem de pregar somente com base nas Escrituras, que se tornou rapidamente a base para outras localidades.⁵⁴²

Seja na primeira ou segunda estada de Calvino em Genebra e seu recanto de sossego em Estrasburgo, o reformador demonstrava vividamente um apreço fora do comum quanto ao ministério da pregação. Calvino dizia que “quando o evangelho é pregado em nome de Deus, é como se Deus em pessoa falasse.”⁵⁴³

Uma pregação com influência calvinista consiste em “aplicação aos vários campos da vida.”⁵⁴⁴ “A tarefa de pregar regularmente a Palavra levou-o enfim ao coração do movimento da Reforma em sua batalha pela alma da Europa, pois, foi

⁵³⁸ WALLACE, 2003, p. 23.

⁵³⁹ GEORGE, 2015, p. 183.

⁵⁴⁰ KUYPER, 2014, p. 200.

⁵⁴¹ WALLACE, 2003, p. 23.

⁵⁴² MCGRATH, 2007, p. 148.

⁵⁴³ GEORGE apud CALVINO, 2015, p. 187.

⁵⁴⁴ KUYPER, 2014, p. 201.

mais por meio da pregação, que ele exerceu a extraordinária influência.”⁵⁴⁵ Importante salientar que a ênfase dada a Calvino neste trabalho não é porque a Reforma tenha sido sobre ele ou Lutero, mas pela seriedade que o reformador estabeleceu ao proclamar a Palavra de Deus:

[...] a Reforma foi sobre a Palavra de Deus, que devia ser proclamada fiel e conscientemente ao povo de Deus. Calvino se mantinha num padrão elevado e exigia o mesmo de outros que foram chamados para o ofício da pregação.⁵⁴⁶

Naturalmente que o evento da Palavra geraria uma ênfase na sua proclamação. O resgate em solo brasileiro da tradição reformada nada mais é do que a segurança que a ênfase na exposição bíblica traz para o povo de Deus. Não seria muito afirmar que, independentemente da tradição, está havendo uma convergência para uma tradição maior, a tradição de uma pregação bíblica e cristocêntrica acentuada pelos reformadores.

3.6 A PRIMEIRA MISSÃO CALVINISTA E A PREGAÇÃO EM TERRAS BRASILEIRAS

A “primeira missão em terras brasileiras foi em atendimento ao pedido do comandante da colônia francesa Villegaignon. A comitiva saiu de Genebra em 10 de setembro de 1556 e chegou à Baía da Guanabara em 7 de março de 1557.”⁵⁴⁷ A primeira missão foi conturbada por questões políticas, mas a missão reformada holandesa chegou no Brasil “com uma bagagem religiosa bem mais estruturada e definida do que os franceses calvinistas. Os holandeses vieram com documento confessionais já elaborados e experiência pastoral.”⁵⁴⁸ No entanto:

[...] o Brasil não estava preparado para os desafios da diversidade religiosa e nem para a provocação da concorrência comercial. Portugal não aceitou a presença de calvinistas e reformados, refletindo no Brasil a intransigência do catolicismo.⁵⁴⁹

⁵⁴⁵ WALLACE, 2003, p. 23.

⁵⁴⁶ GEORGE, 2015, p. 192.

⁵⁴⁷ HACK, Oswaldo Henrique. **Sementes do Calvinismo no Brasil Colonial**: uma releitura da história do cristianismo brasileiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 114.

⁵⁴⁸ HACK, 2007, p. 164.

⁵⁴⁹ HACK, 2007, p. 170.

Os pés calvinistas americanos (1859) tiveram a oportunidade de lançar a semente “num ambiente mais propício e protegido por acordos políticos e interesses brasileiros na presença da cultura norte-americana no Brasil.”⁵⁵⁰

O culto protestante em terras brasileiras acontecia antes de o movimento missionário começar e era influenciado pelo rompimento filosófico com Tomás de Aquino. “Guilherme de Occam (1280-1349) afirmou a infalibilidade papal, influenciando Wycliff e Lutero, afirmando que a verdade só pode ser encontrada nas Escrituras, como regra de fé e prática, e não na abstração chamada igreja.”⁵⁵¹

A influência da pregação reformada em solo brasileiro não se dá somente pelo aspecto da soteriologia, mas pelo nível elevado em que tratou o tema das Escrituras Sagradas. O século XXI na realidade brasileira foi caracterizado por uma influência de uma pregação de cunho pragmático. Neste contexto, a pregação nos moldes calvinistas, tem se destacado. Tal destaque não é devido a um movimento, mas porque para Calvino “somente as Sagradas Escrituras conseguem atingir verdadeiramente o coração humano, através do Espírito Santo. Ele defendeu também que todas as partes das Sagradas Escrituras estão em harmonia.”⁵⁵²

Pregar o Evangelho na pós-modernidade é um desafio, visto que se vive sob uma pluralidade de pensamentos e ideologias contrárias ao cristianismo e também pelo fato da tradição do “povo da Palavra” ter sido abandonada por muitas igrejas históricas. A igreja está num contexto onde naturalmente é desafiada a firmar os passos de uma pregação bíblica, diligente e principalmente cristocêntrica. McGrath relata que:

A expansão das áreas nas quais se passou a reconhecer a competência das Escrituras é uma das características mais importantes do início da Igreja Reformada. Considerava-se que até mesmo a autoridade e interpretação das Escrituras tinha por base as próprias Escrituras e não a igreja – *scriptura sui ipsius interpres*.⁵⁵³

Ao evocarem-se os princípios da pregação na leitura reformada como proposta para a pregação atual, não se estaria reduzindo a solução da cristandade a um púlpito saudável. Existem outras questões na vida cristã que precisam ser trabalhadas nesse processo. O que se pretende é amenizar os impactos negativos

⁵⁵⁰ HACK, 2007, p. 168.

⁵⁵¹ HACK, 2007, p. 80-81.

⁵⁵² WACHHOLZ, 2010, p. 116.

⁵⁵³ MCGRATH, 2007, p. 148.

produzidos por pregadores que desprezam o valor e o efeito da pregação da Palavra como autoridade final em termos doutrinários e práticos para a vida do povo de Deus.

A pregação reformada é uma proposta fundamental para a pregação atual, pois parte do pressuposto da inspiração, inerrância e autoridade escriturística para a igreja de Cristo. Embora haja muitos empecilhos para que se crie uma uniformidade nesses quesitos, de forma progressiva, tais pontos solidificarão o cristianismo em torno do seu fundamento, a Palavra de Deus.

Pregação e hermenêutica reformada é uma junção que fomentará saúde para a igreja na atualidade em unidade com as demais necessidades da igreja. Num contexto onde a exposição fidedigna não é atrativa e muitos revelam um escapismo das exigências do Evangelho, cabe reforçar tal aspecto. Albert Mohler, citando Drew Dyck, destaca que:

Os pós-modernos consideram a mensagem evangélica estreita demais; os recalcitrantes tiveram experiências ruins na igreja e, por isso, se afastaram dela; os modernistas adotaram uma visão de mundo que exclui o sobrenatural e não querem nada que diga respeito à verdade bíblica; os neopagãos experimentam diversos tipos de espiritualidade; os rebeldes espirituais insistem na própria autonomia; os errantes afastaram-se lentamente da igreja.⁵⁵⁴

Diante de todos os desafios para a pregação na atualidade, resta propor um retorno aos princípios fundantes da Reforma, ou seja, retorno efetivo às Escrituras Sagradas nos aspectos da pregação. Eta Linnemann contribui novamente para a presente análise, destacando que:

Infelizmente, a teologia evangélica não se assemelha à árvore que – enraizada na Palavra de Deus – cresce independente. Em vez disso, ela se parece muito mais com uma planta trepadeira que, mesmo com as raízes na Palavra de Deus, leva uma existência um tanto pobre enrolada na árvore da teologia histórico-crítica. Ela não está totalmente unida à árvore, mas também nunca é totalmente retirada dela. Ocasionalmente, ela se distancia de sua hospedeira, mas basicamente mantém um contato íntimo.⁵⁵⁵

A pregação reformada pode e tem contribuído para a pregação atual, na medida em que resgata para a comunidade cristã o valor das Escrituras Sagradas como princípio regulador do culto e da vida. Pelo fato de destacar em seu bojo a

⁵⁵⁴ MOHLER JR, R. Albert. Estudando as Escrituras para Encontrar Jesus. *In*: CARSON, D. A (Org.). **As Escrituras dão Testemunho de Mim**. Jesus e o Evangelho no Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 9-36. p. 9-10.

⁵⁵⁵ LINNEMANN, 2011, p. 166.

“inspiração, autoridade suprema, suficiência, clareza e preservação”⁵⁵⁶, ela gera uma centralidade bibliocêntrica e cristocêntrica. Em que época da histórica pós-apostólica se viu tamanho compromisso com a revelação de Deus? Não se trata de uma idolatria da Reforma, mas de reconhecer que tal período foi fundamentalmente importante para o retorno às Escrituras e o desenvolvimento da ortodoxia, trazendo reflexos nas demais disciplinas teológicas e principalmente na pregação. Após os quinhentos anos da Reforma, é latente a necessidade de resgatar os princípios nela trabalhados. É algo recorrente na história da igreja. A Palavra de Deus, o grande medidor, faz com que:

[...] os mensageiros evangélicos e a igreja contem com ela para medir e avaliar essa dignidade ou merecimento. Com base na Palavra de Deus, os mensageiros evangélicos podem prometer a todos a remissão dos pecados em Cristo pela fé, e podem declarar a sentença de condenação a todos e sobre todos os que não abraçarem a Cristo.⁵⁵⁷

O critério adotado por Calvino não era algo novo, mas um pressuposto que precisava ser trabalhado de modo sistemático e catequético. Isso tudo trouxe uma imensa solidificação dos trabalhos de igrejas e seminários reformados ou não no mundo inteiro. O método hermenêutico adotado por Calvino foi fundamental para a construção de sua teologia bíblica da pregação. Vejamos no próximo tópico.

3.7 HERMENÊUTICA DE CALVINO

Todos que leem um texto são intérpretes, pois exercem a capacidade em menor ou maior escala no tocante ao entendimento daquilo que o autor do texto quis dizer na escrita. De modo mais apurado, a atividade do pregador é indissociável da interpretação de um texto bíblico, visto que busca extrair o significado do texto e trazer para o contexto do ouvinte. Calvino destaca que o “bispo, tendo sido chamado para o ministério da Palavra e dos sacramentos, executa fielmente o que é ordenado por Deus.”⁵⁵⁸ Calvino tinha uma hermenêutica baseada em alguns princípios. Na carta a Simon Grynaeus, no contexto do comentário aos Romanos, ele traz a lúcida “brevidade em oposição à prolixidade, buscando apoio em Bullinger que expôs

⁵⁵⁶ ANGLADA, Paulo. **Introdução à Hermenêutica Reformada: Correntes Históricas, Pressuposições, Princípios e Métodos Linguísticos**. Ananindeua: Knox Publicações, 2006. p. 136-154.

⁵⁵⁷ CALVINO, 2006, p. 161, v. 2.

⁵⁵⁸ CALVINO, 2006, p. 74, v. 2.

questões doutrinárias com facilidade de expressão. No contexto de lucidez que ele reforçou o princípio basilar da exposição conforme o significado original do autor.”⁵⁵⁹

O reformador partia do pressuposto que buscar a intensão original do autor aplicando ao mundo contemporâneo com suas nuances e complexidades, leva o pregador a não cair em invenciones que podem desonrar o plano soberano dos termos da aliança divina descrita em toda a revelação.

Como pano de fundo das máximas interpretativas de Calvino, temos a convicção sobre a “autoridade da Escritura atestada pelo testemunho interno do Espírito Santo, que para ele está muito além das conjecturas humanas.”⁵⁶⁰ Calvino não desprezava a autoridade da igreja no processo interpretativo, mas afirmava uma “importância relativa dessa autoridade.”⁵⁶¹ O reformador partia do conhecimento de Deus para o conhecimento do homem e tal conhecimento se dava através “da face de Cristo.”⁵⁶² Daí extraímos o entendimento do reformador a partir do Deus revelado em Cristo e as Escrituras como fonte de entendimento dessa fé redentiva. Comentando a Epístola aos Hebreus (3.11), afirmou:

Além do mais, devemos notas às funções que Cristo assume para si, ou seja: as de declarar o Nome de Deus, as quais começou ele a exercer na pregação do evangelho, e as quais continuam diariamente no ministério pastoral. Disso concluímos que o evangelho nos é oferecido com este propósito: para que ele nos conduza ao conhecimento de Deus; e por esse conhecimento sua benevolência se torne uma experiência viva entre nós, porquanto Cristo é o Autor o evangelho em qualquer forma que o mesmo se manifeste aos homens. (vide 2 Co 5.20).⁵⁶³

A leitura pública não acontece sem a interpretação, sempre havendo uma medida de ensino da parte do orador. “Uma das principais ciências que o pregador deve conhecer é, sem dúvida, a hermenêutica.”⁵⁶⁴ Para o pregador que deseja honrar a autoridade do texto bíblico, deve olhar para a atividade de pregação de Jesus Cristo. James Houston relata que:

Essa leitura era acompanhada pela pregação e ensino (1 Tm 4.13). O próprio Jesus leu publicamente e interpretou na sinagoga de Nazaré (Lc 4.16). Parece que a igreja primitiva tinha a prática de lidar com as cartas dos

⁵⁵⁹ CALVINO, 2001, p. 17.

⁵⁶⁰ CALVINO, 2006, p. 72. v. 1.

⁵⁶¹ CALVINO, 2006, p. 74, v. 1.

⁵⁶² CALVINO, 2006, p. 80, v. 1.

⁵⁶³ CALVINO, 2012, p. 975. (Edição do Kindle).

⁵⁶⁴ LUND, E.; NELSON, P. C. **Hermenêutica**: princípios de interpretação das Sagradas Escrituras. São Paulo: Vida Acadêmica, 2006. p. 9.

apóstolos da mesma maneira: recebia-as e as mandava lerem público (Cl 4.16; 1 Ts 5.27).⁵⁶⁵

A pregação na Idade Média e atualmente incorrem em erros interpretativos semelhantes. Naquele período, o sentido alegórico prevalecia intencionalmente. Hoje, a diversidade de hermenêuticas proporcionou uma amplitude homilética. A intensidade hermenêutica na Idade Média acontecia no contexto dos métodos de Alexandria, numa progressiva influência agostiniana. Aos poucos, o método alegórico foi sendo substituído para camadas mais consistentes até encontrarmos no período da Reforma Protestante o terreno fértil para o uso da metodologia histórico-gramatical. Esse método de interpretação está unido ao propósito de Calvino quanto à busca da intenção autoral, conforme descrito na Carta à Simon Grynaeus⁵⁶⁶, acima citada.

O movimento da interpretação caminha junto com o da pregação. A partir da tradução da Bíblia por João Wycliffe, uma caminhada da hermenêutica e da pregação apontaram para o movimento da Palavra no século XVI. Calvino mostrava “maior preocupação em estabelecer o sentido do texto com auxílio do conhecimento secular [...], pois era preocupado com o sentido literal e histórico do texto [...], e o testemunho interno do Espírito Santo.”⁵⁶⁷

Calvino foi um pregador e hermeneuta completo, visto que mesclou a ortodoxia com os princípios interpretativos, o academicismo com o elemento distinto da ação do Espírito Santo para que o pecador tivesse uma compreensão não somente principiológica, mas conversionista, próprio do novo nascimento. A herança da atividade hermenêutica de Calvino busca na intenção autoral do texto, a compreensão, explicação e aplicação ao ouvinte, numa dinâmica que vai muito além de trazer informações ou especulações. Estamos tratando do teólogo do Espírito Santo.

Quando se fala em hermenêutica reformada como pressuposto para a pregação expositiva e seu uso pelos batistas ingleses do século XVII até os dias atuais, destaca-se tal possibilidade em virtude da convergência no aspecto da infalibilidade, inspiração e autoridade final da Bíblia em termos doutrinários e

⁵⁶⁵ HOUSTON, James M. Visando a uma espiritualidade bíblica. In: DYCK, Elmer. **Hermenêutica: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica.** São Paulo: Shedd Publicações, 2012. p. 163.

⁵⁶⁶ CALVINO, 2001, p. 17.

⁵⁶⁷ KOSTENBERGER, 2015, p. 74.

práticos. É nesse aspecto que a hermenêutica reformada pode e tem contribuído para a pregação do Evangelho ao longo desses quinhentos anos da Reforma não somente nos ambientes reformados. Uma vez que a hermenêutica reformada trabalha com total dedicação na afirmativa da autoridade bíblica como final em termos de fé e prática, ela se torna uma metodologia que honra a Escritura como divinamente inspirada, sendo de ampla utilidade para o espaço na diversidade confessional pós-Reforma. John Frame destaca que “somente na religião bíblica o Deus que fala é absoluto, um ser que, de modo significativo, não precisa de nada ou ninguém além de si mesmo para validar seu discurso.”⁵⁶⁸

A hermenêutica reformada serviu de base para o pensamento da fé cristã em toda a amplitude denominacional. Dentre os exemplos citados no primeiro capítulo, ateremo-nos mais ao desdobramento na fé batista inglesa e como isso pode e deve influenciar os batistas no Brasil. A característica conservadora da hermenêutica reformada foi gerando nos últimos quinhentos anos. Para a pregação do Evangelho em todos os tempos, os princípios de autoridade bíblica tão bem desenvolvidos na hermenêutica reformada tornam-se essenciais na atualidade e realidade batista no Brasil, em virtude da nítida constatação da perda da identidade no culto público dos elementos da revelação do Evangelho de Cristo em toda a Escritura.

A Reforma Protestante foi um movimento crucial na história da igreja, visto que trouxe para o povo de Deus a oportunidade de reflexão bíblica, teológica e doxológica jamais vivenciada. Ao romper com a interpretação alegórica, trazendo de volta os princípios de Antioquia, todos os ramos da teologia foram afetados pela autoridade final da revelação especial em termos de doutrina e prática. A partir desse marco, a exposição bíblica passa a ser o elemento norteador do culto público. Os distintivos quanto ao ministério da Palavra fizeram com que o texto inspirado e inerrante prevalecesse sobre a instrução da igreja, colocando em ordem as Escrituras e a tradição.

A riqueza interpretativa vivenciada no século XVI trouxe contribuições para a pregação, tornando a fé suficientemente clara para o que era necessário para a edificação do povo de Deus. O reencontro da teologia com a igreja trouxe lucidez eclesial, doxológica e testemunhal. A intenção autoral aplicada à vida do povo foi

⁵⁶⁸ FRAME, John M. **A Doutrina da Palavra de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 32.

reabilitando a identidade redentiva, tornando a suficiência das Escrituras Sagradas o modo de crer, viver e testemunhar a glória de Deus internamente e no contexto da cidade, sociedade, cultura e política.

Alguns preconceitos quanto à hermenêutica reformada precisam ser esclarecidos. Primeiro, ela não pressupõe uma uniformidade interpretativa. Há uma convergência no aspecto da infalibilidade, inspiração e autoridade final da Bíblia em termos doutrinários e práticos. No entanto, no próprio contexto reformado, há pontos de divergência em questões eclesiológicas, escatológicas e outros pontos. Tudo isso mostra o quanto a hermenêutica reformada serve de suporte de verificação para o desenvolvimento da exposição bíblica no meio batista brasileiro.

O ambiente interpretativo atual é relativista e subjetivo, o qual leva o ouvinte a uma postura de interpretar e não necessariamente ser interpretado pelas Escrituras. Como intermediar posturas amplamente extremadas no contexto hermenêutico na história da igreja. E no contexto da pregação, isso seria diferente? Como os movimentos da hermenêutica e da pregação são paralelos e correlatos, o desafio para os que militam nessas áreas é entender que o uso de uma metodologia puramente textual, ou metodologias que colocam o leitor e o ouvinte numa condição de dono do texto, não trazem os benefícios doxológicos para a igreja de Cristo. Pelo contrário, trazem consequências contrárias à autoridade do texto em dinâmicas distintas: por um lado, um objetivismo que despreza a revelação, e por outro, um subjetivismo que despreza fatos propositivos. Vanhoozer destaca que “o autor é a causa histórica de um efeito textual e sua intensão é a causa de o texto ser da forma que é. Não existe outra forma adequada de explicar a inteligibilidade dos textos.”⁵⁶⁹ Kuyper, cuja teologia é bem atual, traz uma rica contribuição ao dizer: o cristianismo “não é só prática, mas também doutrina objetiva [...]. Como pudemos nós continuar a promover missões a menos que tenhamos um Evangelho bem definido para pregar?”⁵⁷⁰ A consequência final é um culto público com uma linguagem de fé, porém destituída de seus fundamentos. Esse é o quadro de muitas igrejas batistas na atualidade brasileira. O que norteia a adoração não é a comunicação de informações históricas, somente, e nem as experiências destituídas de razão

⁵⁶⁹ VANHOOZER, Kevin. **Há um Significado neste Texto? Interpretação Bíblica: Os Enfoques Contemporâneos**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2005. p. 50.

⁵⁷⁰ KUYPER, 2014, p. 197.

descrita na revelação. O que outrora fora subjugado à tradição, hoje é inferiorizado por hermenêuticas e narrativas que compõe o subterrâneo religioso dos ouvintes.

O ambiente pós-moderno e suas inúmeras características com decifragem desafiadora nos leva à busca mais frenética por contribuições que honrem o cerne da fé cristã. Calvino sempre será recorrente na história da igreja, pois a sua teologia honrou as Escrituras e conseqüentemente sua pregação refletia isso. A pregação começa com a teologia de quem prega. Uma pregação que leva em consideração a Soberania divina em contraponto com a meritocracia humana, que considera a Bíblia como a viva voz de Deus ao ser pregada diligentemente, tem muito a nos ensinar e reavivar o contexto da pregação atual. A meritocracia no período da pré-Reforma e atual é um fator preocupante. Embora os motivos sejam diferentes, o mérito humano em ambos os períodos pode ser verificado.

Calvino e sua paixão pela pregação diligente é importante para a contemporaneidade não somente para os contrapontos ao arminianismo, mas porque ele se perfaz como força cultural no ambiente ocidental que nega as estruturas objetivas das Escrituras Sagradas e estabelece uma cosmovisão apurada entre o Evangelho, cultura, sociedade e política. Calvino contribuiu para a “moderna compreensão da relação entre lei natural e lei positiva.”⁵⁷¹

A hermenêutica reformada traz um suporte substancial à pregação histórica-redentiva, a qual honra a fé do povo de Deus no mérito do Filho, pela ação do Espírito e glorificação do Pai. Como anteriormente à Reforma, o culto público em muitas igrejas batistas brasileiras atuais, carece de um norteamento expositivo bíblico-redentivo. Da ênfase à tradição (idade média) ao enfoque no homem que precisa ser agradado (culto terapêutico pós-moderno), temos uma dinâmica perigosa que usa linguagens de fé cristã, mas sem a Palavra em sua totalidade, a qual é para Calvino, “um espelho no qual a fé deve contemplar Deus [...] e que Ele sempre se faz representar por sua Palavra àqueles que ele quer trazer a si.”⁵⁷²

A hermenêutica reformada para a pós-modernidade é bem traduzida por Vanhoozer ao dizer que devemos “atender às necessidades de comunidades eclesiais e, ao mesmo tempo, satisfazer às exigências do mundo acadêmico

⁵⁷¹ REID, 2014, p. 11.

⁵⁷² CALVINO, 2006, p. 48, v. 2.

contemporâneo.”⁵⁷³ Isto é, a atualidade requer sobrenaturalismo e intelectualismo; fé bíblica e razão; teologia e igreja. Eta Linnemann, que foi aluna de Rudolf Bultmann, mostra que há incoerência na crença do “progresso e ao mesmo tempo uma incompatibilidade deste à lealdade ao que a Bíblia diz. Ela diz que o progresso buscado em nome do progresso resulta na profanação da Palavra de Deus.”⁵⁷⁴ A hermenêutica reformada contribui para a pregação atual por evitar os extremos do antisobrenaturalismo e do relativismo e subjetivismo que leva o ouvinte a se tornar a peça-chave no processo de recepção do texto pregado. Eta Linnemann reforça esse aspecto ao propor uma teologia evangélica:

1. Deve ser característica da teologia evangélica que ela seja enraizada na Palavra de Deus e confie na revelação de Deus como sua fonte de conhecimento; 2. A teologia evangélica deve ter uma mente orientada por Deus, a Trindade formada pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo; 3. A teologia evangélica deve estar alerta, cônica da presença escondida da teologia histórico-crítica até mesmo no evangélico mais piedoso.⁵⁷⁵

Cornelius Van Til, ao apresentar a obra de Benjamim Warfield, destaca que “somente no retorno à Bíblia como infalivelmente inspirada em sua autografia há esperança para a ciência, para a filosofia e para a teologia.”⁵⁷⁶ Uma hermenêutica com a metodologia reformada pode mudar o contexto da pregação atual em detrimento desse compromisso a revelação de Deus.

3.8 CONTRIBUIÇÃO DE KEVIN VANHOOZER PARA O PRESSUPOSTO HERMENÊUTICO NA EXPOSIÇÃO BÍBLICA

Kevin Vanhoozer, nascido em 1957, PhD pela University of Cambridge, é professor pesquisador de Teologia Sistemática na Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, Illinois. Lecionou também na Wheaton College e na University of Edinburgh. Escritor e pesquisador prolífero⁵⁷⁷, trouxe contribuições ricas que não alteram a hermenêutica de Calvino, mas realçam o que o Reformador tem de bom

⁵⁷³ VANHOOZER; STRACHAN, 2016, p. 22.

⁵⁷⁴ LINNEMANN, Eta. **Crítica Histórica da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 163.

⁵⁷⁵ LINNEMANN, Eta. **A Crítica Bíblica em Julgamento**: até que ponto a “Teologia Científica” é mesmo Científica? São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 163-165.

⁵⁷⁶ WARFIELD, 2010.

⁵⁷⁷ VANHOOZER, 2018; VANHOOZER, 2005; VANHOOZER; STRACHAN, 2016; VANHOZER, 2016c; VANHOOZER, 2016a; VANHOOZER, 2016b; VANHOOZER, 2019, p. 1516-1517. (Edição do Kindle). VANHOOZER, 2016b.

para uma hermenêutica atualizada no mundo pós-moderno, o que aplicaremos e trataremos no contexto da pregação dando o nome de exposição bíblica teodramática.

Partimos da escolha de pressupostos hermenêuticos para a pregação que nos capacitam no uso de princípios, metodologias e técnicas para o desenvolvimento do labor exegético de um texto bíblico. Em vez do alegorismo, os “reformadores protestantes insistiram que os exegetas cristãos deveriam interpretar a Bíblia de acordo com seu sentido natural ou literal, governado pela gramática, gênero, história e contexto literário de uma passagem.”⁵⁷⁸ Partindo do método histórico-gramatical, que se perfaz na busca pelo significado pretendido pelo autor, tendo como premissas a inspiração e inerrância da revelação bíblica, temos ferramentas para a exegese do texto, numa caminhada minuciosa de interpretação, onde podemos extrair o conteúdo necessário para exposição e aplicação da proclamação do Evangelho.

No processo da exposição bíblica, o labor exegético leva em consideração molduras maiores. O método histórico-gramatical trabalhado pelos reformadores, atualmente conta com recursos apurados na teologia bíblica⁵⁷⁹, que produzem a moldura histórica da redenção, trazendo o sentido de Cristo em toda a Escritura. O contexto histórico⁵⁸⁰ da teologia bíblica tem se mostrado um caminho essencial para

⁵⁷⁸ MANATSCH, Scott M. **The Reformation and the Irrepressible Word of God**. interpretation, theology and practice. Illinois: InterVarsity Press, 2017. p. 25. (Edição do Kindle).

⁵⁷⁹ “A teologia bíblica fornece o meio de lidar com passagens problemáticas da Bíblia relacionando-as à mensagem única da Bíblia. O desenvolvimento do evangelho em toda a Escritura. A teologia bíblica é um meio de examinar um acontecimento específico em relação ao quadro completo. A teologia bíblica nos habilita a enxergar a nós mesmos em relação aos acontecimentos remotos das narrativas da Bíblia. A teologia bíblica nos capacita a relacionar qualquer história bíblica com a mensagem inteira da Bíblia e, portanto, conosco mesmos. A teologia bíblica mostra a relação de todas as partes do Antigo Testamento com a pessoa e a obra de Jesus Cristo e, portanto, com o cristão. A teologia bíblica permite mapear a unidade da Bíblia examinando a sua mensagem como um todo. A teologia bíblica é essencial para a hermenêutica. A interpretação correta da Bíblia pressupõe algum tipo de conhecimento bíblico-teológico. A teologia bíblica estabelece a Bíblia como a Palavra de Deus para nós hoje e não como apenas um registro histórico interessante. Hamurabi, rei da antiga Babilônia, é famoso pelo seu código de leis. Assim como qualquer texto, essas leis precisam de interpretação para entendermos o seu significado. Podemos até perguntar como essas leis influenciaram os conceitos modernos de lei, se é que influenciaram, e, portanto, como nos afetaram. Quando, porém, examinamos as leis de Deus dadas a Israel por meio de Moisés, nós as entendemos como parte da revelação total de Deus, que culminou com a vinda de Jesus Cristo. Provê a base para a interpretação de qualquer parte da Bíblia como a palavra de Deus para nós”. GOLDSWORTHY, Graeme. **Introdução à Teologia Bíblica**: o desenvolvimento do Evangelho em toda a Escritura. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 412-413. (Edição do Kindle).

⁵⁸⁰ “Cinquenta anos atrás, haveria pouca demanda para as discussões deste livro entre instrutores ou pastores evangélicos de pregação. Poucos esperavam ou desejavam que a disciplina da teologia bíblica causasse uma grande repensação de nossas abordagens à pregação. Embora a

abordagem dessa disciplina para unificar todas as Escrituras em torno da mensagem da obra redentora de Jesus Cristo tenha inspirado os pais da igreja, energizado a pregação da Reforma e capacitado grandes despertares do evangelho neste país, o trem redentor estava fora dos trilhos. Teólogos liberais haviam sequestrado aspectos-chave da teologia bíblica, tornando os evangélicos céticos ou opostos ao seu uso. Então, o trabalho pioneiro de instrutores de pregação como Sidney Greidanus, Edmund Clowney e John Sanderson lembrou aos pregadores do final do século XX que a unidade das Escrituras não poderia ser descartada sem prejudicar nossa compreensão de seus detalhes. Eles apontaram para os pais da igreja primitiva que levaram a sério o que os evangelhos dizem sobre "todas as Escrituras" que revelam o ministério de Cristo (por exemplo, Lucas 24: 27; João 5: 39). Esse insight foi abusado, de uma maneira que agora é óbvia para nós, pelo alegorismo antigo que procurava fazer Jesus aparecer "magicamente" em toda passagem bíblica através de acrobacias exegéticas que ampliavam a lógica, a imaginação e a credulidade. Lutero e Calvino, entre outros, reconheceram os abusos e tentaram oferecer correções. As distinções do evangelho da lei de Lutero e as incursões de Calvino em unificar os Testamentos foram imperfeitas, mas importantes excursões para revelar a mensagem redentora que culmina nas Escrituras. Os escritos de Bullinger, Oecolampadius e Beza nas décadas próximas ajudaram a refinar e sistematizar uma perspectiva bíblica que deveria ter estabelecido o padrão para a interpretação redentora nas épocas seguintes. Infelizmente, as batalhas contra-Reforma relacionadas à natureza da igreja, justificação e sacramentos eclipsaram a discussão de como a unidade da mensagem redentora das Escrituras deveria guiar nossa pregação. Mais tarde, os reformadores holandeses revisitariam a teologia bíblica e influenciariam os puritanos, que retomaram a discussão através de pensadores-chave como Jonathan Edwards. Sua busca por entender como as "afeições" religiosas foram estimuladas pela graça do evangelho levou a uma proposta de escrever uma história de redenção que unificou toda a Bíblia - um projeto que foi interrompido por sua morte prematura. A disciplina adormecida agitou-se novamente através dos escritos de Geerhardus Vos, mas declinou rapidamente em favor evangélico, quando os teólogos liberais usaram aspectos selecionados da teologia bíblica para minar a veracidade das Escrituras. Eles argumentaram que, assim como a "trajetória" das escrituras do Antigo Testamento apontava para um Cristo além das expectativas antigas, os pregadores modernos podiam apontar além do cânon das Escrituras para divulgar o "espírito de Jesus" para novos conceitos de fé e ética. Como consequência, a teologia bíblica foi usada para dispensar o claro ensino das Escrituras e advogar novas ideias além dos limites canônicos. Em essência, a teologia bíblica tornou-se uma arma do "liberalismo" na "batalha pela Bíblia" modernista / fundamentalista do início do século XX e tornou-se um inimigo percebido do cristianismo conservador. Somente depois que o evangelicalismo ganhou terreno mais firme nas décadas de 1960 e 1970, as principais vozes começaram a lembrar a igreja que crê na Bíblia das implicações de longo alcance de nossa convicção de que a interpretação adequada de qualquer texto exige consideração pelo seu contexto. Esse contexto inclui não apenas seu cenário literário e histórico, mas também seu lugar no plano redentor de Deus. Disciplinas exegéticas e doutrinárias começaram a registrar a importância da unidade orgânica das Escrituras para uma boa interpretação, e essas ideias inevitavelmente afetaram nossa abordagem à pregação. No campo da homilética, os defensores da teologia bíblica que choram no deserto há décadas encontraram uma nova defesa nos sermões de pregadores como Don Carson, Joel Netherhood, Sinclair Ferguson, John Piper, Steve Brown, James Montgomery Boice, Skip Ryan, Tony Merida, Jerry Bridges, Ray Ortlund, Joe Novenson, David Calhoun, Danny Akin, Ray Cortese e, principalmente, Timothy Keller. Alguns pregaram por instinto por infundir graça em suas mensagens; outros tiveram abordagens mais sistematizadas. Alguns eram advogados consistentes; outros sentiram o caminho a seguir de maneira mais hesitante. Mas todos contribuíram para um movimento que agora ultrapassou quaisquer limites acadêmicos, denominacionais ou geracionais previstos. Desde então, os movimentos homiléticos convergiram com as correntes nas disciplinas exegéticas e teológicas, de modo que é quase impensável que um novo comentário sobre qualquer parte das Escrituras falhe em contextualizar seu conteúdo dentro do fluxo redentor da história bíblica. Agora, mesmo que os pregadores do ensino fundamental não tenham certeza de como pregar uma passagem específica de forma redentora, eles têm antenas sensíveis para detectar sermões que são meros desafios moralistas a serem evitados". GIBSON; KIM, 2018, p. 178.

o método da pregação histórico redentiva.⁵⁸¹ Grant Osborne destaca que o “propósito das Escrituras não é explicação, mas exposição; não é descrição, mas a proclamação.”⁵⁸² O que o professor Osborne descreve é que o processo hermenêutico tem como objetivo o próprio sermão e conseqüente significação para os nossos dias. Citando Walter Liefeld, ele diz que “o verdadeiro objetivo do empreendimento hermenêutico é o significado e significação, essenciais à exposição.”⁵⁸³

Diante da afirmação da impossibilidade do uso da pregação expositiva no meio batista brasileiro em detrimento da diversidade confessional (que é fruto do argumento da diversidade das tradições do Novo Testamento), a presente tese tratará de tal possibilidade da exposição bíblica.

Para a defesa da possibilidade, buscará o pressuposto teológico no reformador Calvino com contribuições do neo-calvinismo holandês no tocante à pregação histórico-redentiva e aportes na abordagem da multiperspectiva. Kevin Vanhoozer nos ajudará com a hermenêutica do drama da redenção (que é a ideia sobreposta da teologia “canônico-linguística”, que está no coração da hermenêutica da história da redenção). Os recursos interpretativos de Calvino aliados à Vanhoozer - aspectos do diálogo entre intenção autoral e leitor/ouvinte (drama da redenção), evita os extremos da modernidade e pós-modernidade, e torna mais robusta o uso da autoridade bíblica defendida por Calvino e a pregação histórico-redentiva tratada pelos holandeses.

A defesa da possibilidade gira em torno da ideia da metanarrativa que as contribuições acima defendem. A defesa da necessidade gravita em torno da percepção da adesão de muitos púlpitos aos ideais das narrativas como fundamento

⁵⁸¹ “A revelação está inseparavelmente ligada à atividade de redenção. A Revelação é a interpretação da redenção. A pregação centrada em Cristo, entendida corretamente, não procura descobrir onde Cristo é mencionado em todo texto bíblico, mas divulgar onde cada texto se encontra em relação ao ministério de Cristo. O objetivo do pregador não é encontrar novas maneiras de fazer Jesus aparecer em todo texto (não precisamos de uma varinha mágica ou um anel decodificador para interpretar as Escrituras), mas mostrar como cada texto manifesta a graça de Deus para preparar e capacitar seu povo a abraçar a esperança fornecida por Cristo. Em seu contexto, toda passagem possui um ou mais dos quatro focos redentores (que não precisamos manter estritamente segregados para nosso entendimento). O texto pode ser: preditivo da obra de Cristo, preparatório para a obra de Cristo, resultante da obra de Cristo, e, ou, reflexo da obra de Cristo”. CHAPPELL, Bryan. *Visão histórica Redentiva para a Pregação*. In: GIBSON, Scott M.; KIM, Matthew D. **Homiletics and Hermeneutics. Four Views on Preaching Today**. Grand Rapids, MI, EUA: Baker Academic, 2018. p. 178 (Edição do kindle).

⁵⁸² OSBORNE, 2009, p. 36.

⁵⁸³ OSBORNE, 2009, p. 37.

das pregações, e o conseqüente relativismo e subjetivismo, fazendo com que o povo de Deus não seja alimentado pela Palavra redentora, mas por expectativas antropocêntricas advindas da linguagem de fé tratada no culto terapêutico, conforme a análise de Philip Rieff.

O método hermenêutico histórico-gramatical para a pregação é a base de interpretação de João Calvino.⁵⁸⁴ Conforme lembra Herminsten Maia, a abordagem e preocupação de Calvino era “pastoral e não especulativa, tendo como base o a revelação das Escrituras, através da qual poderia melhor interpretar, expressando o sentido do texto à luz de toda a Escritura, em submissão ao Espírito.”⁵⁸⁵ Num contraste à hermenêutica de Lutero, Calvino:

[...] enfatizou a unidade das Escrituras, segundo a qual o Antigo Testamento deveria ler em seu sentido histórico ou literal, mas à luz de sua crença de que o Evangelho seria encontrado nos dois Testamentos, latente em um e patente no outro. A lei deveria ser levada a sério, relida e aplicada à luz de toda a Escritura que culminava no Evangelho. Calvino rebateu os dois reinos hermenêuticos de Lutero, enfatizando a obrigação das autoridades civis cristãs de aplicar a lei no mundo à luz do evangelho.⁵⁸⁶

A pregação histórico-redentiva⁵⁸⁷, embora tenha uma relação à dieta da hermenêutica e pregação de Calvino, ganhou um reforço na teologia bíblica vista na pregação neocalvinista:

[...] frequentemente associada a uma forma específica de conteúdo do sermão. A hermenêutica histórico-redentora exemplificada por Geerhardus Vos fornece muitas pregações neocalvinistas com uma maneira particular de conectar textos bíblicos ao evangelho de Cristo.⁵⁸⁸

⁵⁸⁴ As Institutas tinham como objetivo remover todas as falsas pressuposições racionalistas, moralistas, antropocêntricas e idólatras como consequência da queda, colocando em lugar delas o esboço bíblico do verdadeiro conhecimento de Deus e de nós mesmos, que revela a nossa incapacidade como pecadores e a soberania e graça do Senhor. Visa, portanto, ao invés de impor uma interpretação da Bíblia de fora para dentro, fazer exatamente o oposto – desmascarar e explodir as falsas ideias das quais emanam interpretações impostas, de tal modo que a Bíblia seja livre para interpretar-se para nós de dentro para fora, e nós mesmos sejamos livres para escutar e receber a sua própria mensagem sem distorções e sem perturbação. PACKER, 2002, p. 10.

⁵⁸⁵ COSTA, 2006, p. 46.

⁵⁸⁶ EDWARDS JR.; SANDERS, 1995, p. 177.

⁵⁸⁷ “A crucificação de Jesus Cristo é o eixo em torno do qual gira a revelação bíblica. Juntamente com a ressurreição de Cristo, a crucificação é o ápice da história da redenção. Todas as coisas anteriores previam-na e foram planejadas por Deus para estabelecê-la e fazê-la acontecer da maneira certa, no tempo certo. Todas as coisas ocorridas depois da morte de Jesus derivam da cruz o seu significado e importância”. ASCOL, Thomas K. Redenção Definitiva. In: PARSONS, Burk (Ed.). **João Calvino: Amor à Devoção, Doutrina e Glória de Deus**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010. 179.

⁵⁸⁸ EGLINTON, 2017, p. 52.

A diversidade confessional não seria o grande entrave para o uso do método expositivo no meio batista brasileiro, mesmo porque, conforme argumentado no primeiro capítulo, a teologia da Reforma tem uma ligação intensa com os batistas ingleses do século XVII se estendendo até os dias atuais. O entrave é o relativismo, reducionismo e subjetivismo vindo tanto do período moderno quanto do pós-moderno e do pseudo-problema quanto à unidade e diversidade do Novo Testamento e conseqüentemente o uso da diversidade denominacional como limite intransponível ao uso da exposição bíblica. A suposta falta de harmonia nesse contexto, “afeta tanto a teologia bíblica, como a sistemática”⁵⁸⁹, assim como a pregação na área da teologia prática, que precisa de todas as categorias teológicas para o seu desenvolvimento. Achar o ponto de equilíbrio da hermenêutica e pregação no ambiente atual de desconstrução (frutos do novo criticismo literário) é um grande desafio para a atualidade. Nesse sentido, Kevin Vanhoozer realça Calvino para hoje e oferece uma hermenêutica de intermediação:

Ser canônico e ser católico são duas questões primordiais na análise da teologia canônico-linguística. Ser católico é ser igreja no sentido do povo de Deus como um todo. A unidade evangélica é compatível com a diversidade católica, onde o termo bíblico e teológico Evangélico é a ideia central e católico, algo que acrescenta um qualificador antirreducionista crucial, o qual proíbe que algum receptor isolado do Evangelho se torne superior aos outros. A igreja como receptora não é igual ao Evangelho, sem erros. A diversidade – pode ser positiva e enriquecedora, a menos que a divergência se endureça, e torne o caminho percorrido totalmente distinto.⁵⁹⁰

Sobre o evangelho e o drama, Watkins diz que:

[...] na ideia do evangelho como a metanarrativa abrangente, dramática e pactual, temos a chave hermenêutica das Escrituras. O drama que se desenrola da redenção dentro do cânon é o que dá às Escrituras sua forma, função e voz autoritária.⁵⁹¹

Assim como temos uma unidade na diversidade no contexto do Novo Testamento que nos livra do argumento relativista, subjetivista ou reducionista bíblico, temos na diversidade confessional um argumento que não pode anular a possibilidade da exposição bíblica, pois ela parte da unidade na metanarrativa da história da redenção. “Embora a teologia deva interagir com a linguagem do presente e questões contemporâneas, ela deve ser controlada pelos dados

⁵⁸⁹ CARSON, 2001, p. 14.

⁵⁹⁰ VANHOOZER, 2016a, p. 45.

⁵⁹¹ WATKINS, 2016, p. 55.

bíblicos.”⁵⁹² A crise atual é fruto de uma produção teológica que não visa a edificação da igreja e a glória divina no mundo; por outro lado, advém de influências indiretas do pragmatismo que invade paulatinamente os motivos da adoração do povo de Deus.

A “ideia sobreposta da teologia ‘canônico-linguística’ (que está no coração da hermenêutica da história da redenção), faz justiça à unidade pactual das Escrituras [...]”⁵⁹³ A validade da exposição bíblica no campo interdenominacional se aplica com essa postura conciliar de metanarrativa. O Evangelho segundo São Lucas (Lc 24.27) e o Evangelho segundo João (5.39) contêm a base daquilo que dever ser comunicado no ato proclamatório, o Evangelho.

Essa chave hermenêutica para a validade da exposição bíblica no meio batista brasileiro parte do princípio de que o intérprete deve confiar em que o “conhecimento literário e o entendimento são possíveis, mas não pode ser levado a pensar que atingir o entendimento é algo fácil. Ao contrário, deve ser incentivado a continuar perseverando nessa busca.”⁵⁹⁴ Uma batalha de desconfiança com os próprios pressupostos, mas de confiança no tocante à existência de uma metanarrativa válida, trará o ambiente necessário para o desenvolvimento da exposição bíblica nesse contexto.

O processo metanarrativo apresenta aspectos literários comuns. Desconsiderar os aspectos literários de um texto é como dizer que a história é uma fábula e que “nenhum esclarecimento pode transmitir o significado que é objeto de comunicação.”⁵⁹⁵ Sobre a hermenêutica ortodoxa e as hermenêuticas da ortopraxia, Gerald Bray descreve que:

A interpretação tradicional e ortodoxa começa com a Bíblia e aplica o ensino na realidade contemporânea. A hermenêutica da ortopraxia começa com os problemas reais que as pessoas enfrentam, fazendo da relevância o único critério de interpretação.⁵⁹⁶

Essa inversão hermenêutica traz riscos como o da subjetividade, do relativismo e de uma anarquia interpretativa do ouvinte. Uma proposta da validade da exposição bíblica no ambiente batista brasileiro, partindo da metanarrativa do

⁵⁹² CARSON, 2001, p. 52.

⁵⁹³ WATKINS, 2016, p. 25.

⁵⁹⁴ VANHOOZER, 2005, p. 543.

⁵⁹⁵ OSBORNE, 2009, p. 603.

⁵⁹⁶ BRAY, Gerald. **História da Interpretação Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 514.

Evangelho, traz o verdadeiro espírito da Reforma protestante: um indicador confiável de uma boa hermenêutica protestante é se ela possibilita a Reforma.”⁵⁹⁷ Fred Craddock⁵⁹⁸ e Eugene Lowry⁵⁹⁹, representantes da nova homilética⁶⁰⁰, fruto das novas hermenêuticas, “propuseram que o sermão fosse pregado em resposta a uma pergunta ou a um problema. Craddock fazia do problema o sentido real do texto. Lowry preferia alguma necessidade percebida pessoal da vida do ouvinte.”⁶⁰¹

Reiterando, o objeto da presente tese não é oferecer contrapontos à nova homilética, mas trabalhar uma hermenêutica com suporte em Cavino e Vanhoozer, para fundamentar o uso da exposição bíblica teodramática no contexto batista brasileiro. A dinâmica pós-moderna no ambiente descrito aponta para uma análise que requer um ajustamento metanarrativo que servirá para amenizar um problema desenvolvido pelos círculos liberais e por muitas novas hermenêuticas: ofuscaram ou tiraram a metanarrativa redentiva advinda do conceito de revelação trinitariana, substituído por uma abordagem evolutiva de conhecimento da Bíblia, que gerou um clima atual de desconfiança ao texto antigo e reducionismos interpretativos acerca da recepção de textos do antigo para o Novo Testamento e de toda a Escritura para os dias atuais. Carson fala que esse conceito de evolução bíblica, destituído de compromisso com a cosmovisão cristã, foi cunhado, a princípio, em:

⁵⁹⁷ VANHOOZER, 2005, p. 544.

⁵⁹⁸ CRADOCK, Fred.

⁵⁹⁹ LOWRY, Eugene L. **The Homiletical Plot. The Sermon as Narrative Art Form**. Atlanta. John Knox Press, 1980.

⁶⁰⁰ “O século XX parece ter visto mais mudanças do que a maioria dos séculos anteriores juntos. Do mesmo modo, tem havido maior variedade nos tipos de pregação desenvolvidos nessas últimas décadas do que em todos os períodos anteriores. Afinal, a homilia era quase a única forma disponível para mais da metade da era cristã, e o sermão temático era o único outro grande desenvolvimento antes da Reforma. “Durante a primeira metade deste século, John A. Broadus, Sobre a Preparação e Entrega de Sermões, dominou o ensino da homilética... Somente em 1958 seu domínio foi seriamente desafiado”. O projeto para pregar de H. Grady Davis, em 1958, ainda estava sendo usado por mais da metade dos professores de homilética pesquisados em 1974. Dez anos depois, no entanto, a situação havia mudado completamente novamente. A participação de Davis no mercado era menos de um quarto do que havia sido, com oito outros livros indo tão bem ou melhor, mas nenhum deles foi usado por até um sétimo dos entrevistados em um questionário sobre o assunto. Tudo isso sugere que a maioria dos novos movimentos de homilética relatados começou após a Segunda Guerra Mundial e, de fato, a partir da era do Vietnã. Um corolário disso é que os novos tipos de pregação pesquisados estão intimamente ligados às mudanças que ocorrem na sociedade em geral. Para refletir essas mudanças, os capítulos adiante tratarão de oito áreas de desenvolvimento homilético: (1) aconselhamento pastoral por meio da pregação, (2) o impacto da teologia bíblica, (3) a influência do movimento litúrgico, (4) o surgimento da pregação afro-americana na cultura majoritária, (5) novas formas de pregação de protesto social, (6) os resultados homiléticos da ampla abertura da ordenação às mulheres, (7) mudanças na pregação evangélica e (8) as tendências referidas coletivamente como “o novo homilético.” 34

⁶⁰¹ KELLER apud LONG, Thomas G. **Pregação**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 282.

[...] círculos liberais para descrever uma abordagem evolutiva à compreensão da Bíblia, foi adotado por círculos hermenêuticos conservadores com o nome de “revelação progressiva”, ou seja, a revelação de Deus em acontecimentos e nas Escrituras, com morte-ressurreição-exaltação de Jesus Cristo, e culminando as Escrituras com o fechamento do cânon. O resultado é que os caminhos e propósitos de Deus foram progressivamente cumpridos não apenas em eventos redentivos, mas também na explanação registrada nas Escrituras. A revelação anterior prepara o caminho para a posterior, a posterior leva a revelação adiante e, de alguma forma, explica a anterior.⁶⁰²

A afirmação anterior de Carson acerca dos propósitos e caminhos de Deus não terem sido progressivamente cumpridos apenas em eventos redentivos, mas também na explanação registrada nas Escrituras, move-nos à percepção clara pós-moderna de um púlpito batista que desconfia do uso da exposição bíblica para fundamentar a proclamação redentiva. Entre outras consequências, essa desconfiança faz com que o pregador e ouvinte sejam fundamentados mais pelas experiências do que pela metarrativa redentiva aplicada no dia a dia.

[...] essencial para qualquer trabalho de pregação o respeito pelo texto antigo e a relevância para o ouvinte de hoje. Não podemos desprezar o ensino e a comoção (mover as pessoas a que transformem suas vidas, para a glória de Deus com a Palavra de Deus.⁶⁰³

Vanhoozer destaca:

A graça tem importância material (soteriológica) e formal (hermenêutica). O texto bíblico e seus intérpretes estão envolvidos na economia da comunicação trina. Lutero resiste à ideia de que lemos a Bíblia como outro texto qualquer. A Escritura tem prioridade sobre leitores e ouvintes. Segundo Oswald Bayer “o teólogo é interpretado pela Escritura Sagrada e se deixa interpretar por ela.⁶⁰⁴

O método adotado apresenta fatores importantes para a discussão da validade da pregação expositiva no batista brasileiro, servindo também como antídoto contra o anticonfessionalismo pós-moderno. O anticonfessionalismo atual no seio batista brasileiro é fruto da falsa premissa de que como não temos como harmonizar as tradições contidas nos textos bíblicos. Por não entenderem que a tradição visa subscrever a própria Escritura Sagrada como fonte de fé e prática, autoritativa, para que haja até mesmo uma contínua verificação dos próprios pressupostos, os batistas no Brasil estão perdendo de vista o princípio da *sol*

⁶⁰² CARSON, 2001, p. 54.

⁶⁰³ KURUVILLA, Abraham. **O Texto Primeiro**: uma hermenêutica teológica para a pregação. São Paulo. Cultura Cristã, 2017. p. 23.

⁶⁰⁴ VANHOOZER, 2017, p. 70.

scriptura. A consequência mais drástica acontece na pregação e conseqüentemente na formação da identidade do povo de Cristo.

3.9 CONTORNOS DA HERMENÊUTICA TRINITARIANA EM VANHOOZER PARA A ABORDAGEM EXPOSITIVA TEODRAMÁTICA

O movimento hermenêutico influencia a teologia como um todo, e conseqüentemente a pregação, entre a modernidade e pós-modernidade, tem a dinâmica: intenção autoral – texto – leitor/ouvinte. Nesse contexto, temos cinco modelos de pregação que a contemporaneidade apresenta, envolvendo a amplitude denominacional, são apresentas por Stephen I. Wright da seguinte forma: “expositiva, reapresentação, narrativa, litúrgica e teológica local.”⁶⁰⁵ Além desse movimento geral, temos um movimento específico que acontece no meio conservador: “1. Bryan Chapell⁶⁰⁶ (histórica redentora); 2. Abraham Kuruvilla, (abordagem teológica crística (pericopal); 3. Kenneth Langley (teocêntrico); e 4. Paul Scott Wilson, professor de perspectiva do evangelho da lei.”⁶⁰⁷ Em que medida a exposição bíblica teodramática pode ser um aporte de mediação entre esses modelos?

Na obra “A Trindade, As Escrituras e a Função do Teólogo”, Vanhoozer:

[...] trata do Deus que falou e agiu mostrando que o desafio em entender a hermenêutica trinitariana é unir transcendência e imanência à soberania e relacionamento. O foco trinitariano é um culto livre de idolatria, pois é direcionado para Deus, cuja natureza e qualidade vêm da compreensão teológica e dignidade de quem é adorado.⁶⁰⁸

⁶⁰⁵ WRIGHT, 2005, p. 620.

⁶⁰⁶ GIBSON; KIM, 2018, p. 178. “A revelação está inseparavelmente ligada à atividade de redenção. A revelação é a interpretação da redenção.” A pregação centrada em Cristo, entendida corretamente, não procura descobrir onde Cristo é mencionado em todo texto bíblico, mas divulgar onde cada texto se encontra em relação ao ministério de Cristo. O objetivo do pregador não é encontrar novas maneiras de fazer Jesus aparecer em todo texto (não precisamos de uma varinha mágica ou um anel decodificador para interpretar as Escrituras), mas mostrar como cada texto manifesta a graça de Deus para preparar e capacitar seu povo a abraçar a esperança fornecida por Cristo. Em seu contexto, toda passagem possui um ou mais dos quatro focos redentores (que não precisamos manter estritamente segregados para nosso entendimento). O texto pode ser: preditivo da obra de Cristo | preparatório para a obra de Cristo | resultante da obra de Cristo e / ou reflexo da obra de Cristo.

⁶⁰⁷ GIBSON; KIM, 2018, p. 179.

⁶⁰⁸ VANHOOZER, 2016b, p. 13-39.

No contexto do culto e adoração, Vanhozer usa o termo “moralismo terapêutico”, citando a obra de Christian Smith, como a crença de que Deus deseja que as pessoas se sintam bem⁶⁰⁹”, no entanto, trabalharemos no capítulo terceiro com o conceito do “trunfo terapêutico” trabalhado por Philip Rieff para mostrar o contexto da adoração pública na igreja batista no Brasil e a respetiva proposta da exposição bíblica teodramática como norteadora do culto.

O desafio para Vanhozer é “pensarmos sobre Deus bíblicamente, ou seja, escolher entre o Evangelho ou a filosofia grega. O argumento de Vanhoozer é que os teólogos evangélicos vivem na casa que Tomás de Aquino construiu”.⁶¹⁰ Ao citar a Reforma, o autor mostra que:

[...] esforço principal foi tratar da questão da doutrina da salvação e das Escrituras e não de um entendimento da filosofia grega. Lutero e Calvino trazem descrições teístas tradicionais do ser e atributos de Deus como um ser pessoal que se relaciona por meio de alianças.⁶¹¹

É importante salientar que “Vanhoozer não usa Calvino de modo a contrariá-lo, mas apenas reforça sua ontologia do ser de Deus e sua forma de se relacionar com a humanidade, se comunicando em toda a história e hoje.”⁶¹² Logo abaixo, exporemos um quadro comparativo com contribuições de Mary Paton sobre a ontologia comunicativa de Calvino e Vanhoozer, mas desde já, respaldaremos o que Calvino trata em suas obras acerca do tema. Sua ontologia comunicativa parte da cosmovisão cristã ou metanarrativa, também chamada de grande história redentiva, usando as bases trinitária e cristológica para fundamentar o relacionamento de Deus com o homem:

Também, pelo mérito de sua morte, pagou nossas dívidas para com a justiça de Deus e apaziguou sua ira (Efésios 2.3-5). Ele nos redimiu da maldição e do juízo que nos aguilhoavam e, em seu corpo, a punição do pecado, de modo que nos absolveu dele (Colossenses 1.21-22). Descendo à terra, ele trouxe consigo todas as ricas benesses celestiais e, com uma dadivosa mão, ele no-las exibiu (João 1.14-16; 7.38; Romanos 8.14-17). Essas são dádivas do Espírito Santo. Através dele, renascemos, arrancados

⁶⁰⁹ VANHOOZER, 2016b, p. 13-39.

⁶¹⁰ VANHOOZER, 2016b, p. 13-39.

⁶¹¹ VANHOOZER, 2016b, p. 13-39.

⁶¹² BAKER, 2015, p. 2439-3030.

do poder e das cadeias do diabo; graciosamente nos adotou como filhos de Deus, santificados para toda boa obra.⁶¹³

A partir da doutrina da união com Cristo, respaldada na justificação e santificação, o reformador constrói seu entendimento do relacionamento trinitário através do Espírito Santo. Para ele, “em suma, se participarmos de Cristo, nele possuiremos todos os tesouros e dons celestiais do Espírito Santo, os quais nos conduzem à vida e à salvação.”⁶¹⁴

Nesse processo, a partir da e em especial atenção no processo da santificação, Calvino mostra mais um passo de como ele enxerga a comunicação divina com o homem. Em resposta aos que o acusavam de abolir as boas obras, diz: “Não negamos as boas obras, mas declaramos que aquelas que são boas procedem de Deus, e devem ser creditadas a ele, porque Paulo chama todas essas obras de “os frutos do Espírito de Deus” (Gálatas 5.22-23).⁶¹⁵” O processo divino-comunicativo na santificação, conforme Calvino, deixa claro que a primeira graça manifesta na justificação, continua agindo na santificação, impedindo que a co-participação nas boas obras se tornem meritocráticas.

Por fim, o processo comunicativo de Calvino entra nos aspectos eclesiológicos. A igreja, como criação do Espírito, é sustentada pela Palavra inspirada. Calvino dizia que a verdadeira fé cristã sempre se “recorre à Palavra de Deus, com a qual ela tem afinidade e correlação que não poderá ser bem avaliada fora dela.”⁶¹⁶ Essa Palavra pregada com a ceia, devidamente administrada, são os dois elementos finais na ontologia comunicativa de Calvino. Para ele, sem a “iluminação do Espírito Santo, só a Palavra não dá real proveito”. Ao comentar Efésios, 1.3, ele diz que a “pregação é o instrumento da fé, pois o Espírito torna a pregação eficaz.”⁶¹⁷

Na obra de Vanhoozer, a ontologia comunicativa usa a terminologia “comunicacional canônico,” mostrando que “a ação comunicativa do Deus trino se dá com pessoas que tem histórias ao contrário de objetos inanimados.”⁶¹⁸

⁶¹³ CALVINO, João. **Institutas da Religião Cristã**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2018. p. 632. (Edição do Kindle).

⁶¹⁴ CALVINO, 2018, p. 644.

⁶¹⁵ CALVINO, 2018, p. 1199.

⁶¹⁶ CALVINO, 2006, p. 8, v. 2.

⁶¹⁷ CALVINO, João. **Comentário de Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses**. São José dos Campos: Editora, 2010. p. 36.

⁶¹⁸ VANHOOZER, 2016b, p. 13-39.

Aparentemente, para leitores desavisados do autor, transparece que ele esteja falando de algum tipo de nova hermenêutica, mas na verdade, ele trabalha uma postura que intermedia o conflito entre objetivismo e subjetivismo, modernidade e pós-modernidade.

Ainda na primeira obra citada de Vanhoozer, quando ele trata de Calvino e o conceito de revelação geral e a especial como o modo de alcançar o verdadeiro conhecimento de Deus (Escrituras e iluminação do Espírito Santo), ele afirma que “os reformadores questionaram a linhagem bíblica do teísmo clássico, mas somente revisaram, não rejeitando.”⁶¹⁹ O quadro a seguir, baseado no referido autor, mostra a evolução até os dias atuais com a recuperação da teologia trinitariana:

Quadro 1 - evolução – teologia trinitariana

Teólogos medievais	Reformadores	Século XVII	Filosofia Moderna	Século 19 e 20	Neo-ortodoxia	Karl Henry	Final do século XX
Buscam entendimento	Vontade soberana combinada com concepção newtoriana mecanicista da ciência	Debate com ciências naturais que estavam em busca de explicação	Deus = substância imaterial.	Schleiermacher – tradição questionada; era da imanência – doutrina de Deus com barro e palha da experiência humana.	Deus se revela em Jesus mas não revela informações sobre si.	Revelação é propositiva, intelectual, existencial – acima de todas as cosmovisões.	Equilíbrio de transcendência e imanência ou forma aberta de teísmo aberto.
	Deus passou a ser visto como um princípio de explicação metafísica do que uma pessoa a ser adorada.		Sujeito único; causa primeira;	Baseado em Kant – não podemos conhecer a Deus a não ser quando é experimentado.		Teísmo bíblico é o axioma ontológico do Deus vivo (Deus existe) + axioma epistemológico da revelação divina (Deus fala e revela)	Ímpeto contemporâneo – repensar o teísmo clássico.
			Substância racional causadora	Bíblia – repositório de experiência religiosa humana.			Recuperação da teologia trinitária.
				Século XX – do teísmo para o panteísmo			

Fonte: elaborado pelo autor, conforme obra de Kevin Vanhoozer.⁶²⁰

Vanhoozer trabalha a teologia trinitariana e defende como uma forma de recuperação da tradição:

Deus do Evangelho que se revelou em Jesus Cristo por meio das Escrituras. Os estudos falam mais sobre existência, natureza e atributos de Deus do que sobre sua identidade (quem Ele é). As Escrituras nos mostram

⁶¹⁹ VANHOOZER, 2016b, p. 13-39.

⁶²⁰ VANHOOZER, 2016b.

Deus que diz e faz. A teologia trinitariana redescoberta em Barth, deixada em apêndice por Schleiermacher, não é abstrata, mas a resposta da igreja à revelação de Deus na história e nas Escrituras. Desafia-nos a conhecer melhor além dos gráficos, nos levando a ouvir histórias vendo-as em ação, isto é, precisamos entender a natureza de Deus, conhecendo melhor sua pessoa a partir dos atos redentores e reveladores, vivendo Deus além da hermenêutica cultural. A trindade oferece recursos que vão além dos conceitos sistemáticos; a partir do próprio ser e das relações.⁶²¹

O culto público em muitas igrejas batistas atuais, revelam uma busca frenética por experiências, numa linguagem de fé, contudo, sem fundamentos nitidamente cristãos. A proposta da recuperação da teologia trinitária, “além de recuperar a catolicidade, o faz de modo canônico, trazendo uma visão de Deus não genérico.”⁶²² Para Vanhoozer, a principal questão da teologia é:

[...] sobre a identidade do Deus adorado. A adoração prepara o povo para ver a Deus, o mundo e nós mesmos, com recursos que instrumentalizam para o serviço. O Deus do Evangelho difere de ideias culturalmente condicionadas. A boa notícia é que Deus agiu e falou. O Evangelho não é filosofia ou sistema moral, mas teodrama.⁶²³

O nosso desafio a partir de agora é traduzir a hermenêutica trinitariana para o púlpito expositivo, mostrando que, a partir da adoração pública norteada por uma exposição bíblica teodramática, podemos viver os conceitos teológicos sobre Deus com relações vivas. Isso tudo mostra que a palha da linguagem de fé trabalhada por cultos terapêuticos que buscam o sentimento (ser agradado), pode e deve ser norteado por algo que agrada a Deus e leva o homem a ir além dos próprios sentimentos e desejos religiosos. A adoração devida a Deus é a verdadeira experiência e alimento supridor do homem pós-moderno.

Em “Quadros de uma Exposição Teológica”, Vanhoozer destaca que a “religião privatizada na ênfase ao individualismo, traz apelos à Palavra de Deus como justificativa para sua concepção”.⁶²⁴ No capítulo quatro, exploraremos essa linguagem de fé, conforme a investigação de Philip Rieff do culto terapêutico. Quando Vanhoozer trabalha o fator litúrgico da chamada à adoração, destaca que:

[...] “em espírito e em verdade” possui a dimensão do conhecimento objetivo e dimensão experiencial com o objetivo da piedade e sinceridade que é uma qualidade subjetiva de devoção. O descrito em João capítulo quatro não diz

⁶²¹ VANHOOZER, 2016b.

⁶²² VANHOOZER, 2016b.

⁶²³ VANHOOZER, 2016b.

⁶²⁴ VANHOOZER, 2018, p. 122.

respeito a uma adoração solitária, mas uma fé de um novo povo, o corpo de Cristo.⁶²⁵

O resgate da teologia trinitariana tratado por Vanhoozer na primeira obra descrita, remete à adoração devida na tensão entre modernidade e pós-modernidade:

O contexto contemporâneo coloca as ideias de Deus (teologia) contra a experiência de Deus (adoração). Kant combinava insights dos (racionalistas/empirista) para defender que o conhecimento envolve de modo necessário, ideia e experiência. A adoração com base nos ditos de Jesus (Jo 4) leva-nos a perceber que ideias de Deus sem a experiência devocional são vazias e experiências sem ideias são cegas; logo, teologia sem adoração é vazia. A descrição de adoração (Jo 4) é um salto maior no sentido de ela ser mais como a teologia e a teologia mais como a adoração, pois ambas dizem respeito à verdade objetiva e à relação correta com a verdade. Em Jo 4, espírito e verdade visa os dois problemas endêmicos da adoração: hipocrisia/adoração. Verdadeiros adoradores sabem a verdade (de modo correto – pelo Filho), apegando-se afavelmente à vida eterna. O princípio racional da adoração é traduzido assim: O objeto da adoração (Jo 4.22) dita o modo da adoração (Jo 4.23), pois Deus é Espírito (Jo 4.24); logo o modo de adoração é o princípio racional da adoração, ou seja, devemos adorar em espírito e em verdade porque Deus é Espírito e Verdade.⁶²⁶

Assim sendo, considerando o resgate da teologia trinitariana para o momento atual, levando em consideração o fator canônico e a adoração como a junção das ideias de Deus (teologia) e a experiência de Deus (adoração), chegamos à exposição bíblica teodramática. Na obra de Vanhoozer “O Pastor como Teólogo Público”⁶²⁷, Guy Davies colabora com um capítulo “Perspectivas Pastorais e o Drama da Pregação”⁶²⁸, reforçando a ideia do Evangelho como teodrama. Guy trabalha a pregação teodramática sob os seguintes prismas:

1. Evangelística para inserir outros no drama; 2. Capacitadora para nos ajudar e viver o drama hoje; 3. Apresenta atos de fala de Deus imbuídos de autoridade. 4. Além de histórica-redentiva, o teodrama evita de tratarmos a pregação como um exercício de teologia bíblica, valorizando indicativos e imperativos do evangelho. 5. Relação entre Escrituras, Igreja e o Mundo; 6. O ato de proclamar a Palavra deve ser teodramático, visto que pregar é mais do que instruir, mas compreensão e experiência com a verdade pelo poder do Espírito Santo para a prática [...].⁶²⁹

⁶²⁵ VANHOOZER, 2018, p. 122.

⁶²⁶ VANHOOZER, 2016b, p. 13-39.

⁶²⁷ VANHOOZER; STRACHAN, 2016.

⁶²⁸ DAVIES, 2016, p. 229-230.

⁶²⁹ DAVIES, 2016, p. 229-230.

Guy Davies aborda os dois primeiros aspectos que Vanhoozer fala com profundidade na obra “Há um Significado neste Texto?”⁶³⁰ Os demais aspectos são abordados nas demais obras⁶³¹ do autor. Embora estejamos falando do mesmo assunto de Guy Davies, e o referido autor tenha trazido uma rica contribuição com um capítulo dentro de uma das obras de Vanhoozer, ele não explorou tudo o que pretendemos falar aqui, mesmo porque não teve essa pretensão de falar em amplitude num único capítulo. Ao usar a terminologia “exposição bíblica teodramática”, exploraremos um pouco mais os aspectos da abordagem canônico-linguística. O que norteia a tese de Vanhoozer é abordagem canônico-linguística⁶³² de Vanhoozer e a relação com a cultural-linguística, a qual o autor destaca que:

[...] a abordagem canônico-linguística tem muito em comum com sua prima, a abordagem linguístico-cultural. Ambas concordam que significado e verdade estão fundamentalmente relacionados ao uso da linguagem; no entanto, a abordagem canônico-linguística sustenta que, em última instância, o uso normativo não é o uso da cultura eclesial, mas do cânon bíblico. A abordagem canônico-linguística é recomendada aos teólogos, pois ela se volta para a prática, enfatiza a sabedoria e recupera com criatividade o uso da *sola Scriptura*.⁶³³

Assim sendo, dentro da abordagem canônico-linguística, a partir das percepções de Philip Rieff, e as inquietações surgidas, defenderemos a necessidade da exposição bíblica teodramática no contexto protestante batista brasileiro, usando a delimitação do diálogo e monólogo na comunicação cristã na adoração pública, com os aportes abordados em Vanhoozer. Estamos trazendo a contribuição do referido autor para a pregação:

[...] numa abordagem pós-crítica de interpretação bíblica que respeite tanto o princípio – ou antes, a prática – da *sola Scriptura* quanto a localização da

⁶³⁰ VANHOOZER, 2005.

⁶³¹ VANHOOZER, 2016c; VANHOOZER, 2016a; VANHOOZER, 2016b; VANHOOZER, Kevin J. **Remythologizing Theology** (Cambridge Studies in Christian Doctrine). Cambridge University Press. Kindle Edition, 2010.

⁶³² “A autoridade das Escrituras depende de sua origem. Justamente porque provêm de Deus só podem ser autênticas e divinas. Daí suscitar-se a indagação concernente à sua autoridade, a qual pode ser dupla: (1) com referência aos ateus e aos pagãos, que não atribuem às Escrituras autoridade mais elevada que a de quaisquer outros livros; (2) com referência àqueles cristãos que, embora reconheçam sua autoridade, desejam torná-la dependente (pelo menos no que nos diz respeito) do testemunho da igreja. Quanto à primeira classe, a questão é se a Bíblia é realmente em si mesma digna de crédito (*autopistos*) e divina. Quanto à segunda, porém, a questão é como saber que ela é isso mesmo; ou sobre qual testemunho repousa principalmente a crença na autenticidade (*authentias*) da Bíblia. Vamos ocupar-nos da primeira questão, não da segunda”. TURRETINI, 2010, p. 111.

⁶³³ VANHOOZER, 2016a, p. 33.

comunidade interpretativa – mas que resulte em conhecimento para atuação e verdade doutrinária.⁶³⁴

A abordagem canônica linguística nos ajuda a entender a exposição bíblica como um modo teodramático necessário para o ambiente pós-moderno caracterizado pela virada linguístico-cultural. “O que a fé procura entender é dramático.” Hans Urs von Balthasar usa a metáfora teatral *theo-drama* (ação de Deus- criação / redenção) na qual a igreja se acha envolvida.”⁶³⁵

O benefício e utilidade da ontologia comunicativa de Vanhoozer se dá pela “consistência na autoapresentação de Deus nas Escrituras, pois ele apresenta com mais clareza os mesmos aspectos de Calvino quanto à doutrina da união com Cristo (aspectos cristológico, trinitário, pneumatológico e eclesial).”⁶³⁶ O que Mary Baker nos mostra é que Vanhoozer apresenta o que Calvino disse, mas de modo a dar mais ênfase aos “atos de Deus como comunicativo” (escatológicos, mediais, pactuais, dialógicos, sapienciais e eclesiais):

Calvino teve o cuidado de sua apresentação doutrinária cristológica de duas naturezas (participação não é divinização do homem). Vanhoozer é compatível com Calvino, pois ambos trabalharam a compreensão comunicativa da participação em Cristo.⁶³⁷

Vanhoozer usa essa mesma categoria comunicativa para se referir a Deus de modo dramático:

Deus comunica seu amor e presença em seu cuidado providencial à criação, enquanto reivindica a particularidade onde ele chama seres humanos a serem unidos na vida trinitária através de Jesus. Isto é, uma ação comunicativa divino-humana que efetua a santificação.⁶³⁸

⁶³⁴ VANHOOZER, 2016a, p. 36.

⁶³⁵ VANHOOZER, 2016a, p. 37.

⁶³⁶ “For the consistency of God's self-presentation in Scripture, for he presents more clearly the same aspects of Calvin as the doctrine of union with Christ (Christological, Trinitarian, pneumatological, and ecclesial).” BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁶³⁷ “Calvin took care of his Christological doctrinal presentation of two natures (participation is not divinization of man). Vanhoozer is compatible with Calvin, as both worked the communicative understanding of participation in Christ.” BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁶³⁸ “God communicates his love and presence in his providential care for creation, while claiming the particularity where he calls human beings to be united in the Trinitarian life through Jesus. That is, a divine-human communicative action that effects sanctification.” BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

Vanhoozer aplica Paul Ricouer⁶³⁹, mas fechando nas “ações divinas canônicas”, pois “a tarefa da teologia é determinar quem é esse Deus que se comunica. E vai além de Rudolf Bultmann, ao entender que as narrativas bíblicas de interação de Deus com a humanidade realmente aconteceram.”⁶⁴⁰

Por fim, “Vanhoozer nos ajuda a compreender Calvino no aspecto da aliança e comunicação (pneumatologia bíblica), gerando coesão de seus julgamentos e doutrinas (ação comunicativa do Pai, através do Filho e da ação do Espírito).”⁶⁴¹ Sobre a ontologia comunicativa de Calvino e Vanhoozer, a partir dos aportes de Mary Baker, a ontologia de ambos é idêntica, como segue quadro:

Quadro 2 - Ontologia comunicativa de Calvino e Vanhoozer

João Calvino	Kevin Vanhoozer
1. Trinitária e Cristológica – compreensão trinitária da missão divina de trazer a humanidade à vida de Deus através de Cristo	1. Trinitária e Cristológica – compreensão trinitária da missão divina de trazer a humanidade à vida de Deus através de Cristo
2. Baseada na união com Cristo – justificação e santificação (desfrute da comunhão trina através do Espírito Santo)	2. Baseada na união com Cristo – justificação e santificação (desfrute da comunhão trina através do Espírito Santo)
3. Foco da Teologia da união e participação – santificação	3. Foco da Teologia da união e participação – santificação
4. Comunhão em Cristo através da Igreja – criada pelo Espírito Santo, sustentada pela Palavra pregada. Palavra e ceia são dois atos visíveis que o Espírito Santo está trabalhando, unindo símbolo externo com graça interior.	4. Comunhão em Cristo através da Igreja – criada pelo Espírito Santo, sustentada pela Palavra pregada. Palavra e ceia são dois atos visíveis que o Espírito Santo está trabalhando, unindo símbolo externo com graça interior.

Fonte: elaborada pelo autor, com base na obra de Mary Baker.⁶⁴²

Conforme visto no quadro, não há diferenças ontológicas entre os teóricos citados. Então qual seria a contribuição? Embora ambos usem os mesmos

⁶³⁹ “O trabalho de Paul Ricouer tem ênfase na distinção das relações entre falar-ouvir e escrever-ler. No discurso oral, o sentido do discurso se sobrepõe à intenção do orador. ‘Dentro do discurso escrito, porém, a intenção do autor e o sentido do texto deixam de coincidir [...] o rumo do texto deixa escapar o horizonte finito vivido por seu autor. O que o texto significa agora é mais importante do que a intenção do autor quando o escreveu’. Embora o próprio Ricoeur não fosse um estudioso da Bíblia, ele estava profundamente interessado no pensamento religioso e, portanto, muitos teólogos e estudantes da Bíblia têm sido influenciados pelo seu trabalho”. SILVA, Moisés. Visões contemporâneas da interpretação Bíblica. In: SANTOS, P. C. N. dos. **Introdução à Hermenêutica Bíblica**: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época. 3. ed. Trad. T. J. F. de Carvalho e S. Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. p. 225.

⁶⁴⁰ BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle).

⁶⁴¹ BAKER, 2015, p. 2439-3030.

⁶⁴² BAKER, Mary P. **Participation in Christ and Eucharistic Formation**: John Calvin and the Theodrama of the Lord's Supper. Bletchley: Paternoster, 2015 (Edição do Kindle).

“componentes de nossa união com Cristo, Vanhoozer é útil para entendermos a ontologia de Calvino, e consistentemente claro ao usar as quatro categorias com a terminologia “atos de Deus como comunicativos: escatológicos, mediais, pactuais, dialógicos, sapienciais e eclesiais.”⁶⁴³ No próximo quadro, temos as pedras angulares dessa ontologia remitologizada.⁶⁴⁴

Quadro 3 - Pedras angulares em Vanhoozer

Pedras angulares em Vanhoozer
1. Conceber os atos criativos e sustentadores de Deus na criação e em relação à humanidade como teodrama.
2. Interpretação desses atos como remitologizantes. Calvino fundamenta a compreensão dos sacramentos com base nas Escrituras. Vanhoozer utiliza essa base como modelo para desenvolver a teologia bíblica e canônica aplicando o valor para a pós-modernidade.

Fonte: elaborada pelo autor, com base na obra de Mary Baker.⁶⁴⁵

Como entender a remitologização trabalhada na ontologia de Vanhoozer?

Teologia remitologizante, o surgimento da ciência moderna e a proclamada “morte” de Deus no século XIX levaram a um questionamento radical da ação e da autoria divina - a célebre “desmitologização⁶⁴⁶” de Bultmann. A Teologia Remitologizante se move em outra direção que começa levando a sério os relatos bíblicos do discurso de Deus. Estabelece a ação comunicativa divina como o princípio formal e material da teologia e sugere que o diálogo interpessoal, e não a causalidade impessoal, é a pedra angular do relacionamento de Deus com o mundo. Essa contribuição original à teologia da ação e autoria divinas desenvolve uma nova visão do teísmo cristão. Também revisita várias controvérsias de longa data, como as relações da soberania de Deus com a liberdade humana, o tempo até a eternidade e o sofrimento para amar. Inovador e instigante, leva a teologia a um diálogo frutífero com filosofia, teoria literária e estudos bíblicos.⁶⁴⁷ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁶⁴³ “Acts of God as communicative: eschatological, medial, covenant, dialogical, sapiential and ecclesial BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁶⁴⁴ BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁶⁴⁵ BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle). (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁶⁴⁶ “Este é um termo que ficou famoso por intermédio de Rudolf Bultmann em seu ensaio O Novo Testamento e Mitologia”. A literatura sobre o programa de Bultmann para desmitificar o Novo Testamento é tão grande que devemos limitar o ensaio original. Não há substituto para a leitura do ensaio original. “Este es un término hecho famoso por Rudolf Bultmann em su ensayo “El Nuevo Testamento y la Mitologia”. La literatura sobre el programa de Bultmann para desmitologizar el Nuevo Testamento es tan grande, que debemos limitarnos el ensayo original. No hay substituto para ler el ensayo original”. RAMM, Bernard. **Dicionário de Teologia Contemporânea**. Casa Bautista de Publicaciones, 1969. p. 37.

⁶⁴⁷ “Remythologizing Theology The rise of modern science and the proclaimed “death” of God in the nineteenth century led to a radical questioning of divine action and authorship – Bultmann’s celebrated “demythologizing”. Remythologizing Theology moves in another direction that begins by taking seriously the biblical accounts of God’s speaking. It establishes divine communicative action as the formal and material principle of theology, and suggests that interpersonal dialogue, rather

A pregação histórico-redentiva é o ponto de partida da exposição bíblica teodramática. O diálogo do pressuposto teológico em João Calvino com o paradigma do drama da redenção que é:

[...] a ideia sobreposta da teologia “canônico-linguística” (que está no coração da hermenêutica da história da redenção), pois ela procura fazer justiça à unidade factual das Escrituras que culmina na pessoa e no trabalho do Cristo Redentor, uma metanarrativa abrangente.”⁶⁴⁸

No próximo e último capítulo, dentro da proposta de Vanhoozer acerca da abordagem canônico-linguística, com as contribuições de Philip Rieff, e as inquietações delas surgidas, defenderemos a necessidade da exposição bíblica teodramática no contexto protestante batista brasileiro, usando a delimitação do diálogo e monólogo na comunicação cristã na adoração pública, com a delimitação da autoridade canônica.

than impersonal causality, is the keystone of God’s relationship with the world. This original contribution to the theology of divine action and authorship develops a new vision of Christian theism. It also revisits several long-standing controversies such as the relations of God’s sovereignty to human freedom, time to eternity, and suffering to love. Groundbreaking and thought-provoking, it brings theology into fruitful dialogue with philosophy, literary theory, and biblical studies.” VANHOOZER, Kevin J. **Remythologizing Theology** (Cambridge Studies in Christian Doctrine). Cambridge University Press. 2010. p. 19. (Edição do Kindle).

⁶⁴⁸ WATKINS, 2016, p. 25.

4 EXPOSIÇÃO BÍBLICA TEODRAMÁTICA COMO NORTEADORA DA ADORAÇÃO PÚBLICA: UM DIÁLOGO E MONÓLOGO TRINITARIANO

4.1 USO PRÁTICO DA EXPOSIÇÃO BÍBLICA: PRECONCEPÇÕES E SUBMISSÃO ÀS ESCRITURAS

Partindo do pressuposto de que a mentalidade de quem ouve já está influenciada pelo pensamento pluralista, o pregador tem um duplo desafio. O primeiro, conforme contribuições acima destacadas em Kevin Vanhoozer, é o de não ignorar que a literatura bíblica não pode morrer, sob pena do cumprimento da profecia de Nietzsche na cristandade e de trocarmos a racionalidade pura pela irracionalidade da falta de intencionalidade textual. O segundo é travar uma luta apologética contra os efeitos do subjetivismo contemporâneo. Tal relativismo pode gerar “uma ausência de nostalgia pelos absolutos e uma luta contra as categorias morais.”⁶⁴⁹ Embora o Evangelho não seja sinônimo de moralidade, ele contém princípios morais que ajudam não somente no desenvolvimento cristão, mas também de uma sociedade equilibrada.

O período áureo da modernidade no século XX trouxe tantos prejuízos à fé cristã quanto o sentimento instaurado na transição para hoje. Sobre isso, Stanley Grenz:

Essa rejeição da teoria da correspondência conduz não somente ao ceticismo, que solapa o conceito de verdade objetiva de modo geral; ela mina também as reivindicações cristãs e as doutrinas apresentadas como verdade.⁶⁵⁰

A consequência final de um sistema que o fim é determinado pelo sujeito (leitor e ouvinte) é o individualismo dentro do comunitário, onde a figura central do Evangelho – Cristo – pode ser entendida e interpretada de inúmeras formas consoante a subjetividade do sujeito. David Larsen, defensor do sermão tradicional

⁶⁴⁹ HINKISON, Jon; GANSSLE, Greg. Epistemologia no coração do pós-modernismo: Rorty, Foucault e o Evangelho. *In*: CARSON, D. A (Org.). **A Verdade**: como comunicar o Evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 97.

⁶⁵⁰ GRENZ, Stanley J. **Pós-Modernismo**: um guia para entender a filosofia de nosso tempo. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 233.

em contraponto a David Buttrick, adepto da nova homilética, diz que o “lugar da autoridade neste mar de subjetividade é ostensivamente *solus Christus!* Porém, sem a indefectível autoridade das Escrituras, devemos perguntar: que Cristo?”⁶⁵¹

John Stott divide a pregação em dois períodos:

O primeiro é intitulado de a “glória da pregação”, começando de Jesus até o século XX e o segundo momento de “objeções contemporâneas” para a pregação. No segundo período, ele destaca a questão acerca da autoridade: “Todas as autoridades aceitas (família, escola, universidade, Estado, igreja, Bíblia, Papa, Deus) estão sendo desafiadas.”⁶⁵²

Não partimos do pressuposto que o papel do leitor não deva ser desempenhado, mesmo porque a vitória da Reforma protestante nos livra da tirania papal. Todos leem as Escrituras e exercem algum tipo de interpretação, pois a Bíblia é popular e usada para fins devocionais. O que está em jogo é a infinita possibilidade interpretativa. A preocupação de Walter Kaiser Júnior sobre o papel do leitor é que “uma leitura da Bíblia que enfatiza o papel do leitor, especialmente quando feita em oposição à interpretação histórica, pode facilmente tornar-se uma desculpa sutil para encontrar aquilo que estamos procurando.”⁶⁵³

Com isso, não propomos um retorno à leitura voltada somente para o clero, mas que o perigo do subjetivismo acentuado deve fazer com que o expositor auxilie o povo de Deus na leitura e prática das Escrituras Sagradas. O expositor não tem a função de propor uma interpretação definitiva para o povo. Embora não consiga propor algo que não seja objeto de contestação e divergências doutrinárias, através da exposição bíblica, o expositor traz um conjunto de implicações práticas dentro de um conjunto literário que pode e deve ser observado pela comunidade de forma que o subjetivismo não transforme a fé numa espiritualidade autônoma do texto. “Devemos fazer tudo o que está ao nosso alcance para ajudar os crentes a compreenderem o caráter histórico das Escrituras e assim respeitarem seu significado original.”⁶⁵⁴

⁶⁵¹ LARSEN, 2005, p. 95.

⁶⁵² All the accepted authorities (Family, school, university, State, church, Bible, Pope, God) are being challenged. STOTT, John. **Between two Words: The Challenge of Preaching Today**. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1994. p. 51.

⁶⁵³ KAISER, Walter; SILVA, Moisés. **Introdução à Hermenêutica Bíblica**. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014. p. 258.

⁶⁵⁴ KAISER; SILVA, 2014, p. 258.

No contexto pós-moderno e conseqüentemente pós-liberal, para Lindbeck, “tanto o crer (a experiência subjetiva da fé) quanto aquilo em que se crê (o conteúdo objetivo da fé) são aspectos de um processo intersubjetivo.”⁶⁵⁵ Nesse sentido, a questão histórica para a igreja atual não tem valor objetivo, valendo a individualidade validada pela comunidade. “Resta saber se a vida da igreja se qualifica como uma encenação que entende o texto, ou se ela serve de contexto de elocução que confere sentidos às palavras da Bíblia?”⁶⁵⁶

O problema do púlpito é hermenêutico. Sendo assim, como aproximar o ouvinte da mensagem sem deixá-lo ignorante quanto aos fatores históricos e gramaticais do texto pregado e como não ignorar a realidade que ele vive? Silva diz que:

[...] não é necessário suprimir nosso contexto atual a fim de entender o texto. Pelo contrário, em certos momentos, precisamos nos aproximar das Escrituras com nossos problemas e questões se quisermos verdadeiramente compreender o que elas estão dizendo. Reconhecemos, assim, que para valorizar o texto o leitor deve assumir esse compromisso. Esse compromisso, entretanto, implica numa “pré-compreensão” e tal preconcepção não é apenas permitida como também necessária.⁶⁵⁷

A pré-compreensão é inevitável, mas não pode se tornar tirana e arbitrária. Negar a preconcepção ou hipervalorizá-la são extremos perigosos que devem ser evitados pelo pregador e ouvinte. Keener, citando Gordon Fee, lembra-nos de que a “boa exegese significa ouvir o texto primeiro a partir da perspectiva do texto em si, e não a partir de nossa própria perspectiva. Ele completa: se as Escrituras são a Palavra de Deus, precisamos ouvir a sua voz ali, e não a nossa própria.”⁶⁵⁸ Tal arbitrariedade não pode acontecer com quem prega e nem com quem ouve. Quem prega e quem ouve devem estar cientes de que a interpretação de um texto para os dias atuais não exaure todas as questões existenciais e nem resolve todas as divergências doutrinárias, mas oferece o suficiente para a sustentação da fé cristã trinitária. A tradição, embora não seja descartável, deve estar em plena vigilância sob o critério maior levantado na Reforma – as Escrituras. Tal suspeita não pode ser exagerada, sob pena do domínio do relativismo e subjetivismo generalizado no processo de interpretação e aplicação das Escrituras. “Nem sempre entenderemos

⁶⁵⁵ VANHOOZER, 2016a, p. 190.

⁶⁵⁶ VANHOOZER, 2016a, p. 190.

⁶⁵⁷ KAISER; SILVA, 2014, p. 236.

⁶⁵⁸ KEENER, Craig. **A Hermenêutica do Espírito**. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 218.

exatamente qual era o sentido original de alguns textos, e por outro lado, nenhuma leitura atual “contextualizada” específica é normativa para todas as culturas.”⁶⁵⁹

Vanhoozer acentua que uma “coisa é descrever a vida e a linguagem da comunidade cristã, outra coisa bem diferente é preservar o Evangelho.”⁶⁶⁰ A influência da nova crítica na hermenêutica e homilética tem levado muitos a desconstruírem e construírem um novo significado do texto. “se meramente ouvirmos um reflexo de nosso contexto (e nunca um desafio a ele), ouvimos não a voz de Deus contextualizada, mas uma deificação sincrética de nosso contexto.”⁶⁶¹

A pregação não é um monólogo, mas um diálogo onde há a figura do Deus que fala e o ouvinte, que responde. A resposta do ouvinte é baseada nos critérios comunicacionais do Deus que se comunica ou na arbitrariedade de quem ouve e entende e aplica o que quer? A pregação pode e deve ser um diálogo do texto com o ouvinte, rica em aplicações e ilustrações, mas bem definida acerca de quem estabelece as regras. Nesse diálogo, Deus deseja comunicar algo e usa pessoas que comunicam isso textualmente (Bíblia) de forma intencional. John Stott, ao falar sobre as reações necessárias à pregação contemporânea, destaca que “precisamos nos lembrar do caráter dialógico da pregação, isto é, um verdadeiro sermão não é o monólogo que parece ser.”⁶⁶² Por outro lado, não pode ser somente um diálogo.

A aplicação direta, proposicional e intencional diante de um público pós-moderno soa como autoritário. Diante do receio de não serem ouvidos, muitos pregadores, conscientemente ou não, aplicam os conselhos da nova homilética. David Larsen cita a defesa de Fred Craddock quanto ao “ouvir o Evangelho por acaso”⁶⁶³, como uma estratégia para ser ouvido no ambiente contemporâneo. O problema é que as raízes de Craddock apontam para além de buscar formas de ser ouvido, mas para uma dialética onde o ouvinte acaba tendo mais força que o texto e o autor. A luta contra a autoridade é o centro dessa dinâmica. Com quem está a autoridade? Com o texto e intenção autoral ou com o ouvinte? Vanhoozer destaca que, “nos estudos de encenação, é comum deparar com a distinção entre leitura como esfera da dominação textual, da transmissão explícita da autoridade

⁶⁵⁹ KEENER, 2018, p. 214.

⁶⁶⁰ VANHOOZER, 2016a, p. 190.

⁶⁶¹ KEENER, 2018, p. 218.

⁶⁶² “We need remember the dialogical character of preaching. That is, a true sermon is not the monologue wich it appears to be”. STOTT, 1994, p. 60.

⁶⁶³ LARSEN, 2005, p. 95.

repressiva e canônica da cultura dominante e encenação como meio de livrar dessa autoridade.”⁶⁶⁴

O ouvinte é importante, mas não é o centro da pregação. O centro é a vontade soberana do Deus que se comunica com o intento de mostrar ao seu povo a sua vontade. A exposição bíblica teodramática parte do princípio de que o ouvinte não é o centro, mas por outro lado, não ignora que o ouvinte está vivenciando um diálogo, onde Deus fala através da Escritura, usando a boca do pregador, que tem a missão de transpor o texto para a realidade do ouvinte. Esse é o processo hermenêutico enfrentado pelo pregador, onde ele pode fazer “aplicações diretas ou indiretas.”⁶⁶⁵ Na aplicação indireta, o pregador demonstra ao ouvinte que ele não é apenas um depósito de ideias. Quando aplica diretamente uma proposição, o pregador demonstra ao ouvinte que o texto tem algo objetivo do Deus da aliança, pois “deixar a aplicação sempre no nível do genérico é fugir da questão. Walter Kaiser reforça que a aplicação parte da ideia principal do texto.”⁶⁶⁶ O problema da nova homilética é o de fugir da responsabilidade e função do pregador no púlpito.

A pós-modernidade trouxe ganhos que favorecem a hermenêutica da Reforma protestante, mas precisa ser vista com reservas e vigilância. Existem duas tradições em conflito. Uma, que remonta ao período pré-moderno, baseada no *Logos*, e outra, pós-moderna, baseada no subjetivismo. A primeira resguarda a segunda na medida em que supervisiona o subjetivismo e relativismo. A primeira está sob suspeita, mas tem melhores condições de cuidar da comunidade e livrá-la da tirania do individualismo e suspeitas exageradas. Pressuposições são inevitáveis, mas em demasia, tornam-se categorias não racionais tão perigosas quanto a tirania papal e o dogmatismo como regra de fé e prática sem observância das Escrituras como ponto inicial.

4.2 O CONTEXTO BATISTA NO BRASIL E OS PRECONCEITOS CONTRA O SERMÃO EXPOSITIVO

Existem muitos preconceitos contra o uso da exposição bíblica no meio de muitos pastores batistas no Brasil, e o primeiro deles diz respeito à questão da

⁶⁶⁴ VANHOOZER, 2016a, p. 185.

⁶⁶⁵ LARSEN, 2005, p. 95.

⁶⁶⁶ LARSEN apud KAISER JR., 2004, p. 96.

clareza. No entanto, a exposição bíblica não tem como objetivo esclarecer todos os pontos obscuros de uma passagem bíblica. Tal fato conduz todos a um processo de humildade diante da doutrina da clareza, pois clareza não significa falta de obscuridade. Não é do propósito da exposição bíblica que a comunidade vença todas as dúvidas. O princípio da clareza não pode soar como algo arrogante, mesmo porque Lutero e Erasmo nos dão exemplo de que interpretações são diversas. Clareza pressupõe humildade, uma vez que todos leem as Escrituras iluminados pelo Espírito; logo, a “postura correta do pregador é se manter aberto ao desafio e à correção dos demais.”⁶⁶⁷

Nesse sentido, a pregação expositiva, clara e sólida se empenha em mostrar o que a “passagem significa e atesta com mais rigor que aquilo que está sendo dito não é produto da visão do orador ou de seus preconceitos, mas provém do texto revestido de autoridade.”⁶⁶⁸ Schaeffer diz que:

[...] embora não se tenha a verdade completa, pode-se auferir da Bíblia a verdade verdadeira acerca de Deus, do homem e da natureza. Desse modo, com base nas Escrituras, embora não se tenha um conhecimento completo, alcança-se algo verdadeiro e unificado.⁶⁶⁹

O *Loci Theologici* de Filipe Melanchthon aponta para a “Escritura além de fonte, mas critério, não contendo a totalidade do saber, mas enquanto critério, ela baliza a forma de apropriação dessa tradição cultural.”⁶⁷⁰ O que as Escrituras fornecem são suficientes para o conhecimento de Deus, por intermédio do mérito do Filho, no poder do Espírito Santo.

O segundo preconceito diz respeito à concepção de que quem prega expositivamente, prega especificamente as doutrinas da Reforma. Como a exposição bíblica é muito enfatizada por pastores que usam a herança da pregação dos reformadores, tal preconceito associa a pregação expositiva com uma forma de prender as pessoas com pressuposições. Na verdade, um dos objetivos da exposição bíblica é exatamente submeter todo o corpo doutrinário ao crivo da Palavra. Ademais, vale salientar também que, desenvolver a fé sem pressuposições não foi o propósito da Reforma Protestante, mesmo porque “a mente humana não

⁶⁶⁷ WARD, Timothy. **Teologia da Revelação**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 149.

⁶⁶⁸ KELLER, 2017.

⁶⁶⁹ SCHAEFFER, 2014, p. 27.

⁶⁷⁰ MELANCHTHON. Filipe. **Loci Theologici**: Tópicos Teológico de 1521. São Leopoldo: Sinodal, 2018. p. 24.

consegue operar no abstrato sem tradições”⁶⁷¹, mas deixar que tais sejam reguladas pela leitura e explicação das Escrituras. A comunidade diante de um texto bíblico deve desenvolver a humildade suficiente para rever suas tradições através da convicção que a leitura e explicação proporcionam. Sendo assim, a teoria da pregação expositiva buscar evitar o erro do dogmatismo sem revisão e supervisão, deixando claro que, embora a tradição não tenha morrido, ela deve permanecer submissa e escrava às Escrituras.

O terceiro preconceito contra a exposição bíblica é de que essa forma reformada de pregar é um modo de ceifar a liberdade, fazendo da comunidade local um povo dualista. A proposta da Reforma foi vencer a autonomia do ser às formas propositivas sobre Deus, não necessariamente ceifando a liberdade, mas concedendo um entendimento da verdadeira “liberdade dentro da forma revelada, onde a arte e a ciência não estão autônomas da revelação das Escrituras, evitando que a natureza devorasse a graça.”⁶⁷² Nesse sentido, a pregação expositiva parte do pressuposto que o andar de cima e o de baixo estão unidos, e o conhecimento de Deus, do homem e da natureza não pode ser autônomo das Escrituras. Nessa perspectiva, o pregador expositivo não pode ser visto como um ser dualista, mas deve reconhecer a graça particular e a graça comum, ou seja, “reconhecer Deus no mundo.”⁶⁷³

Outro aspecto importante para a teoria da pregação expositiva é a soberania divina. Esse aspecto vence o quarto preconceito contra a exposição bíblica, de que pregadores expositivos visam unicamente pregar para que haja somente a salvação individual. “No entanto, a salvação individual não é o objetivo final da pregação do Evangelho. Ela serve a um objetivo mais elevado: a manifestação da glória divina.” Berthoud cita um grande erudito das Institutas de Calvino, Jean-Daniel Bernoît, dizendo:

[...] a grande preocupação do fiel na religião não será a própria salvação, por mais legítima que seja; a salvação do homem não é um fim em si mesmo, trata-se de uma consequência e não tem outro objetivo que não a glória divina. Fazer da salvação o fim da religião, seria ainda, para Calvino,

⁶⁷¹ DORIANE, Daniel. **Educação na Justiça**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. p. 38.

⁶⁷² SCHAEFFER, 2014, p. 29.

⁶⁷³ KUYPER, 2014, p. 38.

colocar o homem no centro e fazer de Deus um simples meio com vistas a uma finalidade pessoal.⁶⁷⁴

Há uma preocupação das demais tradições de que o culto reformado tenha trazido um certo tipo de clericalismo, em virtude do caráter da pregação professoral que é exercida. Esse seria o quinto preconceito em relação à exposição bíblica. Bruno Bürki, ao descrever que a pregação na tradição reformada se caracteriza por um “pronunciado intelectualismo, que pode ter repercussões elitistas,”⁶⁷⁵ não deixa de ter razão. No que se refere à crítica ao risco do retorno do clericalismo, a própria natureza do culto reformado – simplicidade – que envolve uma exposição bíblica que busca na clareza o modo de esclarecer a vontade de Deus para o povo, evita que novamente a pregação seja sufocada por outros elementos, como foi o caso dos sacramentos na idade média. Os atributos das Escrituras mostram a força que o trinômio revelação-púlpito-pregação exerce até os dias atuais:

[...] a autoridade (o Espírito Santo que inspirou os escritores bíblicos confirma o testemunho interior no crente); a necessidade (fundamento); clareza (sem mediação do sacerdote) e suficiência (infalível e única).⁶⁷⁶

Embora a pregação expositiva tenha um tom mais requintado no contexto do culto reformado, com uma explicação detalhada da revelação, como influência da renascença, o conceito de pregação expositiva não está preso necessariamente à ideia da *lectio continua*. O sexto preconceito contra o uso da exposição bíblica é o de associar a pregação expositiva somente à *lectio continua*. Preguar expositivamente é “permitir que o texto governe o conteúdo e a forma do sermão.”⁶⁷⁷ O “importante não é que os textos sejam sequenciais, mas que permitamos cada texto falar, por meio do sermão, sua própria mensagem em seu próprio contexto.”⁶⁷⁸ Nesse sentido, Stephen Wright:

A pregação expositiva pode ou não envolver o estudo verso a verso de um texto, ter um forte impulso doutrinário ou ser tão preocupada com o impacto

⁶⁷⁴ BERTHOUD, 2017, p. 133.

⁶⁷⁵ BÜRKI, Bruno. Culto no Contexto Reformado. In: LAUBER, Hans-Chistoph Shmidt; MEYER-BLANK, Michael; BIERITZ, Karl Heinrich (Eds). **Manual de Ciência Litúrgica**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2011. p. 233-235.

⁶⁷⁶ BAVINCK, 2012, p. 355, v. 1.

⁶⁷⁷ SPROUL; NICHOLS, 2017, p. 431.

⁶⁷⁸ DEVER; GILBERT, 2016, p. 57

de um texto quanto com seu significado. Mas, fundamentalmente, visa “esclarecer” o que está no texto, em vez de “impor ideias a ele”.⁶⁷⁹

Como lembrado por Berthoud, Calvino usava todas as ferramentas “linguísticas e literárias e entendia que a pregação bíblica era a verdadeira doutrina bíblica que se opunha à heresia, além de aplicar a Palavra de Deus em todos os aspectos da vida.”⁶⁸⁰ A exposição bíblica, por fim, busca crer que a “fé vem pelo ouvir, e ouvir, pela Palavra de Cristo.” (Rm 10.17). Sendo assim, ao povo é lançado o desafio de se submeter à exposição, com o fim de serem edificados pela leitura e explicação comunitária. Trata-se de uma postura que requer humildade por quem prega e ouve, mas gera convicções profundas para ambos, que são subordinados a abandonarem a autonomia adâmica que vem sendo constantemente vivenciada na história da raça humana. Autonomia essa que dicotomizou a fé no andar de cima e o andar de baixo; que lançou Deus e sua revelação para longe da vida, sociedade, cultura e ciência.

Na visão dos reformadores, pregar é expor a verdade de Deus. Esse povo, agora é alvo da pregação, que é, “nas mãos de Deus, um instrumento de intervenção direta e profética, mostrando que a Palavra não é prisioneira da igreja.”⁶⁸¹ Nas conversas à mesa, Lutero disse certa vez que Wycliffe e Huss “atacaram a conduta imoral dos papistas; mas ele se opunha e resistia às doutrinas, afirmando claramente que eles não pregavam a verdade. Ele Disse: fui chamado para isso; pego o ganso pelo goela e a trilha com a faca.”⁶⁸² Expor essa verdade requer a ação poderosa do Espírito Santo. Calvino ao comentar 2Co 3.6, relata que “Paulo já reconheceu ser, em si mesmo, completamente insuficiente, mas agora declara que, pela graça de Deus, fora qualificado para um ofício para o qual anteriormente fora imprestável.”⁶⁸³

Por fim, a leitura e explicação das Escrituras tem o fim de manter a identidade do povo de Deus. A memória impressa nas páginas, lida e ouvida transforma o culto “numa epifania da igreja, uma recapitulação da história da

⁶⁷⁹ “Expository preaching may or may not involve verse-by-verse study of a text, be heavily doctrinal in thrust, or be as concerned with the impact of a text as with its meaning. But fundamentally, it aims to “make a plain” what is in the text, rather than “imposing ideas upon it”. WRIGHT, 2005, p. 620.

⁶⁸⁰ BERTHOUD, 2017, p. 123.

⁶⁸¹ ALLMEN, 2006, p. 128.

⁶⁸² LUTERO, Martinho. **Conversas à Mesa**. Brasília: Monergismo, 2017. p. 235.

⁶⁸³ CALVINO, João. **2 Coríntios: Comentários Bíblicos de João Calvino**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2016. p. 1297-1299. (Edição do Kindle).

salvação.”⁶⁸⁴ Se a Palavra é lida e explicada diligentemente, essa memória evitará a criação e manutenção de falsos deuses.

4.3 PROPOSTA DE UMA EXPOSIÇÃO BÍBLICA TEODRAMÁTICA: DA POSSIBILIDADE À NECESSIDADE

Para não gerar uma confusão de termos, neste tópico usamos a palavra “drama” para tratar dos altos e baixos da pregação do Evangelho na história da igreja. No capítulo três, a palavra “teodramática” fará menção ao uso hermenêutico da contribuição de Kevin Vanhoozer para a exposição bíblica.

No capítulo primeiro, falamos sobre a história da exposição bíblica na trajetória da pregação. Agora queremos tratar do culto batista em solo brasileiro. Neste capítulo, cavaremos mais poços entrando na questão do culto terapêutico e o diálogo entre Calvino, Kevin Vanhoozer e Philip Rieff.

O culto cristão e a pregação atual se assemelham com o período dos séculos XIV e XV. Com o crescimento da Igreja Batista no Brasil, é nítida e notória uma despreocupação com o sentido do culto e sua relação com a pregação do evangelho. A pregação batista atual tem se mostrado deficiente na treliça da cosmovisão cristã, e quando se presta a destacar o evangelho, o faz de modo legalista ou antinomista. A falta de intencionalidade da pregação do Evangelho faz com que os crentes que já ouviram não sintam a necessidade de terem a vida conformada a ele, levando à deficiência da formação da identidade do senhorio de Cristo.

“Na tradição protestante, a pregação baseia-se em fortes convicções: 1) A Bíblia é a Palavra de Deus, que foi confiada à igreja para ser proclamada; 2) Com a ceia, a pregação se constitui no essencial do culto.”⁶⁸⁵ “John Owen acreditava que o “primeiro e principal dever de um pastor é alimentar o rebanho pela pregação diligente da Palavra.”⁶⁸⁶ Inobstante estar em outra realidade, Owen Strachan fala da era pós-homilética expressando pontualmente a realidade batista brasileira:

Apesar de tratarmos a homilia com reverência, como um membro idoso da família cujos dias de glórias ficaram bem para trás, já não o consideramos o

⁶⁸⁴ WHITE, 1997, p. 104.

⁶⁸⁵ BRIDEL; GABNEBIN, 2016, p. 1419.

⁶⁸⁶ RYKEN, 2013, p. 167.

ponto central de nosso culto. Vivemos em uma era pós-homilética, que se comunica com *tweets* e *emotions*, não com declamações e discursos. Na realidade, a era da palavra falada não acabou. Os meios de comunicação continuam divulgando análises políticas, comentários sobre eventos esportivos e confissões pessoais em *podcast*. Em uma época como essa, os pastores fazem bem ao retomar seu manto profético. Não como psicólogos, executivos da área de publicidade ou gurus da vida que devem treinar o pastor. Não é a mais recente tendência sociológica, mas o profeta, incumbido muitas vezes da tarefa impopular de apresentar a Palavra de Deus, que deve inspirar os pastores a pregar hoje em dia com poder e zelo renovados. Como os apóstolos, o pastor permanece firme na tradição oratória dos profetas, que ouviam a palavra de Deus e a explicavam, aplicavam e transmitiam ao povo. O ministério do profeta era um ministério da palavra de Deus e, portanto, um ministério da verdade. Para entender o aspecto profético do ministério do Novo Testamento, considere os sermões do livro de Atos. Em Atos 2, Pedro prega o primeiro sermão apostólico registrado. Ele cita Joel 2 para anunciar à sua audiência em Jerusalém que chegou o dia de Pentecostes, confirmado pelo derramamento do Espírito Santo sobre todos os que o ouvem. Esse acontecimento sinalizou o início do dia da salvação: agora, “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (At 2.21)”.⁶⁸⁷

Calvino, influenciado pelos reformadores⁶⁸⁸ de Zurique⁶⁸⁹, mostra a necessidade da exposição bíblica ao contexto batista brasileiro. A totalidade de seus “ensinos e pontos de vista posteriores foram desenvolvidos a partir da Bíblia. Ele sempre insistiu que a tradição precisava ser constantemente corrigida pelo ensino das Sagradas Escrituras e ser subordinada a elas.”⁶⁹⁰

O encontro entre o período nevrálgico anterior à Reforma e o atual é observado em “pregadores desnorreados pela popularidade e empenhados em

⁶⁸⁷ STRACHAN, Owen. Profetas, sacerdotes e reis. Uma breve teologia bíblica do ministério pastoral. In: VANHOOZER; STRACHAN, Owen. **O Pastor como Teólogo Público**: recuperando uma visão perdida. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 8.

⁶⁸⁸ “Os protestantes foram uma nova força contribuindo com muitos outros pregadores significativos, como João Calvino (1509-1564) na Suíça, um entusiasmado pregador mensageiro. Em um tempo rico de pregação, católicos romanos começaram sua Contra-Reforma, e novos grupos radicais surgiram, como os anabatistas. Vários novos movimentos surgiram em diferentes contextos, como os puritanos na Grã-Bretanha, que eram pregadores mestres com sermões que continham duas partes: uma exposição dos pontos doutrinários e sua aplicação aos ouvintes. Esse estilo simples e direto continua sendo um modelo significativo de ensino hoje”. QUIKE, 2009, p. 79.

⁶⁸⁹ Na Reforma suíça, a consequência do culto norteado pela pregação do Evangelho trouxe uma programação de preparação de pregadores em 1525 em torno da profecia. Perkins descreve tal elemento da seguinte forma: O estudo da profecia implica um compromisso da mente para adquirir a capacidade de exercer a profecia corretamente. Profecia (ou profetizar) é uma expressão solene e pública pelo profeta, relacionada com o culto de Deus e a salvação de nossos próximos, já que as seguintes passagens indicam: “Mas quem profetiza o faz para edificação, exortação e consolo” (1 Co 14:3). “Mas se entrar algum descrente ou não instruído quando todos estiverem profetizando, ele por todos será convencido de que é pecador e por todos será julgado” (1 Co 14:24). “Deus, a quem sirvo de todo o coração pregando o evangelho de seu Filho, é minha testemunha... (Rm 1:9)”. PERKINS, William. **A Arte de Profetizar**. Trad. do original em inglês “The Art of Prophecy”. 1ª edição em latim – 1592. 1ª ed. em inglês – 1606 1ª ed. rev. por Banner os Truth – 1996., reimpressão, 2011. p. 21.

⁶⁹⁰ WALLACE, 2003, p. 15.

atender às exigências banais de seus ouvintes com sermões interessantes, eloquentes e efêmeros.”⁶⁹¹ Para atender os anseios e narrativas dos ouvintes, os cultos se tornam ambientes que pouco fazem jus ao memorial que forma a identidade do povo de Deus, e com as exigências, a forma aos poucos vai substituindo o conteúdo, e a centralidade do Evangelho é substituída pelo encanto do pragmatismo.

Entre idas e vindas, o elemento da autoridade e identidade redentiva sempre tiveram algum espaço na história da adoração cristã, mesmo porque “Ele falou e atua por meio de sua Palavra”⁶⁹², e o elemento memorial da libertação egípcia apontando para a grande meta trinitariana em Cristo, na caminhada cristã até os dias atuais, buscou recordações e práticas encarnacionais sinceras desse Evangelho. Resta para os dias atuais encarar os desafios e oportunidades contemporâneas, para que comuniquemos o Evangelho dentro de todo o arcabouço que a própria revelação bíblica nos ensina, isto é, um Deus transcultural que se compromete em alcançar o seu povo no contexto das diversas linguagens culturais, mas preservando seu monólogo pactual.

A tensão atual é desenvolver uma comunicação que considere o público que estamos envolvidos, entendendo os pontos em comum com a nossa fé e, ao mesmo tempo, diferenciar o seu ponto de partida distintivamente com o Evangelho. Não se trata de comunicação por comunicação, pois senão estaríamos reduzindo o poder de Deus no Evangelho pregado em toda a Escritura, mas de usar todo o arcabouço teológico-comunicativo-revelacional (que é um drama trinitário), isto é, usar a linguagem do Deus pregador, conforme trata Eswine Zack.⁶⁹³ Seria vincular o nosso conhecimento, a partir do conhecimento de Deus, revelado especialmente nas Escrituras, que gera o alvo da boa teologia que é o “vincular a interpretação das Escrituras à vida da igreja no mundo em busca da sabedoria cristã, baseado na

⁶⁹¹ PARKER, 2016, p. 20.

⁶⁹² MICHELÉN, 2018, p. 40.

⁶⁹³ “Deus usa tipos variados de linguagem. Deus também expande nossas ferramentas linguísticas homiléticas. A proclamação trina usa uma variedade de tipos de idiomas. Por exemplo, de tempos em tempos, os pregadores discutem sobre quais formas e padrões de linguagem são mais relevantes e poderosos para uma pregação eficaz em meio a mudanças climáticas. Alguns insistirão em linguagem técnica, precisa e proposicional, mais adequada à verdadeira pregação. Outros irão favorecer o poético e imaginativo. Outros, ainda, desejam um discurso claro, sem tecnicidade nem criatividade. Quando surgem perguntas como essas sobre quais padrões de linguagem mais representam a fidelidade bíblica na pregação, pode-se olhar para como a pregação de Deus guia nossas respostas”. ESWINE, Zack. **Preaching to a Post-Everything Word**. Grand Rapids, EUA: Baker Publishing Group. 2008. p. 106-107. (Edição do Kindle).

grande história.”⁶⁹⁴ Comunicar essa verdade de modo como essa verdade é apresentada na revelação, com a ação do Espírito Santo, requer o entrelaçamento entre diálogo e monólogo. Diálogo, pois a adoração pública é um encontro, mas que contém um monólogo pactual, pois a queda gerou um tipo de idolatria que se encontra com muitas vozes que disputam sobre a prevalência em relação à voz divina, como vimos no Éden.

Da idolatria à adoração temos uma história recheada de dramas. Primeiro, a ação trinitária em busca de verdadeiros adoradores; Segundo, o ápice desse encontro com a redenção nos méritos da obediência total de Cristo; Terceiro, narrativas na história do culto cristão no contexto da história da igreja que não são unânimes no tocante ao formato, por não haver prescrições de formas no culto neotestamentário; Quarto, essa falta de prescrições exatas geram uma diversidade interessante, fruto da transculturalidade do Evangelho, mas por outro lado, revelam desencontros entre a adoração partindo do conhecimento de Deus para o conhecimento do homem e sua respectiva identificação com o Criador por meio do Redentor.

Esses desencontros na adoração devida a Deus se deram em virtude do conflito de autoridade, revelando disfunções devido ao mau uso ou falta do uso da comunicação divina como norte central desse encontro no culto público. O problema sempre esteve no ato da proclamação da verdade revelada progressivamente até o ápice redentivo, seja no período apostólico ou depois. A “leitura, exposição”⁶⁹⁵ e aplicação dos termos do pacto formam a identidade dessa nova comunidade. A mesma Palavra que criou e comunicou a vontade divina a Adão, se fez carne e deve ser pregada com o fim de avisar ao homem da ira e condenação eterna, e a graça de Cristo. E que, a partir desse ápice gracioso, um novo ser humano nasceria, dentro de uma nova comunidade, para cumprir a vontade do Pai. A comunicação e atuação na adoração pública nem sempre enxergou esse enredo de modo gracioso e também teve dificuldade de expressar essa grande narrativa no contexto das narrativas humanas.

A questão da adoração pública não está adstrita unicamente ao ato da exposição bíblica, mesmo porque o culto não se resume ao ato da pregação, mas é

⁶⁹⁴ VANHOOZER, 2016a, p. 33.

⁶⁹⁵ WHITE, 1997, p. 104.

por meio da exposição bíblica que essa metanarrativa (direção insistente do Pai em busca dos filhos e a impressão da imagem do Filho neles), ministrado em toda a Escritura, é que temos a construção de uma moldura maior que supre definitivamente todas as pequenas molduras. Nossas narrativas sempre buscarão um deus que se conforme a nossa imagem e semelhança; ao contrário, temos a adoração bíblica. Bryan Chapell diz:

A compreensão do evangelho não é apenas embutida nas estruturas físicas, mas também é comunicada nos padrões de adoração da igreja. A estrutura do culto de uma igreja é chamada liturgia. Muitos protestantes pensam que “liturgia” apenas descreve adoração altamente cerimonial em igrejas católicas, ortodoxas ou anglicanas. Normalmente falamos sobre nossa adoração em termos de “culto de domingo” ou “tempo de adoração”. As atividades que cercam o sermão podem ser descritas como “serviço de música”, “serviço de oração” ou simplesmente como “adoração.” No entanto, a palavra bíblica para tudo o que está incluído em nossa adoração é “liturgia” (*latreia*, veja Rom. 12: 1), e simplesmente descreve a maneira pública como uma igreja honra a Deus em seus tempos de louvor, oração e instrução e comprometimento. Todas as igrejas que se reúnem para adorar têm uma liturgia, mesmo que seja uma liturgia muito simples.⁶⁹⁶

Essa metanarrativa que moldura a passagem da idolatria para a adoração, desde a saída do povo de Israel do Egito até o tempo apostólico, só pode ser sustentada pela mesma fala de Deus que soou nos ouvidos de Adão, se manifestou no Filho e através dos escritos inspirados pelo Espírito Santo, fala através da pregação, que continua carecendo do testemunho interno desse Espírito para o convencimento desse grande quadro. Os pequenos quadros sempre tentaram disputar atenção, gerando cultos com a dinâmica idolátrica com ênfases nas narrativas pessoais.

Houve um esforço dos Pais da Igreja para manter essa identidade. Orígenes⁶⁹⁷, embora não tivesse toda a instrumentalidade interpretativa que

⁶⁹⁶ “Gospel Worship Gospel understanding is not only embedded in physical structures, but it is also communicated in the worship patterns of the church. The structure of a church’s worship service is called its liturgy. Many Protestants think “liturgy” only describes highly ceremonial worship in Catholic, Orthodox, or Anglican churches. We normally talk about our worship in terms of a “Sunday service” or the “worship time.” The activities that surround the Sermon we may describe as the “song service,” “the service of prayer,” or simply as “the worship.” However, the biblical word for all that’s included in our worship is “liturgy” (*latreia*, see Rom. 12:1), and it simply describes the public way a church honors God in its times of gathered praise, prayer, instruction, and commitment.⁵ All churches that gather to worship have a liturgy—even if it’s a very simple liturgy.” CHAPPELL, Bryan. **Christ-Centered Worship**. Grand Rapids, EUA: Baker Publishing Group, 2009. p. 149. (Edição do Kindle).

⁶⁹⁷ Orígenes “fez muitas viagens: a Roma, onde parece ter ouvido uma pregação de Hipólito; a Cesaréia da Palestina, onde o Bispo Teoctisto, como Alexandre de Jerusalém, lhe dá o ofício de pregar, apesar de leigo”. ORÍGENES, 2016, p. 11.

contribuísse para o momento (o que não podemos esperar na história da igreja e da teologia), contribuiu para que a futura pregação protestante, através dos elementos material (méritos justificativos em Cristo, somente) e formal (Somente as Escrituras), se tornassem o apelo maior para a restauração da adoração devida a Deus.

O drama do culto e da pregação está no contexto da autoridade. Com quem está a autoridade? A partir da Reforma, o grande historiador do respectivo período, J. H. Merle D'Aubigné, destacou que:

[...] a autoridade no processo da pregação segundo Calvino fugia de uma seleção dentre as tradições dos homens e preservar as menos “anti-escriturísticas; ele pôs de lado todas elas para estabelecer em seu lugar unicamente a Palavra de Deus, fazendo perecer todos os ídolos, restando a glória de Cristo. Glória a Cristo, glória à sua Palavra!⁶⁹⁸

No decorrer da história da igreja e respectiva pregação, o processo hermenêutico-homilético girou em torno da “possibilidade de recriar o contexto literário original por trás de um texto.”⁶⁹⁹ A Reforma e ortodoxia tinham como foco o autor do texto. No período moderno:

[...] histórico-crítico, o foco deslocou-se para o texto, sua formação e história. Na pós-modernidade (novas hermenêuticas), o foco deslocou para o leitor: abandono da intenção autoral e do processo formativo do texto e foco na interação do leitor com o texto.⁷⁰⁰

Após a Reforma protestante do século XVI, o período do século XVII foi marcado pelo pietismo e racionalismo filosófico e teológico. Do racionalismo temos as bases formadas para o liberalismo no século XIX e XX. Paralelamente ao liberalismo, temos o desenvolvimento kantiano da esfera interior que contrapõe o pensamento de Descartes (mente) e também o crescimento do pensamento de Schleiermacher (sentimento ao invés da razão), considerado o pai da hermenêutica. Em contraposição à Schleiermacher, temos a teoria de Ritschl, movida por uma rejeição histórica e uma visão religiosa baseada na ética e moral do cristianismo. O ponto alto do contraponto à Schleiermacher é visto em Harnach (1851-1930), que propôs um retorno à religião, mas não necessariamente à cristã.

⁶⁹⁸ D'AUBIGNÉ, Jean Henri Merle. **Seja Cristo Engrandecido: O Ensino de Calvino para Hoje**. São Paulo: PES, 2008, p. 39.

⁶⁹⁹ OSBORNE, 2009, p. 668.

⁷⁰⁰ LOPES, Augustus Nicodemos. **A Bíblia e seus Intérpretes**. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

A partir de Schleiermacher, objetividade e subjetividade se misturam. Com a ascensão da dialética em Barth e Bultmann, temos um começo do surgimento da força do leitor. Bultmann, influenciado por Heidegger, trouxe alertas da importância do leitor. Tal alerta nasce no contexto do desenvolvimento do criticismo literário, filosófico e científico.

A nova crítica (1930-1960) através de Gadamer pavimenta de uma vez por todas a mistura de objetivismo e subjetivismo. Gadamer desenvolve seu pensamento a partir de Dilthey (tentativa psicologista de achar a intenção autoral) e Heidegger (fuga do passado), porém com diferenças conceituais. Gadamer não nega o método objetivo de interpretação, mas propõe que tal não pode recriar o significado pretendido. A partir de Gadamer paralelamente aos teólogos pós-bultmanianos, temos uma transição do autor e texto para o leitor e leitor.

A nova crítica possui visões mais apuradas como o estruturalismo, pós-estruturalismo e os ambientes teórico da desconstrução e *reader response*. O estruturalismo (1960) é sucedido pelo pós-estruturalismo, tendo como principal representante Barthes. Barthes faz com que o leitor ganhe muita força a partir da morte do autor. Ele se baseia na ideia da morte de Deus proposta por Nietzsche (1844-1900). Derrida é o pensador mais radical das visões mais apuradas da nova crítica, propondo a desconstrução. Em 1970, o leitor e suas expectativas ganham um reforço maior através dos trabalhos de Robert Jauss e da teoria *reader response*. “A partir de tudo isso a revolução copérnica de Kant está completa.”⁷⁰¹ Abelardo, predecessor de Kant, no período medieval “demonstrou subjetivismo em todas as suas doutrinas éticas e teológicas. Sua doutrina da autonomia ética relaciona-se com a razão subjetiva.”⁷⁰²

A nova crítica possui posições mediadoras. Paul Ricoeur trabalha as funções tanto do autor, texto e leitor. Os discípulos de Wittgenstein, Anthony Thiselton e Kevin Vanhoozer respondem juntamente com Austin e Searle aos pós-modernos da suspeita. O retorno ao autor é visto em Betti, Hirsch e Juhl.

O ambiente da nova hermenêutica nasceu nessa dinâmica da nova crítica. Ernst Fuchs e Ebeling, baseados em Bultmann, que por sua vez foi influenciado por Dilthey e Schleiermacher, trabalham a dinâmica do autor e texto para texto e leitor,

⁷⁰¹ VANHOZER, 2016c, 298.

⁷⁰² TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: Aste, 2000. p. 177.

porém corrigindo a escola de Dilthey (tentativa psicológica de achar a intenção autoral).

A nova homilética nasce no ambiente da nova hermenêutica. O ouvinte ganha força, a partir da premissa de que as Escrituras têm algo novo a dizer. David James Randolph (1969), com influência de Fuchs e Ebeling, cunhou o termo “nova homilética.” A nova homilética teve sua expansão com Fred Craddock em 1971, passou por refinamentos em David Buttdick e Eugene Lowry. Embora a nova homilética tenha sido uma força norte-americana que influenciou o modo teológico de pregar em outras partes do mundo, tal escola não ganhou força suficiente. Sendo assim, a concentração do debate atual, que começou a se desenvolver com mais força a partir de 1950, gira em torno da disciplina da teologia bíblica.⁷⁰³ São quatro posições hermenêutico-homiléticas, representadas por quatro teólogos da atualidade:

Bryan Chapell⁷⁰⁴, ex-presidente e chanceler do Seminário Teológico da Aliança e atualmente pastor sênior da Igreja Presbiteriana Grace, Peoria, Illinois, representa a posição histórica redentora. Abraham Kuruvilla,

⁷⁰³ “A teologia bíblica fornece o meio de lidar com passagens problemáticas da Bíblia relacionando-as à mensagem única da Bíblia. O desenvolvimento do evangelho em toda a Escritura problemáticas da Bíblia relacionando-as à mensagem única da Bíblia. A teologia bíblica é um meio de examinar um acontecimento específico em relação ao quadro completo. A teologia bíblica nos habilita a enxergar a nós mesmos em relação aos acontecimentos remotos das narrativas da Bíblia. A teologia bíblica nos capacita a relacionar qualquer história bíblica com a mensagem inteira da Bíblia e, portanto, com nós mesmos. A teologia bíblica mostra a relação de todas as partes do Antigo Testamento com a pessoa e a obra de Jesus Cristo e, portanto, com o cristão. A teologia bíblica permite mapear a unidade da Bíblia examinando a sua mensagem como um todo. A teologia bíblica é essencial para a hermenêutica. A interpretação correta da Bíblia pressupõe algum tipo de conhecimento bíblico-teológico. A teologia bíblica estabelece a Bíblia como a Palavra de Deus para nós hoje e não como apenas um registro histórico interessante. Hamurabi, rei da antiga Babilônia, é famoso pelo seu código de leis. Assim como qualquer texto, essas leis precisam de interpretação para entendermos o seu significado. Podemos até perguntar como essas leis influenciaram os conceitos modernos de lei, se é que influenciaram, e, portanto, como nos afetaram. Quando, porém, examinamos as leis de Deus dadas a Israel por meio de Moisés, nós as entendemos como parte da revelação total de Deus, que culminou com a vinda de Jesus Cristo. Provê a base para a interpretação de qualquer parte da Bíblia como a palavra de Deus para nós”. GOLDSWORTHY, 2018, p. 412-413.

⁷⁰⁴ “A revelação está inseparavelmente ligada à atividade de redenção. A revelação é a interpretação da redenção”. A pregação centrada em Cristo, entendida corretamente, não procura descobrir onde Cristo é mencionado em todo texto bíblico, mas divulgar onde cada texto se encontra em relação ao ministério de Cristo. O objetivo do pregador não é encontrar novas maneiras de fazer Jesus aparecer em todo texto (não precisamos de uma varinha mágica ou um anel decodificador para interpretar as Escrituras), mas mostrar como cada texto manifesta a graça de Deus para preparar e capacitar seu povo a abraçar a esperança fornecida por Cristo. Em seu contexto, toda passagem possui um ou mais dos quatro focos redentores (que não precisamos manter estritamente segregados para nosso entendimento). O texto pode ser: preditivo da obra de Cristo / preparatório para a obra de Cristo / resultante da obra de Cristo e / ou reflexo da obra de Cristo. GIBSON; KIM, 2018, p. 178.

professor sênior de pesquisa de ministérios de pregação e pastoral do Dallas Theological Seminary, apresenta a abordagem teológica crística (pericopal). Terceiro, Kenneth Langley, professor adjunto de pregação na Trinity Evangelical Divinity School e pastor sênior da Christ Community Church em Zion, Illinois, articula o ponto de vista teocêntrico. Finalmente, Paul Scott Wilson, professor de homilética do Emmanuel College da Universidade de Toronto, detalha a perspectiva do evangelho da lei.⁷⁰⁵

A teologia bíblica é um dos grandes recursos para a metanarrativa da história da redenção. A exposição bíblica teodramática trabalhada aqui parte da história da redenção com total apreço e uso da teologia bíblica, mas considerando que a pregação vai além do encontro com a teologia bíblica no sentido histórico; há uma participação dramática do povo de Deus nessa história, numa dinâmica viva através da ação do Espírito Santo que conduz o homem à dimensão doxológica experiencial em ação, isto é, Deus fala, age, dialoga e deixa claro suas intenções dos termos da aliança, tornando a adoração pública um encontro de monólogo e diálogo. Scott Wilson nos lembra que Edmund Clowney⁷⁰⁶ foi um “dos pioneiros a lembrar os pregadores do final do século XX que a unidade das Escrituras não poderia ser descartada sem prejudicar nossa compreensão de seus detalhes.”⁷⁰⁷ Clowney relata que “pregar Cristo a partir do Antigo Testamento significa que pregamos, não sermões da sinagoga, mas os sermões que levam em conta todo o drama do redentor e sua realização em Cristo.”⁷⁰⁸ Após um decurso nebuloso na história da teologia bíblica, embora tenhamos escolas distintas no espaço homilético, podemos observar que:

Somente depois que o evangelicalismo ganhou terreno mais firme nas décadas de 1960 e 1970, as principais vozes começaram a lembrar a igreja que crê na Bíblia das implicações de longo alcance de nossa convicção de que a interpretação adequada de qualquer texto exige consideração pelo seu contexto. Esse contexto inclui não apenas seu cenário literário e histórico, mas também seu lugar no plano redentor de Deus. Disciplinas exegéticas e doutrinárias começaram a registrar a importância da unidade orgânica das Escrituras para uma boa interpretação, e essas ideias inevitavelmente afetaram nossa abordagem à pregação. No campo da homilética, os defensores da teologia bíblica que choram no deserto há décadas encontraram uma nova defesa nos sermões de pregadores como Don Carson, Joel Netherhood, Sinclair Ferguson, John Piper, Steve Brown,

⁷⁰⁵ GIBSON; KIM, 2018, p. 179.

⁷⁰⁶ Dennis Johnson editou o livro “Heralds of the King,” com participação de vários pastores e teólogos da tradição da exposição bíblica atual. O livro conta com sermões na centralidade de Cristo em homenagem a Edmund Clowney em virtude do legado da tradição da teologia bíblica. JOHNSON, Dennis E. **Heralds of the King**. Christ-Centered Sermons in the tradition of Edmund P. Clowney. Wheaton, Illinois, USA: Crossway Books, 2009.

⁷⁰⁷ GIBSON; KIM, 2018, p. 178.

⁷⁰⁸ CLOWNEY, 2002, p. 11.

James Montgomery Boice, Skip Ryan, Tony Merida, Jerry Bridges, Ray Ortlund, Joe Novenson, David Calhoun, Danny Akin, Ray Cortese e, principalmente, Timothy Keller. Alguns pregaram por instinto por infundir graça em suas mensagens; outros tiveram abordagens mais sistematizadas. Alguns eram advogados consistentes; outros sentiram o caminho a seguir de maneira mais hesitante. Mas todos contribuíram para um movimento que agora ultrapassou quaisquer limites acadêmicos, denominacionais ou geracionais previstos. Desde então, os movimentos homiléticos convergiram com as correntes nas disciplinas exegéticas e teológicas, de modo que é quase impensável que um novo comentário sobre qualquer parte das Escrituras falhe em contextualizar seu conteúdo dentro do fluxo redentor da história bíblica. Agora, mesmo que os pregadores do ensino fundamental não tenham certeza de como pregar uma passagem específica de forma redentora, eles têm antenas sensíveis para detectar sermões que são meros desafios moralistas a serem evitados.⁷⁰⁹

Das quatro posições hermenêutico-homiléticas, o presente trabalho se desenvolve no aspecto histórico-redentor abordado por Bryan Chapell. No endosso à obra “O Texto Primeiro,” Vanhoozer destaca a homilética de Kuruvilla como um ótimo recurso que “dá ênfase correta à teologia do texto e à importância da resposta da congregação, com vistas à edificação da igreja e apoia-se na teologia em vez de apoiar-se na arte da comunicação, que gera motivo de gratidão.”⁷¹⁰

Atualmente, a discussão no ambiente protestante que trabalha o método histórico-redentivo é a busca de uma síntese da abordagem hermenêutica-homilética e teológica e a pregação histórico-redentiva na era pós-moderna. Há várias contribuições, dentre elas a dos professores Kevin Vanhoozer e Michael Horton. Eric Brian Watkins, que buscou referenciais hermenêuticos nos respectivos teóricos, tem trabalhado para gerar essa síntese.⁷¹¹

Diante da afirmação da impossibilidade do uso da pregação expositiva no meio batista brasileiro em detrimento da diversidade confessional (que é fruto do argumento da diversidade das tradições do Novo Testamento), a presente tese tratará de tal possibilidade da exposição bíblica. Para a defesa da possibilidade, buscará contribuições do neo-calvinismo holandês no tocante à pregação histórica-redentiva e também no paradigma do drama da redenção (que é a ideia sobreposta da teologia canônico-linguística, que está no coração da hermenêutica da história da

⁷⁰⁹ GIBSON; KIM, 2018, p. 178.

⁷¹⁰ KURUVILLA, Abraham. **O Texto Primeiro**: uma hermenêutica teológica para a pregação. São Paulo. Cultura Cristã, 2017. p. 3.

⁷¹¹ Esse drama da redenção aplicado à pregação histórico redentiva nos ajuda a criar o ponto de convergência “hermenêutica e teológica na qual o Deus Triúno é o autor do roteiro dirigido pelo Espírito (Escritura), bem como seu principal ator em Cristo, que autoritariamente chama o homem à participação criativa, mas fiel (obediência à aliança) no desenrolar histórico reino de Deus no palco mundial da glória de Deus”. WATKINS, 2016, p. 25.

redenção) e por fim, na abordagem comunicacional filosófica da multiperspectiva. A defesa da possibilidade gira em torno da ideia da metanarrativa que as contribuições acima defendem. A defesa da necessidade gravita em torno da percepção da adesão de muitos púlpitos aos ideais das narrativas como fundamento das pregações, e o conseqüente relativismo e subjetivismo, fazendo com que o povo de Deus não seja alimentado pela Palavra redentora, e sim por suas próprias expectativas antropocêntricas. Juntamente com a possibilidade e necessidade pastoral-homilética, a desconfiança e a desconstrução pós-moderna suscitam um clamor por essa tese.

4.3.1 Possibilidade da Exposição Bíblica

Sem a catolicidade⁷¹² da fé e o uso correto dos credos e confissões, o espírito da Reforma se torna obscuro. “O corpo de Cristo é expresso mais visivelmente de forma local, mas cada igreja local alcança a congregação mais ampla de igreja em unidade católica⁷¹³, amor e comunhão.”⁷¹⁴ O ideal está delineado “no Evangelho de João 17.20-23 e Ef 4.1-16. Temos uma referência à igreja local de Jerusalém (At 4.32) e um apelo para que tenhamos um coração e uma mente (Fp 2.2).”⁷¹⁵

O que constitui a unidade e catolicidade da igreja? A igreja é a criação da Palavra; sendo assim, onde posso encontrar a igreja verdadeira? “Confissões Luteranas e Reformadas dizem que onde quer que a Palavra de Deus seja verdadeiramente

⁷¹² Justo Gonzalez traça o histórico da unidade da Igreja dizendo que: “A unidade na igreja antiga é participar da mesma comunhão, reconhecer-se mutuamente e concordar nos pontos essenciais da doutrina cristã. (1 Co 10.16-17). Unidade na Idade Média – era vista como sujeição à mesma hierarquia. Europa ocidental, onde o Império romano deixou um vazio que, em muitos sentidos, a igreja veio ocupar. *Centralização. Unidade = sujeição ao Papa.* Reforma – ênfase na unidade da doutrina. Calvino: pureza da igreja está na pregação e administração correta dos sacramentos. A unidade não está no governo ou na estrutura, mas na doutrina e na prática. Não era necessário que todas as igrejas estivessem de acordo em todo ponto doutrinário. Igreja romana – vestígio de igreja. Hoje – diversidade incontrolável.” GONZÁLES, Justo L. **Introdução à Teologia Cristã**. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 164.

⁷¹³ Sobre o Credo e a metanarrativa: Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do Céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao Céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; na vida eterna. Amém.

⁷¹⁴ HORTON, Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. p. 889.

⁷¹⁵ ERICKSON, Millard. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 438.

pregada e os sacramentos administrados de acordo com o mandamento de Cristo.”⁷¹⁶
 A unidade e identidade se dão pelos motivos vistos no culto sinagoga. Nesse sentido, Michael Horton:

Ortodoxia na Reforma - pela Palavra (culto sinagoga – identidade). Ortodoxia na Igreja Romana – começa pelo bispo e comunidade que ele preside. Confusão Romana. “Atributos da igreja no Credo Niceno e o perigo dos dois extremos”: assimilar a cristologia e soteriologia à eclesiologia; Se a ortodoxia começa pelo bispo e pela comunidade eucarística sobre a qual ele preside, o ponto no qual a posição reformada é construída é a Palavra: a Palavra de Deus reúne e cria comunidade. O dualismo escatológico, ou seja, o paradoxo entre o já e o ainda não é substituído pela trajetória do dualismo ontológico entre o visível e invisível. É o papa que torna visível essa realidade invisível, na medida em que ele é colocado em responsabilidade direta com o Senhor.⁷¹⁷

A defesa da possibilidade da exposição bíblica teodramática na pós-modernidade relativista parte da metanarrativa da redenção na catolicidade⁷¹⁸ da igreja. A partir de Cristo, proclamado como Salvador e Senhor, temos a possibilidade de arguir uma hermenêutica histórico-redentiva e uma exposição bíblica teodramática.

Calvino, partindo do conhecimento de Deus, destaca que para que essa cognoscibilidade seja mais robusta e completa, diz “que Deus faz uso da sua Palavra, que é o meio de indicação mais seguro e mais acessível para conhecê-lo.”⁷¹⁹ Assim sendo, não teria algo mais católico do que a própria exposição dessa Palavra, visto que a igreja em toda a extensão de sua história, de modo mais contundente ou não, foi fundamentada nela. Calvino, ao comentar as epístolas pastorais (2Pe 1.21⁷²⁰), entendia que “profecia da Escritura aquilo que está contido nas Sagradas

⁷¹⁶ ERICKSON, 1997, p. 438.

⁷¹⁷ HORTON, 2015, p. 870.

⁷¹⁸ A catolicidade e a unidade da igreja são encontradas apenas na comunhão do Deus trino; Ser católico não é somente pertencer à igreja romana. Ser apostólico não é estar em comunhão com o “sucessor” de Pedro; catolicidade e a unidade da igreja são evidentes onde quer que Deus esteja atuando pelos seus meios ordenados de graça. A igreja não pode dar à luz a si mesmo; ela é nascida do alto (Jo 3.3-5; Jo 17); A realidade da ascensão deveria nos impedir de substituir Jesus por uma igreja piramidal. A ascensão nos direciona para a obra do Espírito Santo em nos unir com Cristo de modo que haja uma verdadeira afinidade a despeito das diferenças reais; A fonte última da unidade e catolicidade da igreja deve ser encontrada na graça eletiva de Deus. Essa unidade é um dom. Heidelberg: “Creio que o Filho de Deus, por meio do seu Espírito e de sua Palavra, de entre toda a raça humana, do início até o fim do mundo, reúne, protege e mantém para si uma comunidade escolhida para a vida eterna e unida em verdadeira fé. E dessa comunidade eu sou um membro vivo. A teologia reformada localiza a catolicidade na graça eletiva de Deus”. HORTON, 2015, p. 870.

⁷¹⁹ CALVINO, 2006, p. 69, v. 1.

⁷²⁰ BÍBLIA DE ESUDOS DA REFORMA. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 2017.

Escrituras.”⁷²¹ Os documentos da igreja são provas históricas dessa convergência católica do uso da Palavra da redenção. Entre o primeiro catecismo de João Calvino, *Instrução na Fé* (1537), e os catecismos de Westminster (1648), temos uma série de catecismos e confissões de fé, produzidos em fartura após a instrumentalização da Reforma Protestante. Destacaremos o de Heidelberg (1563) e os aspectos históricos redentivos nele destacados:

1. Qual é o seu único fundamento, na vida e na morte? O meu único fundamento é meu fiel Salvador Jesus Cristo (1). A Ele pertencço, em corpo e alma, na vida e na morte (2), e não pertencço a mim mesmo (3). Com seu precioso sangue Ele pagou (4) por todos os meus pecados e me libertou de todo o domínio do diabo (5). Agora Ele me protege de tal maneira (6) que, sem a vontade do meu Pai do céu, não perderei nem um fio de cabelo (7). Além disto, tudo coopera para o meu bem (8). Por isso, pelo Espírito Santo, Ele também me garante a vida eterna (9) e me torna disposto a viver para Ele, daqui em diante, de todo o coração (10). (1) 1Co 3:23; Tt 2:14. (2) Rm 14:8; 1Ts 5:9,10. (3) 1Co 6:19,20. (4) 1Pe 1:18,19; 1Jo 1:7; 1Jo 2:2,12. (5) Jo 8:34-36; Hb 2:14,15; 1Jo 3:8. (6) Jo 6:39; Jo 10:27-30; 2Ts 3:3; 1Pe 1:5. (7) Mt 10:29,30; Lc 21:18. (8) Rm 8:28. (9) Rm 8:16; 2Co 1:22; 2Co 5:5; Ef 1:13,14. (10) Rm 8:14; 1Jo 3:3.⁷²²

Atualmente, temos a confissão da fraternidade reformada mundial como um instrumento de catolicidade em torno da história da redenção. O cristianismo básico tratado por John Stott mostra o cerne daquilo torna possível a nossa argumentação:

A pessoa de Cristo (afirmações, caráter e ressurreição); a necessidade do homem (realidade e natureza e consequências do pecado); obra de Cristo (morte e salvação) e a resposta do homem (calculando o custo tomando uma decisão sendo cristão).⁷²³

Nesse interim, a teologia dogmática cumpriria um papel importante ao trabalhar em segundo plano os credos e confissões como medida de honestidade e da possibilidade de expansão e revisão do seu entendimento. É nesse quesito que argumenta-se sobre a possibilidade da exposição bíblica na diversidade denominacional, visto que as confissões não estão acima das Escrituras, mas são instrumentos importantes para que o intérprete não faça uso da mera especulação subjetivista no ato interpretativo.

Quando se fala em tradição, é preciso lembrar de dois tipos de tradição: uma pré-moderna e uma pós-moderna. Nem a tradição pré-moderna e muito menos a

⁷²¹ CALVINO, 2015, p. 316.

⁷²² HORTON, 2015.

⁷²³ STOTT, John. **Cristianismo Básico**. Viçosa: Ultimato, 2008.

pós-moderna podem ser o balizador final de quem ouve um sermão. A pré-moderna, validada pelo “*Logos* divino e a pós-moderna, depois de Marx, Nietzsche e Freud, cujas construções linguísticas e sociais autorreflexivas consistem em convenções que devem ser suspeitadas e significados que devem ser desconstruídos.”⁷²⁴

A diversidade que há no meio batista brasileiro não é um impeditivo ao uso da exposição bíblica, como podem pressupor. Assim como há uma diversidade do Novo Testamento em “termos de gênero, estilo, confissão, talvez litúrgica – mesmo conteúdo e foco – não deve interpretada apenas “nas categorias de formulações teológicas antitéticas. A evidência clama contra isso, fazendo possível a unidade.”⁷²⁵ Essa dramática tensão entre a teologia bíblica e sistemática nos leva ao drama da interpretação e também ao drama da pregação. Quando Vanhoozer trata dos quadros de uma exposição teológica, destaca que o ponto crucial do pressuposto interpretativo é a metáfora do mapa:

[...] o mapa comunica algo acerca do mundo, fornecendo um quadro genuíno, contudo, nenhum mapa captura toda a verdade sobre o mundo. Há vários tipos de mapas, e cada um deles comunica um tipo diferente de informação. Assim acontece com a questão canônica. A totalidade da Bíblia é verdadeira, porém não há uma conformidade “tamanho único entre o que as Escrituras dizem e o que é”. Nenhum gênero literário bíblico é o mais verdadeiro que o outro. Ao contrário, há vários tipos de mapas (gêneros) literários nas Escrituras, e cada um deles comunica algo acerca de Deus, do mundo ou dos seres humanos de maneira diversa.⁷²⁶

A metanarrativa é o elo que une e possibilita a exposição. O quadro maior definido na teologia bíblica da redenção pode e deve ser a moldura da pregação expositiva, que embora não tenha a pretensão de defender uma exposição perfeita, auxilia a igreja a não cair no erro relativista pós-moderno. Portanto, a comunicação do Evangelho não é um jogo linguístico indecifrável, mas um falar canônico que envolve um drama com personagens bem definidos.

A alegada impossibilidade de exposição bíblica em virtude da diversidade das tradições bíblicas⁷²⁷ e tradições confessionais macula o caráter comunicacional trinitário de Deus. Vern Poythress relata que:

⁷²⁴ NAUGLE, David K. **Cosmovisão**: a história de um conceito. Brasília: Monergismo, 2017. p. 403.

⁷²⁵ CARSON, 2001, p. 67.

⁷²⁶ VANHOOZER, 2018, p. 95.

⁷²⁷ “O evento gerador da doutrina cristã, ou seja, o que gerou a comunidade, Ihe conferiu uma identidade. A doutrina cristã foi a resposta da comunidade gerada por essa história, à luz dela, essa comunidade articula sua autocompreensão, num processo que envolve: querigma, comunidade, narrativa e tradição. Processo pelo qual a importância de Jesus de Nazaré para a

[...] não sabemos com absoluta precisão o que um termo como cavalo significa. Nem sabemos o que exatamente significam os termos essencial e accidental. Podemos ampliar o princípio para todas as palavras em linguagens naturais. Elas têm de fato algum significado: a palavra cavalo não significa o mesmo que a palavra rato. Podemos nos comunicar significativamente por causa das estabilidades que são próprias às palavras. Mas os termos trazem imprecisões, relações contextuais e relações do uno e do múltiplo incorporados neles – nenhum dos quais Aristóteles queria reconhecer. O caráter multidimensional de nossas palavras, nossos conceitos e nossa linguagem reflete o mistério do caráter trinitário de Deus. Fazemos um desserviço a nós mesmos se agimos como se pudéssemos dominar os significados com perfeição e dominar a linguagem que usamos. Visto que a linguagem e o pensamento são coerentes, o mesmo vale para o nosso pensamento teológico. É importante entendermos as origens trinitarianas da linguagem nesse processo.⁷²⁸

O que o professor Poythress percebeu é que as categorias teológicas e filosóficas “encalham porque são introduzidas de maneira reducionista sem levar em consideração várias realidades. Algumas correntes pós-modernas tem razão ao dizer que não há uma perfeita firmeza de significado.”⁷²⁹ Parece um pouco truncado o que o professor disse, mas ele agiu de modo muito inteligente e dialogal, sem perder de vista a oportunidade de um diálogo honesto, inteligente, porém com firmeza. Em outras palavras, a multiperspectiva não deve ser considerada como entrave comunicacional, mas como um ponto de partida honesto, mas que, porém, não deve desencadear em relativismo. Usar uma única perspectiva como válida não é inteligente nem para a teologia e nem para a filosofia, pois pode gerar um tipo de anarquia interpretativa, ferindo mortalmente o espírito da Reforma protestante.

Quando falamos em exposição bíblica, não podemos reduzir os seus pressupostos à validade una-confessional. A partir do uso da metanarrativa (cosmvisão cristã), passamos a entender que a multiplicidade de perspectivas não impossibilita a explanação fiel das Escrituras, mesmo porque não há uma exposição e expositor que seja totalmente fiel e não incorra em falhas ou abuso no uso dos pressupostos da tradição.

A teologia canônico-linguística auxilia o método histórico-redentivo da pregação, pois nos traz uma descrição que evita o reducionismo pós-moderno do conceito das Escrituras:

condição humana é proclamada, preservada e transmitida pela comunidade. Isto é, a Bíblia e os credos fazem parte da nossa fé”. MCGRATH, Alister. **A Gênese da Doutrina**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 195.

⁷²⁸ POYTHRESS, 2019, p. 169.

⁷²⁹ POYTHRESS, 2019, p. 170.

As Escrituras, em si mesmas, são uma galeria de arte canônica – uma reunião de quadros genuínos que, juntos, compõem uma exposição bíblica autorizada por Deus das obras completas do Deus triúno – cenas de Deus a criar, sustentar e redimir.⁷³⁰

Partindo do pressuposto de que o conjunto canônico possui perspectivas que podem e devem compor uma galeria sinfônica, as perspectivas confessionais têm como sugestão a mesma sinfonia. A suposta impossibilidade de expor a Bíblia com fidelidade pode ser tratada com o uso adequado da sinfonia proposta por John Frame, que “embora tenha um tom um pouco diferente do Vern Poythress, acabam em conclusões comuns de ordem prática.”⁷³¹ Frame diz que:

Existe a verdade objetiva como Deus a revelou. No entanto, há algumas questões, mesmo teológicas, sobre as quais muitos de nós não temos certeza. Nestes casos, em especial, é importante a verificação de nossas ideias, olhando para os dados sob perspectivas diferentes.⁷³²

O multiperspectivo é uma sinfonia que consta nas narrativas bíblicas e não deixaria de existir nas variadas interpretações da confessionalidade. Expor as Escrituras não é necessariamente desvendar todos os mistérios e dirimir todas as divergências teológicas, mas deixar claro que existe uma verdade objetiva a se extrair para a atualidade. Quando Carson trata do dilema entre teologia bíblica e sistemática, sabiamente diz que:

[...] o que precisa ser evitado são as reconstruções simplistas da história eclesiástica mais antiga, que manufaturam desenvolvimentos lineares por toda parte e depois colocam os únicos dados fundamentais de que dispomos, os próprios documentos do Novo Testamento, numa camisa de força.⁷³³

O pressuposto da exposição das Escrituras não é de que o pregador subirá ao púlpito e afirmará de uma vez por todas um conteúdo e que outras comunidades da mesma tradição, mas diferenças num aspecto ou noutro, estão completamente erradas por não terem expositores contundentes. Pressupõe que há um conteúdo claro a ser lido, explicado e aplicado. Mas o que é clareza? Seria a tentativa de uma exposição minuciosa e arrogante de que o que foi pregado não está sujeito a correções?

⁷³⁰ VANHOOZER, 2018, p. 73.

⁷³¹ POYTHRESS, 2019, p. 169.

⁷³² FRAME, John. **Os Filhos Combativos de Machen**. Brasília: Monergismo, 2016. p. 732. (Edição do Kindle)

⁷³³ CARSON, 2001, p. 57.

Não, a doutrina da clareza das Escrituras muitas vezes é objeto de descrédito não tanto por causa das dúvidas teológicas que suscita, mas porque tem sido invocada por certos pregadores que falam e não aceitam possíveis correções.⁷³⁴

Pregar expositivamente não é dirimir todas as divergências teológicas, mas “explicar o significado e a força de uma passagem quando interpretada de modo adequado à luz de seus diferentes contextos, supondo que a doutrina da clareza das Escrituras se aplica à Escritura em geral e não a cada parágrafo.”⁷³⁵ A metanarrativa com auxílio da teologia bíblica que considera o processo histórico redentivo traz uma moldura maior que viabiliza a possibilidade expositiva dos testamentos e não somente afirmações descuidadas sobre a redenção no ato da proclamação. Uma analogia à diversidade confessional batista brasileira em aspectos secundários pode ser entendida a partir da “diversidade no Novo Testamento, que muitas vezes reflete cuidados pastorais diferentes, sem quaisquer implicações de uma estrutura doutrinária diferente.”⁷³⁶ Diversidade não significa impossibilidade de unidade.

Quando entendemos a metanarrativa em todo o conjunto da história da redenção como a tensão entre idolatria e adoração, perceberemos que a viabilidade da exposição bíblica foi possível tanto no Antigo, no Novo Testamento como hoje, pois o problema das muitas narrativas do homem está conectado ao coração. A teologia da redenção em Cristo conduz esse coração à adoração (Sermão do Monte). O drama das Escrituras também deve ser o drama das comunidades batistas atuais, pois “o mundo da Bíblia é o nosso mundo, e sua história da redenção também a nossa história. A interpretação bíblica parte de uma unidade essencial, uma história abrangente da idolatria.”⁷³⁷ Para os reformadores, aprendemos que o verdadeiro propósito da erudição bíblica não é:

[...] mostrar quanto a Bíblia é relevante para o mundo moderno, mas, antes, quão irrelevante o mundo moderno e pós-moderno tornou nossas preocupações autocentralizadas e em nossa rebelião contra o Deus que se comunica.⁷³⁸

⁷³⁴ WARD, Timothy. **A Teologia da Revelação**: As Escrituras como Palavras de Vida. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 148.

⁷³⁵ WARD, 2017, p. 148.

⁷³⁶ CARSON, 2001, p. 60.

⁷³⁷ BARTHOLOMEW, Craig G; GOHEEN, Michael W. **O Drama das Escrituras**: Encontrando Nosso Lugar na História Bíblica. São Paulo. Vida Nova, 2017. p. 238.

⁷³⁸ GEORGE, 2015, p. 32.

4.3.2 Necessidade da Exposição Bíblica

Além do argumento da necessidade do conhecimento de Deus e sua obra redentora em Cristo, ser mais viável “pela dádiva de um recurso melhor, mais seguro e acessível”⁷³⁹, que se dá através da instrumentalidade da revelação escrita, Calvino destaca, a partir de Romanos (10.17⁷⁴⁰), que “a eficácia da pregação reside no fato de Paulo ter declarado que a fé é produzida pela pregação, mas não a pregação por si só, pois é improdutiva, mas quando ela se torna instrumento de seu poder.”⁷⁴¹ Essa pregação é sobre o Cristo, revelado em toda a Escritura, conforme Ele mesmo destaca no Evangelho de Lucas (24.27): “e começando por Moisés e por todos os profetas, explicou-lhes em todas as escrituras as coisas a seu respeito.”⁷⁴²

A autoridade, a partir do conhecimento de Deus e do conhecimento de nós mesmos, partindo das Escrituras, revela de modo especial a trajetória da busca trinitária pela restauração da adoração devida. Nessa dinâmica, a interpretação e a comunicação de toda essa verdade é que gerou e ainda gera tensões. Dos extremos de uma comunicação meramente informativa para o pragmatismo terapêutico atual nas igrejas batistas no Brasil, temos uma proposta oportuna de uma hermenêutica e pregação que, embora não tenha a intenção de ser a salvadora da pátria, busca extrair as contribuições de Calvino com a luta dramática dos reformadores holandeses pela teologia bíblica orientada para a missão redentiva trinitária juntamente com o drama da redenção tão bem defendido por Kevin Vanhoozer, o arcabouço para que a interpretação e a vida prática sejam unidas, a partir do binômio diálogo-monólogo, onde a busca trinitariana pelo homem e suas exigências pactuais sejam tratadas na adoração cristã de modo que o diálogo não seja motivo para exclusão do monólogo, isto é, que seja entendido que, embora as histórias humanas não sejam motivos para o desprezo do cristianismo, a história trinitariana é a melhor a ver vivida.

A proposta dessa tese, com auxílio das contribuições dos gigantes acima citados, é de que a exposição bíblica teodramática é o fator central para a transição do modelo de culto terapêutico vivido nas igrejas batistas atuais sejam direcionados

⁷³⁹ CALVINO, 2006, p. 69, v. 1.

⁷⁴⁰ BÍBLIA DE ESUDOS DA REFORMA, 2017.

⁷⁴¹ CALVINO, 2001, p. 17.

⁷⁴² BÍBLIA King James Atualizada (KJA), 2012, p. 1611.

a favor do Evangelho de Cristo, em sua integralidade doutrinal e vivencial a partir da metanarrativa, intitulada também de cosmovisão cristã. Chegamos ao ponto central da nossa argumentação: A exposição bíblica teodramática, com respaldos nos aspectos eclesial e dialogal (Calvino) e comunicacional dramático (Vanhoozer), com limites canônicos.

O argumento da necessidade de buscar na exposição bíblica o ponto de encontro metanarrativo na adoração pública dá-se em detrimento das múltiplas narrativas estarem formando a identidade do povo cristão no modelo terapêutico. O acréscimo “teodramático” evita que a exposição bíblica seja trabalhada como meio de informações históricas. A exposição bíblica teodramática é o recurso para entender, viver, e provar a sua natureza redentiva. O culto público é o ponto de partida inicial para a informação, formação, transformação e encontro público de Deus com seu povo. O “teodramático” reforça a ideia do encontro vivo, dialogal, mas moldado pela prova canônica, ou seja, um encontro de Pai e filhos que dialogam de modo a ter o monólogo como vital. Não se trata de uma defesa insensata de uma restauração da adoração a partir de métodos comunicacionais como um fim em si mesmo, mas do uso devido de toda a dinâmica que o Deus Trino usou para se comunicar com o homem.

O Grande Mestre prega e ensina sobre o plano trinitário redentivo. Diante da variedade de formas de falar diante da variedade de públicos e ocasiões, como poderíamos argumentar que a exposição bíblica deve ser a base da pregação do evangelho? O uso de provérbios, ilustrações, parábolas e todo o arcabouço comunicacional não coloca a exposição com mais um método, conforme sugere o Dr. Dargan e o Dr. Broadus.⁷⁴³ O próprio professor Broadus argumenta que as “verdades fundamentais do cristianismo não são numerosas e os homens realmente precisam repeti-las com frequência.”⁷⁴⁴ As várias formas de comunicar citadas pelos doutos docentes da história da pregação devem ser defendidas como algo subjacentes à exposição. A partir das formas comunicacionais usadas por Cristo, a exposição cumpre o papel primário de leitura, explicação e aplicação de todo o arcabouço de formas usadas trabalhando juntamente com a moldura maior da

⁷⁴³ “E variedade quanto aos modos de afirmar a verdade. Ele empregou afirmações oficiais, argumentos de vários tipos, explicação, ilustração, apelação e advertência. Ele também usou impressionantes paradoxos e expressões hiperbólicas para despertar seus ouvintes e fazê-los ouvir, lembrar e pensar”. BROADUS, 1889, p. 16-32.

⁷⁴⁴ BROADUS, 1889, p. 16-32.

teologia bíblica da redenção, fazendo com que a pregação em todos os tempos, culturas e circunstâncias possa ser desempenhada a partir da metanarrativa. Sem a exposição a partir da moldura da teologia bíblica da redenção, os discursos e modos comunicacionais usados por Cristo podem ser usados a favor das muitas narrativas pós-modernas, desconsiderando a cosmovisão cristã e o respectivo motivo da pregação. Mas o toque especial recai sobre o teodrama, isto é, ter a convicção que estamos comunicando num contexto trinitário onde há um diálogo, um encontro divino que envolve fala, ação e interação; diálogo e monólogo. A soberania divina não é incompatível com a pessoalidade e interatividade comunicativa.

4.3.3 O Problema Pós-Moderno e a História de um Filho de um Pastor

O grande problema da adoração pública nas igrejas batistas no Brasil na atualidade pós-moderna é a busca frenética por substituir o grande tema do culto por narrativas individuais. Essa tentação permeia todo o processo litúrgico. A resposta adequada a tal situação poderia ser dada de modo rápido, apenas dizendo que precisamos expor as Escrituras e deixar que ela reverbere em toda a adoração pública. Essa é a máxima conceitual que precisa ser clareada em termos comunicativos trinitariano.

Embora as narrativas do ambiente do ouvinte devam ser tratadas no ato das implicações práticas do sermão, tais narrativas possuem uma moldura mais relevante que é o eixo dramático que eleva o ouvinte a um patamar superior – a esperança do Evangelho. Nesse sentido, a necessidade da pregação expositiva, tão bem tratada por Haddon W. Robinson, destaca que:

[...] a tentação insistente de pregar alguma mensagem que não seja aquela das Escrituras – um sistema político (quer da direita ou da esquerda), uma teoria da ciência econômica, uma nova filosofia religiosa, antigos slogans religiosos ou uma tendência da psicologia.⁷⁴⁵

A comunicação do Evangelho sempre tem a tendência de ser conduzida com adjacências que se tornam um fim em si mesmo. A exposição bíblica contorna essa situação com a metanarrativa redentiva e o teodrama nos mostra a profundidade comunicativa do Deus trino.

⁷⁴⁵ ROBINSON, 2002, p. 20.

Quando trouxemos o drama da doutrina retratado por Kevin Vanhoozer para contribuir com a pregação redentiva, que intitulamos de pregação teodramática, pensamos no problema pós-moderno da adoração pública, que se divide em cultos com enfoque terapêutico e cultos onde a pregação não passa de transferência de informações doutrinárias. Vivemos os extremos de um neopentecostalismo pragmático e um contexto de igrejas históricas que se perdem gradativamente pela pressão pós-moderna. Defendemos o uso do método tradicional com o diálogo-monólogo comunicacional do drama, que difere da nova homilética, no tocante ao movimento hermenêutico que ela defende. Não se trata de conjugar à Palavra um tipo de criatividade que seja capaz de, por si só, levar o homem ao convencimento de sua condenação e pecaminosidade e da realidade redentiva em Cristo. Não, o argumento não é esse, mas o de buscar de modo tradicional e conservador, dentro do ambiente pós-moderno, que é um desafio, mas também uma oportunidade, a ênfase da dinâmica adoração-doutrina-adoração tratado como drama redentivo, conforme descrito em algumas imagens por John Frame, a ser tratado posteriormente.

Diante de cultos transformados em narrativas terapêuticas, o desenvolvimento da pregação com autoridade bíblica, redentiva e dramática tem como objetivo mostrar que, dentro da comunicação dialogal divina, o monólogo é o limite. O diálogo envolve o ouvinte na história, fazendo com que ele entenda a doutrina como um fundamento e um desdobramento doxológico e testemunhal, com freios na autoridade da intenção autoral. A tensão reside justamente no fato da pregação não ser apenas uma comunicação de informações doutrinárias, mas em ser a proclamação da verdade de Deus em Cristo (que tem bases doutrinárias) com vistas a uma vida que se envolve dramaticamente, a partir da adoração pública para a missão de Cristo na vida. A adoração na pós-modernidade precisa receber os aportes de toda a amplitude do Deus comunicador. Por estarmos num momento onde flui muitas espiritualidades, por que teríamos que deixar de abordar a intensidade comunicativa trinitária? Essa busca frenética por sentir, ver, provar e mergulhar já está implícita nos atos comunicativos de Deus, carecendo apenas de ser melhor explorada.

Como Calvino, Vanhoozer e as percepções de Philip Rieff podem nos ajudar para entendermos a adoração contemporânea batista no Brasil? Antes de começarmos esse diálogo, convém trazer a consideração de Eswine Zack que, ao

tratar de Deus como o Pregador, como aquele que em sua trajetória trinitária se comunicou de diversas formas, deve no impulsionar para uma conexão das posturas “proféticas, sacerdotais e de sabedoria para a pregação. Deus já forneceu as estruturas de comunicação que precisamos para enfrentar os desafios que encontramos. Deus Prega às pessoas que nos confundem.”⁷⁴⁶ Eswine Zack chama nossa atenção sobre a necessidade de análise dos motivos culturais e a partir do Evangelho, lançarmos luz redentiva sobre tudo e descobrir aquilo que de fato o Evangelho proporciona. Com as lentes proféticas, sacerdotais e de sabedoria, comunicamos em diferentes ocasiões e culturas, usando as três funções ao mesmo tempo e alternadamente. Eswine Zack⁷⁴⁷ trata da questão terapêutica não como um fim em si mesmo, mas como algo imbutido na totalidade da comunicação do Evangelho e que inevitavelmente os ouvintes buscarão na vida. O que ele nos

⁷⁴⁶ ESWINE, 2008, p. 106-107.

⁷⁴⁷ “When we communicate, we ask some questions. What does this text teach us about God? 2. What does this text teach us about people (religious and irreligious)? 3. What does this text teach us about the place (creation and cultures)? 4. What does this text expose about our personal response to it? Preach the truth, the therapy, and the third way, where it shows us that God is not lost or out of touch. Therefore, we can ask the four questions in history to discern and involve what is true, what is therapeutic, and how the gospel interprets both. This means that we will preach Jesus as not just a teacher of principles, not just a healer of sorrows, but as the Savior of history, apart from whether we believe principles or therapeutic experience of them. Since the Bible is true, sermon listeners will also find therapeutic benefits. The Bible aims to transform us. Truth and therapy form in Christ the substance and effect of our sermons. Remove the therapeutic value of truth and biblical preaching is reduced to a system of abstract principles or facts that have no real-life application. Remove the truth from therapy and biblical preaching is reduced to a self-help moral guide. This point exposes preachers to our need for gospel guidance. Giving guidance to the gospel means that we will locate the vine for people. We will expose from the text what Tim Keller called “the third way.” This phrase reminds preachers that the gospel challenges both the irreligious and the religious. The gospel is distinguished from moralism and simplism. The gospel is something completely different from liberalism and inadequate conservatism”. “Quando comunicamos, fazemos algumas perguntas. 1. O que esse texto nos ensina sobre Deus? 2. O que esse texto nos ensina sobre as pessoas (religiosas e irreligiosas)? 3. O que este texto nos ensina sobre o lugar (criação e culturas)? 4. O que esse texto expõe sobre nossa resposta pessoal a ele? Pregue a verdade, a terapia e a terceira via, onde nos mostra que Deus não está perdido ou sem contato. Portanto, podemos fazer as quatro perguntas da história para discernir e envolver o que é verdadeiro, o que é terapêutico e como o evangelho interpreta os dois. Isso significa que vamos pregar Jesus como não apenas um professor de princípios, nem apenas um curador de mágoas, mas como o Salvador da história, à parte se acreditamos princípios ou experiência terapêutica deles. Como a Bíblia é verdadeira, os ouvintes do sermão também encontrarão benefícios terapêuticos. A Bíblia tem como objetivo nos transformar. Verdade e terapia formam, em Cristo, a substância e o efeito de nossos sermões. Remova o valor terapêutico da verdade e a pregação bíblica é reduzida a um sistema de princípios ou fatos abstratos que não têm aplicação na vida real. Remova a verdade da terapia e a pregação bíblica é reduzida a um guia moral de auto-ajuda. Este ponto expõe os pregadores à nossa necessidade de orientação do evangelho. Dar orientação ao evangelho significa que localizaremos a videira para as pessoas. Exporemos a partir do texto o que Tim Keller chamou de “a terceira via”. Essa frase lembra aos pregadores que o evangelho desafia tanto os irreligiosos quanto os religiosos. O evangelho se distingue do moralismo e do simplismo. O evangelho é algo completamente diferente de liberalismo e conservadorismo inadequado”. ESWINE, 2008, p. 111. (Tradução nossa, com uso recursos *online*).

lembra é um pouco diferente do que queremos abordar. Ele parte de uma análise comunicacional também retratada por Timothy Keller. A via terapêutica é inevitável em qualquer sistema religioso e não seria diferente no cristianismo, mas o problema são as percepções que demonstraremos a seguir: para muitas pessoas, o que resta na vida é buscar no Evangelho o elemento terapêutico, somente. Em outros contextos, o culto tornou-se um ambiente com uso de linguagem cristã, mas notadamente norteadado pela busca do alívio da dor. Seria hipocrisia achar que não existam elementos terapêuticos no culto, mas é irresponsabilidade deixar de buscar no culto a essência do seu significado, a adoração.

Passamos por Calvino e Vanhoozer e agora interagiremos com Philip Rieff no contexto de sua obra “O Triunfo da Terapêutica” e ao final proporemos uma exposição bíblica teodramática para o norteamo da adoração pública. Rieff trata do tema do triunfo da terapêutica a partir da análise descritiva e crítica da psicologia de Jung, a qual denomina de linguagem de fé. Ele resume o drama vivido pelo pai de Jung, que era pastor da seguinte forma:

C.G. Jung, psiquiatra, atribuiu o que aconteceu com seu pai, o pastor Paul Jung, que se tornou um caso psiquiátrico, com vida em asilo e miséria, como fruto do colapso do mito cristão, ou seja, o fracasso do cristianismo em controlar os conflitos interiores dos seus adeptos. A história do filho do pastor foi recordada para Aniela Jaffe, como um registro de uma luta para descobrir, para si mesmo, o mito pessoal pelo qual ele poderia viver, livre do mito cristão que havia falhado em dar ao seu pai um senso de bem-estar exequível. A premissa dominante de sua psicologia era o fracasso das religiões estabelecidas no Ocidente. Jung, olhou para trás, com o feliz desdobramento de um contra-mito que o salvou do destino de seu pai. Ele fez uma convergência das mensagens divinamente inspiradas e da inteligência científica numa psicologia religiosa – melhor adaptada para o século XX.⁷⁴⁸

Nomenclaturaremos a perspectiva de Jung analisada por Philip Rieff de narrativas pessoais em contraposição à metanarrativa, que está no centro da proclamação do Evangelho redentivo. Nosso objetivo não é tratar de todos os aspectos investigados por Rieff acerca do pensamento de Jung, mas nos concentrarmos nos pontos tratados a seguir no contexto da exposição teodramática como respostas à linguagem de fé jungiana (característica da adoração atual de muitas igrejas batistas no Brasil), que aderiu ao triunfo da terapêutica:

⁷⁴⁸ RIEFF, 1990, p. 115.

[...] conforto a humanistas literários contemporâneos que, aborrecidos com os milagres de multiplicação de pães e peixes da ciência moderna, tinham que ser reasssegurados de que não só de pão vive o homem. Jung propõe uma espiritualidade sem o incômodo da igreja.⁷⁴⁹

A experiência religiosa de Jung e errônea percepção de que o cristianismo é um sistema terapêutico que falhou, especificamente na experiência do seu próprio pai, mostra-nos um subterrâneo religioso que está inserido no cristianismo. Hans Urs Von Balthasar relata que Jung:

[...] acredita que está trazendo à vida novamente os tesouros perdidos do mundo mítico-religioso de símbolos (indispensáveis para a civilização humana), como experiência psíquica ou como condição prévia inconsciente, no lugar de uma metafísica que agora está morta, e um dogma e liturgia eclesiástica que se tornaram vazios e ineficazes.⁷⁵⁰

A ineficácia litúrgica cristã tratada por Balthasar diz respeito à morte do elemento terapêutico que Philip Rieff descreve no contexto da experiência de Jung e seu pai. Comunicar o Evangelho hoje requer que puxemos as categorias esquecidas do discurso trinitário do drama, que é dialogal, e se perfaz na resposta adequada para restauração da adoração pública. O diálogo que a comunicação do Evangelho propõe não é uma libertação do monólogo, mas o modo dramático como Deus se comunica em toda a história da redenção, que continua viva no culto público com vistas à glória divina no culto da vida. A função que a exposição bíblica teodramática traz na adoração, além de outras já citadas, é ordená-la de modo que a fé não se torne um emaranhado de fusões de sentimentos pessoais, e muito menos um repositório de histórias. O teodrama busca realinhar a história redentiva de modo que o Emanuel seja uma realidade viva, em movimento pleno no poder do Espírito Santo. A exposição trata de fatos que são levados ao convencimento interno pelo Espírito, o qual chamamos de questões subjetivas, mas ordena tudo isso pela própria Palavra de modo objetivo. O teodrama intensifica todas as dimensões de ação divina, tirando-nos dos extremos da racionalidade pura (modernidade) e da irracionalidade (pós-moderna).

⁷⁴⁹ RIEFF, 1990, p. 122.

⁷⁵⁰ "He believes that he is bringing to life again the lost treasures of the mythico-religious world of symbols (which is indispensable for human civilization), as a psychic experience or as the latter's unconscious precondition, in place of a metaphysics, which is now dead, and an ecclesiastical dogma and liturgy, which have become empty and ineffectual." VON BALTHASAR, Hans Urs. **Theo-Drama: Theological Dramatic Theory. Prolegomena.** San Francisco. Ignatius, 1988. p. 7561. v. 1. (Edição do Kindle).

O desafio dessa tese é mostrar que a dinâmica da exposição bíblica teodramática, como ápice da adoração cristã (não como único ato dramático), é primordial para moldar todo o enredo, que vai além das narrativas dos ouvintes. Na pós-modernidade, precisamos de uma comunicação que saliente os ouvintes quanto à participação desse diálogo intencional divino, que contém uma história, mas em pleno movimento, contada e recontada numa participação dramática, com um monólogo que marca o compasso e o ritmo do drama. A exposição bíblica teodramática cumpre esse papel: uma pregação dialogal com o uso de toda a criatividade dos estilos literários bíblicos, mas indo além da mera criatividade e inovação comunicacional ou estilos de oratória: Trata-se de um encontro pessoal em que, pela pregação, Deus está dialogando com seu povo de modo que cada coração está envolto nessa conversa coletivamente e individualmente. É uma conversa real, viva, vibrante, cheia de confrontação, participação e emoção, mas amplamente canônica.

A identidade⁷⁵¹ do povo de Deus depende da metarrativa histórico-redentiva no processo do culto cristão. A necessidade da pregação expositiva no culto cristão não tem outra função a não ser a de buscar o significado da história da criação, queda e redenção e sua aplicação aos dias atuais, numa jornada dramática que vai além da história, numa trilha teológica e bíblica dialogal e monologal, com cenas de proclamação e demais atos litúrgicos, com a participação do Pai, que fala e age por causa da justiça cumprida pelo Filho, na dinâmica do Espírito. Trata-se de uma adoração que vai além da racionalidade ou abstração. Uma adoração que deve fugir

⁷⁵¹ “É difícil ver como a identidade de Deus e sua ação em Cristo e na igreja poderiam ser enunciadas de forma mais adequada do que com o uso de palavras. Aliás, os sermões de Atos e as epístolas indicam que o modelo profético de Moisés (exposição, aplicação e exortação fundamentadas na revelação de Deus) é o padrão; e, como essa ação está claramente ligada a uma teologia divina de um Deus que fala, o pregador não pode simplesmente ver sua tarefa como mera comunicação de informação”. O problema que envolve todas as questões da vida é a falta de junção da forma e conteúdo. Ter um bom conteúdo e não aplicá-lo é tão grave quanto ter uma boa aplicação com um conteúdo raso. O certo é unir os dois desafios. Os efeitos de uma pregação que contém somente conselhos práticos são os mesmos daquela mensagem que transmite somente informações: não comunicam, ou seja, não alcançam o ouvinte. Todo o processo da homilética se torna infrutífero. “Deus não é um Deus de pantomina ou de encenação. Sua criação fundamental é um conjunto de revelação verbal e o corpo humano de Jesus Cristo, a Palavra que se fez carne. O trabalho do pregador não é citar a Bíblia como em uma palestra cheia de conselhos pragmáticos, mas expor o texto bíblico, aplicá-lo e exortar o povo a viver de acordo com ele, em união com Cristo e pelo poder do Espírito”. STRACHAN, 2016, p. 86.

da linguagem de fé jungiana, que se aproveita da velha liturgia para extrair novas formas pseudo-cristãs, “do qual a cultura pode tomar emprestado.”⁷⁵²

Sendo assim, seguiremos com a proposta de uma exposição bíblica teodramática, como proposta dialogal-ecclesial na adoração pública como norte da adoração pública na igreja batista no Brasil em contraponto ao conceito pós-moderno de culto como encontro terapêutico.

4.4 EXPOSIÇÃO BÍBLICA TEODRAMÁTICA: UMA PROPOSTA PARA A PÓS-MODERNIDADE

4.4.1 Contornos Iniciais da Proposta de uma Exposição Bíblica Teodramática

Como responder às demandas pós-modernas no contexto do culto cristão em muitas igrejas batistas no Brasil que foram infectadas por uma linguagem de fé que não reflete a metanarrativa cristã? Como o culto na pós-modernidade poderia resistir às dinâmicas de uma mera reunião com ares terapêuticos voltados para o “eu”? Rudolf Otto, ao se reportar à divinização no cristianismo de hoje, fala que o “que caracteriza a proclamação de Jesus são dois elementos básicos, dentre os quais destacamos a pregação do reino de Deus, na origem e de fora a fora não como acessório mas como sentido fundamental da causa.”⁷⁵³ Quando Otto fala da questão da pregação como parte principal, isso nos remete à resposta que temos que dar ao contexto contemporâneo. Não poderia ser uma resposta simplória, no sentido fundamentalista, liberal ou existencial, mas uma resposta que foge dos extremos hermenêuticos do objetivismo puro ou do subjetivismo irracional, ou seja, uma proposta hermenêutico-homilética que enxerga os desafios atuais, mas usa-os como aliados em termos de oportunidade. Não é inovar ou ser criativo no sentido de ressignificar, mas usar o que temos revelado nas Escrituras Sagradas de modo como lá está, na direção do Grande Artista, que se comunica de modo especial através de sua Palavra, que não está morta, mas vivificada a cada encontro público, com desdobramentos para o culto privado.

Uma exposição bíblica teodramática não parte do princípio de uma criatividade pragmática. Uma exposição norteadora de modo renovado para a

⁷⁵² RIEFF, 1990, p. 131.

⁷⁵³ OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 198.

adoração pública parte de uma “criatividade que nos desperta para a glória de Deus de modo não sentimental, mas ligada à realidade”⁷⁵⁴, ou seja, é um processo narrativo, com deduções bem definidas. Quando usamos o termo “teodramático,” fazemos referência à ação dramática trinitariana em toda a revelação bíblica. Expor teodramaticamente é passar pela trilha divina criativa em sua autorevelação da criação a redenção e a futura consumação. Oliver Davies diz que todo e qualquer “ato de leitura, toda tentativa de entender e encontrar sentido no mundo do qual fazemos parte, é descoberta como uma participação na criatividade da Palavra divina.”⁷⁵⁵ A exposição teodramática parte da história da redenção. A criatividade na pregação é o recontar a grande narrativa, também chamada de metanarrativa ou cosmovisão cristã, de modo criativo, no sentido de “renovar, embelezar e enobrecer”⁷⁵⁶ toda a ação divina na extensão de sua revelação com o ápice no drama do Filho, onde “somos convidados a esse grande trabalho como seus aprendizes.”⁷⁵⁷ Bill Lane nos lembra que a “adoração é uma resposta que damos ao ouvir a Palavra de Deus.”⁷⁵⁸ O processo de criatividade faz parte da ação trinitariana em toda a narrativa bíblica, onde há uma ação progressiva e dramática que deve ser bem usada pelos expositores bíblicos. Michael Card colabora com Oliver ao dizer que:

[...] a criatividade é adoração, conquanto seja, em sua essência, uma resposta. Ouvimos a Palavra e respondemos com música, com silêncio, em reverência e em apreciação, quando apanhamos a bacia e a toalha. É uma resposta romântica a essa Pessoa a quem adoro. Ele é belo! Por se tratar de uma resposta, ela não tem origem em nós. Ele fala. Ele se move. Ele é belo. Nós respondemos. Nós criamos. Nós adoramos. O chamado para a criatividade é um chamado para a adoração.⁷⁵⁹

A adoração é uma resposta criativa não no sentido teatral de mera encenação fictícia, mas numa teatralização com cenas reais, onde o protagonista se faz presentes, se envolvendo com o público, gerando fé em cenas que envolvem razão, emoção, sentimento, identidade e diálogo e ordens pactuais. Se a adoração é uma resposta que damos ao ouvir a Palavra, a Palavra necessariamente norteia o

⁷⁵⁴ WILLIAMS, Thaddeus J. **Refleta**: Tornando-se você mesmo ao Espelhar a Maior Pessoa da História. Brasília: Monergismo, 2018. p. 198.

⁷⁵⁵ DAVIES, 2004, p. 963.

⁷⁵⁶ WILLIAMS, 2018, p. 188.

⁷⁵⁷ WILLIAMS, 2018, p. 188.

⁷⁵⁸ CARD, Michael. **Cristo e a Criatividade**: rabiscando na areia. Viçosa: Ultimato, 2004. p. 29.

⁷⁵⁹ CARD, 2004, p. 29.

culto. Essa resposta pode ser dada de modo errado, caso a Palavra seja ministrada de modo pragmático ou de modo que desconsidere a linguagem usada pelo próprio Deus. A exposição bíblica teodramática busca o ambiente adequado para a pós-modernidade, de forma a fugir dos extremos de uma mensagem dedutiva doutrinária ou de uma mensagem indutiva pragmática. O eixo de equilíbrio é o teodrama expositivo, que busca na linguística-canônica a compreensão de toda a extensão comunicativa cristã, não se atendo aos caprichos da cultura da comunidade local que às vezes se molda numa identidade que é mais cultural do que cristã propriamente dita.

A Reforma Protestante “foi o ambiente apropriado para a experiência individual em virtude do resgate do sacerdócio universal de todos os crentes.”⁷⁶⁰ Entre a Reforma e a Pós-modernidade, chegamos na expressão mais aguçada dessa experiência individualista, com a desconsideração da figura da autoridade, a qual havia sido mantida na Reforma. A culpa não foi da Reforma, mas do desenvolvimento desequilibrado do individualismo. Na atualidade, diante do subjetivismo exacerbado, qualquer texto deixa de ter um significado. A proposta de uma exposição bíblica teodramática como norteadora do culto público parte do pressuposto de que o texto bíblico tem seu valor histórico hoje, mas de maneira renovada e criativa, como está expresso em toda a revelação criativa do Deus trino. Dramaticamente, o texto deve ser pregado de modo que a voz de Deus seja proclamada. Uma voz que deve ser proclamada da forma como a trindade a pronunciou, criativamente, de diversas formas a variadas culturas e usando as diversas formas literárias. Uma voz que não deve ser vista como autoritária (como supõe o momento atual), mas uma voz que deve ser ouvida para que a história do povo de Deus seja contada de modo correto, isto é, uma história recontada liturgicamente de modo que nos o povo se veja como participantes no drama, e contudo, com limites delineados no autor do drama. Uma história onde descreve um homem criado à imagem de Deus que contrasta o tipo das muitas narrativas atuais, onde o lema é construir um deus à imagem e semelhança do homem.

A partir dos reformadores, especificamente em Calvino, a exposição bíblica volta a ser o ápice da adoração (não como única parte do culto), trazendo para o ouvinte a formação da metanarrativa. Calvino, ao trabalhar nossa participação em

⁷⁶⁰ LEWIS, 2003, p. 76.

Cristo, conta com Kevin Vanhoozer, mostrando que essa “ação comunicativa divina é “finalmente orientada para a comunhão divino-humana que efetua a santificação numa participação cristodramática (Hb 3.14-15).”⁷⁶¹ Von Balthasar ao destacar a encarnação e a trindade como os dois pilares da dogmática cristã, lembra-nos que o ponto central desse enredo dramático é “decisão soberana e amorosa de não reter para si a própria imagem de Deus, mas abrir ao homem comum a possibilidade de participar na vida, ação e paixão do Deus-homem.”⁷⁶² O teodrama trazido para a pregação expositiva não seria uma forma de inovar ou dizer que temos que dinamizar o culto para a igreja ser relevante no momento atual, mas é viver os recursos divinos de modo que correspondamos de modo apropriado no enredo cristão. A exposição bíblica teodramática é respaldada no Evangelho, como fator linguístico-canônico que delinea a comunidade cristã, divergindo da questão linguístico-cultural proposta por Lindbeck.

A exposição bíblica teodramática reconhece o problema da mentalidade grega e prefere um teísmo bíblico, tratando do modo comunicativo divino como foco para a pregação, bem tratado por Carl Henry como “axioma ontológico do Deus vivo que fala e se revela, ao invés do teísmo clássico, ou do aberto ou do deísmo.”⁷⁶³ De fato, uma exposição bíblica que leve em consideração a questão trinitariana, terá como eixo uma teologia baseada no Evangelho:

[...] uma boa notícia que fala e age, um ser pessoal, em vez de objeto, como agência comunicativa ao invés de causalidade impessoal, que combina as melhores partes da herança evangélica: escolástica (intelecto); pietismo (coração); e ativista (vontade) – a fim de encarnar a sabedoria cristã e demonstrar o que significa conhecer e amar a Deus em expressões pessoais e comunitárias da vida. A boa notícia é que os seres humanos não foram excluídos da divina comédia, mas convidados a participar.⁷⁶⁴

Oliver Davies trata de um tipo diferente de semiótica que contrasta a tendência grega:

[...] que é a auto-presença linguística, segundo a qual subjetividade e som são fundidos como voz e divino precedente, formando o terreno que constitui a doação do mundo. É um contraste à tendência grega, que também é bem representada na era moderna e que gosta de abstrair a presença da linguagem. A auto-presença linguística é para tornar o agente

⁷⁶¹ BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle).

⁷⁶² BALTHASAR, Hans Urs von. **Quem é Cristão**. São Paulo: Cristã Novo Século, 2004. p. 51.

⁷⁶³ HENRY, 2016, p. 171.

⁷⁶⁴ VANHOOZER, 2016b, p. 13-38.

da fala anterior e considerar a linguagem como um instrumento expressivo para a comunicação de ideias que residem na mente do falante. Para adaptar uma frase de Merleau-Ponty, a linguagem nos precede como um "elemento" no qual chegamos à nossa auto-realização linguística. Em termos dessa leitura de nossos textos bíblicos, a natureza anterior da fala humana incorporada nesses textos é ela mesma precedida por uma fala divina originária que estabelece condições para a primeira que determinam suas verdadeiras realizações. O caráter mais primário desse discurso, que é a criatividade de Deus, ordena a fala humana e, com ela, todas as manifestações semióticas da vida humana em termos de cultura, práxis e crença, bem como intervenções divinas, iniciativas, como a teofania ('falar com' - levando ao cumprimento da lei e ao Pacto), profecia e proclamação ('Deus fala em ou através de nós') e encarnação ('falando em ou como') ou discurso cheio do Espírito ('falamos em Deus').⁷⁶⁵ (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

A proposta de uma exposição bíblica teodramática visa o norteamento da adoração pública de modo criativo, pois a história do povo deve ser contada e recontada no culto de modo vivo e renovado, através da ação do Espírito. A proclamação não é uma forma estática e historicamente vista com um museu, mas uma história dinâmica, que durará por toda a eternidade.

Nos tópicos finais desta tese, Philip Rieff nos ajudará a entender com mais precisão o fenômeno sintomático de muitos cultos no contexto batista brasileiro⁷⁶⁶, levando-nos à inquietação contra à aceitação e validação de todas as cosmovisões. O contexto do culto batista na atualidade é uma mistura de cosmovisões, onde verifica-se a figura subterrânea religiosa como fruto dessa mistura, bem descrita por Philip Rieff no cenário e história religiosa "cristã" de Jung: um teórico que:

[...] não se fundamenta com a revelação, mas com uma linguagem pessoal de fé, uma religião privada, que desqualifica o intelecto em detrimento de

⁷⁶⁵ [...] which is the linguistic self-presence, according to which subjectivity and sound are fused as voice and divine precedent, forming the ground that constitutes the bestowal of the world. It is a contrast to the Greek tendency, which is also well represented in the modern age and which likes to abstract the presence of language. Linguistic self-presence is to make the former speech agent consider language as an expressive instrument for communicating ideas that reside in the speaker's mind. To adapt a phrase from Merleau-Ponty, language precedes us as an "element" in which we come to our linguistic self-realization. In terms of this reading of our biblical texts, the earlier nature of human speech embodied in these texts is itself preceded by an original divine speech that sets the conditions for the first that determine its true achievements. The most primary character of this discourse, which is God's creativity, orders human speech and with it all semiotic manifestations of human life in terms of culture, praxis and belief, as well as divine interventions, initiatives such as theophany ('speaking with' - leading to the fulfillment of the law and the Covenant), prophecy and proclamation ('God speaks in or through us') and incarnation ('speaking in or as') or Spirit-filled speech ('we speak in God'). DAVIES, 2016, p. 229-230.

⁷⁶⁶ Uma proposta de pregação de Calvino para atualidade é boa no sentido de também se evitar as dicotomias escravizantes e alienantes também não pode incorrer em erros como aconteceu nos primórdios da fé reformada no Brasil. Nos primórdios, conforme relata Hack, a fé reformada foi "mesclada por projetos políticos e econômicos, sufocando o objetivo inicial que se propunha implantar a nova visão do Cristianismo em solo brasileiro". HACK, 2007, p. 165.

uma lógica do sentimento, não cabendo nem na categoria dos eruditos cristãos e nem dos anticristãos.⁷⁶⁷

O objetivo de Jung não era se adequar à cosmovisão cristã, mas suas colocações e ambiente cristão em que viveu nos auxilia para entender o paradoxo atual, que é o triunfo do modernismo no tocante à fé como vivência experiencial religiosa. Philip Rieff, a partir de Jung, apresenta a fé subterrânea que é desenvolvida atualmente no contexto batista, que se perfaz “numa cristandade transformada em psicologia, podendo realizar através da imagética ‘pagã’ sua própria transformação.”⁷⁶⁸ Jung retrata a cristandade vivida pelo seu pai, como insuficiente para resolver os problemas mais profundos da alma que levam o homem à miséria. Em Jung, esse dilema encontra solução na teoria fideísta promovida por ele: “uma terapêutica nova que outrora foi rejeitada pela cristandade pelo paganismo embutido.”⁷⁶⁹

O alerta de Rieff é para que cada grupo que se sinta incomodado com a influência do triunfo da terapêutica possa se reorganizar em sua identidade através do culto, que é o ambiente que são formadas as bases de uma crença. Rieff tem uma percepção que já está implícita na história bíblica da nossa fé, mas usamos esse aporte teórico em virtude do enredo identificado por ele se encaixar perfeitamente na nossa inquietação no contexto batista brasileiro. Argumentaremos essa identidade descrita por Rieff a partir da exposição bíblica teodramática, que será tratada como algo que vai além de de uma de uma história contada; o teodrama parte da história da redenção, mas contada e repetida como um relacionamento dialogal vivo, com limites no monólogo canônico: um Deus trino que se comunica e se faz presente na Palavra pregada e envolve seu povo nas cenas dramáticas.

4.4.2 Achando o Ponto de Equilíbrio

A presente pesquisa não parte do pressuposto de que tudo o que foi produzido pelos movimentos hermenêuticos e homiléticos na presente época seja algo negativo. Seria desonesto não atribuir os fatores positivos dos variados momentos e estações teológicas. Destaca-se aqui uma exposição bíblica

⁷⁶⁷ RIEFF, 1990, p. 131.

⁷⁶⁸ RIEFF, 1990, p. 132.

⁷⁶⁹ RIEFF, 1990, p. 132.

teodramática que trata do ouvinte como participante do sermão, não segundo as suas regras e subjetivismo, mas numa encenação dramática, onde o próprio Deus trino envolve-o na fé canônica. Isso não nos leva a crer que o subterrâneo religioso deixaria de existir.

Assim como veremos logo à frente em Rieff, Oneide Bobsin em suas pesquisas em subterrâneos religiosos nos instiga com sua pesquisa de campo, onde em vários relatos coletados encontrou “superstição, relatos de fantasmas e outros depoimentos”⁷⁷⁰ que mostram que, mesmo comunidades cristãs em que há uma preservação da tradição não está afastada a possibilidade de encontrarmos membros com narrativas e histórias que pouco coadunam com a metanarrativa redentiva. Afora os incidentes cotidianos de pessoas que vivem em comunidades cristãs, mas estão em outra estação religiosa ou no submundo religioso, temos a dinâmica do culto contemporâneo, que faz uso da linguagem de fé, mas macula sua essência. Além do elemento vertical, o elemento horizontal é ultrajado nesses ambientes, pois o “indivíduo contemporâneo criou uma prática de cuidado de si desvinculada do cuidado do outro, sendo que esse cuidado se expressa como auto-interesse e auto-satisfação.”⁷⁷¹ Sendo assim, os efeitos do culto com uso de linguagem de fé cristã, mas com propósitos puramente terapêuticos, alcançam todas as dimensões da identidade cristã.

A reação contra o sermão tradicional é legítima em alguns aspectos, mas danosa em outros. O que podemos aprender com nova homilética? Sermão não “pode ser recitação de fatos. Deve interagir na mente e coração do ouvinte. O sermão deve levar o ouvinte a algum lugar. Apesar dos erros, existe algo que deve ser mantido no modelo narrativo.”⁷⁷² Citamos uma contribuição, mas lembrando que o puritanismo já tratava de um dos aspectos citados através da pregação experiencial. Joel Beeke, ao tratar da espiritualidade reformada, traz à tona o alvo do pensamento balanceado, tratando dos requisitos dos pregadores experienciais, os quais deveriam entender, agir e viver “entre as dimensões objetivas e subjetivas do

⁷⁷⁰ BOBSIN, Oneide. O subterrâneo religioso da vida eclesial: um tema gerador. In: TEIXEIRA, Hélio Aparecido; REBLIN, Iuri Andreas; DE LA PAZ, Nivia Ivete Núñez (Orgs.). **Subterrâneo Religioso: reflexões a partir do pensamento de Oneide Bobsin**. São Leopoldo: EST, Editora Kaywa, 2016. p. 21-36.

⁷⁷¹ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Subjetividade Contemporânea e a Pesquisa em Teologia. In: BOBSIN, Oneide et al. (Orgs.). **Uma Religião Chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro**. São Leopoldo: EST; Oikos, 2008. p. 15-26. p. 21.

⁷⁷² KELLER apud LONG, 2017, p. 282.

cristianismo.”⁷⁷³ Nesse interim, fatores do desenvolvimento da nova homilética, como fruto do pensamento hermenêutico contemporâneo, são prejudiciais para o contexto da fé cristã, pois trabalham um tipo de subjetivismo diferente do citado por Beeke. O teodrama exposto não se difere da pregação experiencial no aspecto citado, mas amplia o leque da abordagem da categoria comunicacional trinitária, conforme veremos nos demais tópicos.

O “propósito da pregação segundo Thomas Long é ensinar, emocionar e mover. Até a década de 70, ensinar ocupava lugar proeminente; depois, com Craddock, Lowery, Buttrick, emocionar era o objetivo mais importante.”⁷⁷⁴ Uma pregação que só ensina um fato e não coaduna com a vida do ouvinte não é pregação. Por outro lado, uma tentativa de deixar o ouvinte chegar à própria conclusão de tudo que é pregado, é perigoso, pois partiria do princípio de que os fatos proposicionais da fé cristã não possuem relevância e que a comunicação divina é somente um diálogo. O princípio pactual redentivo traz uma comunicação com exigências, a qual são cumpridas em respostas na adoração pública e privada.

Os “pensadores pós-modernos abriram mão da ideia moderna de que existe algum método que nos oferece uma visão absoluta da verdade.”⁷⁷⁵ Isso trouxe benefícios e malefícios. A bondade do pensamento contemporâneo é em termos fios soltos de um método puramente objetivo. “Os pensadores pós-modernos chamam com razão nossa atenção para a ingenuidade da tentativa de descobrir a verdade universal recorrendo tão somente à razão.”⁷⁷⁶ O prejuízo vem através da subjetividade ser colocada em evidência além do limite, gerando um sistema de “irracionalidade”, na visão de Jürgen Habermas, ou seja, do racional puro para o irracional. O irracional é visto na luta contra toda e qualquer verdade objetiva e uma “fuga total para categorias não racionais.”⁷⁷⁷ A luta hermenêutica entre o objetivismo e o subjetivismo é também uma batalha do campo homilético. A contemporaneidade não pode se tornar um ambiente de reações teológicas reducionistas. É o momento de pensarmos em todas as contribuições, e avaliarmos quão profundo e útil pode ser

⁷⁷³ BEEKE, Joel. **Espiritualidade Reformada**: uma teologia prática para a devoção a Deus. São José dos Campos: Fiel, 2014. p. 565.

⁷⁷⁴ KURUVILLA, 2017, p. 23.

⁷⁷⁵ WILKINSON, Loren. A Hermenêutica e a Reação Pós-Moderna contra a Verdade. In: DICK, Elmer (Ed.). **Hermenêutica**. Abordagem Multidisciplinar da Leitura da Bíblia. São Paulo: Shedd Publicações, 2012. p. 142.

⁷⁷⁶ GRENZ, 2018, p. 235.

⁷⁷⁷ LARSEN, 2005, p. 22.

resgatar os gigantes da fé, trazendo clareza sobre o pensamento deles para o momento atual. Essa é a proposta de Vanhoozer: clarear o pensamento de Calvino para uma hermenêutica atualizada. E nossa proposta é lançar essa proposta para o campo da pregação. Isso chamaremos de exposição bíblica teodramática.

É bem verdade que existe um subterrâneo religioso na vida do ouvinte onde o pregador não consegue controlar o que ele entende acerca daquilo que é falado. Os ruídos da comunicação podem conduzir o ouvinte para outra sintonia e um certo subjetivismo, mas o “papel do doutor da igreja é medicar (Ef 4.11)”⁷⁷⁸ e nem sempre essa postura vai agradar o ouvinte que busca se automedicar diante daquilo que ele entendeu de um texto.

Os extremos encontrados entre as hermenêuticas na modernidade e pós-modernidade têm consequências terríveis para o púlpito atual. A atualidade subjetivista extremada é uma “oposição a um esboço racionalista, límpido e estruturado, uma crítica baseada numa compreensão não evangélica da revelação bíblica na qual um esboço estruturado não se encaixa nas partes da narrativa.”⁷⁷⁹ Por outro lado, os que militam na área tradicional podem tornar-se insensíveis diante de uma realidade inerente da fé: objetivismo e subjetivismo. O desafio é trabalhar os dois campos, limitados pela canônico-linguística proposta por Vanhoozer. O que está por trás dessa dinâmica hermenêutico-homilética que se move do autor para o texto e leitor é a tentativa de gerar no leitor uma “obrigação ética de ir contra a matiz ideológica do texto bíblico de vez em quando, gerando uma autonomia do texto.”⁷⁸⁰ O que pode mover o pregador tradicional é um desconhecimento do modo que a trindade interage na adoração. Como evitar esses extremos? Para vencermos os desafios do culto motivado pela expectativa terapêutica do “eu,” não podemos trabalhar categorias que se excluem. Essa é a razão de não encontrarmos paz em meio à guerra. Com isso, não queremos propor paz a todo custo, mas motivar pregadores do Evangelho a enxergar a profundidade do que significa expor a Palavra.

A modernidade, nos seus momentos mais nevrálgicos, trouxe a máxima da busca pela verdade através da prova científica; a pós-modernidade foi para o outro extremo ao lançar a fé cristã como um sistema autoritário, sujeitando-a ao juízo de

⁷⁷⁸ VANHOOZER, 2018, p. 73.

⁷⁷⁹ KELLER apud LONG, 2017, p. 282.

⁷⁸⁰ OSBORNE apud VANHOOZER, 2016a, p. 612.

quem lê e ouve. Se por um lado havia a alegação de um certo autoritarismo do texto, autor e transmissor, a mesma acusação pode ser feita hoje, ao dizermos que a autoridade foi totalmente transferida para os receptores. O resultado de tudo isso é o “abandono da crença na verdade universal implicando na perda de todo critério final.”⁷⁸¹ E a solução? Humildade interpretativa e convicção que estamos diante de um Deus que se auto-revelou e tornou possível o conhecimento de si mesmo através da adoração. A pregação é o meio em que toda esse drama alcança seu ápice comunicativo.

Jacques Derrida pensa que “o centro não consegue se manter e tudo se torna diálogo, num sistema no qual o significado âmago nunca está presente de modo absoluto e nenhuma comunicação possui um único e exclusivo.”⁷⁸² Embora esse pensamento seja uma realidade, independente de aceitarmos ou não, tal premissa precisa ser vencida no ambiente hermenêutico e homilético sob pena de cairmos numa espécie de ateísmo no contexto cristão e consequentemente anularmos o fundamento da fé cristã.

No próximo tópico, entraremos nos pontos propostos da tese. Falaremos do contexto do pai de Jung e o sofrimento. Demonstraremos que uma exposição bíblica teodramática não vê o ouvinte com insensibilidade ou com desprezo à sua dor e sofrimento, mas o faz enxergar toda a esfera e dimensão da adoração cristã e seus elementos como definidores da vida como um todo.

4.4.2.1 Exposição Bíblica Teodramática: um diálogo e monólogo da compaixão

Uma exposição bíblica teodramática é um diálogo e monólogo que mostra a ação trinitária em busca do filho, revelando de modo especial que a história dele, com suas dores e sofrimentos não é vista com insensibilidade, mas que está envolvida numa moldura maior. Diálogo, pois trata-se de um drama redentivo, onde o homem em comunidade cristã participa das cenas comunicativas, com o auge na pregação. Monólogo, em virtude desse drama ser norteado pelo cânon bíblico. Fechar o diálogo no monólogo canônico não é algo autoritário, mas o modo especial como Deus escolheu se revelar em toda a história. Os atos de fala divino compilados

⁷⁸¹ GRENZ, 2008, p. 234.

⁷⁸² WILKINSON, 2012, p. 142.

são típicos da tradição necessária para a manutenção da identidade. Sem o monólogo, a adoração pode tornar-se idolatria. As muitas vozes, experiências e espiritualidade pós-moderna não podem gerar reações propositivas sem a subjetividade que a revelação bíblica contém; por outro lado, a teoria da pregação não pode reagir de modo a negociar a identidade proclamatória.

As comunidades cristãs no ambiente batista em solo brasileiro vivem direta ou indiretamente aquilo que George Lindbeck defende, isto é, um contexto onde “doutrinas, histórias ou mitos cósmicos e diretrizes éticas estão integralmente relacionadas aos rituais que praticam, aos sentimentos ou experiências que evocam, às ações que recomendam e às formas institucionais.”⁷⁸³ Lindbeck parte de algo que realmente acontece no subterrâneo religioso das comunidades cristãs, mas que, ao mesmo tempo, precisa ser levado ao equilíbrio comunicacional proposto por Vanhoozer. A resposta é linguística, mas de cultural à canônica, pois, embora as comunidades tenham particularidades e experiências e uma cultura local, elas precisam entender que fazem parte de uma realidade católica. O uso da linguagem é o ponto forte de Lindbeck, o qual é usado por Vanhoozer, mas com o limite do monólogo divino tratado dramaticamente.

Uma exposição bíblica teodramática usa a força comunicativa trinitária com toda a sua criatividade comunicativa, mas com a moldagem canônica e não a cultural, pois a moldagem cultural defendida por Lindbeck lança um diálogo onde o monólogo se perde em meio às experiências comunitárias. O ponto é entender que o teodrama exposto no púlpito envolve um roteiro, que contém uma linha dramática de ação divina em busca do homem com o ápice em Cristo. Lindbeck diz que “tornar-se cristão envolve aprender a história de Israel e de Jesus o suficiente para interpretar e experimentar a si mesmo e ao mundo em seus termos.”⁷⁸⁴ Nos termos experienciais comunitários, o cristianismo torna-se uma narrativa solta em meio às muitas narrativas que envolvem um povo. A experiência faz parte da fé trinitária, mas advinda da linguagem criativa de um Deus que molda a cosmovisão do seu povo.

Nicholas Lash, orientador do doutorado de Kevin Vanhoozer, ao tratar do credo apostólico, fala do perigo do “relativismo e do imperialismo cultural. Ele trata

⁷⁸³ “O modelo linguístico-cultural faz parte de uma perspectiva que enfatiza o grau em que a experiência humana é moldada e, em certo sentido, constituída por formas culturais e linguísticas”. LINDBECK, 2009, p. 1292.

⁷⁸⁴ LINDBECK, 2009, p. 1292.

da necessidade de “termos um único enredo, pois a identidade cristã não diz respeito à unicidade de um catálogo ou lista de objetos de crença.”⁷⁸⁵ As crenças subterrâneas são inevitáveis, mas, nesses termos, a exposição bíblica teodramática serve de ápice e norte para a adoração pública. O dilema do subterrâneo religioso de Jung nos mostrará a seguir a necessidade da nossa argumentação e proposta.

Philip Rieff relata a experiência de asilo e miséria que o pai de Jung teve. O pai de Jung era um pastor que viveu os dissabores da vida. Jung tinha um pensamento de que “o cristianismo é um mito não mais terapêutico”⁷⁸⁶ e demonstra que ele era um tipo de “cristão” que “não mantinha uma posição cristã reconhecível”⁷⁸⁷, isto é, demonstrava uma confusão na sua crença e uma miscelânea de pensamentos religiosos subterrâneos. O argumento de Rieff era de que “Jung tinha um estilo parecido com o da erudição gnóstica e neoplatônica.”⁷⁸⁸ De fato, o culto cristão atual nas igrejas batistas no Brasil tem paralelos ao fideísmo de Jung, mais voltado para uma “psicologia religiosa e experiência, com estilo de receptáculo involuntário de uma linguagem reveladora de fé.”⁷⁸⁹

Carl Henry, ao falar da “cultura alienada”⁷⁹⁰ da transição da modernidade para a pós-modernidade, ajuda-nos a compreender que o dilema de Jung tratado por Rieff (triunfo da terapêutica) reside em sair do racionalismo ao irracionalismo, como reação perigosa, não somente para o campo da psicologia, mas para o tipo fé pseudo-cristã experencialista. Rieff nos mostra que estamos num contexto de transição da religião da cultura para uma psicologia religiosa de Jung:

[...] lembrando que o mesmo não vivia numa civilização eclesiástica, mas quis apresentar um propósito terapêutico para correções religiosas em detrimento da experiência do mito cristão não ter sido capaz de resolver o problema do seu pai.⁷⁹¹

⁷⁸⁵ LASH, 1993, p. 68.

⁷⁸⁶ RIEFF, 1990, p. 115.

⁷⁸⁷ RIEFF, 1990, p. 132

⁷⁸⁸ “A natureza dialética do pensamento grego conduziu inevitavelmente ao neoplatonismo. Filosofia dialética é todo sistema de pensamento que tenta reconciliar dois conceitos fundamentalmente hostis e reter ambas essas substâncias ou mundos de distintas naturezas dentro de seu sistema. O pensamento dialético apresenta assim uma tensão entre dois membros constituintes estranhos entre si, e essa tensão finalmente se resolve por meio de uma decisão a favor de um dos elementos”. RUSHDOONY John. **Rejeição à Humanidade**. Brasília: Monergismo, 2019.

⁷⁸⁹ RIEFF, 1990, p. 133.

⁷⁹⁰ HENRY, 2016, p. 171.

⁷⁹¹ RIEFF, 1990, p. 133.

A comunidade cristã que se desenvolve na atualidade vai além do sentido de comunidade e identidade comum. O senso comunitário batista no Brasil tem sido uma construção individualista. Um dos motivos é por não entenderem que a Reforma não estimulou uma livre interpretação individual⁷⁹², mas despertou o senso hermenêutico que não adstrito ao clero. Outro motivo é a abertura para a influência dos movimentos filosóficos e sociológicos no aspecto da identidade cristã. De fato, tais fatos são incontornáveis, ainda mais tratando-se da era das redes sociais, mas cabe à comunidade local manter a identidade através da proclamação do Evangelho. Von Balthasar realça que, para Jung, “o fato de que o ‘indivíduo real’, o problema de sua ‘identidade’, só pode ser definido por um processo, a saber, o processo de ‘individuação’, cujo resultado (se totalmente realizado) é o ‘eu.’”⁷⁹³ A identidade cristã, quando construída com bases distintas, não tem como gerar outro resultado a não ser o da comunidade cultural.

A exposição bíblica teodramática mostra uma fé comunitária em que a individualidade não é anulada, mas conduzida a uma fé comunitária trinitária que envolve os paradoxos da vivificação em detrimento da morte, deleite no processo do discipulado e alegria soberana no contexto da negação do “eu,” como nova vida numa nova comunidade.

Esse aspecto da psicologia religiosa de Jung é a recomendação para uma “religiosidade essencialmente privada, sem referência institucional, sob a suspeita que as instituições racionalizem rapidamente um sistema de símbolos, tornando-o rígido para o indivíduo, dificultando o processo de individuação.”⁷⁹⁴ A adoração pública envolve um processo de adoração individual, que parte do princípio do sacerdócio universal do corpo de Cristo, que considera cada cristão como parte do processo de leitura, interpretação e aplicação das Escrituras. No entanto, tal princípio não despreza a leitura comunitária das Escrituras, visto que a leitura individual sem critérios comunitários pode conduzir ao individualismo, subjetivismo e leituras partindo das narrativas pessoais com um fim em si mesmo. A religião

⁷⁹² “O Espírito nos prepara para ler as Escrituras mediante nossa interação em comunidade. Esse aspecto da revelação geral mostra como o Espírito Santo nos ajuda a interpretar as Escrituras por intermédio de outras pessoas – professores, livros, amigos, membros da família. A interação com outros que aprendem com o Espírito nos prepara de modo que possamos examinar as histórias do Antigo Testamento”. PRATT JR., 2004, p. 52.

⁷⁹³ VON BALTHASAR, 1988, p. 7561.

⁷⁹⁴ RIEFF, 1990, p. 137.

privada defendida por Jung reverbera na dinâmica culto individual-coletivo do sistema batista brasileiro, onde o princípio de liberdade de consciência é interpretado como livre interpretação. As consequências são visíveis num formato de comunidade com inúmeras micro-comunidades. Com isso, não estamos defendendo que o subterrâneo religioso não perpassa o cristão, mesmo porque isso é incontornável, mas, no entanto, tais tensões são diminuídas na medida em que o corpo de Cristo desenvolve uma adoração norteada pela exposição bíblica.

Rieff analisa Jung sob a perspectiva de uma psicologia religiosa:

[...] como resposta à neurótica ciência moderna, mostrando uma forma de humanismo literário em sua forma vingativa, que amaldiçoou a modernidade como uma doutrina que declara a automaticidade do sofrimento espiritual como o preço de uma cultura automatizada.⁷⁹⁵

Esse destempero entre a repulsa modernista e o tipo de irracionalismo jungiano respalda a adoração pós-moderna na denominação citada, que tem trabalhado uma teologia aplicada ao culto sob a premissa do “desencanto moderno, onde tudo o que é necessário é viver na época atual e manter o passado perigoso em seu lugar.”⁷⁹⁶ A adoração pública envolve o ápice da pregação histórico-redentiva, que deve ser uma exposição que norteia toda a dinâmica do culto, visto que, a grande narrativa é um drama que envolve o hoje, mas tem seus atos fundamentais para a proclamação narrados nas Escrituras, tratados memorialmente como fé viva para hoje com a generosidade graciosa do Senhor através dos meios de meio de graça, entre eles, a pregação, que visa à glorificação de Deus através de sua imagem perfeita, o Cristo. Em face da reverberação desse “profeta” da religião privada, que “pregou” contra uma intelectualidade que compele, tornando a análise num desenvolvimento pleno em terapia, em linguagem de fé.”⁷⁹⁷

O encontro no culto público não tem o objetivo de moldar toda a história cristã, visto que a teologia da adoração cristã diz respeito à “orientação de vida.”⁷⁹⁸

Quanto à liturgia eclesial:

[...] é um molde da vida. Hinos e canções de louvor a celebram. Os credos recitam quando confessamos o Deus Trino. Sermões explicam sua

⁷⁹⁵ RIEFF, 1990, p. 140.

⁷⁹⁶ RIEFF, 1990, p. 140.

⁷⁹⁷ RIEFF, 1990, p. 142.

⁷⁹⁸ PETERSON, 2009, p. 240.

importância para a nossa vida semanalmente, mostrando a autoridade e base na Bíblia, para vivermos no mundo como povo de Deus.⁷⁹⁹

Partindo da metanarrativa⁸⁰⁰ (criação, queda e redenção), o ouvinte será informado não somente acerca da necessidade salvífica, mas de toda a complexidade que envolve a humanidade pós-queda, que evita os efeitos da “ressonância religiosa de um deus subterrâneo, em vez do Senhor Jesus.”⁸⁰¹ Tudo isso teodramaticamente narrado expositivamente de modo que o ouvinte não seja envolvido numa história como a sua, mas numa metanarrativa que o envolve de maneira “criativa fazendo-o mergulhar na sua própria história perdida no Éden e recuperada em Cristo, numa peça em cinco atos, conforme narrado pelo dramaturgo Terêncio, citado por Craig Bartholomew.”⁸⁰²

Os batistas no Brasil têm sido marcados por uma realidade de mercado religioso, onde as narrativas dos ouvintes são atendidas com prioridade no espaço do culto. Um expositor diligente não negligencia o sofrimento humano, mas o coloca debaixo da metanarrativa da esperança do Evangelho, como recurso inesgotável.⁸⁰³ A igreja de Cristo é aquela que vive a dinâmica tríade da “Palavra que age, convida e divide; liberta e reúne; Do sermão que expõe, anuncia e confronta; e conseqüentemente canta, ora, discipula, se dispersa e, mais uma vez, convida.”⁸⁰⁴ Nessa dança, a compaixão está implícita na grande narrativa. O Deus trino que nos

⁷⁹⁹ GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 25.

⁸⁰⁰ A cosmovisão cristã envolve: 1. O modo como o Deus Todo-Poderoso criou o mundo e tudo que nele há, incluindo as pessoas que ele criou à sua própria imagem (criação); 2. Como nos afastamos de nosso Criador, escolhendo viver para nós mesmo em vez de viver para sua glória, assim ficando sob a maldição de um mundo pecaminoso (queda); 3. Como Deus salva seu povo do pecado e da morte por meio da crucificação e da ressurreição de seu Filho (graça); 4. A preeminência de Jesus Cristo no presente e no futuro sobre o reino eterno de Deus (glória). RYKEN, Philip Graham. **O que é Cosmovisão Cristã?** São Paulo: Cultura Cristã, 2015. p. 39. (Série Fé Reformada).

⁸⁰¹ RIEFF, 1990, p. 134.

⁸⁰² Michael Goheen mostra que a estrutura do dramaturgo Terêncio (segundo século d.C) é adotada por N.T. Wright, que usa tal modelo aplicando-o ao drama da história bíblica. É dividida: “(1) O primeiro ato nos fornece informação contextual essencial, apresenta personagens importantes e estabelece a situação estável que será interrompida pelos acontecimentos que estão prestes a se desenrolar. (2) A primeira ação começa, geralmente com a introdução de um conflito significativo. O meio da peça (3) é a parte em que a ação principal do drama ocorre. Aqui o conflito inicial se intensifica e se torna cada vez mais complicado até (4) o clímax ou o ponto de maior tensão, após o qual o conflito precisa ser resolvido, de um modo ou de outro. Após o clímax vem (5) a resolução, em que as implicações do ato do clímax são elaboradas para todos os personagens do drama e a estabilidade é restaurada”. GOHEEN; BARTHOLOMEW, 2016, p. 31.

⁸⁰³ “Isso serve para nos lembrarmos da nossa dependência contínua da Escritura. Se chegarmos a nos separar dessa fiel revelação, seja por heresia ou vã imaginação, transformamos a verdade em mentira, e mentimos a respeito de Deus”. MOHLER JR., Albert R. **Palavras do Fogo**. como ouvir a voz de Deus nos Dez Mandamentos. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 139.

⁸⁰⁴ LEEMAN, Jonathan. **A Igreja Centrada na Palavra**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

serve com Sua Palavra no culto público, não está servindo um cardápio insensível à dor e ao sofrimento, mas um banquete que contém todos os nutrientes para a suficiência do seu povo.

A proposta de exposição bíblica teodramática tem o objetivo de levar o pregador a enxergar que Deus está servindo a si próprio: se envolvendo, dialogando e deixando sua direção para a vida doxológica, afinal, o monólogo no diálogo tem como fim Sua própria glória. “Somente o diálogo com autoridade conserva a Bíblia em sua posição suprema e mantém o leitor no nível de servo do texto.”⁸⁰⁵ João “descreve os milagres de Jesus não simplesmente como maravilhas, mas também como sinais, transmitindo um significado mais profundo do que um conjunto isolado de ações maravilhosas.”⁸⁰⁶ A tentativa de eliminar a dor e o sofrimento a qualquer custo elimina a crença da esperança no Deus Soberano e “de encarar o sofrimento e alegria proposta nos termos de Deus.”⁸⁰⁷ Quando a identidade cristã é maculada, o sentido da adoração se perde no pragmatismo, maculando o culto e a vida.

Nesse ínterim, entender a natureza da pregação e sua implícita relação na adoração pública é de cardeal importância. A teologia da pregação em Calvino é um recurso adequado ao nos dar um arcabouço da obra de Deus na pregação, pois “Deus se digna em consagrar a boca e a língua de homens para o seu serviço, fazendo com que sua própria voz seja ouvida por meio deles.”⁸⁰⁸ Um dos fundamentos da exposição bíblica é que essa ação divina se dá no ápice da adoração.

O compromisso do expositor não gira em torno de uma linguagem religiosa e universal para agradar todos os públicos e deve estar atento aos truques pós-modernos. A linguagem de fé que tem infectado os cultos contemporâneos parte de premissas encontradas nas categorias do pensamento jungiano. Jung usa categorias cristãs como mito, “mas nenhum mito e imagem é mentira para ele, mas expressa algum impulso criativo e compensador do inconsciente.”⁸⁰⁹ A fé cristã desenvolvida no culto contém elementos subjetivos, mas que devem ser ratificados no diálogo-monólogo trinitário. Identidade não é um fator de segunda ordem para o culto público. Nessa era de muitas espiritualidades, o fator comunitário ganha traços

⁸⁰⁵ PRATT JR., 2004, p. 52.

⁸⁰⁶ LANE, 1991, p. 56.

⁸⁰⁷ PIPER; TAYLOR, 2008, p. 168-170.

⁸⁰⁸ BEGG, Alister. **Pregando para a Glória de Deus**. São José dos Campos: Fiel, 2014. p. 32.

⁸⁰⁹ RIEFF, 1990, p. 134.

individuais que marcam o compasso e definem a cultura eclesial; poderíamos definir isso como um espiritualismo coletivo vago. Essa sombra da religiosidade jungiana que ressoa triunfantemente na adoração batista brasileira, funciona da seguinte forma: os dilemas mais profundos quando não são resolvidos pela fé cristã, são levados ao subterrâneo religioso, numa linguagem de fé que é diferente da Palavra, ou seja, uma nova ação para-eclesiástica, extra-oficial entra em cena em virtude do fracasso dos meios tradicionais de fé cristã. A viva voz de Deus por meio da palavra escrita, encarnada e pregada, numa dimensão trinitária, onde o “Espírito está unido eficazmente, tornando a pregação do Evangelho frutífera”⁸¹⁰, transforma tinta em ‘sangue’, interagindo e movendo-se ao coração do ouvinte. Não seria tudo isso suficiente para a vitória na vida?

A adoração, através da Palavra pregada é mais do que informação e memorial de pessoas mortas; Cristo ressuscitou, o Espírito Santo foi derramado e Deus é glorificado, de modo pessoal, com relacionamento e interação.

No culto público, o foco da pregação é glória de Deus, no processo diligente da exposição da Palavra e não a glória do homem, que precisa ser agradado em todos os seus dilemas existenciais. O “sofrimento do pai de Jung (pastor), e a respectiva teoria de Jung, que atribuiu o sofrimento do pai ao fracasso do mito do cristianismo”⁸¹¹, reflete a superficialidade do evangelicalismo atual no meio batista no Brasil, infectado pelo existencialismo e pragmatismo terapêutico, busca soluções no subterrâneo religioso ao invés de se apoiar na verdade revelada na Palavra de Deus. Hermisten Maia, na obra sobre os quinhentos anos da Reforma, cita as Institutas (1541, IV.15) nesse aspecto: “Nem sempre a verdade se nutre no meio dos pastores. [...] Uma coisa é cumprir o que se deve, outra coisa é dever fazer o que não se faz.”⁸¹² “O maior legado de Calvino para o protestantismo não diz respeito a quaisquer doutrinas específicas, mas na demonstração de como a Bíblia pode servir de alicerce de um entendimento firme das crenças e das estruturas cristãs.”⁸¹³ O púlpito saudável é “derivado da Bíblia e defendido com base nela”⁸¹⁴, com auxílio dos recursos da teologia bíblica para que a exposição não deixe de ser baseada nos motivos além das narrativas pessoais.

⁸¹⁰ CALVINO, 2009, p. 11.

⁸¹¹ RIEFF, 1990, p. 117.

⁸¹² COSTA, 2009, p. 109.

⁸¹³ COSTA, 2009, p. 97.

⁸¹⁴ MCGRATH, 2012, p. 97.

A dor e o sofrimento faz parte da narrativa do povo de Deus descrito na Bíblia e também do processo histórico, e a metanarrativa não é insensível a tudo isso, mas pressupõe um Deus comunicativo que envolve a dor, muitas vezes curando-a do ponto de vista físico, mas mostrando ao homem a cura verdadeira, demonstrando no reino presente de modo parcial a grandiosidade do reino futuro. Embora a pregação do “Evangelho tenha o elemento terapêutico, como bem descrito por Eswine Zack, Jesus pregava não como um professor de princípios, nem apenas um curador de mágoas, mas como o Salvador da História”⁸¹⁵, a metanarrativa da pregação cristã, que proclama o Evangelho para “cativar os sentimentos para Cristo, para que as vidas sejam transformadas, e Deus seja glorificado, na instrumentalidade da Palavra de Deus, do Espírito Santo e do pregador.”⁸¹⁶ A exposição bíblica teodramática enfatiza que essa realidade do reino presente, trazendo a distinção devida em relação ao futuro, mas marcado pela pessoalidade dialogal do Pai e os filhos.

A contribuição de Vanhoozer traz clareza interpretativa acerca do princípio da adoração. Calvino como exegeta, entendia adoração da seguinte forma: do “objeto da adoração (adoradores – Jo 4.22) para o objeto da adoração correta (quem é Deus e o que ele realizou) e o conseqüente modo ou princípio da adoração (em Espírito e Verdade).”⁸¹⁷ Calvino se detém na distinção de quem “Deus é e o que Ele realizou”, usando isso contra os romanos, que se baseavam mais na tradição do que nas Escrituras.”⁸¹⁸ Vanhoozer traz o gigante de volta, mas com a clareza ontológica necessária. O quadro⁸¹⁹ abaixo mostra a adoração teodramática:

⁸¹⁵ ESWINE, Zack. **Preaching to a Post Everything Word**. Grand Rapids, EUA: Baker Publishing Group, 2008. p. 112. (Edição do Kindle)

⁸¹⁶ CHESTER, Tim; HONEYSETT, Marcus. **Pregação Centrada no Evangelho**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

⁸¹⁷ VANHOOZER, 2018, p. 119.

⁸¹⁸ VANHOOZER, 2018, p. 119.

⁸¹⁹ VANHOOZER, 2018, p. 119.

Quadro 4 - Adoração Teodramática

	1. Objeto da adoração (adoradores – Jo 4.22)	
	2. Objeto da adoração correta em Calvino (quem é Deus e o que ele realizou)	
	3. Princípio da Adoração em Vanhoozer (Modo - Jo 4.23)	
Espírito	4. Espírito e Verdade (ao recebermos a água da vida x Letra (judaísmo) e falsidade (samaritanos))	Verdade
1. Atitude subjetiva correta		1. Conhecimento objetivo correto
2. Espírito (poder regenerador de Deus)		2. Verdade (revelação divina em Cristo)
3. Dimensão experimental.		3. Cognitiva (adoração envolve concepção do objeto. Quem é a pessoa a quem nosso sentimento, cântico e oração são direcionados.
4. A verdade de quem Deus é e o que Ele fez por nós envolve não só o intelecto, mas todo o nosso ser: mente, mãos, coração e imaginação ⁸²⁰	Adoração correta pelo conhecimento correto para a libertação da idolatria possibilita a dimensão experimental (atitude subjetiva correta).	4. Evita idolatria, pois o propósito da teologia e da adoração é cativar a visão de quem Deus é e o que ele realizou para romper em louvor.

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Kevin Vanhoozer.⁸²¹

A dimensão cognitiva tratada por Vanhoozer tem como objetivo não cairmos no “individualismo kantiano, um ambiente que possui um apelo para as palavras de Deus, mas como justificativa para a prática de uma religião privatizada.”⁸²² A adoração na obra de Jeremiah Burroughs segue a mesma fórmula de Calvino, onde o culto público com o ápice da pregação da Palavra, tem a seguinte dinâmica: Deus “quer que seu Nome seja santificado e o grande alvo da pregação da Palavra é prover essa dimensão, onde o crente é santificado através do ouvir a Palavra, da graça inerente na ceia e na oração.”⁸²³ Kuyper exemplifica a dimensão da adoração, falando sobre a relação da Igreja e a Palavra, usando a seguinte dinâmica: o “selo (vivifica a fé), a interpretação (objetivo: uma correta compreensão) e aplicação (para efetuar o viver).”⁸²⁴ A contribuição de Vanhoozer para a pregação na

⁸²⁰ “Capacidade mental que nos permite ver mais da realidade que o que somos capazes de perceber com os olhos”. VANHOOZER, 2018, p. 119.

⁸²¹ VANHOOZER, 2018, p. 119.

⁸²² VANHOOZER, 2018, p. 119.

⁸²³ BURROUGHS, 2015, p. 243-244.

⁸²⁴ KUYPER, Abraham. **A Obra do Espírito Santo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 214.

contemporaneidade dá-se em virtude de estarmos vivendo numa crise da teologia prática da pregação e adoração.

A dor e o sofrimento, como argumentado acima, não podem ser ignorados, mas não podem fazer com que a adoração pública norteada pela pregação que usa a fé, mas num jogo de linguagem religiosa que macula a identidade. A reação para isso é a expositiva bíblica teodramática, que cria a moldura para que a adoração seja:

[...] teológica (centrada em Deus), e não antropológica (centrada no eu, nós). A adoração diz respeito ao que Deus faz, e não a como sentimos em relação a isso. Todavia, sem a dimensão afetiva, a teologia se aproxima de um deserto e não da terra prometida, que emana leite e mel – e água do Espírito.⁸²⁵

A pós-modernidade necessita de uma teologia da pregação que não seja reducionista. Não pode partir do extremo de uma pregação árida, com muitos recursos interpretativos, nem ao extremo do sermão pragmático que objetiva atender ao culto para os fins da cura na linguagem de fé terapêutica. O teodrama exposto é “um fazer teológico que trabalha profundamente a dimensão objetiva (o que Deus estava fazendo em Cristo) para uma adoração mais profunda (dimensão experiencial). Teologia nasce da adoração, mas nos conduz a ela.”⁸²⁶

O teodrama exposto requer também que seja explorada toda a dimensão comunicativa trina a partir dos elementos literários destacados na revelação. A seguir, concentraremos-nos na questão narrativa.

4.4.2.2 Exposição Bíblica Teodramática: um diálogo e monólogo contado e recontado com a amplitude literária

Austin Phelps, trabalhando o conceito de pregação cristã a partir do contexto do culto sinagoga, atende ao nosso propósito ao defender que há uma “evidência mais clara que a exposição foi desempenhada nas leituras que são feitas nos dois testamentos”⁸²⁷, não sendo apenas um dos métodos ou formas de comunicação de

⁸²⁵ VANHOOZER, 2018, p. 126.

⁸²⁶ VANHOOZER, 2018, p. 128-129.

⁸²⁷ “Podemos observar, primeiro, a origem judaica do costume. Nasceu inquestionavelmente na antiga reverência judaica pela letra da palavra de Deus. Qual era então a posição do texto na ideia judaica de um discurso religioso? No culto judaico mais antigo, o texto era a parte principal do discurso. Sendo originalmente uma comunicação direta de Deus, absorveu todo o interesse de um

Cristo ou dos apóstolos ou um dos modelos entre outros discursos. As evidências bíblicas e históricas foram paulatinamente nos mostrando que a exposição bíblica era mais do que um método, mas um modelo essencial, que envolvia a leitura, explanação e aplicação da história da redenção na vida dos ouvintes. A pregação “era caracterizada pela proclamação (*kerygma*) e exortação (*paraenesis*), com um conteúdo indicativo, apontando para a história do evento de Cristo e um imperativo, mostrando as implicações desse evento para a vida.”⁸²⁸ São muitas evidências entre o Antigo e o Novo Testamento acerca do uso da exposição.

O processo histórico da fé está completamente envolvido na adoração cristã, e tal fato sempre foi um problema tanto para a modernidade quanto a para pós-modernidade. A resposta para o reavivamento do culto parte da autoridade das Escrituras (do conhecimento de Deus para o conhecimento de nós mesmos), seu norteamento na exposição bíblica histórico-redentiva com o incurso do teodrama. Acrescido da riqueza literária que a revelação trinitária dispõe, chegamos a mais um degrau importante. Não estamos tratando de comunicação por comunicação, mas de uma comunicação histórica que se move liturgicamente com cenas figurativas, mas com uma participação real e viva. É um modo de pregar a história de maneira que a

ouvinte em si mesmo. Quando revelado pela primeira vez, deve ter ficado sozinho, sem ampliação, sem comentário. Essas mesmas palavras de Deus, e nenhuma outra, foram o primeiro sermão. Grandes porções das Escrituras daqueles tempos foram escolhidas como temas de meditação no templo. A pregação, além da leitura da lei e dos profetas, dificilmente se pode dizer que existia. A aproximação mais próxima era simplesmente a interpretação da passagem que havia sido lida anteriormente. Na ideia judaica, o texto inspirado é o sermão; comentar sobre isso, um apêndice. Mais que isso. Prevaleceu posteriormente no culto posterior da sinagoga. Nosso Salvador e alguns apóstolos fizeram da leitura da lei na sinagoga uma ocasião de extensa exposição e exortação. O fato de eles estarem tão animados não surpreende eles. Ainda assim, a ideia central da pregação era a exposição. O texto inspirado era o centro de interesse”. “We can first observe the Jewish origin of custom. It was unquestionably born in the ancient Jewish reverence for the letter of God's word. What then was the position of the text in the Jewish idea of a religious discourse? In the earliest Jewish cult, the text was the main part of the discourse. Originally a direct communication from God, it absorbed all the interest of a listener in himself. When first revealed, it must have been alone, without magnification, without comment. These same words of God, and no other, were the first sermon. Large portions of the Scriptures of those times were chosen as themes of meditation in the temple. Preaching, besides reading the law and the prophets, can hardly be said to exist. The closest approach was simply the interpretation of the passage that had been read earlier. In the Jewish idea, the inspired text is the sermon; comment on this, an appendix. More than that. It prevailed later in the later worship of the synagogue. Our Savior and some apostles made reading the law in the synagogue an occasion of extensive exhortation and exhortation. The fact that they are so excited does not surprise them. Still, the central idea of preaching was the exposition. The inspirational text was the center of interest”. PHELPS, 1881, p. 45. (Tradução nossa, com uso de recursos *online*).

⁸²⁸ “Preaching was characterized by proclamation (*kerygma*) and exhortation (*paraenesis*), with indicative content, pointing to the history of the event of Christ and an imperative, showing the implications of this event for life.” EDWARDS JR.; SANDERS, 1995, p. 184. (Tradução nossa, com uso de recursos *online*).

fé não seja transmitida somente como história, mas de modo que cada membro na assembleia se veja como participante da adoração na dimensão dramática do Deus que age:

Ele age para revelar-se e salvar seu povo - provas de memória, gratidão e obediência e lembrando que fora da história, os leitores enfrentarão o mesmo drama: entender, lembrar e responder de acordo com o que tem visto e ouvido sobre Deus a partir do texto?⁸²⁹

Essa pergunta nos leva à inquietação de como temos visto a adoração e como temos encarado o ministério da pregação. A contribuição de Vanhoozer é um lembrete que estamos comunicando numa era que vive o mesmo conflito de autoridade visto antes da queda e durante a jornada histórica do povo de Deus descrito na revelação e história da igreja. Como nos apropriaríamos devidamente dos recursos que a revelação trinitária disponibilizou, para a comunicação do Evangelho hoje?

Diante de extremos vividos entre a modernidade (em seu ápice - contra a revelação), e a pós-modernidade (tudo pode ser válido), resta-nos pregar com a mesma autoridade bíblica de modo que não ignoremos os aspectos dialogais do Deus Trino. A comunicação das boas novas do plano soberano divino deságua em comunhão e testemunho; uma doutrina que produz vida! Douglas Wilson traduz isso em verdade, bondade e beleza:

É claro que as palavras transmitem ordem racional, mas não estão limitadas a isso. Considerando nossa familiar trindade de verdade, bondade e beleza, vemos que as palavras fazem muito mais do que simplesmente comunicar o primeiro membro dela. As palavras nos trazem a verdade do evangelho, a

⁸²⁹ “A virada linguístico-cultural, característica da teologia pós-liberal e outros tipos de teologias pós-modernas é um lembrete marcante de que a teologia existe para servir a vida da igreja. No entanto, a virada para a prática eclesial parece ter se dado à custa da autoridade bíblica. A abordagem canônico-linguística tem muito em comum com sua prima, a abordagem linguístico-cultural. Ambas concordam que significado e verdade estão fundamentalmente relacionados ao uso da linguagem; no entanto, a abordagem canônico-linguística sustenta que, em última instância, o uso normativo não é o uso da cultura eclesial, mas do cânon bíblico. A abordagem canônico-linguística é recomendada aos teólogos, pois ela se volta para a prática, enfatiza a sabedoria e recupera com criatividade o uso da *sola Scriptura*. Uma das suas teses fundamentais é que o *sola Scriptura* não se refere a um princípio abstrato, mas a uma prática teológica concreta: uma prática de atuação, ou seja, a prática de discursos e atos que correspondem à Palavra de Deus. A norma suprema para prática da igreja são suas próprias Escrituras: não as Escrituras usadas pela igreja, mas as Escrituras usadas por Deus, mesmo, ou talvez principalmente, quando esse uso se contrapõe à igreja. Conforme John Webster, ‘a tarefa da teologia é exatamente esta: exemplificar a igreja enfrentando a resistência do evangelho – o que Deus está fazendo no mundo por meio de Cristo – quanto o drama que continua na igreja na medida em que Deus usa as Escrituras para dirigir-se a seus leitores, edificá-los e confrontá-los’”. VANHOOZER, 2016a, p. 33.

bondade da lei e a beleza da santidade - juntamente com todas as complexas inter-relações entre elas. Sendo assim, as palavras dos sermões devem exibir isso e dar um exemplo para os santos de Deus. Agora, um dos deveres centrais das palavras justas, incluindo as palavras justas da Palavra pregada, é o dever de transmitir a verdade, a bondade e a beleza através da metáfora.⁸³⁰ (Tradução nossa, com uso de recursos *online*).

O teodrama exposto em toda a dimensão literária bíblica nos fornece elementos cognitivos da comunicação divina e os passos dramáticos percorridos com toda a criatividade divina em se fazer conhecido. Concentraremos-nos na dinâmica narrativa. Nesse viés, não trataremos de toda a amplitude narrativa, mas citaremos alguns exemplos.

Após o registro de João Batista, o primeiro pregador registrado no Novo Testamento, Jesus pode ser considerado o expositor por excelência. O primeiro é o Sermão do Monte. O Sermão do Monte, como “instruções que precedem a Missão dos Doze”⁸³¹, citada por Agostinho como a “regra perfeita da vida cristã”⁸³², mostra-nos a “autoridade da leitura, interpretação e aplicação da Palavra de Deus por Jesus, nosso um expositor por excelência. Nos ensina também acerca da salvação e senhorio de Cristo. É o clímax do modelo de expositor, que leva todos os demais a terem uma exposição que aponta para Ele como o redentor e senhorio do coração. O Sermão do Monte é o modelo para os expositores ao pregarem qualquer sermão (centrado em Cristo). Contém para o corpo de Cristo os enunciados da verdadeira espiritualidade.⁸³³

Sinclair Ferguson fala que:

[...] os elementos do ministério de Cristo, se examinados e empregados, nos levará a um modelo de abordagem fiel, que pode um esforço bastante

⁸³⁰ “Of course words convey rational order, but they are not limited to that. Given our familiar trinity of truth, goodness, and beauty, we see that words do much more than simply communicate their first member. Words bring us the truth of the gospel, the goodness of the law, and the beauty of holiness - along with all the complex interrelationships between them. Therefore, the words of the sermons should show this and set an example for God's saints. Now one of the central duties of righteous words, including the righteous words of the preached Word, is the duty to convey truth, goodness, and beauty through metaphor.” DOUGLAS, Wilson. **A Primer on Worship and Reformation**: Recovering the High Church Puritan. Moscow: Canon Press, 2008. p. 41-42. (Edição do Kindle).

⁸³¹ BROADUS, 1889, p. 16-32.

⁸³² AGOSTINHO, 2016, p. 21.

⁸³³ O Sermão do Monte nos ensina: verdadeira religião; marcas do reino e o discipulado como algo que é vivido no interior do regenerado; fé verdadeira; Como é a vida no reino; o que é o cristianismo essencial; o que é a verdadeira imitação de Cristo; atitudes do regenerado; verdadeira satisfação.

rigoroso, mas que produz frutos ricos e duradouros no serviço cristão que prestamos.⁸³⁴

Jesus Cristo foi o maior Expositor das Sagradas Escrituras por ter vivido com autoridade o texto aplicado ao coração dos ouvintes. Ou seja, obedeceu até o fim, satisfazendo a exigência divina de um redentor sem pecado! Aprendemos com isso que, embora busquemos viver o que falamos e pregar com zelo, nunca seremos expositores excelentes. “Não pregou a fim de ser admirado por habilidades homiléticas. Ele pregou para produzir obediência, a fim de que a autoridade reconhecida pelo povo em Sua pregação pudesse ser percebida em suas vidas.”⁸³⁵ Trata-se de um sermão que expôs o drama da redenção, com questões propositivas com variações narrativas, cujo tom literário deve fazer parte para que seja explorado todo o campo de comunicação divina. O Sermão do Monte é o modelo expositivo que não está preso aos conceitos gregos de comunicação.

O maior perigo para a falta de compreensão do que seja o sermão expositivo, é fechar o conceito do ato de expor a um método cartesiano. É claro que a dinâmica exegética traz uma aura sistemática na exposição, mas não podemos esquecer que expomos os resultados e não o caminho percorrido; expomos, sabedores de que o Pregador está interagindo no serviço litúrgico; essa interação é viva!

Não podemos dizer que o problema do pragmatismo terapêutico nas liturgias em algumas igrejas batistas seja culpa do pregador e sua inabilidade de compreensão e aplicação dos elementos comunicativos trinitários. Há vários fatores internos e externos que contribuem para a inserção da idolatria no culto público. A atualidade reverbera um tipo de cristianismo jungiano: na medida em que toda “experiência religiosa é única, cada uma sendo “individuada” em sua combinação particular de imagens religiosas. É uma versão pietista da natureza interna de todo sentimento religioso, irreduzivelmente pessoal – e quase incomunicável.”⁸³⁶ Tal influência atual exige que a fé bíblica, histórica e tradicional seja reforçada na adoração cristã como fundamento e prática. Somos tendenciosos a responder aos desafios com reducionismos. Entender a profundidade do que estamos fazendo é o primeiro passo para respostas significativas. A verdade sempre terá que ser

⁸³⁴ FERGUNSON, 2019, p. 3700.

⁸³⁵ FERGUNSON, 2019, p. 5720.

⁸³⁶ RIEFF, 1990, p. 140.

propagada com a autoridade inerente, mas com o desafio de levar os ouvintes a enxergarem mais do que uma histórica, mas um drama que se move, na dinâmica da ação do Espírito Santo, o qual entra em cena para traduzir tinta em sangue, mostrando além do passado histórico, mas interagindo em todas as dimensões. Cristo “ensinou aquilo que foi mais desenvolvido pelos apóstolos.”⁸³⁷ Há um traço distinto entre o conceito de ensino e pregação. R. C. Sproul, embora defenda tais diferenças⁸³⁸, afirma que “às vezes, ele mesmo mistura essa distinção, ao pregar no processo do ensino e ensinar ao pregar.”⁸³⁹ John Frame trata desse dilema que o Sproul e todos aqueles que ocupam esse duplo ofício, dizendo que essa linha entre “pregação e ensino não é nítida, e faz uma distinção de conotação e nuance, não entre duas atividades completamente distintas, não sendo errado descrever o ensino no culto como pregação.”⁸⁴⁰ A exposição bíblica tem esse misto de informação e intencionalidade de transformação, sendo duas coisas conceitualmente distintas, mas entrelaçadas. Essa linha tênue leva muitos pastores e o povo igreja ao pensamento de que a exposição bíblica esteja mais voltada para um estudo do que pregação propriamente dita.

Na pregação expositiva, está contida “o termo *kerysso*, como uma forma mais dramática de comunicação, a do arauto, uma proclamação, em distinção à *didasko*, como uma forma mais abrangente à comunicação de ideias.”⁸⁴¹ Esse drama comunicativo trazido por Vanhoozer, não diz respeito somente à forma de comunicar ou do uso da diversidade literária, da fusão vivencial da teologia do texto e teologia da vida prática, de modo que sigam o Caminho em detrimento de muitos caminhos. Trata-se de uma peregrinação por Ele e com Ele. Uma jornada que o povo sabe a quem está adorando (cognição), com vistas à um mergulho mais profundo na adoração. Comunidades se perdem em apresentar fluxos de terapia para aliviar as dores do povo, esquecendo-se que estão perante a face de Deus,

⁸³⁷ “Taught that which was most developed by the apostles.” BROADUS, 1889, p. 16-32. (Tradução nossa, com uso de recursos *online*).

⁸³⁸ “Pregar envolve exortação, exposição, admoestação, encorajamento e conforto e ensinar envolve transferir informação e instrução de vários tipos de conteúdo”. SPROUL, R. C. O Pregador Mestre. *In*: MOHLER, Albert et al. A Pregação da Cruz. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 83.

⁸³⁹ SPROUL, 2009, p. 83.

⁸⁴⁰ Dr. John Frame lembra que a linguagem da *didasko* e a da *kerysso* podem se referir à mesma atividade (e.g.: Mt 4.23; 9.35; 11.1; At 5.42; 15.35; 28.31; Rm 2.21; Cl 1.28; 1 Tm 2.7; 2 Tm 4.2). Os dois termos diferem um pouco em sua conotação, de modo que a presença de um suplementa a do outro nessas passagens. FRAME, 2013, p. 222.

⁸⁴¹ FRAME, 2013, p. 222.

que os serve com todos os nutrientes necessários para a caminhada. A verdadeira terapia é o mergulho no conhecimento para uma prática viva e vibrante. Esse mergulho não poderia ser feito a partir de outra fonte senão as Escrituras Sagradas. O relato da continuidade da pregação no ambiente apostólico instiga Jay Adams⁸⁴², e deve nos motivar na insistência da exposição da Palavra na atualidade batista brasileira:

Qual é o propósito de pregar a partir de uma passagem das Escrituras? Por que não apenas pregar? Se os apóstolos nem sempre usavam um texto, por que deveríamos usar? Isso não seria alguma prática piedosa, desenvolvida arbitrariamente no curso da história da igreja? Primariamente, devemos reconhecer que os apóstolos foram os destinatários e a fonte terrena de revelação especial. De fato, eles mesmos estavam verificando as Escrituras! Isso faz muita diferença, pois nós não nos encaixamos nessa categoria. Não temos o registro de um discurso apostólico dado em uma assembleia cristã. Mas vemos Jesus, "como de costume", entrando na sinagoga e pregando a partir da porção bíblica designada para o dia (Lucas 4.16-32). Na sinagoga, havia uma mesa de leitura ou uma plataforma elevada no centro, onde o professor levantava-se para ler e depois para ensinar. Foi isso que Jesus fez. Esse ensino consistia na exposição da porção lida e na exortação que crescia a partir dela.⁸⁴³

Robinson conceitua o sermão expositivo, como uma comunicação de um conceito:

⁸⁴² "What is the purpose of preaching from a scriptural passage? Why not just preach? The apostles didn't always use a text; why should we? Is this some pious practice, arbitrarily developed in the course of church history? First of all, we must recognize that the apostles were the recipients and the earthly source of special revelation; indeed, they themselves were whitening Scripture! We are not. That makes quite a difference. Moreover, we have no record of an apostolic address given in a Christian assembly. But we do see Jesus, "as was His custom", entering the synagogue and preaching from the biblical portion assigned for the day (Luke 4.16-32). In the synagogue there was a reading desk or raised platform in the center. The teacher stood to read and then sat to teach. That is what Jesus did. This teaching consisted of exposition of the portion read, and exhortation growing out of it". ADAMS, 1982, p. 17.

⁸⁴³ Albert Mohler destaca a teologia da pregação expositiva da seguinte forma: "primeiro, o único Deus vivo e verdadeiro é o Deus que fala. Sabemos quem Deus é, não porque algum de nós foi tão sábio que imaginou como ele era, e sim porque, motivado por seu próprio amor, graça e misericórdia, Deus nos falou; segundo o verdadeiro povo de Deus são os que ouvem a Deus falando com eles. O povo eleito de Deus – aqueles que ouvirão sua voz e crerão em Jesus Cristo – é chamado primariamente por meio da pregação da Palavra. Portanto, substituir a pregação expositiva da Palavra de Deus por qualquer outra coisa significa abandonar o meio que Deus resolveu usar para chamar seu povo para ele mesmo. Terceiro, a vida do povo de Deus depende de ouvir a Palavra de Deus. Para Israel, a Palavra de Deus era como o maná no deserto. Se quisessem sobreviver, precisavam dela todos os dias, nova e fresca. Ouvir a Palavra de Deus e prestar-lhe obediência era vida para eles. Não ouvir e não obedecer resultaria em morte. Em última análise, nossa vocação como pregadores é bastante simples. Estudamos, levantamos-nos diante das pessoas, lemos o texto e o explicamos. Reprovamos, repreendemos, exortamos, encorajamos e ensinamos – e, depois, fazemos tudo isso de novo, e de novo, e de novo". MOHLER, 2011, p. 57.

[...] bíblico derivado de, e transmitido através de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto, que o Espírito Santo primeiramente aplica à personalidade e experiência do pregador, e depois, através dele, a seus ouvintes.⁸⁴⁴

Sobre esse conceito, Craig Blomberg tece uma crítica dizendo que nem “sempre é possível afirmar que uma perícopes ou passagem bíblica contenha apenas uma única lição principal. Como alternativa, a solução seria escolher uma das ideias ou então criar uma ideia maior que contenha várias partes.”⁸⁴⁵ O que o professor Blomberg destaca nos faz lembrar que o uso do sermão expositivo, em detrimento das diversas formas que Deus decidiu comunicar sua verdade, tem uma elasticidade como no caso de textos narrativos. Essa elasticidade faz parte da criatividade bíblica que deve envolver a Exposição Bíblica. Blomberg citou os professores David Buttrick e Eugene L. Lowry, defendendo o uso do discurso comunicacional narrativo ou indutivo, imbutidos no sermão expositivo. A referida citação de Blomberg não é um aceite à nova homilética e da sua matriz nas novas hermenêuticas, mas um olhar honesto para uma exposição bíblica que faça juz aos elementos que compõem a estrutura literária bíblica.

Blomberg nos mostra a necessidade de uma pregação acompanhada da estruturada inerente. A exposição bíblica teodramática propõe que, além do uso do conjunto literário, a comunidade cristã seja beneficiada com os fatores mais profundos. Não seriam elementos advindos do drama teatral. John Frame⁸⁴⁶, ao abordar o assunto do drama no contexto da adoração, embora não concorde

⁸⁴⁴ ROBINSON, 2002, p. 22.

⁸⁴⁵ BLOMBERG, 2019, p. 35.

⁸⁴⁶ “Muitas igrejas estão usando o drama numa tentativa de comunicar a Palavra de Deus de modo mais claro, algo não proibido expressamente nas Escrituras, mesmo porque as Escrituras jamais ensinam que a pregação e o ensino devem ser feitos por meio de um monólogo, embora seja esse o modo comum de fazê-lo. Além disso, tanto a pregação quanto o ensino contêm muitos elementos dramáticos. Sob o comando de Deus, os profetas muitas vezes realizavam atos simbólicos, como veremos em Ez 4.1-15 e no capítulo 5. Jesus muitas vezes ensinou por meio do diálogo, tanto falando a grupos amigáveis quanto a grupos hostis. Ele ensinou por parábolas que, muitas vezes, incluíam diálogos entre diferentes personagens, e Jesus fazia os papéis, como em Lc 12.13-21; 16.19-31; 18.1-8. As cartas de Paulo também são, muitas vezes, dramáticas, apresentando o apóstolo dialogando com seus questionadores, opositores e acusadores. O livro do Apocalipse é uma festa dramática. Todos esses elementos dramáticos devem ser enfatizados sempre que pregarmos sobre cada um destes textos; ou, ao contrário, perderemos aspectos importantes de seu conteúdo. Deus, muitas vezes, ensina seu povo por meio do drama. O livro de Jó, os sacrifícios e festas do Antigo Testamento e, no Novo Testamento, os sacramentos são reencenações dos grandes feitos de Deus na redenção. A liturgia tradicional continuou utilizando o método da reencenação por muitos anos; por conseguinte, o drama do culto não é nenhuma novidade”. FRAME, 2006, p. 131-132.

“diretamente e preferir a simplicidade da pregação experiencial dos puritanos, fala do drama como uma forma de comunicar, que retrata vários ambientes literários das narrativas bíblicas.” Esses elementos citados por Frame servem de *insights* para entendermos o que é o drama e como ele acontece na estrutura bíblica, mas o que é retratado nessa tese vai além de simplesmente estar num ambiente encenado ou pregar com encenações dramáticas⁸⁴⁷, ou o uso da dedução ou indução. Isto é, embora careçamos dos elementos citados, estamos falando de algo vai além do estilo de comunicação do uso das formas literárias. Haddon Robinson⁸⁴⁸ fala de pregação expositiva em forma de drama, mas trazendo os recursos dramáticos do texto bíblico em toda a dimensão literária e aplicativa. Tal abordagem faz parte do âmbito da exposição bíblica teodramática, embora não se resume à isso. Craig Bartholomew trata do drama das Escrituras em seis cenas: “Criação, queda, redenção iniciada, realizada, propagação e redenção concluída. Quando ele trata da cena “propagação,” destaca que o mundo da Bíblia é o nosso mundo.⁸⁴⁹” A exposição bíblica teodramática evidencia os aspectos acima abordados, mas vai além. Vanhoozer mostra a relação entre redenção e o drama, mostrando que devemos:

1. Entender o texto; 2. Envolver o mundo na frente dele; 3. O mundo que está diante dos nossos olhos; 4. Habitar o mundo que ele projeta; 5. Compreender o discurso e entender o que o autor está fazendo com esse discurso; 6. Mais que transmitir informações; 7. Meio de ação comunicativa divina: informação e transformação (nutrição para visão e ação correta).⁸⁵⁰

Em virtude da influência do existencialismo filosófico que alcançou a teologia e os púlpitos, muitos pregadores conservadores da ala do sermão tradicional ficaram acanhados no tocante ao uso de toda a riqueza homilética disponível para a

⁸⁴⁷ Nesse sentido, Charles Clay fala sobre os sermões dramatizados. Tal abordagem difere daquilo que estamos tratando aqui, pois não estamos nos referindo ao drama teatral na forma de comunicar, mas usando a linguagem do drama em seu significado linguístico e canônico. CLAY, Charles. **Sermões Dramatizados**. São Paulo: Imprensa Metodista de São Paulo, 1972.

⁸⁴⁸ ROBINSON, HADDON. **A Pregação Expositiva em Forma de Drama**. Sermões que são Inspiradores e Fiéis ao Texto. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Orgs.). **A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica**: um manual abrangente para comunicadores da atualidade. São Paulo: Shedd, 2009. p. 500.

⁸⁴⁹ Craig G; GOHEEN, Michael W. **O Drama das Escrituras**: Encontrando Nosso Lugar na História Bíblica. São Paulo. Vida Nova, 2017. p. 237.

⁸⁵⁰ “1. Understand the text; 2. Engage the world in front of it; 3. The world that is before our eyes; 4. To inhabit the world he projects; 5. Understand the speech and understand what the author is doing with this speech; 6. More than transmitting information; Divine communicative means of action: information and transformation (nourishment for vision and right action)”. VANHOOZER, 2009, p. 62-166.

exposição da Palavra. Além do acanhamento homilético, o risco é de usarmos a pregação histórico-redentiva como uma cognição histórica sem explorar o drama enfatizado por Vanhoozer: “elementos auditivos (pregação) e visuais (batismo e ceia), como elementos de fé que buscam entender o drama para a sabedoria cristã; tudo isso apresentado de forma criativa e viva, de modo interativo.”⁸⁵¹ O desequilíbrio da teologia da pregação se dá quando não entendemos o modo como Deus se revelou. Ele se revela em atos e palavras. Os extremos são evitados quando entendemos que a “palavra é necessária para interpretarmos as ações, pois Deus se apresenta como premissa da verdade. Alguns teólogos modernos aceitarão as ações, mas não podem aceitar a Palavra para as explicar.”⁸⁵² O drama na exposição é justamente o encontro da teologia doutrinária e prática, cada uma entendendo sua função e interagindo para a glória do Criador.

A exposição bíblica teodramática é mais do que um método de comunicação:

[...] a revelação como ação e palavra mostra o como as Escrituras são tão fascinantes. São exibidas no palco da vida humana e as Palavras das Escrituras são um comentário dado por Deus à vida dos homens em relação a Ele, ligada à vida humana.⁸⁵³

O problema da teologia prática da pregação no setor tradicional e no atual é em desconsiderar os dois fatores citados. A tradicional, em alguns momentos, trata a pregação como uma revelação dada somente por palavras; já os novos ramos da homilética se esquecem das palavras. “Porque Deus se revelou a Si mesmo em atos e palavras, as narrativas da Bíblia são muito importantes. Mas são muitos mais do que boas narrativas históricas.”⁸⁵⁴ O coração do cristianismo:

[...] é uma série de palavras ou atos divinos que culminam em Jesus: a divina e definitiva Palavra/Ato e que o Evangelho é autodoação de Deus em seu Filho por meio do Espírito – dramático (sinais, discursos, ação e sofrimento) e a fé se esforça em entender “o que vimos e ouvimos” (1 Jo 1.3).⁸⁵⁵

A exposição bíblica teodramática anda de mãos dadas com a teologia bíblica da adoração, entendendo a junção entre cognição e experiência, mas que vai além

⁸⁵¹ VANHOOZER, 2009, p. 62-166.

⁸⁵² LANE, Denis. **Pregar a Palavra**. Durham, England: Peregrino, 1991. p. 54.

⁸⁵³ LANE, 1991, p. 55.

⁸⁵⁴ LANE, 1991, p. 55.

⁸⁵⁵ VANHOOZER, 2016a, p. 33.

do experencialismo individualista nos cultos contemporâneos, mais voltados para a terapia do que uma experiência mística do corpo de Cristo. Estamos tratando do encontro divino comunitário. Nesse sentido, David Peterson:

Será que os cultos devem ser avaliados pelo grau em que permitem a seus frequentadores ter esse tipo de experiência? Essa abordagem subjetiva muitas vezes está refletida nos comentários que as pessoas fazem sobre as reuniões cristãs, mas tem pouca relação com o ensino bíblico sobre o assunto. Além disso, ela cria problemas significativos para o relacionamento entre cristãos, porque nem todos partilharão das mesmas experiências e alguns, inevitavelmente, acharão que sua adoração é inferior. A adoração tem de envolver certas atitudes identificáveis, mas algo está muito errado quando as pessoas equiparam a autogratificação espiritual com a adoração!⁸⁵⁶

A suficiência de Cristo em sua Palavra, pregada expositivamente, contemplando a amplitude literária bíblica, com sensibilidade do drama vivo que envolve o culto é o que basta para uma experiência de vida. O culto terapêutico busca na linguagem cristã elementos que transformam adoração em idolatria. Von Balthazar lembra que, segundo o pensamento de Jung, “psicologicamente falando, é contraditório falar de um Deus ‘absoluto’, isto é, ‘solto’ do relacionamento com o mundo.”⁸⁵⁷ Esse “relacionamento com o mundo” citado por Balthazar é retratado por Philip Rieff como algo que foi frustrado em Jung, pelo retrato do sofrimento do seu pai, o levando a tratar o cristianismo como uma terapêutica falida. O problema é que embora considere a falência do cristianismo, ele usa a categoria cristã como linguagem religiosa. Esse é o retrato do culto contemporâneo batista no Brasil.

Por fim, a pregação como ápice da adoração divina, visa a glória de Deus, aos objetivos finais divinos no processo da criação, queda e redenção. Os objetivos da pregação não são comunicar uma “religião de cura e não parte do irracionalismo e anti-intelectualismo jungiano, muito menos um reavivamento de culturas mortas com novos significados.”⁸⁵⁸ Por outro lado, a resposta que precisamos dar ao culto que tem triunfado nos moldes terapêuticos jungianos não é uma comunicação nos moldes gregos para resguardar a lógica dos enunciados, nem um experencialismo que satisfaça o anseio do homem psicológico que nasceu para ser agradado. A resposta é o próprio Deus e toda sua ação e palavra desenvolvida pela trindade. Não daremos apenas histórias, mas “histórias bíblicas que são tão vitais para a

⁸⁵⁶ PETERSON, 2009, p. 240.

⁸⁵⁷ VON BALTHASAR, 1988, p. 7561, v. 1.

⁸⁵⁸ RIEFF, 1990, p. 138.

nossa instrução doutrinária, mas que vestem a verdade de carne e sangue e tornam-se mais fácil ao nosso entendimento.”⁸⁵⁹

Por fim, queremos destacar que um dos grandes entraves na comunicação do Evangelho em todas as épocas diz respeito à relação entre o cristianismo e a cultura. Os debates em torno da amplitude literária bíblica geram reducionismos acerca da falta de unidade que existe nessa diversidade. A consequência é uma comunicação motivada por análise cultural deslocada de uma hermenêutica canônica efetiva. A obra de “H. Richard Niebuhr, Cristo e Cultura (1951), influenciou a discussão teológica na transição para a pós-modernidade, trazendo uma clareira necessária num ambiente aonde muitos encontravam-se perdidos.”⁸⁶⁰ O formato do culto e pregação na história da igreja sempre foi controverso, mas as ideias que surgiram dos debates culturais trouxeram influências que reforçaram o uso da diversidade de ideias litúrgicas e homiléticas, mas com reducionismos. Embora tenhamos uma “certa liberdade de culto”⁸⁶¹, há questões mínimas prescritivas que devem ser observadas para a adoração. Brian McLaren argumentou que ao invés de vermos o Evangelho como “proposições, mecanismos, abstrações ou conceitos universais, devemos vê-lo como narrativa.”⁸⁶² Michael Horton ao debater com Brian McLaren, cita a hermenêutica defendida por Vanhoozer, Anthony Thiselton e Nicholas Wolterstorff:

[...] não devemos ver o Evangelho apenas como uma narrativa. A teoria literária pós-moderna mais antiga (positivista lógica versus existencialista), dicotomia entre proposições e ações (ou narrativas) foi liquidada pelo reconhecimento de que todo discurso é uma ação e que envolve tanto conteúdo proposicional quanto força elocutória (que é uma promessa, um mandamento, encorajadora, que alerta, instrui, assevera, abençoa e assim por diante). Os autores fazem mais do que asseverar, mas todo evento de comunicação envolve conteúdo proposicional.⁸⁶³

⁸⁵⁹ Denis Lane destaca cinco pontos acerca do uso das narrativas bíblicas para a pregação expositiva: “1. Pense encontrar-se você mesmo nas circunstâncias; 2. Faça uso da sua imaginação; 3. Faça reviver o drama na sua própria mente; 4. Imagine como cada um dos caracteres se deve ter sentido em ocasiões diferentes; 5. Pergunte a si mesmo porque razão os personagens atuaram ou reagiram desse modo e o que é que sentiram ao fazê-lo”. LANE, 1991, p. 56.

⁸⁶⁰ SWEET, Leonard et al. **A Igreja na Cultura Emergente**. Cinco Pontos de Vista. São Paulo: Editora Vida, 2009. p. 7.

⁸⁶¹ Há uma excelente obra atual que trata da história do culto, liturgia e musicalidade, trazendo cinco perspectivas: PINSON, J. Matthew et al. **Perspectives on Christian Worship**. Nashville, Tennessee, EUA: B&H Publishing Group, 2009. (Edição do Kindle).

⁸⁶² SWEET et al., 2009, p. 179.

⁸⁶³ SWEET et al., 2009, p. 179.

A exposição bíblica teodramática evita os reducionismos modernos e pós-modernos, considerando toda a amplitude literária, mas em harmonia canônica. No mesmo debate em que Michael Horton rebateu Brian McLaren, o fez também com os reducionismos de Erwin Raphael McManus, quando este afirmou que o Evangelho é um “evento a ser proclamado, não uma doutrina a ser preservada. Horton respondeu dizendo que a única maneira de termos qualquer acesso a essa pessoa é por meio da mensagem. A mensagem divina é muito mais do que apenas informações.”⁸⁶⁴ Horton trabalha o reducionismo Brian McLaren e Erwin Raphael McManus, mostrando a amplitude literária e o significado da comunicação divina nesse espeque.

Trabalhar toda a dimensão da comunicação divina nos ajuda a evitar os extremismos que as teorias da comunicação cristã criaram na história da igreja. Os que usam a Bíblia como atos extremamente propositivos, tendem a ignorar os fatos narrativos. Muitos que argumentam em contrário à proposição bíblica, ignoram o fato da narrativa bíblica conter vida, e respostas a serem dadas ao monólogo divino. O teodrama exposto evita esses extremos comunicativos, ao trabalhar proposição e narrativa de modo harmônico e trinitário.

4.4.2.3 Exposição Bíblica Teodramática: um diálogo e monólogo com espiritualidade comunitária e razão

O extremismo fideísta terapêutico de Jung nos leva a considerar que tanto o modernismo quanto o pós-modernismo têm suas vantagens e desvantagens. Quanto ao modernismo, com exceção do objetivismo que descarta a revelação, temos um tipo de objetivismo necessário para a fé. Em relação ao subjetivismo pós-moderno, também nos beneficiamos dele, pois a fé, embora compilada e transmitida objetivamente, acontece numa dinâmica subjetiva, pois parte do pressuposto da experiência da ação externa e interna do Espírito Santo na dinâmica da Palavra e sua atuação compilatória e proclamatória. Joel Beeke trata essa relação entre o objetivo e subjetivo como um ponto de equilíbrio:

[...] os pregadores têm de abranger dois opostos aparentes. O pregador cristão tem de girar em torno do foco objetivo da verdade sobre Deus em

⁸⁶⁴ SWEET et al., 2009, p. 227.

Cristo e sua obra salvadora realizada em favor de seu povo. Ao mesmo tempo, há uma experiência subjetiva: o conhecimento deste Deus pela alma humana. Este conhecimento não é meramente um exercício intelectual; é conhecimento vivificante e transformador, é “vida eterna”. O povo de Cristo não somente sabe a respeito desta obra por eles, mas têm o próprio Cristo neles (Jo 17 vv. 23, 26). O subjetivo deve ser arraigado no objetivo. A verdade tem de levar à experiência. Charles Bridges escreveu: “A experiência cristã é a influência da verdade doutrinária nas afeições”. Entanto, no cristianismo, o objetivo sempre tem o subjetivo como alvo. Este era um axioma dos antigos teólogos de Princeton: “A verdade está em harmonia com a bondade”. Bridges disse que a vida do cristianismo “consiste não na exposição, e sim na aplicação da doutrina ao coração, para a santificação e o consolo do cristão sincero”. Verdade sem experiência vital é vaidade e hipocrisia.⁸⁶⁵

O teodrama trabalha as categorias puritanas, mas enfatiza toda a dimensão que envolve o diálogo divino, que vai da santificação à participação dramática. A comunicação do Evangelho deve partir dessas premissas de atuação dramática da missão de Deus, pois senão ela cai naquilo que a própria narrativa progressiva do Deus Trino não chancelou. A defesa da exposição bíblica como norteadora da adoração pública não é inocente quanto aos elementos imutáveis e formas mutáveis no espaço litúrgico, mesmo porque a história da pregação e do culto contém uma variedade de elementos mutáveis que demonstram a própria característica transcultural do Evangelho. Há um Deus comunicador da sua missão que usou gêneros literários, contextos culturais e demais fatores para o diálogo e monólogo com seu povo. O monólogo norteia o diálogo para que a espiritualidade seja marcadamente cristã. Terry Johnson destaca que na consistência da aplicação do princípio regulador, considerando os princípios prescritivos e indicativos, consideramos que “na adoração oramos, cantamos, lemos, pregamos e vemos a Palavra (nos sacramentos), fazendo com que o idioma da adoração seja o das Escrituras, pois isso converte, santifica e edifica o povo de Deus.”⁸⁶⁶ D. A. Carson trata do princípio regulador, tratando a forma não prescrita como um princípio de elasticidade, mas também estabelecendo o limite canônico com responsabilidade dizendo sobre “a necessidade de uma leitura bíblico-teológica da Escritura como partes da revelação escrita que se interligam no caminho da trama bíblica.”⁸⁶⁷

A defesa da exposição bíblica para o culto público batista, em detrimento da reverberação do triunfo terapêutico jungiano em alguns dos seus aspectos, leva-nos

⁸⁶⁵ BEEKE, 2019, p. 9258.

⁸⁶⁶ JOHNSON, 2018, p. 54.

⁸⁶⁷ CARSON, 2017, p. 52.

à centralidade de toda a nossa argumentação. De fato, sem a Escritura, Cristo não se torna o triunfo da adoração. John Frame fala da importância de “crer em uma Bíblia inspirada, infalível e inerrante por causa de Cristo, que nos leva à autoridade plena para a confissão da salvação e senhorio dele.”⁸⁶⁸ Vanhoozer destaca ainda que:

[...] o que diferencia a pregação cristã de todas as outras formas de discurso não é apenas sua fonte de autoridade (as Escrituras) e seu conteúdo especial (o Evangelho), mas também sua função de meio primordial pelo qual a Palavra de Deus cultiva Cristo no crente. A pregação é um meio de graça porque apresenta e torna presente Cristo e o que está em Cristo. Com isso, lembra ao ouvinte quem ele é e prepara para seu papel no drama de Cristo que está em andamento.⁸⁶⁹

O ambiente pós-moderno, como desafio e momento oportuno, requer uma base de análise dialogal com tudo o que significa revelação divina descrita nas Escrituras. O desafio quanto ao anti-historicismo ou do uso histórico em categorias jungianas de terapia em linguagens de fé pode ser enfrentado com contribuição do drama da redenção para a pregação, pois mantém e eleva os dados históricos, evitando os reducionismos e extremismos de abordagens, trabalhando a fé de modo canônico, mas colocando-a ao patamar do cotidiano, num tipo de encontro mais elevado do que uma busca existencial ou terapêutica. O drama revela um encontro de inserção de perspectivas dentro de uma perspectiva infinitamente mais apropriada e decisiva para o futuro, mas também para o desfrute do governo de Deus hoje, com uma participação dos ouvintes em diálogo constante com o seu Senhor, mas com os ouvidos abertos para as prescrições monológicas. Tal perspectiva aprofunda o significado da fé cristã, mostrando que a história não é um tradicionalismo morto, mas uma tradição viva em constante ação dramática. Nesse sentido, faz-se necessário o uso pleno de uma teologia bíblica da pregação, como base para a adoração pública. Jason Meyer é assertivo ao mostrar essa teologia bíblica aplicada à pregação, na dinâmica entre a pretensão do rei nessa tríade da cosmovisão cristã:

[...] quanto ao drama da redenção, entendemos que o rei tem como pretensão divulgar a todos o seu próprio nome para que sua criação seja preenchida com sua glória. Trata-se de um tema abrangente que leva o leitor das Escrituras a se concentrar e ser dirigido conforme 3 perguntas

⁸⁶⁸ FRAME, 2013, p. 289.

⁸⁶⁹ VANHOOZER, 2016b, p. 176.

gerais: o que, como e por quê. As Escrituras têm uma metanarrativa que trata do: (1) Governo divino (o que ele faz) (2) o que acontece por sua Palavra (como ele faz) (3) direcionado para sua glória (por que ele faz isso). Tais direções nos ensinam sobre a grandeza indescritível e incomparável do Senhor, que excede a nossa capacidade de imaginar. Ele é auto-existente e através disso, exerce seu domínio sobre tudo o que criou (o que é das Escrituras). O reinado desse Deus, que excede o de todos reinos deste mundo, tem uma arma a qual chamamos de Palavra de Deus, algo jamais inventado por outro rei. Através dela, o Rei administra seu reino (o como das Escrituras). A missão do Grande Rei é a maior de que já existiu, ou seja, a de encher a terra com o conhecimento de sua glória (o porquê das Escrituras).⁸⁷⁰

Como ápice e norteadora da adoração pública, cabe lembrar um ponto cardeal da relação entre a Palavra e os sacramentos, que traz o entendimento da razão pela qual ela norteia tudo. A natureza da exposição bíblica está interligada com a pregação diligente e administração correta dos sacramentos. James White quando trata do culto dos reformadores, destaca que era uma adoração centrada na “Palavra lida e exposta, com a intenção de que as memórias escritas formassem a identidade do povo de Deus. A pregação e a sua importância no culto público está ligada à posição central da Escritura. A substância da pregação é sua fonte.”⁸⁷¹ A necessidade da adoração ser inteiramente norteada na exposição bíblica dá-se tanto pelo modo intencional que o ato de expor revela a grandeza de Deus em Cristo em toda a história (com teologia bíblica), “como também pelo fato da pregação no culto público ser o modo central de como Deus fala conosco; as demais partes litúrgicas, como oração, salmos, cânticos e hinos são nossas respostas a Deus.”⁸⁷² Há um diálogo, mas que começa com um monólogo. A visão correta da adoração cristã evita que a idolatria seja colocada na ordem do culto; isso pode acontecer na medida em as narrativas pessoais colocadas em evidência na pregação acabam controlando todo o enredo do culto. Oração, salmos, cânticos e hinos se tornam antropocêntricos na medida em que a pregação dita esse ritmo na ordem litúrgica. Jean-Jacques von Allmen contribui com James White ao dizer que a pregação testemunha o fato de que “essa história insere a igreja no mundo”⁸⁷³, isto é, uma metanarrativa é a boa notícia de que uma esperança maior é o que sacia a fome e mata a sede do homem. Douglas Wilson fala dessa relação:

⁸⁷⁰ MEYER, 2013, p. 698.

⁸⁷¹ WHITE, 1997, p. 105.

⁸⁷² WHITE, 1997, p. 105.

⁸⁷³ ALLMEN, 2006, p. 128.

A Palavra é sempre acompanhada do sacramento; a Palavra sempre visa informar às pessoas o que elas estão fazendo e por quê; a Palavra é viva e ativa, mais poderosa do que qualquer espada de dois gumes (Heb. 4: 12–13). Sem a Palavra, os sacramentos não existem. A Palavra que nos mata, nos separa, nos reúne no altar e nos envia a Deus na fumaça. Conseqüentemente, os pregadores precisam aprender a pregar como se isso fosse o que está acontecendo.⁸⁷⁴

A partir do próprio fundamento da adoração pública, chegamos ao entendimento que a pregação é o ato supremo. Jean-Jacques von Allmen, que defende o culto com pregação e ceia, algo que não é unânime na história da igreja, e muito menos prescritivo no culto neotestamentário, estabelece pontos interessantes entre a relação da pregação e ceia de um modo que compreendemos a tensão entre o reino presente e o futuro:

[...] a pregação domina o culto, pois a igreja se esquece de que o reino de Deus já veio a nós e que ela pode viver das suas primícias, evitando a desescatologização. A ceia é necessária, pois a igreja esquece-se de que o mundo ainda perdura, ou seja, o reino não se manifestou completamente e diante disso não pode se eximir do mundo, pois causa a des-historização da igreja. Em outras palavras, a pregação vincula a igreja no presente, pois é um elemento provisório que não terá no reino futuro, ao passo que a ceia mostra que já fazemos parte do reino, e já se manifesta em nós, mas vincula ao futuro. A ceia proclama que a igreja não é do mundo (eis porque já tem acesso ao banquete celestial); a pregação diz que ela ainda está no mundo (eis porque precisa das advertências, encorajamento, ensino e consolo). A pregação é impensável no culto, pois evita que a adoração se torne algo em si mesma, pois nos corrige no presente.⁸⁷⁵

Essa observação de Jean-Jacques von Allmen sobre a imprescindibilidade da pregação no culto, para que a adoração não se torne algo em si mesma, em virtude da tensão escatológica, deve levar os pregadores a reconsiderar sempre acerca dessa missão. Muitos pregadores falam a partir das Escrituras, não se importando com a pregação do Evangelho, por pressuporem que o público já conhece o Evangelho. O Evangelho não é um texto-prova que deve ser falado numa classe de catecúmenos e depois esquecido; ele é a causa do povo de Deus não ser consumido. A pregação do Evangelho metanarrativo é uma necessidade para os descrentes e para os crentes. A cosmovisão cristã deve ser firmada no púlpito, pois dela a identidade do regenerado é fundamentada e também firmada no processo da santificação. Pregadores que não são expositivos dificilmente deixarão bem delineado o percurso da vida redimida do povo de Deus. A centralidade do

⁸⁷⁴ DOUGLAS, 2008, p. 41-42.

⁸⁷⁵ ALLMEN, 2006, p. 128.

Evangelho na pregação em toda a Escritura com o auxílio da boa teologia bíblica fomenta e solidifica os distintivos dessa nova comunidade chamada igreja, a diferenciado daquilo que a cerca, lembrando-a sempre que sua cosmovisão difere da cultura ocidental.

Há um exemplo bem nítido no ambiente batista no Brasil, que é a pregação desenvolvida para necessidades específicas no formato temático, como no caso da família, que, em muitos casos, nada se diferencia de palestras motivacionais ou coisas do gênero. David Merkh trata da teologia bíblica da família no contexto do aspecto redentivo, mostrando o “foco expositivo, analisando cada texto bíblico ‘sobre a família dentro do seu contexto e de forma coerente com o argumento do autor, com aplicações coerentes e relevantes para o contexto atual’.”⁸⁷⁶ A coerência que o professor Merkh cita no processo da teologia bíblica da família é o foco da pregação expositiva no sentido de conduzir o homem à imagem de Cristo e conseqüentemente revelando a glória de Deus ao mundo. Trata-se de algo mais elevado do que palestras soltas sobre família que não fazem a ligação devida à metanarrativa, desonrando o objetivo criacional e redentivo divino.

4.4.2.3.1 *A questão da Espiritualidade*

Assim sendo, a necessidade do retorno à exposição bíblica, diante da diversidade de espiritualidades, experiências do pluralismo religioso e subjetividade, a exposição bíblica, como norte do culto, molda os demais atos litúrgicos, levando o povo de Deus a um desafio prático conforme o memorial efetivo da redenção. Naturalmente, “o homem pós-moderno é contrário à verdade objetiva, onde não há mais lugar para verdades concretas ou absolutas. Cada pessoa tem sua verdade”⁸⁷⁷, e somando a isso uma comunidade despreocupada com a sua metanarrativa, se torna um ambiente perfeito para o desenvolvimento de um culto, mas não propriamente dito cristão.

Na era das muitas espiritualidades, a atenção ao teor do culto público deve ser intensificado. Com a responsabilidade de edificar o povo de Deus, e ser um instrumento espiritual-didático-pedagógico, caso ele não tenha uma definição clara e

⁸⁷⁶ MERKH, David. **Comentário Bíblico**: lar, família e casamento. São Paulo: Hagnos, 2019. p. 13.

⁸⁷⁷ ANGLADA, 2005, p. 9.

bem definida da história da redenção, o risco de formar uma identidade distorcida do Evangelho, aumenta consideravelmente. O povo de Deus naturalmente é inclinado aos caminhos idólatras, e tal percurso pode ser encurtado pelo descuido citado. Espiritualidade cristã é um termo praticamente novo no mundo teológico. Sua formação não está restrita ao culto, pois significa o modo de viver como corpo de Cristo em sua dimensão privada e pública. Tem como fundamento as ações de Jesus nos Evangelhos e é desenvolvida no contexto do culto, da comunhão, oração e partir do pão tendo como centro a vida, obra, ressurreição e esperança vindoura do retorno glorioso de Cristo (At 2.42 ss).

A espiritualidade cristã é baseada em Jesus, nos apóstolos e se desenvolve no decorrer da história da igreja. A espiritualidade atual tem proporcionado o fenômeno do desigrejamento. Essa reação contra a igreja é designada como “cristianismo sem igreja.” Esse termo surgiu nos Estados Unidos da América, provavelmente na década de setenta. Essa ideologia parte do pressuposto da necessidade de uma mudança da igreja institucionalizada, partindo de uma visão míope e distorcida do culto público e os seus aspectos histórico-redentivos vétero e neotestamentário.

Uma das causas do deigrejamento é a má formação da cosmovisão cristã.⁸⁷⁸ A dicotomia entre teologia e vida cristã criou um tipo de fideísmo, que desaguou no florescimento das narrativas individuais em detrimento da metanarrativa da histórica comunitária do povo de Deus. O desigrejado busca um tipo de comunidade que não reflete necessariamente uma comunidade cristã, pois parte do pressuposto das muitas individualidades no mesmo espaço comunitário.

Sem a exposição, o povo de Deus perde o poder da articulação para conhecer a missão trinitariana. Jason Meyer contribui novamente, direcionando-nos para uma teologia bíblica da pregação e o conseqüente papel da Palavra no drama da redenção:

⁸⁷⁸ “No cerne de toda experiência e inspiração que repousa por detrás da Reforma, sempre encontraremos um livro. Foi por intermédio da Bíblia que Lutero ouviu que “Cristo era dele, com sua vida, seu ensino, suas obras, sua morte, sua ressurreição e tudo o que ele é, tem, faz e pode fazer” (L.W., vol 35, p. 361), e foi capaz de perceber-se a si mesmo justificado. Foi por intermédio da Bíblia que os reformadores foram continuamente levados ao berço de Belém e à cruz no Calvário, e assim, ao lugar onde eles finalmente sabiam que poderiam ver Deus como ele realmente é”. WALLACE, 2003, p. 16.

Seu poder vivificante é incomparável, porque criou tudo do nada. Seu poder de matar também é incomparável. Deus traz julgamento sobre a humanidade através de sua palavra. É frequentemente apresentado nas Escrituras como uma arma ou uma espada. Essa espada é mais poderosa que um anel de poder, uma bomba atômica ou qualquer arma que alguém possa inventar. A palavra é o instrumento que Deus usa para criar o mundo (2 Pedro 3: 5), governar seu mundo (3: 6) e trazer julgamento final sobre o mundo (3: 7). Mas tem ainda mais! A palavra de Deus tem um ponto de articulação que muda tudo. De fato, poderíamos chamar de dobradiça de toda a história. Chega um momento em que a grande arma é revelada como pessoa! Em outras palavras, o como (a palavra de Deus) se torna o Quem (Jesus como a Palavra de Deus encarnada). Deus administra seu governo e reina através da palavra de Deus no Antigo Testamento, e então o Filho de Deus passa a reinar como a Palavra encarnada de Deus que traz o reino de Deus para o Novo Testamento (João 1:1; Ap 19:13) Jesus trará a história a uma conclusão dramática com sua segunda vinda. O final é tão grande que ainda não temos categorias para compreender como será. Temos algumas fotos tiradas de nossas categorias atuais.⁸⁷⁹

A crise batista no Brasil pós-moderno guarda semelhanças aos tópicos da idade média, que gravitavam em torno do “crescimento da religião popular, anticlericalismo, pluralismo doutrinário e crise de autoridade dentro da igreja.”⁸⁸⁰ No contexto atual, verifica-se uma dicotomia entre a teologia redentiva e o púlpito. Em momentos específicos de Ceia do Senhor ou Batismo, tal teologia é tratada sorrateiramente, como se o memorial redentivo devesse fazer parte de alguns cultos. É uma filosofia que traz o “predomínio daquilo que funciona ao invés daquilo que é racional. O resultado tem sido que o consumismo, estimulado por um compromisso com a globalização, se tornou a cosmovisão predominante de nossos dias.”⁸⁸¹ A pregação verdadeira tem muitas funções.

Podemos, porém, cometer o erro de pensar que há somente uma. Os sermões são destinados a nos ensinar, a formar e transformar nossos pensamentos e sentidos, e a desafiar nossa conduta para um novo rumo. De vez em quando dizemos que eles devem sempre levar-nos a uma “decisão”. De certa forma isso é verdade. Mas os sermões devem fazer mais: devem libertar a Palavra de Deus, para que, por seu próprio poder, ela mude a vida daqueles que a ouvem. Os milagres de alimentar as multidões nos proporcionam. Se aquelas multidões estiveram com Ele tempo suficiente para carecerem de alimento, Jesus as deve ter ensinado por muitas horas (ver Mc 8.2). Não se tratava de mero brincar com a vontade das pessoas, chamando-as a uma decisão. Jesus pacientemente lhes expunha a verdade de Deus, crendo que a boa semente da Palavra é munida de poder quando plantada em corações férteis.⁸⁸²

⁸⁷⁹ JASON, 2013, p. 707.

⁸⁸⁰ MCGRATH, 2004, p. 41-48.

⁸⁸¹ GOHEEN, Michael W; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à Cosmovisão Cristã: Vivendo na Intersecção entre a Visão Bíblica e a Contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 178.

⁸⁸² FERGUNSON, 2019, p. 5385.

4.4.2.3.2 A questão do ouvinte

A espiritualidade cristã não é formada apenas no contexto do culto público. Não podemos ser desonestos acerca dos ruídos do processo comunicativo no púlpito. O erro pode advir do púlpito, mas o ouvinte também tem responsabilidades. Existem quatro desafios para o ministério da pregação. O primeiro é termos pregadores comprometidos com o Evangelho e sua exposição; o segundo é termos um povo que se expõe à pregação de Cristo, deixando que a Bíblia leia sua vida; o terceiro, é a congregação entender o que significa expor as Escrituras Sagradas: 1) o que é a pregação; 2) objetivos; 3) instrumentos e; 4) conteúdo. O quarto desafio é a continuidade do culto público através do discipulado e vida santa. No quarto desafio, apresentaremos recursos necessários para o povo de Deus e o crescimento diário na fé.

Não somente quem prega, mas também quem ouve precisa compreender a natureza da pregação expositiva: “A pregação é a Palavra de Deus porque é a exposição das Escrituras, através das quais apenas Deus se comunica com o homem.”⁸⁸³ Sem esse entendimento apurado e trabalhado continuamente, corremos o risco de expormos a Bíblia e o povo não se expor às Escrituras com o entendimento correto. O tema central da pregação expositiva é:

Deus escolheu a pregação, e Deus revigora a pregação dos ministros pelo poder do Espírito de Deus, de modo que Cristo verdadeiramente vem na Palavra falada para residir com seu povo.⁸⁸⁴

A pregação do evangelho não pode ser confundida com lições moralistas, mas algo que deve conduzir o povo a se identificar com Cristo. O ouvinte deve meditar durante a semana acerca do que ouviu, fazendo 3 perguntas. Jerry Bridges diz:

1) o que esse texto ensina com respeito à vontade de Deus para uma vida santa; 2) Como é que a minha vida corresponde a esse texto das Escrituras? Onde e como eu falho? 3) Que passos definidos de ação preciso tomar para obedecer ao Senhor? Aprendamos a aplicar a exposição

⁸⁸³ PARKER, 2016, p. 51.

⁸⁸⁴ GEORGE, 2015, p. 200.

diariamente! Ouvir⁸⁸⁵ a Palavra de Deus corretamente faz parte do processo comunicativo.⁸⁸⁶

Ouvir a exposição das Escrituras Sagradas requer uma disciplina que vai além do culto público. Não basta termos bons pregadores expositivos; temos que ter pessoas que saibam ouvir a exposição. Esse “ouvir” envolve uma disciplina pós-culto. Preparando-se para a Palavra Pregada, Joel Beeke trata das seguintes questões:

1. Antes de chegar à casa de Deus para ouvir a sua Palavra, prepare-se e à sua família com oração; 2. Venha com um apetite sincero pela Palavra. Um bom apetite promove boa digestão e crescimento; 3. Medite sobre a importância da Palavra pregada enquanto entra na casa de Deus. O alto, santo e trino Deus, do céu e da terra, está se encontrando com você para falar-lhe diretamente; 4. Lembre-se ao entrar na casa de Deus que você está entrando num campo de batalha. Muitos inimigos se oporão ao seu ouvir. Internamente, você pode estar distraído pelos cuidados e ocupações, pelas concupiscências da carne, coração frio e espírito crítico; 5. Finalmente, venha com uma fé que ama e que espera (Sl. 62: 1, 5). Seja pronto para ouvir, tardio para falar e determinado, como Maria, a ponderar a Palavra de Deus em seu coração. Venha defendendo a promessa de Deus que sua Palavra não retornará para Ele, vazia (Is. 55: 10-11).⁸⁸⁷

4.4.2.3.3 A questão da música

Quanto à música no culto, o Brasil tem vivenciado uma transformação em todos os sentidos. Historicamente, a igreja batista também passou por essa metamorfose e pela influência dos movimentos neopentecostais. Os traços distintivos para a compreensão do movimento gospel nela observado em muitos lugares é o anseio pela nova ambiência pós-moderna e influências da “tecnologia,

⁸⁸⁵ O ouvinte deve cultivar um espírito submisso e manso, recebendo a verdade de Deus como um estudante enquanto está ciente da própria depravação. Deve examinar seriamente sob a pregação atentando para a própria instrução ao invés da instrução de outros. Não deve responder como Pedro, que disse a Jesus: “E quanto a este?”. Deve ouvir as admoestações de Jesus: “... que te importa? Quanto a ti, segue-me” (João 21: 21-22). Quando as marcas da graça são colocadas diante de dele, deve perguntar: Experimento estas marcas? Escuto as verdades de Deus, desejando ser admoestado ou corrigido onde eu me desviei? Agrado-me de ter a Palavra de Deus aplicada à minha vida? Oro para que o Espírito possa aplicar sua Palavra, como coloca Robert Burns, ao meu “negócio e ao meu âmago”? Quando um médico lhe diz como manter sua saúde ou a dos seus filhos, ele ouve cuidadosamente de modo que possa seguir suas instruções, e assim deve ser com Palavra pregada. Quando o médico espiritual lhe dá direções divinas para a sua alma, deve ouvir cada parte tão cuidadosamente de modo que possa seguir as instruções de Deus para a sua vida. BEEKE, Joel. **A Família na Igreja**. Tradução: Gumercinda Oliveira. Eusébio, Ceará: Editora Os Puritanos/Clire, 2012. p. 89-138.

⁸⁸⁶ BEEKE, 2012, p. 89-138.

⁸⁸⁷ BEEKE, 2012, p. 89-138.

da mídia, do mercado e da política, conforme destaca Magali do Nascimento.⁸⁸⁸ Da pregação à musicalidade, um novo estilo religioso foi estabelecido. Essa nova maneira religiosa de ser, inclui desde uma mensagem com trejeitos de confissão positiva e uma musicalidade que acompanha essa nomenclatura gospel a partir da década de oitenta.

No tocante à explosão gospel no Brasil⁸⁸⁹, no seu bojo foi trazida uma nova proposta musical, tendo sua ênfase firmada do século XX para o XXI. Conjuntamente, o movimento gospel trouxe um empobrecimento musical ao lançar fora a biblicidade e narrativa redentiva. O projeto cristocêntrico lançado pelos reformadores foi substituído por uma liturgia antropocêntrica. Carl Schalk relata que o reformador “Lutero foi o único entre os reformadores do século XVI a defender a música como uma maravilhosa dádiva de Deus a ser usada no louvor e na pregação da sua palavra.”⁸⁹⁰ Calvino ensinou que a “pregação do evangelho era o centro da vida e obra da igreja.”⁸⁹¹

A mensagem pregada por Cristo e vivenciada com vigor pelos reformadores tem sido substituída por um novo modo de ser, que contradiz a principiologia bíblica e o pano de fundo histórico neotestamentário. A influência de comunidades que crescem assustadoramente pelos meios citados afronta a pedagogia da musicalidade no contexto do culto cristão, que se perfaz numa forma maravilhosa para se aprender e expressar a exposição do Evangelho de Cristo de modo cantado. O efeito destruidor dessa musicalidade “*gospel*, é que ela deixa de servir à Palavra, causando assim uma desarmonia do propósito do culto e uma imaturidade da fé do povo de Deus.

Quanto à liturgia, embora tenhamos várias percepções na história da igreja quanto à forma, o conteúdo deve permanecer o mesmo. Embora a adoração pública seja mais do que instruir, não deixa de ser “é um meio de instrução. A igreja assim se tornava não apenas uma casa de oração e louvor, mas também uma sala de aula.”⁸⁹² Estamos nos referindo à uma “antropologia litúrgica que valorize a estética

⁸⁸⁸ CUNHA, Magali do Nascimento. **A Explosão Gospel: Um Olhar das Ciências Humanas sobre o Cenário Evangélico no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

⁸⁸⁹ A professora Magali faz uma análise histórica que remonta aos anos 50 e 60, percorre as gerações dos anos 80 até o firmamento do movimento no ano 2000. O movimento em análise é discutido conforme a metodologia das ciências humanas.

⁸⁹⁰ SCHALK, Carl F. **Lutero e a Música: paradigmas de louvor.** São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 44.

⁸⁹¹ SCHALK, 2011, p. 44.

⁸⁹² BAINTON, Roland H. **Cativo à Palavra: a vida de Martinho Lutero.** São Paulo: Vida Nova, 2017.

do entendimento (estética do corpo) que incentivará uma nova intencionalidade sobre o como do culto, que nos encoraja à identidade através da imaginação.”⁸⁹³

Hughes destaca que:

O próprio ato de cantar a Palavra de Deus ou cantar uma verdade bíblica sobre Deus é essencialmente edificante, porque a música é mais facilmente lembrada. Vemos a música em seu melhor papel como veículo para a obediência à Palavra de Deus. A adoração atinge um grau elevado quando tanto os que fazem música quanto a igreja a que servem dobram os joelhos para a glória de Deus e fazem música em obediência à sua Palavra.⁸⁹⁴

Não é pretensão deste trabalho propor a saúde da igreja em termos de unificação formal litúrgica, mesmo porque na história da igreja não há um único modo de realização litúrgica. Da mesma forma, somos sabedores que não há um único método de pregar, mas a exposição bíblica fornece os elementos vétero e neotestamentários que levam o povo de Deus à centralidade de Cristo em toda a Escritura, fazendo com que as narrativas, embora devam ser tocadas, não se tornem o centro da pregação. O *Sola Scriptura*, como princípio formal da Reforma, regula o culto em todas as suas dimensões. O drama da redenção é vivenciado pelo processo litúrgico com a indispensável pregação e liturgia como elemento pedagógico a serviço da Palavra. A exposição bíblica, uma vez que evoca a viva voz de Deus, “continuará sendo verdadeiramente relevante se o mundo durar outro milênio ou mais. O que parece estar na moda hoje será embaraçador amanhã.”⁸⁹⁵

Nos movimentos batistas brasileiros, embora não exista uma intencionalidade contrária à Bíblia, indiretamente o princípio da *sola scriptura* descrito em suas confissões.⁸⁹⁶ Calvino, influenciado em muitos aspectos pelos pré-

⁸⁹³ SMITH, James K. A. **Imaginando o Reino**: a dinâmica do culto. São Paulo: Editora Vida Nova, 2019. p. 2010. v. 2. (Trilogia Liturgias culturais).

⁸⁹⁴ OLD, Hugues Oliphant. **Worship, Preaching, & The Ministry of Prayer**. Califórnia, EUA: Worship Leader Magazine, 2012. (Edição do Kindle).

⁸⁹⁵ MACARTHUR, 2012, p.14.

⁸⁹⁶ I. Escrituras Sagradas. A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana. 1 - É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens; 2 - Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo; 3 - Tem por finalidade revelar os propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes e promover a glória de Deus; 4 - Seu conteúdo é a verdade, sem mescla de erro, e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina; 5 - Revela o destino final do mundo e os critérios pelo qual Deus julgará todos os homens; 6 - A Bíblia é a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas as doutrinas e a conduta dos homens; 7 - Ela deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinamentos de Jesus Cristo. 1. Sl 119.89; Hb 1.1; Is 40.8; Mt 24.35; Lc 24.44,45; Jo 10.35; Rm 3.2; 1Pe 1.25; 2Pe 1.21; 2. Is 40.8; Mt 22.29; Hb 1.1,2; Mt 24.35; Lc 16.29; 24.44,45; Rm 16.25,26; 1Pe 1.25; 3. Ex 24.4; 2Sm 23.2; At 3.21; 2Pe 1.21; 4. Lc 16.29; Rm 1.16; 2Tm 3.16,17; 1Pe 2.2; Hb 4.12; Ef 6.17; Rm 15.4; 5. Sl 19.7-9; 119.105; Pv 30.5; Jo 10.35; 17.17; Rm

reformistas Wycliff e Huss, que “podem ser vistos como homens que estenderam a abrangência das Escrituras de modo a abarcar a disciplina, bem como a doutrina, questionando, assim, os métodos dos decretalistas e dos juristas canônicos”⁸⁹⁷, parte do pressuposto que “é, em primeiro lugar. É a Palavra pregada que o Espírito Santo usa de maneira singular para dar vida e produzir fé na alma de uma pessoa.”⁸⁹⁸ Assim sendo, não como pensar numa pregação que não seja escriturísticamente bíblica e que não tenha primazia no culto cristão.

Os batistas reformados ingleses, com uma herança notoriamente reformada, que influenciou os primórdios do protestantismo batista americano e conseqüentemente brasileiro, fazem com que a proposta de possibilidade e necessidade da exposição bíblica no púlpito seja de medida urgente. Stanley Grenz já havia alertado sobre o perigo da privatização da fé (p. 11), bem salientado também pelo James Smith.⁸⁹⁹

Ao defendermos a tese da exposição bíblica como possível e necessário para o culto batista brasileiro atual, não estamos descartando as demais formas sermonárias na adoração pública, mas afirmando que a exposição bíblica faz jus à manutenção da identidade do povo de Deus de modo mais cuidadoso e com menos risco no tocante ao discurso legalista ou antinomista e principalmente por buscar recursos na teologia bíblica que honra a história redentiva na progressividade da revelação divina.

A exposição bíblica teodramática intermedia o que há de bom nos dois momentos em transição dramática. Entender o que vem após a modernidade é um exercício perigoso que pode desaguar em reducionismos, extremismos e causar um desperdício de esforços ao manter um tradicionalismo ou uma desconstrução que não reflete o pano de fundo da revelação. No próximo tópico falaremos sobre isso.

3.4; 15.4; 2Tm 3.15-17; 6. Jo 12.47,48; Rm 2.12,13; 7. 2Cr 24.19; Sl 19.7-9; Is 8.20; 34.16; Mt 5.17,18; At 17.11; Gl 6.16; Fp 3.16; 2Tm 1.13; 8. Lc 24.44,45; Mt 5.22,28,32,34,39; 11.29,30; 17.5; Jo 5.39,40; Hb 1.1,2; Jo 1.1,2,14. Extraído do site da Convenção Batista Brasileira.

⁸⁹⁷ MCGRATH, 2007, p. 149.

⁸⁹⁸ DEVER; Greg, 2016, p. 50-51.

⁸⁹⁹ “Depois da Reforma, e especialmente na esteira da modernidade, grandes setores do cristianismo contemporâneo tendem a pensar no culto somente como um ato “em direção ao alto” do povo de Deus que se reúne para oferecer seu sacrifício de louvor, expressando sua gratidão e devoção ao Pai, com o Filho e o Espírito Santo. O culto como expressão é facilmente sequestrado pelo turbilhão vertiginoso do individualismo. Nesse caso, até mesmo a adoração coletiva é mais como uma coleção de encontros individuais e privados com Deus em que os adoradores expressam uma devoção “interior”. SMITH, 2019, p. 2010.

4.4.2.4 Exposição bíblica teodramática: um diálogo e monólogo que evita os extremos da modernidade e a pós-modernidade das muitas narrativas

Quando falamos de modernidade, é bom esclarecer que existiram períodos que foram positivos para a pregação como no ápice da Reforma Protestante, que havia se tornando um ambiente equilibrado entre Bíblia e tradição; objetivismo e subjetivismo; comunidade e indivíduo. Como já argumentado, tanto na pré-Reforma, pós-Reforma ou na contemporaneidade, a pregação passa por altos e baixos.

Como norteamento do culto público, nosso ponto de partida é a pregação histórico-redentiva. Fizemos uma ponte para a teologia “canônico-linguística” na abordagem hermenêutica trinitariana (que está no coração da hermenêutica da história da redenção) e o multiperspectismo para sustentar a possibilidade e a necessidade da exposição bíblica no pós-modernismo⁹⁰⁰ batista brasileiro.

Sendo assim, os aspectos do diálogo entre intenção autoral e ouvinte - drama da redenção⁹⁰¹ - evita os extremos da modernidade e pós-modernidade, e

⁹⁰⁰ “O pós-modernismo é caracterizado de várias formas. Entre as perspectivas que respondem a essa designação encontramos uma rejeição do fundacionismo clássico; a ideia de que não há fundamentos de qualquer gênero, clássicos ou não; a tese de que a objetividade não existe; a desconstrução; a tese de que a verdade não existe, ou, se existe, é algo completamente diferente do que pensávamos (talvez uma construção social, “o que os nossos pares nos deixam dizer” ou algo do gênero); a tese de que as verdades são feitas e não descobertas; a tese de que não há padrões normativos objetivos, sendo nós que, de algum modo, os fazemos; e a tese de que tudo o que realmente conta é o poder. Há uma oposição a metanarrativas, a insistência de que Deus está morto (querendo-se habitualmente dizer com isso, penso, que Deus não existe) e referências arrogantes a Deus (o bom e velho Deus, na expressão de Jacques Lacan). Há também um regozijo ou apoteose da autonomia, de modo que (como é o caso de Heidegger) nos sentimos culpados por não termos criado o mundo (junto com a sugestão de que Deus deveria se envergonhar por ter a ousadia de interferir na nossa autonomia). Há uma espécie de recrudescimento da exaltação romântica oitocentista, a ideia de que o nosso ambiente histórico e cultural determinar o que podemos pensar, de modo que não podemos senão pensar o que pensamos (e atualmente não podemos aceitar a crença cristã como séria)”. PLANTINGA, 2018, p. 423.

⁹⁰¹ “Preaching must be theology on fire. However great his ability to dramatize in the pulpit, this would not help arouse interest in some of his works of systematic theology. So we need to rethink the relationship between theology and preaching. Vanhoozer's proposal is that the best way to view theology is as a theodrama: 'The gospel is theodramatic - a series of divine scene entrances and exits, especially since these entrances and exits relate to what God has done for us. in Jesus Christ. In this way, the gospel — both the event of Christ and the canon that communicates it — emerges as the culminating moment in the Trinitarian economy of divine self-communicating action. Theology responds and corresponds to God's word and prior action; therefore theology itself is part of the theodramatic action '. A theodramatic approach to preaching recognizes that the Bible presents us with authoritative acts of God-speaking. We do things through speech. God's words in Scripture are the biblical phrases. Theodramatic preaching values both the indicatives and imperatives of the Gospel. The act of proclaiming the Word must be theodramatic. When I preach, my purpose is not simply to give doctrinal instructions to the congregation I serve, but also to enable God's people to understand and feel the truth of Scripture in order to practice it. As a theodramatic preacher, I want to become a pastor-theologian for the good of God's people. When

torna mais robusto o uso da metanarrativa histórico-redentiva proposta em Calvino. Timothy George traz um alento ao dizer que os reformadores ao tratarem da “hermenêutica da cruz, anteciparam importantes temas das teorias pós-modernas de interpretação, resistindo ao impulso desintegrador da desconstrução, afirmando a respeito de Deus (com Francis Schaeffer) que ele está lá e não está em silêncio.”⁹⁰² Nesse sentido, o desafio pós-moderno para as congregações batistas brasileiras é evitar o “dogmatismo ou o ceticismo hermenêutico.”⁹⁰³ Evitar o dogmatismo, não no sentido de abandonar a tradição, mesmo porque não existe fé sem pressuposições. Aqui estamos defendendo a tradição bíblica da história da redenção que se perfaz no drama da doutrina e da pregação em toda a história da igreja, mas que esteja disposta de modo humilde à supervisão constante, ou seja, o desafio é buscar uma confessionalidade que não perca as bases dos motivos da Reforma. Timothy George, citando Richard Bauckham, diz que a “história bíblica é sobre nada menos que toda a realidade, que não pode ser reduzida a um desprezioso jogo de palavras local no pluralismo da pós-modernidade.”⁹⁰⁴ O desafio é fugir dos resquícios da razão pura e empirismo e do anti-intelectualismo contemporâneo, que

theology becomes a “public good” in our preaching, God's people whom we are called to serve are told to play their part in the great drama of God's redemptive grace. We have enjoyed the privilege of witnessing God's communicative action at work among us, slowly but surely, becoming more Christlike through the presence of His Spirit in our midst. This is the drama of preaching”. “A pregação deve ser teologia em chamas. Por maior que seja a sua capacidade de dramatizar no púlpito, isso não contribuiria para despertar o interesse em algumas de suas obras de teologia sistemática. Então, precisamos repensar a relação entre teologia e pregação. A proposta de Vanhoozer é que a melhor maneira de visualizar a teologia é como um teodrama: ‘O evangelho é teodramático – uma série de entradas e saídas de cenas divinas, especialmente porque essas entradas e saídas de cena dizem respeito ao que Deus fez por nós em Jesus Cristo. Dessa maneira, o evangelho – tanto o evento de Cristo quanto o cânon que o comunica – surge em cena como o momento culminante na economia trinitária da ação divina autocomunicadora. A teologia reage e corresponde à palavra e à ação prévia de Deus; por isso, a própria teologia faz parte da ação teodramática’. Uma abordagem teodramática da pregação reconhece que a Bíblia nos apresenta atos de fala de Deus imbuídos de autoridade. Fazemos as coisas por meio do discurso. As palavras de Deus nas Escrituras são as locuções bíblicas. A pregação teodramática valoriza tanto os indicativos quanto os imperativos do Evangelho. O ato de proclamar a Palavra tem de ser teodramático. Quando prego, meu objetivo não é simplesmente dar instruções doutrinárias à congregação a que sirvo, mas também permitir que o povo de Deus compreenda e sinta a verdade das Escrituras a fim de praticá-la. Na condição de pregador teodramático, desejo me tornar um pastor-teólogo para o bem do povo de Deus. Quando a teologia se torna um “bem público” em nossa pregação, o povo de Deus, a quem fomos chamados a servir, é orientado a desempenhar seu papel no grande drama da graça redentora de Deus. Temos desfrutado do privilégio de testemunhar a ação comunicadora de Deus em operação entre nós, de forma lenta, mas certa, tornando-nos mais semelhantes a Cristo mediante a presença do seu Espírito em nosso meio. Esse é o drama da pregação”. DAVIES, 2016, p. 227-230. (Tradução nossa, com auxílio de recursos *online*).

⁹⁰² GEORGE, 2015, p. 32.

⁹⁰³ VANHOOZER, 2005, p. 543.

⁹⁰⁴ GEORGE, 2015, p. 32.

Carl Henry chama de “cultura alienada.”⁹⁰⁵ Essa alienação é a tentativa de não ser “contraditado, através de um deus pessoal criado, mas que não tem chance de se interagir e exigir nada da criatura através da interação”⁹⁰⁶ comunicativa. O que há é uma relação conflituosa e rebelde demonstrada na recriação dos significados conforme o interesse próprio.

A história da redenção parte do pressuposto da revelação, e tal não como um valor irracional, mas que contém uma lógica a ser considerada. Gordon Clark diz que “se cada palavra tem um número infinito de sentidos, o raciocínio e a conversação se tornam impossíveis, porque não ter significado é ter nenhum significado.”⁹⁰⁷ Os valores irracionais pós-modernos formam um ambiente de difícil codificação. Não sabemos ao certo o que é o pós-modernismo, pois é um tempo caracterizado por um processo de transição com características distintas da modernidade, mas ao mesmo tempo um processo contínuo de reconfigurações com um foco na reimaginação. Herman Dooyeweerd ressalta que o “novo tipo de individualismo que surgiu como resultado da mudança do racionalismo para o irracionalismo gerou a glorificação romântica do amor sexual.”⁹⁰⁸ A comunidade citada por Dooyeweerd gera um paradoxo. Por um lado, verificamos um certo retorno da tradição, mas numa amplitude pluralista e individualista: uma comunidade cultural. O resultado são as muitas narrativas convivendo juntas, mas sem que haja uma atenção maior à metanarrativa comum aos valores comunitários cristãos, gerando uma subjetividade sem fim. Theodore Dalrymple destaca que há um paradoxo do individualismo radical que conduz ao autoritarismo. Ele defende que uma “filosofia que se destine a destruir a influência do costume, da tradição, da autoridade e do preconceito de fato destrói costumes particulares, mas para substituí-los por outros.”⁹⁰⁹ Dentro desse contexto, Dooyeweerd cita ainda que “a revolução francesa trabalhou o indivíduo autárquico, ao passo que o romantismo gerou um estilo de comunidade autônoma de indivíduos abstratos.”⁹¹⁰

⁹⁰⁵ HENRY, 2016, p. 171.

⁹⁰⁶ KELLER, Timothy. **A Fé na Era do Ceticismo**: Como a Razão Explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 146

⁹⁰⁷ CLARK, Gordon. **Uma Visão Cristã dos Homens e do Mundo**. Brasília: Monergismo, 2013. p. 275.

⁹⁰⁸ DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da Cultura Ocidental**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 199.

⁹⁰⁹ DALRYMPLE, 2015, p. 85.

⁹¹⁰ DOOYEWEERD, 2015, p. 202.

Ao mesmo tempo em que se afirma que as Escrituras estão acima da tradição e que esta não morre, sob pena de, na individualidade interpretativa, se relativizar e excluir qualquer validade propositiva, no contexto pós-liberal o conceito de tradição, através de Hans Frei e anuência de George Lindbeck, traz um retorno da tradição de forma perigosa. Para Frei:

[...] sentido literal da Bíblia está na tradição de consenso em relação ao uso das Escrituras e não em sua natureza como narrativa realística, mostrando que a dificuldade cada vez maior de apelar para um sentido definido do texto.⁹¹¹

A tradição de consenso se torna um vício, onde uma comunidade vive uma fé contratual de conceitos variáveis, podendo ser aditada por novos termos conforme a individualidade e o consenso desse individualismo. O que Frei propõe é uma extensão da individualidade para a coletividade, sacramentando os inúmeros significados de um texto por um grupo maior. O individualismo e relativismo interpretativo ganha força na medida em que é tabelado em comunidade. Frei usa a tradição de recepção do texto, pois:

[...] se sentiu obrigado a voltar para a tradição do uso das Escrituras na igreja a fim de garantir um significado estável. [...] O problema é que Lindbeck e Frei acreditam que o texto bíblico, em última análise, não pode produzir sentido (literal) por si.⁹¹²

O que acontece é o uso da tradição não como forma de se evitar o relativismo, mas para legalizar em comunidade os inúmeros sentidos que um texto possa ter, de modo que a comunicação se torna unilateral. Tal fato macula não somente a comunicação do Evangelho, que possui uma voz divina que age na história e interage com o povo da aliança, mas como também qualquer tipo de comunicação. Tal premissa gera também uma espécie de tirania comunicacional.

Muitas Igrejas Batistas no Brasil são vítimas conscientes ou inconscientes desse novo ambiente, ou como vítimas diretas de seus pastores, ou como fruto natural do ambiente pós-moderno. Um dos geradores desse problema foi o entendimento errado do confessionalismo. Seminários, pastores e teólogos que vinham assumindo as igrejas locais, em detrimento de um academicismo que dicotomizou o pensamento neotestamentário em virtudes das aparentes

⁹¹¹ VANHOOZER, 2016a, p. 189.

⁹¹² VANHOOZER, 2016a, p. 189.

contradições na tradição bíblica, transferiu tal confusão para o ambiente confessional, gerando assim o anticonfessionalismo. Assim como não enxergam a unidade na diversidade neotestamentária e o respectivo aspecto trinitariano da comunicação divina, transferem esse pensamento o confessionalismo, e conseqüentemente para o ensino e o púlpito, levando a cabo a máxima que não é possível realizar uma exposição das Escrituras por não encontrarem nelas uma unidade. O resultado prático de tudo isso é configuração de uma comunidade com indivíduos abstratos. Embora a igreja seja um sacerdócio real, que deve ter o direito interpretativo, tal premissa, caso exclua o sentido comunitário de fé e leitura em conjunto, gera um estilo de comunidade que vive as muitas narrativas existenciais, sem, contudo, se importar com a cosmovisão cristã, a metanarrativa trabalhada nessa defesa.

As narrativas pessoais não podem ser desprezadas, pois o Evangelho não responde somente à necessidade do arrependimento, mas também trata da dor e sofrimento. No entanto, a metanarrativa não cuida das narrativas como se elas fossem um fim em si mesmo. Há uma linha progressiva na história da redenção em toda a Escritura que trata da esperança cristã como algo que é maior do que todas as expectativas humanas quanto a essa vida. Se tal perspectiva não for trabalhada com insistência dos púlpitos batistas brasileiros, o culto público será um ambiente de idolatria e não de adoração.

Muitas igrejas possuem sua confessionalidade de fato, mas no dia a dia o que vale é o multiculturalismo das experiências individuais. Levando em consideração que o cristianismo é um misto de objetivismo e subjetivismo, é verdade também que os critérios objetivos servem para assegurar que o subjetivismo não cresça de tal forma a gerar um fideísmo, ou seja, numa prática de fé sem razão para explicá-la. A teologia bíblica aliada à pregação expositiva é um meio de frear o uso irresponsável das narrativas do povo de Deus como um fim em si mesmo e levá-lo ao entendimento e à prática da metanarrativa do Evangelho. O teodrama aprofunda o sentido e o valor da cognição da fé, que se perfaz em aprofundar a prática doxológica da igreja.

Quando o culto gravita em torno das narrativas individuais, é ensinado ou pregado em perícopes isoladas da história da redenção, as narrativas do povo de Deus são destacadas com uma ênfase maior do que a metanarrativa redentiva. As narrativas pessoais devem ser tratadas, mas se situadas na moldura maior da

teologia bíblica, pois ela traz a história da redenção e isso auxilia o povo de Deus a ver o Evangelho com mais clareza em toda a Escritura. A exposição bíblica é um recurso apropriado para a pós-modernidade, pois auxilia o cristão a ver e viver além da sua dor e sofrimento. Esse é o propósito da proclamação: ver e viver o Evangelho. Dever destaca que a metanarrativa em Lucas⁹¹³ faz com que “Deus não seja moldado conforme a nossa imagem.”⁹¹⁴ A verdade em Lucas não está restrita às categorias das mulheres, crianças, pobres e outros grupos, mas a todos nós que carregamos a miserabilidade do pecado adâmico. Sim, é notório que há um tratamento diferenciado em virtude da vulnerabilidade dos mais fracos, mas as narrativas de pessoas desprezadas apontam para o a soberania do amor divino e não para um tratamento narrativo que despreze o processo da história da redenção.

Na comunicação do Evangelho, o expositor bíblico pode errar quanto à insensibilidade quanto ao sofrimento e a dor dos ouvintes. Assim sendo, a interação comunicativa divina envolve o ser humano em todas as áreas da vida. A falta de interação no processo comunicativo do Evangelho pode levar ao extremo de isolar o ouvinte do processo comunicativo, mas pode levá-lo para um tipo de prática onde a narrativa pessoal dele o leve a reconstruir o significado da vida cristã ao exaltar a narrativa acima da metanarrativa da redenção.

⁹¹³ “A Bíblia nos diz que caímos, que há uma distância terrível entre nós e Deus, e que somos como ovelhas se perdendo (Is 53: 6; 1 Pedro 2:25) ou como um rebelde, como um filho que pensa que sabe tudo, morando em um país longínquo entre os porcos, querendo comer sua comida (Lucas 15: 11–32). Em nossos melhores momentos, também sabemos que essa é a verdade não apenas sobre o assassino, estuprador ou abusador de crianças, mas também sobre nós mesmos - os egoístas, os gananciosos, os orgulhosos. Não é de admirar que as pessoas pensem que Deus é hostil a nós; em nossos melhores momentos, sabemos que merecemos sua ira pelo tipo de fedorentos sem fim que realmente somos. Conteúdo: a história de Jesus como parte 1 de Atos de Lucas, que é a história da salvação de “Israel”, que Cristo e o Espírito trouxeram; a parte 1 começa com o anúncio do nascimento de Jesus pelo Espírito e prossegue até sua ascensão. Autor: de acordo com a tradição muito antiga, Lucas, o médico e, às vezes, companheiro do apóstolo Paulo (ver Col 4:14), o único autor gentio em a data da Bíblia: incerta; os estudiosos são divididos entre uma data antes da morte de Paulo (ca. 64 dC; veja Atos 28: 30–31) e uma após a queda de Jerusalém (70 dC, por causa de seu uso de Marcos). Destinatário (s): Teófilo é de outra forma desconhecido; de acordo com esses prefácios na literatura greco-romana, ele provavelmente foi o patrono de Lucas-Atos, subscrevendo assim sua publicação; os leitores implícitos são cristãos gentios, cujo lugar na história de Deus é garantido pela obra de Jesus Cristo e o espírito enfatiza: O Messias de Deus chegou ao seu povo, Israel, com a prometida inclusão de gentios; Jesus veio para salvar os perdidos, incluindo todo tipo de pessoa marginalizada que a religião tradicional colocaria fora dos limites; O ministério de Jesus é realizado sob o poder do Espírito Santo; a necessidade da morte e ressurreição de Jesus (que cumpriu as promessas do Antigo Testamento) para o perdão dos pecados”. FEE, 2009. p. 286-287.

⁹¹⁴ DEVER, Mark. **Comentário Homilético do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 97.

No campo acadêmico, entendemos isso como autonomia kantiana e o predomínio do subjetivismo irracional. O utilitarismo humanista e a autonomia “kantiana da vontade são incapazes de justificar distinções morais; e algumas formas de filosofia religiosa são misturas incoerentes de elementos teístas e naturalistas. Como contraste, argumenta-se a autocoerência cristã.”⁹¹⁵ A autonomia kantiana não pode ser confundida com a fuga do autoritarismo interpretativo da igreja romana pré-Reforma que gerou um poder maior ao leitor/ouvinte na Reforma. O que Dilthey e Heidegger propõe, após a influência de Gadamer, é algo que extrapola o pensamento do reformador Martinho Lutero:

[...] são desconstruções individualizadas. Os reformadores leram, traduziram e interpretaram a Bíblia como parte de uma conversa entre a página sagrada da Palavra e todo o grupo de pessoas que formam o povo de Deus.⁹¹⁶

O drama de muitas comunidades batistas no Brasil envolve o abandono de um roteiro maior. Em virtude do pragmatismo e o mercado religioso em busca do poder atrativo dos grandes templos, o drama da redenção pode ser substituído por roteiros simplórios, destituídos “de significado, em busca de uma proposta com pequenas encenações, onde há apenas meios e nenhuma ontologia, e a encenação é o meio e o modelo ideal.”⁹¹⁷ Um drama pode ter improvisos quando se trata de atores experientes que por um furto de memória se esquecem do texto. Mas o texto existe dentro do contexto de um roteiro. Um filme sem texto e muito menos roteiro seria a mais pura consequência da irracionalidade e até mesmo algo sem sentido. “Se a verdadeira identidade cristã é recebida por meio do testemunho apostólico – mediada pelo texto bíblico – ou se é produzida na encenação e pela encenação da comunidade, uma construção social.”⁹¹⁸ Uma encenação que desconsidera o roteiro tende a ser injusta ou desleal, pois de forma subjetivista vai recriar quantos significados puderem, trazendo uma “encenação acima do roteiro.”⁹¹⁹

Ao trabalharmos a metanarrativa, faz-se necessário o desenvolvimento do diálogo e firmeza na comunicação do evangelho. Ziel Machado citando John Stott diz:

⁹¹⁵ CLARK, 2013, p. 306.

⁹¹⁶ GEORGE, 2015, p. 32.

⁹¹⁷ VANHOOZER, 2016a, p. 187.

⁹¹⁸ VANHOOZER, 2016a, p. 187.

⁹¹⁹ VANHOOZER, 2016a, p. 187.

É verdade que uma boa pregação cristã sempre é dialogal, já que envolve a mente dos ouvintes e fala a eles com relevância. Porém, não é verdade que todo monólogo é soberbo. O Evangelista que proclama o evangelho não está declarando “saber tudo”, mas apenas ter sido encarregado do evangelho. Devemos entrar em diálogo, porém, sem cultivar uma abertura total, pois isso compromete a nossa integridade como cristãos.⁹²⁰

Expor o texto bíblico não significa comunicar em desprezo ao ouvinte, pois tal participa do processo comunicativo, mas também não significa falar sem a firmeza de um roteiro. O roteiro do povo da redenção permanece o mesmo, guardado na memória, fornecendo identidade em todos os tempos e épocas. Essa comunicação não despreza as narrativas, mas é emoldurada por um roteiro mais abrangente.

O ceticismo pós-moderno incute que as questões objetivas da intenção do autor do texto pressupõem que o ouvinte está sendo dominado por um sistema. Logo, como ele, mesmo dentro de um processo comunitário, está liberto e pode e tem o poder de interpretar a vida à luz do que ele considera importante no roteiro maior, sua narrativa o emoldura e o leva para longe da proposta do evangelho, gerando um tipo de ateísmo cristão. A exposição bíblica deve ter como pressuposto maior uma metanarrativa visando ao entendimento de que se todas as “interpretações são igualmente válidas, não existe maneira de entender ou interpretar erroneamente qualquer texto, inclusive os textos que argumentam contra a intenção do autor.”⁹²¹ Logo, temos não somente a possibilidade, mas como também a necessidade do uso do método expositivo na atualidade, não como a única forma de se comunicar o Evangelho, mas como um meio em que há um esforço maior para manter a integridade da hermenêutica do Evangelho, pois por meio do uso da teologia bíblica, vai trabalhar a centralidade do Evangelho na pregação de toda a Escritura. O púlpito e os ouvintes sofrerão menos com sermões moralistas, legalistas ou antinomistas e passarão a considerar em menor ou maior escala, o poder do Evangelho não somente para a redenção, mas como algo que na prática o conduz ao viver como Cristo viveu.

A desconfiança pós-moderna, que não está adstrita ao círculo acadêmico, mostra-nos que a descrença quanto à autoridade de um texto “pode decorrer de uma crença irrefletida na superioridade do momento histórico atual em relação a

⁹²⁰ NEWBIGIN, 2016, p. 10.

⁹²¹ WILKINSON, 2012, p. 142.

todos os outros.”⁹²² Tal desconfiança em exagero é um ceticismo semelhante ao que encontramos no período anterior ao cristianismo, especificamente no “período helênico e o seu lado negativo demonstrado pelo ceticismo, que minava a construção da realidade em termos objetivos e racionais.”⁹²³ Carl Henry destaca que a “visão neotestamentária do reino de Deus não significava um mergulho na subjetividade existencial, e nem experiências anti-intelectuais.”⁹²⁴ Tal premissa nos leva a entender que o ato comunicacional redentivo aponta para as narrativas, mas principalmente para a metanarrativa e de modo proposicional, conforme será relatado a seguir.

A presente tese não é se fecha numa crítica específica à nova homilética, mas vale salientar que a partir de Friedrich Schleiermacher (1768-1834), “pai da hermenêutica moderna, houve uma proposta de uma chave da interpretação como base comum de entendimento entre sujeito e objeto, entre leitor e texto.”⁹²⁵ A nova hermenêutica, fundanda por “Ernest Fuchs e Gerard Ebeling”⁹²⁶, que influenciou os homiletas Fred Benning Craddock e Eugene Lowry, seu discípulo, tornando-os os principais representantes da nova homilética, traz o pensamento deste último num processo onde a “interpretação de um texto é um encontro existencial e que Bíblia era não proposicional.”⁹²⁷ A inquietação dos homiletas citados não é algo que devemos desprezar por completo, mas algo que deve ser ponderado e tratado com o equilíbrio hermenêutico, no sentido de buscar a metanarrativa sem desprezar as narrativas, mas com muito zelo pelo roteiro maior, em honestidade à cosmovisão cristã.

A pregação histórico-redentiva parte do pressuposto da intenção autoral do texto cujas implicações práticas para o ouvinte contemporâneo são feitas, levando em consideração tal intenção. Com o teodrama, realinhamos a teologia prática ao ambiente pós-moderno, devolvendo a doutrina para o objetivo doxológico (cognição para uma adoração apropriada). A forma clássica de pregação defende que a “proposição central precisa ser explicada e defendida. A reação da nova homilética é devida ao ceticismo em torno da ideia da revelação proposicional, e a afirmação de

⁹²² KELLER, 2015, p. 143.

⁹²³ TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: Aste, 2000. p. 24.

⁹²⁴ HENRY, 2016, p. 164.

⁹²⁵ OSBORNE, 2009, p. 601.

⁹²⁶ OSBORNE, 2009, p. 603.

⁹²⁷ KELLER *apud* LONG, 2017, p. 282.

que a Bíblia é uma caixinha de ideias.”⁹²⁸ O que resta é uma visão segundo a qual “toda linguagem é metáfora, e visto que a metáfora é vazia de significado em sua essência, a linguagem é caracterizada pela ausência (a ausência de significado literal e de coerções hermenêuticas).”⁹²⁹ Temos duas tensões entre o sermão histórico-redentivo e a inquietação advinda das novas hermenêuticas. Por um lado, temos o uso desmedido das questões proposicionais, desconsiderando o ouvinte como intérprete e suas narrativas, e por outro temos a acusação contra a autoridade ou autoritarismo do autor e texto, que tem levado o leitor e ouvinte a ter um poder maior na dinâmica histórica da hermenêutica. O equilíbrio é o teodrama exposto!

A hermenêutica do Evangelho, como pressuposto da pregação de Cristo em toda a Escritura, conduz o processo comunicativo à dinâmica do Deus comunicador que usou várias formas literárias e dinâmicas da sociedade e cultura para cumprir seu propósito redentivo. A partir da proposta da exposição bíblica teodramática, a tensão entre a intenção autoral e o ouvinte é resolvida a partir do diálogo e monólogo trinitário. John Frame, citando Geerhardus Vos, lembra-nos que a “Escritura não é um livro de proposições doutrinárias ou máximas éticas, mas a história da redenção, que narra os poderosos atos de Deus da Criação à consumação.”⁹³⁰ A pregação expositiva teodramática proclama essa história, mostrando o quão viva é essa história.

Dada a característica transcultural e atemporal do Evangelho, matar o Deus comunicativo ao tentar extrair significados “numa linguagem no nível de signos, quando deveria ser algo intencional no nível do ato completado de comunicação”⁹³¹, seria um grande desastre para a finalidade dessa comunicação ao homem de todos os tempos, épocas e culturas, visto que o propósito redentivo tem validade não somente para o período vetero e neotestamentário, mas como também para a idade média aos dias atuais. O Deus comunicativo “que falava nas páginas das Escrituras ainda fala por meio da sua Palavra e por meio de seu Espírito na angústia e no vazio de nossa vida”⁹³², mas num ato comunicativo com a proposta de renovação do homem num novo ser, com uma nova esperança e um novo Senhor.

⁹²⁸ KELLER *apud* LONG, 2017, p. 282.

⁹²⁹ OSBORNE, 2009, p. 612.

⁹³⁰ FRAME, 2016, p. 588-590.

⁹³¹ OSBORNE, 2009, p. 668.

⁹³² GEORGE, 2015, p. 30.

O texto bíblico tem “uma linguagem pactual entre emissor e receptor.”⁹³³ Desconsiderar essa linguagem no processo comunicativo, levaria ao entendimento de que somente uma das partes tem o poder na comunicação. A aliança tem termos e eles contem um nível de clareza entendível. Partindo do pressuposto de que não há como se extrair com exatidão as implicações de um texto bíblico, a pregação deixaria de ter o objetivo redentivo, passando a ser mais uma história, onde o ouvinte ficaria ao encargo de escrever o seu fim. A participação democrática no ato da proclamação do sermão não deixa de existir quando o pregador proclama o Evangelho, mesmo porque, diante da profecia, os ouvintes podem ter respostas e percepções distintas do Deus comunicador.

O drama da doutrina narrado por Vanhoozer destaca a interpretação da encenação pós-moderna, onde não existe o significado do roteiro, muito menos um roteiro em si. A interpretação de encenação pós-liberal, através da teologia linguístico-cultural de Lindbeck, que:

[...] defende uma teologia intratextual na qual o texto absorve o mundo, em vez de o mundo absorvesse o texto, onde a gramática da fé cristã, não são os dados linguísticos textuais das Escrituras, mas a linguagem e a vida da igreja.⁹³⁴

O roteiro seria apenas um enfeite, pois a comunidade não é construída pelo enredo comunicacional proposto, mas redefine conforme suas próprias regras, trajetória e experiências. Da modernidade para a pós-modernidade houve muitas mudanças significativas, mas no “frigor dos ovos”, chegaram à mesma conclusão por vias distintas. Vejamos

Em particular, o que o liberalismo e neoliberalismo compartilham é uma tendência de oficializar alguma outra plataforma interpretativa além das Escrituras, na qual os modernos escolhem entre sistemas conceituais, e os neoliberais, entre sistemas linguísticos-culturais. Ao passo que o liberalismo relativiza o conteúdo propositivo da doutrina pela interpretação, o neoliberalismo faz o mesmo pela redefinição. A doutrina resulta da redefinição conceitual da história. O significado depende do uso – mas uso por parte de quem? [...] O que tem autoridade na teologia linguístico-cultural não é a representação narrativa de Cristo, mas o uso que a igreja faz dessa narrativa.⁹³⁵

⁹³³ OSBORNE, 2009, p. 667.

⁹³⁴ VANHOOZER, 2016a, p. 187.

⁹³⁵ VANHOOZER, 2016a, p. 187-189.

É certo que o período pós-Reforma até o século XX e a respectiva consolidação da teologia protestante, a pregação como centro do culto, começou a ser contornada pela “doutrina correta, a instrução da doutrina correta e o distanciamento em relação aos conteúdos católicos romanos, onde a edificação ou a nutrição da fé não tinham um papel tão incisivo”⁹³⁶, mas isso não deve invalidar o processo metanarrativo, mas proporcionar uma análise teológico-hermenêutico-homilética do processo comunicativo do Deus trino, que não despreza o leitor e ouvinte, mas não o coloca como protagonista do enredo, visto que a glória no processo é da ação missionária da trindade e sua ação para o deslinde final da vinda do Filho e a consumação da redenção na cruz.

O sermão expositivo é extremamente necessário no ambiente batista brasileiro em virtude do perigo da quebra da identidade ultraconfessional da proclamação do Evangelho redentivo. Igrejas Batistas que possuem divergências confessionais não podem se valer dessas divergências para anular o processo saudável em se pregar toda a Escritura de modo que as narrativas existenciais não ofusquem a narrativa trinitariana da redenção. A diversidade confessional que há no seio batista não seria um entrave nesse processo comunicativo, mesmo porque ser confessional pressupõe exatamente o equilíbrio entre:

[...] o uso de uma hermenêutica de confiança com uma porção adequada de dúvida ou suspeita em relação à tradição na qual a pessoa se encontra. Confiança em demasia pode levar à obediência cega; dúvida e suspeita em demasia podem levar ao niilismo.⁹³⁷

No processo entre Escritura e tradição, não podemos confundir o *Sola Scriptura* com o *Solo Scriptura*. Vanhoozer destaca que:

[...] o biblicismo crítico afirma a autoridade suprema (magisterial), o significado preciso e a verdade unificada da Escritura (=biblismo), reconhecendo ao mesmo tempo a autoridade secundária (ministerial), sujeita à crítica.⁹³⁸

O risco do uso da tradição está em “pré-determinar de modo a restringir o que o texto diz. O benefício reside em abrir o pensamento, trazendo ângulos excelentes, fazendo com que se ganhe tempo no processo interpretativo.”⁹³⁹

⁹³⁶ ROSE, 1998, p. 151.

⁹³⁷ NAUGLE, 2017, p. 403.

⁹³⁸ VANHOOZER, Kevin. **Autoridade Bíblica Pós-Reforma**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 193.

⁹³⁹ BLOMBERG, 2019, p. 30-32.

A pós-modernidade fala de uma tradição, mas não de uma tradição de uma comunidade interpretativa, que humildemente buscam auxílio mútuo e honestidade e ponto de partida para possíveis revisões. O que temos hoje é o uso da tradição comunitária individualista, onde todos têm uma voz e ao mesmo tempo essa voz não é subordinada a ninguém. A contemporaneidade é um tipo de Reforma no tocante ao modernismo, mas com poucas mudanças significativas, pois eleva o indivíduo acima de todo critério de correção comunitária. Lutero buscou uma Reforma valorizando o indivíduo, deixando-o cativo à voz das Escrituras, mas o limitou ao auxílio comunitário, gerando assim, um sistema de comunidade mais humilde e imune ao autoritarismo interpretativo relativista.

O triunfo científico que relegou a fé ao campo da igreja agora vive a transição para a validade subjetiva. “O leitor agora é visto como o criador de significado e não o texto, e o ato de “vir a entender” tornou-se uma autodescoberta individual mais que um processo de decodificação do significado textual.”⁹⁴⁰ O leitor e o ouvinte começam a ter seus pontos de vista válidos. Essa transição é um avanço positivo e negativo. Trata-se de uma tradição (pós-moderna) sem os pressupostos de um Deus que se comunica (pré-moderna). O pertencimento atual, caso não seja tratado com seriedade pelo pregador, pode se tornar um ajuntamento comunitários com interesses individuais puramente subjetivos do que por uma identidade trinitária do Deus que fala e age. “A nova hermenêutica, vista por alguns expoentes, é uma insistência de que o único sentido de um texto é o que o sujeito vê ou entende, não admitindo nenhum elo entre a intenção do autor e o texto.”⁹⁴¹ Uma busca pela verdade de forma objetiva positivista é tão prejudicial como a negação da verdade objetiva através do subjetivismo advindo da “experiência de diversidade cultural, intelectual e religiosa.”⁹⁴² A influência do pensamento contemporâneo no púlpito e sua relação com o ouvinte tem sido preocupante. “A receptividade de muitos à mensagem que proclamamos depende de um conjunto de pressupostos fortemente

⁹⁴⁰ OSBORNE, 2009, p. 601.

⁹⁴¹ CARSON, 2001, p. 57.

⁹⁴² CARSON, 2001, p. 73.

influenciados por tal período.”⁹⁴³ A transição da objetividade científica foi “substituída apenas por valores baseados na decisão subjetiva.”⁹⁴⁴

A transição do racionalismo filosófico e teológico para a hermenêutica pós-moderna trouxe benefícios como “a ênfase da relevância atual dos fatores históricos da bíblia, visto que o método histórico-crítico se concentrava apenas no significado histórico.”⁹⁴⁵ Já o período atual acentua e exagera na ênfase atual a ponto de ignorar os relatos históricos e o respectivo valor para hoje. William Lane Craig não desconecta modernidade do que nós chamamos de “pós”-modernismo. Ele destaca que:

A cultura ocidental, como filha torta do iluminismo permanece na essência profundamente modernista [...]. O pós-modernismo está entrincheirado na subcultura universitária em departamentos de estudos feministas e estudos religiosos [...]. O relativismo nessas áreas é uma expressão do modernismo. [...] Já que alegações de cunho religioso e ético não podem ser verificadas dessa forma, segue-se que elas não têm nenhum conteúdo factual. São meramente expressões de emoções e gosto pessoais. A tendência da negação da metanarrativa (um grande enredo na história) no qual exista uma coesão lógica e realística do começo ao fim não é produto do pós-modernismo, mas fruto direto de uma perspectiva modernista que vê o homem e o Universo como subprodutos acidentais de forças cegas do acaso e da necessidade. [...] Foi o naturalismo científico que destruiu a esperança do homem moderno se encontrar em sentido e significado.⁹⁴⁶

De Heidelberg (1518) a Heidegger e os desdobramentos mais apurados da nova hermenêutica, temos semelhanças e diferenças. Segundo Timothy George, Heidegger:

[...] foi atraído por Lutero quanto à crítica que o reformador fez ao escolasticismo aristotélico, especialmente pelo seu desenvolvimento de uma teologia da cruz em oposição à teologia da glória. Assim, a crítica pós-modernista foi pré-figurada no início da teologia da Reforma.⁹⁴⁷

Os desdobramentos de Heidegger através do pensamento de Gadamer e as versões mais especializadas em Barthes e Derrida, extrapolam a versão de Lutero na crítica ao escolasticismo aristotélico, pois se encaminha para o outro extremo,

⁹⁴³ HINKISON, Jon; GANSSE, Greg. Epistemologia no Coração do Pós-Modernismo: Rorty, Foucault e o Evangelho. In: CARSON, D.A (Org.). **A Verdade**: Como Comunicar o Evangelho a um Mundo Pós-Moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 79.

⁹⁴⁴ HENRY, 2016, p. 173.

⁹⁴⁵ SILVA, 2014, p. 224.

⁹⁴⁶ CRAIG, Lane William. **A Razão da nossa Fé**. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 386.

⁹⁴⁷ GEORGE, 2015, p. 30.

chegando à “revolução copérnica de Kant”⁹⁴⁸, conforme destaca Vanhoozer. A autonomia kantiana, baseada na esfera interior, nada mais é do que o reflexo de Abelardo na Idade Média, fazendo da hermenêutica e conseqüentemente a relação púlpito/pregador/ouvinte alvos de um círculo vicioso que só pode ser encarado com humildade e convicção. A Reforma trouxe a função do ouvinte. Hoje, com a ajuda de Vanhoozer, precisamos clarear que esse ouvinte está inserido num teodrama como partícipe, mas não como protagonista, pois o pacto pressupõe um monólogo.

A hermenêutica e homilética partilham das mesmas guerras teológicas. No último tópico a seguir, a partir das contribuições vistas até aqui da pregação histórico-redentiva e do drama da redenção, trataremos o ouvinte como uma força positiva e negativa na proclamação do Evangelho.

4.4.2.5 Exposição bíblica teodramática: um diálogo e monólogo e a força positiva e negativa do ouvinte

O ouvinte “é uma força positiva e não negativa na interpretação, mas devendo entender que é possível e necessário descobrir o significado original do texto e entrar nesse mundo [...], sem necessidade de criar algo novo.”⁹⁴⁹ A “exposição bíblica teodramática”, pressupõe atos dramático, onde o pregador parte do texto para o ouvinte, sem desprezá-lo, e por outro lado, evita as máximas pós-modernas de uma interação sem o monólogo. O monólogo evita a subjetividade das abordagens sociológicas atuais. Essa “a/teologia” pós-moderna levou os leitores a se tornarem escritores e à ideologia do pluralismo.”⁹⁵⁰ Vanhoozer evita os extremos de “dois pecados interpretativos mortais: dogmatismo hermenêutico e cetismo hermenêutico.”⁹⁵¹ A abordagem de Vanhoozer diz respeito ao perigo de não se suspeitar da tradição e por outro lado, suspeitar em demasia.

Uma exposição bíblica teodramática mostra ao ouvinte o cuidado de Deus nas narrativas pessoais e adverte-o quanto ao reino futuro e pedagogia do reino presente. Foi o que Cristo fez quando tratou da ansiedade (Mt 6). Mas ao mesmo tempo responderá ao ouvinte pós-moderno que eles fazem parte da pregação, mas

⁹⁴⁸ VANHOOZER, 2016c, p. 289.

⁹⁴⁹ OSBORNE, 2009, p. 668.

⁹⁵⁰ VANHOOZER, Kevin. **Há Um Significado Neste Texto?** São Paulo: Vida Acadêmica, 2005. p. 531.

⁹⁵¹ VANHOOZER, 2005, p. 543.

não como criadores de um novo texto, como se o Evangelho fosse uma verdade para o “eu” dentro de um processo subjetivo, mas como “cooperadores com o texto ao descobrir sua relevância e permitir que ele mude seu ambiente comunicativo.”⁹⁵²

A Reforma nasceu num ambiente que previa a “desconfiança pós-moderna de que os intérpretes veem a si próprios no texto”⁹⁵³, desconsiderando o texto bíblico em si e recriando o seu significado à luz da própria realidade, num processo comunicativo sem o Deus trino nessa ação. A Reforma previu a morte de Deus preconizada em Nietzsche (1844-1900) e sua expressão em Derrida (1960). O expositor e ouvintes, humildes e convictos, partem das Escrituras e se atentam à resposta de Lutero à pergunta: “Martinho, de que maneira você pode supor que seja o único a entender a Escritura?”⁹⁵⁴

Em resposta, Lutero afirmou que apenas a tradição interpretativa não poderia dominá-lo. Apenas a Escritura poderia sentenciar: minha consciência é cativa da Palavra de Deus. Ele acreditava que a fala era uma dádiva especial de Deus para a humanidade; pois é por meio da fala – pela leitura e pregação da Escritura – que a fé e o entendimento surgem. Em termos básicos, Lutero defende a possibilidade de que o texto e seu significado permaneçam independentes do processo de interpretação e que, conseqüentemente, possuam a capacidade de transformar o leitor.⁹⁵⁵

O problema hermenêutico não deixa de ser um problema da pregação e outras áreas da teologia, visto que a hermenêutica é um passo mais apurado da exegese através do objetivo de mostrar ao leitor ou ouvinte a importância e validade de um texto antigo para a atualidade. Pregar na pós-modernidade é um desafio, pois “todos os obstáculos que surgem de tal momento através do pluralismo filosófico estão de alguma maneira conectados à hermenêutica, diante da impossibilidade contemporânea de uma posição puramente objetiva.”⁹⁵⁶ Houve um avanço em não buscar no positivismo as respostas, mas um retrocesso ao relegar o entendimento da vida completamente para o campo da subjetividade, desprezando o conteúdo de todas as afirmações.

A nova homilética tem respaldo na nova hermenêutica na medida em que preconiza que “cabe ao pregador narrar o evento e o ouvinte tirar suas próprias

⁹⁵² OSBORNE, 2009, p. 668.

⁹⁵³ VANHOOZER, 2005, p. 543.

⁹⁵⁴ VANHOOZER, 2005, p. 543.

⁹⁵⁵ VANHOOZER, 2005, p. 543.

⁹⁵⁶ CARSON, D.A. **O Deus Amordaçado**: O Cristianismo Confronta o Pluralismo. São Paulo: Shedd, 2013. p. 57.

conclusões em seu encontro particular com o texto. Lowry diz que o impacto do texto não está relacionado com suas ideias reais e o conteúdo proposicional.⁹⁵⁷ A consequência natural dessa transição hermenêutica é “uma interação entre preceptor (leitor) e percebido (texto) abrindo o texto para possibilidades interpretativas sem fim”⁹⁵⁸, gerando assim, um ouvinte presunçoso e arrogante na sua subjetividade. A exposição bíblica teodramática mostra que a forma que muitos tradicionalistas e pós-modernistas veem a pregação, desvaloriza toda a ação trinitária. A virtude não reside em hipervalorizar ou minimizar a participação do ouvinte no processo litúrgico, mas em perceber como funciona o conceito comunicativo divino em toda a sua profundidade.

A função do pastor-hermeneuta-pregador-ouvinte é “ultrapassar a exegese, pois ele explica não só o que o texto queria dizer aos leitores originários, mas também o que quer dizer para nós.”⁹⁵⁹ No entanto, embora não deva desconsiderar a necessidade das implicações práticas ao ouvinte contemporâneo, precisa tomar o devido cuidado para não matar a intensão autoral, causando a morte de Deus em detrimento de uma interpretação puramente subjetiva. Senão, vejamos:

Derrida tenta desfazer as ideias filosóficas e teológicas. Segundo ele, por trás da inofensiva figura do autor como determinador do significado textual, encontra-se toda a estrutura da filosofia ocidental, junto com seus andaimes metafísicos. Essa desconstrução do autor é uma consequência do anúncio de Nietzsche da morte de Deus.⁹⁶⁰

Na interpretação tradicional:

[...] a autoridade do autor determina o que um texto significa. Há uma conexão entre o desfazimento do autor e o desfazimento da dimensão metafísica da teologia e da filosofia. Filosofia e teologia afirmam falar com uma voz autorizada: Deus, Razão, Ser.⁹⁶¹

Independentemente de aplicarmos a metodologia da hermenêutica e homilética pós-moderna, o problema do pragmatismo contemporâneo existe naturalmente. Embora o dito “pós-modernismo rejeitar a autonomia e individualidade, nos lembrando que pertencemos a uma tradição”⁹⁶², essa autonomia e

⁹⁵⁷ KELLER *apud* LONG, 2017, p. 282.

⁹⁵⁸ OSBORNE, 2009, p. 613.

⁹⁵⁹ VANHOOZER, 2005, p. 56.

⁹⁶⁰ VANHOOZER, Kevin. **Há um Significado Neste Texto**. São Paulo: Vida, 2005. p. 70.

⁹⁶¹ VANHOOZER, 2005, p. 55.

⁹⁶² VANHOOZER, Kevin. **Autoridade Bíblica Pós-Moderna**. São Paulo: Vida, 2017. p. 116-118.

individualidade continua existindo, mas agora no processo subjetivo. A questão é saber com quem está a autoridade? O novo criticismo, que influenciou a nova hermenêutica homilética trata “o texto como um artefato independente de seu autor. A verdade dentro da interpretação passa a ser um gosto pessoal.”⁹⁶³ Gadamer trouxe uma preocupação legítima ao “refutar a afirmação de que apenas método científico é capaz de conduzir à verdade”⁹⁶⁴, no entanto o resultado dessa hermenêutica da pós-modernidade, em suas versões mais especializadas, traz uma proposta subjetiva que não satisfaz. Ninguém é “pós-moderno quando o assunto é ler bulas em uma caixa de remédio *versus* em uma caixa de veneno de rato [...]”⁹⁶⁵

A teoria da resposta do leitor, na sua forma mais extrema, diz que não existe “um texto objetivo, tendo em vista que todo leitor traz uma estrutura interpretativa para dentro do texto, cada leitor gera um novo significado e, portanto, cria outro texto.”⁹⁶⁶ O expositor bíblico, humilde e convictamente parte do pressuposto que existe uma verdade objetiva a partir da intenção autoral para o ouvinte contemporâneo, não desconsiderando a realidade deste ouvinte, mas deixando claro para ele que, embora ele tenha uma capacidade de interpretar e extrair suas próprias conclusões, que há um significado no texto que não tem como fugir, sob pena de se matar todo tipo de processo literário. O desafio reside em reconhecer que matar o processo literário é uma questão irracional e em saber que o texto não “revela completamente a totalidade da personalidade do autor, mas a questão é saber se ele adequadamente reflete o pensamento e se é possível se extrair o significado.”⁹⁶⁷

A possibilidade da independência total do leitor e ouvinte pós-moderno em relação ao autor e texto é um fator irracional. Eugene Lowry tem razão quando diz “que o impacto do hino no coração não pode ser reduzido simplesmente ao conteúdo da letra, mas ignora o fato de que a experiência de cantar não tem nada a ver com o conteúdo.”⁹⁶⁸ O reformador Calvino tinha um “objetivo claro: É a primeira

⁹⁶³ KAISER JR., 2014, p. 224.

⁹⁶⁴ KAISER JR., 2014, p. 224.

⁹⁶⁵ CRAIG, Willian Lane. **A Razão da Nossa Fé**. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 383.

⁹⁶⁶ KAISER JR., 2014, p. 234.

⁹⁶⁷ KAISER JR., 2014, p. 234.

⁹⁶⁸ KELLER apud LONG, 2017, p. 282.

função de um intérprete deixar seu autor dizer o que ele diz, em vez de atribuir-lhe aquilo que achamos que ele iria dizer.”⁹⁶⁹

Gadamer contribui para um certo resgate da tradição que oferece as “pressuposições que podem ser testadas à medida que são aplicadas ao texto, mas acrescenta que não é possível identificar o significado do texto simplesmente pela intenção do autor.”⁹⁷⁰ Nesse aspecto que o leitor contemporâneo entra em cena, na medida em que as cenas do passado podem ser compreendidas de maneira subjetiva. E nesse aspecto que encontramos alguns problemas. O uso de pressuposições sem o mínimo de critérios proposicionais se torna uma arma letal.

O problema do extremo interpretativo e homilético é o exercício de uma individualidade subjetivista e relativista no contexto comunitário. Os críticos do sistema tradicional da pregação partem do princípio de que “o autor é um construto ideológico repressivo que desempenha uma função política. O autor precisa morrer se quisermos que o texto viva e que o leitor seja libertado.”⁹⁷¹ Essa libertação, que não passa de uma crise de autoridade, é o dilema de muitos pregadores e ouvintes. No campo da nova homilética, David Larsen fala do pregador e homileta Buttrick e sua respectiva “aversão a qualquer ideia de uma autoridade fixa das Escrituras, transformando o tão subjetivo campo atual de consciência no ponto de determinação decisiva.”⁹⁷² Preguar sem considerar o ouvinte é tão perigoso quanto colocá-lo no ponto alto da pregação.

O culto da pregação tradicional é tendencioso a ignorar o ouvinte e o culto terapêutico busca na linguagem de fé recursos que traduzem o culto cristão numa identidade não cristã. Na visão de Jung, “a ajuda que o terapeuta fornece, não é uma mera técnica: exige um empreendimento por parte de uma pessoa inteira, não muito diferente do “pai espiritual” dos tempos antigos.”⁹⁷³ Von Balthasar explora o campo religioso de Jung assim como Philip Rieff para nos mostrar que Jung via a fé cristã como algo terapêutico. A partir do sofrimento não aliviado do pai dele, a terapêutica cristã deixa de ter valor e ele responde com uma nova terapêutica, mas usando a linguagem religiosa. Esse é o quadro da igreja batista no Brasil. A falta de

⁹⁶⁹ KELLER apud LONG, 2017, p. 282.

⁹⁷⁰ KAISER JR., 2014, p. 224.

⁹⁷¹ VANHOOZER, 2005, p. 84.

⁹⁷² LARSEN, David L. **Anatomia da Pregação**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2005. p. 63.

⁹⁷³ BALTHASAR, Hans Urs von. **Theo-Drama: Theological Dramatic Theory**. Prolegomena. San Francisco. Ignatius. 1988. p. 7561. v. 1. (Edição do Kindle).

conhecimento da soberania divina e a dor têm produzido alternativas terapêuticas como consolo dos aflitos, gerando idolatria ao invés de adoração. O culto norteadado pela exposição bíblica teodramática é o ponto de equilíbrio para uma pregação entre a modernidade e a pós-modernidade; traduz-se na forma pela qual toda a dimensão da revelação bíblica é comunicada. O teodrama exposto mostra um Deus Soberano, que não pode ser confundido com o mágico da lâmpada e nem com mestre da terapia de grupo; mas essa soberania deve ser pregada de modo que seu povo saiba (cognição) e traduza isso em adoração mais profunda.

O ambiente extremista na atualidade por um lado, “não tem nenhuma teoria definida, e a teologia é considerada um material nada prático e inútil [...], onde a proclamação é traduzida em: “Nenhum credo, senão Cristo.”⁹⁷⁴ O que conta “não é o que se crê, mas o que se sente.”⁹⁷⁵ Por outro lado, temos o uso indevido da revelação bíblica, sem a exploração devida da comunicação trinitariana. No próximo tópico, finalizaremos mostrando como aplicar o teodrama no sermão expositivo.

4.4.2.5.1 Entre a pregação tradicional e a exposição bíblica teodramática: os desafios da aplicação sermonária

As implicações práticas são vitais para a pregação. “A. W. Tozer observa que ‘além de ensinar a verdade, a Escritura mostra seus usos para a humanidade. Os escritores inspirados eram homens que habitavam o mundo real’.”⁹⁷⁶ David Larsen, ao citar John Broadus, afirma que a aplicação de um sermão “não é meramente um suplemento para discussão ou uma parte subordinada dela, mas é o principal.”⁹⁷⁷ Por ser uma parte importante, o pregador deve se preocupar em fazer a ponte entre o mundo bíblico e o atual, não fugindo da premissa querigmática da prédica. O mundo pós-moderno é hostil à autoridade bíblica e influencia os ouvintes em todo o contexto vivencial, requerendo do pregador um cuidado maior desde a preparação até a aplicação da mensagem.

A ideologia pós-moderna é uma síntese de:

⁹⁷⁴ CLARK, Gordon H. **Em Defesa da Teologia**. Brasília: Monergismo, 2010. p. 4.

⁹⁷⁵ CLARK, 2010, p. 41.

⁹⁷⁶ NEELY, 2010, p. 51.

⁹⁷⁷ LARSEN, 2005, p. 91.

Heidegger e Nietzsche com Marx e Freud. É uma mistura volátil de determinismo, libertarismo e irracionalismo e uma análise quase científica, visões de mundo totalizadoras e cetismo revolucionário.⁹⁷⁸

Nesse contexto, temos um desafio crescente em detrimento da “tolerância ideológica sobre a concepção metafísica de que não há uma única visão que seja universalmente verdadeira.”⁹⁷⁹ “O crente no começo do século XXI é confrontado pelo consenso cultural esmagador, explicitamente ou implicitamente de que o homem não sabe nem pode saber nada da verdade.”⁹⁸⁰ O relativismo e o pluralismo religioso são obstáculos, mas barreiras que podem ser transponíveis pela ação do Deus Trino, e o conseqüente uso devido entre cognição e adoração devida. Isso não quer dizer que devemos ter a pretensão de transformar o mundo numa visão avassaladora, e nem pode nos levar à inércia e pedantismo comunicacional.

Os desafios a seguir são seguidos de sugestões teodramáticas. Primeiro, estamos diante de um sistema enfumaçado pelo anti-intelectualismo em nome de uma prática sem teoria. O pós-modernismo enfatiza a “dimensão social da criação do significado. As forças impessoais da cultura, da economia e da psicologia, mediadas pela linguagem – moldam o comportamento humano.”⁹⁸¹ “Os pós-modernistas, afirmam que o leitor/ouvinte é que estabelecem o significado, e não controles limitadores.”⁹⁸² O que o pregador de todas as épocas precisa entender é que a pregação visa à aplicação que tem por objetivo “mover os corações do povo, mas não psicologicamente, mas com raios de luz do Sol da justiça.”⁹⁸³ A aplicação envolve uma chamada à tomada de decisão. O sermão expositivo parte da consciência “de que o ensino bíblico é a verdade divina e que os convites e admoestações, as ameaças e avisos, as promessas e garantias da Escritura ainda expressam a mente de Deus para com a humanidade.”⁹⁸⁴ A pregação pode levar um ouvinte a considerar inúmeros fatores que o outro ouvinte não enxergou, no entanto, o eixo aplicativo deve conduzir ambos ao cerne do Evangelho e a conseqüente vida

⁹⁷⁸ VEITH JR., Gene Edward. **O Fascismo Moderno: A Cosmovisão Judeu-Cristã Ameaçada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 112.

⁹⁷⁹ MACARTHUR, 2005, p. 223.

⁹⁸⁰ CLARK, 2010, p. 107.

⁹⁸¹ VEITH JR., 2010, p. 113.

⁹⁸² MOHLER JR., R. Albert. **Deus não está Silêncio: Pregando em um Mundo Pós-Moderno**. São José dos Campos: Fiel, 2011. p. 130.

⁹⁸³ PIPER, 2003, p. 86.

⁹⁸⁴ PACKER, J. I. **Religião Vida Mansa: A Teologia do Prazer e o Desafio para o Crente num Mundo Materialista**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. p. 187

de arrependimento. Nossa prática expositiva remete ao Expositor. Jesus não apenas “pregou a mensagem do reino de Deus, mas fez também aplicações pessoais, confrontando o ouvinte de Sua Palavra com uma decisão a ser tomada (Mt 4.17; 11.28-30; 18.15ss.).”⁹⁸⁵ Essa é a visão tradicional da pregação cristã, a qual defendemos, mas mostrando algo além, conforme contribuição de Vanhoozer.

Em atenção ao primeiro desafio, consideramos que as implicações práticas na exposição bíblica teodramática não se restringem à santificação, mas dá um passo para um relacionamento trinitário, dialogal e monologal, onde a figura divina deixa de ser vista apenas como alguém a ser imitado. Da imitação ao relacionamento mais profundo, o teodrama mostra um povo que é levado ao conhecimento do Deus que fala, age e se move nas dimensões do culto público com implicações para uma adoração privada mais profunda, com vistas à glória divina. A autoridade bíblica funciona como aporte para uma prática mais intencional. O teodrama exposto vai além de informações, pois tem como alvo uma imersão cognitiva para um mergulho interativo e prática deleitosa na vontade de Deus. A exposição teodramática aplica o texto confrontando em monólogo, mas mostrando o seu fim: uma prática piedosa com um Deus que interage com seu povo levando-o além de expectativas existenciais.

Em segundo lugar, temos basicamente três grupos de ouvintes na pós-modernidade. O primeiro, que busca na Bíblia e tradição bases comunitárias. Segundo; aqueles que buscam uma mensagem motivacional quanto ao sucesso e triunfalismo em todas as questões da vida. E o terceiro, são aqueles que buscam viver e extrair da Bíblia uma mensagem religiosa que não afete a liberdade. Ao se deparar com o primeiro e segundo grupo, o pregador se sente tentado a satisfazer esses anseios, por medo de perder o público. Em resposta ao segundo problema, é preciso que haja um posicionamento firme. A firmeza referida não é o de alienar o ouvinte, mas aplicar a mensagem à sua mente e coração, com doutrina bíblica e pontes cotidianas, mostrando que:

[...] não existe motivação mais poderosa para a santidade do que o amor de Deus manifestado na obra redentora de Cristo. Quando o amor motiva,

⁹⁸⁵ REIFLER, Han Ulrich. **Pregação ao Alcance de Todos**. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 82.

então o Senhor, seus propósitos e sua glória, tornam-se nosso objetivo maior que sua própria pessoa.⁹⁸⁶

A aplicação do sermão de modo teodramático envolve uma chamada e interferência no modo de vida do ouvinte, levando-o à consciência bíblica cristã e isso abala as estruturas da consciência libertária. No entanto, demonstra que ele está diante de um Deus vivo, que se revela na história hoje. O teodrama mostra a profundidade que o ouvinte pode ser conduzido: pela fé, o ouvinte passa pelo assentimento da revelação, fatos históricos, dogmáticos e litúrgicos; pela mesma fé e cognição apurada, tem condições de viver a dimensão doxológica de modo vivo. O teodrama traz o renascimento da teologia prática!

Em terceiro, a pós-modernidade impõe um tipo de pregação que anule a “autoridade em detrimento da experiência; que trabalhe o pluralismo religioso ao invés da mensagem salvífica.”⁹⁸⁷ O teodrama exposto não trabalha sob o viés do experencialismo individualista, mas não é insensível à realidade do Deus que se faz presente na pregação. A partir desse encontro, o culto privado torna-se uma extensão dessa participação divina na vida do ouvinte. A quarta questão a considerar é a forma como entendemos e aplicamos o Evangelho. Não estamos envoltos num “mero conhecimento especulativo das coisas da religião, mas visamos ser encaminhados para uma vida de santidade.”⁹⁸⁸ Essa é razão prática que envolve o cristão regenerado. Mas o modo teodramático de enxergar a pregação parte da máxima de que “adoração é um encontro que produz meios para salvação e santificação, mas numa dinâmica de orientação de vida”⁹⁸⁹, onde “o ouvinte é levado a ver sua vida vivida dentro e formada pelo drama da redenção. Estamos falando de uma narrativa vivida.”⁹⁹⁰ Aplicar é o principal e maior desafio no púlpito. Deve ser intencionalmente voltado para o conhecimento de Deus e sua relação com a nossa vida de santidade; mas precisa demonstrar paixão pela glória divina, que traduz-se em fatos objetivos cognitivos que visam práticas mais profundas de adoração.

⁹⁸⁶ CHAPELL, Bryan. **Pregação Cristocêntrica**. Restaurando o Sermão Expositivo. São Paulo, 2007, p. 227.

⁹⁸⁷ MARINHO, 2008, p. 64-67.

⁹⁸⁸ EDWARDS, Jonathan. **Caridade e seus Frutos**: Um Estudo Sobre o Amor em 1 Coríntios 13. São José dos Campos: Fiel, 2015. p. 258.

⁹⁸⁹ PETERSON, 2009, p. 240.

⁹⁹⁰ WATKINS, 2016.

5 CONCLUSÃO

O primeiro capítulo teve por objetivo demonstrar que Deus se revela de modo especial através das Escrituras, e que a exposição dela (leitura, explicação e aplicação) é primordial para a salvação e santificação (formação da identidade do povo de Deus). Tratamos neste capítulo dos aspectos históricos da exposição bíblica na trajetória bíblica até os dias atuais. Da progressividade da aliança à expulsão da sinagoga, fomos percorrendo um caminho de defesa da exposição bíblica como norte e identidade do povo de Deus no contexto do culto público. Fizemos um histórico dos referenciais teóricos da pregação expositiva partindo de Orígenes até às ordens homiléticas; Adentramos no século XIV até chegarmos em João Calvino e na escola genebrina de pregadores. De William Perkins avançamos até os batistas ingleses, que foram altamente influenciados pelo púlpito genebrino. No campo batista reformado, falamos sobre Benjamin Keack até chegar no príncipe dos pregadores, Charles Spurgeon.

Na transição da modernidade para a contemporaneidade, começamos com o decano dos pregadores, Martin Lloyd-Jones. Adentrando na pós-modernidade, falamos de John Stott, o pregador que deixou uma marca de catolicidade em meio à guerra evangélica. Destacamos o púlpito de John Piper e fizemos uma menção honrosa a Russell Shedd, um pregador de origem boliviana, naturalizado na América, com um histórico incrível de missão no Brasil, tendo deixado um legado de produção teológica e editorial, além de ter se tornado um exemplo para muitos expositores bíblicos da atualidade brasileira. De Hermisten Maia, um incansável pesquisador e exímio expositor da Palavra, chegamos em Jilton Moraes, um teórico da homilética brasileira com ricas contribuições para o púlpito expositivo brasileiro com várias obras que se tornaram texto-base em muitos seminários teológicos.

Quantos aos contornos do capítulo primeiro, ao tratarmos dos aspectos históricos da exposição bíblica na trajetória bíblica até os dias atuais, chegamos à conclusão que: a partir dos incursos do culto sinagoga ao desdobramento da história da igreja, a teoria da pregação expositiva fornece um norteamento seguro para que a comunidade não seja ultrajada pela idolatria; Que a revelação geral é insuficiente para a formação da fé do povo de Deus; que a revelação escrita revela de modo especial os contornos da criação, queda e redenção, balizamento,

inculcando de geração em geração em memoriais e quadros litúrgicos vivos a história da redenção; Que o meio principal que Deus usou para comunicar ao seu povo foi pela loucura da pregação, pois a fé vem pelo ouvir (Rm 10.17).

O capítulo primeiro abordou o tecido histórico da função da pregação no contexto da libertação da escravidão à missão apostólica até a expulsão da sinagoga. Dos temas abordados, destaca-se o enxerto do “padrão sinagoga no padrão da eucaristia, com a Palavra falada (lembrança que estamos aqui) com o sinal executado (lembrança de que não somos daqui)”⁹⁹¹, nos ensinando a diferença fundamental entre pregação e ceia do Senhor, trabalhando perfeitamente a esperança escatológica do povo de Deus. A partir de Orígenes, Agostinho e Crisóstomo, vimos as figuras de pregadores que trataram a prédica como alimento do cristão. De Orígenes às ordens homiléticas, o que se segue é uma dinâmica da história do culto, com variações de formato e má administração do conteúdo sacramental, além do paganismo depois de Constantino. No início da idade média (590-1073 d.C) intensificou-se a paganização tornando a missa o elemento central do culto, vindo a sufocar a fala divina ao povo, comprometendo a identidade libertadora e esmagando a esperança. No apogeu da igreja na idade média (1073-1294 d.C), a pregação passou de vez para um espaço secundário. Paradoxalmente, o século XI demonstra também um certo ressurgimento da pregação, se aprimorando no século XIII, com as ordens homiléticas. Dos temas abordados, constatou-se que o clamor pela esperança da segurança da obra vicária começou a ressurgir através de alguns pregadores mendicantes, mostrando o recomeço do reavivamento da viva voz divina.

Dos séculos XIV e XV, vimos a intensificação da perda pelo interesse na pregação, mas ao mesmo tempo vimos o revigoramento do púlpito através de arautos na Inglaterra, como Wycliffe (1328-1384) e os pregadores Lollardistas e Jan Huss (1369-1415). Com a crítica de Guilherme de Occam (1280-1349), a audição da Palavra tornou-se mais importante do que a visão da materialização sacramental da realidade, abrindo caminho para o púlpito reformado.

Aprendemos que todo o enredo anterior girava em torno de quem tinha autoridade final em termos de fé e prática: a igreja ou a Escritura? A Escritura venceu, e a consequência foi o rompimento definitivo com a teologia de Tomás de

⁹⁹¹ WHITE, 1997, p. 94.

Aquino, e o entendimento da salvação pelos méritos de Cristo, somente (justificação) e a revelação especial (Escritura) como princípio maior de regulação do culto e a forma pela qual Deus chama e nutre o seu povo. A partir daí, noticiamos o marco da dignidade de Cristo revestindo o povo na figura da restauração do culto com a participação ativa na ceia, com a comunhão sem confissão prévia ao sacerdote e o púlpito passando a ser o centro da atividade litúrgica. Assim como em períodos anteriores, mas de modo mais intenso, a Reforma trouxe a Palavra como autoridade maior de fé e prática. O povo agora poderia participar da ceia, ouvir e cantar a Palavra no idioma materno, numa verdadeiramente renovação da esperança escatológica.

De William Perkins até os batistas ingleses, pudemos acompanhar momentos de vigor e esfriamento do púlpito, desde a transformação do púlpito em demonstração de homilética até a concepção iluminista otimista do ser humano tornando-se incompatível com a mensagem da justificação. A história da pregação contém interpolações de reavivamento. Da Reforma nos diversos ambientes da Europa, passando pela Inglaterra de Spurgeon a Schleiermacher na Alemanha, vimos um movimento hermenêutico e homilético sendo trabalhado entre o fluxo do objetivismo e subjetivismo. Dos extremos da racionalidade funcional iluminista ao elemento subjetivista, caminhamos rumo a uma proposta de pregação expositiva que avance dos cantões teológicos extremistas ao campo trinitariano.

Chegamos à pós-modernidade, um ambiente da pregação midiática, onde o elemento *litúrgico* (celebração), somado ao subjetivismo pós-moderno contribuiu para o abafamento não somente da pregação (o que eu faço no reino presente), como também da ceia (qual a minha esperança para o futuro). Do capítulo primeiro chegamos à conclusão parcial de que a partir das contribuições necessárias do reformador João Calvino, necessitaríamos de Kevin Vanhoozer para explicar Calvino para o culto na pós-modernidade, e a necessidade de transicionar a hermenêutica trinitariana na abordagem canônica-linguística para o campo da pregação, a qual intitulamos de exposição bíblica teodramática, como princípio norteador do culto público pós-moderno. Para narrar o que está acontecendo no contexto do culto batista brasileiro, e aplicar a possibilidade e necessidade desse aporte, usamos no capítulo três a contribuição da análise de Philip Rieff e sua obra “O Triunfo da Terapêutica.”

Antes de entrar no teor final da tese propriamente dita, no capítulo segundo falamos sobre o pressuposto teológico em Calvino: vida, obra e missão, com destaque no seu apreço pela revelação bíblica e influência e contornos de sua pregação. No final do capítulo, fizemos uma transição da hermêutica de Calvino e Vanhoozer. Nessa transição, deixamos claro que Vanhoozer é compatível com Calvino, pois “ambos trabalharam a compreensão comunicativa da participação em Cristo”⁹⁹², mas Vanhoozer usa essa mesma categoria comunicativa para se referir a Deus de modo dramático:

Deus comunica seu amor e presença em seu cuidado providencial à criação, enquanto reivindica a particularidade onde ele chama homens a serem unidos na vida trinitária através de Jesus. Isto é, uma ação comunicativa divino-humana que efetua a santificação.⁹⁹³

Fechamos esse capítulo mostrando que Vanhoozer nos ajuda a “compreender Calvino no aspecto da aliança e comunicação (pneumatologia bíblica), gerando coesão de seus julgamentos e doutrinas (ação comunicativa do Pai, através do Filho e da ação do Espírito).”⁹⁹⁴ O que fizemos foi usar um gigante da hermenêutica atual para explicar o gigante de Genebra. Mostraremos os desdobramentos finais no terceiro capítulo no tocante ao uso do drama da redenção para o campo da pregação expositiva.

Percorreremos o contexto histórico da pregação até Calvino, apresentando a problemática do púlpito na Idade Média, destacando pontos negativos e alguns fatores positivos que possibilitaram o desenvolvimento do culto voltado à pregação do Evangelho e a respectiva influência que Calvino obteve dos reformadores suíços para a jornada da pregação em Genebra e Estrasburgo. Dos temas abordados, destacamos a evolução da Idade Média para o século XVI no tocante aos movimentos pré-reformistas que trataram as Escrituras como o ponto de convergência para o culto e pregação que seria desenvolvido na transição da missa para o culto protestante. Dos temas abordados, constatou-se que o papel do pregador não é fazer do púlpito uma máquina de invencionices ou um momento de entretenimento com fábulas humanas, como acontecia nos dois séculos anteriores à

⁹⁹² BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle).

⁹⁹³ BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle).

⁹⁹⁴ BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle).

Reforma, mas aplicar aos corações a boa e perfeita vontade Deus expressa nas Escrituras.

Na “vida e obra de Calvino”, foi apresentado de forma não exaustiva o contexto do reformador e sua identidade com os demais reformadores no tocante à sua conversão de vida. Tal mudança, “retratada no prefácio de seu Comentário sobre os Salmos (1557), a qual refere-se como ‘súbita conversão’, trabalhada de uma mudança interna à questão institucional.”⁹⁹⁵ Dos temas abordados, constatou-se que o salto conversionista de Calvino é demonstrado na forma como ele desenvolveu a sua teologia da pregação. Verifica-se uma conversão ao Deus apresentado nas Escrituras e a total submissão a ela como regra de fé e prática e meio pelo qual Deus salva e transforma os pecadores.

No que se refere aos pressupostos da pregação em Calvino, foi narrado que, para Calvino, o conhecimento de “Deus é amplamente demonstrado na obra da criação e composição do universo, em todas as suas criaturas, e que, todavia, será exposto com maior clareza por sua Palavra.”⁹⁹⁶ Constatou-se que o Reformador fez uma diferenciação clara entre a revelação geral e especial, deixando bem definido que a criatura precisa de um conhecimento mais específico do Criador para que chegue ao pleno entendimento da narrativa da criação, queda e redenção através de Cristo, como aquele que substitui vicariamente o pecador diante de sua impossibilidade total de conhecer a Deus pelas vias naturais.

Na trajetória da pregação de Calvino, foi destacada sua falta de intencionalidade em cumprir o mandato de Deus quanto à pregação e ao mesmo tempo a ação soberana de Cristo na vida dele através de homens que o convulsionaram para o ministério em Genebra. No referido ponto, em adição à falta de intencionalidade, registra-se a maturidade que faltava ao reformador, adquirida em Estrasburgo, fazendo com que voltasse a Genebra com definições mais apuradas do processo eclesiológico necessário a ser implementado na cidade suíça de Genebra. Registramos o pano de fundo da pregação de Calvino em seu apego às Escrituras, o que é bem demonstrado em uma das cenas quando ele retorna a Genebra e retoma a pregação continuada a partir do ponto em que parou antes de ir para Estrasburgo.

⁹⁹⁵ CALVINO, 2013, p. 90-158. v. 1. (Edição do Kindle).

⁹⁹⁶ CALVINO, 2006, p. 78. v. 1.

Por fim, a pregação do Evangelho testemunhada na trajetória de Calvino é uma proposta possível e necessária para a atualidade, pois “é a Palavra pregada que o Espírito Santo usa de maneira singular para dar vida e produzir fé na alma de uma pessoa.”⁹⁹⁷ Daí inferimos sobre a necessidade da igreja contemporânea adotar o entendimento do reformador Calvino acerca do púlpito. Em Kevin Vanhoozer, percebemos a ontologia comunicativa de Calvino com mais clareza, trazendo um quadro completo da teologia trinitariana com o uso da abordagem canônico-linguística para o campo da pregação na pós-modernidade. Encerrando a contribuição de Calvino, vemos que a igreja batista no Brasil precisa retornar ao princípio formal da Reforma, não somente nos documentos confessionais, mas no púlpito, pois a “pregação é a Palavra de Deus porque é a exposição das Escrituras, através das quais apenas Deus se comunica com o homem.”⁹⁹⁸ O tema central da pregação expositiva deve ocupar o ensino nos seminários e os púlpitos batistas: “Deus escolheu a pregação, e Deus revigora a pregação dos ministros pelo poder do Espírito de Deus, de modo que Cristo verdadeiramente vem na Palavra falada para residir com seu povo.”⁹⁹⁹ Calvino contribui para o pregador contemporâneo também no tocante à sensibilidade de expressar ideias complexas, com clareza e precisão¹⁰⁰⁰ e também ao “reforçar a necessidade do expositor transpor o labor exegético para a aplicação do sermão às situações concretas.”¹⁰⁰¹ Temos em Calvino a figura de um expositor bíblico que tem atravessado gerações e o motivo é único: a autoridade em sua jornada foi a Palavra!

Pregadores da pós-modernidade precisam espelhar-se em gigantes da pregação histórica que deixaram um legado “doutrinariamente sólido ao progresso da igreja em aspectos práticos, aplicáveis e penetrantes.”¹⁰⁰² A consequência natural do apreço que Calvino tinha pelo Ministério da Palavra são refletidos na correlação da pregação exposição e o culto, liturgia e musicalidade. O caminho da pregação percorrida por Calvino nos mostra o que as Escrituras afirmam acerca do processo

⁹⁹⁷ CALVINO, João, vol 1. 2006, p.78.

⁹⁹⁸ PARKER, 2016, p. 51.

⁹⁹⁹ GEORGE, 2015, p. 200.

¹⁰⁰⁰ GEORGE, 2015, p. 196.

¹⁰⁰¹ GEORGE, 2015, p. 199.

¹⁰⁰² GEORGE, 2015, p.199.

pelo qual a fé vem ao coração do homem. Calvino tem muito a contribuir para o púlpito pós-moderno, pois tinha a pregação como um fator prioritário.¹⁰⁰³

O reformador tinha uma pregação que coadunava com o ministério público de Jesus. Cristo tinha um discurso que consistia em pregar e ensinar, conforme consta no Evangelho de Mateus (4.17). Jesus pregava o arrependimento do Reino. Tratava-se de uma mensagem apocalíptica que exigia uma postura presente conforme a ética do Reino. Sendo assim, chegamos ao entendimento pleno de que exposição das Escrituras eleva a postura do pregador e da igreja quanto ao conceito necessário que devemos ter de Cristo e seu reino presente e futuro.

A exposição bíblica será relevante para a igreja pós-moderna na medida em que ela reconhece nas Escrituras o Deus que se revela em Cristo e a relação de todo o conjunto bíblico como uma única voz que exala o doce nome do Mestre.¹⁰⁰⁴ Enquanto Cristo não estiver no centro da vida e do culto, a exposição bíblica não será levada a sério pelos pregadores e ouvintes. Por outro lado, a pregação expositiva tende a conduzir o povo de Deus para tal centralidade.

Culturalmente, não é fácil adotar o modelo do reformador Calvino para os dias atuais, por se tratar de algo centrado em Cristo. As exigências do mestre, embora não sejam impossíveis de serem cumpridas em virtude da graça auxiliadora,

¹⁰⁰³ Poderíamos resumir o conceito de Calvino sobre pregação, fazendo uma leitura com Timothy George, que resume da seguinte forma: 1. Expressava ideias complexas, com clareza e precisão; 2. Conhecia a Bíblia tão bem que respirava seu ar, conversava com seus personagens e morava em suas páginas; 3. Extraía da Escritura aspectos do ensino cristão que a igreja não ouvia há séculos; 4. Pregou a santificação pela fé. 5. Os que criam na Palavra deviam ser transformados por ela; 6. Aplicava o sermão às situações concretas; 7. Evitou a pompa e o embelezamento teatral, que marcava a Idade Média; 8. O propósito da pregação é a edificação; 9. Doutrinária, mas prática e aplicável; 10. Centralidade em Cristo; 11. Proclamação e audição. GEORGE, 2015, p. 181-192.

¹⁰⁰⁴ Devemos pregar expositivamente porque: 1. A pregação é a Palavra de Deus, primeiro no sentido em que é uma exposição e interpretação da Bíblia, que por sua vez é a Palavra de Deus como se os homens “tivessem ouvido as palavras pronunciadas pelo próprio Deus”. (Inst., 1, 7, 1); 2. A Bíblia permanece como fonte, padrão e a crítica da pregação; 3. O pregador deve declarar apenas o que encontra na Bíblia, e não suas ideias; 4. O trabalho do pregador expositivo não é revelar novas verdades a respeito de Deus, mas relacionar a revelação de Deus dada de uma vez por todas em Jesus Cristo às necessidades de sua própria geração; 5. Explicar e aplicar as Escrituras; 6. A pregação é a Palavra de Deus porque é a exposição das Escrituras, através das quais apenas Deus se comunica com o homem; 7. Qual é o amago da pregação: Como pode o homem conhecer a Deus? Rejeitamos que o homem possa conhecer a Deus de forma natural, embora exista uma semente no homem, mas isso é incapaz de levar o homem a conhecer a Deus. Isto é, o conhecimento de Deus é apenas pela fé na Palavra de revelação de Deus. Somente por Deus pode Deus ser conhecido para somente pela Palavra de Deus pode Deus ser conhecido. O homem não pode encontrar nem pode conhecer a Deus, a não ser que Deus se revele a nós em Cristo; Somente em Cristo pode Deus *absconditus* se tornar Deus *revelatus*”. PARKER, 2016, p. 50-60.

geram afrontas ao modelo de vida de uma sociedade que caminha para a perdição. Cabe ao pastor e mestre identificar esses pontos cegos e viabilizar para a igreja um programa onde a verdadeira profecia seja o evento principal da comunidade. Uma igreja comprometida com a Palavra do Senhor exposta com zelo cumpre o mandato da glória divina.

A proposta de Calvino para o púlpito atual não tem o objetivo de solucionar todos os problemas da vida da igreja, visto que há outras áreas que necessitam de ajustes constantes. Porém, caso o púlpito e os ouvintes estejam bem resolvidos quanto a necessidade da pregação diligente do Evangelho e sua consecutiva prática diária, os outros problemas serão administrados com mais facilidade. Apesar de todas as contribuições apresentadas, esta temática ainda reserva investigações posteriores a respeito da necessidade e possibilidade da pregação expositiva no contexto da diversidade de tradições evangélicas. Passaremos agora para a contribuição de Vanhoozer para fecharmos o valor do trabalho expositivo de Calvino para a atualidade.

No capítulo terceiro começamos tratando do uso correto da pregação expositiva, e logo após discorremos sobre os preconceitos contra o uso da pregação expositiva no contexto batista brasileiro, abrindo caminho para a defesa da possibilidade e necessidade da pregação expositiva teodramática. Traçamos o problema pós-moderno e partir daí, lançamos os alicerces da proposta a partir do ponto de equilíbrio hermenêutico e homilético e os pontos finais da exposição bíblica teodramática e os aspectos adjacentes do diálogo e monólogo.

Esboçamos o diálogo do pressuposto teológico em João Calvino com o paradigma do drama da redenção que é a ideia sobreposta da teologia “canônico-linguística” (que está no coração da hermenêutica da história da redenção). “Mostramos que Vanhoozer trouxe clareza ao pensamento de Calvino ao fazer justiça à unidade pactual das Escrituras que culminou na pessoa e no trabalho do Cristo Redentor, uma metanarrativa abrangente.”¹⁰⁰⁵

Desta feita, com a presente tese buscamos responder à pergunta: Em que medida a exposição bíblica teodramática é possível e necessária para nortear a adoração pública no ambiente Batista no Brasil em detrimento do triunfo da terapêutica observado em muitos cultos na referida denominação? A pregação

¹⁰⁰⁵ WATKINS, 2016, p. 25.

deveria ser vista como parte da adoração da igreja e é crucial para sua vida e saúde. Se a igreja deve se apegar à confissão de sua esperança sem hesitar (Heb 10:23), a palavra de Deus deve receber ampla atenção na vida da igreja.¹⁰⁰⁶ Após termos argumentado a relação da pregação histórico-redentiva e sua relação aos aspectos do culto, liturgia, musicalidade e espiritualidade, a presente tese não se atém a uma proposta relacionada a uma infalibilidade doutrinária. Kuyper nos lembra que “nenhum padrão Reformado, nem mesmo o mais puro, é infalível como era a palavra de Paulo [...]”.¹⁰⁰⁷ A necessidade de termos púlpitos expositivos se dá pelo simples fato que “seus princípios sejam novamente desenvolvidos de acordo com as necessidades de nosso tempo, e consistentemente aplicados aos vários campos da vida.”¹⁰⁰⁸

A necessidade batista brasileira é o de se ater quanto ao ambiente pós-moderno relativista, e fazer do púlpito um ambiente expositivo. Assim como na transição dramática da Idade Média para a Reforma, com algumas diferenças, o povo de Deus precisa voltar a ouvir, cantar e encenar liturgicamente toda a verdade de Cristo exposta em toda a Escritura.

Atualmente, é necessário uma nova Reforma e essencialmente na adoração pública. Assim como a Reforma trouxe a pregação para a centralidade do culto, colocando-a num ponto alto, a pós-modernidade carece desse elemento, mas de modo a considerar toda a amplitude da comunicação divina. Assim como a missa era um ambiente irracional, o culto atual, por falta de um norteamento expositivo, tem conduzido milhões de cristãos batistas ao subjetivismo, relativismo e fideísmo, como vimos no período anterior à Reforma. O analfabetismo funcional no tocante à falta de entendimento da fé bíblica tem como razão principal a falta de intencionalidade expositiva na história da redenção. O ambiente atual é semelhante ao da idade média, onde encontramos a figura de medidores que lançam as migalhas ao povo. O pregador não é o intermediário e sim o arauto de Cristo que tem o encargo de expor a bíblia, a partir da dinâmica do Espírito da trindade. Essa dinâmica pode levar à uma nova Reforma nos púlpitos, que tem o efeito de levar as pessoas ao verdadeiro arrependimento, e não apenas à penitência e absolvição por meio do sacerdote da igreja, assim como era antes da Reforma.

¹⁰⁰⁶ KIMBLE, 2018.

¹⁰⁰⁷ KUYPER, 2014, p. 200.

¹⁰⁰⁸ KUYPER, 2014, p. 201.

A cosmovisão cristã vive em tensão de fusões sincréticas em todas as épocas da história da igreja. O povo de Deus é influenciado diariamente por inúmeras cosmovisões. É bem verdade também que o problema não será resolvido somente no espaço da adoração pública, mesmo porque há situações onde o ouvinte tem todas as perspectivas acima em perfeita condição, mas no espaço privado e nas relações na vida pública, expressam os aspectos sombrios do subterrâneo religioso. Nesse sentido, o ponto de reverberação necessária da exposição é o discipulado. Para Calvino e outros reformadores, a marca da igreja verdadeira é a “pura pregação da Palavra de Deus, incluída a legítima administração dos sacramentos.”¹⁰⁰⁹ Havia uma concordância entre os reformadores Lutero e Calvino quanto às marcas citadas, porém o francês da missão genebrina destacou a relevância do elemento da disciplina bíblica como meio de resguardar a dignidade do Evangelho e consequentemente a boa caminhada dos justificados em Cristo. Nesse processo, a palavra e os sacramentos não eram colocados num patamar inferior à disciplina. No decorrer histórico, outras marcas foram implementadas, mas sempre em torno desses aspectos. Na carta ao rei da França Francisco, Calvino destaca o traço que caracteriza a Palavra de Deus: cada vez que é posta em “evidência, Satanás acorda e apronta as suas artimanhas. Esta é uma segura marca para se discernirem as doutrinas falsas – que estas são recebidas de boa vontade por todos e agradam a todo mundo.”¹⁰¹⁰ O que nos leva ao quadro de identificação da verdadeira igreja não é o nome ou diferenças confessionais de segunda ordem, mas uma disposição comunitária “onde a pregação é ouvida com reverência, e os sacramentos não são negligenciados.”¹⁰¹¹

O princípio formal - *Sola Scriptura* é destacado pelo reformador da seguinte forma: “se a doutrina dos profetas e dos apóstolos é o fundamento da igreja, primeiro importa que haja firme certeza dessa doutrina para que, somente então, a igreja comece a existir.”¹⁰¹² O que está em jogo não somente na pós-modernidade, como em todos os tempos é a questão da autoridade. Com quem ela está? Sim, ela não está totalmente nas mãos do papa e nem do pastor, pois a comunidade foi digna pelos méritos de Cristo ao acesso tanto interpretativo como prático, mas não pode

¹⁰⁰⁹ CALVINO, 2006, p. 48, v. 2.

¹⁰¹⁰ CALVINO, 2006, p. 51, v. 2.

¹⁰¹¹ CALVINO, 2006, p. 98, v. 2.

¹⁰¹² CALVINO, 2006, p. 71, v. 2.

ser diluída num ambiente individualista. Embora de difícil conceituação, a pós-modernidade possui algumas características, como:

1. Filosofia motivada por ações que promovam um bem-estar; 2. Mudança da configuração familiar tradicional; 3. Liberdade de expressão sexual: adultério e divórcio; 4. Estilo de criação permissivo.¹⁰¹³

“Calvino¹⁰¹⁴ tratou o tema da autoridade da Escritura de forma bem mais intensa. Sua tese era que somente a Escritura é fonte de conhecimento correto a respeito de Deus.”¹⁰¹⁵

O pregador tem a responsabilidade de conduzir o povo à um ambiente de sacerdócio universal, mas também tem o dever de estabelecer limites, e tais baseados na metanarrativa, que está além de todo o processo comunicativo. O reformador destaca essa relação comunitária com as Escrituras como um processo onde a igreja não pode vergonhosamente “afrontar o Espírito Santo, ao determinar o grau de reverência que se deve ter pela Escritura.”¹⁰¹⁶ Aliado à autoridade da Escritura, outro aspecto da teologia da pregação de Calvino que é fundamental para o ambiente batista brasileiro atual, é a autoridade da Escritura atestada pelo testemunho interno do Espírito. Essa autoridade “da Escritura está muito acima das razões ou das circunstâncias ou das conjecturas humanas, mas no testemunho interno do Espírito Santo.”¹⁰¹⁷ O aspecto objetivo da revelação divina exposto ao coração do homem pela pregação mostra um aspecto subjetivo que o reformador relata como “sentimento de tal natureza que só pode ter sido gerado por revelação celestial.”¹⁰¹⁸ Também diz que “sem a iluminação do Espírito Santo, só a Palavra não nos dá real proveito.”¹⁰¹⁹

Tal aspecto subjetivo é vivido na pós-modernidade de modo a desconsiderar o objetivo. O período atual é propício para a validade subjetiva, mas também um desafio em detrimento da premissa da validade de todas as experiências. Nesse

¹⁰¹³ BURKE, John. **Proibida a entrada de pessoas perfeitas**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2006. p. 36-60.

¹⁰¹⁴ “Sua pregação foi influenciada pela tradição agostiniana medieval: Distinta da escola franciscana, que tinha uma ênfase nas determinações eclesiais e dos tomistas, que davam paridade entre Escrituras e tradição, a escola de Agostinho afirmava que a base da Teologia cristã era *Sola Scriptura*, com uma propensão correspondente a minimizar outros elementos da Teologia, como as *determinationes ecclesiae* ou conceitos metafísicos”. MCGRATH, 2004, p. 146-147.

¹⁰¹⁵ WACHHOLZ, 2010, p. 115.

¹⁰¹⁶ CALVINO, 2006, p. 71, v. 1.

¹⁰¹⁷ CALVINO, 2006, p. 72, v. 1.

¹⁰¹⁸ CALVINO, 2006, p. 73, v. 1.

¹⁰¹⁹ CALVINO, 2006, p. 22, v. 2.

sentido, a exposição bíblica entra num sentido apologético para resguardar a identidade do povo em todos tempos. O aspecto subjetivo da fé é destacado por Calvino como a ação do Espírito Santo mediante a Palavra e os sacramentos, onde o Espírito “[...] age em nós para que a Palavra não fira em vão os nossos ouvidos e os sacramentos não sejam apresentados inutilmente aos nossos olhos.”¹⁰²⁰

Aliado à outros desafios, a luta pós-moderna contra o fideísmo, faz com que Calvino se torne atual para a igreja batista brasileira, pois reforça as trincheiras entre o ministério do Espírito Santo como ação interna e os fatos objetivos da fé, levando a crer que o mero fato subjetivo pode tornar o nosso discurso perigoso para o realce do Evangelho como metanarrativa, levando muitos a comunicar Cristo:

[...] se gabando do Espírito, mas trazendo o que é deles, gerando uma falsa pretensão. Nesse sentido, assim como Cristo testificou que não falava de si mesmo, visto que a sua doutrina foi tomada da Lei e dos Profetas.¹⁰²¹

Assim devemos nos testificar que, embora nossa fé tenha fatos subjetivos, tais não podem ser vividos sem a base objetiva descrita na revelação bíblica. A junção entre fatos objetivos descritos na Palavra e o Espírito, fazem sentido para a comunicação em todos os tempos e culturas.

Uma comunicação que não seja bem ajustada ao conhecimento de Deus através da revelação especial, está fadada aos caprichos do exagero do uso cultural no âmbito da graça comum. Tal “conhecimento de Deus é amplamente demonstrado na obra de criação e composição do universo, em todas as suas criaturas, mas, todavia, será exposto com maior clareza por sua Palavra.”¹⁰²² Os batistas brasileiros serão amplamente abençoados com a Reforma dos púlpitos, pois a pregação e o ensino “explicam as Escrituras e aplicam suas verdades às nossas vidas. É por meio da pregação da Palavra que Deus, normalmente chama as pessoas a crerem em Jesus (Rm 10.14)”¹⁰²³ e por meio dessa mesma palavra exposta que os falsos deuses e todo sistema idolátrico pós-moderno com suas inúmeras cosmovisões, são destronadas alocando Cristo ao Senhorio da Igreja e sua respectiva influência no mundo, fazendo com que a igreja desenvolva uma teologia pública a partir da sua identidade. Com base na metanarrativa, a teologia pública é desenvolvida a partir do

¹⁰²⁰ CALVINO, 2009. p. 147, v. 4.

¹⁰²¹ CALVINO, 2006, p. 122, v. 4.

¹⁰²² CALVINO, 2006, p. 78, v. 1.

¹⁰²³ FRAME, 2006, p. 129.

ambiente onde cada membro do corpo de Cristo expressa os efeitos da regeneração através comunhão e discipulado, levando à uma proclamação pública consciente de sua cosmovisão, e conseqüentemente a glória divina ao mundo.

Logo, sem demarcações nítidas da identidade de fé do povo de Deus através pregação expositiva e sua congruência com os demais aspectos do culto público, a igreja pode deixar de expressar ao mundo sua verdadeira identidade e a respectiva proclamação pode se tornar apelos morais ou sociais. A pregação deve ser a “Palavra que é como um espelho no qual a fé deve contemplar Deus. Deus sempre se faz representar por sua Palavra àqueles que ele quer trazer a si Ele.”¹⁰²⁴

O reformador de Genebra traz contribuições comedidas ao tratar da revelação geral, graça comum e seus reflexos na cultura, mas sempre colocando limites nessa relação em prol da identidade trinitariana do povo de Deus. Embora a trindade esteja presente no aspecto cultural e a comunicação seja dialogal, a metarrativa sobrepõe às narrativas individuais¹⁰²⁵, não as desprezando, mas

¹⁰²⁴ CALVINO, 2006, p. 8, v. 2.

¹⁰²⁵ O projeto “The Founders Ministries”, projeto dirigido pelo pastor e teólogo batista Thomas Ascol publicou um breve tópico de um dos colunistas, Ryan Davidson, tratando dos efeitos da tirania das narrativas para os ouvintes e quanto aos pastores que estão cedendo à tentação de satisfazer o público nesses anseios. “Quando tendemos a nos apegar às narrativas e a adotá-las sem cessar como lentes pelas quais vemos, corremos o risco de embotar nossa própria capacidade de ouvir a Palavra de Deus proclamada. Aqui está o que eu quero dizer. Se um ministro que proclama o evangelho de outra forma, portador das Escrituras tem que elaborar sermões da maneira certa, a fim de torná-lo palatável às narrativas de seus congregantes, a pregação da Palavra é entorpecida. Os ministros são cada vez mais pressionados a pregar sermões sobre questões narrativas do dia e provavelmente também são tentados a embotar suas próprias palavras para que indivíduos específicos ou um grupo de pessoas em sua congregação ouçam. Não há mais lugar para a proclamação ousada e direta da Palavra, tanto pelo ouvinte quanto pelo pregador? E você, amigo? Você se encontra criando um sistema de filtros pelos quais seu pastor deve passar com sucesso antes de receber a Palavra em um determinado dia do Senhor? Se seu pastor prega sobre casamento, por exemplo, Ele deve se virar sobre todos os assuntos relacionados pelos quais você é apaixonado antes de ouvir? Se ele prega em uma passagem específica e não menciona etnia, gênero, poder e privilégio, etc., você ouvirá? E você se vê consistentemente no final do momento da pregação preocupado com o fato de que todo elemento situacional possível relacionado à sua narrativa adotada não foi coberto? Nesse caso, você pode estar sob a tirania de uma narrativa. Estamos sob a tirania das narrativas de nosso tempo, no fato de termos um número crescente de divisões no corpo de Cristo sobre as narrativas. Já não credos e confissões bem escritos e testados pelo tempo causam as linhas de demarcação com as quais vemos alguém, mas agora, além de várias diferenças denominacionais, temos divisões sobre uma série de narrativas. Alguma vez paramos para considerar a realidade potencial de que o irmão ou irmã que acabamos de bater no Twitter é muito mais do que a breve narrativa que anexamos a ele ou ela? Quantos campos precisamos? E se alguém fala a verdade, nós a dividimos porque não é dita ou escrita da maneira que queremos, ou pelo caminho da (s) narrativa (s) que toleramos e desejamos? Ou dividimos com alguém por que eles afirmam algo que não é dito de uma maneira que valide nossa experiência subjetiva? E o pior é que essa tirania está dirigindo grande parte da pregação, expectativas dos membros”. Disponível em: <<https://founders.org/2018/11/21/the-tyranny-of-narratives/>>. Acesso em: 26 set. 2019.

interagindo de modo que a revelação tem algo a dizer acerca da queda humana e sua caminhada idólatra: uma vida de adoração, na qual é ancorada na “proibição de maneira ainda mais rigorosa do acréscimo à Lei, aos Profetas, aos Salmos e ao Evangelho.”¹⁰²⁶ Assim como o reformador que “renunciou ao Papa, à política clerical, à missa da maneira como era celebrada na época, à equiparação da autoridade da tradição da igreja e das Escrituras”¹⁰²⁷, devemos renunciar ao apelo pós-moderno de privatizar a fé no ambiente comunitário. Somente as Sagradas Escrituras tinha dado “a ele (Calvino) a capacidade para ouvir a voz divina, a qual se dirigiu a ele pessoalmente, o apresentando ao verdadeiro Deus, através da graça, se fazendo conhecido e compreendido pelo humilde e por aquele que crê.”¹⁰²⁸

O atual deslocamento hermenêutico-homilético para o ouvinte, deve ser equilibrado para uma comunicação, onde suas narrativas não sejam negligenciadas, nem sobrepostas à metarrantiva, pois o coração idólatra aliado ao espírito da época atual pode conduzir a igreja batista brasileira à um tipo de comunidade com narrativas não moldadas à imagem de Cristo, e sim à sua própria imagem. A boa comunicação do Evangelho não é um monólogo, e nem um tipo de pregação que tem como objetivo a reimaginação ou ressignificação do Evangelho, mas a construção e reconstrução diária da imagem de Cristo no seu povo. O diálogo e monólogo divino andam de mãos dadas, fazendo juz à comunicação trinitária. O princípio regulador do culto, regula também a adoração na vida, fazendo refletir a imagem da glória divina mostrando o contraste com a glória do mundo caído. O princípio da “inspiração, autoridade suprema, suficiência, clareza e preservação”¹⁰²⁹, molda a identidade do povo de Deus e faz com que a mesma seja o reflexo para a vida.

Vanhoozer nos ajudou a compreender Calvino:

[...] no aspecto da aliança e comunicação (pneumatologia bíblica), gerando coesão de seus julgamentos e doutrinas (ação comunicativa do Pai, através do Filho e da ação do Espírito), intitulada de ontologia remitologizada.¹⁰³⁰

¹⁰²⁶ CALVINO, 2006, p. 117, v. 4.

¹⁰²⁷ WALLACE, 2003, p. 11.

¹⁰²⁸ WALLACE, 2003, p. 17.

¹⁰²⁹ ANGLADA, 2006, p. 136-154.

¹⁰³⁰ BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle).

Tratamos dos dois pilares de Vanhoozer aplicados à exposição bíblica nesta obra. Vanhoozer utiliza essa base como modelo para desenvolver a teologia bíblica e canônica aplicando o valor para a pós-modernidade:

1. Conceber os atos criativos e sustentadores de Deus na criação e em relação à humanidade como teodrama; 2. Interpretação desses atos como remitologizantes. Calvino fundamenta a compreensão dos sacramentos com base nas Escrituras.¹⁰³¹

Defendemos que a exposição bíblica teodramática é fundamental para delinear a adoração pública, por oferecer o suporte para que o enredo do Deus que fala não se perca entre as muitas narrativas do culto do “eu.” Os aspectos do diálogo e monólogo comunicacional foram tratados como o meio de evitar os extremos da pregação no contexto moderno e da atualidade pós-moderna, e tornando mais robusto o uso da metanarrativa histórico-redentiva. Tal diálogo e monólogo amplia a defesa da exposição bíblica no púlpito batista brasileiro, pois traz ferramentas apuradas que contrapõe o culto do “eu.” O presente capítulo fechou com cinco máximas da exposição bíblica teodramática: 1) um diálogo e monólogo da compaixão; 2) Um diálogo e monólogo contado e recontado com a amplitude literária; 3) Um diálogo e monólogo com espiritualidade comunitária e razão. Neste ponto, trouxemos considerações sobre a música, o ouvinte e a espiritualidade. 4) Um diálogo e monólogo que evita os extremos da modernidade e pós-modernidade; 5) Um diálogo e monólogo e a força positiva e negativa do ouvinte. Neste tópico, fechamos com considerações finais sobre o desafio da aplicação sermonária com a contribuição do teodrama exposto.

Chegamos ao fim com desafios e oportunidades: 1. Desafios de unir os pontos positivos que há nos períodos modernos e pós-modernos, a fim de extirpar os reducionismos da comunicação bíblica e fazendo justiça à comunicação trinitária aplicada ao púlpito; 2. A luta hermenêutica entre o objetivismo e o subjetivismo é também uma batalha do campo homilético, sendo assim, estamos num momento de pensarmos em todas as contribuições, e avaliarmos quão profunda e útil pode ser resgatar os gigantes da fé, trazendo clareza sobre o pensamento deles para o momento atual. Essa é a proposta de Vanhoozer: clarear o pensamento de Calvino para uma hermenêutica atualizada. E nossa proposta foi a de lançar essa proposta

¹⁰³¹ BAKER, 2015, p. 2439-3030. (Edição do Kindle).

de Vanhoozer para o campo da pregação, a qual chamamos de exposição bíblica teodramática.

Temos extremos em todos os lados. Por um lado, o culto da pregação tradicional torna-se tendencioso ao ignorar o ouvinte; por outro, o culto terapêutico revela-se perigoso ao buscar na linguagem de fé, recursos que traduzem o culto cristão numa identidade não cristã. Isso nada mais é do que uma visão religiosa subterrânea com traços característicos em Jung, tão bem percebidos em especial por Philip Rieff e também por Urs Balthasar. A igreja batista no Brasil vive uma tensão entre a soberania divina e a busca alternativa para explicar e vencer a dor e o sofrimento. O resultado imediato é a transformação da adoração em idolatria do “eu.” A exposição bíblica teodramática é o ponto de convergência nesses extremos interpretativos, homiléticos e litúrgicos. O teodrama traduz a amplitude do que precisamos comunicar para termos uma adoração devida a Deus.

O teodrama exposto mostra um Deus Soberano, o qual precisa ser amplamente conhecido na dimensão objetiva e subjetiva para o desenvolvimento de uma adoração mais profunda publicamente e na vida diária. No quesito subjetivo, trabalhamos o limite canônico, mostrando a suficiência de Cristo para a adoração cristã, numa dinâmica onde o povo de Deus é servido no culto com o mais puro alimento para o mais profundo deleite. Nele o povo de Deus é santificado pela Palavra, sofrendo por sua obra de pregação, mas dramaticamente sendo nutrido por sua voz, ação e interação viva.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO Santo, Bispo de Hipona. **Sobre o Sermão da Montanha**. São Paulo: Filocalia, 2016.

ALISSON, Gregg R. **Teologia e Prática da Igreja Católica Romana**: uma avaliação evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2018.

ALLMEN, Jean-Jacques von. **O culto cristão**: teologia e prática. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2006.

ANDERSON, Kenton C. **Preaching with Conviction. Connecting with Postmodern Listeners**. Grand Rapids, MI, USA: Kregel Publications, 2001.

ANGLADA, Paulo. **Introdução à Hermenêutica Reformada**. correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos. Ananindeua: Knox Publicações, 2006.

ANGLADA, Paulo. **Introdução à Pregação Reformada**: uma investigação histórica sobre o modelo bíblico-reformado de pregação. Ananindeua, PA: Knox, 2005.

ANGUS, Joseph. **História, doutrina e interpretação da Bíblia**. São Paulo: Hagnos, 2004.

AQUINO, João Paulo Thomaz. **Pregue para a Glória de Deus**. Eusébio: Peregrino, 2019.

ARMSTRONG, John. **O Mistério Católico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

ASCOL, Bill. **A Biographical Sketch of John A. Broadus**. 1989 Southern Baptist Founders Conference, 2003.

ASCOL, Thomas K. (Ed.). **Reclaiming the Gospel and Reforming Churches**: The Southern Baptist Founders Conference 1982-2002. Cape Coral: Founders Press, 2003.

ASCOL, Thomas K. **From the Protestant Reformation to the Southern Baptist Convention**. What Hath Geneva To Do With Nashville? Revised edition. Cape Coral: Founders Press, 2013.

ASCOL, Thomas K. Redenção Definitiva. *In*: PARSONS, Burk (Ed.). **João Calvino**: Amor à Devoção, Doutrina e Glória de Deus. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010.

ASCOL, Thomas K. **Traditional Theology and the SBC**: An Interaction with and Response to the Traditional Statement of God's Plan of Salvation. Cape Coral: Founders Press, 2018.

- AWBREY, Bem. **How Effective Sermons Begin**. USA: Mentor Imprint, 2008.
- AZURDIA III, Arturo G. **Spirit Empowered Preaching**. California, USA: Mentor, 1998.
- BAINTON, Roland H. **Cativo à Palavra: a Vida de Martinho Lutero**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2017.
- BAIRD, Charles. **A Liturgia Reformada**. São Paulo: Socep, 2001.
- BAKER, Mary P. **Participation in Christ and eucharistic formation: John Calvin and the Theodrama of the Lord's Supper**. Bletchley: Paternoster, 2015 (Edição do Kindle).
- BALTHASAR, Hans Urs von. **A verdade é sinfônica: aspectos do pluralismo cristão**. São Paulo: Paulus, 2018.
- BALTHASAR, Hans Urs von. **Epilogue**. San Francisco: Ignatius Press, 2004. (Edição do Kindle).
- BALTHASAR, Hans Urs von. **Quem é Cristão**. São Paulo: Cristã Novo Século, 2004.
- BALTHASAR, Hans Urs von. **Theo-Drama: Theological Dramatic Theory. Prolegomena**. San Francisco. Ignatius. 1988. v. 1. (Edição do Kindle).
- BARTH, Karl. **A Carta aos Romanos**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015.
- BARTH, Karl. **Homilectis**. EUA: Ergodebooks, 1991.
- BARTHOLOMEW, Craig G; GOHEEN, Michael W. **O Drama das Escrituras: encontrando nosso lugar na história bíblica**. São Paulo. Vida Nova, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. São Paulo: Zahar, 1998.
- BAVINCK, Herman. Prolegômena. BOLT, J. (Org.). **Dogmática Reformada**. Trad. Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. v. 1.
- BAVINCK, Herman. O Pecado e a Salvação em Cristo. BOLT, J. (Org.). **Dogmática Reformada**: Trad. Vagner Barbosa. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012. v. 3.
- BEEKE, Joel. **Espiritualidade Reformada: uma teologia prática para a devoção a Deus**. São José dos Campos: Fiel, 2014.
- BEEKE, Joel. **Pregação Reformada: Proclamando a Palavra de Deus do Coração do Pregador para o Coração do Povo de Deus**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2019. (Edição do Kindle).
- BEEKE, Joel. **A Família na Igreja**. Trad. Gumercinda Oliveira. Eusébio, Ceará: Editora Os Puritanos/Clire, 2012. (Edição do Kindle).

BEEKE, Joel; JONES, Mark. **Teologia Puritana: Doutrina para a Vida**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BEGG, Alister. **Pregando para a Glória de Deus**. São José dos Campos: Fiel, 2014.

BERTHOLD, Jean-Marc. **Viret Pierre: O Gigante Esquecido da Reforma**. Brasília: Monergismo, 2017.

BERTHOLD, Jean-Marc. **O Combate Central da Reforma: A Fé Confessante**. Brasília: Monergismo, 2017.

BÍBLIA de Estudo de Genebra. 2. ed. Revista e atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BÍBLIA King James Atualizada (KJA). Trad. e revisão a cargo do Comitê Internacional de tradução da Bíblia King James para a língua portuguesa, sob a direção da Sociedade Bíblica Ibero-americana e Abbas Press no Brasil. São Paulo: Abba Press, 2012.

BLAIKIE, William G. **The Preachers of Scotland. From the Sixth to the Nineteenth Century**. Carlisle, USA: The Banner of Truth Trust, 1888.

BLOCHER, Henri. Neocalvinismo. *In*: GISEL, Pierre (Org.). **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016.

BLOMBERG, Craig. **Pregando as Parábolas: da interpretação responsável à aplicação poderosa**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BOBSIN Oneide. O subterrâneo religioso da vida eclesial: um tema gerador. *In*: TEIXEIRA, Hélio Aparecido; REBLIN, Iuri Andreas; DE LA PAZ, Nivia Ivete Núñez (Orgs.). **Subterrâneo Religioso: reflexões a partir do pensamento de Oneide Bobsin**. São Leopoldo: EST, Editora Kaywa, 2016.

BRAY, Gerald. **História da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

BRIDEL, Claude; GABNEBIN, Laurent. Pregação no Protestantismo. *In*: GISEL, Pierre. **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016.

BROADUS, John A. **Sobre a Preparação e a Entrega de Sermões**. São Paulo: Hagnos, 2009.

BROADUS, John A. **Lectures on the History of Preaching**. New York. A. C. Armstrong and Son, 1889.

BROADUS, John A. **Lectures on The History of Preaching**. Titus Books, 2015.

BROOKS, Phillip. **The Joy of Preaching**. London: H. R. Allenson, 1989.

BROWN, John. **Puritan Preaching in England, Annotated**. L. B. Roper, EUA: 2017. (Edição do Kindle).

BURKE, John. **Proibida a entrada de pessoas perfeitas**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2006.

BÜRKI, Bruno. Culto no Contexto Reformado. *In*: LAUBER, Hans-Christoph Schmidt; MEYER-BLANK, Michael; BIERITZ, Karl Heinrich (Eds). **Manual de Ciência Litúrgica**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2011.

BURROUGHS, Jeremiah. **Adoração Evangélica**. São Paulo: Editora Puritanos, 2015.

BUSENITZ, Nathan. **Muito antes de Lutero**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. (Edição do Kindle).

CALVINO, João. **1 Coríntios**. Trad. Valter Graciano Martins. São Bernardo do Campo: Edições Parakletos, 2003. Série Comentários Bíblicos.

CALVINO, João. **2 Coríntios**. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2008. Série Comentários Bíblicos.

CALVINO, João. **A Providência Secreta de Deus**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012.

CALVINO, João. **A Pura Pregação da Palavra de Deus**. São Paulo: Estandarte de Cristo, 2016.

CALVINO, João. **A Verdadeira Vida Cristã**. São Paulo: Novo Século, 2000.

CALVINO, João. **As Cartas de João Calvino**. Celebrando os 500 anos do Nascimento do Reformador de Genebra. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 1.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 2.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 3.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 4.

CALVINO, João. **Comentário de Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses**. São José dos Campos: Editora, 2010.

CALVINO, João. **Epístolas Gerais**. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2015.

CALVINO, João. **Exposição de 1 Coríntios**. São Paulo: Parakletos, 1996.

CALVINO, João. **Exposição de 2 Pedro**. São Paulo: Parakletos, 1999.

CALVINO, João. **Exposição de Efésios**. São Paulo: Parakletos, 1998.

CALVINO, João. **Exposição de Romanos**. São Paulo: Parakletos, 1997.

CALVINO, João. **Exposição de Romanos**. São Paulo: Parakletos, 2001.

CALVINO, João. **Hebreus**. Trad. Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012. Série Comentários Bíblicos. (Edição do Kindle).

CALVINO, João. **Institutas da Religião Cristã**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2018. (Edição do Kindle).

CALVINO, João. **Romanos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. (Série Comentários Bíblicos).

CALVINO, João. **Salmos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. v. 1. (Série Comentários Bíblicos). Edição do Kindle.

CALVINO, João. **Salmos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. v. 2. (Série Comentários Bíblicos). Edição do Kindle.

CALVINO, João. **Salmos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. v. 3. (Série Comentários Bíblicos). Edição do Kindle.

CALVINO, João. **Salmos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. v. 4. (Série Comentários Bíblicos). Edição do Kindle.

CALVINO, João. **Sermões em Efésios**. Brasília: Monergismo, 2009.

CALVINO, João. **Uma Coletânea de Escritos**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2017.

CAPILL, Murray A. **Preaching With Spiritual Vigour. Including Lessons From The Life and Practice of Richard Baxter**. London, UK: Christian Focus Publications Ltd., 2003.

CARD, Michael. **Cristo e a Criatividade**: rabiscando na areia. Viçosa: Ultimato, 2004.

CARRANZA, Brenda. **Catolicismo midiático**. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

CARRICK, John. **The Imperative of Preaching. A Theology of Sacred Rhetoric**. Carlisle, USA: The Banner Of Truth Trust, 2002.

CARROL, B. H. **An Interpretation of the English Bible**. Edited by J. B. Cranfill. James 1st and 2nd Theassalonians 1st and 2nd Corinthians. Lousiana: Lifeway Christian Book Stores.

CARSON, D. A. (Org.). **A verdade**: como comunicar o Evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015.

CARSON, D. A. Adoração por meio da Palavra. *In*: CARSON, D. A.; KELLER, Timothy. **Louvor**: análise teológica e prática. São Paulo: Thomas Nelson, 2017.

CARSON, D. A. **O Deus Amordaçado**: o cristianismo confronta o pluralismo. São Paulo: Shedd, 2013.

CASIMIRO, Arival Dias. Prefácio. *In*: BAIRD, Charles. **A Liturgia Reformada**. São Paulo: Socep, 2001.

CASTAGNO, Adele Monaci. Orígenes. *In*: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Eds.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **Conversas com Lutero**: história e pensamento. Viçosa, MG: Ultimato, 2006.

CHANDLER, Matt; PATTERSON, Josh; GEIGER, Eric. **Criados pela Palavra**: a igreja centrada em Jesus. São Paulo: Vida Nova, 2015.

CHAPELL, Bryan. **Christ Centered Preaching**: redeeming the expository sermon. Second Edition. USA: Baker Academic, 1994.

CHAPELL, Bryan. **Christ-Centered Preaching**: Redeeming the Expository Sermon. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2018. (Edição do Kindle).

CHAPELL, Bryan. **Christ-Centered Worship**. Grand Rapids, EUA: Baker Publishing Group, 2009. (Edição do Kindle).

CHAPELL, Bryan. **Graça Ilimitada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

CHAPELL, Bryan. **O Sermão Cristocêntrico**: modelos para a pregação redentiva. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

CHAPELL, Bryan. **Pregação Cristocêntrica**: restaurando o sermão expositivo. São Paulo, Cultura Cristã, 2007.

CHAPELL, Bryan. Redemptive-Historic View. *In*: GIBSON, Scott M.; KIM, Matthew D. **Homiletics and Hermeneutics. Four Views on Preaching Today**. Grand Rapids, MI, EUA: Baker Academic, 2018. (Edição do Kindle).

CHAPELL, Bryan. **The Hardest Sermons You'll Ever Have to Preach**. Michigan, USA: Zondervan, 2011.

CHAPELL, Bryan. **Using Illustrations to Preach with Power**. Wheaton, Illinois, USA: Crossway Books, 2001.

CHAPELL, Bryan. Visão Histórica Redentiva para a Pregação. *In*: GIBSON, Scott M.; KIM, Matthew D. **Homiletics and Hermeneutics. Four Views on Preaching Today**. Grand Rapids, MI, EUA: Baker Academic, 2018. (Edição do kindle).

CHESTER, Tim; HONEYSETT, Marcus. **Pregação Centrada no Evangelho**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

CLAY, Charles. **Sermões Dramatizados**. São Paulo: Imprensa Metodista de São Paulo, 1972.

CLARK, Gordon H. **Em Defesa da Teologia**. Brasília: Monergismo, 2010.

CLARK, Gordon H. **Uma Visão Cristã dos Homens e do Mundo**. Brasília: Monergismo, 2013.

CLOWNEY, Edmund P. **Preaching and Biblical Theology**. New Jersey: P&R Publishing, 2002.

CLOWNEY, Edmund P. **A Igreja**. Cambuci. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. (Série Teologia Cristã).

CLOWNEY, Edmund P. **Preaching Christ in all Scripture**. Wheaton: Crossway Books, 2003.

CRAIG, Lane William. **A Razão da nossa Fé**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

CUNHA, Guilhermino. **O culto que agrada a Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A Explosão Gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

D'AUBIGNÉ, Jean Henri Merle. **Seja Cristo Engrandecido**: o ensino de Calvino para hoje. São Paulo: PES, 2008.

D'AUBIGNÉ, Jean Henri Merle. **For God and His People**: Ulrich Zwingli and the Swiss Reformation. Greenville, South Carolina: BJU Press, 2000.

DALRYMPLE, Theodore. **Em Defesa do Preconceito**: a necessidade de se ter ideias preconcebidas. São Paulo: É Realizações, 2015.

DARGAN, Edwin Charles. **A History of Preaching**: From the Close of The Reformation Period To The Nineteenth Century, 1572-1900. New York: Hodder and Stoughton New York George H. Doran Company, 1912. v. 2.

DARGAN, Edwin Charles. **A History of Preaching**: From the Apostolic Fathers to the Great Reformers, A.D. 70-1572. England: Forgotten Books, 2015.

DAVIES, Guy A. *Perspectivas Pastorais: O Drama da Pregação.* In: VANHOOZER, Kevin; STRACHAN, Owen. **O Pastor como Teólogo Público:** recuperando uma visão perdida. São Paulo: Vida Nova, 2016.

DAVIES, Oliver. **The Creativity of God:** world, eucharist, reason. London: Cambridge University Press, 2004 (Edição do Kindle).

DAVIS, Clair D. **A Igreja Reformada da Alemanha:** Calvinistas, uma influente minoria. In: REID, 2014.

DAVIS, Dale Ralph. **The Word Became Flesh. How to Preach From Old Testament Narrative Texts.** London, UK: Christian Focus Publications Ltd., 2006.

DELNAY, Robert G. **Fogo no seu Púlpito.** São Paulo: Batista Regular, 2012.

DETTWILER, Peter. Mennonites and Reformed. A Process of Reconciliation. In: BAUMANN, Michael (Ed.). **Reformed and Anabaptist Churches in Dialogue.** Zurich: Theologischer Verlag Zurich, 2007.

DEVER, Mark et al. **A Pregação da Cruz:** Um Chamado à Pregação Expositiva e Centrada no Evangelho como Foco do Ministério Pastoral. São Paulo: Cultura Cristã, 2010; GOLSWORTHY, 2013.

DEVER, Mark. **Comentário Homilético do Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

DEVER, Mark. Aprimorando o Evangelho. In: PIPER, John et al. (Orgs.). **Proclamando uma Teologia Centrada na Cruz.** Niterói: Editora Tempo de Colheita, 2012.

DEVER, Mark; GILBERT, Greg. **Pregue:** Quando a Teologia se Encontra com a Prática. São José dos Campos: Fiel, 2015.

DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da Cultura Ocidental.** São Paulo: Vida Nova, 2015.

DORIANE, Daniel. **Educação na Justiça.** São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

DOUGLAS, Wilson. **A Primer on Worship and Reformation:** Recovering the High Church Puritan. Moscow: Canon Press, 2008. (Edição do Kindle)

EARNGEY, Mark. Soli Deo Gloria: The reformation of Worship. In: GIBSON, Jonathan; EARNGEY, Mark. **Reformation worship:** liturgies from the past for the present. NC: New Growth Press, 2018.

EBY, David. **Power Preaching for Church Growth. The Role of Preaching in Growing Churches.** California, USA: Mentor, 1995.

EDWARDS JR., O. C. **A History of Preaching.** Nashville TN, EUA: Abingdon Press. 2004. v. 1. (Edição do Kindle).

EDWARDS JR., O. C.; SANDERS, James A. History of Hermeneutics. *In*: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995.

EDWARDS, J. Kent. **Deep Preaching. Creating Sermons That Go Beyond the Superficial**. Nashville, Tennessee, USA: B&H Academic, 2009.

EDWARDS, Jonathan. **Caridade e seus Frutos: Um Estudo Sobre o Amor em 1 Coríntios 13**. São José dos Campos: Fiel, 2015.

EGLINTON, James P. **Herman Bavinck on Preaching and Preachers**. Peabody. Hendrickson Publishers, Inc., 2017. (Edição do Kindle).

ERICKSON, Millard. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Subjetividade Contemporânea e a Pesquisa em Teologia. *In*: BOBSIN, Oneide et al. (Orgs.). **Uma religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro**. São Leopoldo: EST; Oikos, 2008.

ESWINE, Zack. **Preaching to a Post Everything Word**. Grand Rapids, EUA: Baker Publishing Group, 2008. (Edição do Kindle)

ESWINE, Zack. **Preaching to Post-Everything Word. Crafting Biblical Sermons that Connect with our Culture**. Grand Rapids, Michigan, EUA: BakerBooks, 2008.

ESWINE, Zack. **Pregando para um Mundo pós-tudo**. Baker Publishing Group. Ano. (Edição do Kindle).

FEE, Gordon. How to read the Bible Book by Book: A Guided Tour. *In*: FEE, Gordon; STUART, Douglas. **How to Read the Bible Book by Book**. Grand Rapids, Michigan, EUA: Zondervan Academic, 2009. (Edição do Kindle).

FERGUNSON, Sinclair. **O Sermão do Monte**. São Paulo: Trinitas, 2019. (Edição do Kindle)

FRAME, John M. **A Doutrina da Palavra de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

FRAME, John M. **Os Filhos Combativos de Machen**. Brasília: Monergismo, 2016. (Edição do Kindle).

FRAME, John M. **Em Espírito e em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

FUDGE, Thomas A. Jan Huss, o pregador. *In*: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Ed.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010.

FUDGE, Thomas A. John Wyclif: Vida e Obra e a Fama de sua Pregação. *In*: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Ed.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010.

FULLER, Charles W. **The Trouble with “Truth through Personality”**: Phillips Brooks, Incarnation, and the Evangelical Boundaries of Preaching. Eugene, Oregon: Wipf & Stock, an Imprint of Wipf and Stock Publishers, 2010. (Edição do Kindle).

GALLI, Mark; LARSON, Craig Brian. **Preaching that connects. Using Journalistic Techniques to Add Impact**. Grand Rapids, Michigan, USA: 1994.

GENRE, Ermanno. Púlpito: Na Liturgia dos Reformadores. *In*: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Eds.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010.

GEORGE, Timothy. **Lendo as Escrituras com os Reformadores**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GERSTNER, Jonathan. Legalismo e Antinomianismo: Duas Rotas Mortais fora do Caminho Estreito. *In*: KISTLER, Don. **Crer e Observar**: O Cristão e a Obediência. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

GIARDELI, Gil. **Você é o que você Compartilha**. São Paulo: Gente, 2012.

GIBSON, Jonathan. The Reformation of Worship. *In*: GIBSON, Jonathan; EARNGEY, Mark. **Reformation worship**: Liturgies From The Past for the Present. NC: New Growth Press, 2018.

GIBSON, Jonathan. Worship on Earth as it in Heaven. *In*: GIBSON, Jonathan; EARNGEY, Mark. **Reformation worship**: liturgies from the past for the present. NC: New Growth Press, 2018.

GIBSON, Scott M. Homiletics and Hermeneutics. *In*: GIBSON, Scott M.; KIM, Matthew D. (Eds.). **Homiletics and Hermeneutics**. Four Views on Preaching Today. Grand Rapids, MI, EUA: Baker Academic, 2018. (Edição do Kindle).

GIBSON, Scott M.; KIM, Matthew D. (Eds.). **Homiletics and Hermeneutics**. Four Views on Preaching Today. Grand Rapids, MI, EUA: Baker Academic, 2018. (Edição do Kindle).

GOHEEN, Michael W; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à Cosmvisão Cristã**: Vivendo na Intersecção entre a Visão Bíblica e a Contemporânea. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GOLDSWORTHY, Graeme. **Introdução à Teologia Bíblica**: o Desenvolvimento do Evangelho em toda a Escritura. São Paulo: Vida Nova, 2018. (Edição do Kindle).

GOLDSWORTHY, Graeme. **Pregando toda a Bíblia como Escritura Cristã**. São José dos Campos: Fiel, 2013.

GONZÁLES, Justo L. **Introdução à Teologia Cristã**. São Paulo: Hagnos, 2008.

GONZÁLES, Justo L.; ORLANDI, C. C. *In*: MARTINEZ, J. C. (Orgs.). **História do Movimento Missionário**. Trad. S. P. Brito. São Paulo: Hagnos, 2010.

GONZÁLES, Justo L. Título. *In*: MARTINEZ, J. C. (Org.). **Breve Dicionário de Teologia**. Trad. S. P. Brito. São Paulo: Hagnos, 2009.

GORDON, David T. **Why Johnny Can't Preach? The Media Have Shaped the Messengers**. New Jersey, USA: P&R Publishing, 2009.

GREIDANUS, Sidney. **O Pregador Contemporâneo e o Texto Antigo**: interpretando e pregando literatura bíblica. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

GREIDANUS, Sidney. **Preaching Christ from Daniel**: Foundations for Expository Eermons. Cambridge, USA: William B. Eerdmans Publishing Company, 2012.

GREIDANUS, Sidney. **Preaching Christ from Ecclesiastes**: foundations for expository sermons. Cambridge, USA: William B. Eerdmans Publishing Company, 2010.

GRENZ, Stanley J. **Pós-Modernismo**: um guia para entender a filosofia de nosso tempo. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GRIFFITHS, Jonathan. **Preaching in the New Testament**: an Exegetical and Biblical-Theological Study (New Studies in Biblical Theology). Illinois: Apollos Intervarsity Press, 2017. (Edição do Kindle).

HACK, Oswaldo Henrique. **Sementes do Calvinismo no Brasil Colonial**: uma releitura da história do cristianismo brasileiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

HAHN, Carl Joseph. **História do Culto Protestante**. São Paulo: Aste, 2011.

HALL, David W. **A Herança de João Calvino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. (Edição do Kindle).

HALSEMA, Thea B. Van. **João Calvino era assim**: a vibrante história de um dos grandes líderes da Reforma. São Paulo: Os Puritanos, 2009.

HAYKIN, Michael A. G.; DUKE, Roger D.; FULLER, A. James. **Soldiers of Christ**. Selections from the Writings of Basil Manly., and Basil Manly Jr. Cape Coral: Founders Press, 2009.

HELM, David. **Pregação Expositiva**: proclamando a Palavra de Deus hoje. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

HENDRIKSEN, W. **Mateus**. 2. ed. Trad. V. G. Martins. Cambuci; São Paulo: Cultura Cristã, 2010. v. 1.

HENRY, Carl. **Deus, Revelação e Autoridade**: o Deus que fala e age. São Paulo: Hagnos, 2016.

HERMISTEN Maia. Disponível em: <https://www.hermisten.com.br>. Acesso em: 07 dez. 2019.

HINKISON, Jon; GANSSLE, Greg. Epistemologia no coração do pós-modernismo: Rorty, Foucault e o Evangelho. *In*: CARSON, D.A (Org.). **A Verdade**: como comunicar o Evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015.

HODGE, C. **Teologia Sistemática**. Trad. V. Martins. São Paulo: Hagnos, 2001.

HOJE, Cristianismo. Revista cristã. Entrevista concedida por Nascimento Cunha: São Paulo, 2012.

HORTON, Michael. **A Better Way**: rediscovering the drama of God-centered worship. Grand Rapids: Baker, 2002. (Edição do Kindle).

HORTON, Michael. **Doutrinas da Fé Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

HOUSTON, James M. Visando a uma espiritualidade bíblica. *In*: DYCK, Elmer. **Hermenêutica**: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

HUGHES, Jack. **Expository Preaching with Word Pictures. With illustrations from the sermons of Thomas Watson**. Great Britain: Christian Focus Publications, 2001.

HUGHES, Oliphant Old. **The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church**. v. 1: The Biblical Period. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. (Edição do Kindle).

HUGHES, Oliphant Old. **Worship, Preaching, & The Ministry of Prayer**. Califórnia, EUA: Worship Leader Magazine, 2012. (Edição do Kindle).

HURTADO, Larry W. **As Origens da Adoração Cristã**: o caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva. São Paulo: Vida Nova, 2011.

JENSEN, P. **A Revelação de Deus**. Cambuci: Cultura Cristã, 2006.

JOHNSON, Dennis E. **Heralds of the King. Christ-Centered Sermons in the tradition of Edmund P. Clowney**. Wheaton, Illinois, USA: Crossway Books, 2009.

JOHNSON, Dennis E. **Him We Proclaim. Preaching Christ From All The Scriptures**. New Jersey, USA. Publishing, 2007.

JOHNSON, Terry L. **Adoração Reformada**: adoração segundo as Escrituras. Brasília: Monergismo, 2014.

JOHNSTON, Graham. **Preaching to a Postmodern World. A guide to reaching twenty-first century Listeners**. Grand Rapids, Michigan, USA: Bakerbooks, 2001.

KAISER, Walter C. et al. Four Views on Moving Beyond the Bible to Theology. **Homiletix**. Disponível em: <https://homiletix.com/preaching-resources/reviews/four-views-on-moving-beyond-the-bible-to-theology-by-walter-c-kaiser-daniel-m-doriani-kevin-j-vanhoozer-and-william-j-webb-zondervan-2009/>. Acesso em: 6 out. 2019.

KAISER JR., Walter C. **Preaching and Teaching from the Old Testament. A Guide for the Church**. Michigan, USA: Baker Academic, 2004.

KAISER JR., Walter C. et al. J. **Four Views on Moving Beyond the Bible to Theology** (Counterpoints: Bible and Theology). Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academic, 2009, Edição do Kindle .

KAISER JR., Walter C. **What does the Lord Require? A Guide for Preaching and Teaching Biblical Ethics**. Michigan, USA: Baker Academic, 2009.

KAISER JR., Walter C. Assim como a corça suspira pelas correntes de água: o uso devocional da Bíblia. *In*: SANTOS, P. C. N. **Introdução à Hermenêutica Bíblica: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época**. 3. ed. Trad. T. J. F. Carvalho e S. Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

KEENER, Craig. **A Hermenêutica do Espírito**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KELLER, Timothy. **A Fé na Era do Ceticismo: como a razão explica Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KELLER, Timothy. **Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KIM, Julius J. Trabalhando e Adorando no Teatro de Deus: Calvino, o homem, e por que eu me importo. *In*: PIPER, John; MATIAS, David. **Com Calvino no Teatro de Deus. A Glória de Cristo e a Vida Diária**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011.

KIMBLE, J. Pregação na Vida da Igreja. *In*: ELLIS, B.; WARD, M.; PARKS, J. (Orgs.). **Sumário de Teologia Lexham**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2018.

KIRST, Nelson. **Rudimentos de Homilética**. 6. ed. revisada. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

KNOX, John. **The Integrity of Preaching**. New York: Abingdon Press, 1957.

KNOX, John. **The Great Orators of the Reformation Era**. Dallas: GideonHouse Books, 2016. (Edição do kindle).

KURUVILLA, Abraham. **O Texto Primeiro: uma hermenêutica teológica para a pregação**. São Paulo. Cultura Cristã, 2017.

KUYPER, Abraham. **A Obra do Espírito Santo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

KYNES, Bill. Pregando a Doutrina do Evangelho como Verdade, Bondade e Beleza. *In: VANHOOZER, Kevin; STRACHAN, Owen. O pastor como teólogo público: recuperando uma visão perdida.* São Paulo: Vida Nova, 2016.

LACHLER, Karl. **Prega a Palavra:** passos para a exposição bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1990; ANGLADA, 2005.

LANE, Denis. **Pregar a Palavra.** Durham, England: Peregrino, 1991.

LARSEN, David L. **Anatomia da pregação:** identificando os aspectos relevantes para a pregação de hoje. São Paulo: Vida Acadêmica, 2005.

LASH, Nicholas. **Believing three ways in one God:** a reading of the Apostle's Creed. Indiana: University of Notre Dame Press, 1993. (Edição do Kindle).

LASH, Nicholas. **His Presence in the Word:** a study of eucharistic worship and theology. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2005.

LAWSON, Steven J. **Pilares da Graça (AD 100–1564).** Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: FIEL, 2013. v. 2.

LAWSON, Steven J. **A arte expositiva de João Calvino.** São José dos Campos: Fiel, 2008.

LAWSON, Steven J. **Fundamentos da Graça (1400 a.C–100 d.C).** Trad. O. Olivetti. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012. v. 1. (Série Longa Linha de Vultos Piedosos)

LAWSON, Steven J. **A pregação Apaixonada de Martin Lloyd-Jones.** São José dos Campos: Fiel, 2016.

LEE, Ahmi. **Preaching God's Grand Drama.** Grand Rapids. Baker, 2019. (Edição do Kindle).

LEEMAN, Jonathan. **A Igreja Centrada na Palavra.** São Paulo: Vida Nova, 2019.

LETHAM, R. **A Obra de Cristo.** Trad. V. da S. Santos. Cambuci: Cultura Cristã, 2003.

LEWIS, Ralph; LEWIS, Gregg. **Pregação Indutiva:** como pregar de modo que as pessoas ouçam. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LINDBECK, George A. **The nature of doctrine:** religion and theology in a postliberal age. Louisville: Presbyterian Publishing Corporation, 2009. (Edição do Kindle).

LINNEMANN, Eta. **A Crítica Bíblica em Julgamento:** até que ponto a “Teologia Científica” é mesmo Científica? São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

LINNEMANN, Eta. **Crítica Histórica da Bíblia.** São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

LLOYD-JONES, Martyn. **Estudos no Sermão do Monte**. São Paulo: Fiel, 1982.

LLOYD-JONES, Martyn. **Os Puritanos**: suas origens e seus sucessores. São Paulo: PES, 1993.

LONG, Thomas G. **Preaching and the Literary Forms of the Bible**. Philadelphia, USA: Fortress Press, 1989.

LONG, Thomas G. **Pregação**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LOPES, Augustus Nicodemos. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2010.

LORD, John. A Brief Biography of John Calvin. A. J. Cornell Publications, ano. (Edição do Kindle).

LOWRY, Eugene L. **The Homiletical Plot. The Sermon as Narrative Art Form**. Atlanta. John Knox Press, 1980.

LUND, E.; NELSON, P. C. **Hermenêutica**: Princípios de Interpretação das Sagradas Escrituras. São Paulo: Vida Acadêmica, 2006.

LUTERO, Martinho. **As 95 Teses e a Essência da Igreja**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2017.

LUTERO, Martinho. **Conversas à Mesa**. Brasília: Monergismo, 2017.

LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**: Os Primórdios. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, Canoas: Ulbra, 2004. v. 1.

MACARTHUR, John. **A Verdade Permanece**: comemorando quarenta anos de exposição da verdade de Deus. São José dos Campos: Fiel, 2012.

MACARTHUR, John. **O Evangelho Segundo os Apóstolos**: o papel da fé e das obras na vida cristã. Trad. A. P. Eusébio Pereira. São José dos Campos: Editora Fiel, 2011.

MACARTNEY, Clarence E. (Ed.). **Grandes Sermões do Mundo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

MACLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensão do Homem**. São Paulo: Cultrix, 2005.

MACHON, Henryk. **O Cristianismo em C. G. Jung**. Fundamentos Filosóficos, premissas Psicológicas e Consequências para a Prática Terapêutica. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

MAIA, Hermisten. **O Homem no Teatro de Deus**: providência, Tempo, história e circunstância. Eusébio: Peregrino, 2019.

MANATSCH, Scott M. **The Reformation and the Irrepressible Word of God**. interpretation, theology and practice. Illinois: InterVarsity Press, 2017. (Edição do Kindle).

MANATSCH, Scott M. I Have The Word of God. Scripture, Interpretation and Crespin's History of The Martyrs. *In*: MANETSCH, Scott. **The Reformation and The Irrepressible Word of God**. Illinois: IVP Academic, ano.

MANSER, M. G. Título. *In*: PEREIRA, D. et al. (Orgs.). **Guia Cristão de Leitura da Bíblia**. Trad. L. Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

MARCEL, Pierre Ch. **The Relevance of Preaching**. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1963.

MARINHO, Robson M. **A Arte de Pregar**: como alcançar o ouvinte pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2008; MORAES, 2013.

MARSDEN, George M. Título. *In*: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995.

MARTINS, Valter Graciano. **João Calvino no Brasil ou Caminhos da Providência**. Brasília: Monergismo, 2019.

MCCLURE, John. Expository Preaching. *In*: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995.

MCGRATH, Alister E. **A Revolução Protestante**. Brasília: Palavra, 2012.

MCGRATH, Alister E. **A Vida de João Calvino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MCGRATH, Alister E. **O Pensamento da Reforma**: ideias que influenciaram o mundo e continuam a moldar a sociedade. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

MCGRATH, Alister E. **As Origens Intelectuais da Reforma**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MCGRATH, Alister E. **A Gênese da Doutrina**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MCKEE, Else Anne. Heinrich Bullinger. *In*: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995.

MELANCHTHON. Filipe. **Loci Theologici**: Tópicos Teológico de 1521. São Leopoldo: Sinodal, 2018.

MERIDA, Tony. **Faithful Preaching. Declaring Scripture with Responsibility, Passion, and Authenticity.** Nashville, Tennessee, USA: B&H Academic, 2009.

MERKH, David. **Comentário Bíblico: Lar, Família e Casamento.** São Paulo: Hagnos, 2019.

MERRILL, E. H. *In:* VAN GEMEREN, W. A. (Org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

MEUNIER, Jean-Pierre; PERAYA, Daniel. **Introdução às Teorias da Comunicação.** Petrópolis: Vozes, 2008.

MEYER, Jason C. **A Biblical Theological of Preaching.** Crossway, Wheaton, Illinois, EUA, 2013. (Edição do Kindle).

MEYER, Jason C. **Teologia Bíblica da Pregação.** São Paulo: Vida Nova, 2019.

MICHELÉN, Sugel. **Da Parte de Deus e na Presença de Deus: um guia para a pregação expositiva.** São José dos Campos: Fiel, 2018.

MOHLER JR, R. Albert. Estudando as Escrituras para Encontrar Jesus. *In:* CARSON, D. A (Org.). **As Escrituras dão testemunho de mim.** Jesus e o Evangelho no Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MOHLER JR, R. Albert. **Palavras do Fogo.** Como Ouvir a Voz de Deus nos Dez Mandamentos. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

MOHLER JR, R. Albert. **Deus não está Silêncio: Pregando em um Mundo Pós-Moderno.** São José dos Campos: Fiel, 2011.

MOHLER JR, R. Albert; BOICE, James. **Apascenta meu Rebanho.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009; PARKER, 2016.

MOODY, Josh; WEEKES, Robin. **Burnig Hearts. Preaching to the Affections.** Christian Focus Publications. London UK, 2001.

MORAES, Jilton. **Homilética: Da Pesquisa ao Púlpito.** São Paulo: Vida, 2005.

MORAES, Jilton. **Homilética: Do Ouvinte à Prática.** São Paulo: Vida, 2013.

MORAES, Jilton. **Homilética: Do Púlpito ao Ouvinte.** São Paulo: Vida, 2008.

MURRAY, Iain. **John MacArthur: Servo da Palavra e do Rebanho.** São Paulo: PES, 2012.

NAUGLE, David K. **Cosmovisão: A História de um Conceito.** Brasília: Monergismo, 2017.

NETTLES, Thomas J. **By His Grace And For His Glory**. A Historical, Theological and Practical Study of the Doctrine of Grace in Baptist Life. Cape Coral, Florida: Founders Press, 2006.

NETTLES, Tom J. **A Foundation For The Future**. The Southern Baptist Message and Mission. Cape Coral: Founders Press, 1997.

NETTLES, Tom J. **By His Grace and for his Glory**: A Historical, Theological and Practical Study Of the Doctrines of Grace in Baptist Life. Cape Coral: Founders Press, 2006.

NETTLES, Tom J. **James Petigru Boyce**: A Southern Baptist Statesman. New Jersey: P&R Publishing, 2009.

NETTLES, Tom J. **Stray Recollection, Short Articles and Public Oration of James Boyce**. Cape Coral: Founders Press, 2009.

NEVES, I.; MCGEE, J. V. Comentário Bíblico de Mateus. *In*: FREITAS, W. (Org.). **Através da Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012.

NEVES, I.; MCGEE, J. V. Comentário Bíblico de Lucas. *In*: FREITAS, W. (Org.). **Através da Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012.

NEWBIGIN, Lesslie. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**. Viçosa: Ultimato, 2016.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

OLIVAR, Alexandre. Pregação: Na Igreja Antiga. *In*: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Eds.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010.

OLYOTT, Stuart. **Ministering like the Master. Three Messages for Today's Preachers**. Carlisle, USA: The Banner Of Truth Trust, 2003.

ORÍGENES. **Homilias sobre o Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulus, 2016.

ORÍGENES. **Patrística**: contra Celso. São Paulo: Paulus, 2004.

OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

OVERDORF, Daniel. **Applying the Sermon. How to Balance Biblical Integrity and Cultural Relevance**. Wheton, Illinois, USA: Tyndale House Publishers, 2004.

OVERDORF, Daniel. **One Year to Better Preaching. 52 Exercices To Your Skills**. Grand Rapids, MI, USA: Kregel Ministry, 2013.

OWEN, John. **Comunhão com o Deus Trino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

PACKER, J. I. **Religião Vida Mansa**: a teologia do prazer e o desafio para o crente num mundo materialista. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

PARKER, T. H. L. **Os Oráculos de Deus**: uma introdução à Pregação de João Calvino. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

PELIKAN, Jaroslav. **A Tradição Cristã**: a Reforma da Igreja e o Dogma 1300-1700. São Paulo: Shedd Publicações, 2016. v. 4.

PERKINS, William. **A Arte da Profetizar**. Brasília: Monergismo, 2018.

PERKINS, William. **A Arte de Profetizar**. Trad. do original em inglês "The Art of Prophecy". 1ª ed. em latim – 1592. 1ª ed. em inglês – 1606. 1ª ed. rev. por Banner os Truth – 1996. reimpressão, 2011.

PERKINS, William. **The Art of Prophesying and the Calling of the Ministry**. USA: The Banner of Truth Trust, 1996.

PERRY, Lloyd Merle. **Pregando sobre os problemas da vida**. Rio de Janeiro: Juerp, 1989.

PETERSON, David. **Teologia Bíblica da Adoração**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2009. (Edição do Kindle)

PHELPS, Austin. **Theory of Preaching. Lectures on Homilectics**. New York. Charles Scribner's Son, 1881.

PINSON, J. Mattew et al. **Perspectives on Christian Worship**. Nashville, Tennessee, EUA: B&H Publishing Group, 2009, Edição do Kindle .

PINTO, C. O. C. **Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Hagnos, 2014.

PIPER, John. **A Supremacia da Pregação**: teologia, estratégia e espiritualidade do ministério de púlpito. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

PIPER, John. **Exultação Expositiva**: A Pregação Cristã como Adoração. São José dos Campos: Fiel, 2019.

PIPER, John. **O Legado da Alegria Soberana**: A Graça Triunfante de Deus na Vida de Agostinho, Lutero e Calvino. São Paulo: Shedd, 2005.

PIPER, John; TAYLOR, Justin. **O Sofrimento e a Soberania de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

PIPER, John; TAYLOR, Justin. **Palavras**: O Poder da Comunicação na Pregação do Evangelho. São Paulo: Editora Hagnos, 2012.

PLANTINGA, Alvin. **Crença Cristã Avalizada**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

PORTER, Stanley E.; STOVELL, Beth M. (Eds.). **Biblical Hermeneutics: Five Views**. InterVarsity, 2012.

POYTHRESS, Vern S. **Redimindo a Filosofia: Uma Abordagem Teocêntrica às Grandes Questões**. Brasília: Monergismo, 2019.

PRATT JR., Richard L. **Ele nos deu Histórias: Um Guia Completo para a Interpretação de Histórias do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

PRESLEY, S. A Unidade da Igreja. *In*: ELLIS, B.; WARD, M.; PARKS, J. (Orgs.). **Sumário de Teologia Lexham**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2018.

QUIKE, Michael. A História da Pregação: Uma Avaliação da Pregação Atual à luz da História. *In*: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Orgs.). **A arte e o ofício da pregação bíblica: um manual abrangente para comunicadores da atualidade**. São Paulo: Shedd, 2009.

RAMM, Bernard. **Dicionário de Teologia Contemporânea**. Casa Bautista de Publicaciones, 1969.

READ, David H. C. John Knox. *In*: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995.

REEVES, Michael. **A Chama Inextinguível: Descobrimo o cerne da Reforma**. Brasília: Monergismo, 2016. (Edição do Kindle)

REEVES, Michael; CHESTER, Tim. **Por que a Reforma ainda é Importante?** São José dos Campos, 2017.

REID, Stanford. **Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

REID, W.S. Calvinismo na História. *In*: ELWELL, Walter A. (Org.). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

REIFLER, Han Ulrich. **Pregação ao alcance de todos**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

REISINGER, Ernest C.; ALLEN, D. Matthew. **Worship**. The Regulative Principle and the Biblical Practice of Accommodation. Cape Coral: Founders Press, 2001.

REISINGER, Ernest C.; ALLEN, D. Matthew. **Beyond Fivepoints**. Cape Coral: Founders Press, 2002.

RIEFF, Philip. **O Triunfo da Terapêutica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ROBINSON, Haddon W. **Pregação Bíblica: O Desenvolvimento da Entrega de Sermões Expositivos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.

ROBINSON, Haddon W. Pregação Expositiva em Forma de Drama. *In*: ROBINSON, Haddon W. (Org.). **A Arte e Ofício da Pregação Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

ROSE, Michel. Homilética. *In*: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph. **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998.

RUSHDOONY John. **Rejeição à Humanidade**. Brasília: Monergismo, 2019.

RYKEN, Leland. **Santos no Mundo**: Os Puritanos como Realmente Eram. São José dos Campos: Fiel, 2013.

RYKEN, Leland; WILSON, Todd. **Preach The Word. Essays on Expository Preaching In Honer of R. Kent Hughes**. Wheaton, Illinois, USA: Crossway Books, 2007.

RYKEN, Philip Graham. **O que é Cosmovisão Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. (Série Fé Reformada).

RYKEN, Philip Graham. Preaching That Reforms. *In*: RYKEN, Leland; WILSON, Todd. **Preach the Word**. Essays on Expository Preaching in Honor of R. Kent Hughes, 2007.

SCHAEFFER, Francis. **A Morte da Razão**. São Paulo: ABU; Viçosa: Ultimato, 2014.

SCHALK, Carl F. **Lutero e a Música**: paradíguas de louvor. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

SCHEIBLE, Heinz. **Melanchthon**: uma biografia. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2013.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. **Hermenêutica**: arte e Técnica da Interpretação. São Paulo: Vozes, 2015.

SHEDD PUBLICAÇÕES. Russell Shedd. Disponível em: https://sheddpublicacoes.com.br/4_russell-shedd. Acesso em: 7 dez. 2019.

SHEDD, Russell Philip. **Bíblia Shedd**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida Nova. 1938.

SHEDD, Russell. **Palavra Viva**: extraíndo e expondo a mensagem. São Paulo: Vida Nova, 2000.

SHEDD, W.G.T. **Homiletics and Pastoral Theology**. Birmingham, Alabama, USA: Solid Ground Christian Books, 2003.

SILVA, Moisés. Visões contemporâneas da interpretação Bíblica. *In*: SANTOS, P. C. N. dos. **Introdução à Hermenêutica Bíblica**: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época. 3. ed. Trad. T. J. F. de Carvalho e S. Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

SIMEON TRUST. A história expositiva de Charles Simeon: workshops. Disponível em: <https://simeontrust.org>. 20 jul. 2018.

SMITH, Christian; DENTON, Melinda Lundquist. **Soul searching**: the religious and spiritual lives of american teenagers. New York: Oxford University Press, 2005.

SMITH, James K. A. **Desejando o Reino**: culto, cosmovisão e formação cultural. São Paulo: Editora Vida Nova, 2018.

SMITH, James K. **Imaginando o Reino**: a dinâmica do culto. São Paulo: Editora Vida Nova, 2019. v. 2. (Trilogia Liturgias culturais).

SMITHER, E. Adoração na Vida da Igreja. *In*: ELLIS, B.; WARD, M.; PARKS, J. (Orgs.). **Sumário de Teologia Lexham**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2018.

SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Eds.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

SPROUL, R. C. O pregador mestre. *In*: MOHLER, Albert et al. **Título da obra**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

SPROUL, R. C.; NICHOLS, Stephen J. **O legado de Lutero**. São José dos Campos: Fiel, 2017.

SPURGEON, Charles Haddon. **Lições aos Alunos**: homilética e teologia pastoral. São Paulo: Editora PES, 2002.

SPURGEON, Charles Haddon. **Lições aos meus Alunos**: homilética e teologia pastoral. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 1990.

SPURGEON, Charles Haddon. **Lições aos meus Alunos**. Homilética e Teologia Pastoral. São Paulo: PES, 1982. v. 2.

SPURGEON, Charles Haddon. **Preparado para o Combate da Fé. As Armas do Ministério**: a Igreja, a Palavra e o Espírito Santo. São Paulo: Shedd, 2005.

STEPHENS, Prescot. **The Waldeniam Story. A Study in Faith, Intolerance and Survival**. Torino: Claudiana, 2015.

STOTT, John. **Between Two Words. The Challenge of Preaching Today**. Michigan, Cambridge, USA: Co., 1992.

STOTT, John. **Between two Words. The Challenge of Preaching Today**. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1994.

STOTT, John. **Cristianismo Básico**. Viçosa: Ultimato, 2008.

STOTT, John. **Eu Creio na Pregação**. São Paulo: Editora Vida, 2003.

STOTT, John. **O Perfil do Pregador**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

STOUT, Harry S. Pregação Puritana. *In*: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995.

STRACHAN, Owen. Profetas, Sacerdotes e Reis. Uma breve teologia bíblica do ministério pastoral. *In*: VANHOOZER; STRACHAN, Owen. **O Pastor como Teólogo Público**: recuperando uma visão perdida. São Paulo: Vida Nova, 2016.

STRONG, A. H. **Teologia Sistemática**. Trad. A. Victorino. ed. rev. e ampl. São Paulo: Hagnos, 2018. v. 1 e 2.

SUNUKJIAN, Donald R. **Invitation to Biblical Preaching. Proclaiming Truth with Clarity and Relevance**. Grand Rapids, MI, USA: Kregel Academic and Professional, 2007.

SWEET, Leonard., et al. **A Igreja na Cultura Emergente**. Cinco Pontos de Vista. São Paulo, SP: Editora Vida, 2009.

THOMAS, Derek W. H. Quem era João Calvino. *In*: PARSONS, Burk. **João Calvino**: amor à devoção, doutrina e glória de Deus. São José dos Campos: Fiel: 2010.

TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: Aste, 2000.

TRIGG, Joseph W. Origen. *In*: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995.

TURRETINI, F. Compêndio de Teologia Apologética. *In*: OLIVETTI O.; CERON, D.; ARANTES P. (Orgs.). Título da obra. Cambuci; São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010. v. 1.

UNISINOS, Instituto Humanitas. **Entrevista concedida por Magali do Nascimento Cunha**: São Leopoldo, 2007.

VANHOOZER, Kevin J. **Hearers and Doers: A Pastors Guide to Making Disciples Through Scripture and Doctrine**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2019. (Edição do Kindle)

VANHOOZER, Kevin J. **Remythologizing Theology** (Cambridge Studies in Christian Doctrine). Cambridge University Press. 2010. (Edição do Kindle).

VANHOOZER, Kevin J; STRACHAN, E. Owen. **O Pastor como Teólogo Público**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

VANHOOZER, Kevin J. **A Trindade, as Escrituras e a Função do Teólogo**: contribuições para uma Teologia Evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2016b.

VANHOOZER, Kevin J. **Autoridade Bíblica Pós-Reforma**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

VANHOOZER, Kevin J. **Encenando o Drama da Doutrina. Teologia a Serviço da Igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2016b.

VANHOOZER, Kevin J. **Há um significado Neste Texto? Interpretação Bíblica: os enfoques contemporâneos**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2005.

VANHOOZER, Kevin J. Drama-of-Redemption Model Always Performing? *In*: MEADORS, Gary T. (general editor). **Four Views on Moving Beyond the Bible to Theology**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academic, Edição do Kindle, 2009.

VANHOOZER, Kevin J. **O Drama da Doutrina: uma abordagem canônico-linguística da teologia cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2016a.

VANHOOZER, Kevin J. **Quadros de uma Exposição Teológica**. Brasília: Monergismo, 2018.

VANHOOZER, Kevin J. **Teologia Primeira**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016c.

VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

VEITH JR., Gene Edward. **O Fascismo Moderno: a cosmovisão judeu-cristã ameaçada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

VIDA NOVA. Russell Shedd. Disponível em: <https://vidanova.com.br/editora/comunicado-oficial/russell-phillip-shedd-uma-vida-de-amor-a-palavra-de-deus/>. Acesso em: 7 dez. 2019.

VIRET, Pierre. **The Great Orators of the Reformation Era**. Dallas: Gideon House Books, 2016. (Edição do Kindle).

VISONÀ, Giuseppe. Homilias Pascais. *In*: SODI, Manlio; TRIACCA, Achille (Eds.). **Dicionário de Homilética**. São Paulo: Loyola, 2010.

VOLBEDA, Samuel. **The Pastoral Genius of Preaching**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, ano.

VON BALTHASAR, Hans Urs. **Theo-Drama: Theological Dramatic Theory**. 1998. v. 1. (Edição do Kindle).

VOS, Geerhardus. **Teologia Bíblica: Antigo e Novo Testamentos**. Trad. A. A. de Paula. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WACHHOLZ, Wilhelm. **História e Teologia da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WAGNER, Roger. **Tongues Aflame. Learning to Preach from the Apostles.** London, UK: Christian Focus Publications, 2004.

WALLACE, Ronald. **Calvino, Genebra e a Reforma.** São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

WARD, Timothy. **A Teologia da Revelação:** as Escrituras como Palavras de vida. São Paulo: Vida Nova, 2017.

WATKINS, Eric Brian. **The Drama of Preaching Participating with God in the History of Redemption.** Eugene, EUA: Wipf e Stock Publishers, 2016. (Edição do Kindle).

WERKE, Martin Luthers. Weimar ausgabe, 1883 ss., 49, 588. *In:* SODI, Manlio; TRIACCA, Achille M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia.** São Paulo: Loyola, 2010.

WHITE, James F. **Introdução ao Culto Cristão.** São Leopoldo: Sinodal, 1997.

WILES, J. P. **Um Resumo de As Institutas da Religião Cristã de João Calvino.** 2. ed. São Paulo: PES, 2002.

WILKINSON, Loren. A Hermenêutica e a Reação Pós-Moderna Contra a Verdade. *In:* DICK, Elmer (Ed.). **Hermenêutica.** Abordagem multidisciplinar da leitura da Bíblia. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

WILLIAMS, Thaddeus J. **Reflita:** Tornando-se Você Mesmo ao Espelhar a Maior Pessoa da História. Brasília: Monergismo, 2018.

WILLIMON, William H. **Conversations with Barth on Preaching.** Nashville, TN: Abingdon Press. 2020. (Edição do Kindle).

WILLIMON, William H. Karl Barth. Pregando Cristo. *In:* FORREST, Benjamin K. et al. (Orgs.). **A História da Pregação:** A Vida, Teologia e Método dos Maiores Pregadores da História. Rio de Janeiro: Editora Thomas Nelson Brasil, 2020. v. 2, Do Iluminismo aos Dias Atuais. (Edição do Kindle).

WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Eds.). **Concise Encyclopedia of Preaching.** Louisville, Kentucky, EUA: Westminster John Knox Press, 1995.

WILSON, Douglas. O Roteiro Sagrado no Teatro de Deus: Calvino, a Bíblia e o Mundo Ocidental. *In:* PIPER, John; MATIAS, David. **Com Calvino no Teatro de Deus:** a glória de Cristo e a vida diária. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

WILSON, Paul Scott. **The Four Pages of The Sermon. A Guide to Biblical Preaching.** Nashville, USA: Abingdon Press, 1999.

WINKLER, Eberhard. Manual do culto. *In:* LAUBER, Hans-Chistoph Shmidt; MEYER-BLANK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). **Manual de Ciência Litúrgica.** São Leopoldo: Sinodal; EST, 2011. v. 2.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. London: Chiron Academic Press; Wisehouse, 2016. (Edição do Kindle).

WRIGHT, Stephen I. Use of the Bible in Preaching. *In*: VANHOOZER, Kevin. **Dictionary for Theological Interpretation of The Bible**. Grand Rapids: Baker Academic, 2005.

ZACHARIAS, Ravi. Uma Antiga Mensagem, por meios Modernos, à Mente Pós-Moderna. *In*: CARSON, D. A. (Org.). **A Verdade**: como comunicar o Evangelho a um mundo pós-moderno? São Paulo: Editora Vida Nova, 2015.

ANEXO I

Uma breve exposição da produção bibliográfica do Prof. Dr. Júlio César Adam.

ADAM, Júlio César: **Dados acadêmicos extraídos do currículo Lattes**. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4776642U6>. Acesso em: 7 dez. 2019.

ADAM, Júlio César et al. O culto cristão na América Latina: reflexões a partir de um estudo e uma vivência. **TEAR**. Liturgia em Revista, v. 31, p. 7-16, 2010.

ADAM, Júlio César. Apontamentos para uma antropologia do espaço. **TEAR**. Liturgia em Revista, São Leopoldo, v. 14 e 15, p. 25-27, 2005.

ADAM, Júlio César. Arte sequencial e liturgia: uma reflexão teológico-prática sobre a relação entre o cinema e o culto cristão. **Estudos Teológicos**, v. 56, p. 69-84, 2016.

ADAM, Júlio César. Culto e aconselhamento pastoral. **TEAR**. Liturgia em Revista, v. 23, p. 06-14, 2007.

ADAM, Júlio César. Homilética da Reforma? Reforma da Homilética: uma reflexão sobre a pregação cristã no contexto brasileiro a partir de princípios homiléticos de Martim Lutero. **Reflexus**, v. 10, p. 213-233, 2016.

ADAM, Júlio César. Liturgia com os pés - romeiros da terra em busca por espaço e vida. **TEAR**. Liturgia em Revista, São Leopoldo, v. 13, n.13, p. 10-12, 2004.

ADAM, Júlio César. Liturgia com os pés. **Revista da Liturgia**, v. 39, p. 24-26, 2012.

ADAM, Júlio César. **Liturgia com os pés**: Estudo sobre a função social do culto cristão. São Leopoldo: Sinodal, 2012. v. 1.

ADAM, Júlio César. Liturgia e a esfera pública. **TEAR**. Liturgia em Revista, v. 25, p. 16-16, 2008.

ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. **Estudos Teológicos**, v. 53, p. 160-175, 2013.

ADAM, Júlio César. O culto cristão como memória do sofrimento: considerações acerca da im-possibilidade da memória do sofrimento em Adorno e a memória litúrgica judaico-cristã. **Tear**: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia (Online), v. 4, p. 78, 2015.

ADAM, Júlio César. O diálogo entre culto e cultura: possibilidades para um culto com rosto brasileiro. **Revista de Cultura Teológica**, v. 92, p. 57-86, 2018.

ADAM, Júlio César. Pregando vulnerabilidade: a teologia da libertação, a ética do cuidado e a pregação no contexto brasileiro e latino-americano. **Estudos Teológicos**, v. 54, p. 350-362, 2014.

ADAM, Júlio César. Domingo de Ramos – Domingo da Paixão: auxílio homilético sobre Lucas Lc 19.28-40. HOFELMANN, Verner. **Proclamar Libertação**: auxílios homiléticos. v. 37. São Leopoldo: Sinodal, 2012. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/lucas-19-28-40-2>>. Acesso em: 7 jul. 2019.

ADAM, Júlio César. Religião e culto em 3D: o filme Avatar como vivência religiosa e as implicações disso para a teologia prática. **Estudos Teológicos**, v. 50, p. 102-115, 2010.

ADAM, Júlio César. Religião, culto cristão e mídias como uma forma de religiosidade vivenciada: uma análise como tarefa da teologia prática. **Revista Pistis & Praxis** (Impresso), v. 4, p. 297-317, 2012.

ADAM, Júlio César. Tempo litúrgico no hemisfério sul. **TEAR**. Liturgia em Revista, v. 29, p. 3-7, 2009.

ADAM, Júlio César. The Viva Vox Evangelii in Latin America: some Reflections about Homiletics in Context. **Hyderabad Journal of Theology**, v. 1, p. 1-13, 2015.

ADAM, Júlio César. Um Deus com o rosto do Brasil: um estudo exploratório sobre a relação entre imagens e imaginários de Deus na cultura e na pregação evangélico-luterana. **Horizonte**: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (Online), v. 14, p. 1298-1322, 2016.

ADAM, Júlio César; BELING, Éder. Cantos litúrgicos e o culto cristão. **TEAR**. Liturgia em Revista, v. 41/42, p. 5-58, 2014.

ADAM, Júlio César; MANSK, Erli. Arte, símbolos e cores nas alfaias, objetos e paramentos litúrgicos. **TEAR**. Liturgia em Revista, v. 33, p. 3-15, 2010.

ADAM, Júlio César; STRECK, Valburga Schmiedt. Ritos e práticas pastorais em tempos de mudança: uma reflexão a partir da liturgia e do aconselhamento pastoral. **Estudos Teológicos**, v. 51, p. 319-333, 2011.

ADAM, J. C.; ILLENSEER, L. M.; SALDANHA, M. R. (Orgs.). **A palavra na liturgia**: recursos litúrgicos musicais a partir dos textos bíblicos do lecionário ecumênico. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. v. 1.

ADAM, J. C.; ILLENSEER, L. M.; SALDANHA, M. R. **A Palavra na Liturgia**: Ano C. São Leopoldo: Faculdades EST, 2018. v. 1.

ADAM, P. J. H. Teologia Bíblica e Pregação. *In*: ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. (Eds.). **Novo Dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

ADAM, Peter. **Speaking God's Word**: a practical theology of preaching. Vancouver, British Columbia, Canada: Regent College Publishing, 1996.

ADAMS, Jay E. **Preaching with Purpose. The Urgent Task of Homiletics**. Grand Rapids, MI, USA: Zoderan, 1982.

ANEXO II

Uma breve exposição da produção bibliográfica de Herminsten Maia Pereira da Costa.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Calvino de A a Z**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2006.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. Prefácio à tradução brasileira. *In*: SANTOS FILHO, T. J. (Org.). **Romanos**. Trad. V. G. Martins. São José dos Campos: FIEL, 2013.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **A Construção do Pensamento Moderno e a Renovação da Mente Cristã**. Maringá: Pensador Cristão, 2002. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **A fé como boa obra e a boa obra da fé**. Goiânia: Cruz, 2019. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **A felicidade segundo Deus**: teologia para a vida na perspectiva das bem-aventuranças. Goiânia: Cruz, 2016. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **A Inspiração e Inerrância da Escrituras**: uma perspectiva reformada. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1998. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **A Inspiração e Inerrância das Escrituras**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **A Literatura Apocalíptico-Judaica**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **A Reforma e a Escritura**: Calvino como leitor, intérprete e pregador da Palavra. Goiânia: Cruz, 2017. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **A Soberania de Deus e a Responsabilidade Humana**. Goiânia: Cruz, 2016. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **A Tua Palavra é a Verdade**. Brasília: Monergismo, 2010.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **A Tua Palavra é a Verdade**. 2. ed. Brasília: Monergismo, 2016. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Antropologia Teológica** - uma visão bíblica do homem. Maringá: Pensador Cristão, 2002. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Breve Teologia da Evangelização**. 2. ed. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2012.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Breve Teologia da Evangelização**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1996. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Curso Introdutório de Homilética**. Maringá: Pensador Cristão, 2003. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Efésios - O Deus Bendito**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Eu Creio: no Pai, no Filho e no Espírito Santo**. Vol. 1. 2. ed. São José dos Campos: Fiel, 2014.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Fé em Jesus Cristo: verdadeiro Deus & verdadeiro Homem**. Goiânia: Cruz, 2015. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Fundamentos da Teologia Reformada**. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão; Box95, 2017. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Fundamentos da Teologia Reformada**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Introdução à Cosmologia Reformada: um desafio a se viver responsabilmente a fé professada**. Goiânia: Cruz, 2017. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Introdução à Educação Cristã**. Brasília: Monergismo, 2013. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Introdução à Metodologia das Ciências Teológicas**. 2. ed. Goiânia, GO: Cruz, 2016. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Introdução à Metodologia das Ciências Teológicas**. Goiânia: Cruz, 2015. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **João Calvino 500 Anos**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2009. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **O Deus que fala: um estudo do Salmo 19**. Goiânia: Vila Nova, 2016. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **O Espírito Santo e a Igreja: segurança, desafio e esperança**. Goiânia: Cruz, 2018. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **O homem no teatro de Deus: providência, tempo, história e circunstância**. Fortaleza: Peregrino, 2019. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **O Pai Nosso**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Princípios Bíblicos da Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Princípios Bíblicos de Adoração**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2009. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Raízes da Teologia Contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Simonton, um homem dirigido por Deus**. São Paulo: Mackenzie, 1999. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Temas Atuais em Teologia**. Maringá: Cesumar, 2011. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Temas Atuais em Teologia**. Maringá: Cesumar, 2010. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Teologia do Culto**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1987.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Teologia e Cosmovisão Reformada**. Maringá: Unicesumar, 2018. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Teologia Sistemática II**. Maringá: UNICESUMAR, 2017. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da. **Vivendo com integridade**: um estudo do Salmo 15. São José dos Campos: Fiel, 2016. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da; COELHO, Lázara D.; FERREIRA, Reginaldo C. **Teologia Liberal**: origens, pressupostos e método. 2. ed. Goiânia: Cruz, 2018. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da; LUIZ, Roney de C. **Teologia Sistemática I**. Maringá: Centro Universitário de Maringá - Núcleo de Educação à Distância, 2016. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da; MATOS, Alderi Souza de. **Cristo e a Cruz**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. v. 1.

COSTA, Herminsten Maia Pereira da; SEULE, K. **Educação Cristã e Ensino Religioso**. Maringá: Unicesumar, 2018. v. 1.